

Pepetela

Lueji

o nascimento de um império

romance





Ficha Técnica

LUEJI - O nascimento de um império
Autor: *Pepetela*

Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 1989, *Pepetela e Publicações Dom Quixote*

Design: Atelier Henrique Cayatte
Revisão: Cristina Pereira Cristina Pereira
ISBN: 9789722042178
www.domquixote.leya.com

*Para a minha filha Lueji
a quem este livro muito deve.
Tudo?*

Quatro séculos atrás (pelo menos)...

Lueji voltou ao lago da sua infância. Era elíptico, grande, só os bons nadadores o podiam atravessar no sentido do comprimento. As margens estavam cobertas de fetos compridos e também dos mais pequenos, de folhas em palma todas recortadas, os fetos da Lunda. Brincavam a se mascarar com estes, através dos quais tudo podiam ver. Além de muitas outras variedades, o lago era rodeado de plantas com caniços compridos e de folha grande, que davam estranhas flores cor de rosa na ponta de hastes estreitas, as rosas de porcelana. O nome veio certamente da cor das flores e da sua consistência carnuda e brilhante, lembrando o material mais puro de que eram feitos moringues e sangas. Era uma planta da espécie das Proteas, mas esse nome não existia por enquanto na Lunda. Diziam os mais velhos, os bolbos tinham sido trazidos dum lago bem longe, lá onde nasce o rio Cassai, para Ocidente, no berço fabuloso dos Tchokue. Se reproduziram à beira da água, pintando de rosa o verde das margens.

Aos doze anos já Tchinguri atravessava o lago e Lueji pasmava, orgulhosa dos feitos do irmão mais velho. Chinyama, pelo contrário, mal sabia nadar. Preguiçoso como só ele, esse seu irmão do meio. Corriam despreocupados pelo lago, com outros rapazes. As raparigas olhavam e riam, não participavam das brincadeiras masculinas. Lueji sim. E Tchinguri lhe ensinou a lançar a funda de caça e a fazer armadilhas para os bichos e a pescar e a subir às altas árvores da beira-rio para apanhar os favos de mel. Em tudo imitava o irmão mais velho. Chinyama só gostava fazer armadilhas e depois ficar escondido à espera. Gostava era da espera, para inventar estórias. Nunca subiu numa árvore e a funda não lhe dizia nada. Tchinguri era o ídolo de Lueji. Nem mesmo Ndumba ua Tembo, um pouco mais velho que Tchinguri e por isso mais forte, se

podia comparar a ele. Chinyama também admirava o irmão mais velho, mas de maneira diferente: tinha medo dele. Pois Tchinguri era violento. À menor contrariedade, batia os pés no chão e dava uma surra no caçula. Também tentou duas vezes bater em Lueji mas esta se defendeu. Lhe mordeu um braço e Tchinguri nunca mais usou de violência contra ela. À sua maneira de irmão mais velho, respeitava-a também. Chinyama se encolhia todo quando Tchinguri gritava ou mesmo abria demasiado os olhos. Pior então quando ele batia os pés no chão. E obedecia sempre.

Ela olhou o lago. Deserto. Ninguém nas pedras onde as raparigas se banhavam e lavavam roupa. Nenhuma canoa de pescador no meio das águas. Um silêncio só cortado pelos gritos angustiantes das aves e um restolhar ligeiro de peixes a comer. Sentou num rochedo, por baixo duma grande árvore. As bimbos estavam quietas e as garças roçagavam nelas com a ternura do cio. Caniços de papiro se agitavam levemente com a viração. A superfície do lago, parada, reflectia o azul dum céu sem nuvens. Céu de espera. No entanto, a tranquilidade do lago acalmou-a, nada podia acontecer perante aquela paz.

Tinha fugido da casa materna e procurado refúgio no lago da sua infância. Mais uma vez Tchinguri era responsável pela fuga. Numa discussão violenta com Ndumba ua Tembo, que era o único com coragem de lhe fazer frente, saiu furioso do tchota e bateu na primeira mulher que encontrou. O marido da mulher viu a cena e, cego pela raiva, não reconheceu o filho do chefe. Lhe deu logo uma bassula e Tchinguri ficou vermelho do pó da terra. Se levantou, irado, e então o outro reconheceu nele o provável herdeiro da Lunda. Antes mesmo que Tchinguri puxasse do punhal, já o outro tremia, paralisado pelo susto de ter atirado o filho de Kondi a terra. Tchinguri apunhalou-o, mas conseguiu de o matar porque outros muatas o seguraram, implorando calma. Não satisfeito com a vingança, Tchinguri arrastou a mulher para a sua chipanga e violou-a. Aí as opiniões divergiam, os amigos do príncipe dizendo a mulher não gritou, por isso aceitou. O caso foi levado a Kondi para ser julgado. O encontro entre os dois, filho e pai, foi uma cena penosa, pois o chefe andava furioso com os desmandos constantes de Tchinguri, mas era velho demais para impor a sua autoridade.

Tchinguri gritava não vai haver julgamento nenhum, ele me atacou primeiro, quem ousa levantar a mão para Tchinguri e fica impune? Lueji gostava muito do pai, fraco mas justo. E ainda gostava mais do irmão. Fugiu para o lago, evitando o drama.

Agora ali estava, procurando a paz. Lembrou a vez que Tchinguri lutou com Ndumba ua Tembo, tinha o irmão uns catorze anos e já era caçador. Dos jovens, Ndumba era o melhor caçador e lutador, ia ser um grande chefe, diziam os mais velhos. Apesar dos dois anos a mais, e nessa idade isso conta, Ndumba conseguiu de levar a melhor na luta. Durou mais duma hora, de mãos nuas. Ficaram muito feridos, mas nenhum desistiu. Podia? Só a prostração os venceu, ao mesmo tempo. Ninguém ousou separá-los, muito menos Lueji. O irmão até que podia morrer, mas nunca ia se dar por vencido. E nunca perdoaria quem interrompesse o combate. A partir daí, Ndumba e Tchinguri eram rivais, mas não se defrontavam senão por palavras e piadas venenosas, cada um respeitando a força do outro. Numa coisa partilhavam a mesma opinião, era quando se tratava de decidir sobre a lição a dar nalguma aldeia recalcitrante ou num grupo estranho que penetrava o território de caça. Porrada! No mais estavam sempre em desacordo. Só pelo prazer de contrariar o outro.

Escureceu e a Lua subiu, inteira Lua de prata se reflectindo no lago, azul-escuro ao luar da Lunda. Lueji nela viu a silhueta do homem eterno, elástico e firme. E foi sonho ou ilusão, foi pressentimento ou magia, mas do outro lado da margem, banhado pelo luar, estava o homem que saiu da Lua, alto e quase nu, um machadinho de chefe na mão esquerda e um longo arco na direita. A princesa teve um assomo de consciência e levantou a cabeça para olhar a Lua. O disco de prata estava liso, vazio, só brilhava. E o homem caminhava pela margem, se afastando. Agora só havia o silêncio e a figura difusa se recortando no luar. Quis gritar, chamar, travar a despedida, mas a garganta estava seca, não emitiu senão um gemido. Ficou parada, muda e angustiada, vendo-o desaparecer para lá da colina. E do horizonte azul da sua vida. Um soluço subiu e ficou tremeluzindo ao luar.

Regressou altas horas da noite, esquecendo as onças e leões se agitando nas chanas. Levantava pó vermelho no caminho entre

capim alto, pelo arrastar dos pés colados ainda à visão do lago. Mussumba dormia e passou entre as cubatas sem ninguém encontrar. As brasas se consumiam nas fogueiras e só os cães ladravam de vez em quando. Das cubatas vinham lamentos, suspiros, ruídos de gente que dorme ou faz amor. Nada de vozes ciciadas, discutindo a maldade de Tchinguri ou a justiça do chefe dos Tubungo. Nada a indicar ter havido um drama. Passou à frente da casa do homem esfaqueado, vigiado pelo kimbanda e pela irmã dele. A mulher fora dormir para perto dos pais, escorraçada pelo marido ofendido. Mas não havia lamentos nem pragas. Só o silêncio das ruas entre as cubatas, incontáveis na capital do reino. Passou pela onganda real, grande paliçada dentro da qual se situavam as cubatas onde dormia o pai e cada uma das suas quatro mulheres. Não entrou na onganda dessa vez. Avançou mais um pouco e passou ao lado da chipanga de Chinyama e mesmo da rua se podia ouvir o ronco de homem gordo. Logo à frente se situava a chipanga de Tchinguri. Tinha um guarda dormindo na porta. Foi o chefe que mandou o guarda ou era precaução de Tchinguri? Voltou para trás, penetrou na onganda real, fez um gesto ao soldado da entrada e foi para casa da sua mãe, Nayole, a segunda mulher de Kondi. Se deitou na esteira de caniços tenros sobre o catre de madeira, se enrolou em duas peles de onça, tentou adormecer. Mas a visão do lago não a deixou.

Levantou de manhã bem cedo, sem ter dormido. A vida agitava Mussumba. Pescadores passavam com as nassas e mujias para o rio, mulheres iam com enxadas para as lavras, os mais velhos se reuniam aos poucos no tchota. As crianças aqueciam ao sol nascente, a ganhar energia para as correrias. No cercado da cozinha encontrou apenas Musole, a quarta mulher de Kondi, era a sua vez de preparar a comida para o chefe dos Tubungo. Sentou ao lado dela e perguntou qual a decisão do pai.

Musole muxoxou, aquele teu irmão Tchinguri ué, contou o julgamento, o relato das testemunhas, as falas dos familiares do homem apunhalado, a defesa feita pelos amigos de Tchinguri, tinha muitos pois já viam nele o futuro chefe. E falou também da soberba do príncipe, que não admitia a falta. E Chinyama? Não falou, esse teu outro irmão também, tchá, e a decisão de Kondi foi dez cabritos

de multa e uma grande reprimenda, não foi muito duro pois o apunhalado não ia morrer e um muata deve defender a honra conspurcada pela plebe, ainda mais se tratando do herdeiro, portanto o castigo era apenas o macoji da mulher violentada, por gosto ou não, a família foi ofendida e merece macoji de dez cabritos. Assim Musole explicou os factos e ainda a atitude ativa de Tchinguri se levantando no meio da assembleia sem para tal ter recebido autorização do pai, gritando para um serviçal, Chimbica vai apanhar os dez cabritos, os piores que encontrares, porque eu não os apanho, não me sujo, sou um guerreiro, o que era de novo uma falta grave, manda a tradição o culpado deve apanhar ele mesmo os cabritos e entregar aos ofendidos, em gesto de humilde arrependimento, mas Tchinguri nunca aceitaria e Kondi deixou passar, encolhendo os ombros, o filho não tinha cura, o que foi apreciado pelos amigos do herdeiro, nisso viam um sinal de força, mas herdeiro nada, disse Musole, na véspera falou com Kondi e este não sabia como evitar a subida ao trono de Tchinguri, talvez o Conselho dos Tubungo não o vai aceitar, o que era a sua esperança, pois era difícil ele não indicar o filho para sucessor, só em caso de falta extremamente grave e ainda te digo mais, Lueji, Kondi vai consultar Kandala, o grande adivinho da Lunda e já partiu bem cedinho pois Kandala mora longe de Mussumba, num cercado isolado no cimo dum morro.

– Que quer o meu pai saber?

– Já te disse. Tem medo que Tchinguri seja um mau chefe, que o povo sofra com ele. Quer saber o que deve fazer.

Lueji calou mas não gostou. Tchinguri ia se moderar quando subisse ao poder, passaria a ouvir os conselhos dos Tubungo. Era o mais corajoso de todos os lundas e um grande guerreiro, as tribos vencidas aí estavam para o provar. Era capaz também de gestos justos, como quando defendeu o seu amigo Nandonge, acusado injustamente de feitiçaria por dois adivinhos. Exigiu que se repetissem as adivinhações, mas com o cesto de Kandala, o maior dos adivinhos. E Kandala deu razão a Nandonge e provou o feiticeiro era alguém da família da vítima. Tchinguri subiu na consideração dos muatas e de Lueji, se ainda era possível. Porque precisava muita coragem para defrontar a opinião de dois adivinhos

num caso de feitiçaria. Podia atrair as raivas deles para numa próxima oportunidade ser ele próprio acusado. E mais. Só uma grande lucidez conseguia destrinçar o falso e o verdadeiro, quando se trata com espíritos malignos. Tchinguri o fizera, podia ser um mau chefe?

O mujimbo se espalhou, Kondi foi consultar Kandala, pois Musole era incapaz de guardar segredo. À tarde toda Mussumba aguardava impaciente o regresso do chefe dos Tubungo. Mas ele não veio. Caso complicado, Kandala desconsequia de dar resposta imediata. Lueji aproveitou ir visitar Tchinguri. Este não tinha saído de casa todo o dia, seria vergonha do que passara, seria raiva do mujimbo que Chinyama correu a lhe contar? Lueji encontrou lá Chinyama e também o inseparável Nandonge.

Tchinguri estava uma fera, dava os seus passinhos miúdos dum lado para o outro, no terreiro em baixo da árvore. A barba afilada no queixo parecia mais desafiadoramente espetada para a frente. Tchinguri era baixo e em tudo contrastava com o irmão mais novo, pachorrentamente sentado num banquinho ao lado de Nandonge, os pneus da barriga saindo generosamente da tanga. Tchinguri usava também só tanga, tecida artisticamente de ráfia, o punhal eternamente colocado à cintura, com ele dormia. O único ornamento no peito era o colar de unhas de onça, bicho que ele matara, ornamento e poderoso amuleto, pois no meio tinha um tubinho de madeira com ervas e pós mágicos. Quando se voltava, tal era a fúria que o colar chocalhava. Na cabeça usava as miluínas, ornamento que só o pai e ele podiam possuir. Eram três objectos, em forma de chifre, mas feitos de pêlos e fios, que desciam do alto da cabeça para as duas têmporas, presos ao cabelo. As pontas vibravam quando ele se irritava. No pé esquerdo tinha a lucanga, pulseira que só os herdeiros podiam usar. Chinyama também tinha a lucanga, imposta depois da circuncisão, mas não as miluínas.

Lueji cumprimentou, batendo as palmas rituais, respeito que se deve ao irmão mais velho. Este falou logo:

- O pai já voltou?
- Não. Deve passar lá a noite.

Lueji sentou num banco, sem esperar convite. Apesar de mulher, tinha certos direitos por ser filha de chefe.

- Então Kondi quer deserdar-me?
- Assim me disseram – respondeu ela.
- E o povo todo está contente com isso, não é?
- Não me disseram. E não acredito.

Tchinguri parou a olhar para ela. Pela primeira vez, os olhos ficaram menos maus. Um breve fulgor de sorriso nos lábios?

– Felizmente os meus irmãos estão comigo. E os amigos. É um consolo para quem tem um pai velho e caquético.

– Não fales assim do pai, Tchinguri.

– É a verdade, Lueji. Está a morrer de velho e já não tem as ideias claras. Só faz o que lhe aconselham certos Tubungo, como o Kakele e o Kakolo, esses cretinos.

– Mas muata Kakolo é teu sogro... – disse Lueji.

– E depois? É outro caquético. Quem o diz é a filha dele. E anda a intrigar a favor de Ndumba ua Tembo. Ele, o Mbumba, o Moxico... Os caquéticos intriguistas que têm o poder na Lunda! Se eu não for o sucessor ou o Chinyama...

– Nem quero ouvir falar – cortou Chinyama. – Já me viram chefe dos Tubungo? Dá muita chatice, uma pessoa emagrece. E a propósito, Tchinguri, o ndoka acabou?

O chefe da casa bateu impacientemente as palmas. Não foi preciso falar. Logo apareceu uma mulher com uma cabaça grande cheia de hidro mel e uma cabacinha pequena cortada ao meio. Chinyama pegou logo na cabacinha, mergulhou-a na cabaça grande e retirou-a cheia de ndoka. Assoprou a afastar os restos de abelhas e bebeu gulosamente. Depois, passou a cabacinha aos outros, estalando a língua. Só Nandonge aceitou beber.

– Como eu dizia, se não formos nós os escolhidos, será Ndumba ua Tembo. Ele tem apoio dos muatas.

– Não é Kondi quem decide, é o Conselho dos Tubungo – disse Nandonge.

– Vai dar no mesmo – disse Chinyama lentamente. – O Conselho sempre aprova a proposta do chefe. Kondi tem o lukano e com ele o poder sobre a chuva. O Conselho vai desafiar o poder do lukano? Nunca.

– Só com o chefe morto – disse baixinho Tchinguri.

O silêncio que se seguiu foi aproveitado por Chinyama para encher de novo a cabacinha. Lueji adiantou falar:

– Estão só aí a fazer suposições à toa! A verdade é que o nosso pai está muito triste com o que fizeste, Tchinguri. Não tem razão? Precisas ter mais calma, não te enfurecer por qualquer coisa...

– Estás contra mim, mana? Afinal?

– Sabes que não. Mas o julgamento foi justo e faltaste ao respeito ao chefe. A culpa é tua... Mas a raiva do pai passa. Qualquer que seja o oráculo de Kandala. Sempre me ensinaste que é preciso interpretar as palavras dos adivinhos e que cada um entende à sua maneira. Não acredito que o pai passe o poder para fora da sua família, é contra a tradição.

– A tradição se torce quando é preciso – disse Chinyama.

– A tradição depende da força – reforçou Nandonge.

– E quem tem a força? – perguntou Lueji.

– Kondi – disse Tchinguri. – Ele tem o lukano.

Lueji foi dormir. Os outros ficaram a beber. Na sua cubata, deitada, muito tempo ela ouviu as vozes pastosas de ndoka se elevando da chipanga de Tchinguri. Até que adormeceu, sonhando com um lago e um homem a sair da Lua, com uma machadinha e um longo arco. Ela ia com ele, uma rosa de porcelana na mão.

Kondi só regressou na tarde do dia seguinte. Vinha cansado, de passos trôpegos, acompanhado de três homens do seu séquito. As pessoas saíam das casas para o cumprimentar, batendo as palmas, bem-vindo, Kondi, filho de Yala Muako, e ele só respondia com um breve aceno de cabeça. Lueji estava em casa dele e viu, Kondi tinha envelhecido. Chinyama tinha razão, o poder dá cabo da saúde. O chefe se embrulhava no manto tecido de casca de árvore e pintado de vermelho, sem coragem de tomar banho. No entanto, o fim da tarde não estava frio.

Logo chegaram os Tubungo mais próximos, muata Kakele à frente. Se vinham na esperança de um mujimbo, ficaram defraudados, pois Kondi despediu-os logo, estava cansado. À noite ia passar o mujimbo a Musole, a sua actual confidente.

Lueji foi também se despedir. Ajoelhou, poisou a cabeça nos joelhos do pai, como fazia em pequena. Ele apoiou a mão sobre a cabeça dela.

– Pai, perdoa o meu irmão Tchinguri.

Kondi não respondeu. Acariciou a cabeça da filha. Ela repetiu a súplica.

– Ele é que devia pedir.

– É orgulhoso. Sabes bem, pai.

– Faltou ao respeito ao soba dos Tubungo, em pleno julgamento. Um futuro soba não pode faltar ao respeito ao soba actual. Como depois se faz respeitar, se deu aos outros o mau exemplo?

– Conheço-o melhor que ninguém. E juro, pai, ele vai mudar.

– Sim, tu conheces Tchinguri melhor que ninguém. Conheces com o coração. E teu coração é grande, Lueji.

– Se ele for soba, a responsabilidade obriga-o a pensar antes. E a moderar o seu orgulho.

– É essa a minha esperança.

Assim falou Kondi e Lueji entendeu, o pai não tinha ainda decidido deserdar Tchinguri. Se foi deitar, tranquila, a crise ia ser ultrapassada. Conselho de Kandala, o que sabe tudo, o depositário do saber do povo lunda?

Lembrou, de certeza pela evocação do nome de Kandala, a cena de uma mulher do povo ser tomada por um espírito e se arrojava no chão e se encolhia, se revolia no pó vermelho e depois começou falar palavras à toa que ninguém entendia, as pessoas se aproximando para ouvir a voz do espírito que nela cavalgava, mas não dava para entender, pois só disse uma frase construída, incompreensível aos ouvidos de Lueji mas que enfureceu um nobre presente, muata Kalucinga de seu nome, bêbado inveterado, o qual, tomado pelo vinho de palma, bateu na pobre mulher inconsciente, talvez que ela o acusou de não tratar bem os espíritos dos antepassados, e a mulher gritava e esperneava no seu delírio e o muata batia, batia, sem ninguém que lhe travasse e ela, Lueji, não pôde mais, era uma garota mas se agarrou ao braço do muata e obrigou-o a parar, apesar dos safanões e dos gritos e dos insultos, quem era a mulher que ousava levantar a mão para um Tubungo, nem mesmo sendo filha do soba, era ofensa que se lava com sangue, até que outros vieram apartar e Kalucinga exigiu reparação da ofensa, o que só Kondi podia decidir e decidiu pela filha, não por ser filha mas porque tinha sido justa e corajosa, heresia era violentar

uma mulher cavalgada por um espírito e que se duvidavam perguntassem a Kandala, que tudo sabia, o que foi confirmado pelo adivinho, Lueji não só agira bem como conquistou o coração do povo simples, não dos muatas que sempre se podem defender mas dos outros, os que só têm a palavra quando um espírito os elege para serem cavalgados.

Estava pois Lueji deitada quando ouviu as vozes de Tchinguri e Chinyama se dirigindo para a casa de Kondi. Preocupou-a o tom das vozes, de quem passara o dia a beber ndoka. Não ouviu mais, mas ficou atenta, perscrutando o silêncio de Mussumba. Soube depois...

Os filhos encontraram Kondi ainda sentado no banco, os pés numa bacia de água morna e com uma cabacinha na mão.

– É marufo, pai?

– É água.

– Que pai é este que nem nos dá de beber? – disse Tchinguri. – Até marufo nos negas?

– Já disse é água. E agora vou dormir.

– Velho mentiroso – disse Tchinguri. – Bebes às escondidas dos teus filhos. Fazes tudo às escondidas dos teus filhos. Não tens coragem de fazer de frente?

– Rua da minha casa, seus bêbados. Rua!

O grito fez Tchinguri perder a cabeça, ainda a tinha antes? Avançou para Kondi, lhe deu duas chapadas na cara.

– Isso, Tchinguri, dá mais nesse velho maluco – apoiou Chinyama.

Kondi caiu do banco e a cabeça rachou ao chocar contra uma trave. Os gritos de Musole e dos serviçais despertaram a vizinhança. Lueji saltou da esteira e foi, nua, ver o que passava. Já Tchinguri e Chinyama saíam da onganda aos berros, é para aprenderes a não mentir aos teus filhos, velho caquético. O soba jazia prostrado no chão, o sangue escorrendo da cabeça. Lueji foi a primeira a pegar nele, depois Musole. Estenderam-no na esteira e tentaram estancar o sangue. Mensageiros foram enviados à pressa buscar os melhores kimbandas. Os ngomas e chingufos não pararam mais o seu batuque, invocando os espíritos protectores da linhagem do soba. Toda a noite Kondi passou inconsciente, apesar de estar nos braços de Lueji que lhe aplicava emplastros de ervas

para parar o sangue e apesar de todas as medicinas dos kimbandas. A cubata estava cheia do fumo das ervas e das penas de galinha, cheirava a sangue de homem e também das galinhas e capotas sacrificadas para o salvar. As invocações dos kimbandas se misturavam aos ruídos vindos de fora, do batuque interminável e das preces das mulheres.

Já o Sol estava alto quando Kondi abriu os olhos. Muito tempo ficou sem entender o que passara. Depois a inteligência foi aparecendo nos olhos desbotados, olhou a cara de Lueji inclinada sobre ele, sentiu o colo nu dela onde a cabeça apoiava, sorriu. Não foi preciso explicar, lembrava agora tudo. Se via. Ninguém falou e ele adormeceu.

Kondi acordou de novo à tarde e voltou a ver a cara da filha. Ouviu o rítmico monótono do batuque. Viu depois Kandala que mexia à sua frente o ngombo de adivinhações. Pegava numa mahamba, depois noutra, misturava e olhava, olhava para dentro do cesto e mexia e remexia os ossos carcomidos, os pedaços de madeira, as figurinhas de madeira e pano, os búzios de todas as formas apanhados nos rios, os restos de peles e pêlos, o pedaço branco de caulino, a pemba, misturava tudo e olhava, olhava e meditava. Todos estavam suspensos das suas palavras. Mesmo os kimbandas tinham parado as suas fumigações para observar a figura veneranda do mais velho entre os velhos, chamado para ditar o destino do soba grande dos Tubungo. Kondi sabia, a sua vida estava ser jogada às sortes, mas não estremecia.

Kandala levantou os olhos para ele e ficou calado, o ar triste de muito velho.

– Então, Kandala? – disse Kondi numa voz fraca.

O adivinho abanou a cabeça e suspirou.

– Deves preparar-te, filho de Yala Muako.

Musole saiu a correr aos gritos. No terreiro à frente se pôs a lamentar e a xinguilar, mataram o meu homem, mataram o chefe dos Tubungo. Veio também a primeira mulher de Kondi, mãe de Tchinguri, e a segunda, e a terceira, se puseram a xinguilar, que vai ser de nós, que vai ser do povo da Lunda, sem chefe a quem falam os espíritos, sem chefe para fazer vir a chuva e o bom tempo, sem chefe para chamar a caça e as sementes do massango e da

massambala, aquele que dos espíritos ganha ventos propícios vai morrer, o pai das gentes vai morrer, que seremos nós, seus órfãos, crianças abandonadas em plena chana infestada de feras, que seremos nós, povo da Lunda?

Kandala saiu da cubata e gritou para as mulheres que já atraíam gente correndo de todas as partes:

– Calem-se, mulheres. Ele ainda não morreu.

O respeito era demais e as mulheres calaram. As pessoas estacaram, não entraram na onganda. Kandala voltou para dentro, dizendo deixem-nos sós.

Ninguém nunca soube o que falaram os dois sozinhos, mas dá para supor. Lueji aproveitou para ir pôr o pano, desde a véspera estava nua e nada tinha comido. A mãe dela, a segunda mulher de Kondi, levou-a para a sua cubata, mesmo atrás da do soba e lhe deu xima de massango e um pedaço de carne, come, estás com mau aspecto. Ela obedeceu, olhando a mãe. Também estava velha. Novas eram a terceira mulher, mas estéril, e Musole, que ainda não tinha concebido. Diziam as más línguas a esterilidade não era delas, apesar de se saber que um soba é sempre fértil até à hora da morte. Mas o povo lunda ainda obedecia pouco ao saber dos mais velhos que lhe queriam impor a tradição, achava um rei era apenas um muata quase como os outros que tinha o dom de fazer chover e aplacar as forças da natureza. Só. Também podia ser estéril na velhice. E as más línguas grassavam na Lunda, apesar dos ditos dos muatas e dos adivinhos. Kandala, sim, esse sabia tudo e disse o soba vai morrer.

Saíram as duas da cubata de Nayole e encontraram a primeira mulher sentada à frente da sua. Estava abatida pelo crime cometido pelos dois filhos. Nada disse e elas passaram, como se a mãe de Tchinguri não existisse. Pelo crime dos filhos, perdia a primazia de Muari, a primeira mulher, talvez até fosse condenada por feitiçaria, quem sabe. A palavra estaria com os adivinhos.

Depois Kandala saiu. Se espreguiçou, falou para Lueji:

– Podes entrar, filha de Kondi.

O pai estava com pior aspecto. Lueji ajoelhou ao lado da esteira, compôs a pele de onça que o tapava. O velho sorriu para ela.

– Ainda me pedes para perdoar os teus irmãos?

Ela baixou a cabeça e soluçou.

– Um chefe não pode ouvir o seu coração, sobretudo se é um coração grande. Tchinguri não presta. E Chinyama não é melhor.

– São teus filhos, pai.

– São. E vê o que fizeram ao pai. Talvez a culpa seja minha, defeito meu, não soube fazer filhos bons. Só uma filha.

– Que vais fazer a eles?

– O castigo está decidido. Nenhum será chefe dos Tubungo. Mas não quero que sofram outro castigo. São filhos de chefe e devem ser respeitados.

Lueji agarrou na mão dele, sussurrou:

– És o homem mais justo que conheci, pai.

Ficaram longos momentos em silêncio, escutando o som dos ngomas que invocavam os espíritos, pedindo a cura de Kondi.

– Mas Kandala também se pode enganar, pai.

– Não. Sinto, esta noite tudo termina.

– Terá de ser assim?

– Assim está escrito no ngombo de Kandala... Lueji, tomei uma decisão. O lukano não pode passar para fora da minha família, essa é a tradição dos Tubungo. Nós descendemos directamente de Tchyanza Ngombe, a mãe Nhaweji, a grande serpente que criou o Mundo, assim como o fogo e a água. Nenhuma outra linhagem descende directamente dela, tu sabes. Mas os teus irmãos não merecem o lukano. Como fazer? Só há uma solução. Entrego-te o lukano.

– A mim, pai? Não, não quero.

– Tem de ser. Assim ele não sai da linhagem paterna. E entregarás o lukano ao teu filho que se mostrar capaz de ser o chefe dos Tubungo. É a minha vontade e a dos antepassados também.

– Mas, pai... Eu sou uma rapariga, não sei comandar, nem tenho força para isso. Pedes demais, filho de Yala Muako.

O velho lhe passou a mão pela cabeça. Suspirou.

– Já não temos muito tempo. É a vontade dos antepassados e vais obedecer. Sempre obedeceste ao teu pai. Encontrarás a força em ti própria e na tradição dos Tubungo. Eles te ajudarão. Confia em Kandala e no muata Kakele. Em mais ninguém, entendes? Em mais ninguém. Se o lukano sai da nossa família, os Tubungo se

matam uns aos outros pelo poder. E os estrangeiros do Norte dominam a Lunda. Se necessário, procura alianças fora da Lunda. Mas não tenhas pressa em casar e em fazer alianças.. E nunca mostres que hesitas. Quando não souberes o que fazer, ganha tempo até saberes. É esse o segredo. O chefe tem de parecer saber sempre mais que os outros.

– Não sou capaz, pai. Não sei, não quero, não gosto.

– Gostarás quando sentires nos outros o medo por ti. É um vício que se apanha rápido.

Lueji chorava, esmagada pelo que dela pretendiam. Gostava era de correr pelas chanas atrás dos animais, se banhar no rio, subir às árvores à procura do mel, ouvir as piadas dos rapazes e provocá-los, ir sonhar para o lago ao anoitecer. Tudo isso ia terminar. Não, o lago ficava. Só o lago.

Kondi voltou a falar e as palavras eram cada vez mais débeis, estava muito cansado pelo esforço.

– Escolhe bem o teu marido, ele vai reinar. Mas o lukano passará para o teu filho, isso é o importante. Tem de ficar decidido no acto do casamento, pela jura mais sagrada. O futuro dos Tubungo depende desse juramento.

Podia recusar? Podia objectar contra aquela voz querida que se apagava? Apressar a morte pela discussão?

– Farei o que mandas, pai. Mas os outros?

– Eles aceitam, não há outra solução. Vai convocar o grande Conselho dos Tubungo. E chama Kandala também. Ele nunca quis, mas hoje ocupará o seu lugar no Conselho. Vai, não há tempo a perder.

Lueji saiu da casa e a luz do Sol lhe feriu os olhos. Chamou os mensageiros, mandou convocar o Conselho dos Tubungo. Logo os mondos encheram os ares, tocando a convocatória. E foi ela própria a correr à procura de Kandala. O velho adivinho não devia ter ido para o seu retiro, que era muito longe da capital. Melhor que ninguém ele sabia o chefe estava na agonia. Não se ia afastar e ter de voltar para o óbito. Devia estar na cubata da filha em Mussumba. Efectivamente, Kandala já aí tinha chegado. Lueji se arrojou aos pés dele, em sinal de máximo respeito.

– Kondi chama-te para o grande Conselho, pai.

Kandala tentou erguê-la. Ela resistiu e ficou prostrada no chão, à entrada da casa.

– Pai, não sou capaz do que Kondi me ordena.

Kandala puxou-a mais vigorosamente e ela obedeceu.

– A partir deste momento não tens o direito de ficar aos pés de ninguém. São os outros que o devem fazer à tua frente.

– Sei, pai. Mas...

A barba branca de Kandala se agitou de impaciência. Falou com voz severa, parecia voz que vinha das sepulturas dos antepassados, dos próprios Namutu, a mãe do homem, e Samutu, o pai do homem.

– Vais ser capaz, porque o bem da Lunda o exige. Também eu jurei nunca pôr os pés num Conselho, apesar de ter esse direito. Para ser um adivinho respeitado, devo estar afastado das decisões. Mas hoje vou, porque assim exige o bem da Lunda. Compreendes?

– Sim, pai. Mas comigo passarás a assistir ao Conselho, peço-te, mais-velho.

– Não, filha. Só hoje. Depois retiro-me. Mas podes chamar-me ou visitar quando quiseres. Teu pai não tem tempo, pediu para te ensinar a chamar a chuva. E há muito mais coisas que te quero ensinar. Se confias em mim.

– Assim me ensinou Kondi.

– Vamos então. Há pouco tempo.

Lueji acompanhou o velho até a casa do pai. Mas disseram, Kondi foi transportado numa liteira para o tchota do grande Conselho, na praça principal, é lá que vai reunir. Era ali perto e Kandala partiu. Outros muatas apareciam, eram informados do lugar da reunião. O Sol começava a declinar e o calor desaparecia. Lueji passou uma pele de cabra sobre os ombros, fugiu para o lago. Os seios jovens e rijos, que poucos rapazes tinham conseguido acariciar, saltitavam com a corrida entre o capim alto do caminho.

Ainda pôde observar o Sol vermelho, lançando fulgores violeta, alaranjar as águas do lago parado e morrer para além dele, muito longe, kuluanda, como dissera o velho do povo Pende que um dia encontrou no mato. Mais dissera o velho. Era da tribo dos Pende, que vivia muito para Ocidente, perto dum grande rio chamado Cuango e tinha chegado mais longe ainda, à beira dum lago imenso,

com ondas altas e brancas de espuma, donde se tirava o sal que por vezes chegava à Lunda, muito melhor sal que esse apanhado nas minas. Essa terra vermelha à beira do grande lago se chamava Luanda, onde o Sol morria todos os dias, deitado na água salgada. E Lueji sonhou com esse grande lago de espuma branca.

Não queria pensar no que decidia naquele momento o grande Conselho dos Tubungo. Queria pensar no grande lago que gostaria conhecer, queria pensar no homem que saíra uma vez da Lua, queria pensar em tudo menos no Conselho. Mas não podia. O coração estava agitado, perante o futuro que lhe reservavam. Era uma grande injustiça.

Só mais tarde soube os pormenores da reunião, o pai deitado na liteira, aos ombros de doze homens para ficar em plano superior aos demais, com voz fraca anunciando não quero castigo para os meus filhos mas o lukano só a Lueji pertencia, o burburinho no Conselho pelo inesperado da revelação, muata Nandonge berrando o lukano pertence a Tchinguri, seu amigo, o qual seria um grande soba, mas muata Kakele contrapôs, Tchinguri já provou que leva a Lunda à ruína, se é despótico agora mais será quando tiver o lukano, todos vamos tremer à noite sem saber o dia de amanhã, no que foi apoiado por muata Kakolo, Tchinguri não serve mas Lueji é uma mulher, nunca uma mulher tinha reinado no trono da Lunda, as mulheres eram importantes mas não até esse ponto, Lueji é minha filha, tem o meu sangue e ao meu sangue pertence o direito ao lukano, no que tinha razão Kondi como reconheceu muata Vungi, se metendo na discussão para sugerir o nome de Chinyama, seu amigo e confidente, o que fez aumentar ainda mais a balbúrdia, pois os Conselhos eram assim, o chefe era respeitado só relativamente e sobretudo agora que estava moribundo, se lia na cara dele o avanço da agonia e só mesmo a força do lukano no braço impedia o tumulto de crescer, podiam os espíritos castigar com alguma seca ou epidemia se se agredissem no Conselho faltando ao respeito ao chefe, até que muata Moxico propôs, apesar de não ser directo sucessor mas colateral, Ndumba ua Tembo se tinha revelado com grandes qualidades e merecia o lukano, proposta logo apoiada por uns tantos que aqueceram a esperança no coração de Ndumba, único dos propostos ali presente, por direito próprio, já Tubungo

ainda tão jovem por ser grande guerreiro e caçador, mas Ndumba tinha um ar modesto e não falava, os olhos no chão, fazendo contas, até porque seria prejudicial mostrar demasiado interesse pelo poder e os amigos se encarregavam de defender os seus direitos, enquanto Kondi se desesperava por sentir as forças desvanecerem, não ia durar muito mais e se a sucessão não ficasse decidida antes da morte, os pretendentes iam fazer a guerra uns aos outros, sobretudo Tchinguri e Ndumba ua Tembo, dividindo a Lunda para sempre em chefias isoladas e fracas, xima pronto para o apetite dos reinos do Norte, por isso tinha de intervir, ameaçar, prometer seca e epidemias e pragas de gafanhotos, mas a voz saía fraca e não dominava o barulho do Conselho, até que Kandala se levantou e só isso acalmou os Tubungo, nunca tinham ouvido Kandala no Conselho, era a surpresa que paralisa e Kandala nem precisou fazer soar a voz de além-tumba para impor silêncio, se ouviram logo as moscas rodopiando sobre as cabeças dos muatas, que lhe desculpassem os outros Tubungo mas estava admirado da sua falta de visão, como podiam propor Tchinguri e Chinyama, quem mata o pai mata todo o povo, e como podiam propor Ndumba ua Tembo, sem dúvida um jovem com qualidades de chefia mas sem a principal, a de ser descendente directo de Tchyanza Ngombe, a grande serpente que nos criou e a tudo que existe, se queriam heresia ele abandonava já a sala e deixava de se preocupar com o destino do povo dos Tubungo, pois os seus chefes não o mereciam, ao que os muatas baixaram as cabeças, temerosos e envergonhados, pois o grande Kandala só falava uma vez e era a última, Lueji será a nossa soberana e escolherá o marido que a ajudará a governar, até o neto de Kondi ter razão suficiente para tomar o lukano, assim está escrito no meu ngombo, único ngombo da Lunda que pode adivinhar o futuro, pois os outros só adivinham o que passou e as suas causas, mas quem quiser desafiar a escrita do ngombo que o faça mas não se queixe depois se a sua família desaparecer numa noite, pois nada posso fazer contra os malefícios em que incorrem os descrentes e já muata Kakele apoiava, soluçando, ele tem razão, Lueji é a única possibilidade, e também muata Kakolo, nunca uma mulher reinou sozinha mas nada está escrito contra e se todos ajudarmos salvamos a Lunda das guerras

intestinas que já se adivinham aqui pelas mãos apertando os punhos dos mucualis, sangue humano correrá mas que corra só o necessário para entronizar o novo chefe e muata Moxico olha de lado para o cabisbaixo Ndumba ua Tembo e concorda timidamente com Kandala, segredando para o amigo casas com ela e temos o poder, o que veio de novo aquecer o coração de Ndumba, era mel em xima de massango de véspera, o qual se levantou e disse em voz jovem e forte, só Kandala e Kondi têm razão e eu prometo, juro pelos meus antepassados, defenderei e apoiarei Lueji em tudo, fala que fez suspirar de alívio os seus apoiantes, adivinhando com olhinhos risonhos a grande aliança contra os partidários dos parricidas, futura aliança que estes logo perceberam mas só muata Nandonge teve coragem de refilar, coragem vinda da lealdade devida a quem lhe salvou a honra e a vida, mas era já a voz isolada e o soba pôde ainda murmurar, chamem a filha de Kondi, a descendente directa de mamã Nhaweji, de Namutu e Samutu, os primeiros homens, de Muako e Kaweji, e de todos os outros grandes chefes lundas até mim, seu pai, para lhe passar o lukano e salvar a Lunda, no entanto o Conselho teve de esperar que os mensageiros percorressem Mussumba inteira, esquadrinhassem ruas e casas, uma a uma, gritos e mais gritos, não se encontrava a sucessora, até que uma criança lembrou ela gosta ir no lago ao entardecer e para lá correram e a trouxeram quase à força por causa da pressa, Kondi já agonizante, os tremores dele faziam tremer a liteira, a baba escorria pela boca do chefe quando ela entrou no tchota do Conselho, temerosa e cinzenta, do medo e do pó do caminho, mas teve força de chegar arquejante junto do pai, o qual ganhou energia não se sabe bem onde, tirou a pulseira sagrada feita de tendões humanos enrolados, a enfiou tremendo, com vontade para além da morte física, no antebraço da filha, perante o silêncio ajoelhado de todos os membros do Conselho, levantou o braço de Lueji para mostrar aos presentes como o lukano se ajustava perfeitamente, murmurou entre a baba és a senhora das terras, Lueji-a-Kondi, e morreu.

Foi assim.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, KONDI,

chefe dos Tubungo e rei da Lunda, no momento em que o meu espírito do corpo se liberta e voa, ligeiro, para cima da mulemba mais alta de Mussumba, onde vai ficar para sempre.

Toda a vida tive medo deste instante e afinal nada senti, só uma sensação de leveza, uma estranha paz interior, um até que enfim estou livre, fiquem vocês no pó da terra com vossas lutas mesquinhas feitas de invejas e ambições, cumpri o meu destino para o bem da Lunda e apesar de ter enterrado viva a minha filha, a ter arrancado aos seus sonhos despreocupados para a colocar no centro dos redemoinhos de vento, não sinto remorsos, apenas tranquilidade. Ela vai fazer o necessário, vai alimentar o meu espírito com as melhores iguarias da Lunda, vai respeitar o meu nome e cultivar o meu prestígio, não vou ser esquecido pelas gerações que se colocam já na bicha do futuro. Kondi será sempre recordado como um homem justo que salvou a Lunda, ao evitar que os filhos varões tomassem o poder para com ele brincar e o destruir.

Que dor tão grande deserdar Tchinguri, o mais valente, o mais inteligente de todos os lundas. Mas também o mais descrente, o mais ímpio, o destruidor das crenças seculares que podem manter vivo o meu espírito e a recordação do meu nome. Por isso era necessário eliminá-lo. Que seria dos homens se adivinhassem tudo pode ser contado de mil maneiras diferentes e sempre verdadeiras? Que seria da Lunda se os homens acreditassem em Tchinguri? Nada do que foi voltaria a ser e quem nos garante que seria melhor? Lueji não, ela vai conservar as belas tradições dos Tubungo, será a voz e a vontade deles, não vai inventar caminhos novos só por estar cansada da rotina de ir sempre buscar água ao rio pelo mesmo trilho. Assim os espíritos dos antepassados a iluminem. Tem Kandala para com eles falar.

Lueji vai invocar o meu espírito, comigo vai tentar falar? Duvido agora que lhe responda. Me sinto tão bem aqui no alto da mulemba, as folhas a roçar umas nas outras pela brisa que vem do Ocidente fazem um sussurro tão agradável e tão calmo, que o meu espírito preguiçoso não vai responder aos seus apelos, vai apenas querer sonhar numa sonolência de quietude, observar sorrindo o que passa no Mundo, finalmente sábio ao infinito, desprezando os míseros sentimentos humanos de dor e desejo.

Lueji, não me chames, pois não responderei.

Agora sei, os espíritos não podem responder aos humanos, pois são demasiado felizes no alto das árvores para se preocuparem com o que foi e o que é e o que será. Se lixem vocês todos aí em baixo, eu já sou o infinito, o zero absoluto.

Quatro séculos depois (amanhã)...

Ao ver Lu sair naquela manhã do Centro de Documentação Histórica, onde eu ia entrar, não podia imaginar a força daquele encontro. Não está na cara das pessoas o que elas estão ouvir. Sons inconsistentes, fragmentados, tocavam nos ouvidos de Lu. Sons de marimbas. Como podia eu saber? Só mais tarde, quando ela tudo contou. Mas havia algo estranho no olhar ausente dela, passando por mim sem me ver. Aí começou tudo. Num olhar vazio, porque todo para dentro. Com a ajuda dela, iria reconstituir o seu percurso solitário. Percurso ao mais profundo de si própria, ao grito último da gaivota.

Na altura dei meia volta, a observar o seu passo gracioso de bailarina. As pessoas viravam a cabeça para apreciar o jogo subtil das ancas e o lançamento das pernas longas descendo para a Baixa de Luanda. Irresistível. Fui atrás. Pensei chamá-la, acompanhar ao lado. Mas ela não ia ouvir o apelo, abafado pelo barulho dos carros e os gritos dos vendedores ambulantes. Andei só. Perdendo terreno. A ciática não deixava descer depressa e ela foi afastando, afastando. Via o cabelo de carapinha larga lá à frente, já com muita gente entre nós. Depois perdi-a de vista. E me perguntei, porquê a persigo? Realmente só havia uma razão, aquele olhar ausente. Afinal o pensamento dela estava na Lunda antiga. Nunca fui bom adivinho, embora o senso comum atribua esse dom aos escritores. E sou eu realmente escritor? Há vinte anos me pergunto, apesar de nisso crer há mais de quarenta, quando imaginei o primeiro conto. Angústias de quem se procura toda a vida, enchendo páginas para resolver o enigma. Mas as minhas angústias desinteressam, não são elas que vou tratar, pois Lu já as tem demais, e o Mundo então...

Faltavam poucos meses para a mudança do século. Os velhos mitos renasciam com a aproximação do ano 2000. Medos.

Esperanças. Arritimias. Fim do Mundo, Julgamento Final? Bem procurávamos nos afastar desses temores, pensando isso são mitos da Europa, lendas criadas a partir dos semitas e do Novo Testamento, que temos nós, bantos, a ver com isso, os nossos mitos são outros, de nascimento e formação, não de mortes e catástrofes escritas em livros antigos. Mas o Mundo deixara de ser o somatório de mundos fechados, era um só, cada vez mais mestiço. E os mujimbos assustados percorriam os becos dos muceques, as crianças paravam o jogo de bola nos areais vermelhos para pôr perguntas, será mesmo a Lua vai chocar com a Terra? Angústias do tempo presente.

Lu as tinha de outra ordem. Raramente pensava no próximo ano 2000. Ouvia música indefinível de marimbas, procurava algo desconhecido em livros sobre a Lunda, só porque a avó viera de lá para Benguela e encheu a infância dela de lendas e estórias de feitiços, cuidado menina, teu pai não acredita porque é branco, mas eu vi muita coisa, vivi muito, sabedoria antiga, não despreza só. E Lu agora ia a caminho do Grupo de Dança Kukina, nome redundante mas que ficava disfarçado pela diferença de línguas. Ia chegar atrasada ao ensaio, o que começava a se tornar rotina. Nunca antes tinha acontecido, era modelo de pontualidade no grupo. Mas ultimamente, talvez pela ânsia de devorar os livros do Centro de Documentação, talvez pela procura cega que efectuava, talvez porque as marimbas tocavam e ela não as entendia, perdia a noção do tempo e chegava depois do aquecimento. Talvez não lhe agradava o que dançavam. Também era isso.

Então eu não sabia, foi só depois. Mas quando a perdi de vista, ela virou na Rua Rainha Jinga e foi a caminho da sede do Kukina, agradada quase inconscientemente pelo olhar lambezudo que os homens lhe colavam nas costas, na bunda, nas pernas. O seu corpo, modulado por anos de exercício, cumpria também uma função social, já lho tinha dito Michel, o engenheiro de petróleos que lhe falava de Maio de 68, glória e nostalgia duma geração, no distante Bairro Latino de Paris. Função social, não só exercida nos palcos, mas também nas ruas e na cama. Libidinoso, esse francês quarentão. Lhe refinou o amor, ensinou-lhe os prazeres afrodisíacos do champanhe e ostras, luxos permitidos pelos muitos francos

ganhos no Gabão, a chupar o petróleo equatorial. Agora Michel estava em Luanda, disse vim atrás de ti, mas a chama se tinha apagado, eram só amigos, por vezes confidentes, nunca amantes.

Os sons de marimba não saíam do cérebro, frescos e gotejantes como água da serra da Chela. Seria a música de fundo do casamento de Lueji? Porque os chingufos e mondos o anunciaram a todos os recantos do reino, mas só as marimbas o celebraram. Talvez.

– Estás mais uma vez atrasada, Lu – disparou logo a professora, quando entrou na sede do Grupo, antigo palácio duma escravocrata enriquecida com o tráfico para o Brasil, no século passado.

Os colegas estavam já nas barras, aquecendo. Lu fez um dúbio sorriso para a professora, entrou na sala que servia de camarim. Na passagem notou Uli, brilhante de suor, reforçando os músculos dos braços com os pesos. Para a poder levantar, aparentando apenas prazer, nenhum esforço.

Depois de trocar a roupa, Lu se pôs ao lado dele. Uli apenas lhe sorriu, se concentrou de novo nos pesos. Ele estará sempre comigo, pensou, começando os exercícios de aquecimento. Sempre? Tinha de ser. Como enfrentar o mundo se não tivesse aquele ombro forte onde amparar suas dúvidas? Apesar do calor dos exercícios, sentiu uma ponta de frio ao imaginar também Uli me pode abandonar. Não por querer, isso estava fora de questão, mas pelas obrigações da vida. Conheceu-o quando entrou na escola de dança, tinha seis anos e era uma mulatinha fina e esguia, salimentando do ritmo e recusando o pão e a sopa. Uli tinha mais três anos e já era um iniciado nos saltos e nas piruetas. Tomou-a sob sua protecção, era delgado mas forte, de voz e maneiras suaves. Anos depois formaram um par constante na dança. Ela era leve e ousada, Uli a punha a voar pelo palco e estava sempre na outra ponta para a receber. Nunca falhavam, Lu se deixava voar, tendo confiança total na atenção e força de Uli para a segurar nos braços. Por isso entregava ao ar, descontraída como uma pena batida pelo vento do sul, maravilha. O segredo estava apenas na confiança em Uli. Sem ele, esses saltos arriscados eram impossíveis. Foi difícil os coreógrafos se convencerem disso e insistiam na troca de par. Os fracassos lhes ensinaram, também coreógrafo tem muito que

aprender, ou só nós somos ignorantes? Com outro par, os dois faziam tudo regularmente, mas sem voos planados nem se fundirem num só. Uanga deles!

O coreógrafo chegou, cumprimentou todos num português estropiado: era checoslovaco, vindo especialmente por três meses para preparar um espectáculo. A professora deu por terminado o período de aquecimento e sentou numa cadeira, a observar. Servia de assistente, mas era tarefa difícil pois até hoje não tinha entendido o objectivo do coreógrafo. Nem os bailarinos, pensou Lu. Nem o escritor, Dinoluan, o celebrado, que concebera a novela *Cahama*, uma vintena de anos atrás. Se tratava duma estória baseada no ataque do exército sul-africano à guarnição angolana de Cahama, chave de defesa do Sul do País e que resistiu vitoriosamente a todas as investidas e bombardeamentos. A figura central da novela era o comandante da guarnição, um misto de pai extremoso dos combatentes e de linguagem rude do guerreiro, que combinava os filhos-da-puta-não-recuem com os meus-filhos-isto-está-no-papo-meus-queri dos-cabrõeszinhos. A namorada do comandante, que vive na aldeia ao lado da guarnição, fura as linhas inimigas para levar todas as noites a comida aos soldados sitiados. Até que é apanhada pelos sul-africães. Torturam-na, violam-na e por fim crucificam-na como ao Cristo, deixando o corpo exposto. A acção se vira contra o feiticeiro. Em vez de desmoralizarem, os sitiados, com a coragem da raiva, fazem um contra-ataque repentino, recuperam o corpo, matam um exército de inimigos. O Estado-Maior da ofensiva decide então recuar. A imagem final da novela é o enterro da jovem, na chana devastada do Cunene, com o comandante misturando filhos-da-puta-de-racistas com meu-sacanjuel-de-asas-longas, descarregando rajadas de desespero no céu parado do Cunene.

O coreógrafo, com o auxílio dum tradutor, trucidou a novela na adaptação para o bailado. Alongou as cenas de amor e de tortura, imaginou danças de guerreiros cuanhamas no espaço estreito da guarnição, acrescentou uma cena final de revolta no exército invasor. De tal modo modificou a estória que nem mesmo o escritor, traduzido em vinte línguas e com um nome a preservar, podia descobrir no roteiro a sua própria criação. Isto confidenciou Dinoluan

a Lu, antes de começarem os ensaios, naquele seu jeito irónico debaixo do farto bigode grisalho. Mas deixara, constrangido, se utilizasse o seu nome e estória, tudo em prol do bailado nacional. Sacrifício individual em nome do bem colectivo, desprendimento só mesmo de escritor, aproveitado pelos outros para nos lixar. Mas Lu não se sentia no papel da namorada do comandante, o seu estilo de gazela se desadaptava aos vigorosos saltos e batidas de pés das mulheres cuanhamas. Nem via Uli, tão refinado e suave, interpretar a rudeza do comandante. O coreógrafo ainda não explicara como traduzir para o bailado a linguagem do comandante, isso é um detalhe. Detalhe uma puíta, se lamentava Dinoluan, a novela é um exercício sobre a linguagem. O checo sorria, condescendente, a todas as críticas, tímidas, é preciso dizer, que os bailarinos faziam. A professora, essa, só abria a boca era de pasmo e receio. E a Directora do Grupo nem aparecia nos ensaios.

Outro problema era a música. Contactados, os compositores angolanos desconseguiam pegar na ideia, a coreografia exigia uma sinfonia vigorosa, bélica, que não estava nos seus hábitos todos feitos de requebros e ritmos sensuais. Por isso ensaiavam a maior parte dos passos com o *Spartacus* de Katchaturian. Apenas um trecho estava definitivamente escolhido. Era a canção *Cunene* do Impactus 4, grupo infantil na época da agressão sul-africana. Falta um mês e a música? dizia Lu para Uli. Ainda me estou a ver a bater os pés ao ritmo de Katchaturian. E os pés estão cada vez mais inchados. Uli trazia gelo de casa para os tratar nas pausas. Era finalista de Medicina e queria estudar as lesões provocadas pela dança, juntaria assim a ciência à arte. Com este coreógrafo precisas é de estudar feitiço para nos salvar, gozava Lu.

Naquela mesma manhã em que para mim tudo começou ao ver Lu de olhar ausente, sucedeu o drama.

Ao fim duma hora de saltos e de batidas de pés, Lu já nada sentia. Sobretudo, não sentia a música. Era o mais grave, tudo se tornava mecânico, impessoal, ela não dançava, apenas o seu cazumbi. Ainda por cima, na cena de tortura, atirada no ar entre três bailarinos, que dela faziam uma boneca desarticulada, mais uma vez um deles falhou e Lu se despedaçou contra o chão de madeira.

Uli sentiu no próprio corpo o ruído dos ossos a fracturarem, deu um grito, se precipitou sobre o corpo caído. Lu não se mexia.

– Ninguém toca – berrou Uli, ameaçador. – Ninguém toca.

O coreógrafo tinha aproximado, solícito, mas o rapaz lhe deu um safanão que o fez recuar três passos. Pegou em Lu com todo o cuidado e levou-a para o camarim. Aí ajoelhou, tocando de leve todo o corpo dela, as lágrimas teimosas se colando ao suor. Esse merdas matou-a, matou-a o cabrão do checo. As mãos dele percorriam docemente o corpo dela, à procura de lesões e, ao mesmo tempo, em carícia de a trazer à vida. E trouxe. Lu abriu os olhos, viu reclinada sobre ela a bela cara negra, sorriu. Não lembrava do que passara, mas não podia ser mau, pois Uli estava ali, tinha sentido primeiro as suas mãos, depois o hálito nervoso e por fim a imagem dele surgiu. Onde estavam? Não sabia. Ela estava deitada sobre qualquer coisa mole, certamente uma cama. E Uli se debruçava sobre ela e as mãos dele agora tinham parado de mexer mas estavam ainda nas coxas dela e o calor das mãos dele se transmitia ao sexo e ela voltou a fechar os olhos para durar a sensação cálida. Estavam a fazer amor, ela e Uli, tinham feito amor? A ideia insólita despertou-a de vez.

– Fizemos amor, Uli?

A fala atirou a cara dele para trás, num rictus horrorizado, e as mãos afastaram do corpo dela.

– Como podes pensar isso? Que te deu?

A reacção de Uli lhe trouxe a realidade. Nunca o tinham feito, eram mais que irmãos, nunca o fariam, certamente. Naquele momento, Lu lamentou a ausência. Pela primeira vez na vida.

– Aqueles tipos te deixaram cair. Desmaiaste. Estava a ver se tinhas alguma coisa partida. Só isso.

Uli falava ríspidamente, parecia a culpa era dela. Distante, tenso. Ela lhe segurou na mão que se manteve hirta.

– Desculpa pelo que disse. Não foi por mal.

As cabeças dos colegas surgiram na porta, como está ela? Isso desfez a tensão primeira que surgiu entre os dois.

– Parece bem – respondeu Uli. – Mas é preciso examinar com cuidado. Levanta-te, mas devagar.

Lu se levantou, apoiada a ele. Doíam as ancas e os ombros mas não devia ser nada de grave. Ele fê-la flexionar para a frente, para trás, para os lados. À altura da anca esquerda havia já um ligeiro inchaço. Uli entregou gelo.

– Tira o collant e fricciona com gelo. Tenho de falar com esse checo.

Saiu e fechou a porta. Antes do sucedido, seria normal ele próprio lhe tirar as meias e a tratar. Mil vezes o tinha feito. Porque fui perguntar aquilo, cretina? Ofendi-o, afastei-o. Vai demorar a esquecer. O gelo no sítio ferido fê-la arrepiar de dor, mas massajou durante um minuto, deve chegar. Vestiu os jeans, hoje não ensaiaria mais, o checo que se morda o rabo.

Quando deixou o camarim, notou tinha estado deitada sobre o pano de cena antigo que servia para as audições reservadas, antes de passarem à sala de espectáculos do Nacional. Ao voltar à sala de ensaios, soube não ia dançar nos próximos dias. A anca doía horrivelmente. Os três torturadores rodearam-na, contritos, pedindo mil desculpas, deixem, meus, a culpa não é vossa.

Era isso mesmo que Uli explicava ao coreógrafo, o qual só abanava a cabeça, em jeito teimoso.

– Já disse isso mil vezes. Para a atirarem assim a dois metros do chão, tenho de estar eu do outro lado para a receber. Só eu. Quando a matar, vai entender. Mas aí mato-o eu também.

Uli parecia um leão furioso, tinha perdido o tom suave. Lu achou lhe fica bem a cólera. Mas o coreógrafo não sassustou com a ameaça, sorriu do alto da sua superioridade.

– Você comandante das Fapla, não estarr ali. Não poder também serr sul-africano. Não entenderr?

O checo era um obcecado pelo realismo. Saudades de cinquenta anos. Obrigava os bailarinos que representavam os soldados sul-africães a usar máscaras de plástico pintadas de branco e fatos completos e luvas brancas, para esconder os inevitáveis tons negros e castanhos. Eles retilavam por causa do calor, mas isso não contava, os sul-africães eram brancos e o realismo mandava que os espectadores assim o entendessem, a verdade devia ser evidente, nada de vanguardismos de actores negros representarem brancos e vice-versa, fazia confusão na cabeça do público. O público não é

burro, contestavam os bailarinos, era um público razoavelmente culto, sabia perfeitamente separar o actor do personagem, nada disso, não estavam na Europa, apostrofava o coreógrafo.

– Por uma vez a sua parvoíce de usar máscaras e luvas brancas pode servir – disse Uli. – Assim mascarado de branco posso fazer os dois papéis e não vai confundir o público. É só mais trabalho, é tudo.

– Não, não – teimou o checo. – Cara não se verr, mas corpo igual. Uli olhou, impotente, para Lu. Ela encolheu os ombros, afagando a anca.

– O que eu sei é que nos próximos dias não vou poder ensaiar. Está a doer muito. E além disso não posso acertar o ritmo se na minha cabeça soam marimbas.

Ninguém a entendeu e Uli pensou a queda transtornou-a mesmo, precisa descansar.

– Vou levar a Lu a casa.

– Não. Você ensaiar – se desesperou o checo.

Saíram na mesma. Quem trava Uli, quando se trata de Lu?

No caminho, Uli apoiava o corpo dela sobre a sua força, para ele era uma brincadeira, passava duas horas por dia com Lu nos braços. É mais seguro fazeres uma radiografia a essa anca, pode haver fractura, que nada, há quinze anos que caía em todas as posições, já não tinha ossos, só bossas, com repouso tudo passava, preciso é de pensar em marimbas, mas não estás bem, deliras, deliro nada, é qualquer coisa aqui dentro da cabeça, ainda nem dá para falar, e foram assim caminhando até à Marginal para apanhar um maximbombo embora Uli preferisse fazer parar um táxi, era caro mas ele tinha bué de kumbú e por uma vez se justificava, tenho medo dos balanços do maximbombo sobre essa anca, táxi nunca, Uli, é contra os meus princípios, bem sabes, mas claro que ele sabia, Lu tinha muito tempo fazia greve contra os táxis e até tentara provocar uma campanha para fazer baixar os preços astronómicos, só que os transportes colectivos sempre faltavam e os milhares de taxistas, utilizando tudo o que era veículo para o negócio, enriqueciam num instante apesar da concorrência e só Lu mantinha teimosamente os seus princípios, por isso muitas vezes se lixava, pensando os outros tão íntegros como ela mau grado as evidências

e lá ficaram parados à espera do maximbombo, o braço de Uli à volta da cintura dela que sencostava toda, pensando as pessoas devem achar um bonito par de namorados, assim abraçados em plena luz de Setembro, à sombra duma palmeira real com fundo de céu e mar, provavelmente dois estudantes que fugavam as aulas da universidade para irem fazer amor na praia, pôssas, outra vez, Lu, se recriminou ela, começa a ser ideia obsessiva, mas tão nova, tão fulgurantemente nova depois de quinze anos de irmandade que não a podia afastar, se incrustava no cérebro e sobretudo no sexo que humedecera com a pressão dos dedos de Uli nas suas coxas e agora esvaía cálidos espasmos secretos, só pelo calor da perna dele sobre a qual ela sapoiava, no entanto esse maximbombo nunca mais vem, vou parar mesmo um táxi, não, Uli, deixa, espero todo o tempo, pois se sentia bem com ele colado, não queria era pensar na Marina, sua maior amiga que apresentou a Uli e de súbito senamoraram, ela até já teve de fazer aborto, mas a ideia veio na mesma, as ideias não se travam com as mãos nem vontades, e ela se desapoiou um pouco, instintivamente, ao que Uli respondeu mudando a posição e ficaram agora mais formalmente encostados, até que passou o calor dela na chegada do maximbombo.

2

A entronização de Lueji não teve o brilho da dos chefes anteriores. Ela mesma o quis e os Tubungo acharam bem, afinal era um soberano provisório. Mataram pouca gente para sacralizar o novo chefe, apesar de Lueji implorar ninguém seja morto, mas tradição é tradição e o sangue correu. Não houve grandes festas de rios de ndoka e ualua, montes e montes de carne para comer durante dias, noites seguidas de batuque e danças de roda animadas pelos bailarinos mascarados.

As grandes cerimónias foram dedicadas ao óbito de Kondi. Foi enterrado, acompanhado por quatro homens escolhidos pelos muatas para lhe fazerem companhia, o que Lueji também não pôde impedir. Os mondos e chingufos tocaram durante cinco dias para avisar da morte todos os súbditos que chegavam em grandes comitivas e acampavam à volta de Mussumba. As fogueiras à noite faziam um círculo de fogo em redor da capital. Os Tubungo e os familiares, pintados de branco pela pemba da purificação, presidiram todos os actos dedicados à memória do grande chefe e para que o seu espírito descansasse em paz e não viesse perturbar depois os vivos. Os choros do povo subiam para o céu sem nuvens da Lunda.

Depois do óbito, as comitivas ficaram para a entronização. Foi uma cerimónia simples, no grande tchota do Conselho e o povo à volta na praça. Lueji foi purificada pela pemba, recebeu o fogo sagrado que colocou à entrada da sala. Todos os fogos foram então apagados em Mussumba, só ficou o que ela acendeu. Todos teriam de o ir aí buscar com archotes, para acenderem os das suas casas. Lhe colocaram sobre os ombros o manto real de cor púrpura, vindo gerações atrás do lago salgado de Oriente, lhe entregaram o ceptro talhado em pau preto que ela segurou, pensando preferir uma rosa de porcelana. Sobre a cabeça lhe colocaram as miluínas do poder, ao pescoço o colar tchimba com a grande concha trazida também

do Leste. Lhe entregaram depois o machadinho de duplo gume, símbolo de chefia, e o mupungo, espanta-moscas com sortilégios mágicos. Finalmente ela ergueu o braço acima da cabeça para todos verem o lukano sagrado que o pai lhe colocara no pulso. Todos bateram palmas e assim reconheceram nela a rainha. Os irmãos não foram à cerimónia, mas na primeira fila estava Ndumba ua Tembo que sorria para ela, apesar da tradição que mandava todos os presentes manter a cabeça baixa, em sinal de respeito. Lueji se apercebeu da atitude de Ndumba, interpretou-a como um apoio naquele momento difícil e retribuiu o sorriso. Ninguém mais viu, mas o sangue pulsou mais forte nas veias do guerreiro.

Depois a rainha saiu da sala e o povo aclamou-a na praça. Os seios nus de Lueji pareciam mais firmes, atirados provocantemente para a frente, se destacando do colar. O povo, antes duvidoso da força do novo chefe, viu neles um desafio que o tranquilizou. E os gritos e assobios e palmas não paravam. Recebeu, ali mesmo, os presentes que as comitivas trouxeram de todas as partes do reino, agradecendo com uma ligeira vénia. Subiu para a liteira, transportada por doze guerreiros armados de porrinhos de guerra, escoltada por mais vinte ornados de plumas brancas. E avançou, por entre o povo em delírio. Foi render homenagem ao túmulo do seu pai e lá colocou duas figuras toscas de madeira, as mahamba, representando os ascendentes de Kondi. E regressou à casa grande que mandara construir durante os dias de óbito. Era a casa maior de Mussumba, feita de paus entrançados e barro vermelho, com uma varanda e esteiras a toda a volta. Uma paliçada rodeava a habitação e a nova casa da mãe dela e a cozinha e as casas dos serviçais, tudo à sombra de grandes árvores. O chão, de tão regado e batido, estava liso como uma cara de menino. Por tradição, novo chefe escolhia o sítio duma nova Mussumba. Mas Lueji apenas mandou fazer nova onganda para ela, deixando a capital no local escolhido pelo pai. Afinal, era só uma rainha provisória.

Entrou na nova casa, agradada pela frescura que dela se desprendia, despiu os paramentos de cerimónia, ajudada pela mãe, e se lavou. Ficou com o lukano no braço. Apenas o devia tirar quando estivesse com a menstruação, o sangue menstrual conspurcava o lukano e lhe tirava a força mágica. Assim lhe ensinou

Kandala e também que nesses dias não se devia mostrar ao povo, nem presidir cerimónias, pois estaria sem força mágica. Pensou, sentada na cadeira esculpida, tinha de inventar estratégias nesses períodos se houvesse alguma maka e a sua intervenção fosse necessária. Os homens não têm destes problemas, podem usar todos os dias o lukano. E, o poder está concebido para os homens. Terei de ser mais esperta que eles.

Bateram palmas lá fora e a mãe foi ver quem era.

– Está ali o teu irmão Chinyama. Quer ser recebido.

Não tinha mais visto os irmãos, desde a morte do pai. Se escondiam para não dar nas vistas, com medo de castigo. Apesar de terem sabido da posição de Kondi, não confiavam nada nos inimigos. Algum podia fazer feitiço para pagar o parricídio. Chinyama se prostrou aos pés dela.

– Venho cumprimentar-te, irmã.

– Levanta-te, Chinyama. Queres beber?

O irmão sorriu, aliviado. Esperava gritos e recriminações, nunca uma recepção tão afável. Lueji nem esperou pela resposta, conhecia bem demais Chinyama. Bateu as palmas e logo um serviçal meteu a cabeça na sala, traz bebida.

– O povo já começou a festejar. Bebem e dançam, logo mais aparece comida e carne. O povo está contente por te ter, Lueji.

– Ainda bem.

– Sinceramente, espero um bom reinado. Vais te safar.

– É tudo tão complicado!

– Tenho mais uma coisa, além de te cumprimentar. O Tchinguri pediu-me para te falar. Ele está muito arrependido.

Afinal trazia um recado do irmão mais velho. Pobre Chinyama, hás-de andar sempre atrás do outro, nunca mais te libertas.

– Ele pede para o receberes.

Lueji guardou silêncio. Não sabia o que responder e o pai tinha dito, um chefe deve parecer que tem sempre uma resposta. Tchinguri cometeu um grande crime, mas já recebeu o castigo, perdeu o trono e o pai está vingado. E é meu irmão, apesar de tudo. Os Tubungo vão ficar chocados se ele me visitar? Certamente. Mas na minha família decido eu.

– Apesar do que ele fez, será bem recebido. É o filho mais velho de Kondi e a sentença já foi proferida pelo Conselho. Nada tenho contra o meu irmão.

Entrou a cabaça de vinho de palma e Chinyama encheu logo uma cabacinha. Estendeu-a para Lueji.

– Bebe comigo, irmã. Devemos festejar.

Ela aceitou, em gesto de amizade. Depois Chinyama se serviu. O ambiente ficou menos tenso. O irmão riu, limpando os lábios com as costas da mão.

– É a melhor coisa que há, o vinho assim bem fresquinho. Não sei como há gente que prefere outras coisas, como a caça ou a guerra. Vinho, um bom xima, uma mulher nova, isso sim, são as boas coisas do Mundo. E tem gente que se mata só para mandar nos outros! Tu e eu nunca quisemos, mana. E afinal agora és tu o chefe dos Tubungo. Não é engraçado?

– Bebe à tua vontade, eu não quero mais. Olha, Chinyama, eu nunca quis nem sequer pensei em mandar. Mas não acho engraçado. Preferia ser livre, agora sou uma escrava, pior que a esposa dum marido ciumento e cruel.

Chinyama apoiou com a cabeça. Bebeu mais um trago. Não engolia logo, deixava o marufo ficar na boca, para apreciar o gosto. Há os verdadeiros bebedores, os que gozam cada gota, e os bebedores-elefantes, que sorvem tudo duma vez sem desfrutarem, costumava ele dizer. Ficava o dia inteiro a beber, mas sempre gole a gole.

– Compreendo, maninha. Era isso que eu sentia se estivesse no teu lugar. Mas não me referi a esse aspecto. Acho engraçado, porque havia tanta gente interessada em suceder a Kondi e afinal és tu, que nunca o quiseste e em quem aliás ninguém pensou.

– Nesse aspecto pode ser engraçado para ti. Mas não para mim. Nem para Tchinguri, por exemplo.

– Claro. Nem para Ndumba ua Tembo, embora esse ainda tenha esperanças. Nem para o Kakolo, nem para o Moxico... Todos esses podiam suceder ao pai, se não existisses tu.

– O Kakolo e o Moxico? Estás a levantar mujimbos.

Chinyama encheu mais a cabacinha. Perfeitamente à vontade, esticou as pernas sobre as peles de ondjiri, falou com ar superior:

– Maninha, não sejas ingénua. Não só eles. Desde o momento em que nenhum dos filhos de Kondi fosse escolhido, qualquer Tubungo podia ser. Dependia da força. E sabes todo o muata pensa que tem força. Ia ser no jogo das alianças que se resolveria. Todos tinham esperanças. Excepto um Nandonge que só queria o Tchinguri como chefe ou um Kakele que nunca teve ambições sobre o poder total, prefere influenciar na sombra.

A afirmação sobre Kakele condizia com o conselho do pai, embora criando uma nota de suspeição. Confia em Kakele e Kandala, só neles, lhe dissera Kondi. Chinyama era inteligente, isso toda a gente sabia. O que dizia era certamente verdade. Poderia ser-lhe útil conversar muitas vezes com o irmão, aproveitar os conhecimentos e a falta de ambição dele.

– Disseste que Ndumba ainda tem esperanças. Como?

Chinyama deu uma gargalhada, batendo fortemente com a mão na perna. Bebeu mais.

– Sabes certamente, Lueji. Espera casar contigo. No Conselho, ouviram muata Moxico aconselhá-lo assim. Logo o Ndumba se levantou para dizer que te apoiava. Nada parvo. Votou por ti, foste eleita, depois casa contigo e fica com o poder. Esse rapaz vai longe. Mas já sabias isso.

Daí o sorriso de Ndumba ua Tembo na entronização, pensou com amargura Lueji. Pôs na conta da amizade de crianças, apesar do ódio de Ndumba para Tchinguri. Comigo sempre se deu bem. Afinal? Só a ambição o fez quebrar a tradição e sorrir para a soberana? Tinha de aprender muita coisa sobre os homens e o poder. Aprender, mas não mostrar que estava aprender.

– Sim, isso é claro. É inteligente, o Ndumba. Até pode acontecer. Afinal é um grande guerreiro e até bonito homem...

– Maninha, não faças isso.

– Porquê?

– Casa com todos menos com esse. Tchinguri nunca aceitaria. Provocas uma guerra.

– Guerra que Tchinguri perde. É a minha força e a de Ndumba contra a dele.

Chinyama ficou calado, surpreso. Era a sua irmã Lueji que assim falava? Que frieza! Bebeu mais um trago para disfarçar a

admiração. Que cínica estou a ficar, pensou Lueji. Por nada queria uma guerra, muito menos contra Tchinguri. Nem me passou na cabeça o casamento com Ndumba ua Tembo. Mas tenho a certeza, respondi como uma rainha, O respeito com que Chinyama me olha prova isso. E vai contar a Tchinguri, o que não é mau. Assim vai ter mais juízo.

Repentinamente, Chinyama ficou com pressa de partir. Se levantou. Lá vai ele a correr a contar a conversa a Tchinguri. Mas posso utilizá-lo assim, ouvindo o que ele diz e mandando recados ao Tchinguri. Esse não me perdoa ter subido ao trono, fará qualquer coisa, nunca aceitou perder. Por Chinyama estaria informada das ideias do irmão mais velho.

– Bem, tenho de ir festejar lá fora. Muito obrigado pelo marufo, maninha. Virei depois conversar com mais tempo.

– Só um momento, irmão. Diz-me, Tchinguri ainda usa as miluínas na cabeça?

– Claro que sim – respondeu Chinyama, fazendo cara de espanto.
– Sempre usou...

– Pois é, mas agora tem de as tirar. Só o rei ou o sucessor podem usá-las. Ele não é nem uma coisa nem outra. Aconselha-o a tirá-las, Chinyama. É melhor para todos.

– Mas...

– Eu tenho de fazer cumprir a tradição. Se ele não o fizer por si próprio, receberá uma ordem, o que é muito mais humilhante. E não quero dar uma ordem que humilhe o meu irmão. Peço-te, dá-lhe esse conselho como uma ideia só tua.

Chinyama ainda estava surpreso. Mas baixou a cabeça, concordando. Disse baixinho, perturbado:

– Tens razão. Como te pudeste lembrar disso? Vou lhe dar o conselho. Mas ele não vai seguir o conselho, sabes como ele é.

– Tenta convencê-lo, ele acaba por te ouvir.

Ele ia se retirar, sorrindo, confuso.

– Chinyama! Não esqueceste nada?

O irmão se virou para ela, já quase na porta.

– Esqueci?

– A vénia devida ao chefe dos Tubungo.

Perturbado, atrapalhado, Chinyama se inclinou, batendo as palmas rituais. Esta minha irmã mudou muito, uma miúda dessas, vejam só como já assume o poder!

– Vai agora, irmão. E volta sempre que quiseres.

Lueji se sentiu tremendamente só. Chinyama fazia o que Tchinguri queria, não dava para confiar. E Tchinguri devia estar a pensar nalguma desforra. Podia aceitar que a miúda reinasse no lugar dele sem reagir? E Ndumba ua Tembo, antes um amigo, agora apenas um pretendente ambicioso? Era no fundo o que mais lhe doía. Não podia ser invenção do Chinyama. Havia grande confiança entre Ndumba e Lueji, apesar da rivalidade dele com Tchinguri. Talvez até por causa disso. Lueji tinha prazer por vezes em desafiar a autoridade do irmão, embora fosse o seu ídolo. Até os heróis são desafiados. E Tchinguri parecia compreender estava ser provocado, pois nunca teve coragem de dizer qualquer coisa sobre a amizade dela com Ndumba ua Tembo. E afinal este se revelava também um mero ambicioso? Não dava para confiar nos homens. Só em Kakele e Kandala, disse o pai. É mesmo isso. E na mãe dela. Não em Musole, porque falava demais. Não na mãe de Tchinguri, que a olhava despeitada por nenhum dos filhos ter ficado com o poder. Tinha de ter cuidado com a comida, se lembrou de repente. Podiam envenená-la, era arte muito cultivada na Lunda. Não a mando de Tchinguri, o irmão nunca chegaria a atentar contra ela, mas a mando dos parentes dele. A lembrança cansou-a ainda mais. Ouvia os ngomas a marcar o ritmo para as danças e lhe ocorreu ir lá para fora se misturar com o povo. Como se a festa não fosse em sua honra. Porque assim não tinha piada nenhuma, nem dava gozo dançar. Quando era uma rapariga como as outras, não perdia um minuto de dança. E quem perdia? Voluntariamente, ninguém. A dança está no sangue, no coração, nos tendões. Basta os tambores o ritmo marcarem, o corpo começa a se agitar, o sangue aquecendo por dentro, e os pés e as ancas têm de seguir. É tão assim que já ninguém repara nisso.

Estava só. Terrivelmente só. Ela e o seu lukano. Tinha de se habituar à solidão que havia de ser a sua vida, a partir de agora. Mas sentia revolta. Nunca mais podia correr pelas chanas nem subir nas árvores, provocando os rapazes que tentavam lhe acariciar os

seios? Nem ir para as lavras com as mulheres do pai, usando o matemo para cultivar o massango e o feijão macunde? Nem fazer potes e panelas e moringues, no maior silêncio para o espírito da cerâmica não despertar e os partir? Nem mesmo ir ao rio ou ao lago? Isso não, tinha de ir. Mas com escolta, o que ia aumentar ainda mais a solidão. O poder é um vício, adquire-se usando-o, assim dissera Kondi. Não, ela nunca se viciaria. Trocava facilmente o lukano pela liberdade perdida. Hoje. Mais tarde também?

Mais tarde se veria. Agora é preciso deitar, descansar e esperar o médico, Timóteo, amigo comum. Assim falou Uli e Lu obedeceu, se deitando logo.

– Não é melhor dares uma massagem? Tenho aí linimento.

Ele sabia até o sítio onde estava o linimento. Misturado aos cosméticos, perucas, lápis de pintar, tintas, apetrechos duma bailarina. No armário branco da casa de banho. Como sabia o sítio do óleo de cozinha, da fuba e do pão. Algo nesse apartamento lhe era estranho? Ele o obteve, quando se desfez o lar de estudantes e Lu precisou de sítio onde morar, cinco anos atrás. Não foi fácil, mas o kumbú da mãe dele corria solto, era só abrir um garrafão dos muitos enterrados no quintal. Lu nem nunca soube, foi preciso pagar gente da Habitação. Uli calou o segredo, pois ela nunca ia aceitar morar num sítio arranjado com corrupção, antes mesmo dormir num banco de jardim.

– Prefiro chamar o Timóteo, ele é médico e eu ainda não.

Noutras circunstâncias ela ia rir, pela infantilidade da desculpa. Mas não teve vontade, pois percebeu o frio que nele entrou, a distância provo cada pela cena no camarim. Despiu os jeans, ficou com a cueca castanha clara, única cor usada para se confundir com a cor da pele, segredo de bailarina, Uli desviou o olhar.

– Está inchado e azul. Faz lá uma massagem. Por favor.

Contrafeito, Uli foi buscar o linimento. Tenho de me dominar, pensou ela. Mas, pôssas, também não vamos modificar os hábitos só porque descobri nele um homem. O rapaz fez a massagem, rígido e profissional, mudo. Está ofendido e eu agora reajo apenas como paciente, sem sentir a mão que me acaricia na coxa, é curioso. Disparate, esperavas outra coisa?

– De qualquer modo o Timóteo vai passar logo. E hoje não vais andar, é preciso deixar isso descansar.

– OK, doc!

Ele sorriu pela primeira vez. Descontraiu?

– Sonha com marimbas. Tens almoço?

– A Marina faz, deve estar a chegar. Não esperas por ela?

Não, tinha de ir para casa, era na Ilha, e à tarde tinha hospital, onde fazia o estágio final do curso. Saiu com um chau e Lu ficou deitada na cama, ainda de cuecas, com preguiça de enfiar as calças. Ele tinha razão, com a ridícula máscara branca e as luvas, podia muito bem interpretar a cena da tortura. E claro, os espectadores iam notar ser o mesmo bailarino, o corpo de Uli era inconfundível, mas isso só tinha importância na cabeça do checo. Nem sequer era original. No dia seguinte ia impor essa condição ou então arranjassem outra solista. Até já ganhara medo, retraía-se, o que dificultava o trabalho do Jaime. E Jaime era um bom bailarino. Mas para me agarrar naqueles saltos só mesmo o Uli, não vale a pena, quantas vezes já tentara com o Jaime? Com Uli era intuitivo, nem precisavam treinar antes. Num passo novo, ela sabia como rodar no ar para cair de determinada maneira, facilitando o trabalho dele que adivinhava como ela rodaria e se colocava logo logo na posição certa. O mínimo tremor num músculo era automaticamente traduzido pelo parceiro e respondido de instinto. Eram muitos anos de união carnal, pareciam siameses.

Lu notou isso sobretudo em Paris, quando, dois anos antes, foi lá fazer um estágio de seis meses. Tremendamente caro. Mas o Governo pagou tudo, apostou nela. Estágio de dança moderna numa grande escola. Investimento para o futuro. A maka foi que queriam pô-la a dançar o Gisela. Modernizado, mas sempre o Gisela. Seria a sua grande oportunidade, diziam, o lançamento na Europa. Ao coreógrafo agradava a ideia duma Gisela bem escura, talvez fosse novidade. Mas ela recusou, vim fazer estágio de moderno e não danço o Gisela, por muito computadorizado que seja. Uma pena, lastimava o coreógrafo, uma pena, ia ser uma sensação e a possibilidade de se tornar profissional. Seriam só mais três meses na Europa e o Governo ia aceitar, para ter uma bailarina nos principais palcos do Mundo qualquer sacrifício é pouco. Não,

não e não, findos os seis meses volto mesmo para a terra, respirar o ar fétido dos contentores de lixo, torcer pés nos buracos das ruas, mas receber ao mesmo tempo as carícias do Sol e o sorriso das gentes, lá me inspiro. E no estágio sapercebeu, nenhum dos bailarinos a agarrava como o Uli, nenhum a adivinhava como ele, por melhores que fossem. Por isso se evidenciava mais nos solos que em danças de par, onde não ficava à vontade.

E o Uli nunca seria profissional, cúmulo da ironia do destino. Seria médico e só bailarino de horas vagas. Lu queria ser profissional, quase impossível de conseguir em Angola, não havia público que enchesse sempre as salas de espectáculo. Talvez só quando tivesse quarenta anos! Se falava numa lei que previa salários do Estado para os artistas de qualidade, permitindo o aperfeiçoamento que só o profissionalismo dá. Se falava. Mas se falava de tanta coisa, o mujimbo sempre foi entretenimento nacional. Mesmo que isso acontecesse, Uli nunca ia aceitar abandonar a ciência.

Por queres um mbambi, vais perder muitos songues, tinha dito o adivinho a Lueji. Também ela, Lu?

Levantou, pôs um disco de Vivaldi, sempre o mesmo, *As Quatro Estações*. Os violinos tomaram-na, parou no Verão, uns sons de marimba entravam na perfeição, porquê o Vivaldi não conheceu a marimba? Ou porquê não temos um Vivaldi para compor uma sinfonia de marimbas? O Hermenegildo podia, se não fosse maluco, sempre com a mania de escrever contos azarados que só ele apreciava, em vez de compor. Era injusta, esquecia o Mabiala, Afonso sim, podia compor. Satirou para a cama, pois as dores na anca eram insuportáveis. E se o Uli tem razão e parti a bacia ou o fémur ou lá o que é ? Devia ter ido logo fazer uma radiografia, ele adivinha o meu corpo. Não, não adivinha tudo. Ou adivinha e finge só? Merda, o problema agora é que está a doer e se parti alguma coisa, adeus espectáculo. Apesar de não lhe agradar o bailado e da sua raiva contra o checo, queria muito entrar no papel, gostava da novela. Não, não vou fazer chantagem, aceito os pares que me derem, mesmo à custa da minha integridade física. Que o Uli convença o checo, não mexo uma palha. E não era justo para ele: teria cinco segundos para terminar a cena de tortura, mudar de roupa e voltar ao palco, interpretando o solo desesperado do

comandante à espera da namorada que não pode vir à hora combinada. Humanamente impossível. Impossível não, o coreógrafo havia de arranjar uma maneira. Era casmurro mas talentoso. Bastava pôr dois soldados a fazer uma ronda de um minuto, para dar tempo à mudança de roupa e depois entra o comandante no escuro da noite, luz apenas duma fogueira num terreiro vazio, perguntar às estrelas onde está a sua amada. Teria Lua de prata essa noite interminável do Cunene? Devia ser lindo, uma Lua de prata a iluminar a face angustiada de Uli a sofrer por ela... Uli, Uli, o que passa comigo?

É espantoso tudo o que se passa na cabeça das pessoas e nós não apercebemos. Ou esquecemos de notar. Como podia eu, só de ver o olhar vazio de Lu na rua, ter intuído o drama? Vi, senti qualquer coisa, segui atrás, perdi-a. Mais tarde ela ia contar. E, abismado, descubro que fui assistente involuntário do começo. E se o descobri, foi porque esse olhar provocou interesse e dela me aproximei. Rondei durante dias a sede do Grupo Kukina sem ousar entrar. Já a conhecia, mas não éramos amigos. Tinha de ser um reencontro casual. Se me perguntava, não podia explicar porquê queria o encontro. Não era desejo físico, embora toda a gente saiba como ela é apetecível. Mas eu estava numa fase difícil, era a quarta mulher em pouco tempo que mabandonava, dizendo com escritor nunca mais, são todos uns cacimbados, se falo é porque falei quando não devia, se me calo é porque estás chateada comigo, estás pensar noutro, porra, escritor só visto em capa de livro. Mais uma vez fiquei com um vazio, apesar do hábito. E estava ficar velho para essas andanças. O interesse veio apenas de tentar decifrar aquele olhar. Talvez me desse uma ideia para um livro que em vão procurava faz dois anos. Crise total, pessoal e de inspiração, mas anda uma sem a outra?

No entanto, o barulho na porta indicou a chegada de Marina e voltemos a Lu.

– Já acabou o ensaio?

Explicou a queda e a luxação, agora tens de fazer o almoço, estou inválida, talvez para sempre. Isso tinha de acontecer algum dia, Lu, és uma saltadora de altura frustrada, é o que dá, porque não treinam com rede de circo? Marina era uma pessimista, mas de bom

humor. Atirou os livros para cima da cama, deixou a porta do quarto aberta e continuou a falar aos berros da cozinha, para poder ser ouvida sobre a música de Vivaldi.

Mas Lu deixou mesmo de a ouvir, a outra não simportava, repetiria tudo se fosse preciso, assim era Marina, cuja voz se integrava em solo na música e fazia Lu voltar atrás, ao tempo de estudante, quando a conheceu na Faculdade, as duas caloiras de Biologia. A amizade foi crescendo. Marina vinha de Malanje, mas era natural de mais a Leste, da terra dos Imbangala, como gostava dizer. O meu pai é descendente de Kinguri, o chefe-fundador dos Imbangala, que parece deram trabalho aos portugueses... A todos.

– Kinguri, o irmão de Lueji?

– Esse mesmo. Conheces a estória?

– Coincidência incrível! Tenho uma avó, ainda hoje vive em Benguela. Sempre me contou veio da Lunda e é descendente dos Muatiânvua, quer dizer da Lueji. Mas chama Tchinguri a Kinguri.

– Acabamos por ser irmãs? – se maravilhou Marina.

– Se as estórias forem verdadeiras... Quem pode saber? Seríamos primas em centésimo grau... Lueji e Tchinguri viveram há mais de quatrocentos anos. O Herculano diz que todos os lundas se consideram descendentes de Lueji. Da mesma maneira os Imbangala se consideram de Kinguri ou Tchinguri. Que são mitos de formação das etnias.

– Quem é esse Herculano?

– Um historiador meu amigo – disse Lu.

– Deve ser um chato, armado de espírito europeu. Somos mesmo irmãs, à boa maneira africana.

Riram as duas, se deram as mãos, passaram a se considerar irmãs, mesmo que Lu não acreditasse, mas Marina tinha razão, era mais bonito que fossem e o destino as tivesse reunido, o belo tinha de ser sempre mais forte que a verdade histórica, se alguma havia. Discutiam muito, brincando, sobre qualidades e defeitos de lundas e bangalas e isso levou Lu a aprofundar os conhecimentos sobre os tempos antigos, para arranjar argumentos. Se foram apresentando os amigos comuns e o ano passou. Marina foi para Malanje, Lu para Benguela, nas férias. Curtas para Lu, tinha a dança que não consentia interrupções longas.

Se reencontraram no ano lectivo seguinte, se beijaram, abraçaram, como vai a minha irmã mulata, como vai a minha irmã negra? E o meu tio Kinguri como está, e a tua avó Lueji ainda anda? Risos e abraços e os colegas aparvalhados, sem entender nada da cena. Um dia Marina falou:

– Há um assunto a esclarecer. Se conheces a estória, deves saber que Kinguri e Lueji se tornaram irmãos inimigos. Foi uma maka que dividiu a família.

– Claro que sei. E então? Voltamos a ser inimigas, sem nunca o termos sido?

O riso de Marina fez estremecer o candeeiro do quarto de Lu.

– Nada disso, minha parva. Mas o nosso reencontro significa uma reconciliação familiar. E não houve festa...

– Tens razão – disse Lu. – Vamos organizar uma festa para selar a nova aliança entre os Imbangala e os Lundas.

– Mas com uma condição. De convidares o teu amado, de quem tanto falas e que não me apresentas.

– O meu amado? Conheces todos.

– Não conheço o único. O Uli...

Era verdade. Evitava apresentá-lo? Ou apenas coincidência? Os dois sempre em casa dela e nunca se encontraram. Saía um e entrava o outro, cruzavam talvez na escada. Durante mais de um ano, era fantástico. Os dois conheciam a existência mútua, Lu falava sempre num ao outro, e não se conheciam. Foi de propósito? Hoje já nem sei. Mas houve uma intuição nesse momento.

– Mil vezes te disse, Marina, nunca houve nem haverá nada com o Uli. É outra coisa, é superior às coisas terrenas.

– Amor platónico e místico, é bonito!

– É claro que convido o Uli para a festa, nem poderia ser de outra maneira. Não imagino festa minha sem o Uli. E ele arranja a cerveja, nem que fosse só por isso.

E fizeram a festa e o Uli veio e Lu apresentou-os, esta é a Marina, e se olharam e se apertaram as mãos e não mais se largaram. Incompreensivelmente, o coração de Lu sapertou. Uma gota de sangue fica sempre na ponta da flecha.

E veio o momento das opções. Marina era basquetebolista mas teve de abandonar o clube e por isso o basquete, porque o treinador

a ameaçou de lhe deixar no banco se não fosse para a cama com ele, podia até ter proposto isso antes que ela aceitaria, é um borracho, te digo, mas agora já não dá, existe uma coisa no meio chamada Uli, e ela mandou o clube à merda porque acreditaram no treinador que negava tudo, precisavam mais dele do que dela, e teve de abandonar o apartamento do clube que partilhava com outras jogadoras de fora de Luanda e Lu disse vem cá para casa, a sala se transforma em teu quarto, até é melhor para mim. E Marina passou a viver com ela, se dedicou apenas ao curso. E a Uli. E depois chegou a vez de Lu optar também. Abandonou o curso de Biologia pelo estágio de dança moderna em Paris. Faltavam três anos para terminar o curso. Quando regressou, os amigos insistiam para voltar a estudar, só perdeste um ano afinal, mas não aceitou, ela abandonava na mesma se não fosse para Paris, estava farta de ver ao microscópio os bicharocos fazerem coreografias que ela conseguia copiar, os cromossomas se movimentarem sem articulações, sem ossos, se sentia frustrada por não ter todos os movimentos da Natureza, desistiu de descobrir os segredos da vida, dela só queria o movimento. Marina tomou conta do apartamento enquanto ela esteve ausente. Ao regressar, soube do aborto. Também se entristeceu com Marina, choraram as duas. Mas tinha de ser, o curso estava acima de tudo.

A amiga falava, falava. Depois calou e trouxe o almoço, não te deves levantar, comes mesmo na cama, e lhe pousou o tabuleiro no colo. Trouxe também um tabuleiro para si. Comeram as duas.

Timóteo chegou logo depois do almoço, destapa-te, mostra lá essas belas pernas de bailarina, hoje é que vou regalar os olhos. Examinou atentamente o sítio, obrigou-a a fazer movimentos com a perna. O médico sentou na cama, sorrindo, acho que o Uli já fez tudo. Foi o meu melhor aluno, não admira. Timóteo era um branco alto do Bié, óculos e barba à Trotski. Tinha uns trinta anos mas já era Assistente na Faculdade. Daí vinha a amizade com Uli. Foi ele que ajudou Marina a se desembaraçar do filho precoce.

– Dois dias de repouso e ficas boa. Se até lá ainda doer, então fazemos uma rádio. Pode haver ligeira rachadura no fémur, mas não acredito. Tens aí umas belas carnes que amorteceram o choque. Vai massajando sempre com o gelo.

Marina estava encostada à janela, muda, se sentia intimidada diante de Timóteo, por causa do aborto.

– Queres um café? – perguntou Lu.

– Não, ainda não comi. O Uli telefonou e eu vim logo. Como podia deixar uma artista sofrer? É preciso respeitar os talentos...

Lu sabia ele estava brincar mas gostou. A presteza com que veio mostrava interesse. Apenas profissional? O médico era casado, mas isso não queria dizer nada, tinha fama de gombelador, alguns falavam mesmo de poligamia. Curibotices, certamente.

Timóteo foi embora, prometendo voltar amanhã. Marina descolou da janela, pôs um velho disco de Elias dia Kimuezu, vou estudar. Lu puxou o caderno que estava na cabeceira, se pôs a escrever. Sons de marimba e imagens de chanas amarelecidas se baralhavam nas palavras. Talvez também sons amortecidos de palmas batidas ritualmente. Foi isso que despertou Lueji, sentada sozinha na sala de audiências. Levantou vivamente a cabeça e à sua frente estava Kandala, o adivinho, saudando.

– Bem-vindo, pai.

– Desculpa entrar assim, mas além do guarda da frente, não estava mais ninguém.

– Senta, Kandala. Queres beber alguma coisa? Ele sentou pesadamente, estava muito velho e o corpo endurecia. Fez um gesto de negativa.

– Não fui à cerimónia, estava muito cansado e essas coisas são longas. Mas quis vir cá visitar-te. E te dizer podes contar sempre comigo.

– Eu sei, pai, e te agradeço. Sentia-me sozinha.

– Não foi isso que me segredou o coração? Toda a gente dança nas ruas, menos tu. Não queres ir?

Ela abanou a cabeça. Kandala sorriu, arreganhando ainda mais as rugas que lhe cortavam a face. Era alto, muito mais alto que a média dos lundas e andava curvado pela velhice, ajudado por uma bengala artisticamente esculpida. Oferta de Yala Muako, o pai de Kondi.

– Compreendo. São sempre mais alegres as festas dos outros.

Lueji assentiu com a cabeça. Eram dotes de adivinho ou apenas dum velho que muito da vida conhecia? Em Kandala nunca se sabia onde terminava um dote e começava o outro.

– Não foste preparada para isto. O teu pai perdeu muito tempo a ensinar Tchinguri. Alguns Tubungo também. Sem proveito. Para ti não houve tempo de aprendizagem. É mais duro. Quando se aprende uma função que se vai executar, uma pessoa habitua-se à ideia. E ganha confiança. Depois já não lhe custa. Tens agora de recuperar o tempo perdido.

Perdido? O tempo da felicidade e das brincadeiras foi perdido? O tempo dos sonhos do lago azul rodeado de rosas de porcelana, únicas no universo? Únicas não, havia muitas nas nascentes do Cassai, de onde foram trazidas, como lhe tinham ensinado. Ceptros de Kaweji, lhes chamava Chinyama, o inventor de nomes. Se sentia menos só com elas, tinha de as mandar buscar. Ou ir cortá-las ela própria. Kandala não seria uma boa companhia? Não, era demasiado violento para ele, já estava velho. Desistiu da ideia. Mas ele falava:

– O grande poder dum chefe é o povo acreditar que ele pode fazer vir a chuva. Penso, é por aí que devemos começar. Se estás de acordo, amanhã cedo.

Lueji assentiu com a cabeça, sim, isso era importante, até porque já era época de chuvas e o céu continuava limpo.

– Durante uns tempos vou morar aqui em Mussumba. Assim não caminharei muito.

– Vou mandar fazer uma chipanga para ti, aqui perto.

– Não é preciso. Fico com a minha filha. Mas obrigado, rainha. Começamos a aprendizagem amanhã. Da chuva, mas também de outras coisas. Conheces bem a História da Lunda?

– Conheço o que todos os jovens conhecem. Não mais.

– É pouco para um chefe. Os Tubungo utilizam muito nos Conselhos as histórias antigas. Por vezes só sugeridas por uma imagem ou um nome. E o chefe dos Tubungo tem de entender logo sobre o que estão a falar, qual a lição se pretende tirar. De caça e pesca tu sabes, sempre ouvi dizer eras a única rapariga que ousava acompanhar os rapazes.

Lueji sorriu ao recordar. Era isso mesmo que gostava fazer e sabia todas as armadilhas de caça e todas as maneiras de pescar no rio, com nassas ou com lanças. Também era mestra a atirar a funda.

– Isso não precisas aprender. Mas a arte dos kimbandas? Tens de saber um pouco.

Ela abanou a cabeça, de medicinas não sabia nada. E lhe causavam medo, embora reconhecesse a utilidade.

– Também tens de saber comandar um exército, mesmo que nunca necessites de o fazer. Mas deves compreender o que dizem os comandantes, não deves confiar neles só à toa. Além disso, neste momento as coisas estão confusas. Não se sabe muito bem quem deva comandar, se uma guerra estala. Terá de ser uma das tuas primeiras obrigações. Nisso pouco te posso ajudar. Mas Kakele foi um brilhante comandante. Ele vai te ensinar tudo o que sabe. Já está velho para combater, mas a cabeça ainda está boa.

Lueji ouvia e se assustava com tanto que tinha a aprender.

– O mais urgente é a ligação com a chuva – disse ela. – É para o bem do povo.

– Por isso começamos já amanhã. Mas não te iludas. Isso não basta. Um chefe tem de saber pelo menos um pouco de tudo o que todos os homens sabem. Tudo o que ajuda um chefe a governar é para o bem do povo. Povo com um chefe que não sabe é como uma manada de elefantes com um guia maluco. Nunca viste? Eu também não, mas ouvi contar. Se o guia dos elefantes enlouquece, é o fim do Mundo. Chocam-se uns com os outros, atropelam as crias, lutam entre si, o bando se desfaz. Com os homens é parecido. Cada um tem a sua vontade e pensa só devo cumprir a minha vontade. O que é seu é mais importante que tudo o resto. É o chefe que deve fazer sentir que a vontade de todos é mais forte e melhor que a de cada um. Não é fácil, por isso tem de ser sábio e capaz de ouvir muito. Ouvir, ouvir, ouvir. Ouve mais do que fala para, quando falar, dizer só coisas definitivas. As conversas com os espíritos dos antepassados ajudam muito. Mas também tem de se aprender a falar com os espíritos.

Tanta coisa! Porquê Tchinguri lhe fez isto? Porquê não mereceu o trono que pretendia? Foi ele o culpado de ela estar agora nessa situação. Isso nunca lhe perdoaria.

– E há mais, Lueji. Há sempre mais, quando um velho fala. Tens de ter paciência. Os Nganji resolvem muitos casos de justiça, quase todos. Mas os mais graves, os que põem em perigo o povo inteiro,

esses têm de ser resolvidos pelo chefe dos Tubungo. Precisas aprender a julgar. Tens de conhecer grandes julgamentos e decisões do passado, com elas aprendes a ser justa. Talvez seja o mais difícil. Esperemos nos primeiros tempos não apareçam casos complicados, pois é uma aprendizagem longa.

– Por favor, Kandala, chega. Já estou tonta só de ouvir o que tenho de aprender.

O velho sorriu. Ficou um bocado calado, olhando para ela. Depois continuou:

– Muitas vezes vais ficar tonta de tanto ouvir e procurar não esquecer nada. Mas vais conseguir.

– Como sabes vou conseguir?

– Porque é necessário. Sempre foste capaz de fazer o que tinha de ser, não é verdade?

Porquê Kandala fazia tudo isso? Tinha prometido a Kondi. Mas não só por isso. Ajudou o poder a vir para a sua linhagem, agora ia tudo fazer para o lukano nela permanecer. Efectivamente, o grande adivinho era irmão da mãe de Nayole, tio-avô portanto de Lueji. Pela mãe, Lueji pertencia à linhagem dele. Com a entronização de Lueji, o poder tinha passado para a linhagem de Kandala, uma linhagem importante sem dúvida, mas que normalmente não podia aspirar ao poder máximo. Tchinguri e Chinyama pertenciam a outra linhagem, pois a mãe era outra. Linhagem que se sentia prejudicada por ter perdido o lukano. Linhagem que sempre seria inimiga, isso Lueji sabia.

– Pai, como faço para evitar o veneno?

Kandala sorriu. Ficou olhar apreciadoramente para ela, acenando com a cabeça, como que a medir. Disse suavemente:

– Não te preocupes com isso. A rainha tem muito em que pensar e não tem tempo para vigiar a sua comida. Por isso eu pedi à tua mãe. Ela vai se ocupar disso, já começou no dia em que foste escolhida para o trono. Nunca comas nada, se ela não estiver presente. Pois só ela sabe o que vigiou e o que não vigiou. Ela não te falou desse meu pedido? Então foi para não te assustar. Mas claro, tu já descobriste donde pode vir o perigo, és muito esperta. De quem foi a ideia da nova onganda, afastada das outras mulheres do teu pai?

- Foi minha. E a mãe concordou logo, ela mesma dirigiu as obras.
- Foi muito prudente. A paliçada tem uma passagem escondida?
- Tem, pai. Só nós conhecemos.
- E quem a construiu?
- Dois sobrinhos da minha mãe. Um é filho de Salukunga.
- Muito bem, Lueji. Como vejo, já és prudente como um grande e velho chefe, o cágado.

Ela calou. Tinha ficado mais tranquila se houvesse outros meios de evitar o veneno. Insistiu.

– Mas, pai, não há uma maneira de tirar a força do veneno se toda a vigilância falhar?

– Não, filha, não há antídoto. Alguns kimbandas dizem conhecem o segredo, como o que evita picadas de cobras ou de lacraus. Mas não acredito. Se envenenam uma pessoa, eu posso saber quem o fez. Mas não posso evitar que o envenenado morra. E nunca vi outro consegui-lo. É preciso estar sempre atenta... Tenho um sobrinho, Kumbana, conheces?

Era também sobrinho de Nayole. Vivia longe, era o chefe duma aldeia grande na margem do Cassai, um Tubungo respeitado. Lueji foi com a mãe visitá-lo uma vez, ficou lá o tempo de a Lua voltar à mesma posição. Dessa estadia guardava belas recordações, sobretudo de nadar no grande rio cheio de hipopótamos e das caçadas que fez com Kumbana, seu mais-velho mas alegre e brincalhão como um jovem. Claro se lembrava bem de Kumbana.

– Se estiveres de acordo, vou chamá-lo para Mussumba. Fica o chefe da tua guarda. Com ele, podes estar tranquila. É um guerreiro experiente, vai ele mesmo escolher e treinar os guardas. E será absolutamente fiel. Não conhece bem os segredos de Mussumba, porque sempre recusou sair do Cassai. Mas para ser teu guarda não precisa conhecer os segredos dos Tubungo, não será teu conselheiro. Apenas os teus olhos e o teu braço. Posso chamá-lo?

– Sim, por favor, Kandala. Preciso dum guerreiro ao meu lado. Até já devia ter vindo.

– É possível que ele tenha decidido vir saudar-te. Para ganhar tempo, é bom preveni-lo já. Antes de partir, pode indicar um filho ou sobrinho para o substituir no Cassai. E vem com alguns homens de confiança.

A mãe de Lueji assomou à porta. A rainha fez sinal para ela entrar. Nayole obedeceu e cumprimentou respeitosamente o tio. Sentou no chão, sobre uma pele de ondjiri. Kandala explicou tinham resolvido chamar Kumbana e os olhos dela se iluminaram.

– Tenho estado com muito medo, pai. O perigo vem da família de Tchinguri. E os guardas eram fiéis a Kondi. Mas serão à filha dele? Sobretudo Kakaya, o chefe da guarda. Ultimamente ia muito a casa de Tchinguri e se embebedavam juntos.

– Sim, por enquanto o perigo vem daí – disse Kandala. – Por enquanto... Mas não falem a ninguém sobre Kumbana. Até ele chegar e a Lueji o nomear. Outra coisa. Quando Kumbana vier, manda-o fazer uma outra saída secreta. Que só ele e vocês as duas conheçam. Durante estes dias, Kakaya pode descobrir a actual saída, não deve ser difícil para o chefe da guarda descobrir. É sua função estudar todos os dias a defesa da paliçada.

Lueji pensou, cansada, de repente virei uma pessoa mais frágil, que é preciso proteger das sombras que antes se não agitavam. É isso o poder, o que torna uma pessoa mais importante e ao mesmo tempo mais vulnerável?

– São apenas precauções necessárias – disse Kandala. – Não creio que eles tentem imediatamente qualquer coisa. Tchinguri só pode aspirar ao trono, usando a força. E neste momento está isolado, não tem muita força.

– Ndumba ua Tembo deve ter mais – disse Lueji.

– Se fores esperta, equilibras a força dos dois. Enquanto vais arranjando a tua.

Lueji contou então a conversa que teve com Chinyama. Kandala sorriu ao ver a animação que passava pela voz da rainha. Ouviu tudo e depois se levantou. Falou de pé, apoiado sobre a bengala.

– Estás aprender rápido. Nunca esqueças, o poder é como um jogo. Como o cutangaje, que outros chamam tchela. O cutangaje é só para homens, mas uma rainha deve saber jogar. Vou arranjar alguém para te ensinar isso. Ajuda a vencer os adversários pelo pensamento, é um bom treino.

Kandala se despediu, voltaria amanhã cedo.

Os ngomas ressoavam lá fora. As pessoas dançavam e bebiam e fugiam para o mato fazer amor. E ela ali enclausurada. Vontade de ir

até ao lago. A mãe disse estás maluca, não estou nada, vamos disfarçadas, sem guardas, vamos, mãe. E saíram, com panos na cabeça, pela passagem secreta. Depressa se misturaram com o povo que festejava. Num largo ali perto havia a concentração maior. Muatas, facilmente reconhecíveis pela sala de plumas de papagaios cinzentos que lhes coroavam as cabeças, camponeses e pescadores, só com a tanga e de troncos nus, todos dançavam em roda, as mulheres dum lado, os homens do outro, os ngomas no meio. As mulheres vinham até aos homens provocar, batendo os pés e mexendo as ancas. Depois os homens iam até às mulheres, batendo palmas e pés, dando saltos, ao ritmo frenético do batuque, estimulado pela ualua e ndoka das cabaças. Por vezes apareciam mulheres com quindas de peixe ou carne fumada. A dança não parava, as gentes iam se servindo na passagem. As crianças eram as mais animadas, se metiam nas danças, passavam entre as pessoas, corriam e riam. Num ou noutro sítio, os bailarinos mascarados, representando os muquixes, se misturavam agora na dança do povo. Já tinham actuado antes as suas danças sagradas, chocalhando com os tornozelos o ritmo alucinante.

Lueji e a mãe, com os panos à cabeça, não foram reconhecidas. Mesmo os homens mais bêbados não se metiam com elas, as tomavam por duas velhas cheias de frio, já demasiado à beira da morte para dançarem. Viram o muata Kakele, a cair de bêbado, seguro por duas mulheres, a caminho de casa. Viram um jovem dançarino, brincando sozinho, com acrobacias e saltos mortais, aplaudido pelas crianças. Viram Musole, abraçada a um homem, fugir para o mato. Viram muata Mbumba, imponente com suas peles de grande caçador, disputar aos encontrões uma perna de livongue, levar a melhor sobre os contendores e dar uma dentada que quase acabou com a carne, aplaudindo, viva a nossa rainha. Mais à frente, sentado num banquinho, estava Chinyama, agarrado a uma rapariga que lhe deitava ndoka para uma cabacinha. Tchinguri não estava com ele. Passaram o largo e entraram para uma rua com menos agitação. As pessoas andavam apressadas, dum largo para outro, a ver onde a festa estava mais animada. Logo desembocaram noutro largo, onde se dançava também ao som do batuque. Os tocadores estavam cansados, há uma semana que se revezavam

para que o batuque, por uma razão ou outra, nunca parasse. E não havia assim tantos tocadores em Mussumba. Neste segundo largo havia menos gente e não se via comida, apenas uma ou outra cabaça de hidromel. Por isso a população confluía para o primeiro largo, mais perto das residências reais. Mas viram muata Kakolo, dançando apesar da velhice. Atravessaram o largo e saíram da cidade. Ainda era dia, mas estava fresco. Já era época de ter começado a chover e a aquecer o tempo, mas o cacimbo este ano estava renitente em ir embora. Tenho de ver isso, pensou Lueji, começa mal a minha chefia se vem logo uma seca. O que era o mais certo, pois o chefe dos Tubungo morreu antes da transição e não pôde chamar a chuva. Avançaram em silêncio para o lago, por vezes ouvindo restolhar no capim, ao lado do caminho. O restolhar dos pares no amor. Também ela fugia com rapazes para o capim em tardes de dança como esta. Sempre com medo que Tchinguri descobrisse, aí sim, ele viraria um oma-kisi de raiva.

Chegaram ao lago e caminharam à borda dele, até ao sítio dos ceptros de Kaweji. Não havia ninguém. Lueji puxou o punhal que agora sempre usava, se abaixou ao nível do solo e cortou alguns pés de rosas de porcelana. Sentaram depois a olhar o lago, os ramos de flores no colo. Se ouvia ao longe o batuque, rítmico que entrava em todas as coisas, no azul mais azul da água, na mancha rosa no meio do verde, na terra vermelha e negra donde brotavam os fetos e as begónias.

– Sou a soberana, mãe, mas nada posso fazer. Até para vir ao lago tenho de vir disfarçada.

A mãe não respondeu. Só olhava o lago. Mas no canto do olho, tremeluzia uma lágrima.

3

Lu melhorou da luxação e voltou a ensaiar. Sempre com medo dos algozes, que a deixavam cair, para furor de Uli. O bailado estava comprometido pela falta de música. Nenhuma que os compositores pariam agradava ao checo. E ele tinha razão, nem mesmo a última tentativa escapava, apesar dos sons electrónicos e sintetizadores computadorizados. Afonso Mabiala se retractava perante os amigos, no bar ao lado:

– Eu sei essa música é uma porcaria. Meti-lhe electrónicas como os franceses metem molhos na carne para disfarçar a qualidade. Mas a base é má e não é o computador que a vai salvar. Não dá mais, desisto.

– Mas qual é o mambo? – perguntou Lu.

– Não sei, não sai. Deve ser da estória. Se fosse o *Cahama* original, de certeza já tinha feito a música há muito tempo. Agora esta estória, com romantismos no meio... É muito europeu.

– O drama não é só europeu – disse Uli.

– Oh, não era isso queria dizer – corrigiu Afonso. – Vou tentar explicar. Estes dramalhões de mulher morta e noivo que chora, quer queiramos quer não, sabem-nos a europeu. Porque apareceram em mil peças de teatro e filmes. Estamos fartos de amores infelizes. Estou numa de fazer música nossa, para realidades nossas. É isso. E o checo a gritar, não serra essa música, preciso música dramática, heróica... Que se lixe!

– Mas esse drama existe na estória original – disse Jaime, provocando o compositor.

– Existe, mas contado à nossa maneira. Não é melodramático, o drama sai natural. E tem a linguagem do comandante a salvar tudo com os seus porras e filhos-da-puta, o leitor ri no meio do drama. Nós sempre rimos das nossas tragédias, é característica nacional. Mas o checo acrescentou sentimentalismo demais e não soube

adaptar a linguagem do comandante. Não entendeu nada, estragou tudo.

– Não alinhavas numa de marimbas? Um heroísmo latente, não necessariamente expresso, uma sensualidade difusa, sem dramalhões de gestos a arrancar corações, uma mulher que ultrapassa o seu medo e a sua fraqueza para...

Lu sinterrompeu e os outros olharam, admirados. Ninguém pegou na palavra que ficou a tremular, órfã. Ela sorriu timidamente, bebeu a cerveja, encolheu os ombros.

– Temos de ir – disse Lu. – O checo já deve estar nervoso.

E ela levantou. Mas Uli lhe segurou na mão, espera aí, Lu, que andas a magicar? Ela voltou a sorrir e retirou a mão, que queimava, Uli falou para os outros:

– A Lu anda a esconder-nos qualquer coisa. Essa das marimbas tem algo atrás. Sei que anda sempre com um caderno onde toma apontamentos, parece virou escritora. E vai muito ao Centro de Investigação Histórica ler livros sobre a Lunda.

– Quem te disse? – perguntou Lu, um pouco assustada.

– O Herculano.

– Oh, esse é um historiador mujimbeiro.

– Olha, Lu – disse Afonso Mabiala. – Se estás com alguma ideia para eu fazer uma música... com marimbas e mulheres... apita lá que largo o checo hoje mesmo. Com ngomas e chingufos da Lunda? Isso é uma maravilha.

– Não, não é nada. É ainda só uma ideia difusa. Vamos que o checo está à espera.

E saíram do bar, voltando para os ensaios. Menos Mabiala, que se afastou pela Marginal trauteando, procurando inspiração para a música conveniente do drama da Cahama. Se nada saísse nos próximos dias, tinham de adiar a estreia, pois não daria tempo para ensaiarem. Mabiala se sentia culpado. Tinha concordado imediatamente em fazer a música, pois pensava se tratar da estória de Dinoluan. E compôs a primeira versão nesse sentido. Uma boa música. Só depois se apercebeu o bailado tinha pouco a ver com a estória original e a música estava deslocada. Tentou então outras composições, mas eram artificiais, não havia nada dele ali dentro. Nem com efeitos especiais para disfarçar. E agora iam dizer, não há

bailado porque o grande Afonso Mabiala conseguiu compor. Que desprestígio! Sacana de checo, não podia muito bem seguir a estória e deixar de modificações ao gosto do realismo socialista? Ora porra, afinal a estória é nossa! E coitada da Lu, a ter de dançar ao som de Katchaturian e a bater os pés no chão como os cuanhamas. Ela é toda de formas suaves, para dançar música de flautas e marimbas. Marimbas, é isso, ela tem razão. Só que o checo matava-me se metesse marimbas no Cahama, ali só mesmo rugido de canhões, címbalos e pratos a chocar... Triste vida a de músico de encomenda.

Mas não era só a falta de música que comprometia a peça. Também os bailarinos principais, Lu e Uli. A dança de amor dos dois, no meio do bailado, desesperava o coreógrafo. Ou ficavam demasiado tímidos, evitando se tocar, ou pelo contrário esqueciam tudo e se sentia uma sensualidade tremendamente forte que saía dos corpos dos dois. Era muito bonito, sem dúvida. Tudo parava no ensaio para os contemplar. Era mais que bailado.

– Isso é fazerr amorr no palco! – gritou o checo, nesse dia, sem se poder conter.

O coreógrafo não era parvo e sempre evitou expressar a sua opinião. Mas dessa vez foi forte demais, conseguiu de calar o grito. E agora sabia tinha estragado tudo.

Os bailarinos se separaram de repente. E ficaram de cabeças baixas, intimidados. A verdade escondida tinha estalado à vista de todos, pela explosão do checo.

– Desculpa, desculpa, não é isso querrer dizerr – tentou emendar o coreógrafo.

Mas Lu já nem ouviu e correu para o camarim, Uli olhava o checo, aparvalhado. Fez menção de seguir Lu, mas sarrependeu. Foi sentar numa cadeira, a cabeça entre as mãos.

– Dança dos combatentes, dança dos combatentes! – gritava o coreógrafo, tentando mobilizar o grupo.

Mas ninguém mexeu, cada um pensando na verdade ou mentira da cena que passara à sua frente. Juntavam os detalhes conhecidos, a protecção constante de Uli a Lu, a harmonia quase diabólica com que conseguiam coordenar os movimentos dos corpos, o estranho fascínio desprendido pelos dois quando juntos,

então isso não era mesmo fazer amor a dançar, sem talvez saberem?

O checo gritava e batia palmas, vamos, vamos, espectáculo quase quase, mas ninguém que lhe ligava, tudo olhando Uli com as mãos na cabeça, afinal era verdade? Começou a soar a música da dança dos combatentes, mas nenhum som fazia mexer um músculo, a música enérgica se escoava pelas paredes, infrutífera. E viram Lu sair pela porta, um punho a limpar as lágrimas.

Havia de contar mais tarde, a vergonha não a fez fugir. Foi a desorientação de saber descoberta uma coisa que ela própria desconhecia. E em público. Sobre si, mas principalmente sobre Uli. O desejo afinal era recíproco. Quando ela contou, aprendi ser possível se descobrir muitas verdades numa só e ao mesmo tempo. Nada é único. Felizmente estamos sempre a aprender. A morte é apenas a impossibilidade de aprendizagem. A aprendizagem de Lueji, essa, começou no dia seguinte. Kandala trazia os seus instrumentos mágicos, se fechavam na sala de audiências, a porta guardada pela mãe e pelos sobrinhos para ninguém interromper. Ficavam assim todo o dia, até lhes ser servido o xima da tarde. Kandala ia embora, cansado de tanto falar. E Lueji recebia os Tubungo que vinham apresentar problemas.

Passou uma semana e ela já estava preparada para fazer chover. O que se tornava cada vez mais urgente. Durante as cerimónias, o povo não se preocupou muito com a persistência do cacimbo. Mas depois da ressaca começaram a murmurar é a seca, é a seca que se abate pela morte violenta e prematura de Kondi. E os Tubungo iam a Lueji manifestar preocupação, se o povo teme calamidade, nunca se sabe, tudo pode acontecer, até mesmo assaltarem os celeiros das casas nobres, heresia sem nome. Os Tubungo sugeriam, apressa a vinda da chuva. Mas era necessário esperar que a Lua estivesse na posição propícia, não é em qualquer altura que se chama a chuva, por muito poderoso que seja o soberano. Azar maior era se as regras de Lueji coincidissem com a fase da Lua, pois nessa altura ela não podia usar o lukano e portanto estava sem força para atrair as nuvens negras. A rainha começou a se inquietar com a demora do fluxo menstrual. Já devia ter vindo também. Tudo o que era natural atrasava agora na Lunda, a

mudança de poder tinha influído na ordem cósmica, era preciso esperar e invocar os espíritos dos antepassados, dizia Kandala.

Os dias se seguiam e as dores da menstruação não vinham. Lueji andava cada vez mais nervosa, ao mesmo tempo que o povo se angustiava com a falta de chuva. Mais quinze dias e o massango e a massambala não germinariam. E Kandala lhe veio dizer a fase propícia da Lua é daqui a uma semana.

Kumbana chegou com as mulheres e filhos, mais os homens da sua escolta. Trazia presentes para a soberana e sal vindo das terras onde reinavam os Ngola. Lueji nomeou-o chefe da guarda, mas chamou Kakaya e lhe falou, vou precisar de ti para uma missão de grande responsabilidade, só posso confiar no chefe da guarda de meu pai. Kakaya aparentemente aceitou a substituição sem muita mágoa, na esperança da grande missão de tanta confiança. Mas Tchinguri não gostou, a rainha começa a afastar os homens da linhagem de meu pai, a se rodear dos da sua. Decidiu pedir uma audiência, o que ainda não tinha feito apesar dos conselhos de Chinyama. Mas antes reuniu os amigos e insinuou a chuva este ano não vem, a chuva não aceita ser chamada por uma mulher. Todos os dias a rainha vai ao rio invocar os espíritos mas consegue, eu sei pois tenho gente a lhe vigiar os passos. Os muatas amigos dele mais preocupados ficaram e foram contar ao povo. E o mujimbo correu solto pelas ruas de Mussumba.

Muata Kakele veio todo nervoso falar a Lueji, contar o desespero do povo. Já se lamentavam nas casas, passada a alegria de ter uma soberana popular, agora punham em causa a decisão do Conselho de ter escolhido uma mulher, contra todas as tradições. Era preciso fazer alguma coisa. Ainda não chegou o tempo, disse Lueji, encontrando voz firme apesar de todas as dúvidas. E o povo dançará quando chover. Que seja rápido, que seja rápido, rezou muata Kakele.

Mas a firmeza do tom soçobrava logo que ficava sozinha. As regras não vinham e os dias iam passando. Foi nessa noite, Tchinguri bateu à porta. Trazia uma bela pulseira de cobre vermelho, com baixos relevos representando a grande serpente criadora do Mundo.

– Para mostrar a muita amizade que tenho pela minha irmãzinha.

Lueji recebeu-o muito bem e mandou servir bebidas. Notou imediatamente ele não trazia as milúinas de sucessor. Chinyama convenceu-o? Ou a astúcia? Um pouco de humildade ajudava-o nesse momento de espera. E não provocava inutilmente a raiva dos Tubungo. Para lhe agradar, Lueji colocou logo a pulseira no braço e não parava de a contemplar. Era realmente um belo presente. Falaram dos tempos bons da infância, dos amigos comuns, e a rainha aceitou beber com ele. Já nas despedidas, Tchinguri disse:

– Espero que tenhas perdoado o que passou com o pai. Eu não tinha intenção de provocar a morte dele. Foi o vinho.

– Eu sei não foi de propósito. Todos sabem, aliás. Não falemos mais nisso.

Tchinguri prosternou-se, obrigado, maninha, esperava a tua compreensão. Se levantou e já na porta lançou:

– Olha, Lueji, tens de chamar a chuva rápido. O povo está desesperado. Muitos muatas agora dizem foi uma asneira deles terem escolhido uma rainha que não pode falar com as nuvens. Eu bem tento defender mas eles não me ouvem.

O sorrisinho de lado é que irritou Lueji. Grande cínico! Percebeu logo donde vinha a agitação. Foi se deitar muito nervosa, com vontade de chorar. Então era Tchinguri que andava a soltar a confusão pelas ruas. Mas não ia chorar, ia enfrentar o cinismo dele e a subversão criada pelos seus amigos. Tchinguri, Tchinguri, ao amor me pagas com o ódio, só porque cumpri a vontade de nosso pai? E rindo de lado, ainda por cima. A raiva dela era tanta que nessa noite vieram as regras.

Depois foi a angústia dos dias seguintes. Geralmente o fluxo menstrual lhe durava três dias, mas tudo na Lunda estava alterado e ainda no quarto não podia usar o lukano, escondida de todos menos de Kandala. Este dizia não há medicinas para isso, é preciso ter paciência, como veio assim vai. E no dia mesmo em que a Lua se colocou em posição propícia, as regras tinham ido embora. Os espíritos dos antepassados estão só a brincar com as minhas dúvidas, estão a preparar a minha têmpera, como os forjadores dizem do ferro. Deve ser esta noite, avisou Kandala. Espero não esqueces nada. Não podia esquecer, tinham repetido todas as palavras e operações dezenas de vezes.

A cerimônia era secreta e feita no maior sigilo. Por uma questão de prudência. Se falhasse, o povo não devia saber o soberano tinha tentado e fracassado. Isso tirava o prestígio ao chefe. Só meia-dúzia de pessoas mais chegadas ficavam ao corrente da tentativa. Se a seca persistisse, era porque não chegara a altura propícia e o soberano aguardava o momento ideal. Nunca podia falhar.

Mas Lueji sabia, começava a reinar em momento difícil. Logo no primeiro mês o povo duvidava das suas capacidades. Tinha de jogar forte. Arriscar e ganhar, desafiar Tchinguri no terreno dele. O poder é como um jogo, lhe disseram. Não preveniu Kandala do que pensava fazer. Chamou Musole, lhe disse esta noite vou ao lago chamar a chuva. E despediu-a. Logo o mujimbo correu pelas ruas de Mussumba, é esta noite que a rainha vai fazer chover. Convocou depois Kumbana, lhe pediu para juntar os homens necessários até rodearem o lago, a uma distância de cem metros, para que ninguém se aproximasse das águas e visse o que faria a soberana. Os soldados deviam também ficar de costas para o lago.

E à hora propícia, Lueji foi na liteira transportada por doze homens, com Kumbana marchando a seu lado. As pessoas saíam das casas e se arrojavam no chão, esfregando terra no corpo, que a rainha traga a chuva, todos admirados porque nunca tinha acontecido o segredo mais secreto dos Tubungo ser assim violado. Na casa da filha também Kandala ouviu o mujimbo, ficou primeiro aterrorizado, havia espiões mesmo junto da rainha, só podia ser isso e então estava tudo perdido, os inimigos sabiam até os seus pensamentos mais íntimos, ou então Lueji era duma ingenuidade total e não servia mesmo para soberana, e nestas dúvidas e terrores saiu à rua, a tempo mesmo de se ajoelhar no chão porque passava a rainha, e ela lhe sorriu e no sorriso travesso dela compreendeu que não foram espiões nem a ingenuidade que fizeram vazar o mujimbo mas a própria vontade dela, nascida para jogar e vencer. Acalmou os receios, se fechou na casa e invocou todos os espíritos que conhecia, durante a noite inteira, para ajudarem a soberana que nesse momento tinha jogado o poder na rua com o fim de o recuperar multiplicado. Ou perder a vida. Porque erros desses só se podiam pagar com a vida.

O séquito chegou ao lago e se afastou, deixando Lueji sozinha, no sítio dos ceptros rosados. Kumbana foi dar a volta ao lago, para se certificar que ninguém podia observar a rainha. Se alguém visse a mínima coisa da cerimónia, esta estava irremediavelmente perdida, a seca ia se estabelecer definitivamente e o povo desaparecia.

Lueji se pintou com pemba e fez todas as operações secretas que lhe ensinara Kandala, e que seu pai tinha feito um dia, e que o pai de seu pai tinha feito, até à grande serpente que transmitiu o segredo aos primeiros pais dos homens, para com esse segredo sobre eles reinarem. Depois invocou os espíritos dos antepassados, recitando as ladainhas devidas a todos eles.

Quando terminou, recapitulou para ver se nada tinha esquecido. Tudo estava em ordem. Cortou uma rosa de porcelana e se sentou no rochedo, a flor no colo, olhando a Lua e conversando com o espírito do seu pai:

– Kondi, meu pai, sempre te respeitei e cumpri os teus desejos. Até esse último e o mais terrível de todos, ser rainha. Fiz tudo o que disseste e um dia passarei o lukano ao meu filho, para perpetuar a tua memória. As tuas mahambas sempre serão cuidadas e na tua campa nunca faltará a comida e o vinho de palma, para te alimentares e distraíres. Isso eu te prometo. Mas agora ajuda-me a salvar o povo da Lunda. Não por mim, que nada valho, entreguei o meu futuro à promessa que te fiz. Salva o povo da Lunda, espírito de Kondi. Intercede junto dos espíritos de Namutu e Samutu, roga-lhes para trazerem a chuva ainda hoje, vai falar a Tchyanza Ngombe, a grande serpente, pois só tu podes ter essa coragem, explica dentro de dias o massango e a massambala perderão a força de romper a terra dura e o teu povo virará errante à procura de raízes e de folhas pelas matas da fome como os homens amarelos que desprezamos por isso. Fala, Kondi, filho de Yala Muako, fala e convence. É a tua filha que te pede, aquela que te segurou a cabeça quando expiraste.

No vento ligeiro que se levantou e na sombra que passou pela cara da Lua, compreendeu, o espírito do pai tinha ouvido e se comovido. Esperou, tranquila, o amanhecer. Tinha feito tudo o que podia, só restava esperar.

E a aurora veio escura e feia, com um vento trazendo as nuvens negras do Ocidente, de lá donde vinha o sal, a terra de Luanda.

Quando as primeiras gotas caíram, Lueji respirou fundo o cheiro da chuva que a ela se antecipava, e avançou para onde estava a liteira, na mão a rosa de porcelana. Os carregadores da liteira, molhados pelo frio da chuva, aclamaram-na. Se deitaram no chão e passaram terra pelos braços, em saudação. Nos olhos atónitos se via o muito respeito e temor que deviam a um chefe tão poderoso, que diz antes o que vai fazer, tanta é a certeza da sua força.

O barulho da chuva a cair no capim dos telhados e a formar charcos nas ruas de terra vermelha despertou os habitantes de Mussumba. De modo que, ao entrar na capital, Lueji foi acolhida por uma multidão de seres rendidos à sua força e as aclamações subiam aos céus espessos e frios, mas ninguém sofria com o frio e a chuva, rendiam homenagem à rapariga que salvara as culturas e as gentes. Também Tchinguri acordou, ouviu as aclamações, muxoxou despeitado, essa minha irmã tem muita sorte. Sorte não, tem um Kandala. O povo rompeu também a tradição, já tantas tinham sido rompidas em poucos dias, e acompanhou o cortejo até à porta da onganda real, não parando de aclamar. Lueji recebia a chuva que ia desfazendo o pó de pemba na cara e no busto nu e acenava com a rosa para a multidão em delírio. Kumbana seguia orgulhoso a seu lado, os olhos atentos para todas as direcções, a mão descansando no mucuali. Nayole, a mãe da rainha, estava deitada no chão, à porta de casa, seguida dos serviçais, o peito inchado de orgulho pelo poder da filha que tinha nascido, e também uma ponta de receio.

Mais tarde, quando o povo correu para as lavras ver o milagre da chuva molhar os sulcos onde estavam as sementes e Lueji se limpou e cobriu com uma pele de onça para aquecer o corpo, apareceu Kandala. Se atirou no chão, os braços bem esticados para a frente.

– Saúdo a filha de Kondi, a grande soberana dos Tubungo.

Pelo cumprimento, único no adivinho que tratava os reis como iguais, Lueji compreendeu ele aprovava o feito. Mas ficou calada, bebendo o ndoka quente que a mãe lhe entregou.

– Quando ouvi o mujimbo fiquei aterrorizado. Lueji, é preciso saber arriscar para vencer. Mas não faças isso muitas vezes, o meu coração pode não aguentar. A sabedoria é jogar forte, mas quando estritamente necessário.

– E não era necessário, pai?

– Assim o mostraste. Mas podias ter-me avisado.

– Não. Podias não estar de acordo. O poder é meu, eu tinha de o jogar sozinha.

Não é só teu, minha filha, é nosso, pensou o velho. Hás-de aprender. No entanto disse:

– Tens razão, rainha da Lunda.

O adivinho aceitou o matabicho de ndoka. Bebeu da cabaça, limpou os lábios e continuou:

– Não dormimos esta noite. Vamos descansar de dia. Amanhã continuamos com as lições. Já nada é tão apressado agora.

Mas Lueji desconsseguiu dormir. Estava muito agitada pelo seu êxito, não parava de ouvir a chuva tamborilar no telhado, a sua chuva. Todo o dia choveu e o barulho das gotas se misturava ao rufar dos ngomas. O povo dançava nas praças, festejando a vitória da rainha. Com ela, muitas vezes iam dançar de alegria, se diziam uns aos outros, ela era a carne nova e o sangue que faltava. As reservas de marufo estavam esgotadas, não há palmeira que produza tanto e também com a chuva não o podiam apanhar. Mas dançavam mesmo sem vinho, havia a alegria da chuva e o ritmo dos batuques, não substituíam a bebida? Lueji ouvia tudo isso, deitada sobre as peles que lhe tinham trazido de presente no dia da entronização. Peles de onça, de zebra, de ondjiri, de raposa e mbambi, todas bem curtidas, moles e quentes. O quarto estava mergulhado na penumbra dum dia de chuva, a cama era macia, tudo convidava a dormir. Mas ela desconsseguiu.

Acabou por se levantar. Comeu e anunciou que estava pronta para as audiências. O primeiro a se apresentar foi Ndumba ua Tembo. Trazia uma azagaia e um escudo forrado de pele de leão.

– Para uma grande rainha. A ponta foi forjada pelo meu tio Kakoma. Como sabes, é o melhor ferreiro da Lunda, aprendeu a arte lá no Norte. E a pele é dum leão que matei há semanas.

Ndumba era vaidoso dos seus feitos de caça. Pudera, poucos eram os Tubungo capazes de desafiar o leão. Ndumba, além do mais, se recusava a caçar com fosso, isso era para crianças. Enfrentava o bicho com a azagaia, rodeado pelos seus homens armados de maças e fundas. Os homens feriam o leão e quando este atacava, desesperado, à sua frente encontrava a azagaia firme de Ndumba ua Tembo. O perigo lhe valia grande prestígio. Tchinguri sempre prometia fazer o mesmo um dia, mas nunca ousara. Ficava a roer as unhas, despeitado, quando lhe contavam os feitos do rival. E ninguém podia pôr em dúvida o valor de Tchinguri. Mas desafiar o leão não era só questão de coragem. Lueji admirou os presentes. Eram realmente valiosos.

– Ficaria muito orgulhoso se aceitasses ir comigo à caça e levasses essa lança e o escudo.

– Sempre quis ver caçar o leão, Ndumba. Levas-me? Prometo não grito de medo.

– Então aceitas o convite?

– Claro que sim.

Os olhos dele brilharam. Havia melhor maneira de conquistar uma mulher forte que mostrar valentia lutando à sua frente contra um leão? E o modo infantil como ela disse a promessa ainda mais lhe aqueceu o coração. Não podia resistir, quando lhe propusesse casamento. Apesar de o casamento ser apenas uma aliança.

De repente Ndumba ua Tembo fez um ar sério, como convém a um muata quando trata assuntos de Estado.

– Vim te trazer esse presente como prova de grande respeito e amizade. Mas também para te falar dum assunto. Melhor, é uma proposta que te quero fazer.

Já? Ele nunca perdia tempo? A ideia assustou Lueji, teria de ser muito hábil, recusar o casamento, adiar a decisão, mas dando esperanças, mesmo ténues, sem ofender. E ainda não tinha preparado bem o assunto.

– É sobre a situação no Cassai, no território dos Mataba.

Não era proposta de noivado e Lueji respirou, aliviada. Também era cedo demais, haka!

– Deves já saber os Mataba se revoltaram contra nós. Dizem o acordo que tinham era com Kondi. Agora não têm mais que enviar

tributos.

- Sim. sei.
- E que decidiste, Lueji?
- Vamos discutir no Conselho.

Ndumba ua Tembo se mexeu, incomodado. Era uma resposta prudente, embora a rainha pudesse decidir sem o Conselho. Ele tossiu para aclarar a voz.

– Se me permites uma opinião, acho não devemos perder tempo. É um mau exemplo e deve ser reprimido imediatamente. A minha proposta era que me deixasses ir lá.

- Não.

Ndumba ua Tembo baixou os olhos, confuso. Os Tubungo tinham bastante liberdade para refutar o chefe e ainda mais ele que era amigo de infância. Não estava habituado a receber uma negativa seca. Apesar de querer evitar polémicas e ser o mais íntimo possível, não resistiu a perguntar:

- Posso saber porquê?

Lueji sorriu. Talvez fui demasiado rude e agora preciso desanuviar o ambiente. Falou de forma suave:

– Podes, claro. Primeiro, quero associar ao máximo os Tubungo às minhas primeiras decisões. Segundo, evitarei a guerra até ao possível. Terceiro, preciso de ti aqui em Mussumba para me apoiares. E ainda posso por último dizer, quarto, quero ir caçar o leão contigo. Chega?

A face de Ndumba ua Tembo se iluminou. Podia ser de outra maneira? Fez uma vénia respeitosa, mas com um sorriso matreiro nos lábios.

– São muitas razões juntas e todas importantes. Não posso mesmo insistir na proposta.

Serviram bebidas. Ndumba ua Tembo estava afinal contente com a conversa. Estendeu descontraidamente as pernas, observando o jeito da soberana levar a cabacinha aos lábios. Ao lado de Lueji estava a rosa de porcelana colhida na madrugada.

– Sabes como o povo chamou hoje a essa flor que trouxeste do lago? Vinhas com ela na mão e acenavas para as pessoas... O povo murmurava o nome.

- Como chamam?

- O ceptro de Lueji. Nome bonito, não é?
- Fico vaidosa se lhe chamarem sempre assim.

Se calaram durante um certo tempo. Beberam. Depois Ndumba voltou a aclarar a voz com uma tossezinha suave, era o seu hábito. Contrastava um pouco com o seu físico forte e os ares dominadores, de muata.

– Se por acaso for preciso ir corrigir os Mataba... Já pensaste em quem envias lá?

Devia revelar a ideia? Tinha pensado em Kakaya, por um lado para o compensar da perda da chefia da guarda, posto de alto prestígio, mas também para o afastar de Mussumba, devido às suas amizades com Tchinguri. Era cedo demais para falar a Ndumba.

– Já. Mas é só ainda uma hipótese. Primeiro vamos parlamentar com os Mataba. Se assim decidirem os Tubungo, claro.

Tinha a certeza de não ter cometido nenhum erro. Mas ficou mais aliviada quando Ndumba ua Tembo se despediu, com grandes elogios à sua sabedoria e a promessa de organizar rapidamente uma caçada ao leão.

O chefe do protocolo veio anunciar a chegada de muata Kakele. Lueji disse para esperar um momento. Queria relembrar cada uma das passagens da conversa com Ndumba ua Tembo, pesar cada palavra dita, cada gesto, para tirar uma conclusão. Só depois ouviria outras pessoas e outros problemas. Os Mataba serviam de pretexto a Ndumba para mostrar lealdade e ganhar prestígio. Nunca foram um povo submisso e apesar de pagarem apenas um tributo simbólico ao soberano da Lunda, aproveitavam qualquer momento para reivindicar a sua autonomia. A Lunda não tinha praticamente populações submetidas. Havia era acordos entre alguns Tubungo mais poderosos e povos que ficavam junto das suas terras. Estes pagavam com alguns produtos o direito de cultivarem as terras ancestrais dos Tubungo. O único povo que pagava tributo directamente ao chefe da Lunda eram os Mataba, mas era sempre preciso negociar. Kondi tinha comandado uma guerra contra eles na sua juventude e por isso a vinculação era directa com Mussumba, mas apenas enquanto ele viveu, diziam agora os Mataba, a experimentar o poder do novo rei. E Lueji também achava, no fundo morto Kondi devia acabar o tributo. Mas Ndumba tinha razão, era

um precedente. A morte do rei colocava todas as alianças e deveres em questão, seria o caos, adeus estabilidade. Por outro lado, no entanto, que é que se ganhava com os Mataba? Um tributo ridículo que não dava para as necessidades da família real. Traziam mel, alguns tecidos de má qualidade e alguma carne fumada. Nada de cobre ou ferro, nem mesmo sal. Valia a pena fazer uma guerra, mesmo por interposta pessoa, só para dar um exemplo aos Tubungo? Sim, porque a mensagem era enviada aos Tubungo. Não tentem se revoltar contra o novo soberano, vão ser esmagados como os Mataba o foram. Com um suspiro resignado, Lueji concluiu tenho de enviar alguém submeter os recalcitrantes. Primeiro pela diplomacia, depois pela força. Kakaya faria isso bem. Tchinguri ficava contente, pois o prestígio do amigo caía também sobre ele, apesar de ser uma tarefa fácil contra um pequeno povo. E como Ndumba ua Tembo ia interpretar a preferência dada a um amigo de Tchinguri? Lhe dei razões que podem aquecer a sua vaidade, mas chega para o contentar? Muata Kakele podia aconselhá-la. Mandou-o entrar.

Era um velho miudinho, com passinhos pequenos e uma pele de onça que o cobria quase até ao chão. Os cabelos e a barba estavam completamente brancos e o peito magro era côncavo. No entanto, tinha uma voz atroadora que não condizia com o físico. Depois das saudações pelo grande feito, Kakele disse:

- Hoje é dia de festa. Não para te pôr problemas, Lueji.
- No entanto trazes problemas, não é assim?

Muata Kakele mudou a direcção do olhar para a azagaia e o escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo. Contemplou os presentes com ar de apreciador.

– Foi Ndumba que trouxe. E falou-me sobre os Mataba. Era sobre isso que me querias falar?

– Não, rainha. Para isso há tempo, só os jovens fogosos querem resolver em dois dias o problema dos Mataba. Vinha falar sobre o novo chefe do protocolo. Os muatas não apreciaram a substituição. Este é muito novo, ainda não conhece bem a função. Está todo empertigado e recebe os Tubungo sem o respeito devido.

– Vai aprender. Estamos todos a aprender, muata Kakele. E é da minha confiança.

– Devias ter escolhido alguém mais velho. E com assento no Conselho dos Tubungo. É um cargo importante, fica a par de muitos segredos. Kanyika é de uma grande linhagem, mas ainda não é um Tubungo, mesmo que pouco falte para o ser.

– Passa a ser pelo cargo que ocupa.

– É esse o maior problema. Os Tubungo não gostam que alguém passe a ser um deles por ter sido nomeado para uma função. É sempre o contrário que se faz. Tubungo é quem dirige linhagens ou partes importantes das grandes linhagens da Lunda. Kumbana está bem. Já era um Tubungo, dirigia a parte ocidental da linhagem da tua mãe. Nunca assistia aos Conselhos, mas apenas porque vivia longe. Já Kanyika é um garoto. E arrogante, ainda por cima. Agora tem acesso ao Conselho e a todos os segredos!

– Há coisas a mudar, muata Kakele.

– Não muito depressa, tem cuidado com os sentimentos dos Tubungo. Somos muito agarrados à tradição, sobretudo quando se trata de defender as linhagens da interferência do rei. Sobre Kanyika pediste conselho a alguém?

– Não. Achei não era preciso.

Muata Kakele abanou a cabeça. Tentou sorrir, para não parecer muito pesado o que tinha a dizer. Mas a voz atroou, mesmo sem ser de sua vontade.

– Desculpa este velho, rainha. Mas prometi ao teu pai ajudar-te. E a ajuda que te posso dar é dizer onde erras. Pois também tu podes errar, minha filha.

– Isso eu sei – disse Lueji, apertando os lábios em gesto amuado. Porquê hão-de sempre pensar eu sou uma criança?

– Além disso tudo, Kanyika é amigo de Ndumba ua Tembo e não o esconde. Convém nomeares pessoas neutras entre Ndumba e Tchinguri. Neste caso, até era possível.

– É da minha confiança, já disse.

– Não basta. Podes errar na tua confiança. É teu amigo de infância, mas também é de Ndumba. E ele agora tem aqui uma pessoa que pode ouvir as conversas. Ou, pelo menos, saber quem vem cá mais vezes e o que fazes. Pode não haver perigo. Depende como levares as coisas com o Ndumba, todos sabem o que ele pretende.

Tinha ficado tão vaidosa da sua esperteza em escolher um amigo para esse posto, substituindo o anterior que já estava velho! Nem com a mãe se aconselhou, nem com Kandala. Mas este nada disse, é porque não achou mal. A família de Kanyika tinha alguma ligação com Kandala? Pensava que não.

– Que devo fazer então, muata Kakele?

– Foi um erro. Mas agora não o podes mudar já, isso ia ser prova de que erraste, perdes força junto dos Tubungo. Tem cuidado com ele, até descobriremos outra função que nos sirva. Talvez nomeá-lo embaixador junto dos Mataba, embora seja novo demais.

– Tinha pensado no Kakaya...

Muata Kakele ficou pensativo. Depois bateu com a mão na coxa, para afastar uma mosca. Contemplou de novo a oferta de Ndumba ua Tembo, apertou os olhinhos.

– Que queria ele?

– Comandar uma guerra contra os Mataba. Mas eu disse que vamos primeiro discutir no Conselho.

– Falaste no Kakaya?

– Não.

– Foi bom. Com certeza acabará por haver guerra. O Conselho deve decidir pelo envio duma embaixada parlamentar. E pode ser o Kakaya o embaixador, acho bem. Mas se houver guerra, manda o Kanyika ajudá-lo no comando. Fica tudo equilibrado. Nem Ndumba nem Tchinguri se poderão queixar. Assim arranjam as coisas ao nosso jeito, não é?

Lueji perdera a alegria da sua vitória. Um erro estraga sempre tudo?

Kanyika era seu amigo, uma vez até foram para o capim, depois duma dança. Precisava ao seu lado de pessoas de quem gostava, se sentia isolada. Nos dias anteriores, preocupada com as regras atrasadas, cercada de inimigos, julgou encontrar nele um amparo possível. Nomeou-o sem pensar duas vezes. O curioso é que só agora, uma semana depois, lhe vinham pôr a questão. Geralmente as reacções eram mais rápidas. Mas Kakele explicou:

– Tinhas outros problemas, por causa da seca. Para quê perturbar-te mais? Deixei passar o momento difícil. Agora já posso falar, já fizeste o mais importante. Mas é uma lição.

Muata Kakele se levantou. Fez uma vénia curta e sorriu.

– Também não deves ficar assim. Mais vezes vais errar e todos erram. O importante é saber corrigir. E erras menos se pedires sempre conselhos. Tudo isto é muito novo para ti, mas já aprendeste muito. E hoje tens o povo na mão.

Quando Kanyika veio dizer há vários muatas pedindo audiência, Lueji fez um gesto de desespero, não recebo hoje mais ninguém, estou muito cansada. E ficou sozinha, na sala das audiências, segurando na azagaia de Ndumba ua Tembo, sopesando-a, imaginando lançá-la, para vencer o despeito. Mas desconseguia. A vergonha vinha. Estava convencida já sabia tudo, aí vinha a lição na voz forte dum velho. Continuava a chover e os ngomas a tocar. Mas esses ruídos agora já não lhe aqueciam o coração de orgulho, era como se outra pessoa os merecesse e não ela, se sentia muito menina nos seus dezoito anos, uma criança que precisava dum pai a correr com ela pelos caminhos de barro vermelho e depois a aninhasse no colo e lhe fizesse cafuné até adormecer. Ou outro homem, um homem alto a sair da mancha da Lua e lhe pegasse nos braços até a fazer esquecer a humilhação de não ser perfeita.

Chamou a mãe.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, TCHINGURI,

filho de Kondi, herdeiro legítimo do trono da Lunda pela linha directa dos meus avós, ascendendo até Tchyanza Ngombe, a grande serpente criadora da Terra e do Céu, dos vermes e das plantas, do ar e dos homens, até Samutu e Namutu, os pais dos Tubungo, que nos deram o lukano para com ele dirigir o país da Lunda e todos os outros que a nós se vergarem. Anos e anos levaram os Tubungo para crescer e se fortificar, até originarem o chefe que os pudesse levar aos confins do Cassai, às planuras do Tchikapa e do Cuango, de que falam os velhos vindos de Ocidente, contando as maravilhas dessas terras de rios e florestas, de chanas sem fim peçadas de caça e mel e marfim. Anos e anos levaram os Tubungo a aprender a se defender dos Lubas, o grande inimigo do Norte que tenta se estender para as nossas terras sagradas, anos e anos levaram a aprender todos os sortilégios da caça e da guerra, para criar o grande chefe que havia de os levar para Sul e Ocidente,

lá onde morre o Sol, em campanhas vitoriosas de conquista de terras e gentes, de passagem de rios e estabelecimento de fortificações a atestar o poderio dos Lundas. Não tinham esse chefe, pois todos queriam mandar, todos ciumentos do seu pedaço de poder nos territórios que pertenciam a cada um por direito de linhagem, sem se preocupar com a grandeza da Lunda. Leva tempo a criar um grande chefe. E eis que me nasceram, eu, Tchinguri, e compreendi esse grande chefe só podia ser eu, que tinha coragem de afrontar os Tubungo com as suas próprias armas e não o meu pai, Kondi, um velho fraco querendo o calor das suas mulheres e cuja única guerra foi contra os desprezíveis Mataba, desconhecedores da arte de forjar o ferro, caçadores de animaizinhos com fundas e armadilhas, só. E o filho de Yala Muako, vaidoso com seu feito guerreiro, em vez de submeter esse povo inferior e o obrigar a trabalhar para a grandeza da Lunda, aceitou um tratado ignóbil a troco dum mísero tributo, para não assustar os Tubungo invejosos do poder real que podia se estabelecer com as riquezas das tribos subjugadas. Deixou Kondi que os tributos dos povos periféricos fossem para os Tubungo, os quais mais força ganhavam e podiam assim impor as suas ideias ao Conselho dos Tubungo, onde ele apenas era o árbitro. Nunca dessa maneira os Lundas iam ter o grande chefe, com armas e exército capazes de submeter os rebeldes Tchokue, que vivem da caça para lá do Cassai, nem os pacíficos Luvale que só esperam os deixem em paz com as suas lavras e mulheres. Para os dominar nasci eu e me opus a Kondi e aos Tubungo que só querem discussões e mais discussões, refastelados a fumar liamba no seu Conselho de comadres. Exigi do meu pai que formasse um exército só do chefe da Lunda, força a se impor aos Tubungo recalcitrantes que não quisessem pagar tributos para sustentar esses soldados, força que ganhava escravos para vender aos árabes que demandaram Mussumba há anos e de Mussumba voltaram para as terras de Zanzibar, desgostosos pela incapacidade dos Tubungo em apanharem gentes que podem ser trocadas por armas poderosas e finos tecidos. E o meu pai não quis me ouvir, que o exército real ia assustar os Tubungo, que vender homens não podia pois a terra tem pouca gente, como se interessasse a gente pouca que a terra

possa ter, se é terra vazia para nós crescermos. Gente se faz todos os dias. E mais fez meu pai, foi falar das minhas ideias aos seus amigos Tubungo, cheio de medo deles como velho fraco que era. Traição fatal. Eu, Tchinguri, herdeiro legítimo da Lunda pelo poder do sangue, fui caluniado a partir daí pelos covardes Tubungo, temerosos da força que eu podia representar, inventaram sacrifícios humanos em cujo sangue me banhava nas noites de Lua cheia, inventaram até que para me levantar ou sentar tinha de espetar dois punhais nas costas de dois escravos, trespassados assim pelo meu peso. Tudo fizeram para o povo temer o reinado de Tchinguri, o mais despótico de todos os chefes que a Lunda jamais teve, Lunda esta conhecida pela brandura dos costumes, quando à fraqueza se chama brandura e à traição generosidade. Podem ficar com a sua brandura, orgulhosos do colo tranquilo das suas fêmeas, que as terras do Ocidente para lá permanecem incultas e desocupadas, entregues a bandos preguiçosos e covardes de Mataba e Tchokue e Luvale e outros, muitos outros Pende a pedirem um poder forte que os faça se sentir gente respeitada. Tanto intrigaram, tanto caluniaram, que o meu pai Kondi começou a me destratar e até mesmo ao pobre do Chinyama, que esse bem parece um Tubungo pela covardia e preguiça, sempre de acordo com o mais forte, logo que o deixem comer e beber e dormir no colo das suas mulheres. De que crueldades me acusam? Tudo fantasia bem medida para provocar o ódio e a desconfiança. Teria eu na rua de deixar a passagem a um pescador mísero que leva a nassa para o rio? Teria eu de me inclinar frente a um velho camponês, só porque ele é velho? Essa a brandura de costumes que de mim exigiam? Estão muito enganados, um muata não dá o lugar a ninguém na rua e um herdeiro real não se inclina nem perante um velho Tubungo, só e apenas perante seu pai, não por ser seu pai mas por ser o soberano. Despótico, assassino cruel, desrespeitador das tradições, sacrílego, hereje, de tudo me acusaram. E hoje até de parricídio. Esses lacraus venenosos fingem esquecer foram eles os culpados do acontecido, com as suas calúnias que levaram Kondi a não me escolher para o trono da Lunda, nem ao coitado do Chinyama. Nisso também eu estaria de acordo, nem para copeiro-mor servia o meu pobre irmão, pois acabaria com toda a ualua da corte! E entregam o

poder a essa criança da Lueji, adorável mas uma criança e uma mulher, se uma objecção não bastasse. E já ela se prepara para se deixar conquistar pelas falinhas mansas e pelo peito ruculante de rola desse galito do Ndumba ua Tembo, crista de fora sonhando com o lukano. Um galo é o que ele é, um galito petulante. Ó pobre Lunda, mais uma vez vais deixar as terras e rios do Ocidente sozinhos, sem homens que mereçam o nome. Vais continuar nesta pasmaceira de danças e batuques para ocultar a grandeza que está ao teu alcance mas que não desejam os covardes Tubungo que te dominam. E eu, Tchinguri, filho e neto de reis, herdeiro traiçoeiramente destronado, vou permitir que a Lunda se revolva nos seus próprios excrementos, sem coragem para levantar a cabeça e lançar a flecha ao Sol? Eu, Tchinguri, também vou participar desta traição ao que está escrito na areia? Não posso, não vou aceitar.

Mas que fazer?

Claro, não posso fazer nada, sobretudo depois da Lueji ter feito chover. Não viram como o povo ficou? Nenhum Tubungo ousará nada contra ela nos tempos mais próximos. Até mesmo o meu fiel Nandonge confessou, ela é muito forte, a tua irmã tem o apoio de todos os antepassados, nunca um rei anunciou antes o momento de chamar a chuva, pois nunca nenhum teve tal certeza da graça dos espíritos. Adianta expor as minhas dúvidas sobre a capacidade de se chamar a chuva? Mais um argumento para me chamarem hereje. Admitamos, Lueji tem as mahambas do lado dela. Pobre Lunda, quando os espíritos dos antepassados se conjugam todos contra mim, o único que podia levar este povo a criar um império.

Entretanto, o mujimbo corria solto pelos bastidores. E dos dançarinos passou aos músicos e destes aos escritores e aos estudiosos. Lu amava Uli, Uli amava Lu. E se descobriram dançando. Verdade verdadeira que todos adivinhavam desde a entrada dela na escola e Uli lhe pegou na frágil mão para a proteger. Daí o feitiço daquele par perfeito. Enquanto se não reconheceram.

Porque agora não podiam ensaiar juntos. Se inibiam, se mortificavam, as mãos queimavam ao tocar no corpo do outro, a mais leve brisa soprada pelo movimento dum provocava colapsos

no parceiro. E erravam os passos. Continuamente. E não se falavam, contrafeitos, cada um carregando a sua culpa.

O checo ainda tentou substituir os pares, mas era impossível. Não havia mais tempo para ensaiar outros bailarinos. E a música não existia. O espectáculo estava terminado antes de chegar ao palco. O coreógrafo reuniu os bailarinos, anunciou a sua demissão, assim serra impossível, não haverr espírito profissional, não haverr responsabilidade, eu terr outras obrrigações, partirr e esquecer, e ali mesmo abandonou a sua campanha africana. Primeiro e último safari artístico.

Os bailarinos ficaram sem ter o que fazer, matavam o tempo com a professora na manutenção. À espera de nova oportunidade.

Para ter um mbambi perco muitos songues, se disse Lu, como o adivinho dissera a Lueji. Importava? Já não. A música de marimbas parecia ter deixado de soar, a ideia ténue sesvanecera, ela não a tinha sabido agarrar. Como a sorte, que só se ganha ao arriscar o momento exacto. Restava o vazio dos escombros.

– Não lighes, Lu – disse o Jaime. – Ninguém te culpa do fracasso do espectáculo. O problema é que o checo modificou completamente o texto original. Nunca se faz isso à obra dum escritor sem haver consequências. Os deuses da terra se vingaram, quem gosta ver o seu filho abandalhado? O checo não acreditava nos cazumbis, talvez agora compreenda.

– Quem não te compreende sou eu – disse Lu, meio distraída.

– Ele mudou a estória, não é? A luta principal no *Cahama* é a dos soldados angolanos contra os oma-kisi, os monstros míticos do Sul, os quais se vencem pela coragem e sobretudo pela esperteza. Os oma-kisi vêm vomitando fogo pela boca, arrasam tudo, tentam tudo engolir. Se sentem donos e senhores, na sua superioridade branca de espectros. E pela frente encontram os soldados, quais miúdos espertos e teimosos que se não deixam engolir. Defendendo a sua onganda até ao fim. E o espanto, o desconcerto, como é possível estes miúdos fracos, com poucos anos de vida, se atreverem a resistir à nossa potência que já venceu hotentotes e bosquímanos e zulus, que desafia toda a comunidade internacional, como é possível não se amedrontarem perante a nossa inteligência que assimilou a ciência da Bíblia e do nazismo? O espanto faz

descomandar as engrenagens dos computadores que estão nas cabeças dos oma-kisi, as respostas ilógicas dos nossos queimam os circuitos lógicos deles, e os oma-kisi ardem em curto-circuitos electrónicos. Esta é a estória verdadeira do que passou na Cahama. Do que passou todos os dias no nosso Sul, mítico-verdadeiro. Vem um gajo, resolve mudar tudo. Claro, aconteceu o que tinha de acontecer. Os espíritos que com os nossos estavam na Cahama se revoltaram, sabotaram tudo e adeus espectáculo. Se ao menos o checo tivesse feito oferendas aos espíritos, nos tivesse deixado pôr bacias de água à entrada para os deter... Nada! Nem queria ouvir falar, vem da terra da lógica matemática, da racionalidade elevada ao infinito, não pode entender os improfissionais que nós somos. Improfissionais feiticistas. Quer realismo, mas recusando o realismo de Kafka, e não entendeu qual é o realismo aqui, o animista. Se fodeu e nós com ele.

– É uma versão.

– Que explica muito, tens de concordar. Numa terra de muitas verdades, esta é tão verdadeira como as outras.

Lu foi caminhando pela Marginal, a frase de Jaime martelando na cabeça. Porque não? Numa terra de muitas verdades, quem pode dizer que uma é menos verdadeira? Por qual necessidade lógica ou ilógica Lueji tinha de ser filha do mesmo pai e da mesma mãe que Tchinguri? Aí estou com ela.

A baía de Luanda tinha cor tão azul quanto o céu. Água absolutamente parada, como um lago. Para o ser faltava no entanto muita coisa. Faltava retirar dela os navios e as plataformas de petróleo vindas para revisão e que a poluíam, faltava acrescentar fetos e begónias e sobretudo rosas de porcelana. A terra vermelha em cima, nas vertentes das barrocas, já a tinha. Lu olhou a baía com saudade, sonhando com um lago oval.

4

A aprendizagem de Lueji continuava, ora com Kandala, ora com Kakele. Aprendeu como presidir às diferentes cerimónias, como curar as doenças mais comuns utilizando ervas e sementes, aprendeu a História da Lunda e dos povos vizinhos, a arte da guerra e os feitos dos antecessores, os costumes antigos e os modernos, os julgamentos mais importantes. Os juízes resolviam os casos correntes, ela escutava para um dia resolver os mais graves.

Uma vez Kandala contou:

– O pai do teu pai, Yala Muako, tinha um escravo e uma escrava, apanhados numa guerra a Sul. Era um casal muito jovem e a mulher muito bonita, Yala Muako fez dela sua amante, apesar de ter já quatro mulheres. O rapaz nunca aceitou isso, mas nada podia fazer, dependia do chefe dos Tubungo. Ele pescava para Yala Muako, tinha sempre pescado no Zambezi e era perito, sem dúvida o mais hábil pescador do soberano. A mulher, Kakeya, vivia na sua cubata, mandada construir pelo rei para nela poder dormir quando estava cansado das outras mulheres. Afinal Kakeya continuava a se encontrar com o antigo marido, o pescador Sumbi. Este esperava que a noite estivesse adiantada e não vendo Yala Muako se dirigir para lá, penetrava na paliçada real por uma entrada que tinha aberto. E dormia com a mulher. Um dia, Yala Muako conseguia adormecer. Já muito tarde, resolveu ir à cubata de Kakeya. Foi sozinho no escuro da noite, sem guardas, e encontrou os dois no acto do amor. Yala Muako tentou matar Sumbi mas este fugiu. Com as pancadas, Kakeya acabou por confessar, nunca deixara de se encontrar com o antigo marido. Os guardas do soba esquadriharam Mussumba e acabaram por encontrar o escravo escondido numa das ilhas do rio. Levaram-no à presença de Yala Muako. Se fez o julgamento. Um escravo não tem direito a defesa, mas o chefe dos Tubungo permitiu que ele falasse. E Sumbi disse

eu era casado com Kakeya, fomos feitos prisioneiros. Yala Muako quis fazer dela sua mulher, mas nós não estávamos divorciados, a minha família não reaveu o matemo que eu tinha pagado por ela. Onde se conclui que Kakeya passou a ter dois maridos, o legítimo, que era eu, e o marido pela força das armas. O rei agora se diz ofendido e roubado. Isso posso eu dizer. Se não estou divorciado dela, então posso com ela dormir, é ainda a minha mulher. Yala Muako não tem nada que se queixar, devia era me ter pago o matemo que dei por ela e eu o enviava à minha linhagem, mostrando assim o nosso casamento era nulo. E então sim, seria crime eu voltar a dormir com ela. Era precisa muita coragem para falar assim em pleno julgamento, mas Sumbi sabia estava perdido, um escravo apanhado com mulher de chefe só merecia a morte. No entanto, os Tubungo se mexeram nas esteiras onde estavam sentados, começaram a falar um a um, que a tradição era clara e Sumbi ainda era o marido legítimo pois o matemo não tinha sido repostado e que Yala Muako tinha a força e pela força agira, mas agora o caso estava complicado. O julgamento durou dois dias de discussão. O que parecia um caso simples, afinal se tornou num debate árduo entre a razão da tradição e a razão da força. Yala insistia no crime de o escravo ter feito uma passagem na paliçada do rei, mas os outros argumentaram que a isso fora forçado pelo erro anterior do soberano. Finalmente, Yala Muako teve de tirar o consenso do Conselho contra si próprio. Não tinha havido crime, pois nada impedia o marido legítimo de dormir com a sua mulher. Se o soba quisesse ficar com Kakeya, tinha de repor o matemo. Nesse momento o divórcio estava consumado e o rei podia torná-la como esposa. Foi esta a sentença. Yala Muako, melindrado, já não quis Kakeya e não pagou o matemo. Sumbi e Kakeya continuaram casados e a trabalhar para a casa do rei. Tiveram filhos, talvez o primeiro até fosse de Yala Muako, quem pode saber? Os filhos ainda vivem hoje perto de Mussumba, são livres e tundas como nós.

Assim contou Kandala e Lueji achou justa a decisão do Conselho. Se o soberano pudesse fazer tudo o que lhe passasse pela cabeça, nunca haveria paz na Lunda. Mesmo com os escravos se deve respeitar as tradições, são elas as normas que regem a justiça dos homens. Aliás, os escravos só o são durante certo tempo, acabam

por fazer parte da família do dono. Tchinguri estaria de acordo com a sentença? Certamente não, considerava inadmissível os Tubungo limitarem os poderes do rei.

– Se Yala Muako tivesse matado o escravo naquela noite, estava encerrado o caso – concluiu Kandala. – E tinha ficado com Kakeya. Mas desconsagui.

– Então o Conselho castigou Yala Muako por não ter sido capaz de resolver o caso sozinho...

– É mais ou menos isso. O Conselho não pode nada contra um facto consumado pelo soberano.

Lueji gravou a lição da História, mas Lu se sentia incapaz de ordenar as ideias. As que lhe vinham das leituras e por vezes se traduziam em esparsas notas de música, num gesto de perna que se prolongava em arabescos ao retardador, numa palavra comum que ganhava sentidos inusitados. E pior ainda de ordenar eram as ideias da sua situação actual, fugindo quase de Uli. Ele não voltou a aparecer lá em casa, Marina se queixava. Nos ensaios sevitavam, baixavam os olhos. E agora não dava mais para esconder de si própria, queria Uli. E sabia, ele também, embora não o reconhecesse.

À tarde ela ia para as aulas, ensinava Biologia no Ensino de Base. Tinha abandonado o curso e não considerava justo os pais a sustentassem. Por isso virou professora para sobreviver. Ensinando, não precisava trabalhar com microscópios, evitava ver os bicharocos a se contorcer como ela nunca poderia fazer, era menos frustrante. Apesar do calor das salas, da falta de luz por vezes, do barulho duma turma de quarenta alunos pouco interessados. Já eram rapazes grandes e sinteressavam masé por ela, cada um a querer ngombelar. No quadro negro apareciam sempre desenhos e ditos, gabando as formas do seu corpo, a beleza da sua cara, o seu andar de onça domesticada, as paixões juvenis que desencadeava. Não zangava, antes ficava envaidecida, a beleza era mesmo para isso, um dom a ofertar aos olhos do outro. Se não fosse assim, escolheriam actrizes e modelos e bailarinas gordas e de pernas tortas.

Quando souberam ela queria ensinar, lhe propuseram emprego numa escola de dança. Era bailarina, facilmente seria professora.

Ninguém entendeu porque ela recusou. Nisso foi inflexível. A sua arte era para ser vista, apreciada, não a podia transmitir. Com a Biologia já não tinha desses problemas, podia ensiná-la porque não era a sua arte. Desistiu de explicar, pois ninguém a entendeu. Uli ouviu uma vez a resposta dela, sorriu, aprovou com a cabeça. Apesar de não ter concordado com o abandono do curso. E nunca mais falou nisso. Uli, Uli, porquê só tu mentendes? E porquê nos aconteceu isto agora, separados como inimigos? Como Lueji e Tchinguri, para lá do amor?

Mais cedo ou mais tarde, Marina ia procurar uma explicação. E aconteceu naquele fim de tarde, quando Lu voltou das aulas.

– Talvez tu saibas alguma coisa, mana mulata. O Uli positivamente foge de mim. Quando quero fazer amor, ele esquiva. E se recusa a falar do assunto. Nunca mais veio cá a casa, para o encontrar só na Faculdade ou indo a casa dele. E está frio, distante. Porquê não vem cá? Se passou alguma coisa entre vocês os dois? Se chatearam por causa do espectáculo e por isso não aparece? Ou é mesmo comigo?

Mentir? Dizer sei lá, não faço a menor ideia? Talvez Lueji mentisse para defender o lukano, era a sua missão, mas Lu não o sabia fazer à melhor amiga. E não foi Marina que mais a interessou na estória de Lueji, que a levou a consultar os calhamaços nas bibliotecas, para conhecer a centavó mítica? Isso, sim, era traição. Oh, espírito de Lueji, se pairas sobre as árvores ali defronte, inspira-me neste transe. Não é esse o papel dos antepassados, mesmo se nunca os adorei antes? .

– Olha, porquê ele te evita não sei, não tenho a certeza. Mas porque me evita e portanto esta casa, isso eu sei.

Pronto, tinha lançado o corpo para a frente, agora só lhe restava saltar. Ou cair no abismo. A verdade não ia ferir mais que a mentira? Pegou impulsivamente nas mãos de Marina, recordando outras ocasiões em que tivera vontade de o fazer e lhe faltara a coragem de romper tabus. Afastou essas ideias. Se devia concentrar na explicação da descoberta toda recente, evitando ferir.

– É tão difícil contar! Marina, não te quero fazer mal.

– Que se passou entre vocês? – perguntou a outra, libertando bruscamente as mãos, desconfiada.

– Nada. Espera, ouve. Não passou nada. Mas é tudo tão complicado...

Respirou fundo, como quando tinha de arriscar um salto perigoso ou devia entrar em cena e os nervos faziam tremer os joelhos. Lueji, se andas por aí, ajuda-me, centavó. Ora, inútil implorar, os espíritos andam refastelados lá em cima no fresco, se marimbam para nós, já não o disse Kondi?

– Lembras-te quando me magoei, Marina? Por causa da casmurrice do checo? Pois bem. Caí e desmaiei, tu sabes. O Uli me levou para o quarto que nos serve de camarim e fez-me voltar os sentidos. Acordei devagarinho-vagarinho... Acordei sentindo as mãos dele a me afagarem. Estava apenas a ver se tinha algo partido. Mas eu vinha de muito longe. Ao acordar deitada, com ele ali, a mexer-me docemente, estupidamente pensei... Oh, que cretina fui! Sabes o que fiz? Perguntei fizemos amor, Uli? Ainda estava fora de mim, não tinha intenção...

– Foi o subconsciente, está claro.

– Foi, depois descobri isso. Ele ficou chocado, quase me abandonou ali, nem me queria mais tratar. A partir daí tudo mudou entre nós. O Uli sempre na reserva e eu...

– E tu?

Aí estava. Já não podia recuar, mas queria mesmo? Tinha de falar, desabafar, e para isso são os melhores amigos. Mesmo se no caso Marina era parte directamente interessada. Andou pelo quarto, fazendo gestos largos com os braços. E se via ao mesmo tempo no palco, não era estranho?

– Eu? Desesperada. Apaixonada. Sem saber o que fazer, é mais forte que a vontade. Descobri o que todos suspeitavam e nunca quis admitir. Pronto, já te disse.

Marina estava surpreendentemente calma. Levantou para acender um cigarro. Tinha apanhado o vício quando abandonou o basquete, apesar de todas as campanhas antitabagistas. Falou e o fumo saiu da boca com as palavras.

– Só tu mesma não acreditavas, Lu. Eu tinha medo era do momento da descoberta, da tua descoberta... E ele?

– Ele? Ficou tão incomodado que nem me olha, mal me fala. E deixámos de acertar a dançar. Não posso sentir uma mão dele, o

calor do corpo... Compreendes? E ele não está à vontade. Falhamos todos os passos. Foi isso que desesperou o checo.

– Como explicas a atitude do Uli?

– Sei lá. Está chateado comigo, como se eu tivesse cometido um sacrilégio, é isso.

– E porquê me evita então? Não tenho nada a ver com essa vossa maka. Ou será que descobriu também que gosta de ti, que estava enganado ao sinteressar por mim?

Lu não respondeu. Por vezes ela suspeitava disso e logo o desânimo a invadia, podia lá ser! Era demasiado feitiço, os dois ignorando um sentimento mútuo, para de repente a descoberta dum provocar a imediata descoberta do outro. Nesta terra de mistérios, tudo no entanto podia acontecer e os cazumbis corriam soltos como o mujimbo. E se fosse verdade, como ficava Marina no meio do fluxo-refluxo da calema?

– O que não adianta nada é fugirem um do outro. Ou falamos a três. Que achas, Lu?

– Não tenho vontade nenhuma de falar...

– Eu é que não posso viver assim. E vou mesmo falar com ele. Mas acho tu também deves... Pôssas, vamos resolver isto como gente civilizada.

– Marina, tenho vergonha. Ele sabe o que sinto, é horrível. Sei, pareço uma menininha de escola, mas no fundo devo ser ainda.

Marina riu. Um riso tenso, agudo.

– Não estás chateada comigo? – perguntou Lu.

– Não. Estou chateada comigo. Desde o princípio eu sabia. Bastava ouvir-te falar dele, contar com ele, era o Uli para tudo. Depois me deixei convencer, podias vê-lo apenas como o irmão mais velho. Não é caso assim tão raro em filhas únicas. Engracei com ele e pensei, talvez Lu tenha razão e nunca poderá haver nada entre os dois. Foi esse o meu erro, quis acreditar. Tu não tens culpa, mana mulata, eu é que me meti no meio.

– Falas como se ele...

– Então porque me foge? Descobriu a verdade e agora não sabe como me enfrentar, é evidente. Por isso te digo, o caso tem de se resolver às claras.

Nada fazia parar Marina, quando se decidia. Hoje mesmo ela ia procurar Uli. E arrastando Lu, se esta não resistisse. Mas Lu estava prevenida, adivinhava aquele sangue bangala.

– Fala com ele, se queres. Eu ainda não estou preparada. Nem insistas. Mas eu só não queria uma coisa. Que isto nos afaste uma da outra, Marina.

– Somos irmãs, mas não vamos fazer a guerra.

E Marina saiu. Iria à Ilha do Cabo, a casa de Uli, e voltaria com uma posição, nem que lhe arrancasse uma orelha.

Lu ficou a perder tempo, sem segurar as ideias, sem mesmo dar sequência à melodia que por vezes lhe rasgava o cérebro, para logologo desaparecer. Pegou no caderno de apontamentos e tentou reler o que nele estava escrito. Mas desconseguia, cada frase a fazia se perder entre lagos e chanas, passos mágicos de bailados sinsinuavam nas palavras, o sonho vinha e refluía sem deixar marca e ela não parava para o gravar no papel, nem mesmo a queixa dum Tubungo, porque muitos queriam deixar Mussumba para as suas aldeias. Tinham vindo por causa dos grandes acontecimentos que se sucederam e já estavam há mais dum mês na capital. Lueji pensava aproveitar a presença de todos eles para presidir o seu primeiro Conselho e resolver a questão dos Mataba. Ganhou o máximo de tempo possível para se sentir minimamente instruída, agora tinha mesmo de convocar a reunião.

Não se via um Conselho tão completo há muitos anos. Estavam lá quase todos os Tubungo da Lunda. Mesmo Tchinguri e Chinyama compareceram, pelo direito de serem filhos de Kondi. Chinyama acedeu apenas à curiosidade de ver como se comportava a irmã, tão jovem e inexperiente, embora ela me esteja a assombrar pela sua capacidade, observação que conseguiu irritar Tchinguri. Causou sensação a entrada de Kanyika, o novo chefe do protocolo. Muitos pensavam ele não ia ousar comparecer, por saber que a sua nomeação era tão contestada. Precedeu por um minuto a entrada da soberana, como convinha a um chefe do protocolo. Fingiu não ouvir os zumbidos partidos das esteiras onde sentavam os muatas, escolheu um lugar perto do cadeirão esculpido onde se sentaria Lueji. Cruzou o olhar com Ndumba ua Tembo que sorria, mas nada no rosto de Kanyika reflectiu emoção. Depois chegou a rainha e

todos se prostraram nas esteiras. Ela sentou no cadeirão, mostrando bem alto o lukano. No outro braço trazia a pulseira de cobre, oferta de Tchinguri, e este reparou, satisfeito. Na cabeça trazia um diadema brilhante de cobre, incrustado de pérolas pequeninas. Uma parte frontal do cabelo era rapada para fazer aumentar a testa, o que realçava o diadema. Do pescoço pendia o colar com o corno de mbambi cheio de pós mágicos, que lhe oferecera o pai depois da festa da puberdade, e o colar tchimba com a grande concha da entronização. Na mão o mupungo, o espantamoscas com sortilégios mágicos. Deixou em casa o machadinho de duplo gume, já levava peso a mais e o seu uso era obrigatório só para as grandes cerimónias. O ventre e as pernas estavam tapados por peles de gato bravo e as costas pelo manto real de tecido púrpura trazido de muito longe. Está linda, pensou Ndumba ua Tembo, preso de estranha agitação. Está ficar uma rainha, pensou Tchinguri, orgulhoso apesar de tudo.

Primeiro falou Kakolo em nome do Conselho, primazia concedida pelos outros ao mais-velho, para felicitar a rainha por ter trazido a chuva à Lunda. Na sua voz emproada enalteceu a soberana. As notícias vinham de todos os lados demonstrando a gratidão do povo pela salvação das sementeiras e anunciavam boas colheitas. A felicidade reinava no país graças à força de Lueji. Desejou grandes êxitos e nas tuas mãos entrego a vontade dos Tubungo, graciosa rainha da Lunda.

Lueji agradeceu as boas palavras e foi breve ao explicar o assunto que a levava a convocar o Conselho. Queria ouvir as opiniões. E as opiniões não se fizeram esperar, umas prudentes, como de Kakele, de Mbumba, de Kapenda, de Cangombe, outras inflamadas e pedindo guerra, como a de Tchinguri e de Ndumba ua Tembo, sempre juntos para defender posições bélicas. A reunião durou todo o dia, com as argumentações e contra-argumentações, mas o ambiente estava relativamente calmo. No fundo, não era assunto tão importante assim e todos estavam ali com curiosidade de ver o que diria a soberana. E ela disse devemos evitar uma guerra sempre que possível, morre gente na guerra e as mães e as esposas sofrem, é nosso dever evitar sofrimento ao povo. Que vá uma embaixada parlamentar com os Mataba e para castigo da

petulância deles vamos exigir um tributo maior. Apesar de algumas contestações de Tchinguri, para quem era só perder tempo, a maioria estava nitidamente a favor e Lueji indicou o nome do embaixador, Kakaya, um Tubungo de grande sabedoria e que foi o fiel chefe de guarda do meu pai, uma honra merecida para o grande Kakaya, o qual baixou a cabeça, agradecido, sempre era verdade a soberana tinha reservado para ele uma missão de prestígio, o que justificava plenamente a sua substituição por Kumbana. Tchinguri ficou desarmado, não podia contrariar a nomeação do amigo, mas Ndumba ua Tembo mostrou desagrado no olhar, qual é o jogo dela afinal? Publicamente ninguém se manifestou. À partida, já todos estavam vencidos pela habilidade da soberana e a sua graça, falando com voz suave mas onde se adivinhava a firmeza do caminho a percorrer. E ela até podia nem indicar o nome hoje no Conselho, era atribuição que lhe competia, embora fosse uma cortesia pô-lo à discussão do Conselho. E porque estava esgotado o assunto que os trouxera ali, se deu por encerrado o primeiro Conselho presidido por Lueji, com quase unânime satisfação. Afinal foi fácil, diria no dia seguinte a rainha a Kandala, sim, porque foste bem preparada para ele.

No entanto, Lueji saiu do Conselho com os pés gelados, apesar da tarde quente.

Tchinguri tinha mudado de residência. Mandou construir uma casa grande de três quartos, abandonando a tradição da cubata circular. Ainda dentro do cercado, fizeram uma cubata espaçosa para a mulher dele e algumas para os serviçais mais directos. Fez vir gente da sua linhagem para as obras. A nova chipanga ficava afastada de Mussumba, na saída para o lago. Aproveitou uma grande árvore, que dava sombra ao terreiro onde costumava receber os amigos e beber. Lueji não apreciou a ideia da nova chipanga mas nada podia fazer, Tchinguri tinha o direito de mudar para onde quisesse, até podia ir para as terras que ele dominava, no Luengue, a Oeste de Mussumba, das quais recebia os tributos em comida e o mel para as bebidas. Claro, antes devia prevenir, por respeito ao chefe. Mas a soberana decidiu fazer um gesto de conciliação e foi visitar a nova chipanga, depois de ter se desembaraçado das insígnias do poder. Só acompanhada por Kumbana e doze portadores de liteira, os

quais ficaram do lado de fora do cercado. Kumbana esperava à porta, para mostrar era visita particular a um irmão.

Surpreso, Tchinguri fez grandes manifestações de alegria, era uma honra receber a rainha na sua nova residência. Também lá estava Chinyama, o qual levou logo a reprimenda, há muito tempo não me vais visitar, mas estava para ir lá mesmo hoje depois do Conselho, maninha, queria te cumprimentar pela maneira como o dirigiste, mas depois o Tchinguri chamou-me para um marufo acabado de tirar e sabes não resisto a isso, e também estava Nandonge ainda com o traje que levava à reunião e mais Kakaya. Era evidente, tinham vindo directamente para comentar as decisões tomadas e fazer planos de futuro, mas Lueji fingiu não ter percebido, pensando masé tenho de arranjar maneira de saber o que eles discutem a sós. Chinyama evitava-a, provavelmente ameaçado pelo irmão mais velho e a esperança de saber coisas através dele se esfumava com os dias passando.

Fizeram-na sentar no cadeirão do chefe da casa, serviram marufo que ela aceitou, embora pensando que não devia, podia estar envenenado, disparate, todos estão a beber da mesma cabaça e nem deu tempo para preparar o veneno pois não contavam com a visita. Tchinguri, muito solícito, estava na defensiva, procurando adivinhar as intenções da irmã e por isso ela ficou calada, a beber lentamente, e só falou para perguntar como está a minha cunhada, a qual veio logo cumprimentar a rainha, trazendo o único filho pela mão, pois só agora começava a andar. A conversa estava por aí, pelos terrenos serenos da família, até que Chinyama repetiu as felicitações pela forma como tinha decorrido o Conselho, estás mesmo uma rainha, e Tchinguri não resistiu mais:

– Continuo a achar que se devia atacar imediatamente. O Kakaya deve levar já os seus homens para começar a guerra logo que fracassem as negociações.

– Que pensas, Kakaya? – perguntou Lueji.

O interpelado olhou para Tchinguri, atrapalhado pela posição incómoda em que o colocou a rainha. Mas respondeu, depois de algum tempo de hesitação:

– Devo cumprir as ordens do Conselho.

– Mas achas que deves levar já um exército ou não? O Conselho nada disse sobre isso.

Kakaya coçou a cabeça. Era um homem maduro, o mais velho de todos que ali estavam. A bem dizer, era o único homem maduro se encontrando debaixo da árvore, os outros eram todos jovens. Tinha experiência destes jogos de esquivar respostas directas, mas Lueji era persistente e encurralava-o.

– Bem, se vou como embaixador para negociar... Não posso me apresentar como já pronto para a guerra.

– Era a resposta que esperava de ti – disse Lueji, notando o olhar homicida que Tchinguri lançou ao amigo. – Se as negociações falharem, mandas um aviso e ficas por lá. Eu depois envio os homens necessários.

Os homens de Ndumba ua Tembo, claro, pensou Tchinguri, com vontade de se embebedar. Mas não devia, toda a atenção e lucidez era pouca. Ficou calado, tentando controlar a sua raiva. Chinyama soltou uma gargalhada inesperada.

– Maninha, porque me não mandas lá?

– A ti?

– Nunca vi nenhuma guerra. Sei que é uma coisa cansativa e sem piada. Mas também já é altura de participar de alguma, não? Posso arranjar uns cem homens no Kalanhi, nas minhas aldeias. Não são guerreiros, mas de algum modo têm experiência. Para os Mataba devem chegar...

Lueji sorriu à ideia. Até que nem era tão má assim, tudo o que ajudasse Chinyama a se tornar um pouco independente de Tchinguri podia ser útil.

– Vou pensar nisso. Embora cem homens não cheguem. Kakaya, quantos podes arranjar?

– Neste momento também uns cem. É boa altura. As sementeiras foram feitas, as mulheres podem se ocupar de ir capinando as ervas, os homens só fazem caça e pesca. Claro, se for preciso, ainda posso arranjar mais. Mas aí já se desguarnecem as aldeias, o que também não é bom.

– E duzentos homens chegam para derrotar os Mataba?

– Não sei, rainha – respondeu Kakaya. – Eles não são guerreiros, mas vão lutar nas suas terras. Isso conta. Podem arranjar facilmente

dois ou três mil homens.

– Em dois dias arranjo-te quinhentos, mesmo mil homens – disse Tchinguri.

Reparou depois que devia ter ficado calado, mas o mal já estava feito. Lueji registou que Tchinguri tinha mil homens prontos para qualquer momento. Muitos dos quais com treinos regulares. Era o único Tubungo que se preocupava realmente em ter um exército permanente, sempre fora o seu sonho. Não eram guerreiros profissionais, porque ele não tinha comida para tanta gente. Por isso queria tributos e conquistas. Mas eram homens treinados, o que significava a maior força militar da Lunda, sem qualquer dúvida. Força suficiente para tomar o poder, a menos que todos os outros se unissem contra ele. Mas neste caso, se ele atacasse, não daria tempo a que os outros se unissem. Já teria o lukano no braço, o que lhe daria ainda a força mágica. E quem era o muata capaz de enfrentar Tchin guri, já com a força mágica do lukano? Lueji tentou mostrar que não reparou na gravidade da descoberta.

– Não vamos precisar disso tudo, Tchinguri. Mas agradeço a oferta. Kakaya, tu conheces a zona. Quinhentos homens chegarão para vencer os Mataba definitivamente?

– Sim, rainha, se forem bem comandados.

– Mas serás tu o comandante!

Kakaya baixou modestamente a cabeça e olhou para as mãos. Falou baixinho:

– Quinhentos homens chegam para trazer a cabeça do chefe deles, rainha da Lunda.

Tchinguri não estava nada contente. Para disfarçar, mandou vir mais vinho de palma. Lueji não aceitou nova cabacinha. E Nandonge falou pela primeira vez:

– Pelo que vejo, rainha, também pensas que só a guerra resolve a situação...

– Tenho esperança que não seja preciso. Mas devo pensar em todas as alternativas.

– Muito sábia, muito sábia – disse Chinyama, se esforçando por manter as boas graças da irmã.

Tchinguri lhe lançou outro olhar raivoso, mas se manteve calado. Lueji bateu as mãos.

– Mas eu não vinha cá para falar destas coisas, era uma visita familiar. Já me basta por hoje o Conselho. É muito bonita a tua casa, Tchinguri. E está bem situada.

Com efeito, ficava na pequena elevação ocidental de Mussumba. Não só recebia mais brisa como se podia ver até ao rio, do outro lado da capital. O rio propriamente não se via, pois estava ladeado de árvores e muxitos. Mas se via o cercado real e as lavras de massango do lado de lá, bem como as chipangas dos Tubungo que rodeavam Mussumba. E as chanas enverdecidas pelas chuvas.

Lueji nada mais tinha a fazer e se despediu, prometendo voltar com mais tempo. No caminho para casa, pensava no perigo representado pela força militar de Tchinguri, nunca imaginara podia ser tanta. Tinha de estudar desde já a composição do exército a enviar para Kakaya. Não podia recusar a oferta de Tchinguri, isso ia preveni-lo antes do tempo da sua desconfiança. Uns cem homens tinha de aceitar. O resto tinha de ser formado pelas gentes de Ndumba ua Tembo e de Kakele e os que Kanyika pudesse mobilizar. Ficava equilibrado e ninguém tirava glória da operação, a não ser ela. E os tributos iriam para a casa real, que bem precisada estava. Haveria de discutir calmamente com Kakele e Kandala, pesando todas as opções. Seria tão bom se os Mataba aceitassem as novas condições... Não, não valia a pena ter ilusões, eles iam recusar. O chefe deles era um velho teimoso. Kakaya tinha mesmo de trazer a cabeça dele num escudo.

Já tinha entrado em Mussumba e as pessoas aclamavam a liteira da soberana. Se lembrou e disse para Kumbana, que caminhava ao lado da tipóia:

- Vamos voltar atrás. Para o lago.
- Está a escurecer. É melhor ir buscar uma escolta.
- Não, vamos assim mesmo.

Kumbana não mostrou contrariedade. Deu a ordem aos carregadores e, para surpresa das pessoas que saudavam a rainha, a liteira fez meia volta e tornou a sair de Mussumba. Lueji foi cortar algumas flores ao lago. Voltaram, já noite escura, cheios de fome. Mas os ceptros de Lueji brilhavam nas mãos da rainha.

Não conseguia dormir, revendo os acontecimentos do dia. A meio da noite um galo cantou. Coisa estranha que acordou muita gente.

Logo o dono lhe deve ter cortado a cabeça, pois é o que se faz em tais casos. Se o galo que canta fora de horas não for logo morto, más coisas podem acontecer. Lueji se mexia na cama, chamando o sono. Quando finalmente o cansaço venceu, apareceu Tchinguri, pintado de guerra, acompanhado de Nandonge e Kakaya, também pintados de tacula vermelha e envergando as maças de guerra a as azagaias. Roubaste o lukano de meu pai, gritou Tchinguri, mas agora é meu. Os outros dois, rindo ruidosamente, manietaram Lueji e Tchinguri lhe tirou a pulseira sagrada. Os relâmpagos iluminaram a cena e a trovoadas cantava lá fora, ninguém podia ouvir os avisos dela. Tchinguri pôs o lukano no seu próprio braço e ergueu-o para os amigos. Estes aplaudiram. Não tentes reavê-lo, gritou ainda Tchinguri. Deitou as rosas de porcelana para o chão e pisou-as com o pé. O sangue delas ficou coalhando o chão de terra batida, brilhando em cristais à luz dos relâmpagos.

Logo de manhã cedo, Lueji mandou chamar Kandala. Estava ainda muito excitada por causa do sonho e nada podia fazer se não conhecesse o significado exacto. Profecia ou apenas aviso dos espíritos dos antepassados?

Kandala ficou muito tempo pensando. Depois disse:

– E difícil saber assim. Parece mais um aviso para teres atenção, Tchinguri quer o poder supremo, isso está claro. Kakaya está do lado dele e é bom afastá-lo por muito tempo. Deixa-o lá ficar na terra dos Mataba o mais que pudes. Curioso, Chinyama não apareceu. É um sinal? Deves falar mais vezes com ele, trata-o bem. É possível separar Tchinguri de Chinyama, é isso que o sonho indica. Mas porquê as rosas de porcelana? Isso não entendo. Tenho de trabalhar com o ngombo, mas não o trouxe. E que espírito falou no sonho? Só o ngombo pode dizer, vou buscá-lo.

Kandala saiu e Lueji ficou dando voltas na sala de audiências. Depois chegou Kakele, a chamado da rainha. Esta explicou a conversa na casa de Tchinguri e os seus receios. Por fim contou o sonho, mas isso é assunto para Kandala, o que quero saber é se é possível Tchinguri ter tantos homens.

– Quis te impressionar. Não pode ter mil homens dum dia para o outro. No máximo duzentos. E bem treinados, o que já é uma força

considerável. Poderá juntar uns quinhentos talvez. Mas precisa de tempo para isso.

– Temos de saber quais as forças dele ao certo. Não se ocupa doutra coisa, já pode estar muito avançado nos preparativos.

– Vou mandar alguém saber. Do Luengue até aqui são três dias de marcha. É no Luengue que estão os kimbos dele e as lavras. Aí poderá ter talvez uns quinhentos homens. O Kandama anda lá há muito tempo. É um bom comandante e o braço direito de Tchinguri. Deve estar a treinar a tropa. Vou mandar rapazes de confiança no Luengue para descobrirem quantos se estão preparar.

– Pode ter noutros sítios.

– O Luengue é o território dele. Aqui em Mussumba ele tem no máximo cem homens espalhados por aí. Vou mandar vigiá-los, podem ir num sítio isolado treinar e voltam dormir em Mussumba.

Lueji assentiu com a cabeça. Kakele voltou a falar, a voz grossa mostrando preocupação:

– Rainha, não podes ter uma guarda tão pequena.

– Não tenho comida para mais. Os silos já estão quase vazios, só por alimentar os homens que vieram com o Kumbana. Trouxeram as mulheres e os filhos para fazerem lavras. Mas até à colheita, tenho de os alimentar a todos. E as minhas lavras não têm muita gente a trabalhar. Bem sabes como era o meu pai. Dizia a sua força era a unidade dos Tubungo. Não precisava ter muitas lavras nem tributos pesados. Agora os Tubungo estão divididos. Quer dizer, a minha força é mínima.

– Mas uma guarda de trinta homens... Num ataque de surpresa, os cem de Tchinguri aqui de Mussumba são suficientes para tomar o poder.

– São talvez suficientes para o tomar, mas não para o conservar. E ele sabe disso.

– Oxalá tenhas razão. De qualquer modo, temos de reforçar a guarda. Uma guerra se prepara. Claro, os Mataba são fracos mas servem de pretexto para reforçares a tua guarda. Podes exigir de cada Tubungo uns cinco ou dez homens que fiquem em permanência na tua guarda. Evidente, aos Tubungo em quem confiamos.

– Mas, Kakele, já te disse, o problema não são os homens. Do Kalanhi, das minhas terras, também posso mandar vir homens. O problema é a comida.

– Os Tubungo fornecem a comida para os seus homens.

– Eles aceitam? É um tributo pesado.

– Têm de aceitar. Sabem o que perdem se Tchinguri receber o lukano. Eu falo com eles, se quiseres. Precisas de cem homens aqui, treinados pelo Kumbana.

Lueji concordou e Kakele saiu para tomar as providências. E foi assim que Lueji, quase sem querer, começou a constituir o seu exército e a pensar como comandante. Foi andando às voltas na sala, fazendo planos. No Kalanhi tinha o seu território, o da sua linhagem, governado pelo irmão mais velho da sua mãe, muata Salukunga. Apesar de ser só um dia de marcha de Mussumba, o tio nunca vinha à capital, nem sequer veio para a entronização da sobrinha, pois tinha uma doença nas pernas que não lhe permitia andar. Mandou o irmão mais novo representá-lo, muata Chiloya, que um dia lhe sucederia na linhagem. Lueji tinha tido esperanças nesse tio que não via há muito tempo, mas quando o recebeu, depois de ter tomado o lukano, perdeu as ilusões. Chiloya não lhe servia para nada, era pouco mais que atrasado mental. Chegou mesmo a falar com a mãe, esse teu irmão não pode vir a ser o chefe da nossa linhagem. Restava o irmão caçula de Salukunga, Cambongo, mas esse tinha acabado de fazer a mukanda, ainda era criança. Quantos homens podia arranjar no Kalanhi? Só indo lá falar com muata Salukunga. Havia mesmo muitos assuntos a tratar no Kalanhi, iria logo que despachasse a embaixada para os Mataba. Mussumba podia ficar sem a rainha por uns dias, Kakele defenderia o poder. E Kakuala ia aprovar a ideia, ele era tio de Salukunga e sabia que a força da rainha só podia estar na sua linhagem, que era a dele, afinal.

Mandou chamar o primo que tinha feito a primeira passagem secreta na nova residência. Era Kamexi, um filho de muata Salukunga e que ainda estava a viver ali, agora integrado na guarda real. Mandou-o seguir para o Kalanhi, a avisar o pai que ela e Nayole iam visitá-lo dentro de dias. E que voltasse imediatamente para as acompanhar. E avisou Kumbana.

Kumbana, apesar de dentro da linhagem ter certa autoridade sobre Lueji, nunca invocava isso. Se comportava como o chefe da guarda face ao soberano. Nunca discordava ou fazia perguntas, cumpria apenas as ordens. E sempre de bom humor. Lueji resolveu pô-lo a par da situação.

– Sim, rainha, ouvi já muita coisa. Fala-se demais em Mussumba. E Nayole explicou-me os seus receios quanto a Tchinguri. Por acaso até pensava em falar contigo, mas não sabia se me permitias um conselho.

– Claro que sim, Kumbana.

– Era mesmo sobre a guarda real. É muito fraca para te defender. Treinamos todos os dias, são bons guerreiros, tenho a certeza que são os melhores da Lunda. Sobretudo Kamexi, que vai ser um grande combatente. Mas são muito poucos.

– Foi isso mesmo que falei ainda agora com muata Kakele. Ele acha devemos aumentá-la para uns cem homens, fazendo alguns Tubungo darem os homens e a comida respectiva para eles. O problema é a comida. Kakele vai tentar convencê-los.

– E vais ao Kalanhi arranjar comida?

Kumbana fez a pergunta de maneira que Lueji percebeu ele não acreditava muito nessa possibilidade. Por isso o semblante do muata se abriu num sorriso, quando a rainha respondeu:

– Não. Mas preciso de preparar um exército de reserva, o maior possível. Isso só no Kalanhi. Fica a um dia de Mussumba, pode intervir a qualquer momento. Vou falar com o meu tio Salukunga sobre esse plano.

– Tens toda a razão. Além disso, as terras de Chinyama são também no Kalanhi, mas mais a sul. Quer dizer, os nossos homens podem interceptar qualquer avanço do exército de Chinyama sobre Mussumba...

– Chinyama não é perigoso.

– Nunca se sabe, rainha. Toda a prudência é pouca.

– De qualquer modo, Kumbana, isso neutraliza o Chinyama e aí estamos de acordo.

Kandala entrou na sala, trazendo o seu cesto de adivinhações. Sentou pesadamente numa pele de ondjiri, muito cansado pela

pressa com que andara. Kumbana hesitou, ia retirar, mas Lueji reteve-o, ia ainda dizer qualquer coisa, podes falar.

– Sim. Sabes se lá há alguém capaz de treinar os homens? Isso é fundamental.

– Não sei. Mas vai pensando sobre isso, ver se te lembras de alguém. Fica como reserva, no caso de lá não haver.

Kumbana se retirou, saudando a rainha e Kandala. Este fez um gesto vago de resposta, colocou o ngombo entre as pernas, depois mandou Lueji sentar na sua frente. O ngombo estava cheio de objectos, figurinhas de madeira, pedaços de cascas de diferentes árvores, raízes, um pedaço de argila vermelha, dentes, unhas, cabelos, restos de peles de animais, seixos, e sobretudo a pemba, um pedaço de caulino branco. Kandala invocou primeiro os espíritos e mexeu o cesto. Observou atentamente a posição respectiva dos objectos. Era sobretudo em relação à pemba que a posição das outras coisas ganhava significado. Foi contando o sonho por perguntas e agitando o cesto. De cada vez a pemba ficava em cima, fruto de muita habilidade na arte de agitar a kinda. E Tchinguri que fez? Agitava o ngombo e olhava. E Nandonge? Agitava e olhava. E as rosas de porcelana? Agitou o ngombo. Ficou muito tempo a analisar a situação. E as rosas de porcelana? Agitou de novo. Olhou e viu o amor do povo pela soberana. Tchinguri quer destruir o amor do povo pela Lueji? Agitou o ngombo. É então isso. E que espírito falou? Agitou o ngombo. Kondi? Agitou de novo. É isso, Kondi. Estás contente com a tua filha, tem tratado bem da tua memória, tem posto comida e bebida nas tuas mahamba? Agitou de novo. Sim, estás satisfeito. Fala então, Kondi, foi um aviso que mandaste ou é uma profecia do que vai passar? Agitou o ngombo e a respiração de Lueji ficou suspensa, era a pergunta última e decisiva. Se fosse profecia, toda a resistência era inútil. Ah, é só um aviso do que Tchinguri pretende. Suspiraram os dois, aliviados.

– Ouviste tudo, minha filha. Vai já agradecer às mahamba do teu pai e ver se estão bem tratadas.

Kandala estava exausto com a concentração exigida. Ficou reclinado sobre a pele. A rainha foi, de passo ligeiro, a caminho do rio, onde estava sepultado Kondi, depositar oferendas junto das mahamba e agradecer o aviso. Seu pai velava por ela, estava na

graça dos espíritos que trouxeram a chuva e com isso a prosperidade da Lunda e o amor do seu povo. Tchinguri já não metia medo, ela sabia se defender e defender a Lunda. Ficou muito tempo a conversar com o espírito do pai que para ela se inclinava daquele ramo grande de mulemba, cujas raízes beijavam o rio.

5

Estava um espantoso dia de Setembro: Amanheceu de céu limpo, varridos de vez os fiapos de cacimbo que fantasmagoravam os barcos na baía. O tempo quente ia chegar cedo. Por enquanto era bem-vindo, já tínhamos saudades e eu sobretudo, por causa dos ossos que chiavam com a humidade. Acordei cedo, não eram seis horas e já andava pela Marginal, esperando o amanhecer. Dizia para mim espero o amanhecer, mas não era isso, fazia masé emboscada. À Lu.

Naquela hora havia pouca distração na Marginal, a cidade ali quase não revelava o seu despertar. Passava um raro carro ou um camião a caminho do porto. E alguns corredores no seu passo de animal sábio. Nos tempos eu também experimentara a corrida de manutenção. Quando decidi deixar de fumar e cuidar mais da saúde, para esquecer uma mulata que me abandonou por não suportar a minha tosse à noite. Sempre tive pouca sorte com as mulheres. Nos últimos três anos, quatro me mandaram passear, sempre por motivos fúteis. Não era tão dramático assim, tinha mulheres demais aí nessa cidade de Luanda. Mas era chato, podia criar complexos, se eu fosse dado a eles. Corri regularmente durante um ano, mas pequenas distâncias e a passo de cágado, não estava para me cansar. Então quase abandonei o cigarro. Logo me apaixonei por uma fula do Sambizanga, uma beleza. Mas era viciosa, exigente. Difícil acordar cedo para correr depois duma noite com a fula Rosinha. Fui tendo cada vez menos resistência e mais preguiça, emagreci, abandonei a corrida, recuperei o fumo. Foi essa fula assanhada que agora me deixou porque escritor é complicado demais, exige silêncios quando não deve, etc., vocês já conhecem. A quarta! Decidi fazer jejum de namorada fixa e escrever o livro. O problema era saber qual. As ideias estavam ainda mais esfumadas que as da Lu, como mais tarde aprenderia. No entanto eu devia pressentir em Lu um tema, porque senão qual o interesse?

O bar Manda Fama abriu as portas. Ali habitualmente os artistas iam beber um café ou uma cerveja. Para lá me mandei, ver se também arranjava fama, pobre escritor desprezado pelos críticos e pelas ideias. Tomava o meu café, quando do quarto do fundo surgiu o Afonso Mabiala. Surpresa. Que fazia ele nos fundos do bar naquela hora tão matinal?

Sentado à minha mesa, ele logo explicou:

– Ontem apanhei uma daquelas! O patrão deixou-me dormir aí na arrecadação. Tem lá uma cama para os clientes fiéis.

O patrão trouxe logo uma chávena de café para o músico. Me piscou o olho.

– Aqui o Sô Mabiala ontem estava inspirado. Xibado como a Cuca inteira. Pena que não tinha a viola, iam sair boas músicas.

– Cala-te lá, explorador do povo – disse Mabiala. – Pensas que os artistas só compõem bêbados? Erro, erro crasso! Música de bêbado é música que não presta. Pergunta aqui ao escritor... Porque ele é escritor, não conheces? Pergunta lá se ele escreve quando está ganzado. Nada, nem uma linha que sai, não é verdade?

Concordei com a cabeça. Para escrever, além de outros rituais, tinha de estar em jejum absoluto, de comida, bebida e mulher, todo nu e só com uma meia no pé esquerdo. Isso da meia no pé esquerdo não é ritual, mas necessidade. Quando escrevo tenho o tique de coçar o pé direito com o esquerdo. Se não uso a meia, fico com o pé direito em sangue por causa da unha do gaduga, unha coriácea que só se corta com tesoura de podar. Tenho outras cerimónias rituais mas não revelo, por segredo profissional. Tinha de estar de acordo com o Afonso. Até porque fiz uma experiência, quando jovem, de escrever depois de ter puxado uma boa liamba. Era de noite, estava em casa. Pus-me todo nu, claro, e peguei no papel. À medida que surgiam as imagens ia escrevendo. Era uma fabulosa sequência de imagens, mais para o cinema. A Ermengarda, uma bailunda casada com quem eu andava na época, estava toda nua, deitada num chão de marmorite. O chão parecia um tabuleiro de xadrez, aos quadrados brilhantes pretos e brancos. Até perder de vista. E a Ermengarda rebojava lentamente no chão, toda esticada, com seu corpo escultural brilhando como o marmorite. Silêncio total. De repente, ao levantar o ângulo da

câmara, ou do meu olhar se preferirem, se via o marido dela sentado num cadeirão e me fitando em ameaça. Um branco, forte e barbudo, sentado com os peludos braços pendendo do cadeirão, não dá medo? Ultrapassei o susto e escrevi a cena. Mais não deu e adormeci. Acordei horas mais tarde e logo tive a ansiedade de ler o que tinha escrito. Desilusão, aquilo era indecifrável. No meio dos gatafunhos apenas se apercebia mal desenhada a palavra mamã. Por quatro vezes. O que tinha a minha mãe a ver com aquela experiência literário-sexual? Nunca mais tentei. Isso foi há vinte anos, mas nunca mais tentei.

O patrão tinha voltado para o balcão do bar, contando as moscas. O Mabiala bebia o seu café, sorvendo forte. Talvez um ritual para afastar a ressaca, cada artista tem os seus. Perguntei:

– Como vai o trabalho?

– Pior que péssimo. Bastantemente péssimo, para ser mais claro.

Continuou a beber o café, sorvendo com mais força. Usava casaco, o que é raro por aqui, sobretudo com o calor a chegar. Um casaco de abas puídas e sebatas. Fora castanho-escuro, agora já tinha tons amarelados. Nem penteara a carrapa espessa. O cabelo estava aos tufos, com marcas de algodão. Um artista um pouco desleixado, mas que artista! As pessoas bem situadas na vida lhe perdoavam o aspecto e franqueavam as portas das vivendas, para encantar os convidados. Mas ele raramente acedia. Preferia compor e poucas apresentações públicas fazia do seu trabalho. Desprezo? Aí estava um bom personagem para o romance que havia de me tirar da miséria aos cinquenta anos. Decidi puxar por ele, para saber mais.

– Mas que está compor agora? Pergunto porque aprecio a sua obra. Especialmente o *Espelho Quebrado*. Se não revolucionou a música angolana deste século, é porque ela não tem cura.

Atirei aquilo porque sabia era o pensamento profundo dele. Ouvi-o um dia defender o *Espelho Quebrado* como a sua melhor música. Não era muito do meu gosto, mas queria era adulá-lo, pô-lo bem disposto para falar. E eu aproveitar. Oportunistas somos todos, só que uns têm mais vergonha. Os olhos dele brilharam pela primeira vez.

– Pensa isso? Somos tão raros a preferir essa música...

Vitória efémera. Me incluiu no seu grupo restrito, mas logo soçobrou na apatia. Nada a fazer, antes do meio-dia não ia despertar, a ressaca aumentava a amargura.

– Que está compor agora? – insisti. Bolas, estava a defender o meu pão, tinha de ser carraça.

– Nada. Fiz uma merda aí para um bailado. Uma autêntica merda. Foi recusada, ainda bem. Mas o bailado também morreu. E recebi um adiantamento que tenho de repor. Só tenho dívidas, é tudo uma puíta.

– Que tipo de bailado era?

– O *Cahama*. Baseado na novela do mesmo nome.

Senti um estranho prazer por o bailado se ter afundado. Como se não houvesse outros escritores! Sempre o mesmo a ser adaptado para cinema, música, teatro, escolas... E as minhas obras nem sequer para discurso serviam, esquecidas. Não era inveja, apenas um legítimo sentido de justiça.

– E você foi responsabilizado pelo afundamento do bailado?

– Não. Houve outros problemas com o grupo.

O grupo de Lu? O olhar vago dela era derivado desses problemas? Talvez Mabiala pudesse informar. Afastou as moscas da mesa e continuou, baixo:

– Mas é o meu orgulho que está ferido. Desconsegui arranjar a música, percebe?

– Claro. Mas agora vai tentar outra coisa, não?

Fez um gesto vago com a mão. Perguntou se eu queria beber e como recusei, encomendou uma cerveja. Foi nesse momento que vi Lu atravessar a rua do outro lado. Paguei a conta, me despedi na corrida e desandei para a sede do grupo. Estaquei antes de me aproximar muito dela, de forma a não se aperceber eu corria para a apanhar. Fiz cara de surpresa, há quanto tempo, Lu. Ela pareceu não me reconhecer à primeira. Depois fez um ah, você, como está? Ficámos parados, eu sem saber o que dizer. O olhar dela era o mesmo, para dentro.

– Como vai a dança? Quando nos ofereces um dos teus fabulosos espectáculos?

Não reagiu ao cumprimento. Olhava a porta da casa, como desinteressada de mim. Talvez estivesse atrasada e me considerava

um importuno que não podia despedir sem mais nem quê.

– Assim-assim.

– O que quer dizer não muito bem. – Tive uma intuição que no ar andava o fracasso do *Cahama*.

– É. A fase não é boa.

– Problemas?

– Alguns, sim.

– Mas estão a preparar algum espectáculo?

– Não neste momento. Só manutenção.

– É pena. Está a fazer falta. Já há muito tempo não há nada de bom. E eu perdi o vosso último, estava muito ocupado na altura.

O que era exactamente verdade, a fula Rosinha não me dava tempo para nada. Ou estava na cama a trabalhar com ela, ou estava na cama a descansar do trabalho com ela. Já não tinha idade para essas cavalgadas, o corpo pedia sossego. Mas e o coração? O coração estava sempre arranjar pretextos para meter o corpo em tropelias. Por isso tinha perdido o último espectáculo, a bem dizer tinha me passado completamente despercebido e agora lamentava, podia servir para prolongar a conversa. Mas não tinha nada para dizer e Lu se despediu, muito prazer em vê-lo, e entrou na sede do Kukina. Fiquei parado, tão adiantado como antes. Não exactamente. Tinha ao menos confirmado aquele olhar vazio, o desinteresse pelo Mundo, havia drama, havia.

Conhecia Lu há uns anos, tínhamos amigos comuns, embora os dois não fôssemos íntimos, nem pouco mais ou menos. Tratava-a por tu, o que nada quer dizer, era normal pela diferença de idades. Desesperado por encontrar tema para inspiração, decidi ali mesmo, tenho de receber as suas confidências. Era preciso ganhar a confiança dela até me considerar um amigo fiel, tão fiel quanto Kamexi que foi num dia, veio no outro. Chegou ainda de tarde, as aldeias de Lueji eram perto. Foi logo comunicar à soberana, o meu pai ficou muito satisfeito com a honra de te receber, vai preparar uma grande recepção.

– Falaste a alguém antes de vir aqui?

– A ninguém.

– Ótimo. Então espalha por aí que o meu tio Salukunga está muito doente. E por isso eu vou visitá-lo. E mostra preocupação pela

saúde do teu pai, entendido?

Kamexi era esperto e começava a entrar nas intrigas de Mussumba. Não foi por acaso escolhido para fazer a saída secreta, a primeira? E não ajudou Kumbana na segunda? Sorriu, cúmplice.

– Claro, rainha.

E saiu a cumprir as ordens. Um dia inteiro a andar, sem comer, e veio logo fazer o relatório da missão, isto é que é um primo de confiança. E bem forte e bonito, dava um belo marido se o casamento fosse mais que uma aliança. Mal Lueji tinha concluído o seu pensamento, já Nayole irrompia aos prantos pela sala de audiências.

– Soube que o meu irmão Salukunga está muito mal. Vou contigo visitá-lo, Lueji.

A filha puxou-a pelo braço para lhe segredar ao ouvido:

– Mãe, ele não está doente. Pedi ao Kamexi para dizer isso apenas para os inimigos não suspeitarem das minhas intenções. Finja preocupação, mas escusa de chorar. E claro que vai comigo, isso também faz parte do plano.

Nayole parou de chorar. Olhou antes para todos os lados, perguntou baixinho:

– Porque segredas?

– Todo o cuidado é pouco. Não sabemos quem temos junto de nós, mãe.

Lueji pensava em Kanyika, pois Ndumba ua Tembo também não tinha nada que saber das suas intenções. Mas não revelou o nome.

– Julgava que aqui só havia gente de confiança – insistiu a mãe, cada vez mais assustada, olhando incessantemente à volta.

– Calma, é só prudência.

Nayole saiu para se lamentar junto das pessoas da casa pela doença do irmão. Kamexi é eficiente, pensou Lueji, cada vez mais agradada com o primo. Dentro de momentos Musole virá confirmar o mujimbo e depois encarrega-se de o espalhar por toda Mussumba. O mujimbo é uma arte de governo, pensou a rainha, orgulhosa da sua esperteza. Cuidado, Lueji, também te sentiste muito esperta quando nomeaste Kanyika. A ideia enraiveceu-a. Começou a passear na sala para acalmar. Ainda havia de provar que não tinha errado. Mas não depende de mim, depende dele.

A lembrança de Tchinguri voltou. Como era possível o seu ídolo de infância, o seu irmão querido, se tornar uma ideia obcecante? A culpa não era dela. Os espíritos avisavam e os espíritos não se enganam. Ainda gostava dele, oh, gostava muito de Tchinguri, apesar de tudo, e não lhe queria nenhum mal. Mas ele já não gostava dela, já não era a sua mana que ele ensinava e defendia, a companheira das brincadeiras arriscadas e das caçadas. E de mais, muito mais... Se tinha tornado a adversária, só porque tinha o lukano. Porquê, Tchinguri, porquê? Não estávamos tão bem antes, não ficarias perfeito neste trono que eu não quis? Seria apenas a irmã caçula do soberano, que ele continuaria a proteger. E continuariam a rir e a brincar juntos, embora já fossem risos e brincadeiras de adultos, isso tinha de ser. Provocaste a morte do pai e estragaste tudo, quando ele não tinha ainda decidido deserdar-te, eu sei que não. Poderia ter falado ao irmão dessa conversa com Kondi, quando este voltou da residência de Kandala ainda pleno de dúvidas e da sua defesa de Tchinguri. Mas não deu tempo na altura e depois já era tarde demais. E ele nunca ia acreditar. Convinha a Tchinguri pensar que Kondi já tinha a decisão tomada, nisso baseava a sua razão para tudo o que fazia hoje. Nunca acreditaria. E ia só pensar era uma hipocrisia minha. Medo meu. E era verdade que tinha medo do irmão, sempre tivera, embora nunca demonstrasse e nisso estava antes a sua força para o desafiar e dominar. Medo daqueles súbitos arranques de cólera, incontrolláveis e fatais. Medo do esbracejar repentino que aterrorizava Chinyama e o deixava pregado no chão. Um homem pequeno e magro que infundia medo, assim era Tchinguri. Mas no fundo, ela sabia, ele não era mau, apenas impulsivo. Nunca Tchinguri matou ninguém friamente, seguindo um plano. Se o fez, foi levado pela cólera súbita que o acometia, como quando um espírito cavalga a gente e deixamos de ser nós próprios, apenas o corpo onde se materializa a vontade do espírito. E ela, ainda criança, tinha descoberto a maneira de acalmar aquela ira furiosa, superando o próprio medo e enfrentando o irmão. Enfrentando sem ódio. Calmamente, engolindo todos os terrores. E Tchinguri, parecia era feitiço, ficava fraco, sem vontade, esquecida a raiva, procurando a trégua, lhe oferecendo um makolo ou uma matundua ou o último pássaro que tinha apanhado.

Era fraco na sua força, ela sabia. Mas agora havia ódio contra ela no coração dele. Já não a raiva que se domina, mas o ódio frio e calculado, capaz de todas as perfídias. Era isso que a assustava, contra o ódio não aprendera a lutar. Até tinha pisado as rosas de porcelana, aí estava o sinal do seu ódio, queria destruir o amor do povo pela soberana. Já não era só a raiva de lhe tirar o lukano sagrado, era o ódio de esmagar as flores. Compreendera a mensagem mesmo antes de Kandala, ele apenas confirmou. Por isso tenho de me armar contra Tchinguri, ter uma força minha que o faça pensar duas vezes antes de atacar. Que tristeza, a Lunda se armar contra si própria, por intermédio de irmãos. Tinha prometido ao pai defender o lukano e transmiti-lo ao seu filho. Nada podia contra essa promessa. Se não cumprisse, o espírito de Kondi ia persegui-la sempre, provocar as maiores desgraças, torná-la desprezível como uma leprosa. A pior vingança é a dum espírito atraído, por isso nunca ninguém ousaria descumprir uma promessa feita a um moribundo. O moribundo é paradoxalmente a pessoa mais forte que existe, ele já vê o outro lado, que nenhum vivente pode ver. Já está em contacto com os espíritos do vento e da chuva, da sombra e da luz, ninguém lhe pode mais fazer mal, impor a sua vontade. Só o moribundo pode impor vontades. E ninguém escapa a elas. E ela prometeu a Kondi velar pelo lukano, evitar que ele caísse nas mãos erradas. Não podia pois sequer pensar em entregar o lukano a Tchinguri. Teria a paz dele, mas não a do espírito do pai. Terrível, porque atraído. Antes a guerra com Tchinguri, antes todas as guerras. Por isso tenho de ter um exército, que não é contra Tchinguri, mas a favor de Kondi.

No dia seguinte, foi despedir a embaixada junto dos Mataba. A cerimónia pública, o tetame, se realizou na grande sala do Conselho, no largo principal de Mussumba. Era um tchota ou njango, conforme a língua, isto é, uma casa circular, mas com parede de paus e capim até à altura máxima dum metro, o resto aberto até ao tecto, sendo portanto muito clara e arejada. Era coberta por espessa camada de capim, colocado em forma cónica. Lueji estava apetrechada de todas as insígnias do poder. Kakaya também trajava de cerimónia e na cabeça levava uma sala de plumas brancas. Mas as plumas vermelhas de papagaios do Norte

iam também nas imbambas, para o caso de guerra. Tinham combinado todos os detalhes na véspera. Agora era apenas uma despedida formal, na presença de todos os grandes muatas ainda presentes em Mussumba. O povo ficava à volta na praça, apreciando os movimentos e podendo ouvir aquilo que a distância permitia. A guarda de Kumbana cercava o tchota do Conselho, afastando os curiosos demasiado atrevidos.

– Vai, Kakaya, dizer ao chefe dos Mataba que quero bom relacionamento e paz entre eles e a Lunda, como houve no tempo do meu pai, Kondi. Mas não admito insultos e foi um insulto o que disse o chefe deles, só tinha acordo com Kondi, não com a filha. Vai dizer, Kakaya, ele tem um acordo com a Lunda, não com Kondi ou Lueji. A Lunda permanece para lá dos chefes que passam. E o acordo permanece também. Foi uma ofensa que ele fez ao lukano sagrado. Para apagar a ofensa, os tributos são duplicados. Só assim o meu coração ficará sossegado e o poderei considerar um amigo. Assim debes falar, meu embaixador Kakaya.

– Assim farei, rainha.

O embaixador bateu três vezes palmas, inclinando-se para a frente. Os Tubungo bateram também três vezes as palmas. Kakaya se retirou, se pôs à frente dos homens da comitiva, uns cinquenta ao todo entre dignitários, soldados e carregadores, estes com as imbambas à cabeça, e começou a marchar à frente até sair de Mussumba. O povo aclamou a embaixada, desejando boa sorte. Todos perceberam a rainha evitava a guerra e estavam com ela: só mesmo os estouvados queriam provocar o perigo do sangue correndo pelas chanas.

Os Tubungo presentes se prostraram e bateram as três palmas rituais, quando Lueji se levantou da cadeira esculpida. A rainha passou entre eles, não ligou para o sorriso de Ndumba ua Tembo, saiu do tchota e sentou na liteira. A conselho segredo de Kakele, deu ordens a Kumbana para seguir a rua principal até ao outro largo e assim ser aclamada pela população. Os aplausos e assobios chamavam mais povo, que se juntava para homenagear a soberana que negociava a paz. O cortejo real passou pela rua principal de Mussumba até ao segundo largo, onde havia outro tchota mas mais pequeno, local de reunião dos mais-velhos para conversarem

durante o dia e fumarem liamba. Depois o cortejo voltou para a onganda real.

Já lá estava Kakele. Lueji se desembaraçou dos paramentos rituais e os entregou ao dignitário encarregado de os guardar. Depois perguntou a Kakele:

– Já tens notícias de Luengue?

– Ainda não deu tempo, rainha. São três dias para ir e três para vir. Mais alguns para colherem as informações. Mande o meu filho Katuya, que é um rapaz esperto, ir lá visitar a família. Levou mais dois rapazes, mas foram por caminhos diferentes. Encontram-se quando tiverem informações e depois Katuya manda um deles com as notícias. Katuya fica lá, a pretexto de visitar a família, à espera de mais instruções. Mas ainda vai demorar, Lueji.

– Sigo amanhã para o Kalanhi. Era bom se já tivesse as informações mas paciência! O Katuya deve ficar no Luengue o tempo que for preciso. Que arranje gente de confiança para espiar todas as movimentações de Kandama. Temos de estar sempre a par de tudo.

– Foi o que eu disse ao Katuya. Não te preocupes, ele vai cumprir os teus desejos.

Depois Lueji ficou a preparar a viagem. Despachou Kamexi à frente, para explicar ao pai que devia fingir de doente, pelo menos à chegada da rainha. Ia muita gente com ela e certamente algum enviado de Tchinguri, o qual logo iria contar que Salukunga não estava nada doente e portanto o objectivo da viagem era outro. Essa notícia ia pôr Tchinguri de sobreaviso e passaria a se interessar mais pelo Kalanhi. Logo descobria os preparativos do exército. Lueji explicou tudo a Kamexi, para este o transmitir ao pai. Estando todos ao corrente da estratégia, era mais difícil haver falhas.

Com Kumbana tinha combinado como ia se fazer a viagem. O chefe da guarda se encarregou dos homens e da comida. Nayole preparou os presentes para Salukunga, pois a rainha tinha de levar lembranças para o chefe da sua linhagem.

Tudo estava pronto quando apareceu Kandala. Ficaram a conversar sobre a História da Lunda. Kandala falava, falava e Lueji

ouvia. Por vezes esta fazia uma pergunta ou uma observação. E Kandala contava, contava. Assim passou o dia.

No dia seguinte, ao nascer do Sol, a comitiva real partiu para o Kalanhi. Um grupo de vinte guardas ia à frente. Depois as duas liteiras, da rainha e de Nayole. A seguir Kumbana, com o resto dos guardas. Atrás os carregadores com as imbambas. O povo lá estava concentrado nas ruas, para aclamar a soberana, desejando boa viagem. Alguns Tubungo iam ao lado das liteiras, acompanhando a rainha até à saída de Mussumba. Aí, Lueji deu ordem de baixar a liteira, se despediu dos Tubungo e passou a andar a pé, ao lado de Kumbana.

– Gosto de andar, já tem tempo que não o faço.

Atingiram o rio e flectiram para o Sul, seguindo sempre na margem.

Mais à frente haveriam de o atravessar num vau. O tempo começava a aquecer e o céu estava limpo.

– Era bom se não chovesse – disse Lueji.

– Não sei, rainha – disse Kumbana. – Tem chovido muito, o rio já está cheio. De repente pode chover.

Se embrenharam nas matas, em comprida fila indiana. A liteira de Nayole atrasava um pouco o grupo do meio, pois a vegetação era espessa e o caminho muito estreito. Em breve também ela mandou baixar a tipóia e passou andar a pé. Assim avançavam muito melhor, apesar do chão escorregadio pelas muitas chuvadas sobre as folhas caídas. Ao fim de várias horas, terminou a floresta. Atravessaram o rio a vau, as duas mulheres a pé apesar dos protestos de Kumbana, o rio estava cheio e tinha jacarés. À frente havia uma longa chana e elas aceitaram subir para as tipóias. O Sol estava no zénite e todos suavam com o calor. Muito tempo demorou a atravessar a chana, alagada com as chuvas. Ia ficar assim durante meses e tinha de se passar com água pelos joelhos.

Depois começaram as elevações, cobertas de capim alto, cortadas pelos pequenos afluentes do Kalanhi. Aqui e ali se viam cubatas. Mas ainda muito dispersas. E uma ou outra lavra ao pé do caminho: massango, massambala. Perto dos riachos, uma horta de feijão macunde ou jinguba. Uma ou outra mulher nas lavras. Depois o terreno ficou mais acidentado, atravessaram um riacho já de cinco

metros de largura e Lueji gritou para Kumbana, estou em casa. Efectivamente ali começavam as terras da linhagem. Logo se notava a diferença. Mais campos lavrados, mais cubatas, um kimbo lá à frente pela direita. A população estava avisada e veio saudar a rainha da Lunda, batendo palmas e assobiando. Atravesaram o kimbo sem parar. O caminho flectiu para a direita, entrou numa floresta e de novo as duas mulheres saíram das liteiras. Mas a floresta não durou muito a ser atravessada. Lueji ia andando e antecipando o prazer da visão que se tinha ao sair da floresta. Era uma baixa que aparecia à frente e lá no fundo brilhava o rio Kalanhi, à luz da tarde. Três aldeias grandes se dispunham dum lado e outro do rio, sobre pequenas elevações. Era a capital de Salukunga. Muitas vezes aqui viera e sempre a encantava a visão repentina que surgia ao sair da floresta. A baixa, o rio, as três aldeias de onde se elevava o fumo das muitas fogueiras acesas para cozinhar a refeição do dia. Desta vez também a visão não a desiludiu. Estava em casa, ali se sentia em casa, apesar de ter nascido em Mussumba. Lembrou a vez que foi com Tchinguri e Chinyama. Foi só uma vez pois eles não pertenciam ali. Mas Nayole foi visitar a sua família e Lueji convenceu a mãe dos irmãos a deixá-los ir também. Tchinguri já era um rapaz e passaram os dias em caçadas e correrias. Foi ali que Tchinguri matou o seu primeiro sefu. Voltou para Mussumba todo orgulhoso, não parava de falar no assunto. Belos dias do Kalanhi. Agora era tudo diferente, não vinha passear, vinha arranjar forças contra Tchinguri. Uma pontada no peito e passou a beleza da visão.

Kamexi estava à sua espera, no caminho, acompanhado de outros rapazes. Todos com as fundas e mocas de guerra, além dos mucuali. Se integraram no cortejo até à aldeia principal.

A população das três aldeias e de outras mais próximas estava concentrada à espera. Batia palmas e dançava de alegria. Vaidosos todos porque a sua filha era rainha da Lunda. Nayole disse para Lueji a soberana devia fazer a entrada na liteira, assim mandava o protocolo, mas ela recusou, em minha casa ando a pé, deixe esses protocolos para Mussumba. E cumprimentava as pessoas pelos nomes, toda feliz, esquecida das responsabilidades do Estado, de novo uma rapariga de dezoito anos de visita a familiares. Os

muatas, chefes das aldeias, estavam defronte da chipanga de Salukunga e se deitaram no chão, esfregando o corpo de areia, mas Lueji rompeu a tradição, cumprimentou batendo as palmas e respondendo muana vulié, como se fosse ela a súbdita ou uma igual, a minha filha ainda tem muito que aprender, pensou Nayole, mas os muatas compreenderam a honra que lhes era dada e os olhos sorriam de lágrimas pela sobrinha que não os esquecera, apesar de tudo.

As duas mulheres entraram na casa de Salukunga para cumprimentar o inválido. Depois do ritual, Lueji perguntou ao tio como se sentia e este respondeu, com um sorriso matreiro nos lábios:

– Muito doente por ordem tua. Mas com a tua presença já me sinto melhor e logo até posso dançar contigo. Se o consentires.

– Logo ainda não.

E riram os três porque Salukunga, mesmo sem fingir doença, não podia dançar, nem mesmo andar.

Depois dos cumprimentos, as visitas foram se lavar e comer. A população tinha sido mobilizada para uma grande caçada na véspera e havia carne em abundância. Também peixe, pois o Kalanhi tinha muito bagre e cacusso. A comida e o vinho de palma correram pelo povo todo reunido e logo começou o batuque. Lueji apreciou um pouco a dança, que se passava no terreiro vazio por trás das casas, cheia de vontade de nela entrar, apesar do cansaço da viagem. Mas ainda não podia, estava ansiosa de falar com o tio. Avisou Kumbana para a acompanhar e se dirigiu a casa de Salukunga.

Explicou a situação toda ao muata, dando detalhes que Kamexi evidentemente desconhecia.

– Estive a pensar nisso tudo – disse Salukunga. – Não temos possibilidade de arranjar imediatamente um exército tão grande como o que parece ter Tchinguri. Falas em mil homens! É muita gente. Repara. As aldeias são muito dispersas. Daqui perto, de maneira que os homens possam vir treinar e ir comer e dormir às casas todos os dias, podemos arranjar uns duzentos. Para mais que isso, temos de os mobilizar nas aldeias distantes e não dá para virem de casa, treinarem e voltarem para casa. Seria preciso

concentrá-los num sítio e as mulheres trazerem a comida, de vez em quando.

– E qual é o problema?

– É muito difícil, pois se torna muito trabalho para as mulheres. Tomam conta das lavras e ainda têm de trazer a comida. Mas em caso de absoluta necessidade, temos de fazer isso.

– E nesse caso quantos homens teríamos?

– Quinhentos, um pouco mais.

Lueji ficou calada, pensando.

– Vou chamar o Kumbana, pois ele é que é o comandante. Mas parece que quinhentos homens é uma força suficiente. Temos a vantagem de os poder chamar a Mussumba mais depressa que Tchinguri. E depois temos reforços dos outros Tubungo, em especial de Ndumba ua Tembo.

Gritou para fora e logo Kumbana apareceu. Depois de ter ouvido a informação, o chefe da guarda coçou a cabeça.

– Duzentos homens é pouco, é. Quinhentos já estava bem. Mesmo se no Luengue eles têm mil.

– O grande problema é concentrar os outros trezentos – disse Lueji.

– É. Tem de se constituir um kilombo. Qual é a disposição das aldeias?

Salukunga desenhou no chão a posição das suas vinte aldeias, marcando com um traço o rio Kalanhi. Às perguntas de Kumbana, foi indicando por gestos que mostravam a posição do Sol, qual a distância entre as aldeias. Ficavam dispostas em dois grupos principais. O primeiro, mais perto de Mussumba e cujo centro eram as três aldeias, era constituído por sete, numa distância máxima de duas horas de marcha. O segundo grupo compreendia as outras treze aldeias e estabelecendo o centro a três horas de marcha da capital de Salukunga para sul, ficavam dispostas a uma distância máxima de quatro horas desse centro.

– Fazemos um kilombo aqui perto, para estas sete aldeias. Aqui não tem problema, eles podem ir comer e dormir em casa. O kilombo é só para treino. É um grupo que está pronto a toda hora para avançar sobre Mussumba. Temos de procurar o sítio para o outro kilombo aqui nesta zona – e apontava o centro teórico do

segundo grupo. – Aí já alguns têm de dormir no kilombo, outros podem ir para casa. Mas há seis aldeias que ficam mesmo longe, não dá para irem todos os dias.

Lueji interrompeu:

– Porquê dois kilombos e não três ou quatro? Os que forem precisos para evitar a distância?

Kumbana mais uma vez coçou a cabeça, olhou para a rainha. Em tom de desculpa por ter de discordar dela, explicou:

– Quatro kilombos resolvia o problema da comida. Mas, e os instrutores? Quando me falaste, rainha, pensei em quem podia ficar aqui a preparar o grupo. O meu irmão mais novo serve, o Kandumba. É um grande guerreiro e aprendeu muito combatendo os povos do outro lado do Cassai. Mande-o chamar. O mais-velho tem aqui alguém que possa treinar os grupos?

– Só o meu filho Kamexi.

– Também pensei nele, aprende rápido. Mas nunca combateu. Serve para ajudar o Kandumba e aprender mais com ele. Mas não pode ficar já com um grupo.

– Esse então é o problema – disse Lueji. – Precisamos de tempo para que uns aprendam e possam ensinar os outros.

– Os que ensinam depois vão comandá-los – explicou Kumbana. – Assim os homens se habituem aos chefes.

– Quer dizer que para já só podemos ter duzentos homens. Isso não serve para nada.

Kumbana não respondeu logo. Reflectia, olhando para o mapa desenhado no chão. Depois se agachou à frente do desenho, iluminado pela luz da fogueira que crepitava dentro da cubata. Avivou um pouco o fogo.

– Mais-velho Salukunga, não é possível que estas aldeias mais próximas e todas as outras arranjem comida para duzentos homens? A minha ideia é a seguinte. Neste primeiro kilombo podemos concentrar os duzentos que vão dormir em casa e mais duzentos que dormem no kilombo. Para estes duzentos, todas as aldeias devem contribuir com comida. Se organizam e uma vez por semana cada aldeia tem de levar comida lá. Não é assim tão pesado. Esses duzentos não dependem só das suas famílias. Passam a ser alimentados por todas as aldeias. Isso não é

possível? Com mais os cem que teremos em Mussumba, ficamos com os mesmos quinhentos. E se a rainha conseguir convencer os Tubungo a darem mais homens, ainda podemos aumentar a guarda em Mussumba.

O velho olhou longamente Kumbana, depois Lueji. Muxoxou.

– Essa gente não entende dessas coisas, vai refilar só. Mas se a rainha falar com todos os chefes dos kimbos, acho eles vão aceitar dar comida para cem. Mais que cem não acredito. E é preciso que a rainha os convença.

– Seja – disse Lueji. – Vou falar com eles. Mas não transijo. Preciso de trezentos homens nesse kilombo. Em Mussumba vou apertar com os Tubungo, temos de ter duzentos homens na guarda. Kumbana, amanhã vais escolher com o Kamexi o lugar do primeiro kilombo, aqui perto. E depois o lugar do segundo, para quando tivermos arranjado um outro comandante. Começamos com o primeiro kilombo logo que o Kandumba chegue. Eu, entretanto, vou ter outras informações e procurarei ganhar tempo. Tens razão, muata Kakele também me ensinou, o comandante tem de conhecer os seus homens e treiná-los a seu gosto. Temos de arranjar outro instrutor. Mas da nossa linhagem, este é o nosso exército.

Os olhos de Kumbana procuraram os de Salukunga e sorriram os dois. Isso eram palavras que fazia bem ouvir, quando vindas da boca do chefe supremo.

Terminou a reunião e Lueji partiu na direcção dos tambores. Aspirou o pó amarelo que saía dos pés dos bailarinos, encheu o peito, e se atirou para o meio da dança, esquecendo exércitos, comandantes, logísticas e essas políticas todas que só faziam os homens ficar velhos e chatos. O povo aplaudiu e trouxe ualua para a soberana. Lueji bebeu e o ritmo aumentou nos seus pés, nas ancas, nos ombros. Sim, agora se sentia em casa. Só faltava mesmo mais logo escolher um rapaz e ir com ele para o capim. Porque não o seu primo Kamexi?

Toda a gente dormiu muito pouco e houve gente que não dormiu mesmo nada, pois a festa durou toda a noite. Lueji foi se deitar, esgotada pela viagem e pela dança, pouco antes de o Sol nascer. Desconseguiu de fugir para o capim, pois os guardas de Kumbana não despregavam o olho dela, apesar da ualua que corria. Bem

treinados, treinados até demais para o seu gosto naquela noite. Dormiu muito pouco, o Sol ainda não aquecia quando se levantou. Bebeu o ndoka morno que Salukunga lhe mandou e chamou Kumbana.

– Vai com o Kamexi escolher o sítio dos kilombos. Mas antes diz a Salukunga para convocar todos os muatas dos kimbos.

Foi no rio tomar banho, enquanto esperava o aviso de Salukunga que os muatas estavam reunidos. Nayole se juntou a ela no rio, bem cansada. Estava velha a sua mãe, pensou Lueji, já não aguenta estas noites. Pudera, a mãe dançara toda a noite.

Quando regressou, Salukunga e os muatas estavam prontos. Todos tinham ficado na aldeia, nenhum contava regressar aos seus kimbos antes da rainha voltar para Mussumba, como era da tradição. Lueji indicou o sítio da reunião, em baixo da mulemba sagrada onde ficavam as mahamba dos antepassados da linhagem. E deu ordem a Salukunga de montar guarda à volta, a uma distância suficiente para que ninguém pudesse ouvir nada do que iam discutir. Se dirigiram para a mulemba, do outro lado do rio, ela e os vinte muatas a pé, Salukunga aos ombros do seu kimangata, o portador. Puseram peles e esteiras na sombra espessa e larga da mulemba, depois Lueji despediu os carregadores. Ficaram apenas os dignitários da linhagem.

A rainha se levantou, fazendo um gesto para que os outros permanecessem sentados, apontou para as mahamba, um conjunto de figuras de madeira, toscamente talhadas, colocadas num nicho formado de paus entrançados. Falou:

– Convoquei-os aqui, junto da morada dos nossos antepassados, porque o que tenho para vos dizer é importante, meus avós, meus pais e irmãos.

Todos sentiram de facto as revelações eram graves. Só assim se explicava a convocatória para aquele lugar sagrado e a maneira como a rainha se lhes dirigia, invocando as ligações que tinham com os avós dela e com a sua mãe. Na Lunda o sistema era complicado, pois se para a sucessão do poder interessava a linha do pai, para o resto o que contava era a linhagem da mãe, esta regulava as alianças e os casamentos, as heranças e tudo o resto. Mais excitados ficaram os muatas, quando a ouviram dizer:

– Sei que temos o hábito do mujimbo, nunca podemos ficar sem contar logo às nossas mulheres o que se discute. Esse hábito cria muitos problemas, pois deixa de haver segredos. E os inimigos conhecem logo os nossos planos. Por isso vos digo, vão antes fazer um juramento em frente das mahamba dos antepassados. Se alguém revelar, a quem quer que seja, o que falarmos hoje aqui, cuidado, a desgraça vai se abater sobre a sua casa. O poder do lukano vai cair sobre aquele que falar. Jurem!

A ameaça era clara e ninguém tinha coragem de desafiar o feitiço do lukano, que pela primeira vez estava na sua linhagem. Todos juraram, batendo as mãos e dizendo muana vulié, que o poder do lukano se abata sobre o que revelar os segredos. Depois disto cumprido, Lueji sentou na pele de onça e explicou a situação em Mussumba e as pretensões do seu irmão Tchinguri. Resmungos indignados se soltaram do grupo dos muatas, o sanguinário lhes queria roubar o lukano. Lueji contou a necessidade de se formar um exército fiel a ela e de esconder ao máximo esse plano. Depois insistiu na dificuldade da comida para os homens e na ideia do kilombo. Logo as vozes se levantaram, para os primeiros duzentos homens não havia problemas, mas os outros complicavam tudo, pois as aldeias não podiam garantir a subsistência deles fora dos seus kimbo, as mulheres não aguentavam.

– Aí está onde quero chegar – voltou a falar a rainha. – Os meus parentes só pensam nas mulheres para cultivar e transportar a comida. Vamos ter uma guerra e se a perdermos, o lukano passará para Tchinguri e ele vai se vingar primeiro em vocês, que são da minha linhagem. É verdade ou mentira?

– É verdade – responderam em coro os muatas.

– Por isso todos têm de contribuir para o exército. Não só as mulheres e as famílias dos soldados. Também os homens podem arranjar comida e a transportar para o kilombo. Os homens podem pescar mais e caçar mais e levar a comida que as mulheres colhem nos campos. Porque não? É contra os hábitos, mas uma guerra obriga a mudar os hábitos. Só por uns tempos, até termos assegurado o lukano entre nós. Depois volta tudo à antiga.

Um muata já de idade avançada tomou a palavra:

– Ouvimos tudo o que disseste. Era mais fácil montar um segundo kilombo. Não há instrutor? Desculpa, rainha, mas estás mal informada. Então eu não posso treinar os homens? Combati contra os Laza e também fui com o teu pai combater os Mataba.

– Pensei em ti – disse Salukunga. – Mas já estás velho para comandar. Precisamos de comandantes novos e fortes. Não é vergonha admiti-lo.

Seguiu forte discussão entre os dois muatas e os outros acabaram por intervir, dando razão a Salukunga, ninguém negava o valor do velho guerreiro mas agora se tratava de Tchinguri com um grande exército, precisavam de comandantes como o Kumbana. Lueji deixou que o consenso ficasse claro e depois falou:

– Os muatas têm razão, precisamos de gente nova. Agradeço muito o teu oferecimento mas não o posso aceitar. Poderás ser um bom conselheiro para o Kandumba e os outros comandantes que arranjarmos, isso sim. A tua idade já não permite combater, mereces o descanso. Mas te peço, ajuda-me a convencer os outros de que todas as aldeias têm de contribuir em comum para a formação do kilombo de quatrocentos homens.

Salukunga olhou para ela, admirado por insistir nos quatrocentos e não nos trezentos, como tinham combinado na véspera. Mas nada disse. E a discussão voltou ao ponto inicial. Se fizeram contas, analisando as forças de aldeia a aldeia. O Sol já tinha passado o meio-dia e os argumentos e os números voavam pela assembleia, cada muata querendo demonstrar o seu kimbo era menos populoso e rico que o dos outros.

A rainha deixava-os falar e depois voltava a tomar a palavra, sempre com a mesma pergunta, que custa a cada muata assegurar a alimentação para dez homens? Iam ficar mais pobres por isso? Muito mais iam ficar quando Tchinguri tomasse o poder e requisitasse pesados tributos para alimentar o seu exército permanente. Se escapassem com vida, o que ainda era a dúvida principal. As famílias dos duzentos que iam dormir a casa é que se podiam queixar. Pois perdiam a força de trabalho desses rapazes e tinham de continuar a alimentá-los, além de terem de contribuir em colectivo para a alimentação dos outros duzentos. Salukunga era directamente o mais prejudicado e dava o exemplo de chefe,

aceitando o sacrifício. Os outros parentes não viam isso e só pensavam no seu pequeno prejuízo, era uma tristeza.

Sempre que a rainha falava, os muatas concordavam com os olhos no chão. Mas logo aparecia alguém a fazer uma pergunta ou uma afirmação neutra e a discussão retomava. Era uma prova de longa resistência, a que não faltavam alusões a estórias passadas na linhagem, que por vezes Lueji desconhecia. E, Kandala tinha razão, um rei tinha de conhecer muita coisa. Sobretudo, suportar muita coisa. A soberana resolveu mudar de tática. Se levantou de repente, e a discussão morreu. Falou e a voz saiu colérica.

– Está bem, já entendi tudo. Vou agora mesmo para Mussumba, vou falar a Tchinguri, lhe oferecer o lukano e implorar que não vos corte a cabeça a todos. É o máximo que posso fazer para vos salvar a vida, já que não querem lutar. Como se fosse tão difícil cada muata assegurar a alimentação de dez homens suplementares! As mahamba dos antepassados são testemunhas, fiz tudo o que podia para vos convencer. Mas são incapazes de pensar nas famílias, eu é que tenho de pensar por todos?

E fez menção de sair, abandonando a reunião. O coro dos muatas foi imediato, espera, rainha, perdoa a nossa fraqueza, vamos continuar a falar, a tua cólera é justa mas não desprezes os teus parentes, vamos assegurar a comida dos homens. Lueji parou, se voltou para a assembleia já vencida.

– Cada muata assegura a alimentação de dez homens?

– Sim.

– Juram pelos antepassados?

– Juramos, rainha.

Lueji voltou a sentar. Passaram a discutir os detalhes de como se organizaria o abastecimento para os quatrocentos homens do kilombo. Salukunga coordenaria tudo, como chefe da linhagem. Os homens todos trabalhariam, comandados pelos muatas respectivos. E se procuraria manter o segredo máximo sobre a operação, pelo menos até Kandumba chegar. Estava terminada a reunião e Lueji começava a ver o seu exército nascer. Uma cólera bem medida e no momento oportuno podia acelerar uma decisão difícil, aprendeu ela. Ainda tinha muito que aprender, mas as coisas corriam bem, os espíritos favoreciam-na.

Voltaram para o kimbo, todos contentes, falando de coisas passadas e rindo muito, como bons parentes. Salukunga, aos ombros do seu kimangata, olhava para a rainha com embevecimento, que miúda tão esperta, conseguiu mesmo os seus quatrocentos homens e em breve terá mil, ela vai conseguir tudo. Velho feliz sou eu que tenho uma sobrinha assim.

Mandou o kimangata se aproximar de Lueji, lhe puxou pelo braço e segredou ao ouvido:

– Mas não eram só trezentos?

– Eram, tio. Mas à noite pensei, quem arranja trezentos também pode arranjar mais. É só questão de ser firme, o lukano ajuda.

Era já a hora da comida do fim da tarde e tudo estava pronto. Foram comer todos juntos para o tchota e depois ali ficaram a beber vinho de palma, mais Nayole, à espera que os ngomas aquecessem para a dança.

Já o batuque estava no auge quando chegaram Kumbana e Kamexi. Se reuniram logo com Lueji, na cubata destinada a esta.

– Vimos tudo, rainha. O lugar para o primeiro kilombo está escolhido e o do segundo também. Ainda fomos até algumas aldeias, para ver as posições. E quantos homens se arranjam?

Lueji explicou as decisões tomadas. Os olhos dos dois se animaram mais, quatrocentos homens era um número com que já nem ousavam sonhar.

– Kamexi deu uma boa ideia, rainha. Com a tua autorização, ele vai ficar aqui até chegar o Kandumba para montar uma linha nossa de mundos.

– Como é?

As comunicações a grande distância eram feitas pela batida dos mondes, enormes batuques de uma só peça trapezoidal que faziam se ouvir a dez quilómetros de distância. Os sinais eram conhecidos de todas as aldeias e acompanhavam a estrutura silábica da língua, um kimbo tinha de os repercutir para o seguinte e assim a mensagem ia transitando.

– Combinámos um código só nosso e muito mais simples que o habitual. Assim, quando quisermos chamar o exército para Mussumba, tocamos o mondo de certa maneira. Kamexi vai instalar tocadores nos sítios convenientes, para que a mensagem chegue

aqui logo. Esse é o toque do leão. Só eu em Mussumba e Kamexi aqui é que sabemos que o toque do leão significa o exército deve avançar imediatamente para a capital. Os tocadores só sabem esse é o toque do leão e se o ouvirem têm de o repetir. Tchinguri ouvirá que foram tocados os mondes de maneira diferente, mas não pode saber o que isso quer dizer. Assim, tocamos o mondo de Mussumba e, se for de manhã, à noite o exército está lá.

– No mesmo dia!

– No mesmo dia, rainha. É uma vantagem enorme.

– E possível? E que tem o Kamexi de fazer?

– Tem de ensinar o toque aos tocadores. E montar cubatas para eles nos sítios convenientes. Há grandes extensões sem aldeias, onde no meio tem de ir viver um tocador. Quando a distância é grande, o tocador da aldeia que ouve a mensagem tem de andar com o seu mondo até um sítio donde pode ser ouvido na aldeia seguinte. Se perde muito tempo, porque o mondo é pesado. Tendo os tocadores a distância certa, é quase imediato, ouve e transmite. Se se tocar em Mussumba com o Sol assim – e indicou com o braço a posição das seis horas, o braço horizontal ao chão – recebe-se a mensagem no kilombo com o Sol assim – e indicou com o braço a posição das sete horas.

– Bravo pela ideia, Kamexi. Estou mesmo muito satisfeita contigo. Agora vão comer que depois vamos dançar. Quero que dances ao meu lado, Kamexi.

E assim foi. Dançaram toda a noite. O povo satisfeito porque a sua soberana estava satisfeita, os muatas satisfeitos porque, apesar do sacrifício, a vitória ia lhes trazer muitos privilégios. Alguns aspiravam com razão a lugares na corte. E Salukunga estava satisfeito porque a linhagem que comandava estava bem encaminhada com esta rainha.

Partiram no dia seguinte, depois de muitas despedidas e manifestações de regozijo. Agora tu, Mussumba, pensou Lueji, quando a caravana começou a subir a primeira ladeira, ainda acompanhada por Kamexi. Estava com a angústia de não saber o que se passava na capital há três dias. Era tempo suficiente para Tchinguri tomar o poder, liquidar todos os que se opusessem e ficar, tranquilo, à sua espera. Não, havia um mensageiro pronto a partir

por ordem de Kakele, ao mínimo sinal de anormalidade. Mussumba estava calma e à sua espera, decidiu Lueji. E ficou a contemplar a floresta que se aproximava. Não tinha chovido este tempo todo, mas hoje ia mesmo chover. As nuvens vinham do Ocidente, primeiro esparsas, depois cada vez mais densas.

Choveu até chegarem a Mussumba. Por causa disso, só chegaram de noite. Com frio, mas em paz.

A noite tinha terminado, mas não foi uma noite de paz, afinal. Através da janela, viu o Sol nascer, sem o cacimbo matinal. Prenúncio de Verão? Talvez o dia luminoso fosse mais pacífico que os anteriores e sobretudo aquela noite que parecia nunca findar. Corpos febris, corpos estropiados, corpos já inchados, só corpos lhe apareceram durante a noite. E faltara um dos colegas do turno, teve trabalho dobrado. Os corpos doentes acabaram por lhe criar náuseas, gostava era de ver e tocar corpos saudáveis, de músculos finos e treinados, corpos flexíveis imitando as folhas das árvores e o dobrar do capim com o vento. Conseguiu apenas dormir uma hora mas logo o médico veio chamar, chegara uma mulher com as duas pernas esmagadas por um camião. E teve de ajudar o cirurgião a amputar as duas pernas, não tinham salvação. Duas pernas perdidas, para ele os órgãos mais importantes, pois só elas permitiam saltar e rodopiar.

Acabei por ganhar confiança com ele e me contou aquela noite de crise. E os seus sentimentos e as suas dúvidas. A família o empurrou para a medicina e Marina o encorajava. O coração e Lu o empurravam para a dança. Muito pequeno, venceu os preconceitos do seu meio familiar para estudar bailado. Primeiro clandestinamente, depois abertamente contra a opinião da mãe, dos tios, dos irmãos. Teimou contra todos para ser bailarino. E ao ver aqueles corpos flácidos, doentes, só sonhava com a manhã que o ia libertar do banco do hospital e o levar para a sede do Grupo, onde podia exercitar o corpo e se deixar penetrar pela música e o movimento. E ver e sentir o corpo de Lu...

Cortou rente o pensamento, não tinha esse direito. O desejo que nele apareceu, ou que sempre existiu e só agora se manifestou, era pecaminoso. Lu era sua irmã. Tinha outras irmãs e antes de conhecer Lu já sabia não podia pensar no corpo delas, todas mais

velhas. Aprendeu isso naturalmente no meio dos filhos de pescadores, em que as grandes lutas sucediam quando um miúdo referia o corpo da irmã dum outro. Irmã era para se defender, era um ser puro e frágil, sempre merecedor de pensamentos elevados. Também a catequese na igreja da Ilha reforçou essa ideia. E aqueles anos todos de amizade com Lu tinham feito dela sua irmã, assim se habituara. Bem podia dizer isto é falso, nem conheço os pais dela, mas a irmandade nem sempre é biológica. E, além do mais, gostava da Marina que o encorajava a estudar, sempre puxando conversa sobre Medicina e Biologia. Duplamente pecador, porque também traía a confiança de Marina.

Ainda ontem ela foi a casa dele pedir explicações. E lhe disse Lu confessou tudo, mas isso não minteressa, quero é saber os teus sentimentos em relação a ela. Não vês que a considero uma irmã? Marina não se contentou com a resposta, insistiu, chorou, suplicou, gritou, ameaçou, veio até a mãe dele saber a razão de tamanha maka. Que podia ele fazer? Se fechou no seu silêncio orgulhoso, não respondeu mais nem justificou, calou apenas olhando a parede do quarto. Marina não desistia e Uli acabou por a deixar se lamentar com a mãe dele, que já sonhava com casamento dos dois no fim do curso, queria nora com estudos superiores, não uma matumba qualquer, para analfabeta na família bastava ela, nascida ainda em outros tempos em que a instrução era reservada só a alguns. Tenho banco no hospital e Uli fugiu de casa e da mãe e de Marina.

Pegou no Volvo do irmão mais velho, oferta de casamento da mãe, antiga peixeira e viúva de pescador, mas muito rica hoje. Foi para o hospital e nem perguntou a Marina se queria boleia, fosse de maximbombo, só ia encher o saco dele durante o percurso. Sabia estar errado, ela não merecia um comportamento assim, tinha todas as razões. E Marina não fez maka logo de início, pareceu até compreensiva, queria apenas a verdade. Mas ele falou a verdade dele e Marina não acreditou. Ou não entendeu, o que era pior. As pessoas têm de mostrar inteligência a todo o momento, ou então deixam de o ser, se justificou para si mesmo.

Acabou por chegar ao hospital antes da hora e depois enfrentou aquela noite terrível. Mas agora estava acabada, só lhe restava ir a casa lavar a cara e comer alguma coisa. Depois ir para o Kukina

fazer manutenção. E com isso esquecer a morbidez de corpos feios e febris. Azar. Ao despir a bata, apareceram mais três feridos de outro acidente. Teve de apoiar os colegas que começavam o turno e só saiu do banco de urgência às nove horas. O Sol brilhava irônico, queres mesmo ser médico? Faltava tão pouco tempo para o ser e as dúvidas iam e vinham, A velha teria um colapso cardíaco se lhe dissesse abandono o curso e vou ser bailarino. No mínimo um colapso. Anos e anos a senvaidecer do filho caçula, o único que ia ter curso superior e fugir da vida do mar e ele aparecia a dizer não quero mais? Podia preparar o caixão.

Não, não queria ser bailarino. Apenas de horas vagas. E já nem isso talvez, pois nos últimos tempos desconseguira totalmente acertar os passos com Lu. Pareciam dois principiantes. Ou se agarravam demais ou fugiam um do outro. Ele sabia, desejos inconfessáveis contra os quais os dois lutavam. Mas isso destruía o par de dança. E teria interesse continuar a dançar assim? Com o tempo ia se habituar a não reparar na fealdade dos corpos que tratava, é tudo questão de tempo.

Entrou em casa, evitou a reprimenda da mãe por causa da cena da véspera, comeu à pressa. Ia chegar muito atrasado, estavam os outros já no bar, no intervalo dos exercícios.

As primeiras notícias chegaram do Luengue e eram inquietantes, Katuya, o filho de muata Kakele, mandava dizer muitos homens se preparavam para a guerra, com treinos diários. Não podia dizer o número, mas eram muitos, mais de quinhentos sem dúvida. Kandama tinha montado dois kilombos cheios de gente que passava o dia a correr e a fazer movimentos militares, marchando ao som dos chingufos e ngomas de guerra. Tinham mesmo canções que falavam da vitória de Tchinguri sobre os seus inimigos, os desprezíveis Tubungo, fracos e covardes, dirigidos pelas mulheres. Muitos combates vamos ganhar, muitas cabeças cortar, muitos tributos e raparigas conquistar, para aos Tubungo mostrar onde se encontra a riqueza da Lunda. A Mussumba de Tchinguri vai ficar no cimo do morro mais alto do Luengue, de onde se verá as tribos todas dominadas até ao Cassai, esperando o dia de o transpor no caminho do Sol. Só Tchinguri é o nosso chefe e vai nos levar para onde o mel corre como os rios e o marufo forma lagos onde nos podemos banhar. As cabeças decepadas dos Tubungo serão os estandartes dos exércitos de Tchinguri, o rei entre os reis, o chefe destemido de coração forte que quer novas terras para a Lunda. E Tchinguri agora estava no Luengue, certamente para inspeccionar as suas tropas e acelerar os preparativos de guerra. Assim falou Katuya, pela boca do mensageiro que chegou a Mussumba.

– E Tchinguri abandonou Mussumba sem se despedir de ti, o que é uma falta de respeito grave, podes castigá-lo – acrescentou muata Kakele, todo nervoso, irritado sobretudo com o tom das canções dos guerreiros.

– Logo que cheguei a Mussumba, Chinyama veio me dar o recado de Tchinguri. Assuntos urgentes chamaram-no ao Luengue e não podia esperar-me para se despedir. Ele não é burro, Kakele, pensou em tudo. Não, não o posso castigar por isso.

– Achas ele percebeu porque foste ao Kalanhi? Por isso acelera a guerra, antes que estejas preparada?

– Se percebeu, Chinyama não o deu a entender. Ou Tchinguri não lhe disse mais nada.

Mas nem todos os mujimbos eram maus. Um emissário veio avisar Kumbana da chegada eminente de Kandumba, com cinquenta guerreiros. Vinham directamente duma surtida que tinham feito ao Norte, às terras dos temidos Uanda, os que cobrem as partes com as peles das barrigas. A mensagem do irmão encontrou Kandumba em plena campanha e ele interrompeu-a para vir a Mussumba.

– Os Uanda, Kumbana? – perguntou Lueji.

– Já ouviste falar dos Uanda, não, rainha? Vivem a norte das nossas terras, nas florestas mais impenetráveis. Dali saem às vezes para nos atacar e roubar raparigas. São baixinhos e como andam sempre nus, de crianças começam a puxar as peles das barrigas para baixo. Assim tapam as partes.

– Claro que já ouvi falar. Mas que andava lá Kandumba a fazer?

– Os Uanda atacaram a minha gente e raptaram raparigas. O Kandumba foi resgatá-las. Parece teve grandes vitórias. E esses homenzinhos são perigosos, usam flechas envenenadas e saltam de árvore em árvore para atacar no momento mais propício.

– Kandumba deve ser um grande guerreiro.

– Te disse, rainha. Só ele pode fazer frente a Kandama. E é bom ter trazido os homens, ficam de reforço aqui na guarda. Alguns vão com ele para ajudar a treinar o exército.

Muitas estórias tinha ouvido Lueji contar sobre os terríveis homenzinhos da floresta do Norte, que nunca tinham sido dominados pelos Tubungo. Se refugiavam nas matas mais densas, viviam de tubérculos e caça e comiam gente nas suas práticas religiosas. Se dizia... Ninguém voltou vivo para confirmar as estórias. E Kandumba não tinha medo de atacá-los, lá, no seu santuário. Tenho primos com valor, é essa a minha força.

– Mas as minhas terras no Cassai agora estão sem defesa – disse Kumbana, a coçar a cabeça, seu gesto habitual. – Tenho de ver isso bem com Kandumba. Os Uanda podem aproveitar para fazer umas

razias. Ele trouxe o seu grupo e é quase o que nos resta para defender as aldeias.

Sim, a linhagem estava arriscar demasiado para defender o lukano. Risco necessário, mas Kumbana merecia um presente, para mostrar como ela estava satisfeita por o ter a seu lado. Talvez uma rapariga do seu serviço, uma das muitas amilombes que os muatas ofereciam à rainha como penhor de amizade e respeito. Logo mais vou escolher uma bonita e novinha para ajudar a mulher a cuidar dele. Kumbana vai gostar.

– Se Kandumba teve muitas vitórias, ainda vai demorar até os Uanda ganharem coragem para atacar o Cassai – disse Lueji.

– Eles não têm medo de nada. E devem estar com raiva. As aldeias têm de se preparar.

Kumbana era realmente uma pessoa muito especial, sabia sempre ver o que era mais importante. Numa situação de guerra civil, as aldeias tinham de se defender sozinhas dos perigos externos. Agora era preciso vencer o inimigo principal, mesmo que se perdesse território e gente. Depois de eliminado o perigo maior, se recuperava o resto. Assim lhe tinha ensinado Kakele e assim parecia pensar Kumbana. Nem era necessário falar para se entenderem. E isso, merecia mesmo a sua amilombe mais bonita para lhe aquecer as noites como concubina. E a mulher dele ia apreciar, teria menos trabalho. Mas não poderia ser Kamonga Luaza, essa tinha acabado de lhe ser ofertada no Kalanhi e era miúda demais, ainda tinha de aprender.

Continuou a pensar, mesmo depois dele ter saído. Que ganhava Kumbana em lhe ser fiel? Foi nomeado chefe da guarda, um cargo importante, sem dúvida. Mas que lhe trazia esse cargo que ele já não tinha antes? No Cassai era o chefe de muitas aldeias, comia e bebia o que queria, tinha as mulheres que escolhesse. As lavras das suas mulheres e as ofertas que o povo lhe fazia davam para nunca ter fome e receber bem as visitas. Em Mussumba? Comia bem, dos restos da rainha. O soberano repartia as ofertas e pequenos tributos pelo pessoal, contemplando especialmente os importantes. Da sabedoria na distribuição dos presentes vinha a tranquilidade na onganda e a fidelidade dos servidores. Lueji estava atenta a isso mas sabia, no Cassai ele tinha mais, era ele que repartia. Aqui podia

receber mulheres também, mas dependia da vontade da rainha. Não, não ganhava nada em estar em Mussumba. Era mais respeitado, por ser o chefe da guarda? Participava do poder central, só isso. Em troca, arriscava mais o feitiço ou o veneno ou a emboscada dos inimigos da rainha. As intrigas da corte não lhe interessaram antes, sempre viveu longe de Mussumba, arredio às cerimónias e homenagens. O poder dele aumentou e o prestígio, embora não fosse isso que o fazia fiel. Era mesmo só a lealdade a ela e à linhagem. E outra coisa, o mesmo que amarrava Lueji. O medo. O medo de descumprir a vontade dos antepassados. Ninguém podia imaginar os perigos que incorria quem não respeitasse os deveres para com os espíritos. Pestes, raios, razias, tudo podia acontecer. Famílias riscadas da face da terra só por um capricho dum espírito insatisfeito com os homens. Kumbana tinha de ser fiel à linhagem, senão perdia a sua razão de ser. E ela também tinha de ser fiel à promessa feita ao pai, mesmo contra a sua vontade, senão era pó, desprezível pó que se pisa sem sequer reparar.

E Tchinguri? Não tinha medo do espírito do pai e dos antepassados? Que coragem era essa e onde ia ele encontrá-la para se opor à vontade dum moribundo? Pior ainda, moribundo que fora seu pai e por ele empurrado para a morte. Tchinguri não tinha medo dos espíritos dos antepassados? Uma admiração temerosa muito grande entrou nela. A mesma que tinha pelo irmão quando eram pequenos e ele arriscava só pelo prazer ou pela vaidade de arriscar. Tchinguri tinha forças internas que ela não entendia, que ninguém nunca entendera. Por isso todos tinham medo dele? Porque se ria daquilo que todos temiam? Sim, Tchinguri era diferente, sempre o soube. Por isso dizia lhe conheço melhor que ninguém, dissera mesmo ao pai antes de este morrer. Sentia no irmão as tais forças desconhecidas que os outros atribuíam a um mau espírito e que ela sabia não ser. Também não podia explicar, só que ele era diferente e tinha a coragem de o ser. E por acção dessas forças, a ela cabia a missão de o combater, amando-o e admirando-o. Triste destino que faz os irmãos se situarem em posições contrárias! Ele devia ser o rei, tinha forças para isso, não exércitos mas sim forças dentro dele. E ela devia estar ao seu lado,

apoiando-o a cumprir o seu destino. Assim devia ser. No entanto, os espíritos a ela confiaram a missão de não o deixar cumprir o seu destino, para bem da Lunda. Para bem da Lunda? Gostava de ter essa certeza.

Certezas? Quem as tem? Marina era mulher de certezas, mas tinha ontem voltado a casa cheias de dúvidas, com as respostas evasivas de Uli. E ela, que certezas tinha? Do seu amor, e mesmo desse só agora, levava mais de dez anos para as ter. Quanto a ele, tivera a certeza da sua amizade, maior que tudo. Hoje nem sabia. Certezas só os religiosos. E os políticos, os que acreditam na verdade eterna, enquanto não a mudam segundo os seus interesses. Lu nunca teve certezas, sempre balançando entre o mundo dos amigos do pai e as crenças da avó, depositária do saber lunda, e isso a tornava frágil. Mas tenho de me concentrar no que estou a fazer, senão o corpo não obedece. A dança sempre a libertou dos mundos em conflito, nela se consumia. A música comandava o cérebro e os músculos, se deixava levar para o nada, o vazio, o-apanas-som-e-movimento. Até que aquilo aconteceu. Agora a música já não a libertava, não a impedia de pensar. Dançava dividida, uma parte dela no que fazia, a outra vendo-a fazer. Estranha sensação de impotência.

Continuou repetindo exercícios, por vezes interrompida pela professora, Lu, vê o que fazes, não te ponhas a gaguejar com o corpo. Nunca nenhuma professora precisara de lhe chamar a atenção, ela mudava de movimentos sem se notar uma quebra, era tudo uma sequência fácil, evidente, tão natural que parecia feitiço. E o problema não estava ser compreendido pela professora, pois Lu via exactamente o que fazia, estava desdobrada em bailarina e assistente, o que a obrigava a dar sacões, a ter hesitações. Era no ver que estava a maka. Se via e pensava noutras coisas, tudo ao mesmo tempo. E Uli não aparecia, coitado, o seu banco de urgência no hospital demorava mais que o esperado.

Houve o intervalo para descanso e foram tomar um café no bar do lado, o Manda Fama. Já lá estava Afonso Mabiala, o compositor, agarrado à cerveja gelada. Se notava já tinha varrido uns finos. Estava lá também eu, quase me agachei na mesa quando os vi entrar, era sorte demais e não queria afugentar a sorte. Fosse

camaleão e tinha virado verde, como o tampo metálico da mesa. Mas nem repararam neste insignificante aspecto, apesar de não ter conseguido me mimetizar.

– Logo de manhã, Afonso? – perguntou Jaime.

– Que querem? Um fracasso como eu só no álcool se pode refugiar. Desde que abandonei a liamba.

– Abandonaste de vez? – perguntou Lu.

– De vez. Por enquanto...

– E por isso não compões?

– Nada a ver, Lu. Nem com ela compus coisa de jeito para o *Cahama*. Isso são tretas. Talento é que é preciso, o resto é feiticismo. E o meu problema é esse. Me convenci, o talento se vaporou. Foi... – e deu um estalido com os dedos.

– O talento não vai embora assim – disse Jaime, que adorava filosofar sobre arte. – São fases, crises que todos os criadores têm. E que os burocratas não compreendem. Há planos a respeitar, a encomenda está aí, tem de ser realizada, senão há castigo. É isso sempre que provoca as crises de criação.

Mabiala acabou de varrer o fino e fez sinal ao criado para lhe servir outro. E chegaram os cafés para Lu e Jaime. Foi nesse momento que apareceu Uli. Sentou, mandou vir um café, só agora me safei, ainda posso fazer alguns exercícios. Eu conhecia Uli, quem não o conhecia? Fingi continuar a escrever, na minha mesa de canto. Mas de ouvidos bem abertos.

– Estávamos mesmo a falar de talento – disse Mabiala. – Acreditas, Uli, que os culpados pelas crises de criatividade são os burocratas? Sempre a nos pressionarem com o plano?

– Estou fora dessa, cheguei agora – sesquivou Uli.

– Acho é uma boa desculpa dos criadores – continuou Mabiala. – Desculpas apenas. O problema é do talento.

– Mas é evidente que um compositor não pode estar sujeito a um plano burocrático – disse Lu. – Se te encomendam uma música, ela pode sair ou não. Não é uma questão de talento. Há uns que se marimbam, mesmo se não gostam do que fizeram, apresentam-na só para cumprir o plano. E há os verdadeiros artistas que entram em crise.

– Quer dizer que sou um verdadeiro artista, Lu?

– És.

Mabiala levantou o copo em brinde, obrigado, só tu me compreendes. Tinha vindo do Zaire muito novo, lá nascera. Os pais se tinham exilado no Zaire durante a guerra de independência de Angola e ele nasceu em Kinshasa. Voltou com a independência, aprendeu o português, esqueceu o lingala, e se integrou. Hoje ninguém mais lembrava que fora um «regressado», adjectivo quase pejorativo que numa dada fase era utilizado em Luanda. Mas tinha-o marcado na infância esse sentimento de desconfiança, quase rejeição. Por isso apurou a pronúncia, estudou como ninguém, tirou o curso superior de Música em Moscovo. O seu trabalho estava virado para a estilização da música tradicional do Norte do país e fazia composições surpreendentes com diálogos entre quissanjes e chingufos e órgão electrónico.

– Sabes, Lu, só tu me podes salvar.

– Como, Afonso?

– No outro dia falaste de marimbas, uma mulher incerta e forte, e sei lá mais quê... Eu tenho qualquer coisa no ouvido, mas não sei expressar. Preciso que fales mais dessa ideia. Isso agora não me larga, mas é muito indefinido...

– O meu problema também é esse. É tudo muito indefinido. É cedo para falar. Mas prometo, quando estiver claro, falo contigo.

Veio mais um fino para o compositor. A voz já estava arrastada e os olhos mortiços. Vai só sembebedar à toa, pensou Lu. E ainda não era meio-dia. Mas não havia nada a fazer, ela por vezes também precisava de se refugiar, embora o álcool fosse desaconselhado para a plástica duma bailarina.

– Ontem à noite essa ideia foi mais precisa – disse Mabiala. – Estava deitado ali, no quarto de bêbados do bar, e vi-te, Lu. Havia sons de marimbas e tu dançavas. Nem sei se estava acordado, se foi sonho. De qualquer modo estava bem ganzado, como devem imaginar. Não tenho feito outra coisa.

– E como me viste?

– Dançavas, uma leveza incrível, estavas sobre uma nuvem. Só de tanga e pulseiras e colares. Uma argola de cobre.

– Só de tanga? – interrompeu Jaime.

– Só. Se queres saber, as belas mamas da Lu estavam de fora. Pequenas, redondas, direitas, lindas...

– Como se já tivesses visto as minhas mamas, sacana...

– Infelizmente nunca as vi. Só adivinho. Infelizmente... – Fez um gesto largo, teatral.

– Aliás, nenhum de nós as viu. – Depois olhou para Uli, que tinha fechado a cara: – Ao menos suponho...

A conversa tinha escorregado para um ponto difícil, pela presença de Uli. Jaime olhou para outro lado, Lu baixou os olhos, Uli brincava com a chávena de café. Ouvi e vi tudo e uma intuição chegou, estaria aí a raiz do drama? Porque se percebia imediatamente, fora uma inconveniência. Mas Mabiala estava chupado demais para notar a inconveniência e continuou:

– Dançavas sobre a nuvem. Não era dança guerreira, não batias com os pés no chão como o checo lobrigava. Nem remexias as ancas e a bunda como aqui se pensa que é a nossa única dança. Era qualquer coisa de etéreo e sensual, muito sensual mesmo. E as marimbas produziam sons de água caindo e tu nadavas entre a água da música. É isso, lembro, água, o tema é esse.

– E a música como era? – perguntou Lu, se curvando intensamente para ele. – Podes lembrar?

O compositor varreu o fino inteiro duma vez. Bateu com o dedo na cabeça.

– Está aqui. Mas é só uma fracção. Assim...

E trauteou algumas notas.

– Pode ser isso – disse Lu.

Mabiala largou o copo e lhe agarrou nas mãos, ansioso.

– Achas que é isso? É a tua ideia?

– É fantástico – disse Lu. – É fantástico mas oiço também um tema semelhante a esse. Ainda muito impreciso. Mas estás lá, Afonso. Não digo és um génio?

– Tens de me falar mais sobre isso, Lu. Salva-me. Aí está o fim da minha crise de talento.

– Ainda é cedo, Afonso. Como queres que te fale disso se ainda nem sei? Primeiro tenho de descobrir. Mas que tem água, isso tem. E pulseiras de cobre e colares e tangas de mabela... Que a acção se passa na Lunda, já te posso dizer de certeza.

– É então um bailado que estás a pensar criar, Lu? – perguntou Jaime.

– Ora, é muito cedo. É só ainda uma ideia. E quem sou eu para criar um bailado? Isso é trabalho de coreógrafo. Poderá vir a ser uma ideia que um coreógrafo utilize. Apenas. Mas pode não ser nada e fique apenas nisto, uma ideia que se evapora.

– Não me faças isso, Lu – suplicou Mabiala, lhe segurando de novo as mãos. – Não a deixes se evaporar. Será tão belo, nem imaginas. Como o vi ou o sonhei, não sei, era duma beleza que doía. Infelizmente é sempre assim. As coisas mais belas que se imaginam, se intuem, sei lá, nunca passam para o concreto. Ficam como uma puríssima linha azul que se busca, se busca, e nunca se encontra. Também isto, Lu?

– Não te posso prometer nada, Afonso – e acariciou a desalentada mão fina do compositor.

Mabiala mandou vir mais um fino e Uli disse vamos embora. Os bailarinos se levantaram, Lu me fez um gesto de despedida, afinal tinha notado a minha presença, e voltaram para a sede do grupo, cada um pensando de forma diferente na conversa com Mabiala. Lu sentia uma dor no peito, por adivinhar a aproximação de mais uma descoberta. Estava perto, muito perto, mas de quê? A pergunta de Jaime tinha antecipado as coisas, devia ser mesmo um bailado que ela procurava nos livros antigos sobre a Lunda. Antes pensara numa fuga, um pedido de socorro, procurava na centavó alguma força que lhe faltava. Também era isso. E mais. Depois suspeitou duma estória, procurava nas diferentes vidas de Lueji uma estória, ela que não era escritora. Mas Jaime acertara, era um bailado. Tinha ainda de amadurecer muito a ideia, tudo estava difuso. Um bailado sobre Lueji? um mito de há quatro séculos transposto para o palco? Mas tinha ela, Lu, coragem de o defrontar? Se lembrou nesse momento de mim, quem sabe eu poderia ajudar? Se se tratava de literatura... Ajudar como? Compor a estória, escrever o roteiro ou apenas dar conselhos? Esqueceu a ideia, esqueceu-me, porque chegavam. Mas eu faria Lu se lembrar de novo de mim, não tinha vergonha de ser carraça. Pela minha presença constante, calada, neutra, no Manda Fama.

Entraram na sala de exercícios e a professora impaciente batia as palmas para os chamar.

Primeiro se ouviram as palmas, depois surgiu Kanyika, o chefe do protocolo. Vinha anunciar a chegada de Ndumba ua Tembo, pedindo uma audiência. Este mal deixou que ela autorizasse, logo apareceu, radiante no seu porte de chefe.

– Rainha, há um leão atacando as aldeias do rio, aqui perto. Venho te convidar para uma caçada amanhã. Poderás usar a lança e o escudo que te ofereci.

Ndumba se comportava como um familiar, o convite era quase uma ordem. Lueji não gostou do tom mas não tinha vontade de o humilhar, dizer amanhã não posso, espera uns dias. Procurou ganhar tempo.

– Matou alguém?

– Só uns cabritos. Mas as pessoas estão aterrorizadas e pediram para o caçar. Nunca se sabe quando ele vai atacar uma pessoa. As mulheres têm de ir para as lavras e as crianças vão tomar banho ao rio. Uma desgraça pode acontecer se não o matarmos depressa.

Ele tinha razão. Não podia atrasar a caçada e pôr em perigo a vida de alguém, apenas por um capricho. Ele tinha de ir. A ela de escolher se o acompanhava desta vez. Queria ter notícias do Luengue e de Kandumba, mas isso tudo podia esperar, até mostraria confiança se se afastasse de Mussumba por um dia. Tchinguri ia saber e isso era bom. Por um lado, mostrava estar em bons termos com Ndumba, uma aliança que faria reflectir o irmão. Por outro lado, parecia que a rainha estava na maior das inocências, sem se aperceber dos planos de Tchinguri. Tinha todas as vantagens em ir. Ainda mais se convidasse Chinyama.

– Está bem. Mas vou levar o meu irmão Chinyama. Já é tempo de ele se mexer um bocado.

Ndumba pareceu encantado. A presença do futuro cunhado não o atrapalhava nada, era até mais um aviso para Tchinguri, o grande rival. Mato um leão e Chinyama está lá para depois ir contar ao irmão. Imagino já a raiva dele.

– Óptimo. Devemos sair antes do nascer do Sol. Vou já mandar homens para vigiarem o leão, tentarem descobrir onde ele dorme de dia. Se me permites, retiro-me para preparar tudo.

Lueji mandou Kanyika enviar um mensageiro a Chinyama com o convite. Tentou adivinhar a reacção do irmão, que chatice, não dá para escapar, é convite de rainha, lá vou me cansar inutilmente e ainda por cima apanhar uns sustos que me vão fazer emagrecer. Mas Lueji sabia ele iria, que remédio, não se tinha proposto fazer a guerra aos Mataba? Então?

Saíram ainda estava noite fresca. Lueji recusou a liteira e foi a pé, à frente, junto de Ndumba ua Tembo, Kumbana logo atrás, com dez guerreiros que formariam uma barreira de lanças se o leão resolvesse escapar aos caçadores e atacasse a rainha. Ndumba avançava orgulhoso, com o seu passo elástico de grande caçador, no braço esquerdo um escudo e na mão direita uma lança igual à da rainha, de ponta temperada por Kakoma, o melhor ferreiro da Lunda. Essa ponta ia hoje mergulhar no pêlo fulvo do leão, mostrando a todos e só a ela quem era Ndumba ua Tembo, o caçador que não teme nada. Nem Tchinguri, o grande ausente deste dia memorável. O coração jovem de Ndumba batia forte, pela excitação do perigo, mas sobretudo porque Lueji ia a seu lado, jovem e forte, alegre por saborear o que ia vir. Não está nada assustada, é mesmo uma rainha. Já o coitado do irmão...

Chinyama vinha no fim da fila de homens, encavalitado nos ombros do seu kimangata, que bufava com o peso. O aristocrata lhe dava chibatadas com o espanta-moscas para o animar a avançar, mas o kimangata perdia constantemente terreno. Chinyama berrou, mandou-o parar, chamou um segundo kimangata, passou para os ombros dele. Não ia adiantar muito, em breve este ia estar também esgotado. Se a viagem demorasse muito, Chinyama teria de se sujeitar ao vexame de se encavalitar aos ombros dos guerreiros, homens que não estavam treinados a transportar suavemente um nobre, o que era realmente uma humilhação. Que me sirva de lição, tenho de arranjar pelo menos mais dois kimangatas, quatro a se revezarem já dá para grandes distâncias. Provavelmente a Lueji vai me mandar fazer a guerra aos Mataba e isso significa viagens enormes. É, o mais urgente é preparar mais kimangatas.

Chegaram à primeira aldeia e lá estava um batedor de Ndumba à espera. O leão não tinha rondado por ali à noite, deviam avançar

para ter notícias. Aproveitando a pausa da conversa com o batedor, Chinyama fez o kimangata andar até à altura de Lueji.

– Ainda falta muito?

– Já estás cansado? – perguntou a rainha, rindo.

– Eu não. Estes é que estão – e apontou para baixo.

– O melhor é andares a pé.

– Se fizer isso, então são as minhas pernas que ficam cansadas, o que é muito pior.

Voltaram a avançar, sempre pelas suaves elevações à borda do rio, com poucas árvores esparsas. Para baixo, até às margens, se via muitas mulheres a trabalhar nas nakas. As crianças brincavam na água. As raparigas novinhas lavavam os panos e panelas nas pedras que sobressaíam das margens. Ninguém tinha ouvido o leão nessa noite, na anterior sim. Temos de andar muito então, disse Ndumba ua Tembo para Lueji, a fala do leão à noite vai mais longe que o som do chingufo. O que fez lembrar à rainha o sistema de mondos que neste momento estaria a ser montado por Kamexi, antecipando a chegada de Kandumba e o começo da preparação do exército. Os meus negócios estão em boas mãos, não tenho que pensar nisso, devo só gozar este passeio agradável e o quente nervosismo de procurar o leão, só isso conta hoje. O segredo do bom chefe é só pensar naquilo que deve em cada momento, para poder sempre pensar bem. Foi Kandala que lhe ensinou isso? Não, não foi ninguém, tenho a certeza, mas deve ser verdade. Digamos foi o espírito do meu pai, o que nunca se engana.

Andaram mais uma hora e já Chinyama passava de ombro em ombro, pelos soldados da guarda. Não era o trabalho deles, mas desconsuavam de ficar zangados pois isso os divertia. Saltitavam mais que o necessário, para fazerem o aristocrata balançar, depois fingiam estar esgotados, haka, vou cair, o que levava logo Chinyama a berrar, pára, pára, matumbo, ainda me fazes cair também. E ele passava para outros ombros. Era o gáudio geral, mas silencioso. Kumbana é que não apreciava, pois o divertimento tirava a disciplina aos soldados e, entretidos como estavam, não protegiam a rainha em caso súbito de necessidade. Mas nada podia fazer, senão Chinyama ia se aperceber que brincavam com ele e isso podia ter

consequências negativas para os homens, os melhores da sua guarda, escolhidos a dedo para esta ocasião perigosa.

O leão tinha sido ouvido na segunda aldeia que atravessaram. Mas longe, na perpendicular ao rio. Os batedores de Ndumba já tinham notícias e de vez em quando um aparecia para lhes indicar o caminho certo. Se afastavam agora cada vez mais do rio, para as colinas arborizadas. Na mesma direcção, mais longe, se adivinhava o começo da floresta. Ndumba estava inquieto, se ele está na mata cerrada, não é bom, não. Primeiro era difícil encontrá-lo. E no meio das árvores ele podia atacar de repente, se fosse ferido apenas, ou mesmo se não tivesse caçado à noite.

Mas a terceira aldeia, perto dum riacho, tinha notícias mais concretas. O leão tinha levado um cabrito e mesmo tentado atacar uma família. Rodeavam todos o grupo de salvadores e depois reconheceram a rainha. Muitas palmas rituais, muitos estamos salvos, a rainha vem caçar o leão, uma pele no chão para Lueji sentar, mel e bolos de massango, ualua para Chinyama a morrer de sede, explicações a Ndumba, braços esticados a indicar para onde foi o leão, é lá onde ele dorme de dia.

Ndumba mandou os pisteiros avançar para seguirem as pegadas ainda recentes, depois os caçadores. Ficaram mais um pouco, para darem tempo a que os kimangatas de Chinyama recuperassem e este matasse toda a sede que a marcha lhe tinha provocado. O Sol agora já estava forte e com as elevações e a vegetação ia ser mais difícil marchar. Mas Chinyama se encheu de brios, talvez efeitos da ualua logo de manhã, e disse vou andar um pouco.

Alguns soldados da guarda pessoal de Ndumba ua Tembo abriram a marcha, depois vinha Lueji e Ndumba, com Kumbana atrás, Chinyama e os guardas da rainha. Os pisteiros e caçadores e os batedores espalhados pela zona faziam muita gente. Lueji calculou uns cem. Ndumba tinha realmente um exército grande. Apesar de ter jurado a si própria não pensar nessas coisas durante a caçada, a rainha não pôde resistir:

– Quantos soldados podes mobilizar em Mussumba num dia?

– Não sei – ele mentia, ela sabia. – Nunca contei. Mas deve dar aí uns duzentos, contando com esta gente toda que pode pegar em armas. São teus soldados, rainha, quando deles precisares.

– Não preciso deles, pelo menos por enquanto, espero. Foi só curiosidade, por ver tanta gente nesta caçada.

– São necessários. Têm de descobrir o leão e depois fazer barulho e assustá-lo, levando-o para o sítio que eu escolher. Para isso tem de ser muita gente.

– E consegues arranjar comida para todos?

– Eu não. As mulheres trabalham. Vivem todos à volta de Mussumba. E eles caçam.

– As tuas terras ainda são longe daqui. Tens muitas aldeias e gente lá?

– As minhas terras ficam a cinco dias de marcha, não é longe. Enfim, pelo menos para um caçador... E quanto às aldeias, sei lá, não gosto de fazer contas.

Toda gente sabia Ndumba tinha o mais forte efectivo, talvez não um exército treinado, mas muitos caçadores. Podia estar a falar verdade e não conhecer o número, exactamente porque não era um exército. Lueji preferiu não insistir. Mas se ele queria casar com ela, devia ter todo o interesse em mostrar a sua força para que a proposta de aliança fosse tentadora. Não percebia bem o jogo dele. E se não se tratasse mesmo de jogo e apenas sincera despreocupação? Ou vaidade? Devia ser isso, vaidade, achava ele sozinho valia como oferta irrecusável. O seu território ficava também no Cassai, mas a sudoeste de Mussumba, guardando a fronteira desse lado, onde viviam os selvagens Laza e Luvale, povos considerados inferiores pelos Tubungo. Mas muitas vezes causavam perturbações e por isso os homens de Ndumba tinham trabalho com eles. Devia ter mesmo um núcleo de guerreiros, mas que não queria revelar. Kakele também se devia interessar em saber exactamente o que se passava nas terras de Ndumba ua Tembo, ia lhe dizer para mandar lá uns informadores. A força maior dum soberano é o conhecimento exacto da força dos seus muatas, se também não foi Kandala que me ensinou, então foi o espírito de Kondi.

Contemplou o ar emproado de Ndumba ua Tembo, as penas voláteis na cabeça, caminhando ligeiramente à sua frente. Tchinguri dizia dele que mais parecia um galo. Sim, tinha algo dum galo, não por causa da crista que as plumas faziam lembrar, mas a maneira

de andar com o peito cheio e as pernas fortes pisando delicadamente o solo. Caminhar furtivo de caçador, atento ao menor ruído duma folha pisada. A vaidade também era própria dum galo? Pensar que casaria com ele, apenas pelo seu apoio individual? Não precisava dum exército para mostrar a sua força, ele próprio era a força? Ou estaria a ser injusta, levada pelo ódio de Tchinguri ao caçador da Lunda? Sobre Ndumba, nunca se deixara influenciar pelo irmão, não ia ser agora. Mas a comparação com o galo fê-la soltar uma gargalhada e ele se virou para trás, interrogativo.

– Não é nada, lembrei duma coisa.

– Agora silêncio, estamos próximos.

Efectivamente, um batedor estava à sua frente, fazendo gestos. Estacaram. Os pisteiros tinham descoberto não só pegadas, mas a carcaça dum cabrito. O leão comeu o animal tranquilamente, depois foi se refugiar num esconderijo. Os pisteiros perseguiram o rasto que se afastava da região arborizada, flectindo para a direita. Chinyama gemeu atrás:

– Ainda falta muito? Já não posso mais.

Fez sinal ao primeiro kimangata e encarrapitou-se nos seus ombros. Os soldados trocaram olhares entendidos, mas ninguém falou. Ndumba deu o sinal de avançar. À sua frente se encontrava um morro alto que se destacava dos outros. Sem árvores, apenas pedras enormes. Se viam os pisteiros e caçadores na base do morro. Caminharam para lá e logo um pisteiro avisou Ndumba:

– Deve estar aí escondido numa gruta ou em baixo duma pedra. É perigoso avançar à toa.

– Para onde vão as pegadas?

– Para o alto, muata.

Ndumba olhou para todos os lados, indeciso. Alguns pisteiros estavam a meio do morro, esperando as ordens. Se via nos olhos, nas mãos que apertavam as armas, os homens estavam nervosos. Pelas pegadas se podia adivinhar, era um velho macho, muito grande.

– Velho e solitário, que ataca aldeias. Muito perigoso.

Chinyama, que chegava nos ombros do seu kimangata resfolegante, ouviu a última frase de Ndumba e logo disse:

– Então, estás com medo, grande caçador?

Ndumba olhou para ele com desprezo e encolheu os ombros.

– Se ele resolver atacar, o primeiro que apanha és tu, aí em cima. Nós cá em baixo estamos muito mais protegidos.

Logo Chinyama bateu com o espanta-moscas nas costas do kimangata, abaixa-te, abaixa-te, matumbo, e saiu dos ombros dele. Ficou junto dos outros, a esfregar a bunda triturada, que coisa mais disparatada uma caçada. Quem me dera estar já em Mussumba.

– Os velhos solitários são os mais perigosos, não é? – perguntou Lueji a Ndumba.

– Assim dizem os caçadores. Porque são velhos, são afastados das fêmeas por outro mais jovem. Aí ficam com raiva, se escondem nas pedras, atacam tudo. Parece não têm mais medo de nada.

Não só os leões, pensou Lueji. Os espíritos desprezados também são os piores. E os homens...

Logo Ndumba se decidiu:

– Fiquem aqui e em silêncio. Vou fazer um reconhecimento ao terreno..

Levou alguns homens com ele e foi rodeando a base do morro, até desaparecer das vistas dos outros. Os pisteiros que se encontravam no meio do morro sentaram, à espera de instruções.

Chinyama escolheu uma pedra à frente de Lueji, afagou a barriga proeminente e falou:

– Maninha, isto dá uma fome! Se ainda estivéssemos a caçar um golungo ou uma pacaça, sempre havia a esperança de se comer uma boa posta de carne logo a seguir. Mas do leão não se aproveita nada...

– O prestígio, Chinyama.

– O prestígio não se come. Achas que quando voltarmos encontramos um xima já pronto naquele kimbo?

– Certamente que não. Nem lhes passa pela cabeça arranjar comida para mais de cem pessoas.

– Não falo para todos. Mas para nós... Tu és a rainha!

– Há uma tradição na marcha. Ou comem todos ou não come nenhum. Não vou quebrar essa tradição. Em Mussumba ofereço-te um banquete, bem o mereces.

– Mussumba está cada vez mais longe, maninha.

Realmente Chinyama estava com um ar todo desconsolado. Lueji teve pena dele. Disse para Kumbana, que estava divertido a ouvir a conversa:

– O muata Chinyama está a precisar de trincar um pouco de carne seca.

Kumbana fez sinal a um carregador que trazia um cesto na cabeça. Apareceu logo um pedaço de carne seca e Chinyama se agarrou vorazmente a ela. Falou com a boca cheia:

– Maninha, só por isto merecias ser rainha.

– Trouxemos essa carne para o caso de termos de dormir fora de Mussumba – disse Lueji. – Mas parece não vai ser preciso.

– Imploro aos espíritos para que não – disse o irmão, olhando ansiosamente para a fila de carregadores. – Também trouxeram bebida?

– Não – respondeu Kumbana. – Só carne seca e massango.

– É pena. É mesmo pena.

Tempos depois apareceu Ndumba ua Tembo. Vinha com um sorriso nos lábios.

– Encontrei o sítio ideal. Este não escapa.

Começou a escolher os homens e a dispô-los no terreno. Os pisteiros e batedores formaram uma fila no meio do morro, os tocadores de ngoma atrás. Os caçadores e soldados iam avançar com Ndumba e Lueji para o outro lado. Depois de andarem um bom bocado, Lueji viu o que entusiasmará Ndumba ua Tembo. A descida do morro por aquele lado tinha de se fazer por uma espécie de caminho entre rochedos, até à base. Não havia outra saída. Ndumba dispôs os caçadores com os arcos e flechas e as azagaias dos dois lados do caminho, em cima das pedras. E ele, como dizia a sua fama, contada e recontada gerações depois, ia ficar sozinho no meio do caminho, com lança e escudo, à espera do leão. As flechas não eram uma arma muito poderosa, pois as pontas de mau ferro se partiam facilmente na pele do leão e não penetravam na carne. As azagaias eram mais poderosas, mas era muito difícil acertar num leão a correr. Por isso podia acontecer o animal estar incólume, quando chegasse sobre Ndumba ua Tembo. Lueji sentiu um arrepio.

– Não podes fazer isso, é muito perigoso.

Ndumba fez um sorriso um pouco forçado. Nada mais nele aparentava nervosismo. Nem mesmo a tensão que fazia os músculos dos ombros e dos braços se retesarem. Notou no entanto a preocupação dela e a apreciou.

– É assim que gosto de caçar o leão, é um jogo. E te prometi que o caçava. Então?

– Há outras maneiras.

– Isso é o que fazem os outros. Porque vou fazer como todos os outros? O meu medo é que ele encontre outra saída e nos escape.

– Falou para os soldados: – Formem uma barreira com as lanças para protegerem a rainha.

Os soldados obedeceram e fincaram as azagaias no chão. Também Kumbana, um pouco à frente deles. Lueji e Chinyama se puseram atrás da muralha de azagaias e mais na retaguarda os carregadores, tremendo de medo, sem entenderem estas brincadeiras estúpidas dos muatas. Chinyama também não procurava esconder a preocupação.

– Achas que os soldados não vão fugir quando o leão estraçalhar o Ndumba e saltar sobre nós?

– Não, são bons guardas. O que me assusta é o risco que o Ndumba vai correr, é uma loucura.

– Não liguês, será um galo a menos. E tudo para se fazer valer aos teus olhos, maninha!

Ndumba ua Tembo se colocou bem no meio do caminho. Apesar de ter feito as operações mágicas próprias da caça do leão antes de sair de Mussumba, segurou ainda no colar que levava ao pescoço. Era constituído apenas por um pequeno chifre de mbambi, dentro do qual tinha a pemba e pós de raízes especiais. Apresentou o chifre aos espíritos dos quatro lados, protejam-me, mais-velhos. Depois concentrou toda a força do olhar nos rochedos cinzentos que encimavam o morro e ficou largos instantes imóvel. O suor fazia refulgir o corpo negro ao Sol. Matizado de azuis. Levantou o escudo com o braço esquerdo. Era o sinal.

A vida, que parecia ter estado parada durante uma eternidade, com o silêncio de todos observando a imponente figura de Ndumba ua Tembo, subitamente renasceu em mil ritmos. Um dos homens, em cima das pedras, apitou para os da outra encosta. Se ouviu

imediatamente, do lado de lá do morro, o barulho infernal dos ngomas, dos gritos, das lanças chocando em pedras, dos ferros batendo em chocalhos e sinos. E os pisteiros avançaram, barulhando, para o alto do morro.

Há muito o leão tinha sentido a presença humana em baixo dele. Se mantinha quieto, na expectativa. Sabia, a sua posição mais invulnerável era ali mesmo onde estava. Mas a gritaria e a batucada foram repentinas demais, ele se assustou, deixou o refúgio. Procurou uma saída. Deve ter pensado em atacar os homens que avançavam para ele, mas viu um bando de demónios pintados de vermelho e branco, atirando o medo pelas gargantas, e deu meia volta, como era de prever. À sua frente tinha agora só o caminho entre os rochedos e a fúria e a desorientação do barulho de mil trovoadas não o deixavam ver bem, apenas divisava aquele vulto pequeno lá em baixo com uma inofensiva azagaia na mão. Não tinha outra alternativa senão enfrentar aquele mísero homem que se situava no caminho da sua fuga. Saltou, rugindo de raiva e desespero e começou a descer a senda traçada pela natureza, mas escolhida pelo seu inimigo.

– Atirem! – gritou o adjunto de Ndumba, em cima dos rochedos.

E Lueji viu, como num sonho, as flechas e azagaias saírem das pedras, caírem quase todas aos pés do animal, uma ou outra tocando na pele dele e sendo repelidas pela fúria do bicho que estremecia a cada ferroadada, as flechas pareciam era madeira que ricocheteava em ferro, só uma ou outra ousava penetrar naquela massa de carne e nervos raivosos e o leão descia, aos saltos de oito metros, direito a Ndumba ua Tembo, enquanto as azagaias iam pontuando a descida dos cem metros, espetadas na terra como espinhos de ouriço, até que uma entrou finalmente no flanco traseiro da fera e esta rebolou, se levantou, hesitou por causa da força que se esvaía pela perna de trás, ouviu de novo a gritaria e os ngomas, viu o homem à sua frente, uma lança apenas apontada, quando recebeu mais duas flechas que lhe entraram nas costas por estar parado e foram fogo que provocou a súbita raiva assassina, esquecido o desejo de fuga para apenas persistir o desejo de destruir aquele boneco imóvel e arreganhador que tapava o caminho, e então se lançou sobre o caçador, as garras de fora

prontas para rasgar, com toda a força de quatrocentos quilos naquele salto que o fez apagar a distância e ficar empalado na azagaia e cair, já irremediavelmente morto, sobre o escudo de Ndumba ua Tembo, o qual quase desapareceu debaixo dele e o grito de Lueji não deixou se instalar o silêncio sobre o pó que revolteava, pois ela já tinha rompido a barreira de segurança e corrido para os dois corpos misturados, trespassando o leão com a lança forjada por Kakoma, tio do homem que ela julgava moribundo debaixo do leão, mas que fez sair um braço, se libertar rodando o corpo enquanto ela continuava a fazer força na azagaia com todo o seu peso, e saiu ileso, sacudindo o pó das pernas e se prostrando diante dela, obrigado, rainha, por me teres vindo salvar, mas ele já estava morto, frase enigmática que Lueji não entendeu se era gozo ou sentida, pois mantinha a lança espetando o leão no chão para não o deixar sair dali enquanto Ndumba ua Tembo não estivesse completamente salvo, até que acordou do sonho com as aclamações dos caçadores que tudo tinham visto e agora felicitavam os dois, o grande caçador que desafiava o leão e a rainha mais rápida que todos os soldados, arriscando o trono para o salvar, soberano como aquela nunca a Lunda tinha visto, pois não só chamava a chuva mas, convidada como espectadora, acabava por tirar a Ndumba ua Tembo a solidão do estrelato, no próprio terreno escolhido por ele, o que Kumbana percebeu instantaneamente, com seu instinto todo recente de cortesão, e segredou a um dos soldados, voa até Mussumba, vai avisar muata Kakele e toda a gente que a rainha salvou Ndumba ua Tembo e matou o leão, o qual arrancou sem ser notado e correu espalhar o mujimbo, começando logo pela aldeia ali perto até às outras mais longe e às portas de Mussumba, a rainha matou o leão que ia devorar Ndumba ua Tembo, para que o povo se preparasse para receber a sua soberana como se devia a quem realizava tão grande feito, mas o difícil depois da caçada foi mesmo encontrar muata Chinyama que correu logo no princípio para baixo, ainda mal o leão afluara no alto do morro, e se entranhou na sombra das árvores, se mijando pelas pernas a ualua toda e depois não queria acreditar na morte do monstro igual a um oma-kisi do Sul, nem que as coisas se passaram como lhe queriam endrominar, seria possível aquela

rapariga, por acaso rainha e por acaso sua irmã, ter sido capaz de destruir um monstro de sete cabeças com catorze olhos a lançar fulgurações ao Sol da Lunda? Haka!

Enquanto todos se refaziam da emoção, os caçadores retiraram a carne da pele. Só esta e a cabeça iam como troféu a mostrar que o perigo passara e as aldeias podiam dormir descansadas por uns tempos, até outro macho ser afastado das suas fêmeas e perder a velha cabeça.

No kimbo que tinha sofrido o ataque de véspera, já os batuques estavam a aquecer para festejar. A pele foi posta para Lueji sentar e os mais velhos vieram lhe agradecer o grande feito.

– Devem agradecer é a Ndumba ua Tembo, é ele o grande caçador que fez tudo.

Além de corajosa como poucos, também era modesta, como deve ser um eleito pelos espíritos, assim diziam os velhos, e os mais novos concordavam. Ndumba estava com um sorriso contrafeito, pois a vitória lhe escapava. Não tinha importância, pensou, ela viu tudo. E tão cedo não vai esquecer. Só importa que ela tenha visto. Mas, claro, seria melhor se ele tivesse também o triunfo popular que lhe foi arrebatado pela rainha.

A ualua apareceu e também o marufo, tirado à pressa, para grande alegria de Chinyama que assim se recompunha do medo. A dança ia começar, enaltecendo a morte do leão assassino, mas agora todos tinham pressa de regressar a Mussumba e não ficaram para a festa.

O caminho de regresso foi muito mais rápido, apesar do povo que acorria de todos os lados para felicitar a rainha. O mujimbo alastrava pela Lunda como fogo em chana seca e Chinyama só pensava tenho de contar isto ao Tchinguri, muito ele vai gozar, o galo ficou de crista caída, salvo pela galinha que ele queria seduzir. Essa minha irmã realmente... Nos ombros do seu kimangata, ele via Lueji andar à frente, toda alegre com a caçada que tinha corrido bem e com Ndumba ua Tembo, tão corajoso, que ia sem um ferimento a seu lado.

A chegada a Mussumba foi tão memorável como quando ela veio do lago, depois de ter feito chover. O mujimbo já crescera, a conselho de Kakele, e nele a lança de Ndumba só raspou o leão, foi

a de Lueji a única que o trespassou. Desde criança ela era uma grande caçadora aí estava agora a prova que os espíritos estavam com ela, todos. O povo dançava nas ruas, gritava viva a rainha, batia palmas e assobiava. Nunca nenhum chefe tinha tido tantas aclamações e tão sentidas em tão pouco tempo. Era um reinado para perdurar, diziam os Tubungo que sempre apoiaram a escolha de Kondi, procurando ganhar pontos nas lutas internas. Até Kandala veio esperá-la e andou uns metros a seu lado para aconselhar, só espero que tantos êxitos não te façam perder a cabeça, não tenha medo, pai, sei que não fiz nada de especial, tudo isto é injusto para Ndumba mas enganas-te, rainha, isto é política.

Todos acompanharam a soberana até à sua residência, mas ela só fez entrar Ndumba ua Tembo e Chinyama. Deu ordens para que servissem de comer. Ndumba recusou comida, só aceitou uma cabacinha de ndoka.

– Se me permites, vou me lavar e depois descansar. E vou levar a pele do leão para a fazer curtir. Depois ta entrego, Lueji.

– Não, o contrário. Eu é que vou mandar curtir para depois te entregar. Ela é tua.

– Mas fomos caçar o leão para ti, rainha.

– Não, ela pertence-te. Sabes bem que sim. Pela tua coragem. Quando te for visitar, quero sentar-me nela.

Ndumba sorriu, recompensado de todas as injustiças. Ela sabia, ela não se deixava enganar pelos mujimbos. O triunfo entre os dois era dele. Pouco lhe importava se diziam Ndumba falhou o leão, foi Lueji que o matou, Que ela ficasse com a fama. Ele tinha a sua vitória. Encheu o peito e saiu, todo encantado.

– Maninha, acho que lhe estás a dar demasiadas esperanças. Ou é mesmo sério isso de pensares em casar com ele?

– Viste como é corajoso? Ao lado dele não tenho medo de nada. Não se pode rejeitar facilmente um tal pretendente. E até não é feio de todo.

– Vais criar uma crise...

– Que isso não te tire o apetite. Cá estou eu para resolver as crises, mesmo as que não provoco.

Ele foi devorando o xima com galinha, lambuzando as mãos. Era preciso trazerem constantemente cabaças de marufo para

acompanhar a refeição. Lueji continuou:

– Mas está descansado quanto ao casamento. Não decidi ainda. E não tenho tanta pressa assim.

– Ainda bem. Podia mesmo perder o apetite.

Ela ficou a vê-lo comer. Seria mesmo verdade Chinyama se preocupava com uma aliança entre ela e Ndumba? Se sim, porquê? Amizade por Tchinguri?

– Chateias-te mesmo se casar com ele?

– Eu não, não tenho nada com isso. Mas Tchinguri... E sabes como ele fica quando se enerva. Pode partir a Lunda.

– Mas se eu casar com Ndumba, não é nada contra Tchinguri.

– Afinal? Tens graça, maninha. Eu até acho, qualquer que seja o homem que escolhas, vai sempre pensar que é uma aliança contra ele. Mas, sobretudo se for o Ndumba.

– Ele não quer que fique solteira toda a vida, não?

– Não tem poder para isso. Mas bem que queria, acho. Ou não sabes, maninha?

– Isso são coisas de infância – cortou Lueji, impetuosa.

As recordações faziam reviver cenas que hoje se tornavam dolorosas. Cenas só conhecidas dos três irmãos. E que ela não podia esquecer, por muito que doesse.

Kandumba partiu para o Kalanhi treinar o exército da linhagem da rainha. Tchinguri voltou das suas terras e foi visitar Lueji, sorridente, felicitando-a por salvar aquele galo empertigado de Ndumba ua Tembo, que anda agora de crista baixa, humilhado. Observação que a irmã deixou passar, pensando no entanto tenho de ir levar a pele do leão para o pobre do Ndumba, deve estar mesmo vexado. Sobre as suas andanças no Luengue Tchinguri não falou, nem ela perguntou. Mas as informações chegaram, as tropas se preparavam e ele assistiu a treinos nos dois kilombos comandados por Kandama. Não devia estar longe dos mil homens, com efeito Tchinguri não se gabara à toa. Kakele se assustou com os termos utilizados por Tchinguri diante dos seus homens, a raiva dele não ia contra Lueji, nem uma vez falou contra a irmã, mas sim contra os Tubungo fracos que só pensavam no seu sossego, ele quer acabar com os Tubungo e subverter a ordem da Lunda, rainha. Logo partiram espiões para o Cassai, tentar descobrir as forças reais de Ndumba ua Tembo.

Como os mujimbos são difíceis de travar, as informações sobre o exército de Tchinguri deixaram de ser restritas a meia-dúzia de muatas. Transbordaram para os outros e destes para o povo. Se comentava já nos djangos e nas casas, chegaram mesmo ao Kalanhi e ao Cassai. De todos os lados vinham emissários saber as novidades para as transmitirem aos muatas se encontrando fora de Mussumba. Assim estes se preparavam para escolher um campo, se fosse caso disso. Mas muitos mandavam mensagens das províncias para a soberana, podia contar com eles, deviam já preparar as tropas? Os mujimbos aumentavam também as ameaças de Tchinguri contra os Tubungo, o que os fazia escolherem geralmente o campo de Lueji. Nas faces que se cruzavam nas ruas de Mussumba começava a se desenhar o rictus de tensão que precedia as guerras.

E chegaram os emissários vindos do território dos Mataba. Estes rejeitaram a embaixada conduzida por Kakaya, não aceitavam condições e porque não fora a rainha falar com eles se tinha tantas ameaças a lhes fazer? Queriam ver a coragem dela de lhes bocar de viva voz o que mandara dizer pelo embaixador. Era um desafio de guerra e Lueji bem o compreendeu.

– Mas devo evitar a guerra ao máximo, não quero mortes – disse ela para Kakele.

– E deixas um povo miserável gozar o rei dos Tubungo? Perdes toda a autoridade junto dos muatas lundas.

– Ganho-a de outra maneira.

– Caçando leões?

– Por exemplo.

– Não, rainha. Isso não ia chegar. Foi enviada uma embaixada para discutir. Já foi um gesto de boa vontade. Agora só a guerra. E essa guerra convém-nos neste momento. Vai distrair as atenções de Tchinguri, enquanto o teu exército se prepara. Não há que hesitar.

Mas Lueji hesitava. Fazer a guerra só para defender o seu orgulho ferido pelos Mataba? Além disso, Tchinguri evitava atacá-la, nos seus discursos nunca falou contra ela. Parecia um ajuste de contas entre ele e os Tubungo. Claro que no fim se tratava da tomada de poder contra ela. Mas parecia procurar um compromisso. E porque não tentar um compromisso com o irmão? Logo que não ferisse a promessa a Kondi, ela tinha alguma margem de manobra.

– Manda Tchinguri ir combater os Mataba. Qual o perigo? Ganha algum prestígio, é verdade. Mas ele tem tão pouco que não faz mal. Enquanto estiver entretido lá fora do reino, unimos todos os exércitos dos Tubungo contra ele. Nem volta já à Lunda.

– Isso é desleal. Mandá-lo defender o prestígio do rei e aproveitar a sua ausência para o destruir?

– Desleal, rainha? Não é o que se faz sempre? Ele é que é desleal, pois quer acabar com os primeiros chefes da Lunda, os Tubungo. Estes têm o direito de se defender.

– Não faço isso ao meu irmão. E julgas que ele é burro? Nunca aceitaria meter todo o seu exército fora da Lunda, para nos deixar o terreno livre.

– Tem de cumprir a ordem do soberano de defender a Lunda dum perigo exterior. Senão pode ser banido. Tem todo o país contra ele, está perdido. Acusado de traição e covardia.

Lueji não aceitou, mas a alternativa de Kakele fazia o seu caminho Junto dos Tubungo. Todos se apercebiam, era a armadilha ideal para destruir Tchinguri de vez. Ou ia fazer a guerra e teriam tempo de juntar todos os homens contra ele ou recusava cumprir a ordem e tinha todo o país contra ele. Nem Tchinguri se safava de tal armadilha. Por isso vinham os muatas agora falar com Lueji, aconselhando a solução diabólica de Kakele.

A rainha foi oferecer a pele do leão a Ndumba ua Tembo e este também abordou o assunto que era o tema de todas as conversas. Tinha uma opinião diferente, ele era pelas soluções directas. Também não lhe agradava ver Tchinguri colher sozinho os louros da guerra contra os Mataba. E o pior ainda, rainha, nessa guerra ele experimenta o seu exército que sairá dela muito mais treinado do que quando entrou. Argumento que Kakele não previu, mas que facilmente derrotava, sim, ganham mais treino, mas isso será insuficiente contra todos os exércitos da Lunda.

No entanto, neste tempo que se discutia o que fazer em relação aos Mataba, nenhum muata se lembrou de ir preparando os seus homens, apenas Kandumba treinava o exército real. E, caso surpreendente, o mujimbo ainda não corria sobre os preparativos feitos no Kalanhi, afinal tão perto da capital. Os dias passavam, Kakaya aguardava na fronteira uma decisão e Lueji hesitava. Até que mandou chamar Chinyama.

– Vai dizer ao Tchinguri quero falar com ele. Mas os dois sozinhos e que ninguém saiba. Logo, depois do Sol morrer, no nosso lago. Vou absolutamente sozinha. Ele que vá também. E isto vai ficar só entre nós os três. Se tu quiseses ir também podes, até acho melhor. Somos irmãos e vamos falar como irmãos.

E assim se encontraram os três irmãos clandestinamente naquele lago onde aprenderam a brincar. Lueji saiu pela passagem secreta e ninguém reparou na mulher com um pano de luto na cabeça que passou pelas ruas de Mussumba. Se sentaram nas pedras à borda da água e a rainha iniciou:

– Pedi para falar com vocês, mas o assunto é o Tchinguri. Sei, todos sabem, estás a preparar um exército. Falaste para os teus homens e disseste, é preciso acabar com os Tubungo. Os teus homens falam de guerra. Queres combater contra mim. Porquê? Para teres pelas armas o que o nosso pai não te deu? É claro, Tchinguri estava preparado e não foi apanhado de surpresa. Sorriu. Se via perfeitamente à luz das estrelas o sorriso dele de infância, não o de um homem mau mas apenas de um menino travesso.

– Esses Tubungo têm muito medo e já te foram envenenar a cabeça contra mim. Te convenceram que te quero fazer mal, não é? E tu acreditaste.

– Então esses homens que mandaste treinar não são contra mim? Pensas ainda sou criança?

– Sabes bem, irmã, não são contra ti. Muito antes de o nosso pai morrer já eu tinha os meus soldados. E sempre achei ele os devia ter também. Um rei sem um exército não é nada, depende dos Tubungo, não pode fazer nada sem a força deles. Tu mesma agora bem precisavas dum exército para combater os Mataba. Mas vais depender de mim, do Ndumba ua Tembo, dos homens do Kakele e de outros, para pôr aqueles selvagens na linha. O meu pai nunca o compreendeu, porque isso era contra a tradição. Tradição... A tradição se cria. Eu preparei o meu exército. A pouco e pouco. Para o utilizar quando fosse rei. Meu pai não quis me dar o lukano, ia então desfazer o exército? Agora não tem sentido abandonar um trabalho de anos. Nunca podia ser um exército contra ti, tu ainda não contavas. E nunca te escondi, tenho homens preparados no Luengue. Então?

Chinyama tomou a palavra:

– Tudo isso é verdade, Lueji. Tens de acreditar nele. Tchinguri sempre falou nos seus homens, sobretudo no Kandama. Nunca escondeu nada.

– Mas agora estás a incitar os homens contra os Tubungo.

– Quem incitou o meu pai contra mim? Não foram os Tubungo? E porquê? Porque não queriam um rei que pensasse pela sua cabeça, que procurasse ter a sua própria força. Se agora tu preparas um exército no Kalanhi e eles acham bem, é porque estão aterrorizados

por minha causa. Por um lado, o teu exército vai neutralizar o meu. Por outro lado, não é muito perigoso tu teres um exército, porque pensam te podem manobrar, o que não fariam comigo.

– Quem te disse eu preparo um exército no Kalanhi?

Tchinguri deu uma gargalhada diabólica. Se levantou e a sua pequena altura ganhou contornos no escuro da noite.

– Tens sido tão inteligente e agora estás a te fazer de ingénua. Como não ia saber? Mandaste espiões para o Luengue, o Katuya por exemplo, filho desse lacrau venenoso do Kakele. Muito bem. Então também não posso ter os meus informadores? O que foi fazer Kandumba para o Kalanhi? O que foste tu lá fazer antes? Cumprimentar um tio doente? Deixa disso, maninha. Outro talvez podia acreditar, mas eu? Espero só a ideia foi tua, fico vaidoso por teres continuado esperta como antes. Ou foi o lacrau do Kakele que te aconselhou a formar um exército? Duvido, não lhe convém, aceita apenas porque tem medo de mim. E espera te manobrar sempre. É o guardião de todas as tradições que fazem dos lundas um povo infeliz porque pouco respeitado, nunca gostaria de ver um soberano forte. Por isso aconselhou Kondi sempre contra mim. E Kandala é a mesma coisa.

– Não fales mal de Kandala.

– Não, não falo, ele sabe muito. Gostaria de o ter do meu lado, sobretudo porque toda a gente acredita nele. Também nisso foste inteligente, maninha. Mas tens de reconhecer, ele só defende o passado. Utiliza Kandala, mas usa a tua cabeça para pensar o futuro. É o que eu faria. Se ainda aceitas algum conselho deste irmão miserável que só quer o teu mal por despeito, não é o que dizem?

A rainha ficou calada. Tchinguri tinha mais armas que ela, estava muito mais preparado. Já se arrependera de ter proposto a reunião, ele sabia tudo o que lhe passava pela cabeça e dos seus conselheiros, enquanto ela acabava por não saber o que ele imaginava. Ou não era nada disso, apenas intrigas, como ele dizia? E se o seu amor por ele afinal tinha razão, aquele amor de criança que ela agora procurava reprimir, desde a morte do pai?

– Lueji, de facto tens sido mal aconselhada – disse Chinyama. – Quem não sabe o que se diz? Que o Tchinguri quer tomar o poder

para dar cabo de tudo. Talvez ele queira, talvez. Mas nunca contra ti, nisso tens de acreditar. Estão só a nos dividir para se aproveitarem. Olha, eu estou bem assim, não quero poder nenhum. Mas também não ia estar com o Tchinguri contra ti. Mesmo que ele ameaçasse me bater...

Tchinguri deu mais uma gargalhada. Voltou a sentar, olhou para os dois irmãos. Com escondida ternura? Só podia ser uma partida das estrelas.

– Não lighes para o Chinyama, não tem tanto medo assim de mim. Já teve, mas agora é homem.

– Tem, sim, ele tem mesmo, consegues criar medo em toda a gente. E Chinyama tem coragem de o afirmar, essa é a diferença. Mas não, isso não interessa agora.

– O que interessa é isso que estamos a falar. Chinyama diz eu quero o poder. Hoje já nem sei. Não o escondo, sempre pensei era o mais capaz de o conservar e de fazer da Lunda um grande país. Mas as coisas correram mal, os Tubungo ganharam. Nisso, eles ganharam. Só pela força posso tomar o lukano. Mas vou destruir a minha irmã? Posso ser muito mau, sanguinário – não é o que dizem? – mas não vou levantar as minhas armas contra ti, Lueji. Não é contra ti que elas estão preparadas. Nunca estiveram. O mesmo talvez se não possa dizer das tuas.

– Esse exército do Kalanhi não é contra ti, Tchinguri. É para defender o lukano, a vontade de meu pai. Fiz uma promessa e vou cumprir. Contra todos, se for preciso. Para isso é o exército.

– E o que pensa o Kakele, o Ndumba, e os outros?

– O Ndumba nem sabe desse exército.

– Agora já deve saber. Não vai gostar. E também que o Kakele mandou homens para o Cassai espionar as suas forças. É capaz de ficar zangado contigo, maninha. E bastava me perguntares, eu te digo as forças do galo vaidoso.

Era realmente diabólico o Tchinguri, sabia tudo. Como era possível? Espiões na casa dela ou na de Kakele? Na dela havia muita gente que ela pensava de confiança, podia ser os segredos daí saíssem. Mas era mais possível que Tchinguri se tivesse particularmente interessado em espiar Kakele, se o considerava o seu grande inimigo. Como saber? E depois, ele se preparava para o

trono há anos. Teve tempo de estudar todos os muatas e todas as forças e montar os mecanismos necessários para os eliminar quando achasse conveniente. Era trabalho de formiga para ser um soberano forte e respeitado.

– Escusas de fazer esse ar de admiração, Lueji. Tudo se sabe na Lunda, sobretudo quando há crises internas. As pessoas sentem a necessidade de falar, o seu prestígio vem de saberem alguma coisa que os outros ignoram. Toda a gente gosta de ter prestígio. São mais carinhosamente recebidos para beber ndoka se têm algo a revelar. E por isso contam os segredos de Estado.

– Ninguém pode resistir a uma boa cabaça de ndoka – suspirou Chinyama.

– Mas te fiz uma pergunta, Lueji. O Kakele também pensa o teu exército não é contra mim?

A rainha não respondeu imediatamente. Olhou para os dois. Os olhos de Tchinguri eram agora duas brasas acesas. Preferiu ser sincera e se arrepender depois.

– Não sei. Lhe disse para que era o exército, para defender apenas o lukano. Não sei o que ele pensa. Mas sou a rainha e é o meu exército. Ele nunca será o primeiro a atacar.

– Acredito em ti, maninha. Nem tenho razão para duvidar. Apesar do que aconteceu, não me mostraste inimizade. Isso eles ainda não conseguiram. Quando o conseguirem, então adeus Lunda.

– O que acontece?

– Partimos a terra ao meio, é certo. Mas não quero isso. Tu queres?

– Nunca quis.

– Então não podemos deixar que os Tubungo nos dividam. Deixa-os fazer intrigas, não acredites. Nunca te farei mal.

– Qual é a garantia?

Tchinguri se levantou de novo. Desde miúdo, nunca podia ficar parado longo tempo. Tinha de percorrer o espaço com seus passinhos pequenos, frenéticos, com os braços a marcar o ritmo da fala ou só dos pensamentos. Demorou desta vez a responder. Falou em voz mais baixa e pausada:

– Talvez não haja nenhuma... Se eu quisesse, já tinha atacado. Com os homens que tenho, não é nada difícil tomar Mussumba.

Quem se oporia? A tua guarda? A de Kakele? Ou de Ndumba, que está dispersa por aí? Tudo isso junto não resistia a um grupo dos meus. Sabes disso. Será diferente quando tiveres um exército. Mas ainda vai demorar.

– É verdade, podes tomar o lukano quando quiseres. Mas não o podes guardar. Ocupas Mussumba. Mas logo depois tens de te dividir. Atacar o Kalanhi, a leste, para destruir a minha linhagem? Atacar para o norte, destruir a de Kakele e de Kakolo e outros? Ou para ocidente, atacar as forças de Ndumba ua Tembo? Tinhas de te dividir e não possuis forças para tanto. Estarias afinal cercado. E mais. Com o povo todo contra ti, porque mataste a rainha.

– Isso nunca eu faria.

– Está bem, acredito. Mas o povo ficava furioso na mesma porque me destronaste.

– O povo não conta para o caso. As forças dos Tubungo, sim.

– Elas são o povo e mais as mulheres que lhes preparam a comida. Nas tuas próprias hostes haveria quem ia pensar duas vezes. Chinyama, por exemplo.

– Podiam pensar duas vezes, mas faziam o que queria quem tivesse o lukano.

– Que chatos! – interrompeu Chinyama. – Não quero nada dessas histórias de se atacarem e eu de que lado vou ficar. Parem masé com isso.

– Estava só a mostrar ao Tchinguri não é do interesse dele tentar tomar o poder pela força.

– E eu estou só a tentar mostrar já o tinha tomado, se realmente quisesse.

– Já o tinhas perdido de novo.

– Julgas não penso nessas coisas, não tenho nenhum plano? As perguntas que puseste, nunca as pus a mim próprio? Francamente, maninha, há sempre uma estratégia...

– Oh, parem com isso – interrompeu de novo Chinyama. – Estamos aqui para nos entender, como irmãos. Não para ver quem é o mais forte. Isso é coisa de miúdos.

Ficaram calados os três. Lueji esperava a aparição da Lua por cima do lago, mas ela demorava. Tchinguri batia com o punhal na pedra à sua frente, provocando chispas no escuro. Chinyama

suspirou, que sede, que sede, nunca mais acaba esta conversa parva para eu poder ir varrer um marufo?

– Tenho pensado muito nisto, Lueji, não faço aliás outra coisa. Neste momento, se tomasse o lukano, podia conservá-lo. Havia guerras, sangue, muito sangue, mas a vitória não me escapava. Se quisesse apanhá-lo pela força, já tinha arriscado. Quanto mais tempo passar, pior para mim. O teu exército se forma, os outros preparam os seus... O tempo é contra mim, bem sei. Então porque não arrisquei o mais cedo possível, sobretudo logo depois da morte do nosso pai, quando ninguém tinha autoridade? Ou antes de fazeres chover, ou fingires; o que vem dar no mesmo... Nessa altura ninguém acreditava em ti, não se iam revoltar por te destronar. Não aproveitei porquê? Porque a vontade do poder era menor que a de não te fazer qualquer mal.

– Pode ter sido apenas um erro, um mau cálculo. Pensaste eu ia fazer tanta asneira que todos queriam logo me substituir. E aí aparecias tu a dizer, vêem como o meu pai era um velho louco, que só fazia burrices? Olhem o que deu a sua última ideia. Pôr esta rapariga no trono para nos levar para a desgraça. Por isso sempre me opus a ele, eu era o único que via ele estava caquético. Talvez assim não encontrasses grande resistência para tomar o lukano e podias reinar sossegado.

Tchinguri soltou mais uma gargalhada, mas nervosa.

– Era arriscar muito, contar com a tua estupidez. Outro talvez o fizesse, mas eu não, eu te conheço.

– Não era preciso ser estúpida. Bastava não ter experiência de governo. Ou até uma questão de sorte...

– Como a da chuva ou do leão? Foi sorte, mas também foi esperteza de aproveitar a sorte. Sorte todos têm nalgum momento, mas raros a sabem aproveitar. É próprio de ti, maninha.

Lueji se endireitou na pedra. Olhou firmemente para o irmão. A voz saiu um pouco esganiçada.

– Que estás a dizer? A chuva chamei-a porque cumpri todas as instruções e o espírito do meu pai estava comigo...

– Acreditas mesmo nisso, Lueji?

– Claro que sim. Como podes duvidar?

Tchinguri apenas sorriu. Chinyama entrou de novo na conversa para explicar:

– É que Tchinguri me disse, ele não acredita nada nessas coisas. Pensaram ele ia ser o chefe e lhe ensinaram a chamar a chuva. Ele diz, o saber todo está em escolher o momento exacto.

– Tchinguri não acredita em nada – acusou Lueji. – Por isso ele é assim.

– Assim como, maninha?

– Assim como tu és. Nem nos espíritos acreditas. Em nada. É essa a razão por que perdeste o trono da Lunda.

– Talvez estejas a dizer uma verdade maior que tu própria. Por isso perdi o trono, concordo. Porque não me deixo enganar por coisas que foram feitas para enganar e para fazer que uns mandem nos outros. Agora, tu que mandas, não tens nada que acreditar. Os outros é que têm. Não te enganes a ti própria, que é a pior coisa que há. Não podes governar bem, se acabas por acreditar nas tuas mentiras. Apesar de necessárias, mas mentiras.

– Não são mentiras. Fiz todas as operações como me ensinaram e por isso choveu.

– Foste tu que escolheste o dia? Disseste é esta noite?

– Não, foi Kandala.

– Eu sabia. Foi Kandala. Ele é que sabe quando vai chover. Não me perguntes como mas ele sabe. Quer tu tivesses chamado a chuva ou não, ia chover naquela noite. E se fosse eu a fazer as operações em que não acredito, também chovia.

– Ora, tu...

– Espera. Não digo isso não é necessário. É, claro que é. Dá muita força ao chefe, faz o povo ficar à volta dele. Portanto, eu como chefe também faria isso tudo e depois dizia, vejam como fiz chover, sou poderoso. É assim mesmo. Só que eu estaria a rir para dentro dos matumbos que me aclamavam. Reza masé para que Kandala ainda esteja vivo para o ano ou o seguinte, se por acaso atrasar de novo a chuva e tiveres de a chamar. Sozinha, não vais saber escolher o dia certo.

Lueji não ousou ripostar. Sentia agora uma grande lassidão, falta de vontade de argumentar, um não acreditar em nada que lhe entrava com as palavras de Tchinguri. Queria estar sozinha, ali, no

lago, colher umas rosas de porcelana, e pensar no homem que ia sair da Lua e lhe dar a calma e confiança necessárias para acordar no dia seguinte. Nada mais. Mas Tchinguri continuou:

– O importante é que acredites que nada do que eu faça será contra ti. Tenho quase a certeza de que não me atacarás nem vais deixar que me ataquem. Mas também precisas confiar em mim... Ainda bem que está aqui o Chinyama, ele nos ajuda a recordar o passado. Lembras quando eu dizia queria...

– Cala-te! Não fales nisso – interrompeu Lueji com um grito e se levantando pela primeira vez.

– Falo, sim, de que tens medo? Queria casar contigo...

– Cala, Tchinguri, ou eu vou embora.

– O nosso pai ria, nunca contrariou. Lembras, Chinyama?

– Sim, é verdade – concordou Chinyama. – O pai ria, as mães riam, ninguém levava a mal.

– Mudem de conversa ou esta acaba assim – gritou ela.

Os dois irmãos se olharam, encolheram os ombros. Mas calaram. Lueji voltou a sentar, tentando pensar nos aspectos políticos da conversa, para a retomar como um rei nas negociações. Mas desconseguiu. Tchinguri tocou num ponto sensível, hoje doloroso, do passado e ele vinha agora às catadupas.

Corriam os dois nus na beira do lago. Por vezes um mergulhava na água, no meio dos nenúfares. Do outro lado de lá estavam umas mulheres a lavar, mas mal se ouvia o que diziam. De repente, Tchinguri desapareceu no meio das rosas de porcelana e Lueji foi atrás, mas ele estava bem escondido, só depois uma voz se fez ouvir perto, estou aqui, ela se virou, não viu nada, avançou mais uns passos, saiu da matinha de rosas de porcelana para entrar no reino das begónias, ele não estava ali também, onde estás, Tchinguri, não vale te afastares muito, ao que só o silêncio respondeu e depois um restolhar ligeiro do lado esquerdo, uma sombra veloz se esgueirando entre os fetos do tamanho dum homem, visão que ela perseguiu em vão até de novo parar, tentando captar um mínimo ruído mas só havia o vento acariciando as hastes de papiro, Tchinguri, a voz saindo mais impaciente, deixa dessas brincadeiras, vem aqui, não quero estar sozinha, súplica que também não obteve resposta e ela afastou com as mãos as folhas de fetos e se internou

mais na sombra dos arbustos, sem nada encontrar, e de repente se sentiu perdida, já não sabia onde ficava o lago em que tinha deixado a tanga, nunca mais encontraria o irmão nem o caminho, estava à mercê das onças que gostavam de dormir ali nas sombras densas à espera dos antílopes indo beber, Tchinguri, Tchinguri, grito desgarrado que rompeu o silêncio do meio-dia, onde estás, o pânico invadindo tudo, apagando os rastros no chão e nos fetos e begónias pisadas, criando caminhos cruzados, mil, impossíveis de decifrar, o Sol rindo lá em cima sem indicar nenhuma direcção e os restolhares se confundindo, onças e mais onças saindo dos abrigos para o seu banquete de meio-dia, Tchinguri, porque me fazes isso, mas ele já não ouvia, devia ir a caminho de Mussumba e ela estava ali perdida, pasto todo pronto para as feras, as lágrimas irreprimíveis correndo dos olhos cegos para os caminhos que se cruzavam e descruzavam, até que sentiu um corpo atirado contra o seu e com o ímpeto caiu, sendo abraçada pelas costas, era a temida onça sem dúvida, nem coragem tinha de se debater e afinal era isso a morte, o não ter coragem de reagir ao perigo que está atrás de nós, basta um safanão e nos libertamos mas não temos força de dar esse safanão desesperado, ficamos encolhidos no chão, sentindo apenas o calor do outro corpo e o bafo quente no nosso pescoço, esperando apenas o rasgar de tecidos pelas garras afiadas e os pontinhos dos dentes na garganta, quando ouviu sou eu, maninha, sempre estive perto de ti, e é difícil compreender o que dizem as palavras da onça, e é difícil entender porquê ela nos acaricia o corpo com as mãos e as garras não ferem, porquê os dedos mexendo nos mamilos dão tal lassidão ao corpo, é a morte sem dúvida, na morte se está bem e se goza da bem-aventurança, mesmo quando uma substância quente e dura causa dor ao penetrar o nosso sexo virgem, é dor que não é dor, é beijo da morte e a morte afinal é suavemente dolorosa, só isso, e os jactos quentes que entram para o nosso ventre provocam contracções desconhecidas na vagina e causam a angústia anunciadora de suspiros e gemidos, já não com dor, apenas angústia, até que não há mais angústia, não há mais restolhares de onças, não mais cantares de vento entre os papiros, apenas uma grande paz, uma eterna e grande paz.

Assim, quebrando a tradição que manda uma rapariga ser deflorada pelo tio depois da festa da iniciação, Lueji foi deflorada pelo irmão, antes da festa da iniciação. Sem pesares nem remorsos. Começava então a quebrar tradições.

Muitas vezes foram tomar banho sozinhos no rio e muitas vezes se esconderam nas matas de papiros, fetos e begónias. Chinyama acabou por descobrir e também quis, mas tens outras raparigas, na Lueji não tocas senão rebento contigo, e Chinyama só podia obedecer ao irmão.

Por isso era sentido que Tchinguri dizia ao pai e às mães, quando for grande caso com a Lueji, sem no entanto revelar os gestos escondidos. Kondi ria e uma vez mesmo contou:

– Isso se pode fazer, quando se trata de reis. Muako e Kaweji, nossos antepassados directos, eram irmãos gémeos. Serve para reforçar o poder, porque é um desafio às proibições. Se outros irmãos, não reis, casarem entre si, grandes desgraças se abatem sobre as famílias e a terra. É acto que chama as pragas de gafanhotos, que faz enraivecer os espíritos vigilantes, que faz secar os rios e partir as montanhas. Entre reis, sim, é possível, mas em circunstâncias especiais.

E Tchinguri, encantando toda a gente pela sua inteligência e persistência, repetia claro que o faremos, vou ser um grande rei e para o ser tenho de casar com a minha irmã. Isto era muito antes de Kondi se convencer de que as fúrias cegas do primogénito, a sua maldade inata, acabariam por ser maléficas para o povo dos Tubungo. Isto era muito antes de Kondi adivinhar ou sonhar que um dia teria de afastar Tchinguri do trono, respeitando a vontade sempre sábia dos Tubungo.

Por um esforço enorme de vontade, Lueji conseguiu varrer o passado da memória, como antes afastava os fetos com as mãos para procurar Tchinguri. Agora procurava uma saída para a crise política se avizinando.

– Então, em que ficamos? – perguntou ela. – Falamos de coisas sérias?

Mas Tchinguri sabia aquela fala era apenas da boca para fora. O longo silêncio da irmã, olhando o vulto quase imperceptível da matita de rosas de porcelana, fora dedicado a sonhar com o que

passara. Não o podia afastar com os ombros, tal como ele não podia, fazia parte indissolúvel deles os dois.

- Estávamos a falar de coisas sérias, Lueji. De nós.
- Não da maneira que tu queres.
- Já o fizemos. Em silêncio.

A última palavra se tornou realidade. Nem Chinyama tentava agora quebrá-lo, entendia demais o que se passava e era a sua esperança de não se partir ao meio, entre os dois. Sou um capim entre o leão e o elefante, pensou, amargurado. Podia ao menos ser uma pacaça, mas nem isso merecia.

- Lueji, já decidiste pregar-me a armadilha do Kakele?
- Que armadilha é essa?
- Ora, se diz por aí. Devo dizer é duma inteligência própria do pior cazumbi. Mandar-me combater os Mataba com o meu exército. E quando os vencer, não poder voltar à Lunda, porque entretanto todos os Tubungo já juntaram as forças para me escorraçarem. Trabalhar para ti e como recompensa receber o exílio. Ou a morte.

A rainha não respondeu logo. Tudo se sabia, realmente. Também não admirava, no fundo. Os Tubungo estavam tão entusiasmados com a solução que falavam dela aos quatro ventos. Algum amigo a ouviu e foi contar a Tchinguri. Talvez Chinyama, porque não?

- Foi apenas uma sugestão.
- E vais segui-la?

Pela primeira vez, Tchinguri parecia pouco seguro. Tinha razão para isso: era um dilema de que dificilmente escaparia. Perdera a desdenhosa arrogância com que sempre tratava todas as coisas. A voz dele e sobretudo o faiscar ávido dos olhos deixavam adivinhar a sua ansiedade na resposta. E Lueji percebeu, afinal tinha Tchinguri na mão. Era uma arma terrível que ela possuía e o deixava sem ponto de recuo. Bastava mostrar hesitação, não responder claramente, e o irmão ia passar a noite em branco. Essa e as próximas. Ela podia decidir a qualquer momento, não era ele que escolhia o momento do ataque, era ela. Arma terrível. Que obrigava a arriscar tudo numa jogada desesperada, antes que a rainha tornasse pública a decisão. Da resposta dependia certamente a atitude futura dele. Assim, Tchinguri encaminhara toda a conversa para este ponto, o vital, e disparara a pergunta quando Lueji estava

mais amolecida. Que irmão diabólico tenho! Não tinha ainda decidido se tomava o poder, chocava-se com sentimentos contraditórios, mas a resposta de Lueji podia obrigá-lo a esquecer tudo e a tomar a iniciativa. Estava tudo claro. E, no entanto, Lueji queria acreditar na sinceridade dele. Se não o empurrasse para uma solução desesperada, ele não atacaria. Pelo menos a ela.

– Nunca te faria isso, Tchinguri, sabes bem.

Ele suspirou de alívio e sorriu. Joguei fora a minha melhor arma. Não me comportei como uma soberana. Se o Kakele souber, vai me chamar todos os nomes e vai se arrepender de ser meu conselheiro. No entanto, não estava arrependida do dito. Sentia o mesmo alívio que o irmão.

– Era uma armadilha de que muito dificilmente escaparias.

Lueji ia acrescentar, só se tomasses o poder esta noite, mas calou, ele podia pensar fora por medo que ela assim tinha respondido. Continuou:

– Mas isso não se faz a um irmão. És arrebatado, por vezes irresponsável, mas não és um espírito maligno.

– Ainda bem que assim pensas – disse Chinyama. – Realmente, quando ouvi falar dessa armadilha, disse para comigo, desta o Tchinguri não se safa. Só se a Lueji recusar lhe pregar a armadilha. Ele estava arrumado, maninha. Por isso insisti com o Tchinguri para vir cá esta noite...

– Porque ele não queria afinal?

– Não queria – respondeu o próprio Tchinguri. – Ouvi muita coisa, soube de tudo, soube o que os Tubungo andavam e andam a tramar à tua volta. E estava ofendido por tanta falta de confiança da tua parte. Parecia tinhas esquecido tudo o que vivemos juntos, parecia só querias lembrar a morte do nosso pai. É verdade, não queria falar contigo, sobretudo aqui. Mas Chinyama insistiu, podia ser me quisesses anunciar primeiro me ias enviar contra os Mataba. Talvez houvesse tempo de te demover. Por isso vim, embora pudesse escapar dessa armadilha. Tomava o poder esta noite.

– Só por isso vieste...

– Nos dividiram, Lueji. Pensei mesmo podia ser uma cilada. Os Tubungo criaram a desconfiança entre nós, que queres?

Lueji se levantou de novo, toda agitada. Quase gaguejava de indignação.

– Como pudeste supor eu te atraía para o lago... para o nosso lago... para te prender ou te matar? Talvez até tenhas posto espiões no caminho para saber se eu vinha sozinha, como prometi...

– Não pensei nada disso. Estou a ser sincero. Disse-te foi uma desconfiança passageira, não o escondo.

– E obrigaste Chinyama a vir, porque de qualquer modo era uma garantia... Eu não tinha coragem de te fazer mal à frente do outro irmão... Porque vejo mal o Chinyama abandonar as comidas a esta hora para vir aqui participar desta discussão... Foste tu que o obrigaste a vir.

– Agora és tu que me ofendes! – gritou Chinyama, também se levantando. – Sou capaz de um pequeno sacrifício para o bem da Lunda. Ora, deixemo-nos de grandes palavras. Sou capaz de não comer a horas para que os meus dois irmãos não se peguem à porrada, ora merda! O que pensas eu sou?

Estavam agora os três de pé, se enfrentando. Lueji foi a primeira a ceder. Voltou a sentar.

– Desculpa, Chinyama, perdi a cabeça. Eu própria te pedi para vires. E tens sido muito útil. Desculpa.

Chinyama suspirou. Se sentou com visível prazer, suspirando. Disse com fala mansa:

– Estás desculpada. Todos nos podemos enervar, não é só o Tchinguri que tem esse direito. Senta-te, irmão, e vamos continuar a conversar.

Tchinguri obedeceu. Que estranho, pensou Lueji, Tchinguri até já obedece ao irmão caçula, muita coisa mudou na Lunda.

– Está bem, admito, a desconfiança não se justificava – disse ele.
– São estes tempos, queiras ou não queiras.

– Eu também podia pensar ias aproveitar para me fazer uma cilada. Também podia juncar o caminho de guardas.

– Para quê? Sabes bem que não te quero mal nenhum.

Chinyama soltou uma gargalhada pesada, daquelas que mais parecem um ronco de leão. Ou de porco.

– Os dois sabem nenhum quer fazer mal ao outro. E no entanto estão todos prontinhos a se ferir logo que surge a oportunidade.

Tchinguri tem razão numa coisa, maninha. Os Tubungo estão quase a nos dividir irremediavelmente. Tem cuidado com eles.

A Lua tinha nascido e lá estava o homem com o seu longo arco. Parado, ia sair de novo? Arcos assim longos não existiam na Lunda. Tinham conservado os arcos pequenos dos homens amarelados das matas, só que já não os envenenavam como na tradição.

– O que vais fazer com os Mataba? – perguntou Tchinguri, retomando a conversa.

Lueji voltou à realidade. Bateu com a mão na pele nua da coxa.

– Tenho de fazer a guerra. Kakaya vai comandar o exército. Tu forneces duzentos homens, o Ndumba ua Tembo outros tantos, o Kakele e o Chinyama os que puderem...

– Que homens tenho eu? – perguntou Chinyama.

– Arranjas lá no Kalanhi. Até querias participar na guerra. Pelo menos mandas uns homens.

– E tu, rainha? – perguntou Tchinguri.

– Os meus não estão preparados, bem sabes. E têm outra missão importante.

– Defender o lukano!

– Exacto, defender o lukano. És contra?

– Antes contigo que com outro qualquer, maninha. Sobretudo se não for contra mim.

– Não será contra ti, já disse.

Chinyama, apesar de gostar muito das coisas materiais deste Mundo, era um homem prático. Ou talvez por causa disso mesmo.

– Afinal a que acordo se chega? – perguntou.

– Este mesmo – respondeu Lueji. – Não atacarei Tchinguri e ele não atacará ninguém.

– Espera, espera aí – cortou Tchinguri. – Não te ataco a ti. Mas os Tubungo terão de perder privilégios, vão deixar de mandar na política da Lunda.

– Eles não mandam na política da Lunda. Quem manda sou eu.

– Com os conselhos deles.

– Quando me interessam.

– Infelizmente não é verdade.

– Provas. Dá uma prova do que afirmas.

– Por exemplo, vais tirar o Kanyika de chefe do protocolo. Até estou de acordo, é um jovem pretensioso que só faz o que aquele galito empertigado do Ndumba ua Tembo quer. Mas vais tirá-lo, não por isso e porque tu queiras, mas porque Kakele o exige. Ele e alguns Tubungo.

– Como sabes?

– O Kakele se gabou disso no tchota. Disse, deixem começar a guerra com os Mataba que o Kanyika vai ser adjunto de Kakaya. Que era imposição dele, Kakele. O que todos os Tubungo do tchota aplaudiram. Mesmo alguns amigos de Ndumba mas que não podem com as maneiras vaidosas do Kanyika. Quem manda afinal, maninha?

– E mesmo verdade, Lueji? – perguntou Chinyama, como se tivesse uma enorme decepção.

Para quê mentir, se os próprios conselheiros se encarregavam de divulgar todas as decisões secretas? Aquele Kakele ia pagá-las, não sabia ainda como, mas ia. Para já tinha de ser muito mais reservada em relação a ele.

– Neste caso é verdade.

– E eu a julgar que eras tu mesma que mandavas... – disse Chinyama. – Estava tão orgulhoso de ti!

– Sou inexperiente, uma ou outra vez cometo um erro. Como o de ter nomeado o Kanyika. Aceito que os conselheiros me corrijam, não é vergonha nenhuma. Afinal, eles foram preparados para isso e eu não. Mas estou aprender.

– Está certo, compreendo – disse Tchinguri, estranhamente conciliador. – Não estavas preparada para reinar e muito tens feito. O problema não está em ti, nunca esteve, mas nos Tubungo que escolheste para te aconselharem. Principalmente Kakele. Esse velho lacrau não faz nada sem vir cá para fora se gabar. Não sei o que quer, prestígio, claro, mas não aspira ao poder, nem para ele nem para ninguém da sua linhagem. Aparentemente pelo menos. É um velho vaidoso, sempre foi, e só a vaidade pode explicar essas atitudes pouco prudentes. Também foi ele o da ideia de que salvaste o Ndumba das garras do leão?

– Certamente não. Nem sei quem foi, mas ele não pode ter sido, não estava lá. Porquê? Também se gaba disso?

– Não, isso não. Se se gabasse estragaria todo o efeito. Essa é uma verdade que tem de aparecer como verdade contada com modéstia e não como mentira necessária. Verdade aliás que nos interessa a todos. E como fui eu que te iniciei nas armas e na caça, é uma verdade que me interessa também.

– Não sejas cínico, Tchinguri.

– Sou, maninha. Já esqueceste que fui educado para chefe? Tenho de saber sempre onde está o meu interesse, chamar a caça para o meu lado. Porque te havia de esconder, a ti que vais descobrir isso se é que ainda não o descobriste?

– Estás hoje muito sincero!

– O mal do Tchinguri é esse, maninha, ele é demasiado sincero – disse Chinyama. – Nisso não lhe valeu de nada a educação para chefe. É o que engana as pessoas. Ainda não descobriram ele é sempre sincero.

– Com a verdade enganar os outros? – perguntou Lueji, meditativa, como quem quer apreender o sentido mais profundo de algo essencial que lhe escapava.

– Não será uma forma superior de cinismo, Chinyama? – perguntou Tchinguri.

– Entramos agora em conversa mole e eu quero ir comer – cortou Chinyama. – Em que ficamos? Qual a conclusão?

– Já tirámos a conclusão, não tirámos, Tchinguri?

– Já, maninha, já tirámos a conclusão.

– Ainda bem que já a tiraram. Eu, apesar da minha conhecida inteligência, estou um pouco confuso.

– É da fome – disse Tchinguri, lhe dando uma palmada na barriga grande.

– É, depois de comer entendes tudo – acrescentou Lueji alegremente. Os olhos dela brilhavam de calma.

Começaram a marchar pelo caminho, ela no meio, um à frente, um atrás. Como três irmãos que foram passear ao lago da sua infância e dele voltavam felizes.

– Esta conversa deve ficar só entre nós – disse Lueji.

– É evidente, nem precisas falar – disse Tchinguri. – Os Tubungo davam cabo de ti.

– Não têm força para tanto – replicou ela. – Precisam de mim, neste momento.

– Agora – disse Chinyama. – Mas não esquecem.

Tinham de se separar pois se aproximavam de Mussumba. Ficaram parados numa encruzilhada de caminhos.

– Queres que te acompanhe? – perguntou o irmão mais velho.

– Não, podem ver-nos. Se me virem sozinha, vão pensar venho clandestinamente da casa de algum homem. Apenas.

– A rainha não vai visitar os homens à noite – discordou Chinyama. – Chama-os.

Depois do reencontro, a separação era difícil. Todos o sentiam. Lueji hesitava em se despedir. Tchinguri percebeu isso e mais os eflúvios que dela emanavam. Falou em sussurro:

– Aquele meu sonho de criança... Agora já não é possível, pois não?

– Não – disse ela. – Já não. Fiz uma promessa ao meu pai e tenho de a cumprir. Custe o que custar. Lamento muito, Tchinguri.

– Seria o ideal. Já viste as nossas duas linhagens aliadas? Eram imbatíveis.

– Eu sei. Mas não quebro um juramento.

E Lueji partiu, para que ele não pressentisse o soluço que se formava dentro dela. Nem os irmãos devem adivinhar o choro duma rainha da Lunda.

Haveria de chorar muitas noites o seu desânimo. Se as relações com Uli tinham melhorado, pelo menos já se falavam como antes, uma barreira tinha no entanto surgido entre ela e Marina. Evitavam o assunto, se tratavam com cordialidade, mas já não era a mesma coisa. Faltava aquela confiança total, a necessidade imediata de uma confidenciar à outra qualquer ocorrência ou pensamento súbito. Era evidente, Uli mantinha o afastamento em relação às duas. E Marina não mais se queixava, o que era grave. À noite, Lu só adormecia depois de chorar.

Numa dessas noites, mesmo depois dos soluços não conseguia adormecer. Se refugiou na infância em Benguela, recordou a avó falando da Lunda, o caranguejo se esconde e a água passa, não se deve defrontar forças mais poderosas, e qual é a caça que levantada num sítio vai cair noutro? É o pó.

A ligação com a avó sempre tinha sido muito forte, mais que com a mãe. A velha tinha paciência, falava, falava, e ela ouvia. Lendas, histórias de cazumbis, enfeitiçamentos, provérbios, a família e os antepassados, os conhecidos e os míticos, tudo era pretexto para a avó lhe falar. Talvez por isso cada vez mais lembrasse a velha, à medida que se afundava em tristezas. Pensando bem, a procura da avó começara bem antes, tinha sido em Paris. Foi lá também que sintressou a sério por Lueji. Efeitos da civilização pós-industrial? As pessoas que desprezavam os outros, nem neles reparavam ao andar nas ruas? Gente que nem olhava para o que morria de fome na esquina? Nunca poderia precisar, mas a busca começou aí. Era uma mulher e o mundo era feito para os homens. Oh, claro, tinha havido avanços, já se não considerava a mulher apenas o resultado duma costela masculina. Talvez já houvesse legislação igualitária na maior parte dos países. Mas faltava ainda muito, sobretudo nas mentalidades. Dos homens e das mulheres. Em Paris se sentiu mulher. Ou foram saudades da terra, pela primeira vez tão distante? Em Paris sonhava todos os dias com a casa de Benguela. Não, nunca ia saber e por isso também eu não, porque sagarrava à lembrança da avó, porque começou uma busca febril nos documentos sobre a Lunda de raízes tão fracas já. Mais uma vez esta noite a infância voltava.

A visão da casa de Benguela tomou conta do seu cérebro, aquela casa onde nasceu, dando para o leito seco do Casseque. O pó era levantado pelos carros que atravessavam o leito seco e vinha se depositar nas folhas das mangueiras e sape-sape do quintal. Por isso as janelas viradas para o Casseque estavam sempre fechadas, o que aumentava também o frescor dentro de casa. Uma casa que mais parecia um quarteirão. De fora só se via uma parede com duas portas e oito janelas, parede que se prolongava por um muro a toda a volta. No lado oposto à entrada principal, havia um portão suficientemente grande para deixar entrar um camião. Era no interior do muro que tudo se passava, bem protegido pelos cacos de garrafa que brilhavam no topo. Havia a casa principal, com muitos quartos uns a seguir aos outros, em comboio, e com uma enorme varanda interior a todo o comprimento, onde se serviam geralmente as refeições. A ala direita tinha as dependências, quartos de

arrumação, lavandaria, cozinha. Da varanda se passava sem transição para o quintal, sombreado pelas pitangueiras, goiabeiras, nonas e mesmo um imbondeiro, cujo tronco só cinco adultos de braços esticados podiam abraçar. Do lado esquerdo do quintal havia a horta, com todos os legumes, de que viviam. Do lado direito havia os canteiros de flores, dalias, archotes, rosas de porcelana, rosas vulgares, cravos. Ao fundo, as capoeiras com patos, galinhas e coelhos.

O pai de Lu herdou a casa e o terreno quando o velho dele morreu. Há muito tempo. Lu não conheceu o avô vindo da Beira, desterrado para a colónia por se opor à ditadura de Salazar, em 1932. O avô se fixou ali, terreno ainda fora da cidade, construiu a casa, fez os furos para a água, passou a viver da horta. O pai de Lu nasceu naquele terreno, quando só havia uma casita de pau-a-pique. Depois o avô foi alargando a casa, acrescentando quartos, à medida que ia ganhando dinheiro com a horta e podia contratar mais trabalhadores. Eram vários filhos mas dois morreram, e o quarto, uma mulher, casou com um administrativo que vivia no Norte do País e fugiu para Portugal na altura da independência. O pai de Lu começou a trabalhar na Câmara, não queria saber da horta. Casou com uma negra, foi um escândalo na apesar de tudo liberal Benguela. Ora, vivem lá para o Casseque, são brancos atrasados, diziam as pessoas bem-pensantes. E o avô morreu. O pai de Lu teve de tomar conta da horta. Abandonou a Câmara, construiu o muro a toda a volta, fez mais furos para a água, passou a vender camiões cheios de legumes no mercado, além de ovos, galinhas e patos. Por vezes até para Luanda. Lu teve um irmão mais velho, morto no parto. E depois nasceu ela. Antes do seu nascimento, a cidade expandiu-se para sul. E o movimento continuou depois da independência, quando ela nasceu. E sem se dar por isso, a casa-quinta estava dentro da cidade, uma quinta toda cercada por um muro alto pintado de amarelo, encimado por cacos de garrafa, dentro da cidade, não valia ouro? Muitos quiseram comprar o terreno, mas o pai de Lu nem quis ouvir falar disso. Era a herança de Lu. Lá estava a herança à espera dela, lá no Sul, em Benguela.

A lembrança do pó arranhou as narinas dela. E o frescor da sombra das goiabeiras, em cujos galhos se refugiava para sonhar. E

o chão liso da varanda onde deslizava em passos de dança, para espanto dos mais velhos. Tinha seis anos e dançava ao som de discos. Tinha começado aos dois, à frente da televisão, a imitar as bailarinas. O padrinho, comerciante em Luanda, numa das suas viagens a Benguela disse aos pais, é uma pena que aqui não exista nenhuma escola de dança, só em Luanda, essa miúda devia estudar dança. E a ideia nasceu das conversas na varanda entre o pai e o padrinho, bebendo vinho e saboreando doces de jinguba e coco, enquanto ela, indiferente, deslizava pelo chão, criando passos e piruetas, só sentindo a música, o prazer do ritmo dentro dela e a brisa suave trazendo perfumes de pitanga e sape-sape. E ali ficou combinado, o pai pagava uma pensão e Lu passou a viver na casa do padrinho, para estudar e aprender bailado. Nas férias vinha a Benguela. Então mostrava à família os seus progressos.

Mas no resto era tudo igual como sempre. E Lu era uma menina normal. Gostava era de passear pelas ruas da cidade, ir ao cinema, ler, e deslizar no chão liso da varanda, para depois terminar em cima de uma árvore, a apanhar fruta ou apenas contemplar os pássaros e o céu. Muitas vezes o António, filho da lavadeira, mais novo um ano, a acompanhava nas viagens pelos ramos, passando de árvore em árvore.

Como daquela vez, tinha Lu doze anos e ele a perseguia nos galhos da pitangueira, que davam acesso aos maiores da mangueira, os quais se cruzavam com os do senhor imbondeiro, o rei do quintal, para depois passarem aos duma goiabeira e voltarem ao imbondeiro e deste para outra goiabeira e dela ao sape-sape, daí para outra mangueira e terminarem na mandioqueira gigante do fundo do quintal. Chega, vamos descansar, disse ela sentando num ramo. António parou num galho de baixo e ficou a contemplá-la. Era depois do almoço. Os pais e a avó estavam deitados dentro de casa, fazendo a sesta. A lavadeira estava a passar roupa a ferro lá dentro. O cozinheiro devia estar arrumar a cozinha e lavar louça. A criada de dentro, a Maria Fula, se escondera nalgum canto para descansar à revelia. Os trabalhadores da horta tinham ido almoçar a casa e só voltavam por volta das quatro horas para darem a última rega. No quintal só restavam os dois.

O ar de Agosto estava fresco, apesar do sol estranhamente brilhante que fazia tremular a visão. Da mandioqueira se via para lá do muro e o asfalto das ruas parecia libertar ondas, como em Janeiro. Os pássaros se escondiam na sombra da folhagem e nem mexiam. Os cães da casa dormiam algures e até o gato *Pimpão* desaparecera atrás de algum vaso de begónia. E Lu reparou no António, a olhar fixamente para as pernas dela, acima da cara dele. E lembrou. Fora à casa de banho, deixara as cuecas sujas e teve preguiça de ir buscar umas limpas. Trazia apenas uma saia curta. Juntou as pernas com raiva, qué que estás a olhar? Ele não respondeu, mas mudou de posição para continuar a mirar. Não sabes é feio ver as pernas das meninas? As pernas estou farto de ver, estava a olhar outra coisa. É, e nunca viste? Não, afinal é diferente. Lu estava agora com as pernas juntas e sabia, o espectáculo só podia estar pela metade. Acalmou. Nunca tinhas visto mesmo? Nunca, deixa ver mais. Estás maluco? Não tem mal, Lu, e ele fixava na mesma os olhos, aqueles grandes olhos redondos e admirados, no começo da bunda dela. Olhar lambezudo que a acariciou. Inconscientemente, devagarinho-vagarinho, ela foi descolando uma perna da outra, imaginando o que ia aparecendo aos poucos nos febris olhos dele. Até que voltou à posição inicial, deitada sobre o tronco da mandioqueira, as pernas se firmando em galhos diferentes, se deixando diluir na carícia dos olhos de António nas coxas e no sexo. Muito tempo ficaram assim, calados, gozando. Depois ela fechou as pernas, já viste tudo? É bonito, mostra mais. Lu saltou da árvore para o chão, vem então. E se dirigiu para o alpendre do fundo, onde se guardavam os instrumentos da horta e coisas velhas. António foi atrás.

Lu levantou a saia toda, vê tudo duma vez, mas agora baixa os calções para eu te ver também. António assim o fez, timidamente, e se postou à frente dela com o sexo erecto. Ainda não circuncidado. E se deitaram no chão, António por cima, tentando lhe fazer o amor. A minhoca dele me fazia cócegas, batia, batia, mas conseguia de entrar na minha porta, por muito que eu ajudasse, contaria mais tarde Lu a Marina. Muito tempo tentaram em vão, até que Lu sentiu uma angústia muito grande porque estranha, se apertou mais contra ele, desesperadamente, e teve o seu primeiro orgasmo.

E a lembrança antiga entrou nela, fez a mão descer para o sexo, acariciá-lo por cima da cueca, e lembrou outros orgasmos e viu Uli reclinado sobre ela e outros que de facto sobre ela se deitaram e a mão não parava o seu vaivém doce e lembrou caras e corpos que a atraíram, para finalmente se fixar naquela noite em que estava muito calor e ela e Marina se despiram, se puseram completamente nuas a ouvir música e a conversar, até que a conversa morreu porque Lu olhava Marina e Marina gozava a visão do corpo de Lu e ela tinha a maior vontade de se abraçar à irmã negra mas algo interior a impedia e via nos olhos da outra o mesmo desejo, cada vez mais forte e transparente, só mesmo tabus muito grandes podiam fazê-las ficar estáticas, se olhando apenas, enquanto a música se esvaía pelo gira-discos, até que perdeu as imagens e as recordações, tudo misturado num soluço profundo porque a mão tinha cumprido a sua função e agora era Lu que se esvaía.

Adormeceu em paz.

Vão dizer, isto ela não me contou. Claro. Por muita confiança que me tenha feito. Mas precisava? E a imaginação do escritor não preenche os vazios? Há muito tempo Lu não tinha uma relação, desde Michel. Era normal? Talvez daí viesse a crise, o corpo precisa salimentar. Mas também o leitor tem o direito a usar da imaginação. Para ele fica o prazer de inventar a verdadeira razão do olhar vago de Lu, ao andar pelas ruas de Luanda.

Lueji acordou já os galos tinham cantado há muito. Com a fome e a excitação da conversa no lago, não tinha sido fácil adormecer. Passava e repassava pela memória as fases mais importantes das falas e das emoções, a noite foi correndo e o sono não veio. Só mesmo na madrugada foi vencida pela fadiga. Agora tinha a boca amarga de quem bebeu muita ualua, os olhos pesados e com vontade apenas de dormir. Mas tinha uma guerra a fazer e por isso levantou para chamar Kumbana. Explicou o que pretendia: requisitar os duzentos homens de Tchinguri, os duzentos de Ndumba ua Tembo e mais duzentos a dividir por Kakele, Chinyama, Vungi e Kakolo. Que os enviasse logo para Kakaya, com uma mensagem para ele arrasar os Mataba. Como despojos de guerra queria cereais e raparigas. Eles devem ter marfim, sugeriu Kumbana. Marfim também, embora fosse de pouca utilidade, decidiu ela.

Estava com Kandala, ouvindo mais uma lição sobre a História da Lunda, quando apareceu Kakele, todo agitado.

– Ouvi dizer, rainha, que estás a mobilizar um exército contra os Mataba...

– Assim é. Mas eu estava com muata Kandala e não devo ser interrompida. Kanyika não lhe disse?

– Disse, sim – respondeu o kota em modos bruscos, todo excitado. – Esse garoto até me quis impedir a entrada, vejam lá. A mim! Tenho assuntos urgentes e esse garoto quer...

– Tem ordens, muata.

– Mas com certeza essas ordens não são para mim. O chefe do protocolo deve saber distinguir...

– As ordens são para toda a gente e ninguém as deve infringir. Mas já que interrompeu, diga lá...

Kakele ficou desarmado pela frieza do tom. Olhou para Kandala, à espera duma resposta, mas este nem mexeu os olhos da pele em

que estava sentado.

– Devo então entender que não vais mandar Tchinguri combater os Mataba?

– Disse-lhe logo que não faria isso.

– Mas é uma ocasião única... um dilema do qual ele não se pode safar, é o fim dele.

– Eu disse que não enviava o meu irmão. É bom se habituarem a receber as minhas decisões como definitivas. E espero que mobilize os seus homens para fazerem parte do exército, como lhe deve ter pedido o Kumbana.

– Sim, claro... mas...

– Era só isso, muata Kakele? Posso continuar com muata Kandala? Estou a ouvir coisas muito importantes.

Kakele não compreendia o que se passava. Muitas vezes era até convidado a assistir, se se tratava de coisas de História. E podia mesmo acrescentar informações. Ele é que geralmente escapava, pretextando algo a fazer, já conhecia essas estórias. Agora estava a ser posto na rua por uma rainha impaciente, escondendo dificilmente a animosidade. Que se passava? Tentou manter a conversa, se fazendo de útil.

– E Kanyika? Não esqueceste de o enviar também para ajudar Kakaya?

– Pensei melhor. Kanyika ainda se vai manter por uns tempos como chefe de protocolo. Afinal, Kakaya não precisa de ajuda, é um guerreiro muito experiente. Depois se verá. É tudo?

Kakele fez uma vénia irritada, desandou praguejando para dentro. Lueji aparentou calma, ao se dirigir a Kandala, pode continuar onde fomos interrompidos, pai.

– Falaste com muito frieza para Kakele. E não aceitaste nenhuma das sugestões dele. Que há?

– Nada, pai. Só que às vezes também tenho de pensar pela minha cabeça.

– Cuidado, minha filha. Já te avisei uma vez ou duas. Não te deixes convencer pelos teus êxitos. Apoia-te nos conselhos dos mais velhos.

– É o que faço sempre, pai – falou em voz humilde. – Já deixei de seguir um conselho seu? Mas as coisas do Estado têm de ser

decididas pela rainha. Ouço várias opiniões e depois decido. Assim me ensinaram.

– Ouves então opiniões de outras pessoas... Posso saber quem são essas outras pessoas?

– Ora, pai... A minha mãe, por exemplo. E caçadores e pescadores e muatas, sei lá. Tanta gente que me vem falar!

– Os tempos estão mudados! Já caçadores e pescadores têm conselhos a dar à soberana...

– Foi uma maneira de falar. Mas continue, pai, Yala Muako disse então isso?

Kandala abanou a cabeça, mas aceitou a palavra estendida e nela pegou. Enquanto ele falava sobre a decisão de Yala Muako quando tinha sido apanhado um luba a caçar no território da Lunda, Lueji voltou a pensar em Kakele. Tinha de ter mais cuidado e não mostrar o seu ressentimento. Fora demasiado brusca para o velho, o que não adiantava nada. Como lição bem chegava. Logo devia lhe enviar uma prenda para compensar a derrota e a humilhação do Tubungo. As duas sugestões que ele apregoara aos quatro ventos serem dele foram rejeitadas pela rainha. Isso fazia cair muito o seu prestígio junto dos Tubungo e provocar mesmo o gozo aberto dos mais novos. Durante dias ele não ia sair de casa, a menos que ela lhe enviasse um presente, maneira de mostrar não era nada contra ele, apenas uma decisão de pleno direito. Era cinismo, ela bem sabia, mas o poder não está dele feito? Ainda ontem Tchinguri tinha dito. Tchinguri, Tchinguri... um rei deve ter um exército, ela compreendia isso. Para se defender. Mas para mais quê? Tchinguri não pensava basicamente em defesa do trono, falava na força da Lunda. Contra quê? Eram conversas antigas, mas ela nunca se preocupara em entender direito. Precisava de falar com ele de novo. Ou talvez Chinyama lhe explicasse para que mais podia servir um exército, pois como defesa do trono era uma despesa bem pesada para as famílias que alimentavam os homens. De tantas conversas com o irmão, Chinyama devia conhecer todas as suas ideias.

– Lueji, não estavas ouvir. Te fiz uma pergunta...

– Desculpe, pai. Estou muito cansada, dormi mal.

– Isso se vê – Kandala fez um sorrisinho malandro. – Mas imagino que não posso perguntar porquê uma rapariga dorme mal...

– Oh, não foi nada do que pensa – disse ela, atrapalhada.

Fez um esforço para ouvir a lição até ao fim, o qual esperava ansiosamente. Finalmente o velho calou. E acabou por partir, para alívio de Lueji.

Estava sonhando acordada, quando Kanyika anunciou Chinyama. Fez sinal que sim e o irmão entrou, falando logo, todo animado:

– Vim pessoalmente entregar os cinquenta homens que Kumbana me requisitou. Fui de certeza o primeiro a cumprir.

E sentou a larga bunda num banco, se abanando com o espantamoscas. Estava radiante.

– Mas como fizeste para os teres tão depressa?

– O quê? Pensas que os mandei vir do Kalanhi? Nada disso. Dispensei a minha guarda pessoal. Eram exactamente cinquenta rapazes. Pronto, fiquei só com dois ou três. Espero que não morram muitos, pois já conhecia o nome de quase todos e é tão difícil aprender novos nomes...

– Ficas sem guarda?

– Não preciso. Não tenho inimigos e agora vamos estar todos tranquilos.

Chinyama era realmente um despreocupado. Mas indirectamente lhe dava uma boa notícia. Confirmava que Tchinguri não tinha intenções de tomar iniciativas guerreiras. No entanto, por prudência, ela perguntou como quem não quer a coisa:

– E disseste isso a Tchinguri? Ele não te aconselhou a manteres a guarda?

– Como havia de aconselhar? Só riu. Disse que eu era sempre o mesmo, as tais frases que não dizem nada.

Se Tchinguri estivesse a prever qualquer tipo de confrontações, queria ter à mão os únicos homens de Chinyama minimamente treinados. A conversa da véspera tinha tido bons resultados, aí estava a prova. Lueji se distendeu na pele. E bateu as palmas para servirem de beber.

– Uma coisa que não entendo, Chinyama, é a ideia do Tchinguri sobre o exército do rei. Vê o meu caso. A minha linhagem tem de o alimentar, o que é um grande peso para ela. E são poucos homens. Como faria ele para alimentar um exército realmente grande?

– Nunca te falou nisso? Ele tem ideias assentes. Ninguém arranja comida nenhuma para o exército. Ele vai subjugar os povos à volta. E estes pagam os tributos em comida, bebida e coisas mais. Dá para alimentar o exército e ainda sobra para a corte.

– São os povos submetidos que trabalham?

– Claro. Aqui, quem aceitaria? Eu tenho problemas constantes com os tributos que as minhas aldeias têm de mandar. E são tributos leves, para me alimentar e mais as mulheres e filhos e parentes. Mas sempre que a família cresce eles protestam lá nas aldeias, que já trabalham demais e estão a ser espoliados. O que vale é o medo do feitiço, senão cortavam-me a ração... O exército tem de ser alimentado pelos estrangeiros, são eles que se lixam por perderem a guerra, maninha. Quantos mais povos se submetem, mais tributos há. E dos pesados, dos bons. Por isso não queremos que os vizinhos do Norte se aproximem demasiado de nós, para não nos submeterem e termos de lhes pagar tributos.

– Isso no fundo eu sabia.

– Claro, isso toda a gente sabe. Agora, o que Tchinguri diz e é novo, é que esse exército não pode ser constituído pelos Tubungo. Só o rei e o povo. Ligação directa através de comandantes fiéis ao rei e só ao rei. É a ideia nova.

– Que faz os Tubungo se enfurecerem.

– Perdem toda a força, maninha. Deixam de ser necessários. Porque, aqui para nós, que são os Tubungo? Os grandes conselheiros do rei porque vieram das primeiras famílias de comandantes. Isso lhes dá territórios e até exércitos, enquanto o rei não tem território próprio, nem exército próprio. Quer dizer, ele é rei porque os Tubungo lhe deixam. Eles têm esse direito porque são descendentes das primeiras famílias que vieram do Leste conquistar estas terras. E o absurdo é que a família do rei, descendente do chefe que os comandava a todos na vinda do Leste, essa não tem direitos de família real, apenas as dum Tubungo qualquer. Tu mesma tens terras?

– Não.

– Pois não. O chefe da tua linhagem é que as tem lá no Kalanhi, é o Salukunga. E no entanto tu és a rainha. Eu tenho agora terras porque entretanto fiquei como chefe duma parte da linhagem, assim

como o Tchinguri. Mas não somos chefes de linhagem, mesmo sendo filhos de rei. O problema que estamos com ele é esse. Isso tudo é que o Tchinguri quer mudar.

– Mas muda tudo!

– Muda mesmo. Por isso é tão combatido.

– E os comandantes dele não são Tubungo?

– Não. Kandama não é. São gente do povo que se distingue na guerra pela sua coragem e fidelidade ao rei. São nomeados pelos feitos que realizarem. Dependem do rei para tudo. E o povo aprecia isso, pois cada um pode vir a ser um grande comandante e estar ao lado do rei, mesmo se o seu pai era um mísero pescador.

– São ideias perigosas para os Tubungo, Chinyama.

– Claro. Por exemplo: quem vai comandar os homens que o Tchinguri envia contra os Mataba é o Tchoia. E quem é o Tchoia? Um homem que nem sabe quem foi o seu pai, parece era um laza lá do Sul. A mãe é ainda hoje uma serviçal da família do Tchinguri no Luengue. Tchoia cresceu na caça e se fez um grande guerreiro. É ele que vai comandar uma parte importante do teu exército, rainha. O filho dum desprezível laza...

– Mas não é da linhagem de Tchinguri?

– Não. Nem o Kandama. E afinal se tornou o braço direito, o lugar-tenente de Tchinguri.

A rainha ficou calada, meditando nas modificações fantásticas que as ideias de Tchinguri podiam provocar na Lunda, se ele tivesse tomado o poder, uma Lunda sem Tubungo? Sem as reuniões longas e difíceis no tchota do Conselho? Com as aldeias pagando tributos directamente ao rei, reforçando o seu poder? E quem ia colectar os tributos? O exército, certamente. Ou funcionários nomeados pelo rei? As linhagens perdiam força, pois não eram os chefes a comandar os exércitos, pelo direito do nascimento, mas sim pela competência na guerra. Era realmente uma heresia.

Chinyama, de súbito, deu uma palmada na testa.

– Estava tão excitado que nem te contei. Passou por Mussumba uma nuvem de gafanhotos.

– Gafanhotos? Quando?

– Quando vinha para cá. Bem... nuvem é um exagero. Mas era um grupo grande. Dá para limpar uma horta num dia. Esperemos que

seja só essa. Passou no caminho do Sol.

Lueji ficou preocupada. Era um péssimo agouro. Estava para vir uma praga de gafanhotos? Agora que as plantas estavam a crescer, com muita chuva, todos esperançados em ótimas colheitas, não podia vir o gafanhoto tudo comer e deixar as gentes na miséria. Só se os espíritos estivessem irritados com a Lunda e não havia razão para isso. Tinha a certeza? Nunca se podia ter, quando se tratava com espíritos. Lembrou a grande fome quando ela era pequena. A nuvem de gafanhotos tapou o Sol e escureceu a manhã. Os bichos pousaram em todos os campos. Se ouvia um ruído uniforme de milhões de mandíbulas a triturarem o capim e as colheitas. As crianças foram apanhá-los, primeiro era uma brincadeira alegre, apesar de os adultos xinguilarem e se lamentarem, estamos perdidos. As crianças levaram enormes quantidades de gafanhotos para casa, foi a refeição desse dia. Mas à tarde, quando os gafanhotos levantaram voo e foram para Ocidente, a terra estava nua. Todas as culturas, o capim, mesmo as folhas das árvores, tudo tinha desaparecido. Foi um ano de muita fome. Só o peixe permaneceu. Mesmo caçar era difícil, pois os animais se afastaram muito de Mussumba e dos kimbo, à procura do capim que sobrara dos gafanhotos. Comeram peixe e raízes, esse ano. Por vezes mel. Até os grandes Tubungo ficaram magros, fará o povo. E nunca se descobriu porquê a praga veio, quem foi o culpado.

Agora de novo vinham os gafanhotos? Diziam os velhos era sempre do mesmo sítio, do Nordeste. De lá vinham todos os males, as invasões, as guerras, as pestes, os gafanhotos. Das bandas da Luba. De lá tinham vindo os Tubungo, rezava também a tradição.

– As pessoas estavam assustadas – disse Chinyama. – Todos se puseram a olhar para a nuvem e a lamentar. Mas atrás não vieram outros.

– Pode ser só um grupo pequeno. Pode não haver mais nada atrás.

– Espero. Senão a minha barriga vai desaparecer. Mas deixemos essa preocupação, se for preciso tu vais afastar o espírito mau que lançou os gafanhotos sobre Mussumba, como trouxeste a chuva.

– O problema é que não há receita para afastar gafanhotos, como há para chamar a chuva.

- Da outra vez não houve, não. Quando éramos pequenos.
- Talvez Kandala possa saber o que significa essa nuvem. Pode ser um espírito zangado. Pode ser outra coisa qualquer...
- E pode ser apenas um grupo de gafanhotos que resolveu mudar de sítio, mais nada.
- Esperemos.

Chinyama acabou de beber a cabaça que tinha à frente. Voltou ao assunto inicial:

- O nosso irmão tem ideias que tu podias aproveitar, Lueji.
- Impossível.
- Difícil, mas não impossível.
- Impossível mesmo. O espírito do meu pai ia se vingar de mim e de todos nós.

Chinyama estremeceu com a evocação. Não tinha a coragem do irmão que se ria dos espíritos dos antepassados.

Espíritos? Quem sabe os seus males não vinham daí. Disparate, agora vou virar feiticista? Havia no entanto coisas estranhas. Estórias que a avó contava e que nada podia explicar. A do homem do Lubango que engravidou uma rapariga com quem não queria casar, fugiu do Lubango para Malanje e lá se escondeu, mas a família da rapariga foi ao feiticeiro e o homem lá, escondido em sítio que ninguém conhecia, acabou por inchar, inchar, até morrer. Havia milhares de casos desses. Ou aquele que aconteceu com ela mesma, Lu, quando um amigo brasileiro, devoto dos candomblés da Bahia, lhe pediu ajuda por desgraças sucessivas que lhe aconteciam. Ela devia conhecer alguém que o tratasse. Lu de facto conhecia, quem não conhece? Levou-o ao «mercado dos congolezes» a uma velha que vendia milongas, pedras de todas as cores, raízes, caroços de frutos, missangas variadas, cruzes e medalhas. Levou o amigo e não precisaram de explicar nada. Ah, minha filha, vejo trouxeste um amigo cheio de problemas. Abandonou a primeira mulher, depois casou com uma mais nova. Ela ficou lá do outro lado do mar e ele veio trabalhar aqui. E tudo corre mal, não é? A mulher está lá doente e cheia de problemas, até a casa foi roubada, aqui o trabalho dele não vai bem, a cabeça a se baralhar de coisas, é triste. E isso me vinham dizer? Lu não acreditava nessas coisas, só um medo longínquo vindo da infância.

Mas ficou de boca aberta, ouvindo a velha dizer aquilo que o amigo lhe contara. Como então? O brasileiro, esse, ajoelhou, só queria beijar as mãos da velha, sem vergonha ali naquele mercado cheio de gente a lhe olhar, os miúdos gozando o branco filho alheio ajoelhado aos pés da velha senhora de panos, só murmurava mãe de santo, ai, minha mãe de santo tão sábia, isso nem na Bahia, terra de todos os mistérios e maravilhas, mas a velha disse, posso ver as coisas mas não sei tratar, porém te indico um kimbanda que vai resolver tudo, leva já antes esta raiz, mais este bocado de pemba, mais esta pedra rosa de todos os poderes, mais isto, mais aquilo, porque a tua antiga mulher preparou isso tudo e agora o kimbanda tem de te tratar para arranjar as coisas, e o brasileiro depois foi sozinho ao kimbanda e saiu de lá curado. A próxima carta da mulher indicava tudo na ordem. O brasileiro trabalhou e trabalhou bem, na altura do fim de contrato foi ao mercado se despedir da velha e lhe deixou uma série de recordações valiosas e em troca levou mais raízes e pemba e pedras e paus, cuidado, meu filho, isso ganha muita força se passa por cima da água, o que ia acontecer pois sobrevoava o Atlântico, e o que de facto aconteceu segundo ele informou em carta para Lu, pois os kimbandas da Bahia com aquele material passaram a operar milagres. Tão afamados ficaram os produtos da mítica Angola naquela terra de deuses e espíritos africanos, tanta era a procura por parte dos brasileiros nos mercados angolanos, que uma conhecida empresa de supermercados fez uma proposta ao Governo angolano: comprar tudo o que aparecesse por cá para ser vendido na Bahia, já em frasquinhos e com rótulos, pedra que desvia o mau-olhado, raiz que domestica filho indócil, missanga que faz aumentar a potência sexual, colar que impede o ciúme de mulher, etc., etc. Podia dar muitas divisas ao País, sofrendo de crónica dívida externa. Mas os kimbandas se movimentaram, isso ia abandalhar a arte deles, ia o vil comércio conspurcar o que era sério e de tradição sagrada. Fosse pelos argumentos anticapitalistas, fosse pelo susto que pregaram por ameaçarem enfeitiçar quem aprovasse o contrato, o certo é que tiveram ganho de causa. A empresa comercial ficou com o projecto a apodrecer nas gavetas do Governo. Por isso é que um conhecido escritor brasileiro, habitando uma ilha mesmo à frente de

Salvador da Bahia, pede a todos os amigos que vêm a Angola para lhe levarem pemba. E explicaram a Lu porquê. Aquele brasileiro que tivera os mambos todos por causa da mulher lhe levou um bocado. E o escritor passou a se pintar de pemba, pintar também é exagero pois fazia apenas uns riscos na testa, antes de começar a escrever. E as coisas passaram a sair melhor. Não mais aquele vazio de ideias à frente do visor do computador, não mais frases interrompidas sem saber como continuar e o computador lá na sua língua de ianque a piscar as luzes e a perguntar, o resto da frase está onde, imprimo assim mesmo? Tudo lhe saía bem e o escritor agora põe apenas uns calções largos com que sai de casa, atravessa uma rua até à pracinha sombreada por árvores ancestrais onde tem um pequeno escritório, bebe uma cachaça no bar de baixo, sobe para o escritório, pinta a testa de pemba, liga o computador e as histórias saem, saem, como se já estivessem na memória. Só se interrompe de vez em quando para beber um trago ou para gritar para o pagagaio que está no poleiro quase em baixo da sua janela, ao que o pagagaio responde escreba, escreba, puta que pariu. E sai do escritório satisfeito da vida, com aquela tranquilidade do dever cumprido. Se senta numa mesinha do bar ao fresco, vai bebendo cachaça com os seus personagens, esperando a hora do almoço. E sempre um dos seus personagens diz, este doutor é uma inteligência, não vêem mesmo que a inteligência lhe sai pela testa quando acaba de escrever? O que eu não sabia é que inteligência de escritor parece pó de talco.

Os espíritos podiam se manifestar contra alguém que os não temia? Lu foi iniciada nos mistérios pela avó, mas a escola tinha tirado deles toda a carga irracional, havia apenas coisas que a ciência não sabia ainda explicar. Recordou uma discussão havida nos seus tempos de faculdade, provocada pelo Carlos Muana, na época finalista do curso de Física e hoje doutorando nos Estados Unidos. Muana tinha escandalizado um professor vindo da Europa, ao dizer não se podem rejeitar simplesmente esses fenómenos apenas porque se não conhecem ainda as suas causas. A discussão saiu da aula e ganhou os corredores da faculdade, misturada com fórmulas matemáticas complicadas escritas nas paredes para reforçar um ou outro argumento. O professor estava

posseio, pois como era possível um finalista de Física, aliás brilhante, defender ideias feiticistas, idealistas, obscurantistas, contra toda a lógica materialista? E Muana, muito calmo, como quem ensina a um menino as primeiras contas, repetia a ciência não pode esconder a cabeça debaixo da areia para não ver o que parece evidente. Alunos de outros cursos também se metiam na maka e toda a manhã se debateu o assunto pelos corredores. A tese de Muana era muito simples. Porque não admitir podia existir outros tipos de energia além dos já estudados? A nossa energia vital vinha do Sol. Não podia haver outra fonte, desconhecida, que transmitia também um tipo de energia desconhecido? Energia essa que se podia manifestar nalguns cérebros privilegiados, ou como visões do futuro, ou intuições parapsíquicas, ou ideia deformada de espíritos ou deuses, ou a arte de manipular essa energia para curas consideradas milagrosas através das mãos, da fala, ou de objectos aparentemente neutros? Concluir ela não existe só porque ainda não a conhecemos, isso é que era idealismo, porque se partia do pressuposto, só existe o que sai do conhecimento do homem. Argumento fatal que arrumou o professor, com conhecimentos de Filosofia apenas decorados em manuais dizendo todos a mesma coisa, vírgula a mais, vírgula a menos, apesar de sucessivas reformas e reedições. Agora Muana desenvolvia a sua tese de doutoramento. Talvez conseguisse explicar os meus mambos, pensou Lu.

Estava sentada à frente da baía, esperando a hora do ensaio. Na baía procurava o lago da sua imaginação, que lhe trazia sons de marimbas. No saco tinha o caderno de apontamentos, agora sempre presente. Escreveu nele duas frases. Mas riscou-as em seguida. Espíritos? Como dançam os espíritos? Como aves, como fumos? Todos pintados do branco de pomba ou apenas pintalgados? Em solos de marimba ou no rufar dos ngomas sagrados? Uma cena ela via, mas só o silêncio a musicava. O espírito baixava da mulemba, a chamado de Kandala, e ia enredando Lueji numa teia de aranha gigante. A rainha estava de pé, à beira do lago, quase imóvel pois balançava suavemente com a viração. E o cazumbi rodava, rodeando o corpo dela, tecendo lianas que a amarravam a si própria. Só o luar de prata azulada. E o silêncio. Havia muita

angústia na cena, tinha de ser, era uma visão da essência. Devia durar apenas o suficiente para criar no espectador essa angústia da revelação. E Lueji mexia apenas as ancas, cada vez mais ligeiramente, ao rítimo da brisa que soprava do lago. Até que o cazumbi se evapora e a rainha inclina para a frente, docemente, docemente, como cumprindo um destino, e se torna numa bola ensarilhada.

Suspirou para libertar a ansiedade. O coração batia e doía. Lu sentiu falta de ar, levantou do banco, sacudiu a cabeça. Esta cena ainda me mata. Mas é essencial, não dá para fugir. Sou eu ou Lueji? Se a vou dançar, ela sou eu, pois é minha criação. Não é peso demais criar uma Lueji? Eu? Tão fraca e sem espíritos protectores? Inútil tentar escapar, só na minha fraqueza posso encontrar a força. E nela.

Com este pensamento conformista, Lu caminhou para o grupo de dança, onde encontrou Uli. Sabia, pelo ar dele queria lhe falar. Mas nunca teria coragem, pois a pergunta mais inócua ia criar o constrangimento da explicação de que os dois fugiam. Sim, Uli lutava para se libertar pela fala. Ela não. As palavras não tinham importância, só os gestos de corpos se enlaçando, para no dele apagar aquele fogo lento que a consumia. Era tão perfeitamente inútil uma palavra como um som na cena do lago. Só contavam movimentos e sensações. Mas seria capaz um dia de enlaçar Uli e o levar a se explicar pelos gestos? Podia arriscar um empurrão de raiva vindo do corpo amado? Não, viraria bola ensarilhada. Para sempre.

Se sorriram e entraram naquela casa de dois séculos atrás, onde vivera uma escravocrata que controlava boa parte do tráfico de gente para a América. Era um casarão imenso, de paredes de adobe com quase um metro de espessura, reformado anos antes para abrigar a sede do grupo. Só o chão tinha sido modificado, aplicaram tacos de madeira sobre as pedras para amaciar as batidas de pés e os sons. A arquitectura original foi mantida, apenas rebocadas as paredes e substituídas algumas traves do tecto. Nas divisões interiores nem mexeram, pois cada sala dava para um bailado. O salão maior não era utilizado nas aulas e ensaios, estava reservado para as audições. Por contraste, Lu lembrou a escola de dança para onde entrara, quinze anos atrás. Tudo se passava

numa sala emprestada, quentíssima no Verão, onde só mesmo o amor pela dança os podia manter vivos. Se discutia muito na época os caminhos do bailado nacional. Lu era muito miúda mas ainda hoje recorda as diferentes opiniões. Havia os elitistas que diziam só o ballet clássico, europeu, é digno duma escola. Os mais avançados entre os elitistas faziam uma concessão ao chamado ballet moderno, com incursões pelo jazz. E havia os tradicionalistas, tentando com a mão fazer parar o tempo, que apenas admitiam as danças camponesas africanas. Os tradicionalistas invocavam as raízes bantas, tudo o mais era estrangeiro, alienante. Discussões por vezes acaloradas, naqueles tempos dos dez primeiros anos da independência, mas a maior parte das vezes apenas sussurradas nos bastidores. Havia um grupo que procurava sínteses. E foi este que, pouco a pouco, sem muito barulho, se foi impondo. O grupo se constituiu no terraço dum dos prédios do Maculusso, onde ia ensaiar todos os dias, desiludidos de qualquer escola. A animadora, Raquel, passou a ser conhecida apenas como a Directora. Acabou por agregar uma outra professora. E chamaram os melhores bailarinos, de todos os grupos, para experimentarem coisas diferentes. Treinavam ao fim da tarde, no terraço deserto do prédio, onde morava a Directora, entre arames para secar a roupa. E aí foi nascendo um género próprio, nacional, indo buscar temas e passos à tradição dos camponeses, misturando por vezes as culturas de origem, e estilizando com recurso ao que de mais avançado se fazia no Mundo. E o grupo de bailado Kukina, que se formou no terraço, já tinha obtido prémios em festivais internacionais, pois cativava as atenções pela originalidade das criações, misturando kimbo com computadores e danças de roda com sapatilhas de ponta. Uma imagem do país, proclamavam os jornais mais optimistas. Os mais comedidos corrigiam, uma imagem que se procura para o país, com a arte sempre à frente. Não tinha sido sempre assim? Porque é que no fim do século havia de ser diferente, havia a arte de ficar atrás? Alguns tinham sido marcados pelas rixas desses tempos de procura. Até houve os que safastaram para outras ocupações, inconformados pelos novos tempos. Mas os melhores prosseguiram. Entre eles, Uli e Lu. Depois vieram os apoios. O Governo pagava os salários da Directora e da professora, por vezes contratava um

coreógrafo estrangeiro. E lhes cedeu aquela casa antiga para sede e local de ensaios. Grupo semiautónomo, com possibilidades de tomar iniciativas mas dependendo de qualquer modo dum plano estatal. Lutavam agora para chegar ao profissionalismo dos bailarinos, o que se revelava difícil.

Afinal não ia haver aula, mas sim uma reunião de emergência. A Directora juntou o grupo e informou:

– Fui chamada lá acima. Estão furiosos com o fracasso do *Cahama*. E mantêm a exigência dos espectáculos. Se não podemos apresentar o *Cahama*, devemos inventar qualquer coisa... Temos uma semana.

Foi o pânico. Uma semana? Só mesmo fazendo uma manta de retalhos, aproveitando números já apresentados. O grande problema, e Jaime lembrou à Directora, é que por teimosia do checo tinham abandonado os ensaios de coisas antigas, como sempre faziam, apenas para se dedicarem ao *Cahama*. O checo não queria misturas com a sua coreografia. Agora ninguém se lembra e é preciso começar tudo de novo. Numa semana?

– Ensaíamos de manhã e de noite. Ficam com as tardes para as suas ocupações. E vamos seleccionar os números apresentados há seis meses. Ainda se devem lembrar deles.

– O problema é que o público também se lembra – disse Uli. – E vai comparar. E vai ver que os números estão piores. Numa semana não é possível retomar o nível anterior.

– Eu sei – disse a Directora. – Mas tens alguma ideia melhor? Só fazendo greve e isso não é sequer pensável.

– E quantos espectáculos temos de fazer? – perguntou Lu.

– Os que estavam programados. Seis numa semana. Vá lá, concederam anular a excursão para as outras cidades, como faríamos com o *Cahama*. Mas dão dois meses para prepararmos um espectáculo inteiramente novo. Senão...

– Senão? – gritaram os bailarinos.

– As cabeças rolam.

Claro, pensou Lu, e a minha em primeiro lugar, sou a principal responsável pela debandada do checo. A da Directora também vai, e a de Uli, oh, de todos, de todos. Dois meses para inventar um

espectáculo novo? Sim, senhor, os planificadores compreendem a arte e apoiam-na. Jaime tirou as palavras da boca dela:

– Que se lixe que a arte seja conspurcada por um espectáculo de má qualidade. O que interessa é cumprir o programa anual, pôr cruzinhas à frente dos diferentes ítemes. Tal grupo realizou tantos espectáculos, como programado. Tal grupo também. Sim, senhores, merecemos prémio de produtividade porque obrigámos os grupos a cumprir o que planificámos no ano anterior. O público? Ora, aceita o que lhes derem, são uma cambada de analfabetos! Os artistas ficam frustrados porque não produziram o que podem? Isso não conta, estão aí para artistar de qualquer maneira. O importante são as cruzinhas à frente dos números.

– Tudo muito certo, Jaime – disse a Directora. – Mas agora vamos escolher os números para ensaiar. Acho que nem preciso dizer, mas enfim... Conto com o vosso sacrifício.

– Ora, é só mais um – suspirou Uli.

– Uli, como vais conciliar o tempo dos ensaios com o estágio e os bancos no hospital?

– Não sei, Lu. Esperemos que na faculdade sejam mais compreensivos.

A ideia ia e vinha na cabeça de Lu. Dois meses dá tempo? Talvez, se todos ajudassem. Certamente ajudariam, se o projecto fosse bom. A Directora e a professora faziam as coreografias, o Mabiala as músicas... O grande problema era mesmo o projecto. Tinha de nascer naquelas duas semanas dos ensaios intensivos e dos espectáculos. Depois havia dois meses para preparar tudo. Loucura? E o que se pode chamar à decisão duma rapariga sem experiência que aceita o poder supremo? Há momentos que só mesmo a loucura é racional. Se nunca o disse, certamente Chinyama, o sábio, pensaria assim.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, CHINYAMA,
filho de Kondi e irmão da rainha da Lunda.

Um dia merecerei a alcunha de Chinyama, o *Sábio*. Primeiro nasceu Tchinguri, depois eu. O pai arranjou nova mulher, dizem que bela, e dela nasceu Lueji. Haveria de ser mais bela que a mãe, mas

só muito mais tarde é que nos apercebemos. No princípio era só uma miúda que acompanhava o irmão mais velho para todo o lado. Como os dois eram cansativos, sempre a correr e a me fazer correr. Subiam às árvores mais lisas e de lá de cima me chamavam. Eu preferia ficar a ver as florzinhas que nasciam da chana verde e amarela e azul de flores e vermelha de botões, com os insectos de mil cores passeando pelo capim. Durava pouco o sossego. Logo se lembravam de saltar de ramo em ramo, como fazem os Uanda para caçar e guerrear, se segurando nas lianas, até que um dia uma liana se partiu em pleno voo e Tchinguri se estatelou no chão, ficando sem falar. Eu ri, pela primeira vez Tchinguri estava inerte, sem fala, a meus pés. Lueji gritou, morreu? Mas ele estava de olhos abertos, a nos fitar, humilhado e furioso. Comecei a ficar com medo daquele olhar e por isso não parava de rir. Ela ajudou-o a levantar. Quando estava de pé, me deu logo uma chapada, para não rires de mim. Afinal estava vivo, vivíssimo, a primeira coisa que fez foi me bater. Mesmo se tivesse morrido era capaz de ressuscitar só para me dar aquela surra.

E no lago passavam horas a nadar e a mergulhar, sempre os dois, Tchinguri e a irmãzinha pequenina, sem medo das cobras de água nem dos sengues. Eu ficava sentado na margem a olhar os nenúfares e as rosas de porcelana. Inventei então um nome para elas, ceptros de Kaweji, porque era uma antepassada fantástica, dela se contavam estórias de arrepiar, sobretudo dos seus feitiços que derrotavam os inimigos. Hoje o povo adaptou a minha invenção para as rosas de porcelana, lhes chamam o ceptro de Lueji. Nome bem mais merecido afinal, pena não me ter lembrado disso antes.

E caçavam tudo o que era bicho, pequeno ou grande. Eu tinha de os acompanhar, tinha medo de ficar sozinho e sobretudo porque Tchinguri me batia logologo, para te tirar a preguiça. Mas me sentava quando podia. Num desses momentos de descanso inventei a estória do caçador e do leão, que são amigos e caçam juntos, até que o homem quer ficar com toda a carne que o leão caça e aí acabou a amizade. Essa estória se conta hoje às crianças e ninguém mais lembra que fui eu o inventor. Não tem importância. Inventei mais estórias, como a do caçador e o cazumbi, de que ouvi versões diferentes com nomes diferentes, contadas por outros

povos perto da Lunda. Como as estórias correm rápido. E essas versões chegam depois a mim e ninguém se lembra eu as criei. É curioso, pois elas vão mudando, mudando, e de facto já não são minhas porque se diferenciaram bastante, já são de todos que as contam, pois cada um põe algo de pessoal nelas. O Ndumba gostou da estória quando a ouviu pela primeira vez, éramos os dois muito pequenos. E no outro dia me contou o que suponho ser a sua versão, mas aí o caçador não tem medo do cazumbi, porque Ndumba acha um verdadeiro caçador não pode ter medo de cazumbi e assim se deve ensinar. Eu tenho medo terrível dos cazumbis e por isso na versão original o caçador só treme perante o cazumbi e se escapa é por acaso. Assim é a vida própria das estórias que ultrapassam o seu criador.

Fomos crescendo. Um dia descobri o que Tchinguri e Lueji faziam por trás das rosas de porcelana. Foi por acaso, mas a partir desse dia apanhei-os muitas vezes e já não era por acaso. Ficava a ver e a me masturbar, era maravilhoso. Mas um dia me descobriram a espiar e Tchinguri me deu uma surra, claro. E quando eu disse também quero fazer isso, ele ia me matando, a Lueji era só dele. Nunca mais tive coragem de os espiar. Quando eles desapareciam de repente do lago, já sabia o que iam fazer, mas ficava a olhar para as águas, imaginando apenas. Era bem triste. Não podia resistir muito tempo e acabava por me masturbar, mas só pela lembrança, não era a mesma coisa. É uma das perdas da infância que mais lamento.

Depois foi a mukanda. Horrível. Fechados três meses numa cubata isolada, longe de Mussumba, o Tchinguri, eu e mais dez rapazes. Ndumba era mais velho, pertenceu a uma mukanda anterior. Mas connosco estavam o Nandonge e o Kandama, daí vem a nossa amizade, mais forte que a ligação entre irmãos. Da mukanda não posso falar, é segredo entre todos os que por ela passam, quem revelar o segredo sofre mais que um leproso, desses que ficam com manchas de hiena na cara. Só posso falar do que é público, no fim, quando nos cortaram a kinhunga. Momento terrível, cuja lembrança antecipada me fazia tremer durante os três meses de preparação. O Tchinguri, o Kandama e o Nandonge riam do meu medo, de propósito mostravam como nos iam fazer, exageravam as

caretas e eu ficava borrado de susto. É isso que nos vai fazer homens, diziam com orgulho, ansiosos pela chegada desse dia. Me doeu antes, durante (oh, gritei que nem um cabrito quando lhe cortam as goelas, o meu pai ficou todo envergonhado) e mesmo depois, até cicatrizar. Andávamos com um pano à volta, eles todos vaidosos porque agora eram homens e eu todo trémulo ainda a pensar que ao tirar o pano ia doer para morrer. Afinal não doeu, mas durante três dias andei angustiado. Não percebo essa coragem dos outros. Como, por exemplo, quando Tchinguri matou a sua primeira onça e teve de lutar com ela só com o mucuali, a onça estava muito ferida mas era ainda perigosa, lhe rasgou um ombro e o meu irmão, todo vaidoso pelo seu feito, até parecia não sentir as dores, ficava de pé enquanto o kimbanda lhe punha as ervas para o sarar e só falava, ela me atacou assim e eu a feri com a azagaia assim e assim até que a azagaia se partiu e ele teve de puxar pelo mucuali, último recurso, e se abraçar a ela para dar as punhaladas mortais. Eu é que morria, só de pensar que podia encontrar uma onça no caminho.

Éramos homens e as brincadeiras mudaram. Excepto os banhos no rio ou no lago. Tchinguri começou a criar conflitos porque falava demais e, se o irritavam, perdia a cabeça e agredia. Mesmo que fossem maiores e mais fortes. Como o Ndumba ua Tembo, com quem lutou sem armas durante uma hora, até os dois caírem de cansaço. Eu assisti, Lueji também e Kandama e Nandonge e outros, eu chorava com medo que o meu irmão morresse, implorava aos outros para suspenderem a luta, eles é que eram corajosos para o fazer, mas Lueji não consentia, deixa ele lutar até ao fim, é o seu desejo, não temos o direito de o impedir, até que os dois caíram ao mesmo tempo, desmaiados. Lueji tratou dos dois rivais. Daí vem a sua amizade com Ndumba. Terá sido só amizade? Nunca consegui saber se também o levou para a parte atrás das rosas de porcelana.

O meu pai começou a se impacientar com Tchinguri. Falava já há uns tempos muito com ele, levava-o a assistir aos actos importantes, Kakele e outros Tubungo também lhe ensinavam coisas. Tchinguri dizia com a maior naturalidade, estão a me preparar para suceder ao pai. Mas Kondi ouviu, ouviu, coisas demasiadas que os Tubungo lhe contavam sobre o meu irmão.

Sobre as suas ideias e as kazukutas e makas que provocava. Um dia Kondi me chamou, a partir de agora aonde levar o Tchinguri vou te levar também. E o que falar para ele vou também falar para ti. O mesmo com Kakele e os outros muatas. Mas porquê, pai, então não é o Tchinguri que vai ser o chefe dos Tubungo, para quê tenho de aprender também? Ainda não decidi, será o melhor de vocês dois. Grande susto. Mandar nos outros, eu? Era a pior ideia que alguém podia ter tido. Perdi o apetite, contei aos irmãos e amigos, desesperado, já viram? No fundo não acreditava muito que Kondi me preferisse e só por isso não morri de susto. Mas Tchinguri não gostou nada quando contei. Nem Lueji. Nem o Kandama ou Nandonge. Todos queriam o meu irmão para rei. Só que não me hostilizaram. Mas Tchinguri ficou desconfiado, frio, distante. E passou a me acusar, andas a fazer de mais esperto para me tirar o lugar, andas a fazer de bonzinho para o pai te preferir, e aqueles olhos dele me espiavam e ameaçavam. Eu não queria nada o trono, gostava era de comer e beber, olhar as flores e inventar estórias, ter raparigas com as quais imaginava as cenas espiadas na infância. E tinha muito medo de Tchinguri. Por isso passei a fazer de mais estúpido do que era, difícil entender qualquer coisa que Kondi dissesse, para seu desespero, e obrigava Kakele a repetir três vezes uma frase que uma criança percebia à primeira. Quando Tchinguri armava alguma cena, eu apoiava sempre e até exagerava. Se ele batia em alguém, eu aproveitava para dar também uns pontapés e era tão colérico como Tchinguri, com a agravante de só lutar contra o homem derrotado. Kondi sabia e se desiludia, eu não era alternativa para Tchinguri, seria desastre ainda maior para a Lunda. E se o meu irmão em público dizia algo contra a tradição, eu apoiava veementemente, embora por dentro estivesse a morrer de medo dos espíritos que acabam sempre por se vingar.

Porém, o soberano agora está escolhido e já não preciso fingir ser arrebatado nem parvo. Posso ser o que sou: medroso, mas nada parvo. Só não consegui enganar a Lueji, ela sempre percebeu a minha esperteza. Mas calava, porque também queria o Tchinguri para chefe, disso tenho a certeza. Talvez Kondi tenha razão, Lueji não foi preparada mas é uma boa rainha. E é minha irmã. Só não gostei do desprezo com que trata a minha mãe, a qual não a gerou

mas é também mãe dela e a primeira mulher do seu pai, a muari. Lueji não a levou para a nova onganda, não lhe pergunta se precisa de alguma coisa, anda abandonada pela antiga onganda como se fosse uma velha serviçal. Desconfia dela porque é a mãe de Tchinguri? Mas nela devia confiar, porque é a minha mãe. Nisso deve andar o dedo de Nayole, Kondi nunca conseguiu apagar a rivalidade entre as duas primeiras mulheres. Com o dedo de Nayole ou não, a rainha tem de tratar bem a sua mãe, isso não lhe perdoo. Também abandonou Musole mas essa não tem problema, logo arranjou outro marido. Mas a minha mãe é velha, ninguém mais a quer. Vou ter de a levar para a minha chipanga, o que muito vai irritar as minhas mulheres, razão para eu emagrecer com as suas queixas.

No entanto, agora o ambiente está saneado. Parece mesmo, acabou a desconfiança entre Tchinguri e Lueji, espero que dure. Claro, já não somos os três irmãos amigos da infância, mas isso era impossível conservar, há um trono no meio. Já viram a minha triste situação se aqueles dois se pegam à porrada? Nada tenho contra a Lueji, por isso nunca poderia apoiar Tchinguri contra ela. E como arranjar coragem para afrontar a raiva dele? Estava perdido. Quando dois irmãos lutam entre si, o terceiro não pode ser neutro? Dizem não. O meu trabalho agora é esse, mostrar à rainha as intrigas que os Tubungo armam contra Tchinguri, para evitar o pior. Mas serei capaz de mostrar ao Tchinguri que ela nada tem a ver com essas intrigas? O problema que estamos com ele é esse, vamos fazer mais como? Casassem, era a solução. Mas hoje já não dá, isso significava a subida ao poder de Tchinguri e o espírito de Kondi ia se revoltar. E é preciso respeitar os espíritos, senão eles te mascaram como uma hiena. Muito trabalho vou ter, capim entre o leão e o elefante!

Foi no mesmo dia que Ndumba ua Tembo pediu a mão de Lueji em casamento que a mulher recebeu o espírito de Kondi e lançou a confusão em Mussumba.

Ndumba ua Tembo estava à espera do que pensava ser o melhor momento, apenas. Mas começou a ouvir mujimbos inquietantes. Lueji não enviou Tchinguri para a armadilha de Kakele, podia ser por Ndumba ua Tembo ter mostrado desagrado, mas com muito mais razão por não querer colocar o irmão perante o dilema fatal. Chinyama estava sempre com ela agora, lhe contava Kanyika, seu amigo fiel. Comiam e bebiam juntos, com grandes risadas. Uma vez também Tchinguri foi à onganda real e os três fizeram um festim, a que assistiu apenas Nayole. Os mujimbos indicavam reconciliação entre os irmãos, o que não era bom para as suas aspirações. Por isso Ndumba não esperou mais. Aproveitou um dia em que Lueji estava no rio a visitar as nakas da sua casa e foi ao seu encontro.

Ela viu-o chegar, acompanhado de dois guardas. Teve um pressentimento que chegara o momento delicado.

– Queres alguma coisa? – respondeu ela ao cumprimento respeitoso de Ndumba.

– Quero falar contigo, mas pode ser depois de teres acabado o teu trabalho. Eu espero.

Lueji sorriu gentilmente e convidou-o a ir a seu lado. Viram o crescimento dos legumes e das folhas, falaram sobre isso com as poucas mulheres que tratavam das nakas. Nayole continuava como sempre a se ocupar delas.

– Eu gostava de vir cá trabalhar de vez em quando, mas agora é impossível – disse a rainha. – Não imaginas como é agradável. Fala-se e discute-se tanto pelo meio...

– Compreendo – disse ele. – É como quem me tira a caça.

As folhas de jimbôa estavam bonitas e discutiram sobre elas, era o que havia mais nas hortas, pois serviam para acompanhar quase

todos os pratos. Tinha também feijão makunde, quiabos, abóbora e jinguba. As nakas ficavam mesmo na margem do rio e o terreno não era inclinado, o que facilitava a rega. Além disso, a terra era negra, muito produtiva. O problema eram as cabras do mato e os coelhos que conseguiam passar às vezes pela vedação e tudo comiam. Por isso o maior trabalho além de cavar e descapinar constantemente era tratar de reforçar a vedação.

Todo esse trabalho podia ser inútil, se a nuvem de gafanhotos que passara por Mussumba tivesse pousado nas nakas. Mas não, continuou em frente. E atrás não vieram mais. Mesmo Kandala não conseguiu descobrir o que isso significava. Era um aviso, mas qual? Os dias passaram e a nuvenzinha de gafanhotos foi esquecida, como tudo o que perdeu significado.

Tinha terminado a visita e Lueji disse para Nayole:

- Mãe, vou à frente com o Ndumba para falarmos.
- Podem ir. Eu ainda fico aqui mais um bocado.

Os dois se despediram das mulheres e foram a caminho de Mussumba, com os guardas atrás, a distância respeitosa. Lueji sentia a ansiedade dele e também estava nervosa. Mas Ndumba era um homem decidido e não esperou que se afastassem das nakas para começar.

– Olha, rainha, eu estava para te dizer isto já há um tempo. Quando chegares a tua casa vais encontrar um presente meu. É para me permitires te fazer uma proposta.

– Proposta?

– Sim, uma proposta de casamento. Não quero parecer vaidoso, mas acho que posso ser o marido de que precisas. Tens de escolher um, mais tarde ou mais cedo. Ora, eu sou novo e de boa saúde, posso te dar filhos fortes para um deles ser escolhido para chefe dos Tubungo. Sou também um Tubungo, descendente dos primeiros que vieram com os teus antepassados. Alguns até pensaram em mim para ser o sucessor de Kondi. Mas isso era errado e portanto apoiei o teu nome, o único bom no momento para governar a Lunda, como Kondi desejava.

– Sim, sei disso.

– Além do mais, tenho forças e apoios que juntos aos teus farão a maior força, imbatível. E estou disposto a jurar perante o Conselho

dos Tubungo que cumprirei a vontade de Kondi. Logo que aches que um filho teu está pronto para tomar o lukano, nós os dois lhe pomos o lukano no braço. É essa a minha proposta, rainha.

Lueji caminhou muito tempo sem responder. Tinha de parecer surpresa com a proposta, embora dela soubesse desde que foi indicada para reinar. Sabia o que tinha a dizer, muitas vezes recitara as frases escolhidas, mas a sabedoria mandava pensar, ultrapassar o momento do espanto, pensar mais e então falar. Assim era uma resposta madura com toda a consideração que a proposta merecia. Falou com voz meiga, a qual sempre usava para Ndumba.

– Agradeço muito a tua lembrança. Ainda ninguém me tinha proposto isso.

O que era quase verdade. Apenas Tchinguri, mas eram águas passadas. Os outros Tubungo, conhecendo as intenções de Ndumba, não ousaram se antecipar, reconhecendo nele o candidato com mais possibilidades de êxito.

– Sou tão nova. Claro que as mulheres se casam cedo. Todas da minha época de iniciação já têm dois filhos. Mas nas minhas circunstâncias é normal que seja a última. Aliás, comigo tudo é diferente. Não serão os meus pais a decidir. E tu vieste falar directamente comigo e não com o meu tio Salukunga, como devia ser nos outros casos.

– Tu és a rainha, tu é que decides, Lueji.

– Claro. Por isso comigo é diferente das outras. Também a altura de casar.

Ndumba ua Tembo pisou o caminho com mais força. Ela adivinhou nele a impaciência.

– Devo então compreender que não queres casar já? Mas podemos chegar a um acordo...

– É cedo ainda para casar. Não se trata apenas de unir duas linhagens, se trata de unir toda a Lunda. Se visse apenas o lado pessoal, talvez não hesitasse. Sempre fomos amigos e é uma sorte uma rapariga receber a proposta dum amigo que conhece desde a infância. É tão raro acontecer! Tenho a certeza que serás um óptimo marido e de quem me posso orgulhar. Fiquei muito vaidosa por me escolheres, acredita.

– Ficaste vaidosa e dizes não.

– Eu não disse não. Só que ainda é cedo. Quando decidir chegou o momento de casar, com certeza vou lembrar a tua proposta com muito carinho. É mesmo o mais certo que a aceite. Quem se te pode comparar, Ndumba?

Ele encheu o peito de ar e ficou com o aspecto de galo, mais ainda. Era mais forte que a sua vontade, não podia evitar a comparação sugerida pelo irmão. Conteve a gargalhada, sorriu apenas. Ele olhava os pés no pó do caminho, não notou o sorriso.

– Posso então aceitar essa resposta como quase um sim?

Ndumba era obstinado e queria levá-la a se comprometer para o futuro. Tinha de ter cuidado. Devia lhe dar algumas esperanças, mas não demasiadas. Se por acaso não o escolhesse depois, ele se tornaria num inimigo perigoso pelo despeito de se sentir traído. Como o leão velho desprezado.

– Já te disse. Se fosse uma questão pessoal, é quase certo que diria sim, espera apenas um pouco. Mas o casamento da rainha nunca é um negócio pessoal. Menos ainda que o casamento duma rapariga qualquer. O casamento da rainha é uma aliança mais que qualquer outro. Sabes isso. Depende das conveniências políticas. E ainda não sei o que é melhor para a Lunda.

– Não insisto, que remédio! Mas aceitas ao menos o presente que te enviei?

Era de qualquer modo um compromisso. Que podia ser rompido com a devolução do presente. Enquanto o presente ficasse com ela, ele podia acalentar esperanças. Lueji tinha de aceitar, assim ele estaria do seu lado, pelo menos enquanto ela não rompesse definitivamente.

– Aceito com muito prazer. E te prometo, sem saber o que é, vou tratá-lo com o máximo cuidado.

– Quanto tempo precisas para dar uma resposta definitiva?

Ela encolheu os ombros, pegou na mão dele.

– Quem pode saber? Talvez só Kandala, ele adivinha o futuro... Às vezes!

Ndumba se manteve um bocado calado. Contemplou as primeiras cubatas que indicavam a entrada de Mussumba. Depois disse com a habitual voz firme:

– Esperarei o tempo necessário. E não me caso entretanto com outra mulher. Acho não ficava bem se fosses a minha segunda mulher e não a primeira.

– Oh, eu me tornava logo na muari – disse ela, levianamente.

– Acho que nem a rainha se pode tornar na primeira, se o homem for já casado. Provavelmente isso nunca aconteceu na Lunda, nem os kotas devem saber.

– Nunca aconteceu. Sei, porque nunca houve rainha solteira. Apenas houve mulheres de reis. Como para este caso não há tradição, eu podia me tornar na muari e a muari passar para segunda esposa. Seria a minha vontade que criava a tradição.

– És muito esperta – riu ele. – Já vejo que vais dar muito trabalho ao teu marido. Mesmo se não fosses rainha...

– Vai já te preparando então para teres muito trabalho e não te queixares – disse ela, a brincar.

Chegaram a Mussumba, alegres, ele tomando as palavras dela por uma forte maneira de lhe acalantar esperanças, ela pensando ter nele um aliado vital e agora fiel. Ndumba notou então as ruas desertas na entrada da capital e fez sinal aos guardas. Estes rodearam logo o casal, para protegerem a rainha.

– Não está ninguém aqui. Algo aconteceu.

Avançaram mais e viram a aglomeração de pessoas à entrada do primeiro largo. Silenciosas, a olhar para a frente.

– É melhor irmos pelo campo para a tua onganda, Lueji. Está muita gente aí e os guardas são poucos.

Com efeito, a rainha tinha saído apenas com quatro guardas e Ndumba andava só com dois. Insuficientes para enfrentar uma multidão, se fosse o caso.

– Ninguém me vai fazer mal. Vamos ver o que passa.

E Lueji recomeçou a andar, na direcção do largo, onde as pessoas se concentravam e empurravam para melhor ver.

– Deixem passar a rainha! – gritou Ndumba. – Afastem-se, deixem passar a rainha.

As pessoas obedeceram prontamente. Não aclamavam, não batiam palmas, apenas se afastavam, olhavam para Lueji, inclinavam a cabeça em sinal de respeito. Mas a sua atenção estava religiosamente concentrada lá à frente. Mais uns gritos e uns

empurrões dados pelos seis guardas e o caminho se abriu até ao meio do largo, onde tinha uma mulher no chão. Alguns muatas estavam ali, atentos aos lábios da mulher. Mas esta já se tinha calado e agora descansava ao sol, inconsciente.

– Foi um espírito? – perguntou Lueji.

– Sim, rainha. Mas já foi embora.

– Era o espírito de quem?

– Não sei – respondeu um muata. – Ela só disse palavras sem sentido. Ouvi desde o princípio e não entendi nada. Nem qual o espírito nem qual a mensagem. Já chamaram Kandala.

Lhe contaram os populares que ali estavam, a mulher ia a passar no largo com uma quinda na cabeça. De repente começou a xinguilar, sacudindo os ombros freneticamente e gemendo. O espírito entrou nela. Se atirou no chão, rebolando e gritando palavras incompreensíveis. O povo se juntou logo à volta. Todos calados, presos aos sons que saíam da garganta da possuída, podia ser alguma revelação importante ia se fazer. Agora estavam todos frustrados, porque o espírito não foi claro.

– Mas eu conheço-a – disse Lueji. – É da casa de Chinyama.

– É, sim, é Insuzi.

Insuzi era mulher dum homem da guarda de Chinyama que partiu combater os Mataba. Ele tinha ido buscá-la fora da Lunda, para lá do Cassai, anos atrás. Lueji se lembrava dela porque falava uma língua estranha e cumprimentava de maneira diferente, com umas vénias de cabeça engraçadas.

– Deve ter sido um espírito da terra dela, por isso ninguém entendeu – disse Lueji.

– Aí vem Kandala com o ngombo. Ele dirá.

O velho adivinho olhou a mulher durante longos momentos. Depois mirou os circunstantes e viu a rainha. Inclinou a cabeça em silêncio, mas a testa se franziu de admiração. Nada disse. Perguntou para todos em geral:

– Ela disse o quê?

– Não se entendia – respondeu o mesmo muata.

– Umas palavras eu ouvi – disse outro. – Falou no nome de Chinyama várias vezes e também no de Tchinguri.

Alguns apoiaram, foram os únicos nomes que percebemos, mas outros não estavam de acordo sobre o nome de Tchinguri.

– Mais nada? – perguntou Kandala.

– Mais nada, grande tahi.

– Vai ser difícil saber – disse o adivinho. Apontou um alpendre próximo. – Levem-na para ali.

Quatro homens pegaram em Insuzi pelos braços e pelas pernas e cumpriram a ordem de Kandala. Lueji viu nesse momento muata Kakele se aproximar do adivinho e murmurar para ele. Kandala fez sim com a cabeça. Foi para o alpendre. Kakele viu então a rainha e se inclinou todo numa vénia. Parecia perturbado por a ver ali. Ainda deve estar ofendido, apesar do presente que lhe mandei. Não havia mais nada para ver e Lueji se retirou, acompanhada de Ndumba. O povo foi dispersando da praça. Alguns mais curiosos ficaram à distância, observando as manipulações de Kandala com o ngombo, mas nada se podia ouvir.

Ndumba ua Tembo levou Lueji até à onganda e se despediu. Ela ainda tinha nos olhos a figura de Insuzi deitada no chão, coberta de pó vermelho. Nem mesmo Kandala pode adivinhar. Oh, sim, Kandala é um grande adivinho, só ele mesmo para descobrir os espíritos que se acobertam no corpo de alguém. Mesmo sendo espírito estrangeiro, Kandala pode adivinhar a mensagem.

Horas depois, o mujimbo foi até à casa de Lueji avisar, o adivinho terminou o trabalho e se dirige para a onganda. O mujimbo também se ramificou para todas as casas e recantos de Mussumba. Era assunto sério, pois Kandala não disse nada antes de falar à rainha. Mussumba inteira ficou suspensa, seria assunto relacionado com a guerra dos Mataba, onde estava o marido de Insuzi? Uma derrota e morreram todos? Só podia ser e as mulheres já se preparavam para sair pelas ruas a carpir a morte dos maridos e dos filhos. No espaço que distou entre a praça e a onganda, espaço marcado pelos passos de Kandala, já corriam as versões mais desencontradas como se tinha passado a batalha e como todos os lundas tinham morrido nas armadilhas dos Mataba. O mujimbo da derrota chegou a Tchinguri, estava este com Chinyama na sombra da sua chipanga, e Tchinguri riu, povo mais estúpido, ainda nem pode ter havido a batalha, o exército nem teve tempo para lá chegar. Chinyama

admirou a calma do irmão, a derrota seria uma perda enorme para Tchinguri, perdendo Tchoia e Kakaya, mais os homens bem treinados. Mas Tchinguri riu e continuou a beber, enquanto Lu se debatia com os seus fantasmas. Porque tinha de começar a acreditar neles, depois da cena com Marina, ao chegar a casa para comer.

Não havia almoço, Marina nem se lembrara de o preparar, mais preocupada em arrumar as roupas e os objectos pessoais na mala. A sala estava toda revolvida, pois Marina era uma fúria, desarrumando tudo para encontrar os seus pertences.

– Que se passa?

– Que se passa, que se passa... Vou embora, vou para Malanje. E não perguntes mais nada.

A amiga tinha traços de lágrimas nas faces. E não podia esconder os soluços, apesar de tentar falar normalmente. As mãos tremiam e a roupa era demais para a mala, conseguia meter tudo lá dentro.

– Vou-te ajudar. E explica o que houve.

– Nem sonhes em tocar nas minhas coisas. Já sabes o que passou, deixa de hipocrisias.

– Mas, Marina, como posso saber?

– Não o viste no ensaio? Então ele já te disse.

– O Uli? Então o mambo é o Uli? Juro, Marina, não sei nada. Ele não me falou.

– A culpa é tua. A culpa é sempre dos irmãos. Parva que sou, acreditei em ti. Podias ser uma irmã diferente.

Ela estava a ir longe demais e Lu começou a irritar. Levantou a voz, que saiu esganiçada.

– Porra, queres explicar o que passou em vez de fazer acusações estúpidas? E não vais nada para Malanje, precisas primeiro de acabar o curso.

– Tenho é de sair deste ar infestado pela hipocrisia, isso sim. Cambada de mentirosos, nunca têm coragem de dizer as coisas pela frente. Todos iguais...

Lu reuniu as últimas forças para se controlar. Ela está fora de si, não posso eu também descarrilar na histeria. Calma, Lu, muita calma. Sentou na cama, guardou um minuto de silêncio, respirando fundo. Depois falou em tom neutro:

– Já percebi que tiveste maka com o Uli, isso é evidente. E ele devia me ter avisado e não disse nada. Por isso estás a ser injusta. Acredita, Marina, não sei de nada. Porque não falamos como pessoas desta época e não como os nossos antepassados?

– Os antepassados! Que sabes tu da maneira como falavam? Lá porque leste uns livros já sabes tudo sobre eles? Então devias pensar que os nossos centavós se tornaram inimigos e a razão foi a traição. A história se repete.

De qualquer modo Marina parecia mais calma, já não falou com tanta raiva. Era um disparate ir buscar os centavós, que neste preciso momento até se estão a dar bem os três. Claro que se conhecia o fim da estória, com os irmãos inimigos, como em qualquer tragédia. Mas no presente ainda havia razão de se acreditar num desfecho feliz, apesar das nuvens a anunciar desgraça. E, embora noutro tom, Marina falava de traição. Qual?

– Não te entendo. E não te entendo porque não sei o que passou. A nossa amizade não pode acabar assim. Fala, Marina, insulta se quiseses, mas que eu fique a saber o que te chateia.

A outra lutava para fechar a mala, sentada sobre ela. A dois seria mais fácil, mas Lu nem tentava mais ajudá-la, queria era a explicação. Marina demorou a responder. Mas por fim se decidiu, sempre lutando contra a mala.

– Não acredito que não saibas, mas vou te dizer... O Uli acabou tudo comigo hoje de manhã. E reconheceu que era por tua causa.

O coração de Lu bateu mais forte, embora já esperasse a revelação. Só podia ter sido isso para a amiga ficar naquele estado. Mas a raiva contra ela, porquê?

– Porque me andaram a aldrabar este tempo todo. Andam a sencontrar nas minhas costas e só contaste uma parte.

Lu ficou chocada. Como podia Marina acreditar em tal traição, não se conheciam afinal? Tentou se tranquilizar para poder raciocinar e usar argumentos irrefutáveis. Mas nada saiu, apenas a verdade.

– Conte-te exactamente o que passou, tens de me acreditar, Marina. Nunca me senti tão infeliz como quando o descobri. E por tua causa, ias sofrer.

– Hipocrisia, isso sim. Só hipocrisia. Eu sou a burra que veio do mato, que pode ser enganada... mesmo se sou chamada de

maninha querida.

– Está bem. Estás a ser injusta, mas é por causa do nervosismo, compreendo. Amanhã verás claro. Fica, Marina, não estragues o curso por isso. Nem a nossa amizade.

Finalmente conseguiu fechar a mala. Olhou ao redor, a ver se não tinha esquecido nada. Pegou na mala e caminhou para a porta, os olhos em fogo.

– Espera, Marina...

O tom da malanjina foi de mágoa e profundo desprezo:

– Amizade! Com traições pode haver amizade?

E bateu a porta. O estrondo fez Lu dar um grito de desespero. Satirou para a cama, soluçando. Oh, espírito de Lueji, é assim que me tratas, a tua neta? Passou a hora do almoço e ela nem lembrou. Chorava e se amargurava, samargurava e chorava. Porquê Uli não lhe disse nada? Ao menos estaria preparada. Não, ele não teve coragem. Porquê? É assim tão difícil reconhecer que se esteve enganado durante anos, sem dar importância ao que realmente era importante? Outros eram capazes de reconhecer os enganos em que sempre viveram e se retractavam. Oh, sim, os excepcionais. E Uli afinal não era excepcional? Apenas um homem como os comuns, com as suas fraquezas e covardias? Custava acreditar. Era mesmo o mais duro, se aperceber o seu Uli afinal não passava dum homem como outro qualquer. E que estava eu à espera? Ser amada por um deus? Já é bem bom que ele tenha tido a coragem de o reconhecer perante Marina. Dizer-mo? E aceitar a verdade da curibotice, dos olhares de esguelha dos amigos, não há fumo sem fogo, e do absurdo da sua frieza para comigo. Ele nunca terá essa coragem, porque não é excepcional. O eterno orgulho do macho!

Não foi mesmo um espírito maligno que segredou a Marina uma traição inexistente? Porque Lu podia se culpar de muita coisa e em particular da sua cegueira. Mas nunca tinha havido má intenção. E contou a verdade a Marina quase logo-logo. Traição? Nunca. Nem de parte dela nem de Uli. Ele até safastou. E a amiga sabia disso, quis mesmo discutir o caso a três. Mudou de opinião ao ter a confirmação por Uli, mas até já suspeitava. Porquê a raiva, a suspeita de traição, se não houve sopro maligno? Como não

acreditar que um cazumbi rondava pelas cercanias, decidido a se vingar dalguma culpa ignorada?

Disparate, disparate, a infelicidade põe-me maluca. Só porque uma ciumenta, por despeito, precisa de encontrar razões nos outros, já me socorro de superstições? Lu chorava e a tarde passava.

Bem queria pensar em coisas alegres, Uli reconhecera o seu amor por ela. Não era motivo para a tornar feliz e esquecer Marina e seu rancor estúpido? Acontecia o inacreditável, ia ter Uli, e se preocupava apenas com os ciúmes irracionais da preterida. Devia era dançar. No entanto não se alegrava. Tudo seria diferente se ele lhe tivesse dito, de manhã, falei à Marina, acabei com ela porque não posso passar sem ti, amo-te como tu me amas, mas ele escondeu dela, lhe sorriu apenas ao entrarem na sede do Kukina quando tinha acabado de se explicar com a namorada. E nem uma palavra. Lu, ao entrar com o ar de todos os dias em casa, quando devia aparentar saber, ainda mais enfureceu Marina que já estava com os kalundus a lhe olharem nos olhos. Impossível uma explicação sincera naquelas circunstâncias. Mas também Marina não tinha razão de falar em traição. Ou acreditava agora em intrigas? Só mesmo um cazumbi podia pô-la assim. E a atitude de Uli, fechado e indecifrável como sempre, mais a decepcionava, amava um ser ambíguo demais. Como podia Lu fazer outra coisa senão chorar?

Depois do jantar tinha novo ensaio. Fora escolhido para ela um solo baseado na tradição da Ilha do Mussulo, uma lenda sobre a kianda. Solo extremamente difícil, pois se imaginava a dança da kianda sobre as águas e tinha de dar a ideia da ondulação do corpo lutando contra o mar. É uma dança de grupo da tradição do Bié, com Uli e Jaime e mais acompanhantes. Os passos desta eram mais simples, mas a coreografia era complicada e exigia muito treino para lembrar exactamente as entradas e saídas. Com o seu desespero, esqueceu as aulas. De qualquer modo, não estava em condições de aturar os alunos. Só dava mesmo para chorar e se lamentar sozinha. Nunca poderia recorrer a Uli para a consolar, isso era interdito. Levantou para ir à casa de banho e no seu desvario não viu a cómoda e pancou violentamente contra ela. Uma dor aguda na altura da anca e caiu no chão. A mesma anca que ficara

traumatizada no ensaio do *Cahama*. Levantou a custo, chorando mais fortemente por causa da dor, e só conseguiu cair sobre a cama.

Ó céus, do que eu precisava era de um Kandala para esclarecer tudo, mas este ia a caminho da onganda real e foi imediatamente recebido pela rainha. Ela tentou adivinhar na cara dele, mas o rosto do tahi era como sempre imperscrutável. Sentou na pele à frente dela. Se olharam demoradamente. Era assunto grave e ela não ousava perguntar nada, o coração apertado por um pressentimento.

– Rainha, tens tratado das mahambas do teu pai?

– Sempre. Tenho tratado bem o espírito do meu pai.

– Infelizmente não é verdade.

A luz veio com o terror. A voz vacilou, ao perguntar:

– Foi Kondi que falou?

Kandala aprovou com a cabeça. Olhou de novo Lueji que não escondia agora a apreensão. Como era possível, como podia ser uma má filha se o respeitava acima de tudo e sofria as maiores contrariedades só para lhe acalmar o espírito?

– Foi Kondi que falou. Duma maneira estranha, é certo. Foi difícil entender, porque ele escolheu o corpo duma filha alheia. Até nisso o espírito de Kondi foi prudente. Se manifestou de forma que só eu e mais ninguém pudesse interpretar.

Era então assunto da mais alta importância e as forças de Lueji abandonavam-na. Que fizera ela de tão grave para Kondi se manifestar assim? Pedia a vida dela? Mas a vida da rainha já lhe pertencia desde que ele a escolheu para sucessora. Que mais queria o espírito de Kondi? Tinha de ser algo de terrível. A cabeça de Lueji andava à roda, ainda bem que estava sentada. Mas já nem sentia o peso do corpo sobre a pele de onça, parecia flutuar, em transe, aguardando as palavras seguintes. E elas vieram.

– Kondi está muito triste. Não tens cumprido os teus deveres de filha.

Ela ficou hirta, esperando a revelação. Não adiantava perguntar, falar, pressionar. O veredicto ia vir no tempo próprio das condenações.

– Os gafanhotos eram um aviso que não compreendemos. Vem uma praga como nunca se viu, se a vontade de Kondi não se

cumprir.

– Mas...

– Foi ele que assim falou. Tratas das mahambas, muito bem. Mas só isso. Não tens cumprido os seus desejos. Esqueceste quem o matou.

Ninguém o matou, foi um acidente infeliz, quis ela gritar. Mas não tinha coragem. O espírito sabia mais que ela, lá em cima das mulembas sabia tudo. Até assistiu à conversa a três no lago, lembrou de repente. E os calafrios obrigavam o corpo que flutuava na pele a estremecer como quando tinha as febres. Era isso então.

– Kondi diz que os teus irmãos não foram suficientemente castigados pelo que lhe fizeram.

– Mas ele mesmo me falou. O castigo era apenas não subirem ao trono. E ele disse no Conselho, não queria mais castigos para eles, eram filhos de rei. Foram as palavras de Kondi.

– Sim. Mas não era para serem recebidos na tua casa como irmãos queridos. Era para serem afastados definitivamente do trono da Lunda. Ora, segundo Kondi, sendo recebidos por ti, comendo contigo, continuam a influenciar o poder da Lunda.

Agora o corpo dela estava muito pesado, corpo de velha que precisa dum esforço de vontade para mexer um braço. Sentia-o com o peso do elefante. Como pudera irritar o espírito de Kondi, o melhor entre todos, como pudera?

– Que quer Kondi que eu faça?

– Proibir os teus irmãos de ficarem em Mussumba.

A frase martelou várias vezes na cabeça dela, até a entender completamente. O degredo para os dois? A rainha superou a filha por breves instantes.

– É a guerra que tu queres?

– Eu não quero nada. Apenas interpretei os desejos do teu pai. Ele quer Chinyama e Tchinguri longe de Mussumba, longe do trono. Mas tu és a rainha, podes seguir a vontade do teu pai ou ignorá-la. Tu é que sabes. Muitas vezes tens mostrado que queres pensar sozinha, decidir sozinha, agir sozinha. Então? Também podes dizer agora faço o que entender.

A voz de Kandala, cheia de sons graves e profundos, parecia vir do outro mundo.

– Sabes que não posso ir contra a vontade do meu pai.

O adivinho sorriu pela primeira vez. Sorriso fininho que ela não notou. Reparou apenas que a voz era menos severa, quase terna, quando disse:

– Compreendo o que sentes. Vocês sempre foram muito unidos. Mas agora é preciso escolher, minha filha, e só podes escolher duma maneira. Como Kondi quer. Estaremos do teu lado.

Lueji não podia levantar a cabeça, não tinha força para isso. Queria apenas fugir para o lago, gritar à Lua o seu desespero, se esconder entre as rosas de porcelana, se embrenhar no chão húmido entre fetos e begónias, se conspurcar na lama da base dos papiros, morder o chão, as plantas, ficar com o gosto amargo na boca, e adormecer. Dormir, dormir.

Mas Kanyika chamou-os à realidade, pois mais-velho Kakele tinha vindo a correr para saber os mujimbos e pedia para ser recebido. A rainha fez que sim com a cabeça, já nada lhe interessava. Kakele entrou agachado, humilde como um cão, cudicalando com os dedos.

Kakele ouviu de Kandala qual a vontade do espírito. Lueji não escutava, refugiada em sonhos de infância. Se revia correndo com Tchinguri atrás dos songues feridos, pelas chanas sem fim, contando as gotas de sangue que perlavam nas hastes de capim, até aparecer o corpo do animal morto e soltarem o grito de triunfo dos caçadores. Se revia comendo e rindo com Chinyama, sempre queixoso mas bem-disposto, contando os mais disparatados mujimbos sobre as mulheres do pai ou as suas aventuras para surpreender as pessoas no acto do amor. Nunca mais?

– Que vais fazer, rainha?

A voz de Kakele fê-la estremecer, mas acordou-a. Era a soberana por vontade de Kondi e dos Tubungo, tinha de assumir essa condição. Num esforço de vontade, se concentrou na pergunta e olhou o mais-velho. A rainha superou a irmã e falou:

– Manda convocar o Conselho dos Tubungo para amanhã, Kakele. Vou anunciar que Tchinguri e Chinyama são banidos de Mussumba. Isso significa a guerra, bem o sabes.

– Se o Tchinguri tivesse ido combater os Mataba, tudo teria sido mais fácil. Nem haveria guerra contra ele.

Lueji ia responder rudemente. Mas se reteve pelo gesto imperativo das sobranceiras de Kandala. Nada disse. Notou a alegria de Kakele e a suspeita nasceu. Se tudo era apenas uma armadilha bem urdida, um aproveitamento de uma pobre mulher cavalgada por um espírito da sua terra, absolutamente alheio à luta de poder que se travava na Lunda? Não, isso significava que Kandala fazia batota. Não era pensável, Kandala sempre fora um adivinho íntegro, o maior de todos. Duvidar da honestidade de Kandala era duvidar dos espíritos, era duvidar de tudo que fazia as pessoas se unirem para o bem da Lunda. Essa suspeita absurda tinha de ser imediatamente afastada como a mais horrenda heresia, senão ela própria perdia a sua razão de ser e de governar. Duvidar de Kandala era perder o respeito pelos antepassados e ofender tão gravemente o espírito de Kondi como ir profanar as suas mahambas. Se arrependeu de ter podido albergar, nem que por um instante, essa dúvida.

– Hoje mesmo vou falar com os meus irmãos e lhes informar a minha decisão.

– É muito perigoso, rainha, não faças isso – disse Kakele. – Nunca se sabe a reacção de Tchinguri.

– Não tenho medo. Já não. E é agora. Vai mandar convocá-los, muata Kakele.

O velho se prostrou, mas não escondendo um olhar preocupado dirigido a Kandala. Pigarreou, hesitante.

– Se me permites, Lueji... Kandala talvez saiba melhor do que eu, mas isto significa provavelmente guerra. Talvez fosse melhor adiar por uns dias o anúncio da tua decisão. Para ganharmos tempo e mobilizarmos os exércitos.

– Não se pode adiar uma decisão dum espírito, não é assim, Kandala? Ele escolheu o momento para se manifestar e nós só temos de cumprir.

O tahi fez um gesto ambíguo com as mãos, sem responder claramente. Lueji esperou que ele se pronunciasse, mas perante o silêncio teimoso do adivinho, se virou para Kakele e continuou:

– E além disso, não vejo utilidade em adiar. Serás tu o primeiro a divulgar a minha decisão no tchota. Não adianta tentar esconder, já me convenci que não existem segredos nesta terra. Será pior se

Tchinguri souber logo à noite pelo mujimbo que vai começar a correr por Mussumba.

– Ofendes-me, rainha. Não sou nenhuma velha que não sabe guardar segredos.

– Já não tenho ilusões, Kakele. Ninguém sabe guardar segredos na Lunda. Excepto Kandala.

O kota queria replicar mas Kandala fez um gesto que lhe travou a resposta. Kakele coçou a carapinha esbranquiçada e falou suavemente:

– Não estamos preparados para a guerra, rainha.

– Foi o espírito de Kondi que escolheu o momento. Ele lá sabe o que fez.

Kandala se levantou. Segurou num braço do outro e este imitou-o. O adivinho falou então:

– Vamos deixar a Lueji descansar um pouco antes de enfrentar os irmãos. Ela tem razão, Kondi sabe o que faz. Vai mandar chamá-los, Kakele.

Saíram, fazendo vénias, descansa um pouco, rainha. Ela ficou, tentando juntar os destroços do seu espírito.

Foi buscar o presente de Ndumba ua Tembo, que esquecera por causa dos acontecimentos. Era um colar, vindo do Oriente com a caravana de árabes que no tempo do seu pai quis negociar escravos e marfim. Kondi recusou vender escravos, trocou apenas algum marfim. Pouco, pois os lundas não caçavam o elefante nem o exigiam como tributo. A mãe de Ndumba tinha uma presa de elefante e trocou-a pelo colar. Ndumba herdou o colar da mãe e agora oferecia-o a Lueji, como jóia única na Lunda. Era de pérolas. A rainha afagou as pérolas entre os dedos, admirada como pedras podiam ser tão redondas e macias ao tacto. Mas o drama recente não a deixava pensar a sério no colar. Nem procurou imaginar o artista tão hábil que podia fazer aquelas pedrinhas. O tempo passou e ela não se dava conta, afagando as pérolas distraidamente.

Até que Kanyika anunciou a chegada dos dois irmãos. Entraram e cumprimentaram familiarmente. Mas logo calaram ao notar o olhar vazio dela. Sentaram nas peles sem terem sido convidados e se miraram, interrogativamente.

– Que se passa? – perguntou Chinyama.

Lueji levantou a vista para ele e as lágrimas brilharam no claro-escuro da sala. Era assunto sério, isso eles tinham logo percebido ao serem convocados. Mas também triste, a julgar pelas lágrimas nos olhos da irmã. Chinyama insistiu:

– Mandaste nos chamar. Que se passa, Lueji?

Ela não tinha vontade de falar, só queria dormir. Mas não podia e sabia, à noite o sono não ia vir. Sentiu, a rainha tinha de despertar, tinha de falar firme, anunciando uma decisão soberana. Mas toda a sua lassidão ia desmentir as palavras duras, para quê então fingir? Se levantou para sacudir a apatia e encostou o rosto a uma trave de madeira que subia até ao tecto de capim. Falou, de costas viradas para eles:

– Acabo de ter uma revelação terrível. Quem falou pela boca de Insuzi foi o espírito de Kondi.

Os dois irmãos se olharam e perceberam a inquietação mútua. Aquilo lhes dizia respeito, de alguma forma. E não podia ser bom. Maquinalmente, Tchinguri apertou o punho do mucuali num gesto nervoso. Chinyama suspendeu a respiração à espera do resto. Mas o resto custava a sair e ele perguntou:

– Que queria Kondi então?

– Que os expulse de Mussumba. Que não tenho cumprido a minha promessa.

– Que estória é essa? – explodiu Tchinguri, se levantando num salto.

Lueji não se virou para ele, embora tivesse percebido o gesto e sentisse até a respiração dele nas costas nuas. Guardou segundos antes de continuar.

– Eu devia vos afastar definitivamente do trono e afinal tenho permitido que comam e falem comigo. Assim influenciam as minhas decisões. Ele vos quer longe de Mussumba.

– Ele quem? – gritou Tchinguri.

– Kondi, já disse.

– Não – respondeu ele. – Não é Kondi. É Kandala, é Kakele, são os meus inimigos.

– Não podes duvidar de Kandala.

Lueji tinha levantado a voz, se virando para ele. Pela primeira vez o mirou nos olhos, enfrentando-o. Tchinguri baixou os seus e deu

um passo atrás.

– Calma, irmão – falou Chinyama. – Se Kandala disse...

O silêncio baixou por momentos e Lueji lembrou de repente, os gritos de Tchinguri deviam ter atraído pelo menos Kanyika, que nalgum ponto devia estar a tentar ouvir a discussão. Que se lixasse, podia ouvir e depois informar Ndumba ua Tembo, já nada havia a esconder. Pelo menos de Ndumba.

– Aquela estúpida mulher... – disse Tchinguri.

– Ela não tem culpa de nada – replicou Lueji. – Não tem culpa de ter sido escolhida pelo espírito.

– Lueji tem razão – apoiou Chinyama. – Insuzi nem sabe o que disse lá naquela desgraçada língua dela. Mas como é que Kandala entendeu?

– Não estás mesmo a ver que isto é uma maquinação? – gritou Tchinguri para ele. – Disseram ela falou no Chinyama e no Tchinguri. Alguns dizem que falou. E Kandala logo aproveitou, era o momento para afastar a Lueji de nós, agora que nos estávamos outra vez nos entender... Insuzi até pode ter falado. É da tua chipanga, é normal que fale. Está preocupada com o marido que foi para a guerra, foste tu que o mandaste, como não vai falar de ti? Bem até, é o mais certo, mas ninguém percebe o que ela diz. E Kandala, sem a ter ouvido, logo adivinhou. Isto não é suspeito?

– Passou tempos e mais tempos com o ngombo e com ela. Ele adivinha tudo.

– Não sejas ingénua, Lueji. Te disse uma vez, és a rainha, não tens o direito de acreditar naquilo que fazes os outros acreditarem. Só os outros devem acreditar.

– Duvidar do Kandala é duvidar de tudo e eu não posso. Senão como vou reinar?

Chinyama fez um gesto a Tchinguri para este sentar. Ele obedeceu. Depois Chinyama falou:

– Não a podes obrigar a ir contra aquilo em que sempre acreditou. Nem todos podem ser como tu. Eu também não duvido de Kandala. Se fosse outro tahi... Apesar de o Kakele ter falado com ele antes, me disseram.

– Eu mesma vi.

– Mas isso não quer dizer nada – continuou Chinyama.

– Mas quer dizer tudo, seus estúpidos! – explodiu Tchinguri, saltando de novo. – Como não vêem o que passou? Kakele segredou, aproveita agora, é um presente dos espíritos. E ele aproveitou.

A mesma suspeita voltava e Lueji combateu logo a dúvida. Isso significaria que Kandala era um impostor, que não via nada no ngombo, apenas inventava para ser respeitado e ter poder. Que não queria o bem dela, nem da Lunda, mas via apenas os seus interesses pessoais. Absurdo não acreditar naquele que a ajudou a fazer vir a chuva e reforçar a sua potência. Nunca poderia viver com aquela suspeita, antes morrer. Por isso tinha de matar a suspeita à nascença, para sua própria sobrevivência. E quem alimentava a suspeita? Tchinguri, o que não cria em nada, nem respeitava o espírito do próprio pai. Uma grande raiva começou a subir nela contra o irmão adorado, ao mesmo tempo que chorava para dentro por ter de o afastar definitivamente da sua vida.

– És um descrente, Tchinguri. Por isso és expulso de Mussumba. Nem respeitas a memória do teu pai, não respeitas nada. Como podes viver assim? És um ser maldoso, que tens provocado a desgraça de muita gente e agora provocas também a desgraça do teu próprio irmão, expulso por tua causa.

Se olhavam os dois com raiva, frente a frente. Chinyama teve de se soerguer e puxar o irmão pelo braço. Este caiu sobre a pele de ondjiri onde estavam sentados antes.

– Calma, calma, vamos chegar a um acordo.

– Não pode haver acordo, Chinyama – falou Lueji com voz mais baixa. – Só há uma decisão, a minha. Amanhã reúno o Conselho dos Tubungo para anunciar que vocês têm de sair imediatamente de Mussumba, senão serão mortos. Lamento por ti, Chinyama, oh, lamento.

Tchinguri se libertou da mão de Chinyama e se levantou de novo. Disse com um meio-sorriso forçado:

– Quem tem coragem de nos matar se não sairmos?

– Haverá gente, porque eu o ordenarei. Com mucuali, feitiço ou veneno, alguém o fará...

Tchinguri se moveu no recinto e foi quase até à porta. Olhou o irmão sentado na pele, a rainha de pé, encostada à trave. A luz

filtrada pelo capim do tecto punha sombras no corpo de Lueji e fazia bailar partículas de pó no ar. Elas rodopiaram, quando ele disse:

– Então é a guerra.

Chinyama agitou um braço, mas não teve coragem de se levantar. Suspirou. O suspiro pesado dele teve o condão de chamar a atenção dos dois e travar a réplica de Lueji.

– Tchinguri talvez tenha razão e isto é uma maquinação muito hábil. Até o facto de ser uma mulher de minha casa, portanto insuspeita... Mas tens razão, irmã, não temos o direito de duvidar de Kandala. É o espírito de Kondi que o quer, ele pode estar errado, mas tu não tens alternativa. Compreendo que é contra tua vontade, sei que lamentas. E tu, Tchinguri, também devias compreender a Lueji. Ela tinha estado a chorar, ela sofre, mais que nós. Mas não pode fazer outra coisa.

– Não é obrigada a obedecer a um adivinho, mesmo se se trata de Kandala.

– É obrigada, sim. Tem de obedecer a Kondi.

– É a rainha. Ela pode torcer todas as leis, se quiser. O problema é que não quer, porque lhe convém.

Era tão bom se fosse verdade, meu irmão impetuoso. Mas a raiva cega-te, até contra mim te vais virar. Falaste em guerra e voltarás a repetir. Não, o espírito de Kondi não está errado, eu é que me deixei enganar pelo amor. E num soberano o amor é mau conselheiro, como o ódio ou o ciúme.

– Jurei respeitar a vontade do meu pai. E farei isso, mesmo contra ti, Tchinguri.

– Obrigas-me a fazer a guerra.

– Não és obrigado a nada, só a sair de Mussumba. Podes viver no Luengue tranquilamente. Não te faltará comida nem mulheres. Que mais queres? A vingança contra os Tubungo? Isso é só ódio e não serve para nada.

Tchinguri avançou para ela. Ostensivamente, apertava o punho do mucuali. Parou a um metro, as pernas afastadas, em atitude de desafio, a barbicha afilada bem para cima, arrogante.

– Queres a guerra e vais tê-la. Vou chamar os meus homens que marcharam contra os Mataba e depois ataco Mussumba.

Chinyama desta vez foi obrigado a se levantar. Meteu o volumoso corpo entre os dois, apertando o braço de cada um. Calma, calma, irmãos.

– Os teus homens foram cumprir uma missão da rainha da Lunda – disse Lueji. – Se os impedires de a cumprir, perderás o direito a eles. Amanhã mesmo segue uma mensagem para Kakaya, explicando tudo. Pensas que ele ousa desafiar o espírito de Kondi, de quem era chefe da guarda?

O argumento era pesado e Tchinguri não encontrou resposta imediata. Não era difícil de adivinhar, Kakaya estaria ao lado dele contra todos os vivos, mas podia hesitar em se colocar contra o espírito do seu rei e amigo. De repente, Tchinguri sentiu um peso enorme nas costas, como quem caminhou um dia inteiro com uma cabra morta sobre os ombros. Percebeu pela primeira vez o seu isolamento.

– Também posso atacar esta noite. Tenho forças para tomar a tua onganda.

A réplica foi imediata, como se há muito pensada:

– Não tens, Tchinguri. Os homens da minha guarda ficaram todos aqui e também os de Ndumba. Ele mandou contra os Mataba os homens que estavam no Cassai. Aqui, neste momento, não tens força para tomar o poder.

Tchinguri não respondeu, arrasado pela lógica dela. Era verdade. Com a confiança reavivada pela conversa no lago e contagiado pelo entusiasmo de Chinyama, ele tinha retirado cem dos seus soldados da capital, para não mexer muito no exército que treinava no Luengue. Ingenuidade imperdoável num grande chefe. Agora estava enfraquecido em Mussumba, não podia atacar imediatamente. Olhou a irmã com respeito, apesar da raiva. De propósito ou não, ela tinha-o neutralizado momentaneamente.

– E eu, maninha, para onde vou? – perguntou Chinyama, aproveitando o silêncio para mudar a conversa.

– Vais para o teu território no Kalanhi, para onde mais podes ir?

– Separas-nos, um para cada lado? Sempre vivemos juntos.

– Podes ir visitar o Luengue sempre que quiseres. Isso não me diz respeito. Mas sem passar por Mussumba.

– O Chinyama vai ao Kalanhi só o tempo de reunir as suas tropas. Depois ataca Mussumba. Estará do meu lado na guerra.

– Não tens autoridade para o obrigar, Tchinguri. Ele não me quer fazer a guerra.

– Tenho a autoridade que sempre tive. Ele sempre esteve do meu lado e agora também estará. Mesmo contra ti.

Lueji olhou os dois irmãos. Tchinguri desafiante, postado de pernas afastadas à sua frente. E Chinyama de rosto para o chão, trémulo por mais uma vez estar apanhado entre os dois.

– Tem coragem de dizer ao Tchinguri que nunca farás a guerra contra mim. Vá, tem essa coragem, ele não te pode fazer mal.

Mas Chinyama manteve os olhos em baixo, sem falar. O terror vindo da infância paralisava-o, mesmo se agora já Tchinguri o ouvia e até por vezes lhe obedecia. Em casos menores, porém. Não naquele, o mais importante de todos.

– Ele faz o que eu quero, Lueji.

– Por tua causa ele vai para o degredo, Tchinguri. É por tua causa. E queres ainda lhe causar maior desgraça, talvez a morte? Que raio de irmão nós temos!

Tchinguri deu um safanão e libertou o braço ainda seguro por Chinyama.

– Aqui não se trata de sentimentos de irmãos. Temos uma missão a cumprir para o bem da Lunda. Tu já mostraste que és incapaz de te livrar dos Tubungo. Por isso o Chinyama fica a meu lado. Os dois juntos libertamos a Lunda dos Tubungo.

– Falas que ele fica do teu lado. E porque não lhe perguntas aqui, à minha frente?

– Não precisa responder aqui.

– Precisa, sim. Quero saber se Chinyama é meu inimigo.

Ele se sentia mal, obrigado a tomar uma posição entre os dois. Mas também se sentia mal de nada dizer. Tchinguri exagerava, ele já não era como em criança. Medroso, mas homem.

– Sabes bem que não sou teu inimigo, Lueji.

– E se não és, vais fazer a guerra contra mim?

– A guerra não é contra ti – procurou driblar.

– Agora é. Ouviste o Tchinguri.

Chinyama olhou para o irmão, lágrimas em promessa. Os lábios tremeram, mas disse:

– Nunca farei a guerra contra ti, maninha.

Levou um empurrão de Tchinguri, mas era muito pesado e apenas se apoiou um pouco na irmã. Não ousou voltar a olhar o primogénito, talvez já com o mucuali na mão. Esperou o golpe. Mas depois sentiu os passos de Tchinguri, se afastando.

– Ele foi embora, Chinyama.

Tremiam os dois, ligeiramente abraçados. Depois Lueji levou-o para a pele de ondjiri e o sentou lá. Bateu as palmas para trazerem marufo. E ficaram calados, enquanto não chegou a serviçal com a cabaça. Chinyama bebeu, deixando escorrer um pouco de líquido com o nervosismo. Limpou os lábios com as costas da mão e falou:

– Ele vai me matar, isso nunca me perdoa. E não tenho guardas, todos foram para Mataba. Prende-me aqui, Lueji.

– Não podes passar a vida a fugir dele, Chinyama.

– Não. Mas hoje não posso ir para casa. Prende-me aqui e amanhã manda-me preso para o Kalanhi, com uma guarda. Depois nunca mais me verás, nem te peço mais nada.

Lueji não pôde reter as lágrimas. Elas agora corriam, por Chinyama, por Tchinguri, por ela. Podiam ter sido tão felizes os três. Podiam... Se Tchinguri fosse diferente. Ou se... sei lá, não adianta lamentar, tinha de ser, era a vontade dos espíritos.

– Vais dormir na casa de Kumbana. E o próprio vai enviar gente para te acompanhar amanhã cedo até Kalanhi. Ele é de toda a confiança, com ele não deves ter medo de nada.

Ficaram calados, a beber, sabendo os dois que era a última vez. Depois Kumbana veio e recebeu as instruções. Também para pôr toda a guarda de prevenção, não fosse o caso de Tchinguri atacar por desespero. Kumbana não deixou mostrar o seu assombro. Provavelmente o mujimbo ainda não tinha chegado a ele. Lueji conhecia-o e percebeu num brilho de olhar que estava espantado, isso sim. Ninguém mais poderia entender aquele brilho.

Kumbana esperou para acompanhar Chinyama. A rainha se despediu, procurando nada mostrar da sua perturbação.

– Será para sempre, irmã?

– Um dia, mais tarde, vou te visitar. Prometo.

Os dois homens saíram. E Lueji chamou Nayole para chorar no seu ombro, pois essa tinha ao menos alguém com um ombro onde apoiar os soluços, não ela, isolada, com uma dor na anca que nem a deixava andar, fechada num apartamento onde ninguém iria, com um telefone que há muito emudecera de vez, e já passava das oito da noite, no ensaio os outros estavam à espera dela, a Directora bravando contra a falta de profissionalismo, logo na primeira noite de treino suplementar falhava tudo porque a estrela, armada mesmo em estrela, não estava para sacrifícios apesar de ter sido a principal responsável pelo fracasso anterior e ter todo interesse em se redimir, muxoxando perante o tímido protesto de Uli, aconteceu alguma coisa, adivinhando que tinha a ver com a ruptura dele com Marina mas sem coragem de ir saber o que passava, sarriscava a encontrar a antiga namorada e mais uma cena dolorosa, estava farto de choros e recriminações, queria apenas queimar as angústias em saltos e passos enérgicos, dançar com Lu e sentir o corpo dela colado ao seu numa volúpia incestuosa sem o ser, sentir o se dar se negar dela em espasmos de remorsos, mas onde estava Lu que não vinha lhe matar a saudade duma tarde inteira sem ela, como se fosse possível agora ficar uma tarde fora dela, mas teria que ficar mais que isso, a noite toda, pois Lu tentou um esforço supremo de vontade para vestir os jeans e conseguiu, arfando ficou deitada sobre a cama, incapaz do menor movimento sem um gemido de dor, devia ir à cozinha buscar gelo e friccionar a anca, podia não ajudar mas era uma hipótese, só que era impossível sequer sarrastar até à cozinha e ela chamava baixinho por Uli, talvez ele ouvisse, talvez isso o decidisse a procurar o apartamento, vem, preciso de ti, Uli, preciso de ti em todos os sentidos, mas o espírito maligno devia planar sobre ela e interferia nas mensagens, Uli não vinha e ninguém mais viria, pois já eram dez da noite e não era hora para visitar meninas solteiras a menos que se tivesse uma razão muito forte e o único que sarrogava essas razões era Michel, o engenheiro francês dos petróleos que por vezes batia à porta a horas sombrias, definhando na saudade dos tempos de Paris, o

cabelo todo branco pela recusa constante dela, ele não aceitava tudo pode terminar um dia e viera atrás, se valendo dos seus conhecimentos técnicos para arranjar emprego numa multinacional, na esperança que Lu se compadecesse e lembrasse com carinho o restaurante marroquino da Place Clichy onde iam comer cuscus ou do bistrot escuro perto do Jardim do Luxemburgo onde sencontravam depois dela terminar as aulas ou daquela escadinha na borda do Sena mesmo à frente de Notre Dame que ela descera para ir aliviar a bexiga, enquanto ele vigiava, não fosse aparecer algum polícia ou cidadão zeloso e acabarem a noite num comissariado do Bairro Latino, em confissões que sujavam a reputação de qualquer um, mas ela não se comovia com as recordações, foram belos tempos que morreram e não devem ser ressuscitados porque senão cheiram mal como todos os cadáveres e ele ia espaçando as visitas, se consumindo no álcool e nas meninas precisando de luxos que encontrava nas buates, sem vontade no entanto de voltar para França ou Gabão, perdido naquela terra em que o europeu era desejado pelas meninas sonhando com champanhe e vestidos caros, mas não bajulado pelo resto da população, antes pelo contrário, ele percebia nos olhares de lado a desconfiança, o fica onde estás que não te chateamos mas o pé em cima do pescoço não nos voltas a pôr, sacudimos tudo o que nos abraçava para nos chupar o sangue, e por isso Michel não ia vir naquela noite em que Lu precisava dele, de alguém, porque o cazumbi velava, criando o vácuo à volta dela, enredando-a numa teia, como a imagem da dança que sonhara, Lueji ensarilhada numa bola, Lueji ou ela, era a mesma coisa, pois já não se distinguiam no sofrimento, mas podia ela aceitar o que a centavó não repelira, ia deixar a sua vontade ser ditada do cimo das árvores, sem luta, responde Lu a ti própria, vais deixar que te ponham o pé no cachaço, agora que os tempos são novos e o ano 2000 está à porta, ao que não podia responder naquela noite de isolamento, sem Marina, sem Uli, sem a dança, sem mesmo o domínio do seu corpo, por isso acendeu a luz, se sentou a custo na cama e se pôs a

escrever no caderno de apontamentos frases que esculpia e riscava para de novo escrever e no vaivém do avança e apaga, algo ia ficando definitivo, rosas de porcelana, brilhos mágicos da Lua, piruetas por cima de chingufos, vontades em choques de madrugada, *fouetés*, *glissades* e *espargattas* em ritmos de kissanje, um órgão electrónico no escuro antes do relâmpago que ilumina o lukano, frases que enchiam páginas e afastavam angústias, pois eram a própria angústia, a única, a escorrer do seu corpo exausto, agora insensível à dor provocada pelos fantasmas, oma-kisis de todas as eras, domados afinal como o foram na Cahama outros oma-kisis arrogantes da sua força balofa, e Lu inscrevia e riscava freneticamente antes que viesse a alvorada empalidecer a magia daquele momento em que passado e futuro casavam parindo o presente, enquanto Lueji adormecia finalmente nos braços de Nayole, embalada por canções de infância.

No dia seguinte, antes mesmo de começar o Conselho dos Tubungo, já Lueji sabia da partida de Tchinguri com a sua gente toda para o Luengue. A gente de Chinyama também partiu com ele para o Kalanhi, acompanhados pelo próprio Kumbana e alguns guardas. Na volta aproveita para falar com meu tio Salukunga e com Kandumba, disse Lueji ao chefe da guarda, vê como estão os preparativos do exército e que acelerem ao máximo, a guerra deve ser questão de dias.

O Conselho, como previsto, apenas ouviu a decisão da soberana. Um grupo de muatas, sentados junto de Nandonge, onde se destacavam Kinzunzu, Mua Cangombe, Kibondo e Ndonga, não aplaudiu, não mostrou satisfação, antes caras de desespero. Mas nada disseram. No fim Lueji falou da ameaça de Tchinguri retirar os seus homens da frente contra os Mataba, o que provocou murmúrios raivosos da assembleia, mas não se preocupem, hoje mesmo vou enviar um muata de grande confiança para informar Kakaya de tudo o que passou e para impedir Tchoia de retirar com os homens, é uma missão do espírito de Kondi, ninguém terá coragem de a desrespeitar e esse muata de confiança ela não falou o nome dele, mas olhou Kanyika e muata Kakele suspirou de alívio, finalmente a rainha mostrava sensatez e seguia seus conselhos, esse emissário que hoje vai seguir depois fica lá para ajudar Kakaya a comandar o exército, assim falou ela e estava terminada a mais rápida reunião do Conselho dos Tubungo na memória da gente da Lunda.

Depois a rainha chamou Kanyika para ir passear até ao rio. Aí chegados, sentaram nas pedras. Os guardas faziam uma barreira de segurança à volta, impedindo também que os interrompessem.

– Preciso de alguém da máxima confiança para ir explicar tudo a Kakaya e pensei em ti. Serás o seu adjunto. Ele é amigo de Tchinguri e pode ser influenciado por Tchoia, totalmente leal ao meu

irmão. Mas se insistires com ele que o degredo de Tchinguri foi ditado por Kondi, Kakaya não hesitará, creio. De qualquer maneira, tem cuidado.

Kanyika aprovou com a cabeça, em silêncio. Olhando o rio, talvez pela última vez, esperou que Lueji continuasse a falar.

– Esta noite não consegui dormir. E pensei na tua missão e me lembrei duma coisa que talvez seja importante. É uma estória que ouvi em pequena, quando fui ao Cassai visitar o meu parente Kumbana. Como deves saber, as terras dele ficam a sul de Mataba e da terra dos Uanda. E ele me contou essa estória que vem do princípio, ainda quando não se chamavam Mataba mas Calamba e eram dirigidos por Calenga. O chefe deles se chama sempre Calenga, é curioso. Mas escuta a estória.

Lueji mudou o tom da voz, modulou-a aos sons do rio correndo entre penhascos, como a voz da marimba que reproduz a fala das gotas de água que caem nos rápidos e cataratas, como a voz da menina meiga e sensual que fora ao ouvi-la pela primeira vez, pois se tratava duma estória de amor e de água.

E contou:

Por entre a densa floresta do lado do Nordeste, vinham fugindo as tribos dos Calamba das suas regiões de origem. Povos invasores tinham-nos obrigado a abandonar o aconchego das suas habitações tradicionais, os prodigiosos morros de salalé, maiores de todos os conhecidos nestas florestas. Calenga, o chefe dos Calamba, rapaz ainda novo, vinha na frente e muito adiantado à sua gente. De repente estacou surpreendido e aterrado, pois lhe surgiu na frente um rio desconhecido. Se sentiu perdido, porque só podia ser um feitiço forte dos perseguidores para impedir a fuga dos Calamba. Desesperado, invocou os espíritos dos antepassados, me salvem, avós, me salvem, os sanguinários invasores se aproximam e este rio parece intransponível.

Uma cabaça surgiu então à tona da água, sem ele ter visto donde vinha. A corrente puxou a cabaça para a margem dele. Com um pau ajeitou-a para a poder agarrar. Subitamente ela se abriu e de dentro dela foram saindo cabaças, cabaças, cabaças. Saíam da cabaça mãe e se enfileiravam ao longo da margem, logo se abrindo. No côncavo da última estava sentada uma formosa rapariga, com os

peitos muito direitos e redondos, sinal de virgindade. E ela falou maviosamente para Calenga:

– Chamaste-me, aqui estou. Sou a dona deste rio e todos os que aqui vivem me obedecem.

Ofuscado pela beleza da jovem e premido pelos gritos dos perseguidores que já eram audíveis, Calenga respondeu:

– Sejas espírito bom ou maligno, antes quero ficar sob o teu domínio com o meu povo, que em poder dos bárbaros que nos querem roubar e matar. Salva-nos e seremos teus escravos.

– Eu sou Luia – disse a bela jovem. – Só te quero para meu amante, nunca escravo. Se o teu coração pertence a alguma rapariga, segue com ela o teu destino. Se no entanto podes dispor do teu destino para mim, que te esperava desde o tempo dos tempos, então salta e senta no meu colo que os meus braços te defendem e ninguém te alcançará.

Lueji calou à evocação de Luia esperando Calenga desde o tempo dos tempos. Como ela esperava a sombra diáfana que se desprendia da Lua? Sacudiu a cabeça, estendeu a perna para tocar na água do rio, e continuou a contar:

Calenga estava muito tentado a fazer o que Luia aconselhava, mas teve ainda um arreganho de dúvida:

– E a minha gente?

– Ela que se aproxime. E, se te são fiéis, que te imitem, entrando cada um na sua cabaça. Eles nos seguirão.

Calenga não hesitou mais. Saltou para a cabaça, Luia abraçou-o, a cabaça se fechou e mergulhou, seguindo com a corrente. Os companheiros puderam ver o que se passava com o chefe e, chegando à margem, entraram nas cabaças que se abriram. Se fecharam logo e mergulharam, seguindo a de Luia.

Atingindo os invasores o rio, não viram as gentes que perseguiam. Supuseram que tinham sido levadas pela corrente e na esperança que alguns sobrevivessem e deles fossem escravos, caminharam para o Sul. Encontraram um afluente e alguns tentaram passar a nado, mas num remoinho pereceram. Os outros recuaram, desistindo da perseguição. E deram ao afluente o nome de Luáfua, o rio da morte.

Livres para sempre dos invasores, os Calamba se foram estabelecer na montanha ao lado do rio onde escaparam. Calenga deu ao rio o nome de Luia, o do amor.

Muito tempo ficou Lueji olhando o rio, imaginando contemplar o Luia, onde aconteceu um amor feliz. Mas as suas tropas agora avançavam para lá. Como as dos antigos invasores que obrigaram os Calamba a procurar aquele refúgio? Fosse como fosse, devia proteger os seus. Falou para Kanyika:

– Cuidado com o rio Luáfua. Nós lhe chamamos mais Lufi, mas é a mesma coisa, é sempre morte. Se eles vos deixarem perseguir, é porque vão repetir o que passou há muito. Nunca atravessem o Lufi, só o Luia.

– Está bem, rainha.

– E outra coisa. Hás-de reparar no sítio onde vive Calenga. Dizem, tem jardins tratados e muito bonitos. Vê tudo bem para me contares como eles fazem.

E despediu Kanyika ali mesmo junto ao rio, pensando, um homem belo e forte que talvez não veja mais, a guerra é mesmo um desperdício.

Esqueceu esse pensamento no dia seguinte, entusiasmada com a descrição de Kumbana sobre os progressos da preparação do seu exército. O chefe da guarda real aproveitou para na chipanga de Salukunga, inspeccionou os recrutas, experimentou o sistema de mondos, os tambores de mensagem. Mas não estava inteiramente contente.

– O tempo é curto demais, rainha. Os homens não estão prontos e os mondos ainda não passaram o Kalanhi para cá. Mas Salukunga deu uma ideia e hoje fui verificar. A meia distância de Mussumba até à aldeia do teu tio há um sítio ideal. É para lá que se deve mudar já Mussumba.

– Mudar Mussumba? Estás maluco?

– Não estou, Lueji. E teu tio tem toda a razão. Aqui é muito longe e muito aberto, terreno desprotegido. Os nossos homens não podem resistir aos de Tchinguri. Lá eu vi um sítio, desvia-se um pouco para a esquerda no caminho das tuas terras. Fica entre o rio Cajidixi e o Kalanhi. Aí se juntam os dois na parte de cima. Tem montanhas e florestas e muita água. A Mussumba fica protegida

pelas montanhas e rios de todos os lados, menos do sul. Mas é uma faixa relativamente estreita onde se pode montar uma paliçada. Tchinguri ou atravessa um dos rios à frente de Mussumba, o que o torna vulnerável, ou choca contra a paliçada. Numa paliçada bem construída, quatrocentos homens valem por mil.

– Mudar a Mussumba? Nem quero ouvir falar disso.

– Mas tens de ouvir, rainha. Kandumba foi comigo e disse aqui é o sítio ideal. Lá estás em segurança.

Lueji não insistiu logo, tanto a ideia lhe parecia absurda. Abandonar os sítios da sua meninice, o lago? As rosas de porcelana, os fetos e begónias? O rio e as nakas? Deixar tudo, fugir para o Kalanhi? E os lugares sagrados, como os levar? As mahambas, as árvores onde repousam os espíritos, tudo isso fica para trás, nas mãos de Tchinguri?

– Podia ser uma mudança temporária, rainha. Quando a situação ficar normal, podemos trazer de novo a Mussumba para cá. Mas agora é indispensável. Significa a vitória, a única possibilidade de vitória.

– Temos o nosso exército.

– Precisa pelo menos dum mês para combater em terreno raso. E são poucos os comandantes experientes.

– Temos os homens de Ndumba ua Tembo.

– Estão dispersos e muito longe daqui. Quando chegarem os homens de Ndumba, já estamos todos mortos.

– Então fui enganada, Kumbana. Pensava que tínhamos forças suficientes...

– Se tivesses ganho mais tempo, teríamos forças suficientes. Repara. Os treinos começaram há pouco, não podes exigir que se forme um exército dum dia para o outro. E os homens de Ndumba são caçadores. Podem ser corajosos e hábeis, não duvido. Mas estão dispersos e só sabem combater em grupos pequenos. Não se transformam de repente num exército. Só Tchinguri o tem, levou anos a prepará-lo.

– Uma parte foi contra os Mataba.

– O que foi não significa nada comparado com o que ficou. Mais um mês e talvez pudéssemos, juntando todas as forças dos Tubungo... E mesmo assim...

– O espírito de Kondi precipitou tudo.

– Sim, rainha, Kondi precipitou tudo. Agora temos de recuar a Mussumba para o Kalanhi.

Perdi muito tempo, se recriminou Lueji. Presumiu podia dominar Tchinguri pelas palavras e tudo parecia indicar isso. Nem sequer mandou Ndumba mobilizar os seus homens, acreditava na paz. Confiou demasiado em si própria. Depois foi tudo muito rápido. Kakele pressentiu o desastre e pediu à última da hora para atrasar uns dias a decisão. Aí fiz bem, se ia saber logo a seguir, já não dava para adiar. Mas perdera muito tempo antes.

– Achas mesmo não há outra solução, Kumbana?

– Confia em mim, rainha, alguma vez te traí? Confia no teu tio, confia no Kandumba, confia em Kamexi. Todos pensamos da mesma maneira.

Lueji meditava. Tentava não lembrar o lago da sua infância. Devia reflectir apenas como rainha que tem o dever de proteger o lukano. Não é fácil abandonar a terra onde se nasceu e cresceu. Mas Kumbana não o fez? Sem refilar, por amor à linhagem. E Kandumba também. E muitos outros o fariam. Pelo bem da Lunda. E ela? No fundo, não se tratava de defender a própria vida e cumprir o seu destino? Pelo bem da Lunda.

– As lavras e as nakas estão aqui. Lá não há comida.

– Esse é o problema principal, rainha. No caminho vim a pensar nele. Mudas a tua onganda, com toda a tua gente. Salukunga pode nos alimentar, até as novas lavras e nakas produzirem.

– Se para fornecer de comida o kilombo foi um problema, como poderão agora...?

– É uma situação de emergência. É duro, mas é possível. A nova Mussumba só fica a meio-dia de marcha das primeiras aldeias de Salukunga. E podemos levar tudo o que se encontra nos silos, ainda dá para algum tempo.

– Mas não é só a minha onganda. É Mussumba inteira!

– Convidas os Tubungo a te acompanharem. Mas terão de tratar da sua alimentação. Ou ficam aqui à mercê de Tchinguri.

– O soberano não abandona a sua gente.

– O soberano tem primeiro de proteger o lukano, depois o resto. E não abandonas ninguém, porque eles podem ir contigo. Vai quem

quiser.

Kumbana estava particularmente firme. Falava de igual para igual, não como o chefe da guarda em face do rei. Era porque a situação o exigia, falava em nome dos chefes da linhagem. Lueji percebeu e não se ofendeu nem procurou reduzi-lo à sua posição oficial. No fundo sabia, era por lealdade que ele se mostrava teimoso na discussão.

– E dá tempo?

Ele esperou um momento para responder. Tentava encontrar as palavras certas e o tom certo. A rainha começara a aceitar a ideia, agora tinha de ser confiante, tranquilizador.

– Temos uma semana, pelo menos. Tchinguri não pode chegar aqui antes desse tempo. Dá para mudar. O mais difícil é fazer a paliçada. Mas eles vão começar amanhã. Se mobiliza todo o povo do Kalanhi para cortar os paus, lá tem florestas muito boas.

– Afinal já tinham decidido da mudança sem mim...

– Não, rainha, tu é que vais decidir. Se quiseres, lutamos aqui. Mas para ganhar tempo, para o caso de tu aceitares a nossa ideia, decidimos começar a fazer a paliçada. Sempre será um abrigo de último recurso. Ninguém decide nada sem ti, Lueji, o lukano é teu.

– Vamos consultar Kandala, ele é que sabe se se pode abandonar a terra dos antepassados, deixar as mahambas para trás.

Apesar de ser noite cerrada, Lueji e Kumbana saíram pela passagem secreta, apenas os dois, a caminho da casa onde se hospedava o adivinho.

Este já dormia. Apareceu a esfregar os olhos, mas ouviu tudo com a máxima atenção. Mandou-os sentar, avivou a luz da fogueira, foi buscar o ngombo. Manipulou-o, fazendo perguntas, perguntas, perguntas. E manipulava, manipulava o ngombo. Até que se deu por satisfeito e falou:

– O meu ngombo diz os teus têm razão, Lueji. Os espíritos são favoráveis à mudança da Mussumba, os espíritos querem que defendas o lukano.

A sentença estava proferida e Lueji suspirou de tristeza. Tinha uma secreta esperança que o adivinho dissesse não é necessário, os espíritos protegem Mussumba. Tinha mesmo de abandonar o conhecido, a terra mãe, e criar nova capital em sítio estranho.

– E como se faz, Kandala? Deixamos as mahambas nas mãos de Tchinguri?

– Não, leva-as contigo. O Kalanhi também é terra dos antepassados, mais sagrada até que a actual Mussumba. A primeira foi lá, no Kalanhi começou a Lunda.

Nada mais havia a discutir, os espíritos tinham falado. Lueji convocou o grande Conselho dos Tubungo para a manhã seguinte, manhã que viu Lu adormecer com o caderno de apontamentos no regaço. Acordou horas depois com batidas fortes na porta, ao mesmo tempo que tocavam insistentemente a campainha, quem será o desesperado, mas quem é?, não me posso mexer. Gritou suficientemente forte e da porta foi ouvida.

– Sou eu, o Jaime. Abre a porta, Lu.

– Espera. Vou tentar. Espera.

A dor na anca não a deixou levantar. Mas tinha de abrir a porta. Foi deslizando para o chão e se arrastou à força de cotovelos, gritando ao mesmo tempo, espera, Jaime, não vás embora, estou a chegar à porta, não vás embora, por favor. Ele procurava acalmá-la do outro lado, espero, está descansada. Conseguiu alcançar a porta mas o problema agora era se soerguer até chegar à fechadura. Fê-lo com a outra perna e rodou a chave, arquejante. Jaime conseguiu entrar.

– Mas que se passa? Como é que estás assim?

– A maldita perna. Me panquei contra um móvel e exactamente no mesmo sítio dantes. Agora ficou pior.

Jaime pegou nela e levou-a para a cama. Explicou então ficaram admirados porque ela faltou ao ensaio de ontem à noite e de hoje de manhã, a Directora estava furiosa, mas o Uli dizia aconteceu alguma coisa e lhe pediu para vir ver o que passava, ele não podia e como sei que há problemas entre vocês, vim mesmo, mas a Marina?

– A Marina bazou ontem para Malanje. Feri-me e não podia avisar, o telefone não funciona. Já pensava ia morrer de fome.

– Precisas de quê?

– Um médico ou ir para o hospital. E há vinte e quatro horas que não como nada. Podes chamar o Timóteo, conheces?

– Conheço, claro. Mas vou avisar a malta lá no ensaio, antes de tudo. Eles ainda lá estão e a Directora tem de saber. Tens outra

chave do apartamento? Para poder entrar e sair sem teres de te levantar...

– A chave da Marina... Deve ter deixado por aí na sala.

Mas a chave não estava, Marina devia ter esquecido. Jaime teve de levar a dela, a porta tinha de ficar fechada, não fosse algum ladrão aproveitar, mas não vou demorar muito, ficas presa só por uma hora, aguenta aí, vamos trazer comida e alguém que fique contigo em casa. Mal ele saiu, Lu adormeceu.

Acordou com a barulheira de muita gente falando e se mexendo no apartamento. Estava lá a Directora e a professora e os colegas todos, menos Uli. Foi buscar o médico, lhexplicaram. Duas bailarinas preparavam uma refeição na cozinha. A Directora viu a luxação, a mancha azul e o inchaço, adoçou a cara, estás mesmo fora de combate, rezemos para que não haja fractura, mas isso só o médico podia dizer, e este entrou logo a dizer mais uma vez me vou regalar em tocar tão boas pernas, franziu a cara em seguida, olhou e apalpou, obrigou-a a levantar e flexionar a perna, dói?, dói, e assim dói?, claro que sim, Timóteo, dói por todos os lados, e ela não podia conter as lágrimas com as dores, mas Uli via, apesar de estar atrás dos outros, evitando saproximar. Tinham de a levar ao hospital para fazer radiografia, lhenfiaram uma blusa e uma saia, os bailarinos pegaram nela ao colo e descaram-na pela escada até ao carro de Timóteo, enquanto os outros ficavam no apartamento à espera, Lu notou, Uli não segurou nela. Queimava assim tanto o seu corpo? Mas agora iam no carro e também Jaime, e Uli no hospital não podia evitar, tinha de a transportar. Lu só pensava nisso, ansiando pelo momento, durante todo o trajecto. E assim aconteceu, Uli e Jaime fizeram cadeirinha com os braços onde ela sentou, entrando no hospital como uma rainha. Timóteo gritando para a radiografista, rápido, é uma emergência, uma artista tem todas as prioridades, mas Lu nem ligava, só sentia o cheiro que se desprendia do corpo suado de Uli e o calor subindo dos seus braços. As radiografias não indi caram fractura. Voltaram para o apartamento e Timóteo explicou a todos, nada partido, apenas uma luxação muito forte, os ossos e tendões e músculos dessa região estão doloridos, uma dor aguda e persistente mas que acaba por passar, analgésicos e massagens e repouso. Para o espectáculo

era preciso escolher outros números, ela não podia recuperar a tempo de ensaiar, mesmo que não sentisse dor tinha de ficar uma semana deitada o máximo de tempo possível. A Directora coçou a cabeça, bem, temos de remediar com outros bailados, estás dispensada, Lu, mas começa a ver onde pões os pés, a tua cabeça está fora do lugar e o corpo paga, reparo incontestável que Lu aceitou sem refilar e sem ousar fitar Uli, o qual também se encolheu no seu canto. Mas ia ser preciso tratar dela e Olga sofreu. Vivia com a família, no momento não fazia mais nada senão o bailado, podia ocupar a sala por uns dias, saindo só para os ensaios. Oferecimento que foi aprovado com palmas e todos saíram, Timóteo prometendo passar ao fim da tarde. Olga ficou até Lu acabar de comer, depois foi a casa buscar as imbambas para se instalar com a colega. Por efeito dos analgésicos, Lu voltou a adormecer.

Foi Mabiala que a despertou. Já era o fim de tarde. Olga abriu a porta, ah, és tu, Afonso, ela está dormir. Só agora Mabiala tinha sido informado e se sentira obrigado a vir. É melhor ser mais logo, quando eu for para o ensaio da noite, pois fazes companhia à Lu, não é bom ficar muito tempo sozinha. Mas Lu ouviu as vozes e disse já acordei, podes entrar, Afonso.

– Então eu aproveito e vou fazer uma coisa lá fora, enquanto o Afonso está aqui. Precisas de alguma coisa da rua?

Lu não precisava e Olga saiu. Mabiala sentou aos pés da cama. Suspirou.

– Menina de ouro esta Olga.

– Sim. Foi mesmo uma grande kamba em querer ficar aqui em casa. Não sei o que seria de mim. Não me posso levantar, estou mesmo uma inválida.

– Não. Inválida nada. Neste momento o teu corpo não é importante. O importante é o que está na tua cabeça. Sei que está. Aliás acho já todos perceberam.

Lu não respondeu. Era assim tão importante o que podia ter na cabeça? Quem sabe? Que lhe causava infelicidade, isso sim, sentia. Mas era importante?

– Mas a respeito da Olga... Tu sabes, Lu, que a um momento dado olhei duas vezes para ela? É verdade, sim. Mas depois passou, ela não me ligou nenhuma.

– Foste muito discreto, ninguém reparou. Pelo menos não se falou. Mas que é isso afinal? Não tens mulher? Como podes olhar duas vezes para outra?

Mabiala deu uma gargalhada, batendo com a mão na colcha.

– Desde quando um angolano não olha para as outras só porque já tem mulher? E ainda mais eu, um artista incompreendido... Um tipo tem de se afogar em alguma coisa para esquecer sou um falhado. Faço músicas fantásticas e ninguém aprecia, não entendem. Ou que é muito avançada, ou muito atrasada, ou então é uma síntese artificial. Faço músicas na casa de banho, para me divertir apenas e se as apresento, dizem sublime, é isso mesmo. Bolas! Já viste aquela canção, *O Filho da Kitanda*? Fiz aquilo de brincadeira, exactamente para gozar as canções em voga, quase copiando tudo o que de mau, de cretino, encontro nas obras dos outros. E ninguém percebeu eu estava fazer antimúsica, virou sucesso. Talvez porque o Aires Mestre lhe colou em cima um bom poema, não tem dúvida, é um bom poema.

– Como foi isso?

O compositor sorriu. Mudou de posição nos pés da cama, com muito cuidado para não magoar a perna da bailarina.

– Estávamos num bar, já bem ganzados, onde haveríamos nós de estar? E comecei a trautear a música, acompanhando com a viola. O título eu tinha, *O Filho da Kitanda*. E ele chupava cerveja e dizia palavras, a voltar atrás, a colar e recolar, mamando as cucas pela garrafa. Uma hora depois cantávamos o produto já pronto, rindo de nós próprios. A música era uma porcaria e ninguém me vai convencer do contrário. Chegou o Anselmo, ouviu duas vezes, fez coro à terceira vez, disse é uma maravilha, o cretino! Copiou a letra para um papel e pediu autorização para a apresentar no próximo espectáculo. Estávamos tão chibados, o Aires Mestre e eu, que dissemos é uma merda mas está bem, só com uma condição, não revelares o nome dos autores, temos vergonha. O gajo do Anselmo tem bom ouvido, captou tudo direitinho, cantou-a na Tourada, foi um êxito, a rádio passa aquele nojo todo o tempo e até querem fazer um disco. Como é que não vou me sentir incompreendido...

– Pode ser antimúsica, mas é perfeita.

– Também tu? Fico desiludido.

– O que interessa a maneira do criador criar? E mesmo a intenção? Colaste o que chamas o mau dos outros. Só que o colaste de tal maneira que o conjunto é genial. Desde quando o todo é o somatório das partes? E o poema? Feito com os copos, muito bem, a brincar. Mas um poeta é poeta mesmo a brincar. É uma linguagem nova. E quem ouve a canção sabe que é a realidade duma geração. Esses homens que eram candengues e cresceram à volta, dentro, dos mercados paralelos... A vender e a revender ou a acompanhar a mãe que vendia e revendia, a ouvir conversas só de montinho, a tentar enganar o freguês e a entrar em negócios de coisas roubadas, esses homens poderiam ser outros senão o do poema? Podiam acabar de outra maneira? Egoístas, individualistas, frustrados, marginais... Desculpa, Afonso, mas música e poema são geniais, até porque se não podem separar. Não há colagem, há arte.

Mabiala ouviu de cabeça baixa. Ainda não tinha bebido muito, ainda não tinha entrado na fase da teimosia. Só o hálito mostrava que consumira a tarde no bar, o que não era suficiente para ele. Ou o bafo de álcool já estava entranhado, mesmo ficando uma semana a beber água? De qualquer modo não insistiu.

– Ouve, Afonso, posso te desiludir e ser cretina como os outros. Mas se todos acham essa música é boa, não serás tu que estás enganado?

– Depende. Se toda a gente foi educada com má música, só pode gostar do medíocre.

– Sim, podia acontecer. Se estivéssemos isolados do Mundo. E não estamos, o Mundo hoje é só um.

Ele sacudiu a cabeça e sorriu. Os olhos se iluminaram de novo. Falou com a voz mais alta.

– Não interessa essa canção. O que me atormenta agora... Tu sabes, imaginas pelo menos. Tenho uma música fantástica na cabeça, uma música não, só partes, pequenos fragmentos. Por vezes só acordes. Tu criaste isso, com as tuas alusões. Mas preciso saber mais. Tens de me contar o que anda pela tua cabeça.

– Ainda é cedo.

– Porra, não é nada cedo. Ou não acreditas também te posso ajudar a meter ordem nas ideias? A dois é mais fácil. Tu falas e eu

trauteio. E gravamos tudo. Não tens um gravador? Então? Depois essas gravações vão nos servir para a música e o resto.

– Está tudo tão confuso!

– Óptimo! Conta essa confusão, de forma confusa, com palavras confusas. E isso mesmo que eu preciso. Que nós precisamos. De desconfundir esta confusão em que vivemos. Salva-me, Lu. E a ti própria.

Quem pode saber quando chega o momento do começo da brisa? O momento exacto das coisas necessárias nunca se anuncia, é apenas o momento do impulso irresistível, o começo. Isto se disse Lu, enquanto lhe subia um calor do ventre como quando uma flor se abre, e esse calor sufocou a garganta e ela quase gritou:

– Traz o gravador, está ali, na sala. E as primeiras cassetes que apanhares, não interessa se estão gravadas, rápido, antes que marrependa.

Num salto, Mabiala foi buscar as coisas, ligou o gravador, não a tempo de captar a primeira frase, mas não interessava, muitas vezes ela ia repetir as ideias, as frases, ia prolongar os silêncios e os gaguejes, ia dizer não é assim, pois falou durante quatro horas, até Olga vir, trazendo jantar para os dois e partindo em seguida para o ensaio, enquanto Lu falava e só interrompeu quando chegou Timóteo, o qual a examinou rapidamente e saiu, alegando ter um doente urgente, mas também podia ser por ela não estar sozinha, e Lu recomeçou imediatamente a falar, com ânsia incontável, sabia toda e mais às suas inquietações e dúvidas, contando o que sabia de Lueji e Tchinguri e Chinyama, por ter lido nos livros de Vansina, Henrique de Carvalho, Bastin, Redinha, Calder Miller e outros, versões contraditórias todas elas e mais as versões que imaginava poderem existir, e lia os apontamentos para citar os autores e também as invenções dela, os personagens fictícios mas tão importantes quanto os conhecidos, pois faziam as ligações lógicas e davam vida aos factos enterrados no esquecimento do tempo, talvez incómodos para os narradores da tradição oral e por isso apagados da História em momentos diferentes de afirmações de poderes, mas que ela fazia renascer para que o mito tivesse corpo e não apenas um esqueleto, deixando assim de ser mito para se tornar realidade presente que a amparasse, a alimentasse dessa fome de certezas

no seu mundo de hesitações e dúvidas, e descrevia passos e cenas de bailado à luz do Sol ou da Lua, em chanas e em florestas, soletrava solos e danças de roda, voltava atrás, improvisava, enquanto Mabilia fazia nascer a música dançando entre os dois, etérea, música que a ajudava a recompor situações, a aclarar os traços de Ndumba ua Tembo ou a última fala de Kandala, a eliminar gente a mais nas futuras encenações, música de marimbas, chingufos e ngomas, cortada por lasers imitando relâmpagos, música criando nacionalidade que tinha um pé ali, na Lunda de Lueji, e muitos outros algures, até mesmo para lá do grande lago salgado de Ocidente, mas a voz ficava cansada, se recusava a prosseguir, só mesmo um esforço enorme levava ainda Lu a narrar, enquanto Mabilia esquecia de perguntar se não há nada para beber e já Olga voltara do ensaio quando ela emudeceu definitivamente, depois de contar como via o Conselho dos Tubungo convocado por Lueji de emergência para anunciar a decisão da mudança da capital, onde primeiro aconteceu o espanto, a descrença, não pode ser, um espírito maligno tomou conta da soberana, mas os argumentos vieram, Kumbana explicou tudo e defendeu com ardor as ideias da linhagem, apoiadas agora pela indiscutível profecia de Kandala, o mais sábio da linhagem e de toda a Lunda, o único que podia adivinhar o futuro, enquanto muata Kakele estava arrasado no seu canto, para uma decisão tão fundamental nem tinha sido consultado antes do Conselho, reduzido à condição dum Tubungo como os outros, mas como velho guerreiro não podia ir contra, era a única estratégia possível embora mudasse a vida de toda a gente, o desbravar de novos terrenos quando as searas se anunciavam boas nos antigos, a construção de novas casas, o que era relativamente secundário, casas se constróem num dia, mas o mais importante seriam as novas combinações de poder, agora apenas ao critério de Lueji que iria indicar a cada um onde edificar a sua chipanga e onde mandar as mulheres fazer a sua lavra, a disposição delas indicando quais os Tubungo preferidos e quais os caídos em desgraça e ele adivinhava já ficar com um terreno marginal, afastado da onganda real, perdera a consideração e confiança da soberana ainda não sabia porquê, num dia ela seguia os seus conselhos para no outro dia os ignorar, como hoje que nem sequer os pediu, mas o instinto

guerreiro o obrigou a tomar a palavra e defender as ideias de mudança da capital, não tinham tempo para mais nada nem para mobilizar exércitos, mas pedia que cada um reunisse desde já os seus homens, pois mesmo que não enfrentassem o primeiro embate, sempre podiam ir depois em socorro da nova Mussumba e da soberana, certamente cercados pelos fanáticos de Tchinguri, contando com a fome que ia se instalar entre os sitiados quando acabassem as reservas alimentares, ao que os jovens Tubungo contrapunham estratégias suicidas de atacar primeiro, assim é que se lutava, se fechar na nova Mussumba era covardia de velhos e mulheres, oh jovens incautos que não medem as suas palavras, ofendiam o orgulho da rainha que saltou para cima, parecia era Tchinguri, desafiando os jovens de sangue quente e cabeça vazia a provarem que ela era covarde, sem mencionar sequer a cena do leão pois todos entenderam e baixaram as cabeças, mulher mais valorosa não havia em toda a Lunda, só os melhores entre os melhores a ela se podiam comparar, o ngombo o tinha provado mais de uma vez, o que fez surgir mais vozes de apoio, agora dos velhos também ofendidos e se protegendo por trás da soberana, ela tinha o prestígio e eles a força, aliança decisiva em qualquer

Conselho, até mesmo para Kakolo, sogro de Tchinguri mas apoiante de Ndumba ua Tembo e que fez pender a balança pois a ele se seguiu o próprio Ndumba, até aí calado, também irritado por não ter sido consultado antes, então ela já esqueceu a minha proposta, essa omissão significava o pouco caso que lhe merecia apesar das palavras melosas, mas teve de se pronunciar mesmo, quase obrigado pela intervenção de Kakolo que lhe estava a indicar, é surgido o momento de apareceres a apoiar a rainha e a virar a discussão, deves sempre surgir como o que a apoia no exacto momento em que as vontades estão empatadas, essa é a tua oportunidade de futuro pelo eterno reconhecimento dela, e Ndumba falou então forte e duro, virado contra os jovens Tubungo de sangue quente, mais velhos no entanto que ele próprio, quem falava em coragem que o provasse no campo de batalha, fosse imediatamente mobilizar os seus homens se preparando para reforçarem a nova Mussumba ou, se o tempo não desse, para intervirem logo que Tchinguri a atacasse, mas também aproveitava fazer uma sugestão

e era a de se nomear um comandante máximo das forças dispersas fora da nova Mussumba, pois deviam atacar os sitiados de forma coordenada e isso só era possível com um comando único, não podia ser segundo a vontade de cada Tubungo, o que fez muitas cabeças aprovarem imediatamente, este Ndumba é um rapaz esperto e sensato, vai longe, mas Lueji interrompeu os rumores de aprovação e os agora raros rumores de ressentimento dos jovens, é uma ideia excelente mas não é o Conselho a nomear, isso é atributo meu e não cedo as minhas prerrogativas de chefe dos Tubungo e por isso decido aqui mesmo e à vossa frente que esse comandante máximo que reunirá todas as forças dispersas será o meu amigo Ndumba ua Tembo, não porque teve a ideia aqui apresentada mas porque é um grande caçador e comandante, cuja coragem eu mesma constatei e todos conhecem, e só espero que ele vença o tempo e vá socorrer Mussumba antes que tenhamos morrido de fome ou espetados pelas azagaia de Tchinguri, fala esta que teve o estranho condão de unir quase todos imediatamente, esquecidas as divergências, pelo reconhecimento da extrema sabedoria da soberana que sabia escolher os homens certos e no momento exacto, atributo de quem anda na graça dos espíritos e por isso já se pode cantar vitória, os olhos luminosos de confiança, menos os amigos de Tchinguri, sem saber a atitude a tomar, pois não podiam se manifestar a favor do degredado e contra o espírito de Kondi, apenas aguardar os acontecimentos e depois escolher a forma de apoiar Tchinguri, mas claro que uma coisa estava entre eles decidida mesmo sem se concertarem, para a nova Mussumba é que não iam, ficavam na velha preparando as condições de entrada do seu favorito, porque era o caminho obrigatório para a nova e então se podiam juntar a ele como mandam as regras da lealdade, apesar de estarem temerosos por irem desafiar a vontade de Kondi, pois mesmo conhecendo as falas de Tchinguri temiam os espíritos como os outros, só ele tinha a coragem de os afrontar lucidamente, rindo até aquelas gargalhadas sarcásticas de arrepiar, tão diferentes destas dos Tubungo que riam já de confiança na vitória, mas eram gargalhadas de grupo, com a coragem dos muitos que eram, não suportavam a solidão de Tchinguri e a sua coragem nessa solidão, só Lueji sabia mas não queria pensar nisso no momento, abafado

no mais íntimo o sentimento pelo irmão-herói tão perseguido por tudo quanto era espírito dos lundas, nem mesmo já o pior dos feiticeiros era tão odiado e agredido em pensamentos e falas, mil vezes esquartejado em sonhos de vingança e agora apupado em coro, que venha Tchinguri para nós lhe cortarmos a cabeça, que venha Tchinguri, não temos medo, esquecidos já dos tremores provocados tantas vezes pelos perfurantes olhos dele, dos seus gritos súbitos, daquele bater de pés no chão, força contida do rio que rebenta as margens e leva tudo à sua passagem, esquecidos do medo de ainda ontem à noite em que o ladrar dum cão prevenia da ameaça concreta, esquecidos mesmo de reparar nas faces graves da soberana, de Kakele e Kumbana, os que por uma razão ou outra sentiam o perigo verdadeiro e não gastavam forças em gargalhadas e gabarolices e ali estavam para pensar, o que acabou por fazer a rainha, dando por encerrado o Conselho dos Tubungo com todas as suas decisões ratificadas, mas podia mesmo ser de outra maneira?

No fim da reunião, Lueji chamou o ainda mais convencido Ndumba à parte e lhe ordenou, vai já preparar os teus homens, não há tempo a perder, eu vou ver o sítio da nova Mussumba. Ele encheu o peito de orgulho, desta vez a rainha lhe tinha dado um importante testemunho de consideração e o tinha elevado em relação a todos, e respondeu parto sem tardar. As terras de Ndumba ficavam depois do Luengue, a cinco dias de marcha da capital. Assim, estaria sempre na retaguarda de Tchinguri, se este avançasse contra Mussumba. Mas suficientemente perto para atacar por trás, em caso de necessidade, colocando os insurrectos em difícil posição, a sitiarem a capital e a serem atacados pelas costas. Lueji agora entendia claramente o plano de Salukunga e Kumbana. A mudança da cidade fazia ganhar tempo, pois dois dias que fossem de resistência eram suficientes para que os pequenos exércitos se reunissem e atacassem Tchinguri, virando fatalmente as operações a favor da soberana. Se admirou da inteligência do seu tio. Quem não pode andar tem mais tempo para pensar, é isso. E Kumbana, que quase gritou para ela, só para a obrigar a defender o lukano! Estava contente por lhe ter oferecido a sua mais bela amilombe como concubina. Outras lhe daria, pois ele merecia.

Kumbana opôs certa resistência quando ela disse, prepara uma pequena escolta, vamos ver o sítio da nova Mussumba.

– Se vamos agora, não dá para voltar hoje. Vais ter de dormir ao ar livre, rainha.

– E depois, isso tem mal? Não temos tempo a perder. Devo ver o sítio para planear a mudança. Há muito a decidir.

Ele inclinou a cabeça em obediência e foi preparar a escolta. Entretanto, Kakele quase correu mas conseguiu apanhar Lueji a tempo de lhe aconselhar, com voz cúmplice:

– Rainha, tens de eliminar já os amigos de Tchinguri. Estiveram calados durante todo o Conselho. Vão te trair.

Eliminar Nandonge e os outros? Amigos de Tchinguri, mas seus amigos também. Apenas porque estiveram calados? Fez um ar espantado.

– Claro, Lueji. Antes de mudares a Mussumba, ordena a sua morte. Assim enfraqueces os teus inimigos. Eles vão passar para o outro lado.

Considerou os argumentos de Kakele. Com horror. Era para isso que a tinham feito rainha? Um braço que manda matar quando os Tubungo querem?

– Que passem! Não serei nunca a primeira a atacar. Isso significa um ataque a Tchinguri. E não quero mortes inúteis, de quem quer que seja.

– Assim muitos mais vão morrer.

– Nunca se dirá eu mandei matar alguém para prevenir o que ele ia fazer. Se traírem, serão castigados. Mas só depois...

Virou as costas a Kakele, com raiva. Deu sinal a Kumbana e partiram mesmo, antes de o Sol estar a pino, apenas com uma escolta de dez guardas e sem carregadores. O ritmo da marcha foi rápido, sem os carregadores nem as liteiras a estorvar. Lueji caminhando à frente, logo a seguir a Kumbana, levando a azagaia e o escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo. Desviando pelo Sul, não precisaram atravessar o rio Cajidixi, penetrando na estreita passagem entre este e o Kalanhi, onde se ergueria a paliçada. Subiram para o Norte e começaram a encontrar as gentes de Salukunga, homens e mulheres, a cortar árvores nos bosques.

Ainda o Sol batia em cheio e já inspeccionavam todos os sítios, escolhendo o lugar da onganda real e os das outras chipangas. Chegaram até ao ponto mais norte, onde o Cajidixi mergulhava no Kalanhi, para depois correrem juntos. Bastariam alguns pontos de observação aí, pois os rios caudalosos, cheios de rápidos, furando entre montanhas, praticamente impossibilitavam qualquer travessia escondida de muitos homens. E Tchinguri não podia trazer tantas canoas. O lado norte era absolutamente seguro, protegido pelos penhascos de difícil acesso. O lado ocidental, onde corria o Cajidixi antes de se reunir ao Kalanhi, era mais vulnerável, pois aí o rio passava por morros menos altos e as águas eram mais calmas, apesar de ser necessário construir canoas grandes, para atravessarem um grupo numeroso de homens. De qualquer modo, havia que reforçar a guarda desse flanco, sobre os rochedos numerosos que encimavam os morros. O lado oriental era tão inacessível como o do norte, por causa dos rápidos do Kalanhi. Restava o sul, sem rios, onde se deveria construir a paliçada de troncos de árvores, com mais de dois metros de altura. Na parte interior da paliçada iam erguer um muro de terra, em cima do qual os soldados ficariam para disparar as flechas sobre os sitiantes.

Depois de escolherem o terreno onde se ia edificar a nova Mussumba, que, pela tradição, devia ter a forma dum cágado com as patas de fora, Lueji se aprestou a seguir o ritual para indicar os principais pontos. Montou para as costas dum kimangata, no sítio escolhido para a sua onganda, e se virou para o nascente. Fez um gesto e os homens começaram a pisar o capim dos dois lados, marcando a linha. À frente dos homens deveria marchar o kalala, o comandante das forças de vanguarda. Lueji reservava esse cargo vago para Kandumba, sem ninguém saber. A conversa com Chinyama tinha reforçado a sua opinião, pois o kalala era sempre um Tubungo e Kandumba não o era. Mas ia imitar Tchinguri, nomear o competente e não alguém que só pelo nascimento tinha direito ao cargo. Ele não se encontrava ali e por isso o trabalho foi executado por Kumbana. Este avançou para oriente, até ao sítio onde deveria ficar a chipanga do kalala, na parte da frente da Mussumba, chamada o messu, isto é, os olhos. Os homens seguiram Kumbana, calcando o capim e assim marcando o traçado da rua principal.

Depois Lueji se virou para ocidente, indicando a continuação da rua principal até ao extremo de trás, o mazembe, isto é, a cauda. No mazembe seria erguida a chipanga do kanapumba, o comandante da guarda real. Por isso Kumbana foi à frente dos homens, calculando a distância a que a sua residência ficaria da onganda real. Escolhido o sítio e calcado o capim para se indicar a extensão completa da rua principal, Lueji se virou para o norte e o sul, marcando uma cruz que sairia da sua residência. Saiu das costas do kimangata e sentou no chão. Exactamente nesse sítio seria a porta da onganda.

Traçado o esquema principal de Mussumba, Lueji foi indicando a Kumbana os lugares onde os muatas iam erguer as suas chipangas. A posição de cada chipanga era escolhida em função da importância que Lueji atribuía ao muata.

Finalmente, no local onde seria a onganda, ela plantou uma mulemba. Isto foi feito no máximo silêncio e ansiedade. Um frémito de tensão percorreu o povo reunido a assistir, quando ela invocou os espíritos dos antepassados. Se a mulemba vingasse e crescesse normalmente, o seu reinado seria frutuoso. Se a mulemba secasse, os maiores horrores atingiriam o povo lunda, pois a rainha tinha cometido faltas imperdoáveis que exigiriam a terrível vingança dos espíritos: epidemias, secas, guerras.

Terminadas as cerimónias para a implantação da nova Mussumba, o povo voltou aos seus trabalhos. Lueji ficou com Kumbana e os soldados da guarda, contemplando ainda o sítio da capital. E as águas revoltas do Kalanhi ali perto.

– Rainha, mandaste-me fazer o trabalho do kalala – disse Kumbana. – Já pensaste em alguém para esse posto?

– Kandumba, é claro. Tu és o kanapumba e ele será o kalala. Assim posso dormir tranquila. Pensavas ia nomear o Kakele ou o Ndumba como kalala?

O chefe da guarda sorriu, satisfeito pelo irmão. Mas se sentiu na obrigação de avisar:

– Os muatas não vão gostar.

– Sei. Mas vão estar demasiado ocupados com a guerra para refilar. Por favor, Kumbana, não passes o mujimbo, nem mesmo a Kandumba. Escolherei o momento certo para o anunciar.

Foram andando lentamente, olhando para todos os lados, se familiarizando com o sítio. Não era ali que iam viver a partir de agora e combater?

– Temos de fazer grande reserva de pontas de flecha – se lembrou Lueji de repente.

– Melhor que isso, rainha. Pedi a Ndumba ua Tembo para, antes de partir, dizer ao seu tio Kakoma de mudar já. Será um dos primeiros a se instalar aqui. Monta a forja e começa a fabricar as pontas. Pedimos a Salukunga para nos mandar ferro não fundido. Há lá muito no Kalanhi. Ficamos com reservas que chegam para destruir dois mil homens.

– Bravo, Kumbana, pensaste em tudo.

– Oh, certamente que não, Lueji.

Viram os homens a trabalhar. Por todos os lados se ouvia o barulho dos machados. Ao mesmo tempo que cortavam os paus para a paliçada, adiantavam desmaiar o terreno para as futuras lavras de massango e massambala. Depois seria o trabalho das mulheres, cavar e semear. Mas agora elas ajudavam no transporte dos troncos para o local da paliçada. Toda a gente minimamente válida do Kalanhi estava ali, menos os jovens do kilombo que aproveitavam os dias para treinar táticas defensivas.

– Logo que a paliçada esteja pronta – disse Kumbana – , os homens de Kandumba vêm para aqui. Conhecerem bem o terreno e treinarem no sítio onde vai haver os combates. É uma grande vantagem nossa.

– Quando será isso?

– Não sei. Talvez uma semana.

– Numa semana já Tchinguri pode estar aqui.

– Eu sei, rainha. Mas é uma grande paliçada, com essa gente é difícil fazer antes.

– Pode vir gente de Mussumba ajudar. Vou dizer aos muatas para mandarem todos os seus homens válidos à frente, para cortarem e transportarem os troncos. As mulheres podem fazer a mudança das imbambas de Mussumba para cá.

– Assim podemos fazer a paliçada mais rápido. Se os muatas aceitarem, Lueji.

– Vou tentar.

Mas ia haver problemas de comida e eles estavam conscientes disso. Os alimentos tinham de vir do Kalanhi e de Mussumba e muita gente tinha de se ocupar do seu transporte, o que reduzia a força de trabalho. Era necessária uma mobilização geral. Lueji pensou por isso mesmo é preciso trazer o máximo de muatas possível para a nova Mussumba. Com eles vem a sua gente e ficam tão interessados na construção e defesa da Mussumba como eu. Muitos vão querer voltar para os seus territórios de origem e isso é mau, enfraquece o poder de resistência. Tchinguri vence-os um a um. Tinha de os convencer, ou mesmo obrigar. Tinha força para isso? Não é fácil fazer as gentes mudarem de sítio de residência, ela mesma se recusara no princípio. Mas não tinha outra solução. O lukano precisava de muitos braços ali na nova Mussumba, para a construírem e defenderem e para a alimentarem. Se os muatas arranhassem pretextos de se espalhar pela Lunda, ela devia imaginar um estratagema qualquer. Precisava pensar muito nisso.

Veio o anoitecer e o trabalho parou. Se juntou toda a gente num descampado onde, durante a tarde, Kakongo, um primo de Lueji, tinha improvisado uma cubata para a soberana dormir. A comida trazida do Kalanhi foi servida. Cerca de quinhentas pessoas ali se encontravam para os trabalhos e no dia seguinte mais comida tinha de chegar. Instintivamente, as mulheres se sentaram mais perto de Lueji e os gracejos em relação ao trabalho dos homens começou. Os homens, do outro lado, replicavam, mas sem muito calor, intimidados pela presença da rainha na equipa feminina. Com a comida, foram esquecidas as fadigas do dia de trabalho. Logo começaram a aquecer os ngomas e o batuque se sobrepôs às falas e gargalhadas. Ninguém que podia resistir ao apelo do batuque. E todos se puseram numa roda gigantesca para dançar. Kakongo organizou a dança, era impecável no papel de mestre-de-cerimónias, notou Lueji. Horas depois, quando se foi deitar, Lueji levava consigo uma ideia que pensava discutir no dia seguinte com Kumbana.

Não havia galos ainda para despertar as pessoas. Foram os primeiros luares da madrugada que acordaram os pássaros e o canto destes fez inquietar os corpos deitados no chão. Novo dia de trabalho começava.

Lueji acordou com os barulhos levantados pelo acampamento. Estava cansada da viagem e da exploração interminável a todos os recantos do novo sítio e ainda da dança nocturna. Mas encontrou já na cubata água para se lavar. E uma mulher para a ajudar.

– Quem mandou trazer a água? – perguntou à mulher.

– Foi Kakongo.

Era isso mesmo, a sua ideia estava certa. Se lavou e procurou Kumbana. Ele já estava a vigiar o trabalho da paliçada. Também devia escolher o sítio para o único portão de entrada pela paliçada. Tinha de estar estrategicamente colocado pois seria o ponto mais vulnerável de todo o sistema defensivo. Lueji deixou-o terminar a escolha. Depois disse:

– Conheces o meu primo Kakongo?

– Sim, rainha, conheço-o há muito tempo, andou lá pelas minhas terras. É um rapaz muito inteligente e conhecedor duma série de coisas. Infelizmente não dá para guerreiro.

– Penso nomeá-lo no lugar de Kanyika, como chefe de protocolo. Que achas?

– Para isso é bom. É delicado e frágil, quase uma mulher, por isso não serve para a guerra. Mas não é membro do Conselho dos Tubungo, rainha.

– Também Kanyika não era. Nomeio-o e assim passa a ser membro do Conselho.

Kakele ia ficar mais uma vez furioso, os Tubungo não gostavam desse género de cooptações para o Conselho pelo cargo. Mas não tinha importância. Só o ia nomear quando a capital estivesse instalada na nova Mussumba e antes do ataque de Tchinguri. Seria um facto secundário nesse momento, com toda a gente preocupada masé com a guerra. E numa coisa Tchinguri tinha razão, o soberano não podia estar sempre amarrado pelo Conselho. Uma forma era nomear gente nova para as funções da corte e consequentemente pô-los no Conselho. Isso reduzia a influência dos velhos Tubungo que só sabiam discutir e atrasar as decisões. Lueji sorriu para dentro. Ela combatia Tchinguri mas aproveitava as suas ideias.

– E o sistema de mundos, Kumbana?

– Está montado até aqui. Para Mussumba é que era difícil, há muito terreno sem população. A propósito, queres enviar uma

mensagem ao teu tio?

– Sim. Que estou aqui e o saúdo. Mas atenção, não ordenes o toque do leão.

O toque do leão era a inovação de Kamexi, num código muito mais simples, para chamar o exército a Mussumba. Kumbana deu as ordens. Em breve se ouviam os sons graves do mondo cruzando os ares para o sul. Quando tinham acabado de ver todo o trabalho da paliçada, ouviram do sul os sons dum mondo e, em breve, aparecia o tocador com a mensagem:

– Rainha, teu tio Salukunga pergunta se o vais visitar. E que já partiu para aqui uma caravana com mais comida.

– Responde que não posso ir visitá-lo agora. Regresso já a Mussumba.

O tocador lá foi a correr para o morro onde estava o mondo. E de novo os sons graves cruzaram os ares.

– É rápido – disse Lueji.

– Os tocadores estão bem colocados em elevações e praticaram muito os sinais. Quase não é preciso repetir os toques. O do leão é ainda mais rápido.

– Kamexi é eficiente. Vou precisar muito dele.

Tinha chegado a hora de partir. Lueji se despediu dos muatas da linhagem e foi saudando o povo à medida que passava a caminho de Mussumba. Agora havia que acelerar a mudança. E trazer o máximo de muatas possível.

Ainda o Sol não estava no meio-dia e já a rainha entrava na capital e agora vais descansar, lhe disse Kumbana.

– Vou descansar as pernas. Mas há muita coisa a fazer.

Tinha acabado de se lavar e beber o ndoka que Nayole lhe trouxe e já alguns muatas pediam para ser recebidos. Lueji não respeitou a ordem dos pedidos e mandou entrar primeiro muatas Vungi e Mua Cangombe, por serem amigos de Chinyama. Talvez lhe trouxessem notícias do irmão. Eles entraram com grandes deferências e cudicalando ritualmente.

– São mujimbos de Chinyama?

– Sim – disse Vungi, olhando admirado para o outro, como podia ela adivinhar? – Recebemos uma mensagem dele. Está muito triste, muito isolado lá no Sul do Kalanhi. Pede para irmos ter com ele.

Tem medo que Tchinguri o obrigue a te fazer a guerra e ele não quer. Se estivermos ao lado dele, poderá resistir melhor.

– Vocês falaram com ele antes de partir, não?

– Sim, rainha – respondeu Mua Cangombe. – Naquela noite que dormiu em casa de Kumbana, este nos mandou chamar. Pudemos assim falar com Chinyama e ele nos explicou tudo. Não queremos ficar do lado de Tchinguri, não estamos de acordo com o teu irmão mais velho. Mas somos amigos de Chinyama e os nossos territórios são vizinhos. Por isso te pedimos, deixa-nos voltar para as nossas terras, ficamos lá com Chinyama.

– A minha decisão é que todos devem ir para a nova Mussumba. Há muito trabalho lá. Ia informar os Tubungo.

– Compreendemos, rainha – disse Vungi. – Por isso te pedimos encarecidamente para nos deixares partir para as nossas terras. Podemos ser mais úteis lá que na nova Mussumba. Ao lado de Chinyama, podemos ser uma força moderadora em relação a Tchinguri.

Não era nada, queriam masé evitar ficar entre dois fogos e terem de escolher o campo da rainha, pensou Lueji. Mas que ganho em guardar aliados destes? A nova Mussumba precisava de braços, mas os homens dos dois muatas ficavam a sul das terras de Chinyama, muito longe portanto. Não serviam para nada como aliados. E se fossem forçados a acompanhá-la, talvez por despeito se sentissem atraídos pela traição. Não tragas lacraus para casa, podem te picar, lhe ensinaram em menina. Levantou o braço.

– Juram pelos antepassados que não vão apoiar Tchinguri?

– Juramos.

– Então podem ir. E dêem saudações minhas a Chinyama.

Os dois muatas saíram, com muitos salamaleques e agradecimentos, esfregando poeira nos braços. Chinyama vai ficar eternamente reconhe cido a ti, ele só quer o teu bem e está muito triste por as coisas acabarem assim, mas não te trairemos e muito obrigado, muana vuliê.

Outros muatas pediam audiência também para obterem autorização de regressar às suas terras e a rainha respondeu diferentemente a uns e a outros. Consentiu partissem aqueles que ela tinha a certeza de irem mobilizar homens para se juntarem às

forças de Ndumba ua Tembo e constituírem o exército exterior. Os outros não autorizou. Iriam para a nova Mussumba com toda a sua gente, era preciso muito trabalho para erguer a paliçada. Rogos, protestos velados, ela não tinha autoridade para tanto, o soba é apenas um pouco superior a um Tubungo e se tratando duma rainha... Não adiantava, ela não vergava. No caminho tinha feito a contabilidade dos nobres, um a um, e sabia quem podia dispensar. Jogava todo o prestígio dela e do lukano nessa prova de força. E os Tubungo se iam retirando, resmungando mas sem ousarem desobedecer.

Também muata Kakele apareceu, foi dos últimos, faria como a rainha ordenasse mas lhe parecia ser mais útil fora que dentro da nova Mussumba, por isso a aconselhava a deixá-lo partir mobilizar a sua gente para marchar com Ndumba.

– Podes mandar um teu filho mobilizar os homens. Mas os teus conselhos em tempo de guerra não posso dispensar, muata Kakele. Por isso mesmo escolhi um sítio próximo da minha onganda para edificares a tua chipanga.

O velho não esperava ouvir aquilo, ainda na véspera o seu conselho tinha sido rejeitado com raiva. Viver perto da rainha era um argumento decisivo. Ela reconhecia a sua utilidade e o colocava em situação de grande prestígio. No entanto, nada no rosto astuto fez mostrar o contentamento dele.

– Disse logo no princípio que faria conforme a tua vontade, Lueji.

E saiu, de coração ligeiro, para convencer os outros Tubungo a seguirem as ordens da rainha, apesar de serem um pouco arbitrárias e prepotentes. Em tempo de guerra, é compreensível que o chefe seja mais duro, justificou ele, com uma ponta de ternura.

O problema de Lueji era Kandala, estava muito velho para andar tanto, mas tinha de o ter a seu lado. Mandou-o chamar.

– Vi um sítio perfeito para ti. Um morro, com rochedos e árvores, muito parecido com aquele em que habitas, quando estás fora de Mussumba. E vais numa liteira para não te cansares. Preciso de ti, por favor, pai.

– Não precisas de pedir. Nunca te abandonaria, minha filha. Mas obrigado pela atenção. Aceito a liteira, as pernas já estão muito cansadas.

Por fim, Nayole acabou com as audiências. À falta de chefe de protocolo, ela tomou a iniciativa de despachar para o dia seguinte os muatas que queriam vir apresentar problemas, a rainha precisa de descansar. Veio ter com a filha, pus todos na rua, tens de comer e dormir.

– Não adianta muito, mãe. Amanhã tenho na mesma de os receber. E à noite pouco durmo, tenho muita coisa em que pensar. Se o pai soubesse que era tão duro para mim...

– Ele sabia. Julgas não sabia?

Um muata, no entanto, ainda conseguiu furar a barreira de Nayole, insistindo, trago novidades do Nordeste, urgentes e importantes. Lueji acabou por o receber e ouviu da boca dele o mujimbo, um nobre luba mais o seu séquito avançavam para o Kalanhi à procura de caça. É uma invasão dos lubas? As informações dizem não, rainha, é um grupo pequeno que caça elefantes, dentro de dias chegará ao Kalanhi. A soberana tinha muito em que pensar, mais tarde se ocuparia dos caçadores lubas, afinal o mujimbo não era assim tão importante nem urgente, em tempo de guerra civil quem se ocupa de elefantes?

Nos dias seguintes foi a mesma coisa. Audiências, decisões. Era preciso torná-las rápidas, ordenar, ser dura, por vezes gritar. Eu antes ficava com dores de garganta se gritava muito nas brincadeiras, até chegava a ficar sem fala. Agora nem direito tenho de perder a voz, com ela perco o lukano. É isso ser rainha.

Mas a mudança da Mussumba lá se fazia. Primeiro foram construir os novos celeiros e silos, para guardar a comida que pudessem levar. Depois começou o transporte propriamente dito. Era uma dor de coração ver os belos campos de massango e massambala, prometendo uma colheita excepcional, serem abandonados nas mãos de Tchinguri. Se a guerra durasse pouco, talvez pudessem voltar para os colher, a tempo de evitarem a fome. Das nakas retiravam todos os legumes que podiam, mesmo que não tivessem crescido o máximo. As mulheres arrancavam o macunde ainda pequenino e se lamentavam ódios contra Tchinguri. Mil vezes ele teria morrido se as pragas valessem para alguma coisa contra ele. Mas estava imunizado, era feiticeiro dos mais malignos, feiticeiro não sofre pragas, se diziam as mulheres, desesperadas, arrancando

as folhas de jinguba e jimbôa, pelo menos serviam para alguma coisa.

Seis dias depois de Tchinguri ter saído de Mussumba, seis dias precisamente, numa noite escura de estrelas tapadas pelas nuvens, a cabeça de Katuya foi atirada para a casa de Kakele e uma voz gritou, assim morrem os que vão espiar Tchinguri e assim vão ficar os cobardes Tubungo.

Por mais batidas que se fizessem, não foi descoberto o portador do presente macabro. Muata Kakele chorava e arrancava os cabelos, porque me lembrei de o mandar para lá, o meu melhor filho?

Na Lunda inteira soavam os tambores de guerra.

Uli se despediu dos colegas e entrou no carro. Ninguém precisava de boleia e já era tarde, mais das onze da noite. Decidiu ir para casa. Apanhou a Marginal, a caminho da Ilha. Silencioso aquele carro do irmão mais velho. A mãe ia comprar um para ele, logo que acabasse o curso, estava prometido. E a velha cumpria as promessas, dinheiro não lhe faltava. Toda a vida fora vendedeira de peixe, ali mesmo na Ilha do Cabo. O pai pescava e a mãe vendia no passeio. Tiveram a vida pobre de pescador e peixeira até pouco depois de Uli nascer. Vida pobre, pois o preço do peixe era baixo e sofriam da abundância do pescado pelas traineiras. Tiveram sorte de ir habitar as casas novas, construídas dentro dum plano colonial para adaptar as habitações aos costumes do povo. Projecto para toda a Ilha, mas ficou só no começo. Foi nessa casa nova, de tijolos e cimento, com um muro circundando o quintal onde se cozinhava e se comia, que Uli nasceu, em 1974.

Pouco depois tudo mudava. Houve as guerras de Luanda e depois a independência, Uli deixou o pai nessas guerras, dele não guarda memória, pois foi morto por não aderir à FNLA que queria dominar a Ilha. A mãe não voltou a casar, tomou conta dos dois filhos varões e da menina, a Alcinda. Passou a comprar o peixe aos irmãos, cunhados e primos, e a revender no passeio. Mas as traineiras tinham ido embora, ou para Portugal ou para a África do Sul, o peixe faltava e a carne também. Os preços foram subindo progressivamente. Nunca mais faltou dinheiro em casa. Depois começaram a vir outros estrangeiros, os cooperantes. E hábitos novos se introduziram, primeiro timidamente, para se tornarem em normas praticamente obrigatórias. O peixe era cada vez mais trocado por produtos de importação, comida, mas sobretudo cerveja em lata. E os preços subiam, subiam. A mãe vendia a cerveja de lata e acumulava dinheiro nos garrafões enterrados no quintal. Garrafões e mais garrafões. Essa é a primeira lembrança de Uli.

Caixas de cerveja Heineken, Tuborg, Brahma, Sagres, Stella Artois, nomes estranhos e familiares, acumuladas num quarto reservado só para arrecadação, e garrações cheios de dinheiro enterrados no quintal, Uli lembra agora, ao atravessar a antiga ponte que ligou a Ilha ao continente, as suas primeiras impressões vendo os estrangeiros quase lutarem para trocar o peixe-espada, na época chamado «cinturão das Fapla», ou o pargo ou a corvina, por uma caixa de cerveja. Os angolanos vinham humildemente com notas de mil e quase eram escorraçados, leva esse dinheiro vermelho, desse tenho muito, traz masé cerveja. E depois também eram desprezados mesmo trazendo cerveja, xi, quem quer essa Cuca que sabe mal e às vezes tem barata dentro, leva lá isso, só troco por cerveja da estranja ou Coca-cola de lata. Aconselhada pelos familiares, a mãe um dia abriu uma conta no Banco Popular. Foi festa lá em casa, mobilizada toda a família para ir com ela depositar o dinheiro em malas e sacos emprestados, tantas eram as notas de mil kuanzas. Mas, prudentemente, nunca se sabe se os do Banco não me desviam o dinheiro, deixou ainda muitos garrações enterrados, era a sua reserva de segurança.

Uli entrou na escola e passava todos os dias à frente da Escola de Dança e via os meninos e meninas, vestidos de modo estranho, entrarem e saírem do prédio. Primeiro foi a curiosidade, depois o fascínio da descoberta. Não falou em casa, decidiu sozinho ir perguntar se não havia vaga para ele. Havia e foi aceite, se adivinhava nele um corpo ideal, esguio e seco dos homens do mar. Deu grande maka lá em casa, então o menino de manhã vai na escola e ainda quer ir de tarde para a cidade dançar? Alguém mais conhecedor lançou, ainda por cima dança de branco e foi a confusão. Ao menos se fosse a nossa, essa que dançamos no Carnaval... Uli tinha seis anos mas argumentou com a sua voz fraca. É por isso mesmo, porque gosto sair no Carnaval atrás do «Sonho da Kianda», porque gosto dos ensaios na areia, que quero aprender melhor as danças, todas elas, de branco, de preto ou dazul, para melhor kazukutar no Carnaval. Foram makas e mais teimas, mas a mãe acabou por deixar. E Uli, até hoje, sai todos os anos no Carnaval, inventa o tempo quando o não tem para os ensaios do «Sonho da Kianda» e há cinco anos é o Rei, ostentando

orgulhosamente na cabeça a coroa de latas pintadas, imaginando passos novos baseados na tradição da Ilha, o que arranca sempre muitas palmas na Ave nida. Várias vezes foram os vencedores, pela qualidade dos bailarinos, pelas coreografias sempre originais, pelas músicas de Afonso Mabiala, pela união entre artistas e povo que os faz insuperáveis. Mas nos primeiros tempos Uli sofreu em silêncio. Os colegas do bailado eram quase todos filhos de quadros, vinham de carro para a Escola enquanto ele voltava a pé para a Ilha. Finalmente a mãe trocou latas de cerveja por uma bicicleta e ele deixou de ir a pé, mas havia sempre uma diferença. Pouco a pouco, os tempos foram mudando, outras crianças entraram na Escola porque os pais iam perdendo os preconceitos ou a vergonha, o bailado se popularizou, ganhou mesmo os bairros marginais e deixaram de ser nítidas as diferenças de classe. E surgiram os grupos formados nos terraços, como o deles, o Kukina.

Chegou a casa. A mãe já dormia. O irmão mais velho tinha casado e arranhou outra casa, ali perto. A Alcinda também casou e mudou. Com a mãe só vivia ele, o caçula. O irmão e o cunhado comandavam agora as traineiras que a mãe comprou. Ela deixou de vender o peixe no passeio, agora só vendia por grosso para os comerciantes. E falava em comprar outro barco. Nascera para o negócio, apesar de quase analfabeta. Mas o seu orgulho nem eram as traineiras, era o curso superior do filho caçula, o Senhor Doutor.

Uli ouviu bater à porta e foi abrir, antes que o visitante insistisse e acordasse a velha. Afinal era Timóteo. A estas horas?

– Passei pelo ensaio mas já tinhas saído. Livrei-me agora dum doente e por isso vim. Tens alguma coisa que se beba?

Uli foi buscar duas cervejas geladas, assim está bem ou preferes uísque? Timóteo aprovou com a cabeça. Sentaram nas poltronas forradas de veludo azul, escolha da velha.

– No princípio da noite passei na casa da Lu. Depois tive de ver um gajo que está quase a baicar, enfim, vai se safar... E achei que te devia falar mesmo hoje.

– A Lu está pior?

– Não, acalma-te. Aquilo passa, não é grave. Mas sabes quem estava lá com ela? Tão entretidos que quase não deram por mim? O Afonso e a sua viola.

– E depois?

Timóteo bebeu grande parte da cerveja. Falou, medindo mais as palavras:

– Vou te falar como irmão e que se lixe se ficas chateado. Toda a gente sabe o que estás a sofrer por causa da Lu, a Marina até foi embora. Acabaste ou não com ela, isso já não conta, deixa-me falar. Hoje vi como te escondias atrás dos outros, com medo de enfrentares a Lu. Nem lhe falaste, o que seria normal noutra altura qualquer. Não queres reconhecer que sofres, o problema é teu. Mas ela precisa de ti. De ti, principalmente. Precisa de alguém que a apoie. Se não fores tu, então será o Mabiala, ou o Jaime... ou eu! Escolha não lhe falta. Porra, decide-te.

Uli não gostou de saber Afonso na casa de Lu. Ela tinha o músico na máxima consideração, apesar de ser alcoólico e até há pouco tempo grande liambeiro. Podia, sim, acontecer. Mas não falou.

– Tu és um raio dum teimoso. Os gajos que falam pouco são sempre assim. E devo estar a perder o meu tempo contigo. Mas é por uma questão de honestidade. Acho que vocês se deviam entender, estão a esvair-se no chão um por causa do outro. Até que ela se desespere. Aí aparece outro. Depois ficas a roer as unhas. Toda a vida te vais culpar e não quero que isso suceda.

– Obrigado pelos sentimentos. Queres mais cerveja?

– Tuji, vai lá buscar.

Uli foi à cozinha tirar mais cerveja da geleira. Timóteo ficou a olhar um quadro que retratava os pescadores puxando as redes na Ilha. No mar se via um rinoceronte branco, Uli voltou e o médico disse:

– Esse quadro é novo aqui. Foi a velha que comprou?

– Não, fui eu, lhofereci no aniversário dela. É um Ole.

– Soberbo! Isso vale uma fortuna.

– Foi caro, sim, mas merece. E afinal a velha não apreciou tanto assim. Disse que disparate, nunca vi rinoceronte no mar, mas tem cores bonitas. Porque é que ele não pôs uma kianda no mar em vez do rinoceronte?

Riram, enquanto se serviam das cervejas geladas. Depois Timóteo voltou a ficar sério.

– Não tens nada para me dizer?

– Não. Estou a pensar.

– Pois pensa depressa, Uli. Não gostei nada do que vi lá na casa da Lu. É sempre assim que tudo começa, um amigo vai visitar, dá apoio, apoio, enfim... O que devia dar não aparece, arma em fino. Pumba, aconteceu!

– Não posso fazer nada.

– Podes, se meteres esse orgulho estúpido no cu.

– Não é orgulho.

– É quê então?

Uli mais uma vez não respondeu. Ficou olhando, pensativo, de cara fechada, para o copo de cerveja. Timóteo acabou com a bebida num trago longo.

– Vou embora. Pensa, mas age. Depois não digas que não tavisei. E pode dar-se mesmo o caso... Repara. Eu e a Júlia, isso já era, vou mesmo me divorciar, não dá mais. E a Lu sempre foi apetitosa. Sou o médico dela, lhe dou apoio... tudo pode acontecer. Nunca o faria se estivesse na jogada. Mas se saís dela, então tenho caminho aberto. Posso muito bem competir com os Mabilia. Depois não te queixes que o teu amigo te traiu. Mas um pedaço daqueles não pode ser atirado assim para o lixo. É caso de deontologia médica!

Deu uma gargalhada de despedida, bateu no ombro de Uli e saiu. O bailarino ficou a olhar o copo de cerveja. A mão tremia. O Afonso ainda estaria lá? Pensou num relance em pegar no carro e ir verificar. Merda, ciúmes ridículos! Bebeu tudo e ficou quieto, a sentir a cerveja percorrer o seu trajecto. Um rinoceronte branco no mar e não uma kianda. Não é a mesma coisa? Era, sim. O Mabilia podia visitar a Lu quantas vezes quisesse, ele tinha de ser forte e não entrar em pânico, embora a cabeça cortada de Katuya tivesse mesmo criado o pânico entre os Tubungo. Mas pânico maior foi criado pelos mujimbos que indicavam a saída do exército de Tchinguri do Luengue, a caminho de Mussumba. No fundo, os muatas sempre tiveram esperança que Tchinguri não ia ousar fazer a guerra. Agora se convenciam que não era ameaça vã. Apesar dos vem Tchinguri, para te cortarmos a cabeça, eles não tinham nenhuma vontade de se medirem contra ele, tinham terror daquele corpo pequeno e frenético que batia com os pés no chão quando o sangue lhe subia à cabeça.

Vieram quase em massa exigir da soberana a retirada imediata para o Kalanhi, aqui não temos defesa. Infelizmente a paliçada exigia mais trabalho que o previamente calculado e ainda não estava pronta. Vamos mesmo assim, lá acabamos a paliçada, pediam eles, todos nós trabalhamos. Lueji ouvia os Tubungo e se admirava. O que pode fazer o medo! Depois compreendeu as razões deles. Antes estavam a pensar que Tchinguri os ameaçava apenas, mas chegado o momento se viraria contra a rainha. Daí a resistência à mudança e as basófilas, mas sem tomarem medidas práticas de guerra. A cabeça de Katuya indicava a raiva de Tchinguri contra eles, raiva manifestada pelo facto de ela ser enviada ao pai, antes do ataque, para os intimidar, para lhes mostrar era mesmo contra eles ia se virar a vingança do escorraçado.

Se Tchinguri quisesse apenas o trono e não a desforra, atacaria primeiro e só mais tarde daria a conhecer o destino de Katuya. O alvo primeiro eram os Tubungo, era essa a mensagem sangrenta de Tchinguri.

– Um erro táctico – disse Kumbana. – Isso faz os Tubungo realmente se unirem contra Tchinguri, agora não têm alternativa.

– Sim – disse Lueji. – Vamos aproveitar e mudar definitivamente a Mussumba hoje mesmo. Eles virão todos atrás.

E foi mesmo assim. Mal a rainha e o seu séquito, carregando as últimas coisas e principalmente as mahambas dos antepassados, deixaram a capital, esta ficou praticamente deserta, filas e filas de gente vindo atrás. Também muata Kakele, trazendo embrulhada a cabeça do filho para poder ser chorado na nova Mussumba. Seria o primeiro. Ficaram apenas Kinzunzu, Nandonge, Ndonga, Kibondo, Kalanda e as suas famílias e serviçais, desaparecidos misteriosamente durante a noite, esperando a chegada de Tchinguri. Kakele ainda tentou virar contra eles a ira dos Tubungo, mas não foram encontrados e o medo acabou por triunfar, levando os muatas a esquecer os desertores, na ânsia de abandonarem a capital, agora maldita.

Nayole e Kandala iam nas liteiras, mas Lueji preferia marchar a pé, junto de Kumbana, como sempre. Por causa das liteiras, dos velhos e das crianças, das imbambas e dos cabritos e galinhas, levaram quase um dia para chegar. Excepto a vanguarda,

caminhando a pé e sem peso, onde ia Lueji, que chegou ainda o Sol estava a meio da tarde.

Efectivamente, a paliçada não estava completa, faltava uma parte até ao rio Kalanhi. Kumbana calculou, precisariam ainda de dois dias. A menos que chamassem já o exército do kilombo para ajudar nos trabalhos.

– É isso mesmo, Kumbana, ordena o toque do leão.

Ainda os sons graves do mondo se ouviam em batidas rápidas e simples, já Lueji dizia:

– É preciso preparar muita resina para os archotes. Vamos trabalhar toda a noite.

– De noite, rainha?

– Tem de ser. Os homens de Kandumba vão chegar no princípio da noite. E as gentes da antiga Mussumba também. Mas ninguém vai dormir. Amanhã à noite a paliçada tem de estar pronta e o muro de terra também. Tchinguri pode chegar no dia seguinte.

Pelas informações que tinham, Tchinguri podia muito bem chegar depois de amanhã, por isso Kumbana não insistiu. Começou a dar ordens para se apanhar resina das árvores e preparar centenas de archotes. Kakongo se encarregou de organizar a recepção dos fugitivos. Quis ir mostrar a Lueji a sua nova onganda, já construída, mas a rainha recusou, mais tarde, Kakongo, agora vai tratar da comida para essa gente toda que vem. Mas em primeiro lugar dos soldados de Kandumba, eles é que precisam de comer.

A paliçada ia ficar pronta a tempo, se trabalhassem de noite. Mas a maior preocupação de Kumbana era o facto de os soldados não terem podido treinar na paliçada, não poderem fazer reconhecimentos de terreno ao longo das margens, para imaginarem com tempo todas as defesas. Foram ver a forja de Kakoma e já havia muitas pontas de flechas feitas. Faltavam as hastes de madeira onde se fixariam as pontas de ferro e as penas para a direcção da flecha.

– Já deviam estar prontas – disse Kumbana, irritado.

Kakoma limpou o suor da testa, fazendo sinais para não avançarem mais. Apesar de tio de Ndumba ua Tembo, Kakoma não era um homem velho, ou pelo menos não parecia. Alto e forte como o sobrinho, tinha no entanto a cara muito enrugada, devia ser por

causa do calor do fogo, pensou Lueji. Só ele e os seus adjuntos podiam se aproximar da forja, senão os espíritos propiciadores iam se irritar e o ferro seria de má qualidade. Por isso recebeu a rainha à sombra duma árvore, onde estavam amontoadas as pontas de flecha. Daí para a frente ninguém passava.

– O meu trabalho está avançado, rainha. Salukunga mandou muito minério e de boa qualidade. E os espíritos do ferro estão contigo e o trabalho corre bem. Essas pontas são as mais resistentes e perfurantes que já fiz. O resto não sei, não é o meu trabalho.

– Mas as pontas sozinhas não servem para nada, Kakoma – disse Lueji.

– Os caçadores é que sabem escolher os bons paus para fazer as hastes e depois cortá-los bem direitinhos. Eu não sei fazer isso, nem ninguém me pediu. Sou ferreiro.

– Não te estamos a criticar, mais-velho – acalmou Kumbana. – A culpa é minha. Pensei nas pontas, esqueci o resto.

– Nem tinhas nada que pensar, Kumbana – disse Lueji. – Estavas em Mussumba e com outros problemas. Alguém aqui se devia ter lembrado, para isso é que há muatas.

Lueji estava furiosa e o ferreiro Kakoma aprovou a escolha do seu sobrinho, sim, senhor, isso é uma mulher. Não vires é a tua fúria contra mim, nunca.

– De qualquer modo ainda há tempo – disse Kumbana. – Vamos destacar caçadores que não fazem mais nada senão preparar as flechas. Mais tarde os soldados podem ajudar.

– Os soldados têm muito que fazer. Logo que chegue muata Kakolo, vou encarregá-lo de dirigir este trabalho. Ele deve organizar um telheiro e orientar os caçadores, o máximo que houver. E tu, mais-velho Kakoma, funde todo o ferro que te for possível. Mesmo que pareça que já chega, continua a fundir. E também são precisas pontas de azagaias.

– Era o que ia fazer agora, rainha.

– Não precisas de mais ajudantes?

– Não, estes chegam. Muita gente só atrapalha. Estes rapazes já estão habituados comigo. Talvez só mais dois rapazes para os foles, é trabalho muito duro e devem se revezar.

Logo Kumbana deu as ordens para virem mais dois rapazes ajudar Kakoma. E foram ver os outros trabalhos.

Os ruídos chegavam de todos os lados, indicando a grande efervescência na nova Mussumba. Eram as machadadas nas árvores para cortar paus para a paliçada e para as casas, era o barulho dos pilões farinhando o massango para a refeição, os gritos das crianças que corriam, ajudando e brincando ao mesmo tempo, as falas gritadas das pessoas comandando. Os chefes de aldeia do Kalanhi estavam ali e orientavam a sua gente por equipas. Tinham limpado o terreno de arbustos e capim, só deixando as árvores. A rua principal estava traçada e dos dois lados se ergueriam as chipangas dos muatas que chegavam da antiga capital. A localização de cada chipanga tinha sido escolhida por Lueji, respeitando certas hierarquias vindas da tradição ou inventadas no momento por ela. Ainda não pensara na distribuição dos terrenos para as lavras, isso ficava para depois. Mas os chefes de aldeia tinham tido tempo de estudar bem o território e reservarem para ela as melhores terras. Se fossem demasiadas para as necessidades da sua casa, ela sempre podia distribuí-las pelos nobres que quisesse premiar mais tarde.

Antes que o Sol caísse de vez, Lueji mandou chamar os chefes de kimbo da sua linhagem e lhes disse que tinham feito muito trabalho e em breve iam ser dispensados e voltar para as suas terras, pois não queria que Tchinguri os apanhasse todos lá com as mulheres e os filhos, mas tinha havido erros evidentes de organização, se preocuparam demais em preparar as comodidades para os cortesãos, até adiantaram o trabalho das casas, quando deviam ter acelerado a construção da paliçada, em tempo de guerra se dorme no chão e à luz das estrelas mas não sem protecção, que agora ia ser preciso trabalhar à noite na paliçada, tudo o resto era secundário, e também era preciso mobilizar todos os caçadores para prepararem as flechas, sob a direcção de muata Kakolo, especialista na matéria e lhes agradecia todo o esforço, o trabalho e a comida gastos para defender o lukano e a culpa das falhas no fundo não era deles, era o problema da linhagem, Salukunga é que devia orientar toda a tarefa mas ele não podia andar e Chiloya, o seu irmão que ele mandou para o substituir, era incapaz de

organizar qualquer coisa, a cabeça dele não regulava bem, o que aliás estava bem patente na reunião, pois Chiloya ouvia tudo o que ela dizia sobre ele e em vez de se ofender só ria, catando piolhos na cabeleira densa, e portanto não vos censuro pelas falhas mas vos felicito pelo grande trabalho, meus tios e primos, e sereis recompensados quando chegar o momento de se esquecer guerras e mortes e se pensar nas coisas agradáveis, mas agora vamos trabalhar toda a noite e por isso ordenem às mulheres para acumularem todos os restos de árvores, todos esses galhos partidos que estão nos bosques, para se fazerem archotes e fogueiras que iluminem o trabalho e também para nas noites seguintes iluminarem Mussumba de mil fogos, pois com Kandala ela ia fazer as cerimónias de sagrar a nova capital e colocar as mahambas dos antepassados e para isso era precisa muita luz, e nas noites seguintes também ia ser precisa muita lenha para queimar nas fogueiras de modo que Tchinguri, ao chegar, de muito longe visse as fogueiras de Mussumba a pintar de vermelho e laranja a noite e percebesse Mussumba era um Sol sempre a lhe fugir à frente.

Dali foram assistir à chegada do exército comandado por Kandumba, quatrocentos homens com arcos e azagaias, alguns com porrinhos e machados, todos com longos facões bem afiados. Os guerreiros entraram no território da Mussumba a cantar os feitos da rainha, batendo os pés com força ao ritmo dos ngomas. Toda a gente parou o trabalho para presenciar o espectáculo invulgar e bater palmas de alegria. As crianças corriam ao lado dos combatentes, saltando e acompanhando as canções viris.

Kandumba e Kamexi vieram cumprimentar a rainha. Kamexi trazia as saudações de seu pai Salukunga e algumas informações. Uma das quais era o pedido de entrada no território por parte dum caçador luba com a sua gente, à procura de elefantes, muito numerosos naquela região. Salukunga tinha autorizado e os lubas deviam estar a chegar. Não te ocupes disso, rainha, o meu pai recebe-o e fala com ele, não trazem intenções agressivas. Lueji franziu a boca, desconfiava de tudo que vinha da Luba, mas Kandumba lhe desviou o pensamento ao mostrar insatisfação pelo atraso das fortificações.

– Por isso vos mandei chamar mais cedo. Vamos trabalhar mesmo à noite. A paliçada tem de ficar pronta amanhã. Mas primeiro vocês vão descansar e comer.

Os comandantes deram as ordens aos soldados, que se espalharam pelo rio Kalanhi a se lavar. Depois foi servida a refeição da noite, para os soldados primeiro, para toda a gente depois. A comida foi preparada toda junta e repartida por igual, com grande descontentamento dos muatas vindos da antiga capital, habituados a comer o que as suas mulheres cozinhavam só para as famílias. Mas a nova Mussumba era ainda apenas um kilombo e se regia pelos costumes dele: algumas mulheres eram destacadas para fazer a comida de todos. O resto trabalhava. E Lueji disse a Kakongo para explicar isso aos muatas e que tinha a intenção de manter as regras de kilombo enquanto durasse a guerra. Também ela preferia comida feita para poucos, o funje ficava bem batido e sem bolas de farinha, mas durante a guerra comeria a refeição comum.

Lueji jantou com Kumbana e os dois comandantes que chegaram do Kalanhi. E perguntou como estavam preparados os homens. Logo disse Kandumba:

– São corajosos e têm vontade de lutar. Mas o treino é pouco demais. Ultimamente treinámos mais a atirar ao arco, vai ser a principal arma, pelo menos no princípio. No corpo-a-corpo, Tchinguri leva grande vantagem.

– E são hábeis no arco? – perguntou Lueji.

– Assim assim. Alguns já tinham prática de caçadores, esses atiram bem. Mas não são numerosos.

A maior parte dos lundas caçava com armadilhas, raramente utilizavam os arcos, esse era o problema. E eram muito mais pescadores que caçadores.

– Juntámos os que atiram melhor em dois grupos, o grupo do leão e o do elefante. Cada grupo tem quarenta homens. Um vai ficar de permanência na paliçada, o outro de reserva para o caso de Tchinguri tentar atravessar por um dos rios. Os restantes oito grupos servem de apoio. Também atiram as flechas mas acertam menos.

– Então temos dez grupos ao todo.

– Sim e cada um tem o seu nome. Cada grupo é comandado por um chefe. Quatro grupos e o do leão são comandados por mim. Os outros quatro e o do elefante são comandados pelo Kamexi. Assim estamos organizados.

– Quarenta homens para um chefe é demais – acrescentou Kumbana. – Mas foi o que conseguimos. Tivemos pouco tempo para formar chefes.

– E os soldados que vieram de Mussumba? – perguntou por sua vez Kandumba.

– Kumbana vai comandá-los – disse Lueji. – Há a minha guarda e mais as dos Tubungo. Ao todo são agora uns trezentos homens. Podemos mobilizar mais gente, mas sem treino nenhum.

– É melhor não, rainha – disse Kandumba. – Gente sem treino só atrapalha. Kumbana deve organizar bem esses trezentos. Vão ser a força de reserva, sobretudo se o inimigo conseguir penetrar na Mussumba. A tua guarda sobretudo será fundamental, pois está muito treinada para o corpo-a-corpo.

Acabaram de comer e tudo tinha sido dito. Lueji foi ver como Kandala estava instalado, no morro isolado a noroeste do território. Amanhã a minha família vai construir as habitações, estou bem, rainha. O morro ficava muito perto do rio Cajidixi, de dia se via a água lá em baixo.

– Obrigado pela visita, Lueji, mas não devias ter vindo. À noite esse morro é perigoso de descer e ainda não há caminho.

Mas ela e o seu pequeno séquito desceram facilmente, pois tinham levado archotes. Antes de se despedir, tinha combinado com Kandala as cerimónias para propiciarem os favores dos espíritos à nova Mussumba. Agora tinha de decidir onde colocar as mahambas dos antepassados. No rio Kalanhi, naturalmente.

No caminho lembrou a conversa que teve com a mãe de Tchinguri, antes de sair da antiga capital. Foi lá saber se ela vinha. A mulher pediu para ficar à espera do filho. Lueji propôs então que ela partisse para as terras de Chinyama, sempre ficaria longe das complicações e ao lado dum dos filhos. A muari de Kondi olhou-a com raiva, o meu filho é Tchinguri e vou esperar por ele. Pobre Chinyama, pensou Lueji, nem a mãe o quer, o outro sempre foi o preferido. Nos olhos que a velha lhe deitou Lueji leu o ódio visceral.

Tenho de pedir a Kandala protecção contra o mau olhado, tanta raiva pode provocar um feitiço forte. Estremeceu e tentou mudar de pensamento.

Toda a gente tinha acabado de comer e se ouviam já as machadadas nos troncos das árvores. Luzes de archotes cruzavam os bosques, pareciam pirilampos enormes a iluminar oma-kisi, os monstros do Sul comedores de gente. As pessoas andavam sempre em grupo à noite, com medo das feras mas sobretudo do chieye, essas fosforescências aterrorizadoras que pairavam pouco acima do solo, pela putrefacção da matéria orgânica. Se por vezes se ouviam gritos e o restolhar de pés correndo em todas as direcções e de corpos se pancando contra os paus, era porque tinha aparecido o chieye. Lueji sorriu a uma lembrança. Em toda a Lunda apenas duas pessoas não tinham medo do chieye, ela e Tchinguri. Por causa do Tchinguri, claro. Sendo crianças, fugiam como os outros quando o fogo-fátuo surgia. Mas um dia Tchinguri, já depois da mukanda, se pôs a pensar, a ter raiva de sentir medo de algo desconhecido. Um homem mau, se podia explicar o medo que ele provocava; um feiticeiro também, quem não conhece o perigo do feitiço? Mas uma aparição dessas, porquê o medo? Sem nada dizer, Tchinguri ia à noite para os bosques, armado com a sua azagaia, procurar o chieye. E encontrou-o uma noite. Resistiu ao terror que o assolou, em vez de fugir ficou parado, tremendo parecia tinha febre, a olhar para o inimigo. Se és homem, avança! A voz não lhe saiu tão firme como pretendia. O chieye não se moveu, ficou pairando acima do chão, como uma fumaça brilhante que não subia. Tchinguri deu dois passos para a aparição. Apesar do medo, lhe pareceu que o chieye recuava. Deu mais uns passos e o cazumbi ou lá o que era não o atacou. Gritou de novo e ele não se moveu. Se és um espírito, vem, ataca-me, eu sou Tchinguri e supero o medo. Mas o fantasma pairava apenas, sem forma definida, um vaporzinho a sair dum grande panelão? O rapaz avançou mais e o chieye desapareceu. Andou por todo o bosque mas não o encontrou. Ao voltar ao mesmo sítio onde o vira, lá estava de novo o chieye. Tchinguri, já sem medo, deu uns passos na sua direcção e a visão desapareceu. Voltou a Mussumba, perturbado. Contou a aventura a Lueji, amanhã te levo lá para veres. Ela tinha muito medo, mas podia resistir a um

convite do irmão para uma aventura? Na noite seguinte, saíram os dois quando na onganda real todos dormiam. Mas antes Tchinguri tinha preparado um archote e o material para o acender. Foram com o archote apagado, se o chieye vê luz vai fugir antes do tempo e não o descobrimos, disse o irmão. Foram ao mesmo sítio onde ele estivera ontem e lá estava o chieye. A primeira reacção de Lueji foi dar meia volta e correr. Mas só deu uns passos de fuga e logo se envergonhou, tinha deixado Tchinguri sozinho. Vem, não tenhas medo, lhe gritou ele, o chieye não faz mal. Se encheu de coragem, se chegou ao irmão. Deram dois passos para a frente, vês? Ele nem se mexe. Não fales, disse ela, se pode zangar. Nada! Afinal parece o Chinyama. Ela não gostou da comparação mas calou. Deram mais uns passos, ele lhe segurando na mão. O chieye não se moveu. Avançaram mais e a visão sumiu. Estás a ver? Quando ficamos perto ele desaparece. Vou acender o archote. Demorou muito tempo até conseguir fazer surgir uma chaminada entre os dois pauzinhos especiais que friccionava. Com ela pegou fogo ao archote. A noite se iluminou e Lueji deixou de ter medo. Que procuras? perguntou ela, vendo-o olhar atentamente para o chão. Não sei, qualquer coisa. E acabaram por descobrir, entre folhas e restos de troncos carcomidos, os ossos dum animal grande. Deve ser uma palanca, disse Tchinguri. Era o espírito da palanca? perguntou Lueji. Pode ser, disse ele. E o espírito duma palanca não é perigoso, ainda se fosse dum leão... Mais vezes repetiram a experiência e sempre encontravam os ossos ou restos de animais perto. Uma noite viram um chieye maior, bem mais afastado de Mussumba, e ali perto estava uma ossada de elefante. Vês, Lueji, este é maior porque é um espírito de elefante. Os chieyes são mesmo os espíritos dos animais, as pessoas têm medo porque são estúpidas. Por mais que contassem aos quatro ventos, ninguém lhes acreditava. Nem Kondi, nem as mães, nem os amigos. E nunca ninguém aceitava ir com eles testar a experiência. E Kondi, agastado e temeroso, proibiu-os de sair à noite, não têm nada que provocar o chieye. Tchinguri insistiu e Kondi castigou-o. Depois desapareceu a novidade e se interessaram por outras coisas.

Agora ela era rainha e podia dizer, o chieye não faz mal, é apenas um espírito de animal. Ouviam-na mas não acreditavam. E iam

pensar a rainha ficou completamente maluca. Deixá-los com esses medos, apesar de isso perturbar o trabalho noturno. Esse Tchinguri sempre foi assim, nada que o assustava. E fazia descobertas em que ninguém podia acreditar. Por isso o perseguiam, diziam nele morava um espírito maligno. Outros diziam ele era maluco, pois tinha dormido com a mulher dum tio, o pior dos crimes, apesar de ter jurado na mukanda nunca o fazer, com riscos de morrer ou enlouquecer. Um chieye morava em Tchinguri? Chieye de quem?

A luz das fogueiras, demarcando a zona limpa onde dormiam as crianças e os velhos, fê-la mudar de pensamentos. Devia ir ver se Kakolo já tinha organizado as pessoas para fabricarem as hastes das flechas. Iam faltar penas para tantas flechas. Daria tempo para se fazer uma caçada às capotas, espécies de galinhas pretas com pintas brancas, as quais forneciam as melhores penas para flechas? De dia ela tinha ouvido o grasnar incomodativo de capotas, deviam andar por perto. Se dirigiu à forja de Kakoma.

Kumbana também tinha tido a mesma ideia que ela, pois lá estava a falar com Kakoma e muata Kakolo. Num telheiro improvisado trabalhavam cerca de vinte homens, caçadores especialistas em fabricar flechas. Cortavam os paus com as facas, apontando-os para a luz das fogueiras, para ver se eram direitos. Depois tinham de os talhar minuciosamente. Era muito trabalho para tão pouca gente.

– Vão te faltar pessoas, Kakolo – disse Lueji.

– Sim. Mas amanhã Kandumba vai me dispensar o grupo do leão para esse trabalho.

– E penas? Hoje ouvi capotas. Vai ser preciso caçá-las.

– Sim, rainha. Mas qualquer pena de pássaro grande serve. Vamos pôr as crianças a caçá-los.

Lueji nunca gostara de Kakolo e sempre o mantinha a distância. Não porque fosse o sogro de Tchinguri, aliás as relações entre sogro e genro eram as piores. Mas era um velho arrogante e sempre falava de maneira a troçar das pessoas. Se sentia superior a todos? Não havia razão. Apoiava as pretensões de Ndumba ua Tembo, talvez para irritar o genro. Mas não fora contra o casamento de Tchinguri com a filha dele, talvez por ser uma grande aliança com Kondi. Isso revelava ambição e ambiguidade, além do seu aparente

desprezo pelos outros. Mas era um aliado e Lueji não tinha motivo de o hostilizar. É preciso apenas utilizá-lo bem, é tudo. E que se sinta superior a mim, deixa!

– As melhores são sem dúvida as de capota – disse Kumbana. – Mas as de aves grandes também servem. Sobretudo as das asas, que fazem as flechas voar mais.

– E as do rabo para darem boa direcção – acrescentou Kakolo com os olhinhos a piscar de malícia. – Isso até as crianças sabem.

Kumbana deixou a indelicadeza sem resposta. Mas Lueji não gostou e um dia havia de pôr o muata Kakolo na linha, quando fosse o momento. No sítio escondido da forja se via apenas homens a trabalhar, iluminados pelas fogueiras. Chamaram Kakoma para ver qualquer coisa e a rainha aproveitou para se afastar. Kumbana acompanhou-a. Ela perguntou:

– Como vai o trabalho da paliçada?

– Vim de lá agora. Está a ir muito mais depressa.

– Fica pronta amanhã?

– Fica. E já se começou a juntar terra para o muro. De dia fica tudo pronto.

Kandumba e Kamexi faziam reconhecimento às margens dos dois rios, escolhendo os sítios para os postos de observação. Lueji e Kumbana acabaram por os encontrar na margem do Kalanhi.

– Já vimos todo o curso do Cajidixi. Agora estamos a ver este. Por aqui eles não atacam.

– Porquê tanta certeza, Kamexi? – perguntou Lueji.

– As águas correm muito depressa, só pequenas canoas podem atravessar. E eles não podem transportar um exército em pequenas canoas, rainha. Se tentarem, será pelo Cajidixi, é mais pequeno e mais calmo.

– De qualquer maneira vamos colocar aqui postos de observação – disse Kandumba. – Mas o grupo do elefante vai ficar mais perto do Cajidixi.

– Não acredito que no princípio achessem qualquer dos rios – disse Kumbana. – Têm de fazer muitas canoas e isso leva muito tempo. E têm de as construir longe da margem, para não vermos o sítio onde elas estão. Se ouvirmos cortar muitas árvores num local, sabemos logo que é ali que estão a fazer as canoas e temos tempo

de reforçar a defesa nessa zona. O grupo do elefante deve ficar de reserva, sim, mas perto da paliçada. É aí que ele vai ser necessário primeiro.

Kandumba era mais ousado e tinha mais experiência de guerra. Mas respeitava muito o irmão mais velho que falava pouco mas sempre coisas importantes. Reflectiu antes de dizer:

– Talvez Kumbana tenha razão. Primeiro eles vão atacar a paliçada. Se forem travados, então vão pensar noutra maneira de penetrar. E tentam passar o Cajidixi. Mas vai demorar.

– Primeiro atacam a paliçada, parece todos temos certeza disso – falou a rainha. – Mas depois podem fazer uma coisa. Continuar a atacar a paliçada, para nos fixar a atenção, enquanto fazem as canoas longe, mas no próprio Cajidixi. E descem com o rio até perto da paliçada. Aí desembarcam e levam as canoas aos ombros, pela margem de lá, até ao ponto onde decidam atravessar, longe das nossas defesas. Não dá?

– Dá, claro – disse Kandumba. – Pensando bem, era o que eu fazia.

– Se tiverem tempo – disse Kumbana. – Mas entretanto já o exército do exterior os ataca por trás.

– Se chegar rápido – disse Lueji. – Quanto tempo precisam para fazer as canoas?

Nenhum respondeu logo. Faziam contas. Era preciso cortar uma árvore grande, limpar o tronco de todos os galhos e depois escavar o interior, com machados e com fogo. Dependia do número de pessoas a trabalhar e de outros factores.

– Dois, três dias? – arriscou Kandumba.

– Mais – disse Kamexi.

– Mais, sim – disse Kumbana. – Quatro, no máximo cinco dias.

– Então o exército de Ndumba não chega a tempo – concluiu Lueji. – Devemos contar com um ataque pelo rio. E não podem fazer jangadas, que é mais rápido? Quatro troncos amarrados juntos e pronto.

– Não, rainha – respondeu Kamexi. – Nenhuma jangada pode atravessar o Cajidixi. É impossível governar uma jangada com essa corrente toda e os rápidos. Só a canoa passa. Aí tenho a certeza.

Muitas vezes tentámos atravessar os afluentes do Kalanhi com jangada, era nossa brincadeira quando crianças. Nunca deu.

– Kamexi tem razão – disse Kumbana. – Vão fazer canoas. Nos primeiros dias de combate, escusamos de nos preocupar. Mas passados três dias, temos de reforçar a vigilância no rio, mesmo se não ouvirmos cortar troncos.

– Então nos primeiros dias o grupo do elefante fica perto da paliçada – decidiu Lueji.

A Lua estava no quarto crescente e iluminava fracamente o rio. Subiram os quatro a correnteza até ao sítio onde ia chegar a paliçada. Já ali havia gente a cavar os buracos onde iam ser fixados os troncos. Era realmente um trabalho gigantesco, pois a paliçada tinha mais de um quilómetro de extensão. Quantas árvores seriam derrubadas? Um dia vou contá-las, pensou Lueji. Uma floresta tinha sido quase toda arrasada, só ficaram os cepos no chão. E continuavam a cortar.

– Uma coisa que devemos fazer é cavar fossos – lembrou Kumbana. – Armadilhas.

– Também pensei nisso – disse Kandumba. – O problema é falta de gente para cavar os fossos. Só depois de terminada a paliçada. Se tivermos tempo...

Pelo silêncio que se seguiu, ninguém acreditava nessa possibilidade. Lueji e os três parentes andaram durante toda a noite a visitar os locais de trabalho. Ela bem sabia, as pessoas trabalhavam com mais vontade se viam a soberana ali, ao pé deles, sem dormir também. Todos trabalhavam, e o trabalho dela era aquele, andar por ali a ver as obras para aumentar com a sua presença o ritmo das operações. Quando o Sol começou a pintar o céu de um ligeiro fulgor, mandou chamar Kandala.

Foram então os dois fazer as preces aos antepassados para protegerem a nova Mussumba. Escolheram um sítio perto do Kalanhi, o berço da Lunda. fizeram uma fogueira e aí procederam ao ritual complicado de invocação dos espíritos, com preces, cânticos e gestos, os dois pintados de branco pela pemba. Já o Sol tinha nascido quando terminaram a primeira parte. Vinha o mais importante, a implantação das mahambas dos antepassados, que geralmente eram paus toscos, com uma parte saliente em cima,

semelhando cabeças. Alguns eram muito antigos, meio carcomidos pelo salalé. Eram os mais valiosos, cheios de força.

– Escolheste o sítio, rainha? – perguntou Kandala.

– Dentro da minha onganda. Eu mesma tratarei das mahambas.

Kandala não respondeu logo, atónito. Depois sacudiu a cabeça de velho. As mahambas ficavam sempre em sítios públicos, espalhadas pela Mussumba. Assim era de tradição. Mas o soberano podia decidir da sua colocação onde achasse melhor, a tradição podia ser torcida. Havendo uma razão.

– Podes fazer isso. Mas porquê? Isso não compreendo.

– Se estiverem dentro da minha onganda, eu posso protegê-las melhor. E a Lunda vive dias difíceis, as mahambas têm de ser bem tratadas. Por isso a rainha da Lunda vai se ocupar pessoalmente delas. És contra?

– Não, não sou contra. Mas é uma coisa tão nova...

– A situação exige coisas novas, Kandala.

O velho ficou calado, olhando para Lueji. Em tão pouco tempo ela mudara. Estava mais firme, desaparecida a rapariga assustada com o seu destino. Se tinha dúvidas e angústias, nada transparecia no seu rosto, nas suas palavras. Era possível tal transformação? Só por causa dum grande sofrimento...

– Lueji, as pessoas sempre querem falar com as mahambas, pedir-lhes protecção.

– E poderão fazê-lo. Antes de irem para a caça, os caçadores me pedem licença para ir falar com as mahambas e eu deixarei. Quando faltar peixe nos rios e os pescadores precisarem de falar com elas, eu autorizo. E para os outros casos também. Se pode fazer uma entrada especial para eles irem directamente até ao sítio das mahambas. Kumbana trata disso depois.

– Mas terão de te pedir licença...

– Claro. Ninguém entra na onganda da rainha sem autorização dela, é claro.

De repente, uma luz perpassou rápida nos olhos de Kandala. Tinha compreendido.

– Isso te dá mais poder, Lueji. É isso?

– A rainha da Lunda precisa de muita força para defender o lukano, como quer Kondi.

– Os Tubungo não vão gostar.
– Talvez. Eles nunca gostam de coisas novas. Mas é do interesse dos Tubungo que a rainha tenha poder suficiente para lutar contra Tchinguri.

– Só contra Tchinguri?

– Por enquanto, é ele o inimigo, não é?

Não acrescentou, mas tinha a certeza que o irmão faria algo semelhante se tomasse o poder, para o reforçar. Ou então não conhecia bem as ideias dele sobre o poder de Estado. Tinha pensado nesse problema toda a noite, quando andava para cima e para baixo, onde colocar as mahambas? E a ideia surgiu ao pensar em Tchinguri. Depois mandaria construir uma anza, um cercado de paus altos, para proteger os objectos sagrados. E havia de colocar lá dentro cágados e jibóias, os guardiães dos espíritos dos antepassados e por isso os animais mais sábios e prudentes. E nomearia um cabila, porteiro encarregado de não deixar entrar ninguém sem autorização dela, o qual também cuidaria das mahambas, para não serem comidas pelo salalé. Se quisesse desmoralizar algum Tubungo, bastava recusar a autorização de falar com as mahambas, pois a sua presença conspurcaria os espíritos. Esse Tubungo perdia a protecção delas e por isso a força que pudesse ter adquirido. Não era uma ideia estilo Tchinguri? Sedutora, sem dúvida.

– Faz como quiseres, Lueji. Vamos então.

Kandala seguiu a rainha para a sua onganda, em silêncio. O que reforçava o poder dela reforçava o próprio poder da linhagem comum. No entanto, a reacção dos Tubungo podia ser violenta. Não agora, em guerra tudo se aceitava. Mas depois. Depois talvez já fosse tarde para reagirem e era com isso que ela contava certamente. Miúda esperta como só ela, pasmou o adivinho. Não a queria ter como adversário.

Lueji indicou o sítio, na parte da onganda mais próxima do rio Kalanhi. Os carregadores trouxeram as mahambas e ela própria as fixou no chão. Depois todos se retiraram e a rainha ficou a invocar os espíritos e a lhes pedir protecção para a nova Mussumba, cantando e dançando ritualmente.

Terminada a cerimónia, foi se lavar no rio, numa zona reservada para ela. E entrou pela primeira vez na sua nova casa para beber o ndoka que Nayole tinha preparado.

Foi pouco depois que se começaram a ouvir os gritos.

Toda a gente parou o trabalho na paliçada, nas matas, no interior da Mussumba, para escutar o homem que corria a gritar, Tchinguri ataca as terras de muata Kakele, Tchinguri ataca as terras de muata Kakele. Parou extenuado à frente da onganda real e Lueji saiu de casa para ir ter com ele. Era um emissário que andou todo o dia e toda a noite para trazer o mujimbo à nova Mussumba. Muata Kakele apareceu logo a correr, que se passa nas minhas terras, que se passa nas minhas terras? E o homem então contou à frente de Lueji e de Kakele e de toda a gente que se ia chegando, Tchinguri afinal desviou o caminho, não chegou a entrar na antiga Mussumba, subiu para o Norte e caiu em cheio sobre o território do Tubungo. Ele foi despachado logo pelo filho de Kakele para vir avisar, mas teve tempo ainda de ver o exército invasor, centenas e centenas e centenas, não dava para contar, todos pintados de vermelho de tacula, arrasando os kimbo e incendiando as casas e os celeiros, aprisionando mulheres e crianças, matando os velhos e os homens feitos, só queriam mulheres novas e crianças e jovens dos dois sexos, os quais eram logo enviados para trás, em direcção do Luengue, mais a comida retirada dos celeiros. Kakele gritava e rebolava no chão, perdi todos os meus, perdi as minhas terras, as minhas searas e as reservas de comida, perdi tudo, rainha, o teu irmão me desgraçou, porquê, porquê?

O mesmo se perguntava Lueji, calada. Era a vingança tão prometida de Tchinguri? Sim, isso estava claro, mas porquê atacar primeiro as terras de Kakele e não Mussumba? Porquê perder tempo com esse desvio para norte? Afinal Tchinguri estava mais avançado do que eles contavam, pois se tinha podido entrar no território de Kakele ontem pela manhã, também podia ter chegado ontem mesmo à nova Mussumba. Como conseguiu o irmão evitar os mujimbos do seu real avanço, deixá-los a pensar que estava ainda a dois dias de marcha, com todas as informações a correrem nesse sentido, quando afinal estava às portas da antiga capital ao

mandar entregar a cabeça sanguinolenta de Katuya? Fazendo correr mujimbos falsos, é evidente. Mas como? Só mistérios.

Tentou fazer parar as lamentações de Kakele e lhe disse vamos discutir com os comandantes. Mandou chamar Kandumba e Kamexi e entrou em casa, para reflectir sozinha.

Nayole olhava para ela, estarecida, que vai ser de nós, mas que vai ser de nós, minha filha?

– Calma, mãe, acho que Tchinguri fez um erro fatal. O ódio está a cegá-lo.

Nayole não acreditou nela. Tremia. Mas não respondeu. Saiu para ir buscar mais ndoka, foi tudo que conseguiu inventar. Lueji ficou só, analisando o erro de Tchinguri, que lhes dava mais tempo. O irmão precisava de uns dois dias para tomar todo o território de Kakele e mais dois pelo menos para chegar à nova Mussumba. Tinham assim tempo de terminar as fortificações e até treinar um pouco o exército no terreno das operações. Tchinguri era assim tão estúpido que perseguisse primeiro a vingança para perder o poder?

E se não fosse um erro? E se fosse uma estratégia sábia de um grande comandante? O pressentimento veio e com ele uma grande angústia. Se Tchinguri soubesse os planos dela? Sabia de certeza. Foi revelado no Conselho que deviam retirar para o Kalanhi e aí fazer uma paliçada. Ele sabia quais os efectivos dela. E pode ter percebido que não tinha forças suficientes para tomar Mussumba assim fortificada. No Conselho foi nomeado Ndumba ua Tembo para organizar o exército exterior e atacar por trás. Tudo isso Tchinguri sabia, pois os seus amigos estavam no Conselho e de certeza lhe enviaram imediatamente uma mensagem. Se Tchinguri achasse que realmente a estratégia dela era inteligente e ele não teria forças para resistir, ia cair na armadilha? Não, ele era esperto. Então? Fingia vir a direito contra a Mussumba e depois atacava, um a um, os territórios dos seus inimigos. Kakele primeiro, depois Kakolo, depois Sambunje, se afastando sempre da nova Mussumba, para finalmente cair sobre o seu principal rival, Ndumba ua Tembo. Este, mesmo reforçado com os homens dos outros Tubungo, dificilmente podia resistir a um exército bem treinado e com tanta experiência depois dos pequenos combates contra Kakele e os outros. Kakaya facilmente juntaria o seu exército ao de Tchinguri, mesmo com toda

a persuasão de Kanyika, se Ndumba ua Tembo fosse derrotado. Até esqueceria o espírito de Kondi. Nesse momento, Tchinguri podia marchar calmamente contra o Kalanhi, ocupava as terras da linhagem de Salukunga e a nova Mussumba estava cercada, isolada, sem fontes de abastecimento exterior. Mesmo se resistisse aos ataques, não podia resistir à fome, logo que acabassem as provisões. Teria de se render. Era esse, só podia ser esse o plano de Tchinguri. E sem contar com Chinyama que, a qualquer momento, reforçaria o irmão, vendo que não tinha alternativa. Chinyama faria jurar a Tchinguri que a vida de Lueji seria poupada e tratada como a irmã do rei e pronto, embarcava na canoa do vencedor.

Uma grande lassidão tomou conta do espírito de Lueji. Tchinguri era o mais inteligente de todos, o lukano estava perdido. Ia lutar, sim, ia cumprir a promessa feita a Kondi. Mas desesperadamente, conhecendo o resultado final da guerra. E sem poder evitar a inútil carnificina dos seus fiéis. No fim de contas, talvez o lukano estivesse melhor no braço de Tchinguri.

A lassidão, no entanto, tinha abandonado Lu, estimulada pela visita de Mabiala. Tinha conseguido se levantar sozinha para as lavagens matinais, até quis ajudar Olga na preparação do matabicho. Esta é que não deixou, onde já se viu?, vai masé para a cama. Ela obedeceu e pela primeira vez se sentiu bem. Livre de ensaios, e de aulas e espectáculos, todo o tempo para pensar. Pegou no caderno de apontamentos, foi pondo ordem nas ideias. Afonso levou as cassetes gravadas com a fala dela, logo ia aparecer para continuarem, talvez trouxesse já mais trechos musicais. Isso é uma ópera, disse ele à despedida, tem de ser uma ópera de duas horas. Ópera? Isso mesmo, o bailado decorre enquanto há música de orquestra, depois só tambores, depois só marimbas e também canções ligadas às cenas. E silêncios, disse Lu. Também silêncios, concordou ele, o silêncio sempre foi o elemento mais importante da música. Mas não ponhas instrumentos estrangeiros, Afonso, utiliza só os nossos. É um desafio.

Agora ela tinha de resolver o problema da guerra para a contar logo a Afonso Mabiala. Não entendia nada disso, era um ser crescido na guerra e por isso só prezava a paz. Mas tinha de ser.

Herculano, esse historiador mujimbeiro, podia ajudar, tinha obrigação de conhecer estratégias e táticas, passadas e presentes, não era isso que estudava? Herculano não tinha imaginação, se desiludiu ela. Vai só se preocupar com verosimilhanças e possibilidades históricas, forças sociais abstractas, e vai esquecer o homem que modifica tudo. Tinha de ser alguém com experiência militar e com imaginação, mas quem? De repente, lembrou o general Bit-Bit, era o homem ideal, veterano da luta pela independência e depois das lutas todas que se seguiram, com esse nome de guerra porque começara nas comunicações militares nos tempos da guerrilha. Bit-Bit já estava reformado, tinha pois todo o tempo. E sinteressava pela dança, um filho dele chegou a ser colega de Lu mas mais tarde desviou para o desporto. E o general não recusaria passar uns momentos com uma jovem bonita, mesmo que fosse só para falar de guerra. Ela bem notava os olhares concupiscentes dele a contrastarem com as gargalhadas terremóticas que lançava. E imaginação não lhe faltava, era capaz de analisar em segundos qualquer situação e dar uma opinião. Muitas vezes errada, mas isso não tinha importância nenhuma. Se decidiu por Bit-Bit, gritou a chamar Olga, a qual já ia sair para o ensaio matinal.

– Telefona para este número, para o general Bit-Bit. Diz que estou neste estado, não me posso mexer, mas preciso muito de falar com ele. Se ele puder vir hoje, seria óptimo.

– Não sei se tenho coragem...

– Qué que tem? É um general, está bem, mas é meu amigo e não se vai chatear. Se considera um Mecenaz das artes. Não te ofereceu já flores depois dum espectáculo? Faz isso a todos.

– Sim, rosas de porcelana, lembro-me.

Olga sempre fora muito acanhada, apesar de bailarina. No palco, e só aí, se desinibia. Lu insistiu:

– Diz-lhe que preciso de ajuda para um bailado, só ele pode dar uns conselhos. Vais ver, dá uma gargalhada, faz umas perguntas a tentar saber detalhes, tu aí dizes que só conheces o recado que pedi para lhe transmitir, lhe dás o endereço. Ele vem.

– E se eu pedir ao Jaime para telefonar?

– Pode ser. Quero é que ele venha cá. E deixa a porta só no trinco para ele poder entrar.

Olga saiu, mais aliviada por não ter de telefonar ela própria, já viram, telefonar a um senhor general? O Jaime era mais despachado e faria isso. Lu ficou entregue ao seu caderno de apontamentos, onde se misturavam frases e desenhos. Esqueceu o inchaço da anca, o qual aliás diminuía muito, esqueceu o espírito que a perseguia, a frustração de não participar nos próximos espectáculos apesar de improvisados, e sembrenhou em sonhos de movimentos, Uli sim, estava presente, em cada linha que desenhava.

Mais tarde, por curiosidade, procurei o general Bit-Bit e ele concordou que ajudara Lu. Conhecíamos-nos de há muito tempo, quem não se conhece em certos meios? Me puxou logo por um braço, mas que interesse o teu, acho estranho. Não lhe dei detalhes mas ele lançou uma gargalhada das suas, metade de Luanda queria ter essa bailarina, eu é que já estou velho, as guerras deram cabo de mim. Eu fiz as guerras e vocês aproveitam escrever sobre elas e até aproveitam para apanhar aquilo que já está alto demais para mim, como a Lu, é assim a vida. Não expliquei mesmo ao general o meu interesse, ficasse na sua e mais com a sua raiva. Nunca fiz guerra nenhuma, mas apoiei por trás. Na altura da luta pela independência, não perdia um programa da rádio clandestina e passava os mujimbos aos amigos. Arriscava a liberdade. Isso era ser militante naqueles tempos. Outros fizeram bem menos e hoje até memórias já escreveram, por isso vão ficar na História como grandes patriotas. O Bit-Bit tinha de engolir tudo, se contentar em enviar rosas de porcelana para o palco e inventar possíveis estratégias militares para uso artístico dos outros. Alguma vez houve justiça neste Mundo? O Mundo sempre foi dos vivaços, já os filósofos antigos o sabiam.

Os comandantes entraram na casa de Lueji e com eles Kakele. A rainha mandou chamar também Kakolo, que chegou mais tarde, mas ainda a tempo de ouvir a estratégia que ela imaginava ser a de Tchinguri. Kakele foi o primeiro a contestar, Lueji estava a sonhar, isso era um disparate porque Tchinguri, apesar de ser dominado por espíritos malignos, talvez os dos Uanda, esses selvagens das matas do Norte que cobrem as partes com as peles das barrigas por não conhecerem a maneira de fazer tecidos das fibras das palmeiras ou das mulembas, tinha muitas noções militares, não tantas como as dele, Kakele, grande general dos tempos anteriores, mas as suficientes para não cometer o erro de inventar uma estratégia nova nunca antes experimentada, isso eram sonhos de rapariga jovem que nunca vira uma guerra, o que Lueji tomou como uma ofensa perdoável, dado o estado de desespero do velho conselheiro, hoje ele poderia dizer tudo e ninguém lhe levaria a mal, os seus haveres e a sua gente estavam a ser engolidos por Tchinguri, desgraça que justificava todos os desmandos verbais, só não podia era subestimar a inteligência do irmão dela e a sua ousadia também, capaz de o fazer imaginar coisas nunca dantes vistas apenas para surpreender os inimigos, mas ora, rainha, deixa de delírios, ele atacou as minhas terras por raiva contra mim pois sempre me opus a ele, sabe que agora não tenho força nenhuma, sou um velho sem terras nem gente e ninguém mais vai ouvir os meus conselhos, e agora sim, ele vai se virar contra a nova Mussumba, contra ti, e vai tentar apanhar o lukano nem que para tanto te corte o braço direito, o que causou um arrepio em todos os presentes, mesmo em Kandumba, o guerreiro sem medo, mas este nada disse, ficou só olhando a rainha, contemplando as escarifi cações na barriga dela

que tremiam quando falava e faziam adivinhar a força escondida daquele sexo tapado pela pele de mbambi, nem Kumbana falou, estudando as palavras proferidas, nem Kamexi que também mirava a beleza perturbada da rainha, parecia ainda mais jovem com a inquietação de não conseguir convencer Kakele, e afinal foi Kakolo que tomou a palavra, primeiro rindo superior, muata Kakele tem toda a razão, ideia mais disparatada que Tchinguri depois vai atacar o meu território, que ganha ele com isso se lá apenas encontra gente e searas não maduras, o que lhe interessa é o lukano e ele está aqui na nova Mussumba, amanhã ele avança para cá mas então já será tarde, a paliçada fica pronta hoje e os meus homens estão a preparar milhares de flechas que cairão como uma nuvem sobre ele e reduzirão a pó o célebre e tão dançado exército real de Tchinguri, o rei dos cazumbis que só mete medo a meninos e a raparigas românticas e isso já era uma ofensa inadmissível, Kakolo não tinha ainda a desculpa de tudo ter perdido, por isso Lueji se levantou num ímpeto, se essa é para mim ponho-o imediatamente fora da minha casa, calma, calma, rainha, cortou Kumbana, certamente muata Kakolo não se referia a ti mas sim a crianças assustadiças que tremem perante Tchinguri, o que não acalmou Lueji mas a levou a sentar de novo, sibilando, eu bem vi quem tremia perante Tchinguri e posso garantir não eram crianças, pois há muatas muito corajosos quando protegidos e depois se molham de medo se o leão saltar a paliçada, estão logo dispostos a entregar a filha mais velha ao leão apenas para salvarem a pele, o que levou desta vez muata Kakolo a se levantar, se te referes a mim, então prefiro me retirar pois não foi para salvar a pele que entreguei a minha filha mais velha a Tchinguri e não interessa aqui porquê, resposta que levou Kandumba a falar pela primeira vez, pois estavam ali para analisar as razões do ataque às terras de Kakele e não a esmiuçar a vida alheia nem os sentimentos duns e doutros e que lhe desculpassem os mais velhos, tão sábios e experimentados na guerra, mas ele, apesar de ser ainda jovem e inexperiente, não tinha prestado um ouvido ligeiro à argumentação da rainha e lhe parecia ser uma estratégia possível

essa que anunciava, tão nova e fascinante que causava até arrepios, pois era mortal para eles a menos que todos os espíritos se coligassem contra o sanguinário, fala que provocou novos protestos nos Tubungo e o riso de Kakolo, a quem está o futuro da Lunda entregue, a jovens sonhadores que engolem qualquer ideia desde que seja absurda só porque nova e vão ser estes os novos comandantes, realmente falta aqui Ndumba ua Tembo para tomar as coisas na mão, ele é o único, o que talvez seja verdade, o meu amigo Ndumba é muito capaz e por isso o nomeei para reunir e comandar os exércitos do exterior, mas não é chamado agora ao caso, estamos a ver o que devemos fazer em função da estratégia do meu irmão e Kandumba tem razão, vamos nos cingir apenas a isso e deixar os ataques pessoais para outro momento, peço desculpa se ofendi muata Kakolo e retiro o que disse se ele promete ouvir com respeito todos os que aqui se encontram, afinal este é o meu estado-maior e nessa qualidade os reuni, não para nos agredirmos uns aos outros, mas para descobrirmos uma resposta e ao lhes explicar o meu receio foi com intenção de vos ouvir não rebatendo esta ideia mas sim mostrando como ela podia ser vencida se algum dia passou pela cabeça do meu irmão e até agora só ouvi a opinião de Kandumba, semelhante à minha, que se pode resumir numa frase, é uma estratégia perigosa para nós, o que fez Kakele pegar de novo na palavra pois tens razão numa coisa, rainha, devemos analisar qualquer possibilidade mesmo se nos parece ridícula como esta, mas não tens razão ao te preocupar tanto com ela porque apresenta uma falha importante que é o tempo, o tempo conta a nosso favor, quanto mais tempo passar mais nos fortalecemos e organizamos, aqui dentro da Mussumba e lá fora, e isso Tchinguri sabe, por isso tem de atacar agora, argumento apoiado embora timidamente por Kumbana, realmente lhe parecia o tempo como factor importante agindo a favor deles, desde que se pensou em formar o exército do Kalanhi que a estratégia foi de ganhar tempo até o exército estar preparado e agora Tchinguri estranhamente lhes dava mais um tempo suplementar que deveria

ser utilizado para treinar ainda mais os homens no tiro ao arco e fazer uma série de fossos entulhados de paus aguçados, como as armadilhas para elefantes, deixando apenas uma estreita passagem à frente do portão da paliçada para se poder entrar e sair de Mussumba, mas tão estreita que não podia ser atravessada por mais de dois homens de cada vez, impedindo assim qualquer ataque em linha que era o único possível para evitar a mortandade criada nos assaltantes pelas chuvas de flechas e até aí estou de acordo contigo, meu irmão mais velho, disse Kandumba, mas estão mesmo a subestimar Tchinguri, o tempo deixa de ser um factor importante na estratégia dele e passa a contar contra nós e não a nosso favor, se o objectivo é isolar Mussumba do resto do país, pois aí o tempo significa fome, acabadas as reservas e impossibilitados de ter acesso às novas searas então nas mãos dele, e uma coisa é evidente, se ele atacar uma a uma as forças dos Tubungo ninguém lhe pode resistir, nem Ndumba ua Tembo, pois serão combates em campo aberto de guerreiros treinados contra caçadores mesmo que mais numerosos, a sorte dos caçadores fica logo ditada, escrita na ponta dos mucualis de Tchinguri e se o tempo é a nosso favor numa estratégia pode ser contra nós na outra, nada é sempre igual a si próprio e a luz pode ser sombra, isso sempre nós soubemos, nos ensinaram os mais velhos, mais velhos esses que estavam agora silenciosos, pela primeira vez tentando pensar no que diziam os jovens, embora não acreditassem na argumentação de Kandumba, que estória era essa de o tempo umas vezes ser a favor e logo em seguida desfavorável, ele ou era ou não era propício e uma estratégia se escolhe de uma vez por todas e a tradição ensinava como conquistar lukanos ou protegê-los, sempre por ataques frontais e não com evasivas de ir roendo o xima pelos lados até o centro ficar isolado e fraco, o centro do xima é xima na mesma, mas claro que o poder não, o centro do poder é o próprio poder e não pode ficar isolado pois então deixa de ser centro e por isso deixa de ser poder, até que Lueji sentiu nada poder ser ali decidido, as palavras iam e vinham sem se engordarem com as viagens e

Kandumba já se impacientara naquele jogo de palavras, era preciso acelerar os preparativos de defesa e não mostrar quem era mais eloquente, se os jovens se os velhos, iam masé aproveitar o tempo que lhes restava para fortificar Mussumba e esperar o próximo passo de Tchinguri e até lá tentar descobrir alternativa, se se confirmasse a estratégia nova e perturbante.

Lueji saiu portanto com os comandantes e foi ver os trabalhos de defesa. A andar, falou para Kamexi:

– Não abriste a boca, meu primo. Qual é a tua ideia?

Kamexi ficou atrapalhado, como ficava sempre que a prima estava perto dele. Era o perfume do corpo dela, era a voz, era os olhos, era qualquer coisa ou tudo que ela tinha, não sabia, só que ficava de boca seca, com vontade de beber água e engolir saliva, o cérebro parado como quando experimentou fumar liamba do cachimbo do pai e só lhe apetecia sonhar com o voo de pássaros ou com o roçar suave do vento no capim alto. Nunca mais tentou fumar liamba, deixava a mutopa para quando fosse velho. Mas a presença de Lueji não podia evitar. E o efeito era o mesmo. E nem queria evitar a presença dela.

– Nunca vi nenhuma guerra, rainha. Não sei.

– Eu também nunca vi mas tenho uma ideia.

– Tu és a rainha, Lueji.

Ela riu e não insistiu, ele tinha razão. Que dizer quando gente que muito vira discutia à sua frente? Kamexi tem a prudência do cágado e a sabedoria da jibóia, pensou Lueji, podia dar um bom chefe da nossa linhagem, se fosse sobrinho ou irmão de Salukunga e não seu filho. A chefia da linhagem se transmitia sempre pela linha materna, ao contrário do lukano que vinha pela linha do pai. É um problema importante que terei de enfrentar mais tarde, esse da transmissão da chefia da linhagem, Chiloya não tem miolos e Combongo é ainda um miúdo. Porque não eu? No fundo, sou sobrinha de Salukunga. Acumular o lukano e a chefia da linhagem, porque não? Pensaria nisso por altura da morte de Salukunga, ele ainda estava vivo e ainda bem.

O trabalho avançava depressa, apesar de toda a gente estar muito cansada pela falta de sono e a actividade consecutiva. Também a

preparação das flechas acelerava agora, com o reforço constituído pelos soldados do grupo do leão. Mas o ritmo dos ferreiros era ainda mais rápido e as pontas de flechas se acumulavam. As crianças batiam todos os bosques a caçar aves para delas se aproveitar as penas, e os gritos e risos enchiam os ares quando conseguiam matar alguma. Sempre ouviram das mães e mais velhos que a guerra era uma coisa horrível, mas afinal não era verdade, se aquilo era a guerra então não havia coisa mais divertida, pois aliava a actividade útil ao prazer. No fundo, as crianças bendiziam Tchinguri por ter provocado aquela guerra e só esperavam que ela durasse para poderem gozar a valer.

Ao meio-dia, a paliçada estava pronta. O povo e os soldados não festejaram, pois faltava fazer a banquetta de terra que permitiria ao mais baixo soldado ver o inimigo e lançar as flechas por cima da vedação. Se atiraram imediatamente a esse trabalho, enquanto Kumbana foi delinear o único caminho de acesso à porta de entrada. Dos dois lados do caminho iam cavar fossos, no fundo dos quais espetariam paus aguçados e depois camuflariam os fossos com uma rede ligeira de ramos entrecruzados, tapada por fina camada de terra e folhas. Isto a todo o comprimento da paliçada e a uma distância máxima de cinquenta metros dela. Os inimigos, atacando em linha, apanhavam primeiro a chuva de flechas e depois caíam nas armadilhas. Os que escapassem com vida eram dizimados pelos atiradores de elite. Só uma coisa Kumbana não sabia. Teriam tempo de cavar os fossos? Era uma grande distância, mais de um quilómetro de fossos e eles tinham de ser fundos. Muitos dias eram necessários. O tempo jogava ainda a favor deles, apesar das ideias de Kandumba sobre o tempo.

Foi nesse momento que chegou um mensageiro de Salukunga para Lueji. O tio recebera o caçador luba, de nome Ilunga, e aconselhava a rainha a deixá-lo atravessar o Kalanhi e falar com ele. Estou muito ocupada agora, mas não posso desdenhar um conselho do meu tio, o luba que atravesse o Kalanhi, se vem em paz. Os mondos transmitiram a resposta da rainha. Lueji esqueceu o incidente.

À tarde a banquetta estava terminada. O fim da tarefa foi festejado com grandes gritos e risos. Kandumba organizou a guarda ao longo

da paliçada e dispensou os outros soldados para tomarem banho e descansarem. Os civis também se foram lavar. Logo mais iam comer a refeição de fim de tarde e aquecer os tambores para o grande batuque. Tinha sido um trabalho esgotante que merecia uma boa festa. Não havia muito marufo, ninguém tivera tempo de subir às palmeiras, nem havia ualua, apenas um pouco de ndoka. Mas não era precisa bebida para animar uma dança, bastava a alegria do dever cumprido. Todos sabiam que, apesar das notícias que vinham das tropelias de Tchinguri, a rainha também dançaria e isso era suficiente para os animar.

Quando Lueji se preparava para ir ao rio, surgiram dois homens de aspecto cansado e miserável, os olhos transmitindo o terror. Vinham fugidos do território de Kakele e contaram o que tinham visto. Tudo arrasado, muita gente morta, a maior parte aprisionada. Confirmavam o mujimbo do primeiro mensageiro, só que traziam mais detalhes. Toda a família de Kakele teve a cabeça cortada, assim como todos os homens válidos. Eles conseguiram escapar e mais alguns que estavam a chegar, outros andavam perdidos pelos matos. Foram poupadas as mulheres, crianças e jovens. As mulheres seriam o prémio dos soldados de Tchinguri, iam aumentar as famílias deles e mais as crianças. Os jovens foram guardados à parte, ouviram os invasores dizer que seriam treinados para reforçar o exército do sanguinário. Depois de ouvir o mujimbo, Lueji mandou-os ir ter com muata Kakele, afinal era o chefe deles. E foi tomar banho no rio.

Lá chegada, foi logo rodeada pelas suas amilombes, raparigas que tratavam dela e lhe faziam companhia, uma das quais ela de vez em quando presenteava a um muata para premiar os seus feitos. As amilombes estavam excitadíssimas, queriam falar todas ao mesmo tempo, com grandes gargalhadas e olhares malandros. Sobretudo Kamonga Luaza, a mais nova de todas, acabada de fazer a festa da puberdade quando foi oferecida por Salukunga como amilombe. Kamonga Luaza era filha de outra irmã de Salukunga, portanto prima e da mesma linhagem de Lueji. Era uma jovem muito esperta e faladora, os seios ainda pequenos e redondos, como os duma rapariga de catorze anos. Nos tornozelos usava manjata, fiadas de frutos secos de onde se tirava o miolo e se enchiam de

pequenas sementes, que chocalhavam sempre que mexia um pé. A sua brincadeira era caminhar de tal modo que se ouvia um ritmo particular, só dela, quando se aproximava, sendo logo identificada pelo som. Puxava as outras, para ser ela a contar primeiro, mas todas falavam ao mesmo tempo e Lueji acabava por não entender nada.

– Calem-se, calem-se. Que se passa? Fala tu, Kamonga, senão morres de tristeza.

Kamonga olhou as outras amilombes com orgulho, passou a mão pela barriga nua e molhada, lançou rapidamente as frases:

– Chegaram há pouco os tubas, atravessaram o rio ali em baixo. São muitos, demoraram bué a atravessar o Kalanhi pois só havia duas canoas. Primeiro nos assustámos, pensávamos que eram os homens de Tchinguri. Nos escondemos no mato, mas depois vimos não podia ser, estes são grandes e fortes e bonitos... Então o chefe deles, haka! Assim alto – e estendeu o braço para cima, a indicar a altura. – A pele dele brilha, parece azul.

– E atravessaram o rio aqui?

– Aqui, não. Ali – e as raparigas apontaram para o Sul.

– Os guardas e os passadores das canoas vão ter de me ouvir. Como é que estrangeiros atravessam o rio aqui, na zona onde a rainha toma banho?

– Por isso achámos primeiro eram os homens de Tchinguri – repetiu Kamonga. – E eles queriam acampar ali em baixo. Nós é que não deixámos, não foi?

As outras todas confirmaram, com risos e palmas. Rodeavam a soberana alegremente, como iguais.

– Dissemos que esta era zona reservada da rainha. Que fossem acampar mais para sul.

– Vocês foram falar com eles? – perguntou Lueji, em tom de reprovação.

– Fomos – disse candidamente Kamonga, revirando os olhos. – Fizemos mal?

– Claro. Não se fala assim com estrangeiros.

– Ora. Vimos logo eram amigos, assim tão bonitos e bem vestidos. E o chefe deles nos disse, eu sou Ilunga, o Tchibinda, irmão do rei da Luba e sou o caçador que caça tudo e que está sempre a caçar.

Meu pai foi Kalala, o rei da Luba, que morreu faz uns tempos. E trago um presente para a vossa soberana. Nós lhe indicámos o caminho para a tua onganda e ele disse vou mandar o meu irmão lá entregar. Devem estar lá à tua espera, rainha.

– Que esperem! Não percebo porquê tanta excitação por causa duns kandakas...

– É porque não os viste, rainha.

– Andas muito assanhada, Kamonga.

A miúda riu e ajudou Lueji a se desembaraçar das roupas e adornos para poder entrar no rio. Mas o lukano se manteve no braço dela, só o tirava quando estava com as regras. Todas as amilombes entraram com ela na água, brincando e rindo, atirando água umas às outras e à rainha. E Lueji esqueceu a sua estranha condição de soberana da Lunda e se tornou numa rapariga como elas, rindo e participando da batalha de água. Até o Sol desaparecer.

Quando entrou na onganda, foi informada da chegada duma comitiva com presentes. A curiosidade foi mais forte e mandou-os entrar para a sala de audiências. À frente vinha um jovem alto que se inclinou à sua frente, batendo as palmas rituais. Falou a língua da Luba, que se entendia perfeitamente embora fosse engraçada para ouvidos estranhos:

– Rainha da Lunda, o meu irmão, o grande Tchibinda Ilunga, me mandou te entregar estes presentes por nos teres deixado entrar na tua capital sem dificuldades nem demoras. Está muito honrado por isso. Pede encarecidamente que lhe concedas uma audiência, pois tem assuntos a tratar contigo.

Lueji agradeceu os presentes. Pelo que via, eram dois enormes dentes de elefante, nunca vira tão grandes, muhambas com carne seca ou fumada, colares e outros objectos de adorno. O rapaz fê-la ver os colares. Alguns tinham as características conchas que os árabes por vezes traziam do grande lago salgado onde o Sol nasce. A primeira mulher de Kondi tinha um desses. Outro colar era de pérolas, muito semelhante à oferta de compromisso de Ndumba ua Tembo. Mas a atenção de Lueji estava atraída pelas presas do elefante.

– Quem matou um elefante tão grande?

– Foi o meu irmão Ilunga, grande rainha. É um caçador extraordinário, um tchibinda.

– E tu como te chamas?

– Mai.

– Então os dois são irmãos do rei da Luba?

– Efectivamente. O nosso pai era Kalala, o rei da Luba. Morreu há pouco tempo e o nosso irmão mais velho lhe sucedeu. Se chama Luevu. Então o meu irmão Ilunga decidiu avançar para sul na pista dos elefantes, que aqui são muito abundantes. E eu aproveitei vir com ele.

Lueji reflectiu sobre as informações recolhidas, que a assustavam um pouco. Mas fez os possíveis para nada deixar transparecer.

– Diz ao teu irmão que amanhã lhe concedo audiência. E que agradeço mais uma vez presentes tão valiosos.

Os lubas saíram com grandes saudações e Lueji mandou Kakongo levar a comida. E disse para ele arrumar os dentes de elefante ali mesmo, por trás da cadeira onde ela habitualmente sentava para conceder audiências. Ficou a acariciar os colares e pulseiras de cobre oferecidas pelos lubas. Kakongo voltou para arrumar as presas e não se conteve:

– Rainha, viste toda aquela carne? Tem de elefante, que é muito dura. Mas tem carne de palanca, de songue, de cefo, de mbambi... As mais variadas carnes, as mais saborosas. São de facto uns grandes caçadores.

– Sem dúvida. Só que Salukunga me informou eram apenas caçadores. Não príncipes da Luba.

Isso mudava muita coisa. Receber na sua capital uns caçadores estrangeiros não era nada de especial, embora muito raro. Mas irmãos e provavelmente irmãos sucessores do grande reino do Nordeste, isso era outra coisa muito diferente. Boa ou má. Os lubas souberam das dificuldades existentes na Lunda e aproveitavam a ocasião para os invadir e tomar o reino? Não havia melhor oportunidade. Já antes tinham tentado, depois desistiram, e as relações melhoraram. Eram tensas, as mais raras possível, mas não hostis. Para todos os efeitos, o tal Ilunga devia ser o segundo homem da Luba. Se se maçara a vir tão longe, é porque perseguia um plano importante. Reconhecimento da situação para depois

fazer avançar os exércitos lubas? Podia muito bem ser. Lueji mordeu o lábio inferior, sentada na cadeira. Porquê Salukunga aconselhou-a a recebê-los? Porquê não os reteve no seu território? Em Mussumba eles se apercebiavam imediatamente dos preparativos de guerra e ouviam os mujimbos sobre o que passava na Lunda. Talvez até as amilombes, estouvadas e faladoras como eram, já lhes tivessem contado. Não dava para esconder muito tempo que a situação do trono era periclitante. Ocasão única para a Luba os anexar. Que fizeram eles a Salukunga para o enganarem assim, que viu o tio neles de interesse para a Lunda? O chefe da linhagem não era parvo, alguma razão havia. Bom, talvez amanhã soubesse. Tinha de ser muito prudente ao falar com o kandaka, não podia mostrar fraqueza. E mandar Kumbana montar imediatamente uma vigilância discreta mas atenta ao acampamento dos lubas.

Vieram chamá-la para comer. Já em Mussumba se começavam a ouvir os primeiros sons de chingufos e ngomas, aquecidos para o batuque. Era a festa pelo termo da paliçada.

Os sons do batuque saíam das palavras de Mabiala, pontuando os acordes do gravador. Tinha trabalhado febrilmente, transportado para outros tempos e para fora da cidade de cimento, compondo trechos que evocavam fogueiras alaranjadas na noite, rios palhetados pelo luar, dramas de irmãos amantes, flores estranhas nascendo nas chanas, ora em ritmo de festa, ora em batidas angustiantes de ngomas guerreiros. Lu ouvia o que estava gravado e lhe apetecia mudar a estória pois os contornos se precisavam, estranhas falas sussurradas pelo tempo a indicar a verdade desconhecida que muitos procuravam mas nunca encontravam, pois a perseguiam fora deles e não como ela, dentro dela. A cassete terminou e muito tempo os dois ficaram silenciosos, mergulhados na magia da música se escoando por baixo da porta. Ele falou, então:

– Só são uns trechos. Mas os temas estão aí, os elementos também. Agora é preciso que escrevas o roteiro, a partir dele posso compor as músicas propriamente ditas. E depois pensar na orquestração final.

– O ambiente está aí, Afonso, não tem dúvida. É esse mesmo o que imagino. Mas preciso dessa cassete em permanência para escrever o roteiro.

– Fica com ela. Calculei isso, fiz logo duas cópias. Quanto tempo demoras a escrever?

Lu tinha perdido a noção do tempo, sempre fechada no apartamento. Já nada lhe doía e podia se movimentar perfeitamente pela casa. Mas na última visita o médico proibiu-a ainda de sair. Até passar uma semana. Ele próprio, Timóteo, a levava ao espectáculo. A partir daí podia andar normalmente. Mas faria exercícios de recuperação que ele lhe ia ensinar e só depois recomeçaria a dançar. Ela prometeu sim, obedeço.

– Sei lá quanto tempo. Digamos, uma semana?

– Por mim está bem, Lu. Numa semana falo com a malta. Quero arranjar a melhor malta de músicos que este país já teve para gravar essas músicas. Uma coisa, no roteiro vais indicar já os bailados, não é?

– Como assim? Pensava que te referias à estória. A partir dela tu fazes a música. E fazemos depois a coreografia para acompanhar a música. Tenho de meter a Directora nisto, não sou coreógrafa. É a tua música que nós vamos coreografar.

– Não. É o teu bailado que vou musicar.

Riram os dois. Ele deu uma palmada no joelho dela e disse:

– Vamos falar sério. O bailado não precede a música, nem esta o bailado. É dialéctico. Estória, música, bailado, nascem uns dos outros e, evoluindo, se modificam uns aos outros. Assim é que deve ser.

– Claro, Afonso, tens razão. Eu já tinha modificado a estória só por imaginar alguns passos e a tua música agora traz-me elementos novos para a estória e para os passos. Vamos continuar a trabalhar assim. Vou escrever o roteiro, mas literário. Entretanto, tu continuas com a composição. Depois metemos os coreógrafos. E isso vai levar a novas alterações, do roteiro e da música.

– Sim, tudo vai ser provisório até à audição final. Isso é que é trabalho de artista, o resto é burocracia.

– Leva mais tempo.

– Temos todo o tempo, Lu. Não me amarres com o tempo, depois de me salvars da loucura.

– Não te estou a exigir pressa nenhuma. É só uma constatação, leva mais tempo. Mas tu trabalhas rápido.

– Ora, posso compor uma sinfonia inteira numa noite. Ou levar um ano para escrever uma canção. Depende da febre interior.

– Agora estás com febre, se vê.

– Febre? Pior. O que é mais febre que febre? Não há palavra. Tu puseste o meu sangue a ferver, deve ser assim que se fica no Inferno, se ele existe.

Lu riu. Mabiala dizia coisas engraçadas com o ar mais sério. Por vezes até parecia zangado. Mas quando ria, atroava os ares. Como o general Bit-Bit que a fora visitar e inventou logo ali a estratégia militar adequada, dizendo sempre era inspirada na de Mao, grande mestre dos tempos da guerrilha. Mao viveu uns séculos depois de Tchinguri, portanto apenas reinventara o que o irmão de Lueji tinha descoberto antes, ou mesmo tinha copiado, sabes, entre a África e a Ásia sempre houve um comércio de coisas e ideias hoje desconhecido. Porquê não é possível que a arte militar tenha chegado à China através do Índico? E ria, batendo nos joelhos dela. Mas agora era Afonso que estava ali e não ria, antes parecia doente.

– A sério, pareces mesmo com paludismo. Estás mais magro.

– Claro que estou, Lu. Mais magro. Deste-me essa febre que me salvou mas me fez emagrecer.

– Eu não, a estória de Lueji.

– Tu, tu, tu. A estória da Lueji é tua e não foi só isso. Foste tu inteira que me pôs assim. Espera, ouve.

Ligou o gravador e pôs a cassete a girar para trás. Experimentou, não, é mais à frente, voltou a experimentar, é aqui. Sons de flauta encheram o quarto, mas não duma flauta qualquer. Daquela feita de caniço do bordão que cresce nas margens dos lagos e rios. As crianças, na infância de Lu, as tapavam na ponta com papel transparente ou uma membrana de bexiga de cabrito, para o som vibrar. A flauta de Mabiala por vezes era abafada pelos sons de marimba, mas acabava por emergir deles, num crescendo constante, enquanto ao longe se ouviam batuques. E depois as marimbas se sobrepunham de novo até de novo a flauta emergir. Assim, três vezes. De cada vez que a flauta se fazia ouvir, Lu senterrava mais no colchão, sentindo volúpia no ventre aquecido.

– Sabes o que é isto? – perguntou o compositor. – É aquela parte que Lueji se despe e atira ao lago e nada por baixo da água e depois vem respirar acima e mergulha de novo. Não sei como o vais dançar, mas imaginei-te nadando, apenas. Vi o teu corpo nu a acariciar e ser acariciado pela água e compus isso. Compreendes?

– É bastante erótico, é.

Afonso levantou. Parou o gravador e retirou a cassete. Com gestos sacudidos. Falou entre dentes:

– Não estejas a desconversar.

– Não estou. Acho uma música bastante erótica, como forçosamente vai ser esse bailado. Pensei-o erótico. Tu captaste isso e deste erotismo à música. Perfeito!

– Merda! Não estou a falar da música, estou falar de mim. Só podia dar erotismo se imaginasse que a água era eu. Foi isso o que fiz. Imaginei-te Lueji e imaginei-me água. E a música saiu como um orgasmo, para ser bem claro.

Não era novidade para Lu. Aprendera a ler nos olhos dos homens. E também lera isso na música de Afonso, logo da primeira vez que a ouviu.

– Nem precisavas de dizer.

Ele pareceu assustado, voltou a sentar. Percorreu o quarto com os olhos, objecto a objecto, viu o relógio, se concentrou nas horas, eram dez da noite. Depois falou:

– Quando ficares boa, conversamos.

– Se é por isso, eu já estou boa. Já posso andar... também já posso fazer amor.

Mabiala calou. Está desconcertado, hesita pensar que estou a encorajá-lo. E estou? Sem dúvida, neste momento estou. Se ele vier, não o repudio, quem pode repudiar o criador de tal música?

– Estás boa da pancada, estás boa fisicamente, Lu. Mas não do resto.

– Te referes ao Uli?

– Sim. Não é nada agradável fazer amor com uma mulher e descobrir no meio que ela está a fazer com outro. Um homem pode notar isso, sabias?

– Não um homem qualquer, penso.

– E eu sou um homem qualquer, diz-me? Sou um artista, tenho antenas.

Mabiala se levantou definitivamente. Foi guardar o gravador na estante. Com a mão já no trinco da porta, disse:

– A minha mulher não acredita nisso. E passava a vida a pensar noutros. Sempre fingi que não notava, já não tenho paciência para essas cenas de discute aqui, discute ali. Por isso me vou separar dela.

– Também tu? Ainda ontem o Timóteo me dizia que se vai divorciar. É uma epidemia?

– É o fim da família angolana, outro tipo vai nascer. Bem. Escreves numa semana. Mas antes passo cá... Ora, passo amanhã, é evidente. A menos que vá a um bar menfrascar.

– Deixa disso, tens trabalho. Olha, Afonso, achas esta conversa vai cortar a tua inspiração?

– Disparate! Tu continuas a dançar. Que posso eu fazer senão compor para ti?

Lançou um beijo no ar e bateu a porta. O calor foi se diluindo no ventre insatisfeito de Lu. Foi buscar o gravador e voltou a pôr a cassete. Apagou a luz. Dúvidas e certezas se misturavam, saindo das notas ancestrais, períodos de calmarias e novas angústias se alternavam, quem sou eu afinal? E uma pergunta se impôs, fulgurante, que sentiu Lueji quando pela primeira vez viu Ilunga? Isso sim, isso era o mais importante agora. Que sentiu ela ao fitar Ilunga? O Mundo a desmoronar ou o Mundo a se reconstruir? É exactamente a mesma coisa, pensou Lu, imaginando Ilunga a ouvir o batuque, no seu acampamento, antes de Lueji caminhar para ele.

Tinha cortado um ramo em forquilha e espetou-o no chão. Na forquilha pendurou as suas armas e os amuletos para a caça. Se deitou, os pés para o rio, a cabeça apoiada num pequeno morro de salalé. Na mão conservava o machadinho de lâmina dupla, o tchimbuya, símbolo de poder. Mai deitou ao lado dele.

– A rainha podia ter-nos convidado para a festa – disse o irmão mais novo.

– Não podia. Só amanhã nos recebe oficialmente.

– Porque fazem a festa hoje?

– Salukunga contou estão a fortificar a nova Mussumba. Deve ter acabado esse trabalho.

– Ou então dançam todas as noites, o que era bem bom. Parece os lundas só gostam de dançar, mais nada.

Ilunga não respondeu. Ficou a olhar para as chamas da fogueira que os aquecia. Os companheiros estavam espalhados pela beira do rio. Eram uns cem entre muatas, caçadores e carregadores. Não havia mulheres e todos tinham ficado muito excitados com a visão das amilombes no rio. As mulheres da Lunda seriam todas assim bonitas? Nas terras de Salukunga viram poucas, o velho disse o povo quase todo estava a trabalhar em Mussumba, lá só ficaram os velhos e algumas crianças.

Mai pareceu adivinhar-lhe o pensamento, pois disse:

– Precisas de ver a rainha. Muito nova e bonita.

Ilunga não respondeu de novo. Fechou os olhos, fingindo dormir, mas o irmão queria conversa.

– Achas que a rainha se pode interessar por mim?

– Acho. Agora vou dormir.

Mas não dormiu mesmo. Estava muito longe de casa e se pôs a pensar no que o levava até ali, às margens do Kalanhi, num país em guerra fratricida. Não era novo para ele, isso de irmãos lutarem um contra o outro, pelo poder.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, ILUNGA,
o Tchibinda, filho de Kalala e irmão de Luevu.

Abandonei as margens verdes do Lualaba e os lagos azuis por causa da inveja do meu irmão. Procuo terras onde a inveja e a ambição não seja o que faz os homens viver. Existirão essas terras? Até aqui não as encontrei. Pelo que aprendi nestes tempos próximos, a Lunda é igual à Luba. A minha família então!

Meu avô, Mbidi Ilunga, abandonou o seu território entre o lago Tanganika e o Lualaba, avançando para ocidente. Atravessou o Lualaba e entrou no território de Kongolo, o fundador do Império Luba, cuja capital era perto do rio Lomani. Mbidi era um grande caçador e a sua fama corria à frente dele. Tinha maneiras aristocráticas também e isso tudo encantou Kongolo. Sobre tudo a

capacidade dele para a guerra, claro. Kongolo abrigou-o e lhe deu duas das suas irmãs para casar. Havia guerras e mais guerras e em todas Mbidi triunfava. O seu prestígio era igual ao de Kongolo e este sentiu ciúmes, então quem era o rei-fundador? As perseguições e feitiços foram tantos que Mbidi teve de retirar para as suas terras além do Lualaba, deixando as suas duas mulheres grávidas na corte de Kongolo. Pouco depois, Bulanda teve um filho de Mbidi a quem deu o nome de Kalala, o meu pai. Ainda jovem, já a força e inteligência de Kalala eram indispensáveis ao seu tio materno Kongolo. E as vitórias se acumularam e o império cresceu, cresceu, ameaçando transbordar sobre a Lunda, mas também crescendo para o lado donde nasce o Sol. Mas tinha acabado a doentia inveja de Kongolo? Ele não podia repartir prestígio com ninguém, nem mesmo com o sobrinho, filho da sua irmã. E decidiu matar Kalala. Mas este foi informado pelos familiares da mãe e fugiu para lá do Lualaba, para as terras do pai que não conhecia. Reuniu aí as suas tropas e avançou contra a Luba. Recebeu o apoio de parte da família da mãe, farta dos desmandos cruéis de Kongolo, e tomou o poder. Kongolo morreu como todos os invejosos. Sozinho. Kalala conquistou novos territórios e voltou a ameaçar a Lunda, mas sem nunca chegar a atacar. E depois morreu.

Quando a questão da sucessão se pôs, só havia dois candidatos possíveis: Luevu ou eu. Mai era novo demais. Escolheram Luevu, que prefere agora lhe chamem Lui. Tudo muito bem, eu não estava interessado em disputar. Mas nunca perderei a Luevu o que ele fez para apanhar o poder das mãos do Conselho. A todos dizia eu era um caçador desprezível, porque Tchibinda. Sempre teve inveja da minha perícia, da fama que corria à frente de mim porque não havia elefante que escapasse. E os mercadores árabes, quando conseguiam chegar à Luba, vinham logo ter comigo para negociar o marfim, nada queriam com Luevu ou outro caçador. A inveja dele começou a trabalhar muito antes de o pai morrer. Se lhe perguntavam, onde está o teu irmão, respondia na caça, sabe ele fazer outra coisa, pensa ele noutra coisa? Nem mulher tem o meu irmão Ilunga, pois só quer caçar, deve estar casado com o rabo dos animais. Me vinham contar e eu calava, era meu irmão mais velho. Mas doía. E quando Kalala morreu, logo se pôs a gritar aos quatro

ventos e pôs também os seus partidários a gritar, Ilunga caça muito não por saber caçar ou por ser corajoso, mas apenas porque caça com magias que um nganga lhe ensinou. E a palavra que era orgulho meu e de todo o verdadeiro caçador, a palavra Tchibinda, na boca dele e dos amigos virou insulto mais temido que a palavra nganga.

Sou Tchibinda, sim, tenho muito orgulho nisso, aprendi o uanga para caçar, um nganga me ensinou, e depois? Força apenas contra os animais, não contra as pessoas. Também aprendi a atirar com precisão, também aprendi a seguir os trilhos dos animais, também aprendi com um Sekele, um caçador amarelo baixinho das matas de muito a sul, a atrair os animais, assobiando através duma folha especial. Com ele ainda aprendi a andar sem fazer ruído e a cheirar o sítio onde os bichos estão a pastar. Esse Sekele tinha sido aprisionado a sul do território e eu o libertei para andar comigo. E ele me ensinou mais coisas que o nganga. Lamentei muito quando morreu, apesar de ser feio e amarelo e com o cabelo a nascer aos tufinhos na cabeça e falar dando estalidos com a língua. Só eu o não desprezava. Tudo é preciso para caçar: pernas fortes para muito andar, mão certa e potente para puxar o arco, olho direito e perfurante, flecha dura e o uanga certo. Por isso sou Tchibinda, o que caça com magias, e não me envergonho de o dizer. Quem tem inveja da minha magia? Os que não sabem caçar.

Luevu ficou com o poder. Que goze muito. Não vou procurar um exército para lho arrebatá-lo. Quero é terrenos verdes para caçar. E ver o elefante levantar a tromba à minha frente para a minha flecha assobiar ao Sol e se enterrar atrás da orelha dele. O poder? Que maior poder que matar um elefante, o mais forte animal que existe? Esse sim, é o poder que quero.

Só espero que amanhã Lueji me autorize a ficar aqui na Lunda, terra de tantos rios e elefantes. Só espero que ela veja em mim um amigo e não alguém cheio de inveja a tentar lhe roubar o poder. As terras da Luba são lindas e boas as suas gentes. Mas todas as terras são como a Luba e as gentes também. É preciso apenas saber conhecer e descobrir em cada uma a sua beleza oculta. As gentes que vieram do lago Tanganika choram por terem deixado as suas belezas. O mesmo fazem os que deixaram o Lualaba e as

suas margens perfumadas. E lá para os sítios onde morre o Sol, quantos há que choram pelo brilho dos rios ou pelo azul único do seu céu? Todos os sítios são únicos e se repetem, se repetem, sendo no entanto únicos.

Único também tinha de ser esse bailado, trazido dos tempos pela memória colectiva de vários grupos. Por isso Lu não simportava de imaginar passos dos muquixes dos Tchokue e mesmo as suas vestes, animando as festas da rainha, ou o cadenciado das palmas femininas dos Luvale, ou mesmo os sembas dos que falavam kimbundu, tudo isso acompanhado por sons de kissanje electrónico, única maneira de se fazer ouvir. O problema era pôr essas impressões em poucas linhas, espremer todas as emoções numa frase seca, Lueji vai com seu séquito ao encontro de Ilunga. Como pôr num roteiro o brilho especial do Sol, o zumbido histérico das moscas, o silêncio agitado dos vimbululu procurando nos olhos das pessoas o sal esquecido das lágrimas antigas, o jeito todo especial do capim dobrar ao vento que o afaga? O mais importante ficava de fora. Sempre fica de fora, mas nesse bailado não podia ficar. Como desprezar os vimbululu, essas mesquinhas irritantes que só andam com o Sol para sintroduzirem nos olhos, e se esmagadas cheiram a flor? Atirou com raiva o caderno de apontamentos contra a parede.

Foi se vestir, pois Timóteo devia estar a chegar para a levar ao espectáculo. Olga tinha saído há horas, por causa das maquilhagens e dos últimos arranjos. Sorriu ao pensar nela. Quando lhe disse já podes voltar a casa, me safo sozinha, a outra quase chorou, não me queres mais aqui em casa? Pelos vistos, ia ficar para sempre. Não simportava, Olga era leve como uma pluma de que se faziam os penachos dos muatas. Totalmente diferente de Marina, barulhenta e faladora. A lembrança de Marina estragou o princípio de boa disposição que nascia. Tinha de lhe escrever, insistir no que ela não acreditava. Deviam vencer a tradição e continuar amigas.

Timóteo chegou, ainda não estás pronta, é por isso que os espectáculos nesta terra nunca começam a horas, espera que é só um segundo, imagino o tamanho desse segundo, vou masé sentar até adormecer, mas não, ela se preparou rápido e saíram.

O velho Nacional já estava cheio quando chegaram. Lu sentiu um aperto no peito por estar no lugar errado, sentada numa cadeira de frisa à boca de cena, quando devia estar no palco. Mas o pano abriu e esqueceu. O primeiro número não saiu mal e teve palmas condescendentes. Apesar do programa que explicava serem números todos já conhecidos, o público parecia esperar algo diferente. E por isso as palmas diminuíram no fim do segundo número, apesar de ser Uli no palco. Este, no entanto, pareceu uma sombra dele próprio, emperrado, intimidado talvez pela presença dela, não a via desde o acidente e mesmo as luzes não podiam impedir que a notasse tão perto. O terceiro número, uma dança colectiva, saiu francamente mal. Os bailarinos hesitavam nas entradas, houve um mesmo que se desequilibrou. Teve só palmas isoladas e alguns murmúrios subiam já da plateia. O público nunca ia assobiar, não estavam na Cidadela onde jamais se sabe se os assobios são aplausos ou vaías, mas a reprovação se manifestava pelos comentários sussurrados, nas cabeças que se inclinavam para o lado em confidências. À medida que o espectáculo prosseguia, o mal-estar de Lu aumentava, se sentia culpada pelo fracasso evidente. Felizmente chegou o intervalo, vamos beber alguma coisa, propôs Timóteo que se mantivera sempre calado. Enquanto se levantavam, Lu reparou nisso e lhe agradeceu mentalmente. O médico sabia o que estava por trás daquilo tudo e o silêncio mostrava apenas solidariedade. Ela sapoiou no braço dele, ao irem para o bar, na parte ao ar livre.

Tinham passado as portas para o fresco, quando logo foi abordada pelo Matias, crítico de arte dum jornal, um homem ainda novo mas competente.

– Lu, que saudades tenho de te ver dançar. Hoje mais do que nunca. Já estás recuperada?

– Mais ou menos. – Quem sabia disso estava ao lado dela, mas nada disse.

– Foi só mesmo a luxação que tafastou do espectáculo ou há mais alguma coisa pelo fundo?

– Trava já aí, deixa de imaginar coisas. Está aqui mesmo o meu médico que pode confirmar. Só me levantei hoje e para vir aqui. Ou

queres lançar já um mujimbo maldoso e sujo na porcaria da tua coluna dita de arte?

– Ei, ei, ei, pára aí, agora sou eu que digo. Só fiz uma pergunta. Curiosidade pura e sem intenção de publicar. E porcaria está este espectáculo, isso não podes negar.

Timóteo, sempre oportuno, tinha conseguido encomendar três cervejas e o crítico de arte aceitou a dele com um agradecimento rápido. Lu respondeu:

– Numa semana não se podia fazer melhor. E à última da hora tive de ficar na cama. Querias milagres?

Matias bebeu um gole da cerveja. Como que a medo, pela ponta dos lábios, mas era só estilo. Tomou um ar sério e falou mais baixo, concentrado:

– Sei disso, estive com a vossa Directora antes, já há uns dias. Apesar de tudo, está pobre, pobre, pobrezinho. Parece não estão convictos do que fazem. E não estão mesmo. Nunca os vi com tanto medo, é esse o termo, estão borrados de medo. Se eles não acreditam, como vai o público acreditar? O Uli então está uma lástima. Desconsegue esconder os seus dramas pessoais. E quem escolheu os números tem culpa, pois devia tê-lo posto a dançar qualquer coisa desesperada, mais a condizer com o seu estado de espírito. Põem-lhe em danças alegres quando ele tem vontade de chorar... Até o sorriso lhe sai de lado!

– Não exageres. Estás só a mujimbar à toa.

Ele riu e lhe deu uma palmadinha no ombro. Acabou a cerveja, olhando para todos os lados. Segredou:

– Julgas alguém nesta sala não sabe o que se passa com o Uli? Ou a grande parte das pessoas? Eu sou amigo dele, admiro-o muito. Acho e já escrevi, o Uli é o melhor bailarino que já dançou aqui. E têm vindo estrangeiros de grande nível. Acho isso e escrevi muitas vezes, tu sabes, a minha palavra está empenhada. Só que este não é o espectáculo dele, devia ter ficado em casa com uma desculpa qualquer.

– E o dever profissional? – se meteu Timóteo na conversa.

– Sei disso tudo. O Uli nunca fugiria. Mas digo que para ele seria melhor ter ficado em casa, o fracasso era inelutável. I-ne-lu-tá-vel. Vocês não percebem que não estou a falar do Uli?

Lu agarrou no braço dele com firmeza. Olhou-o de frente e sibilou:

– Já entendi. Queres a cabeça da nossa Directora. No entanto sabes que ela foi forçada a montar o espectáculo numa semana...

– Sei, claro. E não teve coragem de dizer não. Um artista tem de defender a qualidade do seu trabalho sempre e não ceder a pressões, venham donde vierem. Foi covarde e agora está pagar. Era melhor entrar em rebeldia aberta. Pelo menos tinha o meu apoio. Isso mesmo lhe disse antes do espectáculo, já sabia o que ia dar.

Lu voltou a agarrar o braço que se libertara. Se juntou mais a ele, ameaçadora.

– Não vais escrever isso no teu pasquim. Não seria justo para o esforço que eles todos tiveram, ensaiando até à meia-noite. Tentaram fazer o melhor. Um crítico tem de ser justo.

– Justo? Um crítico tem de ser verdadeiro. E a verdade é esta. É o pior espectáculo que vi o vosso grupo fazer desde que sou crítico de dança. Está a anos-luz do que fazem habitualmente. E se a Directora voar, a culpa não é minha, é dela. E o dever profissional obriga-me exactamente a respeitar a verdade – acrescentou, se virando para Timóteo.

Havia gente a querer cumprimentar Lu e fazia roda a distância respeitável. Não podiam ouvir a conversa, por causa do barulho de muitas vozes reclamando cerveja ou café. Achei o momento oportuno para me meter no grupo. Ainda por cima era kamba do Matias, um rapaz cheio de talento e de vaidade, o que, parece, valoriza socialmente o talento. Ele pelo menos o pensava e nunca escondia o orgulho de ser ele próprio. Me juntei pois, cumprimentando Lu e o branco ao lado dela, mas esta não ouviu, toda atenta a Matias. Baixou ainda mais a voz ao pedir:

– Por favor, sê justo. Nós precisamos da Directora, sempre foi a nossa. Não engrosses o coro dos inimigos.

– Digo-te uma coisa. Ela só pode se safar se alinhar no teu projecto. Anunciar uma coisa dessas fá-la subir logo uns pontos, cria expectativa por uma coisa nova, pode ser a redenção. Só tens dois meses para a salvar, Lu.

– Mas questória é essa?

– Ora, sou jornalista. E amigo do Afonso Mabiala, tomamos uns copos juntos. Ele mostrou-me o que está a fazer. Isso sim, isso é um bailado de rebentar com as paredes desta sala. Mas o tempo é curto, Lu, tens de andar depressa. E a tua Directora tem de alinhar imediatamente. Agora desculpa, tenho de falar aí com umas pessoas, colher opiniões.

Matias me segurou no ombro e empurrou. Só tive tempo de fazer um desajeitado adeus a Lu. Enquanto Matias me levava, fiquei a saber Lu preparava um bailado. Daí o seu ar vazio, de criadora? Era um tema, se pudesse aprofundar os meandros e remeandros da criação. O meu companheiro ia contar mais, até mesmo antes de a noite terminar. Por enquanto ele falava às pessoas, com o seu ar suficiente e desancando alegremente no espectáculo que sofriamos.

Quando Matias se afastou, Lu foi cumprimentando maquinalmente as pessoas que lhe perguntavam se já estava bem, se ia dançar no dia seguinte, se dançar volto cá amanhã só para a ver, enquanto a cabeça dela girava, assimilando as palavras do crítico, uma a uma, como gota d'água soletrada pela marimba. Timóteo fazia as vezes de perfeito cavalheiro, presenciava silenciosamente os cumprimentos, ao lado dela num apoio mudo. Lu pegou no braço dele, vamos aos camarins. Furaram entre as pessoas, avançaram no meio dos comentários de não devia ter vindo, amanhã a sala está vazia, a falta da Lu é por demais evidente, o organizador devia nos dar o dinheiro de volta, chega a ser um escândalo, ouvi dum crítico que amanhã vai disparar de canhão, até chegarem à porta dos camarins, entra tu, Lu, espero cá fora, não sou da casa. Ela entrou e sapercebeu imediatamente do clima. Foi beijando os colegas um a um, alguns choravam, a Directora procurava levantar o moral perorando que a segunda parte ia ser melhor, muito mais animada e o que interessava era a segunda parte, é a impressão final que fica na cabeça do público, mas Uli resmungou lá do fundo, se houver público para a segunda parte e Lu avançou para ele, lhe deu um beijo em cada face, depois beijou a Directora, sempre sem palavras, enquanto eles a beijavam e continuavam a se lamentar, derrotados antecipadamente. Olga então estava numa lástima. Abraçou Lu e ficou chorando no seu ombro, um desastre, fui um desastre, este é o meu último espectáculo, nunca mais. Lu viu a um

canto as rosas de porcelana, colhidas antecipadamente para serem entregues aos integrantes no fim, algumas por crianças previamente escolhidas, outras que seriam vendidas aos espectadores entusiasmados desejando homenagear os bailarinos e pensou, essas rosas vão murchar aí mesmo nesse canto, ninguém as vai querer oferecer, só mesmo eu, vou ser a única a subir ao palco, e comprou um ramo enorme, depois faço contas, e saiu com o ramo dos bastidores, as lágrimas bailando no fundo dos olhos, ao menos houvesse em Luanda vimbululus para as secar.

O resto não foi muito melhor. Alguns espectadores do fundo chegaram a abandonar sorrateiramente a sala. Quantos não o fizeram por estarem nas primeiras filas?, sinterrogou Lu. Não, o público apreciava o grupo e até ao fim esperou uma chispa que apagasse a má impressão. Chispa que não aconteceu. Poucos aplausos no final, só mesmo calorosos quando Lu apareceu no palco, distribuindo as rosas de porcelana aos bailarinos. As palmas eram para ela e isso ainda mais a incomodou, a grande culpada do fracasso saía quase em triunfo. Era absurdo. Não teve coragem de mirar a Directora, por isso não viu o esforço que ela fazia para sorrir ao receber as flores.

Olga foi com eles no carro, evitou sequer cumprimentar os pais que a esperavam, contrafeitos, à saída. E correu chorando para o apartamento, mal chegaram ao prédio.

- Vou subir contigo, Lu, e beber um copo.
- Não, Timóteo. Obrigado por tudo.
- Não mofereces um copo?
- Se fosse só isso, claro que sim. Mas é mesmo só um copo que queres? Hoje não estou para mais nada.

Timóteo segurou na mão dela e obrigou-a a permanecer dentro do carro.

- Mas claro que era só um copo, qué que estás a pensar?
- Então vamos subir.
- Deixa, vai dormir. Também tinha pensado que te podia ajudar a consolar a Olga. Bem bastam as tuas chatices e ainda mais ter de aturar as dos outros. Era mesmo só isso, Lu.

Ela ficou silenciosa. Sentiu a mão dele que apertava a dela. Há quanto tempo ninguém a apertava nos braços e como estava a

precisar disso. Um amigo, até mesmo Michel. Por isso imaginava suspeitas infundadas, como há pouco. Histeria, por falta dum amigo. Mas ele libertou a mão.

– Se não soubesse como te sentes neste momento, até podia ficar ofendido. Mas não fico. Boa noite, Lu.

– Desculpa, Timóteo. Não te quis magoar.

– E desconseguiu, descansa.

Agora foi ela que lhe agarrou a mão repousando sobre o volante do carro. Involuntariamente, a voz saiu quente, numa súplica:

– Vem, deixa de orgulhos parvos. Preciso tanto de alguém amigo. E homem...

Ele não reagiu nem à mão nem ao tom de voz. Ela se virou para a porta e abriu-a, hesitando em sair. Nessa posição, perguntou:

– Não vens mesmo beber só um copo e consolar a Olga?

– Não. E não é por orgulho, podes ter a certeza.

Ela saiu e o carro arrancou.

Aquela forquilha enterrada por Ilunga no chão, para nela pendurar as suas armas e amuletos e passar a primeira noite, ia se tornar árvore e um dia seria uma relíquia para os tundas, como tantos outros dos seus gestos. Mas ninguém podia adivinhar isso ainda, nem mesmo Kandala.

Assim, Lueji acordou no dia seguinte com grande indisposição. Tinha dançado e bebido na véspera, quando estava sem vontade, pelas preocupações da guerra e pela presença dos kandaka, que queriam eles afinal? Acordou com preguiça de se levantar, de enfrentar o Mundo. Na véspera, no fim do batuque, devia ter arrastado para a sua casa ou o jovem e gentil Kakongo, próximo chefe do protocolo, ou o esperto Kamexi, futuro comandante. Teria acordado mais bem disposta. Mas não tinha ousado, desde que era rainha nunca brincara com um rapaz. Porquê não sabia. Tinha antes vontade, mas no momento recuava. E, de repente, acordou de vez com a lembrança. Não, não era por ser rainha. Foi sim, depois de ver o homem esguio sair do disco da Lua e passar ao longe, na outra margem do seu lago, silenciosamente alto e elástico, empunhando um arco quase do seu tamanho. A visão do homem da Lua a impedia de querer outro rapaz para a acariciar. Se levantou, ainda mais insatisfeita.

Não estás bem, minha filha, não é nada, mãe, só os problemas. Nayole abanou a cabeça, condoída, pobre criança, o que lhe fez o pai? Lueji bebeu o ndoka morno e se sentiu melhor. O hidromel a aqueceu por dentro, lhe segredou força, rainha, estou aqui, dentro de ti. O ndoka era a melhor bebida e comida ao mesmo tempo, aquecia e fortalecia, adoçava e libertava o espírito. Vamos lá ver como vão estas guerras todas.

Não havia novidades. Os batedores, enviados para todos os lados com mondos, na finalidade de anunciar rapidamente os movimentos de Tchinguri, permaneciam mudos. O inimigo se mantinha longe de

Mussumba. Toda a gente cavava os fossos a toda a extensão da paliçada. Precisamos pelo menos de mais três dias, lhe disse Kumbana. Tchinguri ia lhes dar os três dias? Certamente que sim, ele ia se desviar para ocidente, perseguindo o caminho do Sol, caindo sobre as terras do tolo do Kakolo. Lueji tinha a certeza hoje, apesar de na véspera Kandala nada ter visto no seu ngombo.

Depois de ter examinado o trabalho dos fossos e ido visitar Kakoma e a sua forja incandescente, Lueji mandou chamar Kakongo. E disse para Kumbana:

– Vamos cumprimentar os kandaka. Tu vens, Kumbana. E tu, Kakongo, e todo um séquito. Vou na liteira.

Kakongo organizou rapidamente o cerimonial do cortejo. Se tratava dum visitante ilustre e a rainha da Lunda não podia aparecer como uma pedinte, tinha de mostrar o fausto da sua força. Como gesto de boa vontade para com os tubas, tinha escolhido um colar trazido por eles, aquele que tinha como jóia solitária uma grande concha em forma de meia-lua apanhada nas margens do oceano Índico. A concha brilhava no seu peito nu. Ia subir para a liteira, quando apareceram os mais-velhos Kakolo e Kakele. Este falou:

– É verdade que vais visitar os lubas, rainha?

– É sim, muata Kakele.

– Não é dar-lhes demasiada importância?

– Eles trouxeram presentes reais. Devo retribuir com a minha cortesia.

Os dois muatas olharam em silêncio um para o outro. Depois Kakolo tomou a palavra:

– Não gosto da vinda deles. Têm um novo rei pelos vistos e não sabemos as intenções dele. Mas o maldio Kalala sempre tentou anexar a Lunda. Chegou a mandar recados ao teu pai.

– Sei disso. Mais uma razão para falar com eles.

– Devias tu recebê-los. E que entrassem na tua onganda de cabeça baixa, a bater as palmas. Visitá-los é quase um gesto de rendição.

– Muata Kakolo, se eles interpretarem assim, então são muito ingénuos. Se confundem cortesia com fraqueza, não constituem perigo nenhum para nós.

Era uma forma indirecta de dizer que Kakolo era ingénuo e este engoliu em seco, mordendo os lábios. Os dois mais-velhos hesitaram em insistir e Lueji aproveitou mandar avançar a liteira. Ficaram os dois ali, se olhando, em silêncio. Kakele pensou nem me convidou a fazer parte do séquito, estou atirado para o lado como uma folha velha de palmeira. E Kakolo rosnou para dentro, garota pretensiosa e estúpida, ainda me vais implorar ajuda, com lágrimas nos olhos.

Kumbana abriu a marcha com dez soldados. Depois vinha a liteira, carregada, por doze portadores. Ao seu lado caminhava Kakongo, ornado de uma sala das mais belas plumas brancas. Fechavam o cortejo mais dez soldados. Os soldados marchavam orgulhosamente, com as suas plumas vermelhas e novas na cabeça, as azagaias perfeitamente paralelas ao corpo, os olhos rigidamente fixados em frente. Kumbana tinha-os treinado bem, se via logo.

Ao lado do rio e perto do acampamento dos lubas, Lueji viu uma pedra branca e lisa em cima. Apontou para Kumbana. Fizeram descer a liteira e a rainha sentou na pedra.

– Vai chamar o kandaka. Recebo-o aqui.

Kakongo avançou imediatamente para o acampamento dos lubas, cumprindo a ordem.

Lueji não sabia então, mas, mais tarde, segundo diz a tradição que nunca mente, Ilunga plantaria três árvores atrás daquela pedra onde a rainha da Lunda o recebeu. As três árvores cresceram e ainda hoje lá devem estar. Durante séculos seriam um monumento sagrado, apresentado de geração em geração.

Em breve apareceu o estrangeiro, acompanhado de Kakongo. Mais atrás vinha Mai e outros do seu séquito. Ilunga andava com seu passo elástico de caçador, alto e esbelto, a cor com cintilações azuladas ao Sol. Numa mão trazia o enorme arco de caça e na outra o machadinho de duplo gume.

Subitamente o vento cessou de fazer mexer os papiros da margem do Kalanhi. Os pássaros calaram seus pios de amor e os ruídos longínquos de Mussumba deixaram de se ouvir. Na manhã morna do Kalanhi, nem uma abelha zumbia, nem uma mosca passava, mesmo as águas turbulentas silenciaram. O coração de

Lueji parou. Subitamente se pôs a galopar, parecia rinoceronte fugindo.

Era ele, o homem que saíra da Lua.

Ilunga se prostrou aos seus pés, batendo as palmas rituais. As palmas acordaram-na e com a mão convidou distraidamente o kandaka a se sentar na pedra, a seu lado. Ilunga levantou os olhos para ela pela primeira vez, viu o gesto e não percebeu, pois a visão do busto dela lhe provocou um grito calado dentro de si, grito do nome dela, grito da luz da Lua, grito que ficou ressoando no peito seco dele, até que ela repetiu o gesto. Maquinalmente, Ilunga sentou ao lado de Lueji.

Foi difícil libertar a garganta para falar e era ele que o devia fazer. Dominou a vontade de deixar soar o grito que no interior dele ressoava. Num esforço enorme, conseguiu balbuciar:

– Vim como amigo, rainha da Lunda. O teu tio Salukunga nos recebeu muito bem, ouviu as minhas intenções e convidou-me a avançar para a tua Mussumba, pois achou que era do teu interesse.

Ela também não tinha vontade de falar. Aspirava docemente o cheiro forte dele, sentado a seu lado. E imagens alucinadas passavam nos seus olhos, de correrias à volta do lago atrás da sombra recortada no luar. Não podia ser, mas era. Tinha de reagir, falar, perguntar, discutir se necessário. Afinal era um luba, talvez inimigo. Não podia ficar aniquilada pela sua presença. Num esforço supremo, contemplou os elementos dos dois séquitos que se mediam com os olhos, sem se aproximar uns dos outros. Ninguém podia ouvir a conversa, dada a distância respeitosa a que Kakongo os colocou.

– Que tens para me dizer, príncipe da Luba?

A voz dela entrou no peito dele como uma carícia e o grito nele quase se libertou. Engoliu saliva mais uma vez e falou:

– Abandonei as terras da Luba por causa da inveja do meu irmão Luevu, o actual rei. Ele não podia suportar a minha fama de grande caçador e começou a me perseguir, logo que subiu ao trono. No fundo, já antes o fazia, mas era mais discreto. Resolvi pois avançar para novas terras onde pudesse caçar, principalmente elefantes. Para mim, rainha, a vida é caçar, nada mais interessa.

– A vida não é só caçar. Temos aqui caçadores, grandes também como Ndumba ua Tembo, mas se interessam por outras coisas.

Ilunga não replicou imediatamente, pois a frase dele também lhe começava a parecer despropositada. E falsa. Preferiu desviar a conversa.

– Aqui na Lunda há muitos elefantes, já pude constatar. E eles para vocês não têm grande valor, pelo menos não os caçam muito. Por isso abundam.

– Não temos muita tradição de caçar elefantes. Só com fossos, de vez em quando. Tu como os caças?

– Com isto.

E Ilunga levantou orgulhosamente o arco que tinha largado sobre a pedra.

– Então com flechas envenenadas – disse Lueji.

– Não, rainha, não é preciso. Isso fazem outros povos, sobretudo os Sekele, os homens pequenos e amarelados que vivem lá para o Sul e falam a estalar a língua.

– Conheço, às vezes aparece um ou outro aqui.

– Se se envenena as flechas, isso estraga a carne e tudo do elefante se deve aproveitar. Mas o que me interessa é o marfim. Por isso tenho uma proposta.

– Qual é essa proposta?

– Se nos deixares ficar aqui na Lunda, vamos caçar elefantes. Não nos meteremos na política do teu reino, da política fugi eu, vindo para cá. Os dentes são meus e a carne tua. Da carne tirarei apenas uma pequena parte, para a minha gente comer, gostam muito dessa carne, sobretudo a tromba. Outros animais que caçarmos servem para a nossa alimentação e para trocar com a tua gente, sobretudo por farinha e legumes. Tu vais precisar dessa carne, pelo menos enquanto estiveres em guerra. Os teus homens não têm tempo para caçar. E um elefante alimenta Mussumba por uns dias.

Calou, esperando a reacção dela. Salukunga havia garantido, era um negócio muito aceitável, Mussumba precisava terrivelmente de alimentos. Por isso se surpreendeu com a pergunta seguinte dela:

– E para que queres o marfim?

– O marfim? Bem. Regularmente vão caravanas do lago salgado onde nasce o Sol até à Luba. Elas trazem jóias como esse colar que usas hoje e que considero uma honra usares neste momento. São caravanas comandadas por homens claros, que falam uma língua estranha, que lhes sai toda do fundo da garganta.

– Árabes, assim se chamam a si próprios. Veio cá uma vez uma caravana, no tempo de Kondi.

– Vejo que conheces... Eles só querem marfim e escravos. E trazem sal, tecidos finos, jóias, cadeiras ricamente esculpidas e outros produtos. Levam todo o marfim que eu puder apanhar.

Uma palavra no entanto tinha ficado a retinir no ouvido de Lueji. Apesar de se sentir estranhamente bem ao lado do homem que saíra uma noite da Lua, a rainha ainda estava desconfiada. Perguntou em tom indiferente:

– E não lhes entregas escravos?

– Não, isso não me interessa – a resposta foi rápida e com raiva escondida nela. – Para ter escravos é preciso fazer guerras, atacar outros povos. Não quero guerras, na Luba sempre me opus a que negociássemos homens com os árabes, temos outras coisas para trocar. Foi uma das razões das minhas desavenças com Luevu, ele só sonha em despovoar a Luba e os territórios vizinhos, para vender as gentes. O meu pai também era assim.

– Kondi, pelo contrário, recusou fazer esse negócio com a caravana que esteve aqui.

– Fez muito bem, rainha. Gostava de o ter conhecido.

– Era um homem justo. Morreu há pouco tempo.

– Sei, sim, Salukunga me informou. E também sobre as pretensões dos teus irmãos. Mas que dizes da minha proposta?

Lueji ficou calada, reflectindo. Tinha agora a certeza, os kandaka não tinham vindo preparar uma futura invasão por parte dos lubas. Ilunga não podia ser tão dúplice para a enganar. Era sincero, isso lhe dizia o coração. No entanto, ela era uma rainha e não podia se fiar apenas no coração, lhe tinha ensinado Kondi. Sobreretudo porque o coração dela era por vezes muito mole, tinha já a experiência de Tchinguri para a alertar.

– E se me parecer que não é um acordo razoável?

Ilunga ficou petrificado. Esperava tudo menos aquilo. A maneira gentil como Mai foi recebido, a honra de ser visitado primeiro, o que revelava grande interesse por parte de Lueji, a situação precária da Lunda, quase sem reservas alimentares e condenada a ter apenas o peixe do Kalanhi, a conversa agradável que estavam travando, tudo anunciava um acordo fácil. Também aquele grito contido dentro de si era um pressentimento de coisas novas e belas que estavam para acontecer. E ela, de repente, recusava?

– Não compreendo, rainha da Lunda.

– Repito. Se eu achar que não é um bom acordo para mim, que vais fazer?

– Mas, rainha, nunca pensei que pudesses recusar. O teu tio Salukunga me explicou a situação, tu precisas de carne...

– O meu tio não é o rei da Lunda. E a Lunda não está assim tão desesperada como pretendes.

Ilunga levantou da pedra e se inclinou à frente dela. A voz saiu perturbada, mas era macia ao mesmo tempo.

– Desculpa, rainha, se te ofendi. Não era minha intenção.

– Senta-te. Não precisas de pedir desculpas, não me ofendeste. Te fiz apenas uma pergunta.

O luba respirou fundo, atónito. Controlou o grito que mais uma vez se queria soltar. Grito que agora era de admiração pelo orgulho dela, tão nova e tão soberana.

– Se não nos quiseses cá, rainha, que posso fazer? Te peço autorização para atravessar o teu território, vou atrás do Sol. Não é isso que a minha família tem feito desde que se conhece? Para lá do Cassai sei que existem muitos elefantes. Ouvi falar do sítio onde esse rio nasce...

– Também ouviste falar? Dum lago no Tchivokue?

– Dum lago não. Ouvi dizer que na nascente do Cassai há mais elefantes que os dedos das mãos e dos pés de todas as pessoas que lá vivem...

– Os Tchokue!

– Te pediria licença e iria para lá. Só que se tornava difícil mandar o marfim até à Luba, para os árabes. Mas não tinha outra solução, rainha.

Que pena ele não ter ouvido falar do lago onde nasciam as rosas de porcelana, cujos bolbos alguém trouxe para Mussumba. Se lembrou então, nunca mais as veria? Com a guerra era impensável ir colhê-las lá no lago da sua infância. Sentiu um grande vazio que nem a presença de Ilunga podia preencher. E sentiu também a angústia dele.

– Não te vou mandar embora, príncipe. Te fiz apenas uma pergunta e respondeste satisfatoriamente. Mas o acordo que propões não é inteiramente justo. Ora vê. Vocês ficam no meu país, vão precisar de arranjar mulheres, o que vai causar problemas. Caçam os nossos elefantes, andam por toda a parte... Não te esqueças que são estrangeiros e as relações com os lubas nunca foram boas. E além disso tudo, a Lunda também pode querer negociar com os árabes. Para isso precisamos de marfim.

Ilunga começava a sentir o peito menos apertado. Não era uma recusa, apenas uma negociação. A voz dele saiu quase alegre de tão macia:

– Quais são então as tuas condições?

– As tuas. Mas com uma pequena diferença. Por cada elefante morto, tu ficas com um dente e eu com o outro. E com toda a carne, claro. A tromba inteira fica para ti. Outro tipo de carne será trocado normalmente. Mas te previno, talvez venhamos a ter falta de farinha, as searas ficaram longe.

Ilunga respondeu sem hesitar:

– Aceito, rainha.

– Há mais. O nosso acordo diz apenas respeito a este teu grupo de companheiros. Só chamarás outros com a minha autorização.

– Claro, isso é evidente.

– Poderão arranjar mulheres aqui, mas segundo as leis da Lunda. Mais tarde vão conhecê-las. Em troca, quero uma coisa.

Ela hesitou, pois era uma ideia nova que lhe tinha vindo ao ver o arco dele e o facão enorme e reluzente que todos os lubas traziam à cintura.

– Que coisa, rainha?

– Que ensines os meus homens a caçar e a fazer armas iguais às tuas. Se de facto são melhores que as nossas.

Ilunga sorriu. Descontraiu o corpo e notou então que a tensão nervosa lhe fazia doer os músculos todos.

– Posso satisfazer quase todos os teus desejos. Tenho comigo um excelente ferreiro, o encarregado de fazer as nossas armas, sobretudo as pontas das flechas. Ele pode ensinar os teus ferreiros. Se achares que as minhas armas são melhores que as tuas... E isso é fácil de ver. Queres experimentar?

– Quero.

– Chama então um dos teus guerreiros, rainha.

Lueji fez um gesto a Kumbana. Este se aproximou, Ilunga levantou da pedra e desembainhou o facão. Não precisou perguntar o nome, Salukunga tinha feito uma descrição precisa e colorida do chefe da guarda.

– Es Kumbana, não?

– Sim, kandaka— respondeu o kanapumba, admirado e muito desconfiado, a mão segurando o cabo do facão.

Só então Lueji notou que o gesto de Ilunga, ao segurar no facão, tinha feito todos os soldados avançarem para eles, com as armas prontas a serem usadas em sua defesa. Ela fez um gesto brusco, parem, o estrangeiro vai nos mostrar uma coisa.

– Kumbana, segura no teu facão com força. Não tenhas medo, não te vou ferir. Vou bater com o meu no teu, para ver o que acontece, percebes?

Kumbana assentiu com a cabeça, olhando para a sorridente Lueji. O sorriso dela tranquilizou-o. Tirou o facão e segurou-o com as duas mãos. Ilunga levantou o seu e baixou-o com toda a sua força. Saíram faúlhas do encontro dos dois facões e Kumbana ficou com metade do dele na mão. O mucuali de Ilunga tinha-o cortado pelo meio. Um oh de espanto temeroso partiu das gargantas dos lundas. Ilunga se virou para Lueji, sorrindo.

– Sabia que isso ia acontecer, pois fizemos a mesma experiência na aldeia do teu tio. Só que lá foi preciso eu propor. Mas tu viste imediatamente a qualidade do nosso ferro. Felicito-te pela tua perspicácia, rainha.

– E eu felicito-te pela tua habilidade.

– Não é uma questão de habilidade. Nem de força. É o nosso ferro que é melhor. Fazemos outra experiência?

Como ela assentiu, os olhos a brilhar, Ilunga se virou para Kumbana e disse:

– Agora fazemos ao contrário. Bates tu com força no meu mucuali. Kumbana pegou no facão dum dos soldados e levantou-o o máximo que pôde. Ilunga estendeu o seu. Kumbana bateu com toda a força que tinha, faíscas saltaram e de novo ficou com metade do seu na mão.

– Como vês, rainha, não é questão de habilidade ou força.

As palmas de admiração dos soldados tinham-nos feito perder toda a disciplina. Tentavam chegar mais perto para ver as armas brilhantes dos lubas.

– Se quiseses, podemos experimentar o arco.

Lueji apenas acenou com a cabeça. Enquanto Ilunga segurava o seu longo arco e tirava uma flecha da saca de couro de mbambi, ela pensou com aqueles mucuali Tchinguri começaria a ser um perigo mais remoto. Se tivessem tempo de fabricar novas armas. Dá-me tempo, Tchinguri, dá-me tempo.

– Vês aquela árvore, rainha?

E Ilunga apontou uma árvore torta que estava a uns cem passos de distância. Apontou para ela a flecha e esticou o arco. Os músculos dele brilharam ao Sol. Soltou a flecha e esta partiu zunindo. Se espetou na árvore com violência e ficou tremendo. Muitos ohs saíram das gargantas lundas. As flechas deles chegariam ao fim daquela distância quase sem força de se enterrar na árvore. E se o fizessem, o mais certo era partirem a ponta e não penetrarem. Ilunga repetiu a experiência e a segunda flecha se espetou quase ao lado da primeira.

– Aí já não é só a qualidade do ferro, Ilunga. Te felicito pela tua habilidade com o arco.

– Obrigado, Lueji.

Sem notarem, se tinham tratado pelos nomes. Foi tão natural que nenhum registou o momento. Só mais tarde, quando Lueji se quis recordar quando se começaram a tratar pelo nome próprio e desconseguiu lembrar, é que deu pelo caso. Entretanto, Ilunga voltou a sentar na pedra, sorridente.

– O meu ferreiro pode ensinar os teus a tratar assim o aço. Ele me disse o minério daqui é de boa qualidade, melhor que o da Luba. Se

os espíritos forem favoráveis, até podem sair armas melhores que estas.

Lueji estava encantada. Aquele príncipe tinha mesmo saído da Lua para a salvar e salvar o lukano. Com armas daquelas o seu exército em breve seria muito mais forte. Mas logo parou de sorrir porque um pressentimento lhe assolou o espírito. Kakoma ia aprender a nova técnica. Kakoma era tio de Ndumba ua Tembo. Este hoje era um aliado, mas que passaria a ser quando recusasse o casamento com ele? Poderia vir a ser um inimigo. Um inimigo com o segredo de fazer melhores armas...

– Peço-te uma coisa, Ilunga. O teu ferreiro só ensinará o segredo aos ferreiros que eu indicar. E a mais ninguém.

O Tchibinda ficou admirado, mas não respondeu. Assentiu apenas com a cabeça. Depois compreendeu e sorriu. Que rapariga esperta. Claro, como não tinha pensado nisso? Era um segredo que lhe dava enorme poder. Pensou com certa mágoa, um segredo que lhe ofereço sem nada pedir em troca. Podia obter os dois dentes de marfim de cada elefante. Ou mais. Na situação dela, este segredo é mais valioso que tudo o resto. Mas o trato estava feito e não ia voltar atrás. Por isso nunca poderei ser um soberano, não me interesso por esses jogos subtis de poder e negociações, nem tenho jeito para eles. Mai deve ter razão, sou um ingénuo. Se eu tivesse a cabeça da Lueji, Luevu não reinaria na Luba. se disse com certa amargura. Deixa lá, ela é bonita e doce. Merece o mais maravilhoso presente que lhe posso dar. A vitória contra Tchinguri.

– Há só uma coisa que não posso satisfazer totalmente, Lueji. Posso ensinar os teus homens a caçar, lhes explicar tudo o que aprendi. Excepto uma coisa. A magia do uanga. Faz parte mesmo da minha arte. Só um nganga a pode ensinar e eu não sou um nganga. Posso fazer bons caçadores dos teus homens, mas caçadores normais, não tchibindas.

– Compreendo, Ilunga. Guarda para ti o segredo do uanga. Me contento com o resto.

Lueji fez um gesto para Kumbana e Kakongo, os quais se aproximaram logo. A rainha levantou no alto da pedra e falou para eles, mas suficientemente alto para todos ouvirem, lundas e lubas.

– O Tchibinda Ilunga e os seus companheiros vão construir as suas chipangas aqui em Mussumba. Depois Kakongo lhes indicará o sítio que eu escolher. Ficam a viver connosco, com todas as honras devidas a pessoas da mais nobre linhagem. Poderão arranjar mulheres, conforme os costumes da Lunda. Vão caçar em todo o território e trocam a carne pela nossa comida. Kakongo, quero que sejam sempre convidados para as nossas festas.

Gritos de parte dos lubas celebraram as palavras da rainha. Mai sobretudo estava exuberante. Se aproximou de Lueji como se olhasse o Sol e ajoelhou, obrigado, rainha da Lunda. Tinha cometido uma falta de protocolo, pois só Ilunga devia agradecer em nome de todos, mas não lhe fizeram reparo, a sua juventude desculpava muita coisa. Lueji sorriu para Mai, porém falou para Ilunga:

– Ao fim da tarde os dois estão convidados para comer comigo. Não é um banquete, porque estamos em regime de kilombo, do que peço antecipadamente desculpa.

Ilunga se inclinou à frente dela, assim como Mai. O tchibinda aclarou a voz, pigarreando.

– É uma grande honra e nós teríamos o maior prazer em aceitar o teu generoso convite, rainha. Mas perdoa-nos antecipadamente e não te ofendas. Isso não nos é possível.

– Porquê? – O espanto e uma ponta de irritação fez a voz dela sair mais aguda que o habitual.

– O nosso costume proíbe-nos isso, rainha. Peço que compreendas e não leves a mal...

– Se o explicares, posso compreender.

– Aceitar o teu convite era a coisa que mais gostaria de fazer hoje, acredita. Mas segundo o costume da Luba, o rei e os seus prováveis sucessores são obrigados a comer sozinhos. Só podem ser vistos comer pela sua própria mulher ou, se forem solteiros, por uma mulher especial que os serve. Se alguém uma vez os vir comer, grandes desgraças ocorrem.

Lueji ficou silenciosa, meditando. Estranho costume. Será por medo do feitiço? Ou uma maneira polida de recusar a comida dos lundas que para eles pode ser demasiado pobre? Tentando esconder a irritação que queria dominá-la, perguntou:

– É para evitar envenenamentos? Se é isso, podes estar descansado. Eu só como o que a minha mãe vê cozinhar, essa é uma das suas tarefas.

– Não é para evitar envenenamentos, rainha. Talvez tenha sido no princípio essa a razão, nunca procurei saber. O facto é que se faz assim e somos educados desde crianças para aceitar esta regra. É um dever da nossa alta condição. Nem posso ver Mai comer ou beber, nem ele me pode ver. Lamento muito, rainha da Lunda, e peço a tua compreensão.

– Está bem.

Mas ela não estava totalmente convencida e tinha perdido uma parte da alegria anterior. Ilunga notou.

– Se nos dás essa honra, rainha, ficaríamos muito felizes em podermos te visitar ao fim da tarde, depois da refeição. Poderia te explicar outros costumes nossos e teria o prazer da tua companhia.

A voz dele era forte e doce e Lueji teve de sorrir. Fez um gesto despreocupado com o espanta-moscas.

– Claro que autorizo a vossa visita. Terei muito prazer.

Ilunga e Mai se inclinaram, batendo palmas, muana vuliê. A audiência estava terminada e ela não tinha mais pretexto para ali permanecer. Contrafeita, deu uma ordem e partiu com o séquito para Mussumba. Quando se afastaram do rio e das vistas dos lubas, a rainha fez baixar a liteira e deu ordens a Kakongo para levar os homens para a onganda real, ela ia andar com Kumbana e apenas dois dos guarda-costas.

– Que pensas das armas deles, Kumbana?

– Estava a pensar nisso o tempo todo, rainha. Se nos ensinassem a fabricá-las... Podíamos derrotar Tchinguri mesmo em campo aberto... Se houvesse tempo...

– Era isso mesmo que te queria falar em particular. Fiz um acordo com o kandaka. Eles trazem o seu próprio ferreiro. E uma das cláusulas do acordo é ensinarem os nossos ferreiros a fabricar aquele aço. Por isso Salukunga tinha tanta pressa que eu recebesse Ilunga. Devem ter falado nisso.

– É formidável, rainha.

Os olhos do fiel Kumbana brilhavam e os seus lábios esboçaram um sorriso, gesto raro nele.

– Fiquei admirada como ele aceitou sem hesitar. Se tivesse más intenções a nosso respeito, guardaria o segredo, pois é a grande força dos lubas contra nós. Afinal, eles podiam mesmo nos invadir e derrotar à vontade. Se o segredo passa para nós, isso já se torna muito difícil.

– É. Parece, rainha, podemos confiar nestes lubas.

– Sim, tenho a certeza. Mas não digas nada a ninguém, por enquanto. Temos de decidir primeiro como fazer.

– Não aproveitamos o segredo contra Tchinguri?

A pergunta trazia implícita uma discordância. Lueji segurou no braço dele e falou ainda mais confidencialmente:

– Não é isso, Kumbana. Se eles ensinam o Kakoma a fazer o aço e foi nisso que pensaste logo...

– Claro.

– Pensa. Kakoma é mais fiel a Ndumba ua Tembo que à rainha da Lunda. Ndumba quer casar comigo. É um grande aliado neste momento, porque casando comigo pode ter acesso ao lukano. Mas não tenho intenções de casar com ele. Pelo menos por enquanto... O despeito não o fará se tornar um inimigo? O segredo do aço passa para ele, tornado inimigo...

– Como não pensei nisso, Lueji? Estás com toda a razão. O segredo tem de ficar na nossa linhagem, tem de te pertencer apenas a ti, rainha.

– No acordo com Ilunga ficou dito que o ferreiro luba só vai ensinar quem eu indicar. O problema agora é o seguinte, podemos evitar que Kakoma o aprenda?

Kumbana não respondeu. Ele sabia da arte militar, nisso era quase tão bom como Kandumba. Mas as subtilezas dos jogos de poder eram complicadas demais para o seu treino de cortesão recente. Preferia deixar ao cuidado de Lueji, que já se revelara ser muito competente nas intrigas do poder.

– Eu podia mandar o ferreiro luba para o território de Salukunga e lá fabricar as novas armas, ensinando ao mesmo tempo Kimuanga, que é o melhor que lá temos. E qual seria a reacção de Kakoma e mais tarde de Ndumba? Se sentiam enganados, que eu não tinha confiança neles...

– Aí de qualquer modo seria tarde demais para eles. Os nossos homens com as novas armas eram um exército que Ndumba tinha de respeitar. Que podia ele fazer?

Tchinguri não pensaria duas vezes, ia guardar o trunfo só para si. Tinha preparado o seu próprio exército, só dele, e armaria apenas os seus homens com as novas armas. O poder não se divide, não era mesmo a divisa de Tchinguri? Ela tinha imitado quase inconscientemente a ideia do irmão e criado o seu exército, com vocação de se tornar independente dos Tubungo. Então, porquê repartir o segredo com Ndumba e os outros Tubungo? A rainha da Lunda tem de ter o máximo do poder para defender o lukano. Quem mais o vai defender no meu lugar?

– Tens razão, Kumbana. Eles não poderão fazer nada mais tarde, terão de se conformar. Logo vou falar com Ilunga e amanhã cedo o ferreiro deles parte para a aldeia de Salukunga. Kamexi vai com ele para explicar tudo ao meu tio.

– Mas Kamexi nos faz falta. Mesmo que volte amanhã. Se Tchinguri ataca?

– Então vai Kakongo. É esperto e de confiança. E na guerra não nos serve de nada.

Tinham chegado perto da paliçada. Ficaram a inspeccionar o trabalho dos fossos. Os homens cavavam os buracos e as mulheres carregavam a terra para dentro da paliçada. Se ficasse essa terra toda à vista dos atacantes, logo percebiam que fossos tinham sido cavados. Era um duplo trabalho e fazia perder tempo, mas não havia outra solução. Todas as muhambas que normalmente transportavam farinha ou peixe ou carne, agora eram utilizadas para carregar a terra. E eram poucas, por isso um grupo de mulheres tinha sido destacado para fabricar só muhambas. Tchinguri, a quanto trabalho obrigas, pensou tristemente Lueji. Começava a se notar o resultado de tantos esforços e da má alimentação. Os populares pareciam mais magros, mais velhos. Eram dias e dias de trabalho intenso, comendo só uma refeição, dormindo ao relento. Só os jovens soldados pareciam em boa condição física, mas eles eram tratados com mais cuidado e comiam também de manhã.

Kandumba se chegou a eles e Lueji lhe contou rapidamente o que combinara com Ilunga. Os olhos de Kandumba brilhavam.

– Se tivermos tempo de fabricar as armas, mesmo que seja apenas para a tua guarda pessoal e para os grupos do leão e do elefante, Tchinguri não entra na Mussumba.

– Vai haver tempo, Kandumba. Ele ainda vai atacar as terras do velho Kakolo.

– Tens a certeza, não é, rainha? – perguntou Kandumba.

– Tenho. Conheço o meu irmão e ele escolherá sempre a estratégia mais inteligente.

– Deves ter razão – disse Kandumba. – E agora espero mesmo que tenhas razão, porque assim nos vai dar tempo. O tempo volta a contar a nosso favor. A estratégia mais inteligente acaba por ser errada, rainha.

– Errada não. Só que aconteceu algo que ele nunca podia prever. Os espíritos dos antepassados estão mesmo comigo.

Kandumba concordou com a cabeça. Kumbana ouvia a conversa dos dois e a, certeza de Lueji começava a convencê-lo. Ela tem de facto os espíritos do lado dela, já aprendeu a falar com eles, talvez tenha razão também ao adivinhar a estratégia diabólica de Tchinguri. E fez uma triste figura em não a ter apoiado contra Kakele e Kakolo.

– A propósito do Kakolo, rainha... – disse Kandumba. – Esse muata anda por aí toda a manhã a gritar que tu não percebes nada de guerra, que pensas Tchinguri vai atacar primeiro as terras dele. E dá grandes gargalhadas de desprezo. Tive vontade de ir lá calar a boca dele.

– Deixa-o falar. Se eu tiver razão, ele vai perder a soberba duma vez por todas.

– Mas muata Sambunje veio falar comigo, todo preocupado. Ouviu de Kakolo que depois seriam as terras dele as invadidas, segundo a tua ideia. E me perguntou se eu achava melhor ele avisar o povo dele para recuar, se esconder nas matas e vir para Mussumba. Eu disse era melhor falar contigo, rainha.

– Acho prudente que o povo se esconda nas matas. Se ao fim duma semana, os homens de Tchinguri não ocuparem as terras, então podem voltar à sua vida normal. Temos de criar o vazio diante de Tchinguri. E avisar Ndumba ua Tembo que depois de Sambunje provavelmente será a vez dele. Mas Ndumba será avisado só

depois de se confirmar o ataque a Kakolo. Diz a Sambunje eu acho melhor ele mandar o povo se esconder com alimentação para uma semana. Recuar para Mussumba não, a comida vai faltar aqui.

Mais gente de Kakele tinha chegado a Mussumba e todos contavam a mesma coisa. Mas os batedores enviados para perto das tropas de Tchinguri não comunicavam nada, os mundos estavam calados. Ou Tchinguri era feiticeiro e tornava os seus homens invisíveis, ou não se dirigia ainda contra a nova Mussumba. E se Tchinguri fosse nganga? A suspeita assustou Lueji. Se ele aparecesse de repente diante de Mussumba, então era nganga mesmo e nada havia a fazer, era inútil tentar qualquer oposição. Ora, disparate! Se ele fosse nganga, teria contado. Esconderia de todos menos dela, sabia que Lueji nunca trairia o segredo, Lueji não era como Mabiala que teve logo de confidenciar no crítico o seu projecto comum. Lu não pediu segredo mas era evidente, andava a esconder de todos enquanto a ideia não amadurecia. Agora era inútil tentar esconder alguma coisa.

Mabiala tinha a estranha função de a empurrar para a frente, a levar a enfrentar o que temia mas desejava. Começou daquela vez no bar, ele pegou em palavras soltas dela e as transformou em música. Sons também esparsos mas que estimularam as ideias. Graças àqueles acordes, a busca cega se tornou um projecto. Antes procurava, como Lueji ansiava pelo homem que saíra da Lua. Afonso Mabiala a fez descobrir o que procurava. Pela intuição apenas. Não era a mesma magia de Kandala? Depois, os trechos musicais tornavam concretas as visões embaciadas dela. Novos desenvolvimentos surgiam daqueles sons de batuque e harmonias de órgãos imitados por kakochis e kissanjes. Através deles ela via e se via. E agora, mostrando ao crítico Matias o seu trabalho, tinha atirado Lu contra a parede, já não tinha ponto de recuo. Temores, inseguranças, hesitações? Como não ultrapassar tudo isso, fechar os olhos e satirizar para fora da trincheira? O Bit-Bit tinha contado daquela vez no mato em que ficou cercado e já nem medo podia ter, pois não tinha fuga possível. Aí fechou os olhos, que tudo terminasse rápido, só não queria era ser torturado, correu sozinho para os inimigos e estes deixaram passar, aterrorizados perante o

contra-ataque inesperado. A ela só restava agora reunir a coragem e ir falar à Directora.

Estranho mágico Mabiala! Todo artista é um pouco feiticeiro, isso sempre eu soube, mesmo se o não reconheço. Recordou quando tinha onze anos e se frustrava porque nunca tinha recebido flores em espectáculos. Elas eram só para as solistas e para um ou outro bailarino que se destacasse, ou então os pais ofereciam aos filhos. Os padrinhos nunca tinham tido essa sensibilidade, aliás nem iam aos espectáculos organizados pela Escola. O padrinho sinteressava apenas em conversar sobre candongas e esquemas, para ampliar os negócios e enriquecer mais ainda. A madrinha só queria ver televisão, mas não os programas culturais. Vivia na casa deles para poder frequentar a Escola de Dança e aí terminava o encargo dos padrinhos. E de ano para ano, de espectáculo para espectáculo, crescia a frustração. Ainda era muito pequena para ser solista e nunca a escolhiam, apesar de fazer par constante com o Uli e ele por vezes ser escolhido. Como desejava receber uma rosa de porcelana no palco! Mas sempre calou o desejo. Até que inventou uma invocação à frente do espelho do seu quarto, uma série combinada de piruetas e arabescos finalizados por uma *attitude*. Tinha a certeza, representava uma rosa de porcelana, a flor só podia ser aquela série de movimentos lentos e esguios mas redondos, pétala a pétala. À noite, antes de se deitar, como outras rezavam, ela dançava nua à frente do espelho a invocação à rosa de porcelana. E o feitiço funcionou. Nas vésperas dum espectáculo, a Otília apanhou hepatite, numa epidemia que grassava em Luanda. Não podia participar no *pas-de-deux* com Uli. E foi ele mesmo que disse, só se for a Lu a substituta, nos entendemos tão bem que em dois dias ensaiamos o adágio. Contrafeitos, adivinhando o descalabro de pôr uma principiante como solista, os professores aceitaram a alternativa. E Lu dançou o adágio com Uli. E encantou. Recebeu a sua primeira rosa de porcelana. A partir daí, não havia espectáculo sem ser solista, apoiada sempre por Uli. E, a invocação funcionou. Até hoje, antes dum espectáculo, Lu dança a rosa de porcelana, para chamar a sorte. A sua carreira se construiu sobre isso. E vou de novo passar a dançar antes de me deitar, para

acalmar esse maldito cazumbi que me persegue, como não lembrei isso antes?

Agora mesmo o devia fazer, para poder ser convincente perante a Directora. Fechou a porta do quarto, se despiu toda à frente do espelho. O guarda-fatos tinha três portas, ocupava quase a parede do quarto. Cada porta tinha um espelho maior que ela. Custara uma fortuna, mas era indispensável para poder treinar em casa e se ver. Começou os movimentos lentos com cuidado, Timóteo a tinha proibido de forçar a anca. Mas logo esqueceu o medo, pois devia se concentrar na flor. Não tinha de desejar nada, apenas se concentrar na flor e desenhá-la no espaço. A invocação durava dois minutos, mas suave quando terminou. Incrível falta de forma, vou sofrer para recuperar. Sentou na cama, olhando o corpo nu, tão mal amado. Tempos e tempos sem um homem, ainda sabia o que era isso? Agora, de repente, entregara sem sucesso numa noite a Mabiala e depois a Timóteo. Duas negas seguidas. Que se passava com ela? Nunca um homem lhe tinha resistido, antes pelo contrário, passara a vida a fugir deles. Nem mesmo Bit-Bit tentou uma alusão velada, manteve sempre a atitude paternal. Como Mabiala disse, se via ela não estava curada, era assim tão evidente que afastava o desejo? Ou ainda era o espírito a isolá-la, a cercá-la numa redoma de aço invisível? Uli, esse então, nem reagiu ontem, quando o beijei no intervalo do espectáculo, parecia de cera. Foram beijos fraternais, nas bochechas, mas ele devia normalmente reagir. E nada. A quem pertenceu esse cazumbi? Se a dança da rosa de porcelana não o acalmasse, tinha de ir ao mercado dos Congolesees procurar uma mais-velha para a orientar a dominar o espírito desencarnado. Os grandes meios da avó! Talvez até fosse melhor ir em Benguela e cortar o mal pela raiz. A Catumbela e o Dombe Grande, duas cidadezinhas próximas da capital, sempre rivalizaram nessa arte. Talvez o Dombe Grande fosse mais apropriado para o caso, a Catumbela era sobretudo para casos de morte ou de amor infeliz. Também era o problema dela afinal. Só mesmo a avó podia decidir.

Mas ainda era cedo para tratar disso. Tinha era de se vestir e ir falar com a Directora. Mas ficou se olhando no espelho. E se metesse a dança da rosa no bailado? Lueji dançando a invocação, na nova Mussumba, transmitindo a sua saudade do lago? Era

perfeito. Afonso certamente comporia um trecho belíssimo. Nunca ninguém a vira dançar, nem Marina ou Michel, sempre se trancara no quarto para a invocação. Se o fizesse à frente de Afonso, ele captaria logo a música ideal. E ia dançar toda nua para ele? Quimportava? Ele não ia interpretar mal. E, no fundo, se isso provocasse outras reacções, tanto melhor, já estariam fechados no quarto com uma cama à disposição. É, nessa noite, quando Mabiata viesse, lhe contava toda a lenda da dança, se despia e dançava para ele ver. Uma, duas, as vezes que fosse necessário até a música surgir. E se se misturasse amor pelo meio, amor, dança, música, amor, ainda melhor ficava a música. E a dança. E o amor. Levantou e repetiu os arabescos e piruetas, lentamente, muito lentamente, sentindo o desejo crescer, se forçando em não pensar em Afonso, só na rosa, mas a invocação da rosa vinha associada a mil desejos e, dançando, ela fazia amor com o seu próprio corpo, ao longe soando acordes doces de marimbas e a flauta surgindo deles, e os gestos eram cada vez mais lânguidos, mais lascivos, concentrados em pétalas não de porcelana mas de sémen e de repente o orgasmo veio, enquanto no espelho se desenhava o inconfundível corpo de Uli.

Sentou na cama. desalentada, estou perdida.

Muito tempo ficou assim, olhando o espelho, mas a figura do corpo de Uli durara apenas o tempo do orgasmo e agora só via o dela, murcho como o duma rosa de porcelana colhida há um mês.

Não, não podia dançar a invocação para Afonso. Nem para ninguém. Era o seu segredo, o seu uanga profissional. Perderia todo o poder se saísse dela. O mesmo que o tahi devassar a sua arte na praça pública, expondo os elementos do ngombo à luz do Sol. Dançar para Afonso, ou mesmo para Uli, é pôr a nu as minhas defesas, é suicídio, é oferecer-me à escravidão. Sou tão fraca já! Ia perder o seu único trunfo perante um Mundo endoidecido pela concorrência. Espírito da centavó Lueji, como o desespero me põe tão estúpida? E tu não me ajudas. Parou logo a queixa, pois podia estar a ser injusta e era perigoso. Quem me garante não foi o espírito de Lueji que criou a imagem de Uli no espelho para me fazer cair em mim? Tão bom se fosse, quem sabe?

Venceu a indecisão e se vestiu febrilmente. Pegou no caderno de apontamentos, na cassette que Mabiala gravou, saiu disparada do apartamento, antes de arranjar novo pretexto de adiar. Se não for agora, nunca mais falo com a Directora.

Não sentiu o corpo nem mesmo a anca, ao descer até à Baixa. Estava toda concentrada nas palavras que ia proferir, agora só o discurso interessava. Encontrou a sede do grupo vazia. Os bailarinos tinham espectáculo à noite, por isso alguns tinham ido à praia, outros tratar dos seus problemas. Mas a Directora estava no gabinete. Ao abrir a porta. Lu viu num relance a cara dela e o jornal à frente. Sarrependeu de ter vindo. Tentou um recuo, mas a voz da Directora empurrou-a para a frente.

– Entra. Já leste a crítica do jornal?

Não lera, nem precisava, adivinhava facilmente o que estava escrito. Mesmo se Matias não tivesse falado com ela. bastaria notar a cara da Directora. Respirou fundo, sentou na cadeira, leu por alto. Se fixou nas últimas frases com um aperto no peito, ou muda a orientação artística do grupo ou ele terá o mesmo fim de tantos outros, em tantas modalidades, que nascem e desabrocham em talentos e propostas novas, mas no auge do seu desenvolvimento apanham estranhas doenças e se desfazem incompreensivelmente, perante o justificado desespero dos participantes e do público adepto. Este grupo tem mais responsabilidade que outro qualquer, pois conseguiu criar um estilo próprio, que em vários países já é considerado uma marca característica de Angola. Só um bailado novo, embora seguindo a linha natural da evolução de há dez anos a esta parte, pode recuperar a confiança do público e dos integrantes. Felizmente o projecto existe, pois a arte jorra em catadupas dos grandes artistas que temos. Tememos no entanto que a tibieza e espírito carreirista demonstrados ultimamente pela Direcção do grupo a leve a rejeitar esse projecto audacioso, digno dum Béjart, e perder assim a última oportunidade de salvar anos e anos de trabalho de alta qualidade. Seria uma perda para a cultura nacional que, desde já avisamos, não pararemos de denunciar, até ao apuramento total das responsabilidades por esse acto de lesa-cultura angolana. O grupo tem dois meses para se salvar ou desaparecer.

– Que raio de projecto é esse? Sabes de alguma coisa escondida, Lu?

Porquê a Directora lhe perguntava a ela? Suspeitaria dalgum estranho complô em que Lu estivesse envolvida com o crítico? Era o pior momento possível para lhe falar de Lueji, só confirmava suspeitas. Para ganhar tempo, Lu perguntou:

– E lá de cima já veio a reacção?

A Directora deixou cair o braço sobre a secretária. O desalento dela era gritante. Olhou a bailarina pela primeira vez e falou, derrotada:

– A pior possível. Telefonaram há bocado. Só bafos e ameaças. Temos dois meses para salvar o grupo, até parece que recitavam essa crítica. E daí... É mesmo o Matías quem pensa por eles. Querem um espectáculo de alta qualidade e não vale a pena contar com coreógrafos estrangeiros. Já não precisamos deles e as últimas experiências têm sido desastrosas...

– A do checo foi...

– Tenho a espada sobre a cabeça. Se não apresentamos esse espectáculo único em dois meses, sou transferida para o Luena. Vão lá abrir uma escola e precisam de alguém. Para mim não é castigo ir para o Luena, por acaso até nasci lá, só na cabeça deles é que isso representa castigo. Mas significa acabar com o grupo. Os bailarinos também são espalhados pelo País, para ensinarem nas cidades. Acaba o grupo. Claro, aí há exagero na ameaça, não é legal. Nem todos querem ser professores.

– É o meu caso. Ninguém me pode obrigar a ensinar dança, sempre recusei.

– Nem podem fazer nada ao Uli, vai ser médico. E nem profissionais são. Por isso é só ameaça vazia. Quanto a mim e à professora, sim, podem transferir-nos.

– E então?

– Temos dois meses e vou lutar. Essa crítica tem um aspecto positivo, me fez pensar que errei. Devia ter posto os pés contra a parede e nunca aceitar preparar um espectáculo da última hora. Realmente fui fraca.

– Não pense assim. Não tinha outra saída.

– Tinha. Recusar, lutar. Talvez esse tal projecto misterioso estivesse mais avançado. Se o Matias fala disso, é porque o conhece e é de qualidade. Esse gajo nunca escreve à toa, é demasiado vaidoso para isso. E o máximo da humilhação é ter de ir falar com ele ao jornal, para pedir que me explique que projecto é esse. Só ele deve ter as ligações.

– Não precisa. Sei de que se trata.

O momento chegou e Lu não se conteve. Podia? Antes tinha decidido não lhe falar de Lueji, mas agora era diferente, um impulso repentino a atirou definitivamente para fora da trincheira. Só lhe restava voar. A Directora inquiria com os olhos pisados. Desconfiados? Apenas ansiosos.

– Foi o Mabiala, esse mujimbeiro bêbado, que revelou a ideia ao Matias. Ainda não o apanhei a jeito, vai me ouvir das boas. Mas eu explico... Tenho aqui as primeiras tentativas de música para esse bailado. E a primeira parte do roteiro também. Estamos a trabalhar nele, o Afonso e eu. Queria avançar mais com o roteiro, para então lhe falar. Só que a inconfidência do Mabiala e o espectáculo de ontem precipitaram tudo.

Tirou do saco o caderno de apontamentos e a cassete. Havia um leitor ao lado e Lu introduziu nele a cassete. E começou a contar a estória de Lueji, lendo por vezes parte do roteiro. Ligou o gravador e foi explicando a estória, estórias à volta da estória, roteiro, enquanto os sons da música de Mabiala enchiam o gabinete da Directora. Esta ouviu um pouco a música, levantou nervosamente, vem, não podemos ficar aqui que nos vão interromper, vamos para a sala secreta. Era um quartito nos fundos, onde ela se escondia quando precisava pensar tranquilamente num assunto. Deixou na porta do gabinete um letreiro de «Ausente», foram as duas com o leitor de cassetes se refugiar na sala secreta.

Lu falou muito menos do que a Mabiala. Aliás não precisava, se a Directora quisesse detalhes ouviria as gravações da conversa com Afonso, estava tudo registado. A música terminou e ficaram silenciosas, saboreando as suas próprias emoções. E agora vai dizer, que pretensão a tua, cresce primeiro, e o meu sonho morre. Não a deixou destruir as ilusões e falou:

– Isto é o resumo. Se lhe interessar, passamos para as coreografias. É o seu trabalho.

A Directora acendeu um cigarro. Lu recusou a oferta, esperando a sentença.

– Essa música é fantástica, adivinha-se que vai ser fantástica. E o roteiro é muito bom.

Lu não disse nada, gozando a revelação. Se via, a outra estava interessada, considerava o trabalho bom. Podia ser a salvação do grupo? Não havia outra.

– Esse Afonso Mabiala... Quando lhe dá na gana, faz música que é uma maravilha. Se é pressionado, nada sai. Como o conseguiu mobilizar?

– Foi a estória. Ele andava já antes em crise de criação, procurava qualquer coisa. Eu também. E por acaso aconteceu, palavra aqui, palavra ali, descobrimos que procurávamos a mesma coisa. Sei lá, deve ter sido assim. Também não sei muito bem como tudo isto aconteceu.

– Nunca tinhas tentado criar antes?

– Deste género não.

– É sempre assim que se começa, perseguindo uma ideia que afinal nem se tem, ou se pensa que se não tem... E agora, em que ponto estão?

– Estou a escrever o roteiro. Mais uns dias e deve ficar pronto. Preciso de alguém para o rever, um escritor talvez. Se a música ajudar... Entretanto, o Afonso vai desenvolvendo as ideias. Mas era preciso ir metendo já a coreografia, umas coisas ajudam a melhorar as outras.

– E pensaste em mim para a coreografia?

– Claro, quem havia de ser?

– Serei capaz, Lu?

– Quem me dissesse antes que eu ia escrever um roteiro, recebia num mínimo um estás maluco...

A Directora apertou a mão dela. Sorriu, falou:

– Não temos alternativa, pois não, Lu?

– Parece.

A outra levantou da cadeira. Esmagou o cigarro mal começado e acendeu o seguinte. Deu duas voltas pela salita. Falou em voz alta,

mas Lu sabia, era consigo própria que argumentava:

– Nunca fiz uma coreografia tão complexa como essa. Nem falo das cenas de multidão, os batuques, os movimentos de massa, nisso vocês são exímios. O problema são os solos ou os *pas-de-deux*. Claro, alguns já estão facilitados, pois me parece, tens todos os passos da Lueji na cabeça. Mas a ligação de tudo isso... Oh, quem me dera ter o checo aqui, ele ia ajudar.

– Só ia complicar.

– Era competente. Mas não está, pronto... E para os movimentos de massa não temos tantos bailarinos. Precisamos de figurantes para encher.

– Há os alunos da Escola de Dança. Podem muito bem ser figurantes.

– Sim, os mais velhos. Temos de ir para a frente, não é, Lu? Então é inútil pensar muito. Como vamos trabalhar?

A música de marimbas retiniu na cabeça de Lu. Tão nítida, tão dolorosamente nítida, que não a ia esquecer. Bastava trauteá-la para Afonso e ele comporia. Servia de ligação entre os trechos musicais já criados. Tinha nascido difusa, mas agora se afirmava irreversivelmente. A Directora tinha aceitado, Lueji ia dançar num palco.

– A três – respondeu Lu, já sem poder conter o entusiasmo, sempre reprimido. – Cada um pensa uma coisa no seu sector, mostra aos outros, isso cria novas ideias...

Lu abraçou a Directora, selando o acordo. A mais velha afagou a cabeça dela, adivinhando o pranto prestes a explodir.

– É o teu sonho, não é, Lu?

A bailarina não resistiu ao afago, à fala doce. Mais sabraçou a ela, soluçando.

– Tudo corria mal, aconteceu tanta coisa... Só mesmo esse sonho me manteve de pé. Senão... nem sei.

– Vai ser uma maravilha, Lu-Lueji.

– Dá tempo?

A pergunta profissional quebrou o encanto. A Directora abandonou o cabelo de Lu, reflectiu.

– Tem de dar. Havendo o roteiro e a música, posso dilatar o prazo para três ou quatro meses. O tempo não é problema. E lá de cima

disseram que suspendem os espectáculos, se o de hoje for também um fracasso. Como vai ser... ganhamos tempo!

Lu não podia impedir as lágrimas de correr. A Directora voltou a lhe afagar o cabelo, então, então, não há tempo para chorar, tens de escrever rápido. Foi nesse momento que Lu se lembrou de mim para a ajudar. E se confessar. Eu estava tão à mão...

Já a tarde daquele dia ia em meio quando os mundos falaram pela primeira vez. Toda Mussumba ficou em transe, tentando perceber a mensagem transmitida pelo mondo. Tchinguri vinha a caminho, era a guerra? Só as crianças festejaram, finalmente iam ter a desejada. O tocador de mondo veio a correr anunciar a Lueji, que estava com os comandantes:

– Rainha, o mondo diz, Tchinguri saiu das terras de Kakele atrás do Sol. Não vem para aqui, vai no caminho do Sol.

Lueji sorriu, aliviada, eu não dizia, Kumbana?

– Tinhas razão – respondeu Kandumba. – Ele vai para ocidente, vai cair em cima das terras de Kakolo. Vai nos dar tempo de fabricar as novas armas.

Kumbana olhou só a rainha, depois o irmão. Os espíritos estavam com ela e com Kandumba, o único que a tinha apoiado. Seria agora o seu principal conselheiro militar, sem dúvida, e o kalala, o comandante do exército da vanguarda. Já o era na prática, sem ter sido nomeado. Kumbana sentiu pena de ter errado, mas, ao mesmo tempo, estava orgulhoso pela perspicácia do seu irmão mais novo. E do futuro nítido a ele destinado.

– Kandumba – disse Lueji. – Dá ordens aos batedores que estão junto do último mondo, o mais afastado de nós, para correrem às terras de Kakolo. Que avisem o povo dele para se refugiar nas matas, antes que Tchinguri os ataque. E que avisem também a gente de Sambunje para fazer o mesmo.

– Não deve dar tempo para os avisar. Os mundos ainda ficam muito longe das terras de Kakolo. Mas vou dar as ordens.

– O exército de Tchinguri não vai andar de noite, uma parte da população pode ainda ser avisada a tempo.

– Vou mandar os batedores marcharem durante toda a noite – concordou Kandumba.

Pouco depois se ouvia o mondo de Mussumba falar na sua linguagem cheia de ritmo. Falava e repetia a mensagem. Utilizavam o sistema tradicional e por isso alguns mais-velhos compreendiam a fala do mondo e passavam o mujimbo das instruções. E Kakolo foi logo informado do que passava e das ordens da rainha. Normalmente seria ele a dar as ordens à sua gente, só ele. Mas ficou tão perturbado pelo mujimbo que o ridicularizava que nem teve cabeça para se sentir ultrajado. Não saiu da sua chipanga em construção, parou de falar e de rir da criancice da rainha, passou a berrar contra as mulheres da sua casa.

Sambunje também foi informado da fala do mondo e agradeceu mentalmente Lueji por o ter aconselhado. Ainda de manhã tinha enviado um parente avisar o seu povo para recuar nas matas com comida de reserva. Talvez a mensagem do mondo chegasse primeiro que o parente. Mas não interessava, uma mensagem ia reforçar a outra e a sua gente podia se salvar. Tchinguri ia apanhar toda a criação e depredar as lavras, mas não ficaria com o principal, as pessoas. Sambunje não sofreria ruína igual à de Kakele, nem o desprestígio sofrido por Kakolo. E o mais-velho fez contas na cabeça e chegou à conclusão que a sua atitude lhe ia valer os favores da soberana. Era bom estar nos favores dela, Lueji tinha sem dúvidas dons de vidente. Foi escolher a rapariga mais bonita da sua criação para logo mais a oferecer à rainha como amilombe, prova da sua gratidão e lealdade. Era um presente pequeno que seria devolvido com juros. E acabou por escolher uma segunda rapariga, duas amilombes numa só vez era um presente digno de receber mais tarde grandes retribuições da rainha.

À hora da refeição, Lueji foi como sempre para a praça, onde se juntava o povo para comer em conjunto. Só alguns muatas se recusavam a comer na praça, mandavam as mulheres ir buscar os alimentos na cozinha colectiva e faziam a refeição nas chipangas. Muata Kakolo, entre outros. Lueji mandou-o chamar, convidava-o a comer com ela, ali, no meio do povo.

O velho estava abatido e tinha perdido a arrogância. Tudo o que dissera durante o dia se virava agora contra ele. Quando se aproximou da rainha, de cabeça baixa e cheia de rancores ocultos, as mulheres e os comandantes ali perto fizeram força para não

sorrir. A vingança de Lueji era essa, obrigá-lo a se mostrar em público, com a crista para baixo, como castigo da sua presunçosa estupidez. A mulher dele vinha atrás, humildemente trazendo as panelas com o funje e o conduto.

Um miúdo não resistiu à tentação, tinha ouvido hoje o mais-velho perorar sobre os seus conhecimentos de estratégia militar, e lhe gritou:

– Ei, muata Kakolo, afinal quem sabe mais de guerra, tu ou a rainha?

As gargalhadas ameaçaram se generalizar e o muata mais se encolheu. Mas Lueji fez cara feia e levantou o braço. Logo todos se calaram. Ela fez sinal a Kakolo para se sentar a seu lado. Não falou, comendo primeiro. Nayole se sentava na pele mesmo atrás de Lueji, atenta ao que ela comia. Nunca parava de vigiar, os venenos eram poderosos na Lunda e havia muitas maneiras subtis de os jogar nas panelas. A rainha acabou a refeição e depois bebeu água do moringue. Ficou observando, em silêncio, a maneira delicada como Kakolo tirava um pedaço de funje da panela, utilizando apenas o indicador e o polegar da mão direita, o enrolava para formar uma bolinha e depois mergulhava a bola na panela do conduto, donde saía amarela por causa do óleo de palma. Aristocrático, um Tubungo de velha linhagem. Kakolo comeu pouco, se via tinha perdido o apetite, ainda mais com gente a espiar. Lavou as mãos e ficou em silêncio.

– Talvez ainda dê tempo para a maior parte da tua gente retirar, muata Kakolo – disse Lueji, com voz neutra.

O velho abanou a cabeça, em gesto de dúvida. Respondeu muito baixo, de modo que só a rainha e Nayole podiam ouvir:

– Não creio. Tchinguri teve todo o dia de hoje para avançar. E o meu território é vizinho ao de Kakele. Neste momento ele já está bem dentro das minhas terras.

Lueji teve pena do abatimento do muata. Afinal era seu súbdito e nunca lhe tinha sido infiel. Era apenas presunçoso e antipático, hoje exagerara e só essa falta se lhe podia imputar. Se tivesse ouvido a hipótese posta por ela, talvez tivesse havido tempo de avisar uma parte da sua gente, a soberba o impediu. Mas não merecia tão grande desgraça, o castigo era pesado demais. Fui cruel em o

obrigar a vir se expor à chacota pública, mas também não tenho o direito de lhe pedir desculpa. Tentou reanimá-lo:

– Certamente Tchinguri não atacou hoje, vai fazer só amanhã. Os batedores têm toda a noite para andar. Pelo menos as pessoas podem se salvar. Os teus filhos e sobrinhos estão lá para organizar a retirada.

O muata abanou a cabeça. Olhou para a rainha. Nos olhos dele leu despeito contido e muita tristeza, com laivos de humildade, tudo junto. Ia se arrepender das atitudes anteriores ou se tornar seu inimigo rancoroso? Difícil adivinhar. Mas a fala saiu apenas alquebrada:

– Esse é o problema, rainha. Já não devem estar lá. As ordens eram de os meus filhos reunirem todos os homens válidos e irem ter com Ndumba. No meu território não deve haver neste momento um só chefe capaz de levar o povo em ordem para as matas. Vai ser uma desordem, um corre-corre, muitos se vão perder e afogar nos rios ou morrer de fome por aí.

– Talvez tenha ficado algum chefe de kimbo. Achas iam deixar as mulheres e os velhos sozinhos?

– Os que não morrerem e se perderem serão apanhados pelo Tchinguri. Sabes como são as mulheres, recuam sim, mas sem nunca saírem do perímetro das lavras, são como as galinhas. Os soldados apanham-nas todas.

É sempre assim, os mais auto-suficientes e arrogantes nunca resistem a uma desgraça, pensou Lueji. O seu optimismo exagerado cede logo o lugar ao pessimismo mais completo. Sentia pena, mas ele não era capaz de ouvir a menor palavra de encorajamento, deixá-lo.

– Amanhã talvez haja notícias. E vais ver, Kakolo, uma grande parte da população vai conseguir se esconder. Não desanimes. Manda lá alguém capaz de passar entre os soldados e reunir as pessoas nos melhores refúgios.

Ele concordou com a cabeça, mas não falou, nem levantou os olhos do chão para se despedir. E Lueji se retirou para a onganda. Esperava a visita dos príncipes lubas. Tinha ansiado todo o dia pelo momento de rever Ilunga, o homem que saíra da Lua. E tinha de lhe

perguntar se ele não tinha já andado pelas paragens da velha Mussumba, onde havia um lago que era azul mesmo ao luar.

Eles apareceram pouco depois de Lueji ter chegado. Recebeu-os fora de casa, debaixo dum enorme girassonde onde ardia uma fogueira. Entre o tronco do girassonde e a fogueira estavam peles estendidas. A rainha sentou numa pele de onça e convidou-os a sentar em peles de ondjiri.

– Já visitaram a Mussumba?

– Já – respondeu Ilunga. – Vimos a paliçada e as margens dos rios, não tudo, mas o suficiente para dar uma opinião. Mussumba pode albergar muita gente e está excelentemente protegida. É o lugar ideal para a capital dum grande reino.

– Foste tu que escolheste o sítio? – perguntou Mai.

– Não, foi o meu tio Salukunga.

– Um mais-velho sábio – disse Ilunga. – E não pode andar, imaginem.

– Talvez por isso mesmo – replicou ela. – Tem mais tempo para pensar. Sim, o lugar foi bem escolhido. Mas lhe falta uma coisa.

– Falta?

– Falta, Ilunga. Um lago rodeado de fetos e begónias, e numa parte com rosas de porcelana. Conheces esse lago?

– Que são rosas de porcelana?

Lueji explicou, sem lhe dizer que hoje eram mais conhecidas por ceptros de Lueji. Observava atentamente as reacções dele, mas nada nos gestos ou nos olhos ou nos lábios indicou qualquer conhecimento anterior.

– Nunca estive nesse lago, rainha.

– Nunca passaste perto da antiga Mussumba?

– Como podia? – disse Mai, se metendo na conversa. – Esta é a primeira vez que estamos na Lunda. Tens alguma suspeita?

Ela abanou a cabeça, sorrindo tristemente. Fez um gesto de deixem lá, não liguem.

Tinha sido um sonho? Uma visão do futuro? Não havia razão para duvidar deles. E se de facto Ilunga tinha estado antes na Lunda, não teria meio de o ocultar. Não interessava. Ele tinha saído da Lua, era o homem que vira caminhando à beira do lago. Mesmo sem nunca lá ter posto os pés. Os espíritos têm poderes que os homens não

conhecem nem podem entender. Ela viu-o, mesmo se nessa altura ele estava a um mês de distância, que importância tinha a distância se ela olhou para dentro de si própria e o viu? Mai mexeu com um pau para avivar o fogo e Lueji acordou.

– Ilunga, quero que amanhã mandes o teu ferreiro para junto do meu tio Salukunga. Será acompanhado pelo meu primo Kakongo. Vai ensinar Kimuanga e outros que Salukunga indicar. Mas deve ser um segredo total.

– Entendo, Lueji.

– Farão armas iguais às vossas. E assim os meus ferreiros aprendem a vossa arte do ferro. Podemos talvez utilizar essas armas ainda nesta guerra.

– Vai dar tempo, rainha? – perguntou Mai. – São precisos pelo menos uns cinco dias para as primeiras ficarem prontas. Se fossem feitas aqui, seria mais rápido.

– Tens razão, Mai, aqui era mais rápido. Mas devem ser feitas nas terras da minha linhagem, tenho outras razões. E Tchinguri vai nos dar tempo, pois resolveu atacar primeiro o território dos muatas que se encontram a ocidente de Mussumba. Só depois avança contra nós.

– Porquê decidiu isso? – perguntou Ilunga.

– Era a maneira mais inteligente. Isola Mussumba, destruindo todas as forças que estão fora. Cerca Mussumba então. Ou tem força para a tomar e ataca, ou acha não tem força e espera que morramos à fome. Ele deve saber que o sítio nos é favorável e o nosso pequeno exército aqui se pode defender, mas não em terreno aberto.

– Sim, é uma estratégia muito inteligente. Eu faria isso no lugar dele.

– No entanto, com as vossas armas já podemos lutar em terreno aberto contra eles. As flechas perfuram mais e sobretudo os mucuali partem os deles e ficam desarmados à nossa frente. Isso ele não podia prever. É agora só uma questão de tempo.

Ilunga assentiu com a cabeça. Mai estava ansioso por participar na conversa, por isso aproveitou perguntar ao irmão:

– Tu farias como ele?

– Claro. Isto é, talvez não me lembrasse de o fazer, pois é uma maneira nova de combater. Mas se me dessem essa ideia, acho que não hesitava, obtinha a vitória com muito menos custo de vidas. O teu irmão deve ser um grande comandante, Lueji.

– É, sem dúvida que é. – Os olhos dela se iluminaram e brilhavam com o clarão da fogueira. Ilunga notou e fitou-a surpreso. Mas achou ser indelicado mostrar estranheza por tanto entusiasmo em relação ao irmão-inimigo. E ela perguntou: – Combateste muitas vezes, Tchibinda?

– Sim. No tempo do meu pai houve muitas guerras. Kalala nunca estava satisfeito, queria sempre mais terras. E mais homens para vender aos árabes. Passei a vida toda a caçar e a lutar. No fim era o comandante principal da Luba. Mai desde menino andou sempre comigo.

– E ganhámos sempre – acrescentou Mai, olhando orgulhoso para o irmão. – Luevu, pelo contrário, ficava na corte. Preferia as intrigas. Com elas apanhou o poder.

– Nunca vi uma guerra – confidenciou Lueji. – Houve muito poucas no tempo do meu pai. E sempre longe de Mussumba. Tchinguri participou nalgumas, mas era muito novo ainda e nunca foi comandante principal. Me contava os detalhes com entusiasmo, ele adora guerras e lutas. O meu outro irmão, Chinyama, também nunca viu uma guerra nem quer ouvir falar disso.

– E tem razão – disse Ilunga. – Participei em muitas, como te disse, mas nunca foi do meu agrado. Acho muito mais nobre e útil caçar.

– Eu não – disse Mai. – A guerra é a verdadeira ocupação para um homem. É bom sentir aquele nervosismo antes de começar a batalha, aquele friozinho que entra pela barriga e faz a gente respirar mais depressa. E saber que logo que se começa a lutar, o frio desaparece, só fica o calor nos braços e a vontade de destruir o adversário. E procuramos sempre o inimigo mais forte e corajoso. Quando o matamos, oh, não há felicidade maior.

Lueji riu.

– És como o meu irmão Tchinguri, Mai. Espero que não se defrontem um dia.

– Rainha, a propósito... Autorizas-me a lutar no teu exército quando o inimigo atacar Mussumba?

– Só o teu irmão mais velho pode autorizar. Não tenho poder sobre ti.

– Mas se Ilunga autorizar, deixas-me?

– Se Ilunga autorizar, claro que sim. Preciso de toda a gente... Mas esta não é a vossa causa!

– A partir de agora é, rainha. Vivemos na Lunda.

Foi a vez de Ilunga sorrir. Levantou o braço direito, como quem pede a palavra. As pulseiras de cobre vermelho brilharam faíscas à luz da fogueira. E Lueji admirou a beleza daquele braço vigoroso. Sentiu uma contracção de desejo no ventre. Ele entretanto falou no seu jeito suave:

– Perdoa o entusiasmo deste jovem, Lueji. Ele é sempre assim, quando se trata de guerra. É pena que não tenha o mesmo interesse pela caça. Mas é claro que a tua causa agora é a nossa causa, rainha. Se for necessário, podes dispor de todos nós para combatermos os teus inimigos. E nada pediremos em troca.

O silêncio que se seguiu só era perturbado pelo crepitar da resina na fogueira. A lenha ainda estava muito verde e fazia fumo. Felizmente não havia vento e o fumo subia em espiral para a noite. E Ilunga acrescentou muito baixo:

– Apesar de eu não gostar de guerras...

– É esse o teu defeito – disse Mai. Depois se virou para Lueji: – Quando Luevu foi escolhido, os comandantes e soldados queriam que Ilunga tomasse o poder pela força. Todo o exército estava com ele. E Ilunga recusou, não queria guerras, preferia caçar...

Havia um fundo de desprezo na fala de Mai ou era impressão dela? De qualquer maneira, Lueji não hesitou em responder:

– Não considero isso um defeito, Mai. Antes pelo contrário, é prova de um bom carácter, de um nobre coração. Se outro foi escolhido para reinar, devemos aceitar a decisão dos mais velhos, eles têm muita sabedoria.

– Na Luba não foi sabedoria, foram intrigas, intrigas do Luevu. uma decisão baseada em intrigas não deve ser respeitada, deve ser combatida pela força.

Ilunga não parecia ter tanto ódio a Luevu como Mai. Devia ser por causa da idade, os jovens são muito estouvados. Depois Lueji riu para dentro. Mai é mais velho que eu e trato-o como um garoto, que presunção! Só porque sou rainha? No fundo, talvez esteja mais velha que ele, por causa destes meses tremendos depois da morte de Kondi. Quem não envelheceria? Mas não era essa certamente a ideia de Mai, pois a olhava descaradamente com o desejo aflorando. Sempre sentira prazer ao notar o desejo nos olhos dos homens, sobretudo belos, mas neste caso Mai incomodava-a. Por Ilunga estar presente? Falou para o tchibinda:

– Porque queres então combater por mim, Ilunga?

A resposta dele veio pronta, o que a surpreendeu. Contava ele ia se atrapalhar, hesitar, o que provaria haver razões que talvez nem para ele fossem claras. Mas não.

– Estás a ser atacada. Não foste tu que provocaste a guerra, isso Salukunga me explicou.

Ficou desiludida com a resposta? Preferia ouvir porque estou sempre do teu lado, não pelas razões que te assistem, mas por seres tu, Lueji. Disparate! Tentou ser racional. Era um grande apoio, cerca de cem homens bem armados e com experiência de guerra valiam talvez todo o seu exército actual. Com os lubas do seu lado, Tchinguri estava batido mesmo antes de começar o combate.

– Digam-me uma coisa. Na Luba, o rei possui um exército? E os nobres também?

– Pelo que percebi, lá é diferente – disse Ilunga. – O rei tem um exército permanente, que é o mais importante de todos. Os nobres têm os seus homens para defender as suas terras. Mas estão sempre subordinados ao comando do rei. Só ele pode decidir da guerra.

– No fundo era isso que Tchinguri pretendia para a Lunda.

– Sim, compreendi isso nas conversas com Salukunga. Claro que o teu tio estava contra a ideia, mas agora já aceita que o rei tenha um exército, porque o rei és tu.

Ilunga sorriu e Lueji também. Ela preferiu não falar disso e ele pareceu compreender, pois continuou:

– Se só os nobres têm exércitos, então o rei está sempre nas mãos deles. Na Luba era assim há muito tempo, muitas gerações

atrás. Depois o rei juntou todas as forças sob o seu comando. Falam os velhos que houve muitas lutas por causa disso. Claro, os nobres entendiam que assim o seu poder ficava reduzido. E não o queriam aceitar. Durante duas gerações, houve guerras e mais guerras, alianças que se criavam, alianças que se desfaziam. Foi só mesmo o antecessor do meu pai, Kongolo, que conseguiu unificar o mando. Agora já é uma tradição aceite. Muitos nobres foram mortos, outros enviados para o exílio. Alguns devem ter vindo para aqui perto...

– Sim, ouvir falar de alguns que passaram a caminho do Sul.

– É isso. Kongolo nomeou chefes de províncias novos, entre aqueles que o tinham apoiado, mesmo sem serem nobres. Se tornaram nobres e hoje obedecem ao rei.

Eram ideias muito próximas das de Tchinguri. O irmão teria aprendido de alguém a história dos lubas e descoberto que era essa a via correcta? Nunca tinha ouvido Tchinguri falar dos lubas, senão para mostrar o seu ódio, talvez vindo da tradicional desconfiança dos lundas em relação aos poderosos vizinhos do Nordeste. Quem sabe se tinha tido algum contacto com um nobre luba exilado e este lhe tivesse contado porquê caíra em desgraça? Talvez mesmo uma conversa de criança. Mais tarde, sem mesmo saber que aproveitava ideias alheias, pensou copiar o modelo luba a seu favor. Podia ser. Mas agora Tchinguri não estava ali para ela lhe perguntar o como e o porquê das suas ideias, tão novas na Lunda que pareciam uanga.

No entanto, devia haver um falha no pensamento de Tchinguri, se era mesmo o que ela imaginava. O rei devia ter força para submeter os Tubungo, isso parecia claro. Kakele, por exemplo, pensava mandar tanto como ela, pelo menos no princípio. E se gabava. Agora estava enfraquecido, mas por acção de Tchinguri. Kakolo também não se curvava à autoridade do rei. E o próprio Ndumba, tão valente e com tantos homens valentes sob o seu mando, era um perigo constante à autoridade do rei. O exército real era necessário para contrapor à força dos Tubungo. Mas o erro de Tchinguri estava em contar apenas com a sua força e autoridade, esquecia a sua própria linhagem. Ora, isso era a coisa mais sagrada que havia. Soberano que quisesse ter poder real devia contar com a sua linhagem e não querer fazer tudo sozinho. Sem a sua linhagem, ela não seria nada. A força dela vinha de quem? De Salukunga, de

Kandala, de Kumbana e do resto dos parentes da sua mãe. Trabalhavam todos o dia inteiro para proteger o lukano, por este estar nas suas mãos. Ela tinha a força que a sua linhagem tivesse, nunca o devia esquecer. Tchinguri não se preocupava muito com isso e a sua linhagem estava dividida. Não só entre ele e Chinyama, mas mesmo contra os dois. Era um erro importante.

– Estava a pensar nas tuas palavras, Ilunga. Se pode aprender muito com os outros povos.

– Os lubas são muito orgulhosos – disse Ilunga. – Todos os outros povos são inferiores, não têm nada para lhes ensinar. Só como os lubas fazem é que está bem feito. Acho isso mau.

– Mas é a verdade – disse Mai. – Somos mais fortes que os outros, que temos para aprender deles?

– Olha, Mai, isso é muito falso. As nossas armas são melhores do que de todos os outros que conhecemos, é verdade. Mas não sabemos onde aprendemos a fazê-las, fomos mesmo nós que as inventámos? Às vezes me pergunto. E vê o meu caso pessoal. Aprendi a caçar com os lubas, mas o meu grande mestre de caça foi um luba? Não foi. Foi um desprezado homem castanho do Sul que quando falava parecia uma fogueira a estalar. O arco dele era fraco e as suas flechas caíam perto dele. Mas sabia tanto que podia caçar elefantes com essas armas ridículas. Porquê? Porque sabia outras coisas. Conhecia mais os hábitos dos bichos que eu conheço ainda hoje. Era capaz de andar sem fazer ruído nenhum e quase tocar um songue com as mãos. E com folhas especiais imitava o som das cabras em cio, o que atraía os machos até junto dele. Descobria o mel a enormes distâncias e nunca percebi como fazia, se ouvia, se cheirava, se quê... O certo é que descobria sempre o mel. Não tenho vergonha de dizer, aprendi muito com ele e chorei quando morreu. E quem me ensinou a magia da caça para ser um tchibinda também não foi um luba. Então?

– A sabedoria dum homem está em aproveitar tudo o que lhe ensinam – disse Lueji. – E qualquer pessoa pode nos ensinar alguma coisa.

– É isso. Os lubas são superiores? Julgam. Mas passam a vida em guerras e lutas pelo poder. As populações nunca têm tranquilidade, pois a todo o momento têm de participar numa guerra

e perder as colheitas. Ou serem vendidas para os árabes da costa, a troco de mercadorias que no fundo não têm grande valer. Isso é ser sábio? Duvido. Cada vez que morre um rei, há lutas entre os herdeiros. Se desta vez não houve foi porque penso de maneira diferente. Devia haver regras fixas que todos respeitassem para a sucessão. Nunca fomos sábios para as descobrir, Mai.

Ficaram de novo em silêncio, contemplando as chamas alaranjadas da fogueira, cortadas de vez em quando por verdes e azuis vindos em línguas. E Lueji se encantava com a sabedoria de Ilunga. Aí estava um homem que entendia a arte de governar com modéstia. Tinha sido afastado do poder, talvez de forma injusta, e não recorrera à força para o retomar, apenas porque achava que se a força podia resolver o seu problema de ambição, não ia resolver os dos outros, mas, pelo contrário, complicá-los.

– Porque abandonaste a Luba? – perguntou ela.

– Já te disse. Não acreditei.

– Acreditei. Mas não foi só por causa de Luevu. E podias ir para outro sítio. Porquê para aqui?

Foi a vez de Ilunga reavivar a fogueira com um pauzinho. Reflectiu e olhou Mai, que começava a dar sinais de desinteresse pela conversa, toda ela passada entre o irmão e a rainha. Ilunga falou com a sua voz doce:

– Tens razão, rainha, não foi só Luevu. Podia ficar com uma província e caçar lá. Mas todos temos caminhado no sentido do Sol. Diz a tradição que grupos de homens vêm sempre avançando para onde o Sol morre. Também eu não fugi à tentação. O que há para lá? – E apontou o ocidente. – Também há guerras e gente que mata só para ter poder? Ou há terras onde as gentes caçam e são felizes assim e não pretendem mais nada? Se fazem guerra é apenas para se defender e proteger os seus terrenos de caça dos invasores. Há gente assim? Preciso saber.

– Do que eu sei, de ouvir dizer... Há uma terra onde nasce o rio Cassai, que tem florestas e lagos e muita caça, onde nasceram as rosas de porcelana. Já falámos dela quando te visitei... As pessoas aí mal sabem o que é a guerra. Povos com nomes estranhos, Minungo, Luimbe, Xinje, Tchokue... Mais para a frente, sempre no caminho do Sol, há a terra dos Pende e ainda mais longe a terra dos

Ndongo, onde tem um lago grande com ondas salgadas... Kuluanda! São capazes de ser mais sábios que nós.

Os olhos de Ilunga acompanhavam os olhos luminosos de Lueji e as chamas da fogueira faziam os olhos se encontrar num ponto distante que eles não sabiam onde era, mas que tinha água e florestas e caça e outras gentes e esse encontro dos olhos deles fazia o ventre de Lueji aquecer e se contrair em espasmos suaves, como se fizesse amor com Ilunga à distância, apenas pela força da imaginação. Não podiam falar mais, as gargantas estavam secas, só os olhos diziam. O que incomodou Mai.

– Devemos ir dormir, Ilunga. Deixar a rainha descansar.

Mai tinha razão e se despediram. No caminho de regresso ao acampamento, o irmão mais novo disse:

– Quando fores falar com a rainha, não te acompanho. Só falam um para o outro e eu fico de fora.

Ilunga só soltou uma gargalhada. Forçada. Isso percebeu o outro, ele não tinha vontade de rir. Aliás, nenhum dos dois tinha vontade de rir.

Rir? Só depois da vitória. E geralmente nessa altura não dá vontade de rir, apenas descansar. E não se pode, pois uma vitória traz com ela o perigo da derrota seguinte, se o esforço pára. E é preciso continuar, sempre para a frente, consolidando a vitória, a qual deixa de o ser para se tornar sacrifício, esforço. Rir? Só na morte, se a coragem de não a temer persiste.

Por isso Lu não festejou com gargalhadas o acordo selado com a Directora, nem verdadeiramente teve tempo, pois revolveu Luanda à procura de Afonso Mabiala, desaparecido de casa há três dias como soube quando para lá telefonou e lhatendeu a mulher, quê, você é mais uma dessas aí que andam atrás do meu marido a lhe desviar da casa, sua puta ordinária e teve de desligar para não ouvir mais, porque a mulher não era para brincadeiras, não ia se calar a contar as malandrices do músico que devia estar refugiado nalgum canto a compor ou então estava caído sobre a mesa dum bar, mas em nenhum dos bares conhecidos de Lu, pois os percorreu todos e não o viram, a última vez foi há dois dias, estava já bem ganzado e lhe pusemos a dormir no quarto dos fundos, de manhã sumiu e não voltou, ontem apareceu na Ilha num restaurante segundo me

contaram, todo abandalhado e desgrenhado, mas o ontem não interessa a Lu, anteontem à noite tinha ele estado lá em casa, ela queria masé o agora e tanto podia ter ido ao Mussulo como ao Soyo, como estar nalgum banco de jardim, pois afinal já nem casa tinha, bem lhe parecera anteontem estar com ar desmazelado, sem mudar a roupa, nem talvez se lavar, mas cantara uma espantosa música, sacompanhando à viola, composta especialmente para ser interpretada por Kafala ao vivo no espectáculo da estreia, para as outras representações seria gravada, o que era bom demais para ser verdade, mas está descansada, Lu, eu consigo isso dele, é meu kamba dos primeiros tempos, lhe dei mesmo um empurrão para ser o que é hoje, e então ela ligou para casa de Kafala mas também ninguém tinha visto por ali o compositor, onde se meteu esse bêbado genial quando preciso dele, temos de combinar o roteiro e ele levar o resto, ao mesmo tempo ficar com o mote da música de marimbas original que tilintava ainda na cabeça de Lu, avisando, avisando, até que desistiu pelo cansaço, ele à noite devia aparecer, só ontem o não fez porque havia o espectáculo, e ela não podia andar mais à procura, passara uma semana deitada e lhe faltava fôlego para subir e descer a cidade, quase sempre a pé, por isso se meteu num maximbombo e chegou em casa, onde encontrou Olga com um telegrama do pai, vem rápido Benguela avó muito mal, e sentiu de novo o cazumbi rondar, rir, sim, só ele podia rir no seu xuaxualhar de folhas de mulemba, mais uma desgraça se perfilando para lhe estragar os primeiros lampejos de esperança, como ia rir afinal com aquela presença maligna cercando, enrodilhando teias de dor, agora era a avó, a sua ligação afectiva com as terras da Lunda e ao mesmo tempo o desaparecimento de Mabiala, sem possibilidade de com ele e a Directora combinar o trabalho, enquanto tinha de acabar o roteiro e modificá-lo com as novas ideias surgidas da música e da coreografia, entretanto podes ver o horário dos aviões por mim, Olga, deve haver por aí um jornal qualquer, o que a outra fez diligentemente, só pensava em ajudar e ainda nem sequer estava dentro do segredo, era injusto, portanto Lu pensou tenho de lhe contar tudo e a convencer a aceitar um papel importante, talvez o de Nayole, apesar de muito nova é maternal para mim, sua mais-velha, pode muito bem ser Nayole se

ultrapassar a crise de ontem, o que acabaria por acontecer, as crises se vencem com perspectivas de novos trabalhos e seria mesmo a melhor maneira, mas agora Lu não tinha tempo de lhe explicar, nem sabia o que fazer, precisava apanhar um avião para Benguela mas ao mesmo tempo escrever o resto do roteiro e provocar o encontro entre o músico e a Directora para organizarem um plano, era demais para os seus nervos tentar juntar todos os destroços e ainda mais as aulas, pois é, tinha esquecido completamente as aulas de Biologia, nem levava à escola o certificado de Timóteo justificando as faltas e imediatamente tinha de sair de Luanda, abandonando os alunos sem uma explicação, seria demasiada falta de brio profissional, afinal era ali que ganhava o dinheiro para viver e os alunos, apesar de indisciplinados e pouco interessados pelos cromossomas e amebas, não tinham culpa nenhuma dos seus dramas pessoais e por isso ainda tenho de te pedir mais um favor, Olga, vai à minha escola entregar o certificado médico e avisa ainda não estou boa, depois seguirá outro certificado a justificar mais uma semana, o Timóteo abafa a consciência e faz isso por mim, assim o espero pelo menos, o que Olga sapsessou a prometer, hoje mesmo vou, mas antes de partir para Benguela tenho de falar com a Directora e o Afonso desapareceu, não sei se posso seguir hoje, mesmo se há avião, ora, Lu, apanhas o do fim da tarde e ainda podes falar com eles mas agora vamos almoçar, preparei uma refeição rápida, o que ela negou para tristeza de Olga, não tenho mesmo tempo, devo ir a um sítio onde haja telefone para reservar a passagem e falar com a Directora, que desgraça, só espero que a avó vença mais essa, é uma velha rija mas depende da força de vontade, do amor à existência e nem sei como estão os seus nervos, se dão para aguentar, pois se os nervos da avó estivessem como os dela não tinha hipótese, já nem a veria viva, pensamento, que a fez sapsessar, sair disparada pela porta, esquecido o cansaço, em direcção do grupo de dança, onde não estava ninguém como era evidente, a casa da Directora ficava longe e era hora do almoço, por isso só podia telefonar e teve de ser do bar Manda Fama, quase gritando ao telefone para cobrir o barulho da freguesia, sim, vou tentar voltar o mais rápido possível e vou deixar as folhas do roteiro na sala secreta para a coreografia

avançar na minha ausência, ao mesmo tempo gritava e pensava, felizmente ninguém está aqui do grupo, senão lá ia o segredo pela baía ali à frente, mas a Directora compreendeu tudo e prometeu falar com o Mabiala, que Lu deixasse o recado com Olga para ele a procurar imediatamente, os dois adiantariam as coisas até ao seu regresso e as melhoras para a tua avó e para ti também, vê lá se te tratas, no entanto a Directora também sabia o tratamento era outro, muito mais subtil, o mundo desabava a todo o momento sobre a cabeça da bailarina e muita força moral tinha ela afinal para suportar, só agora sinteirava totalmente e já não a culpava de nada, antes lhe estava agradecida por o seu sonho talvez salvar o grupo e a si própria, embora não expressasse estes pensamentos pelo telefone, e Lu se despediu até breve e foi deixar as folhas arrancadas do caderno de apontamentos na mesa da sala secreta, rezando para a letra ser suficientemente legível, e voltou para casa sem ter telefonado à Companhia Aérea, ora, tento mesmo no aeroporto, se for cedo tenho hipóteses, agora já não há lufa-lufa de embarques como era uns anos atrás em que os passageiros caíam dos voos apesar de todas as reservas e confirmações de reservas, havendo sempre três passageiros para cada lugar de avião e ainda dois esquemas para nenhum dos três apanhar o lugar que ficava para um quarto não constando de lista nenhuma, o que terminara há tempos com o aumento das linhas e sobretudo com o aumento do tráfico de carros e navios entre as duas cidades, agora mais ligadas do que nunca e no fundo tão diferentes, diferentes como cada uma das versões da lenda de Lueji, a qual nesse momento devia estar lutando contra o tempo como ela fazia para chegar a casa, apanhar um saco com roupas e o dinheiro necessário para a passagem, a de volta não tinha problemas, o pai comprava, para isso era pai e também para a receber no aeroporto, a menos que mais uma vez o espírito interferisse, por isso já no avião Lu rezava para que tudo continuasse assim na viagem, afinal tivera lugar sem problemas e ainda por cima o comandante era um seu admirador e avisou logo para a torre de controlo de Benguela que informassem o pai da hora da chegada, e Lu pensou, sentada na poltrona do avião, aqui estou a salvo desse cazumbi maligno, a única coisa que pode fazer é atirar com o avião para baixo mas isso também era demais e de

facto o cazumbi não ousou, pois chegaram perfeitamente à orgulhosa cidade das acácias e lá estava o pai no aeroporto.

O pai ia envelhecendo suavemente, já lhe apareciam fios brancos na barba farta. Tinha menos de cinquenta anos, mas aquele sol de Benguela tisonava a pele branca e lhe dava aparência de mais idade. Se via estava preocupado com a velha, falou logo, antes mesmo de chegarem ao carro:

– Parece grave, muito mesmo. O médico torceu a boca. Mas hoje melhorou, pelo menos já fala. Tia Augusta foi lá para casa, tive de a ir buscar na Catumbela, sabes quem é. Talvez isso tenha animado a tua avó, continua a acreditar nessas coisas... Ou então foi porque soube que vinhas. O certo é que não parava de me chatear, menino, vai já no campo daviação, vai buscar minha neta. Eu nem sabia se podias vir hoje... É como se fosses a única neta que ela tem. Aqui és.

A avó tinha tido outros filhos, que tiveram filhos. Mas estavam espalhados pelo país, um mesmo tinha ido trabalhar nas minas do Rand, no tempo colonial, e por lá ficara. Talvez já tivesse morrido, quem sabia? Tinha outras netas, mas só mesmo Lu ela vira crescer. Quando se referia à sua neta, era de Lu que se tratava, as outras tinham nome.

Foi observando a avenida que percorriam saindo do aeroporto. Que diferença dos seus tempos de menina, em que lhe parecia uma avenida larga e deserta. Agora se tornara numa rua apinhada de gente e de carros, com o crescimento da cidade para sul, à volta do aeroporto.

– Sei que andas muito ocupada – disse o pai. – Se a avó dormir bem, amanhã podes voltar a Luanda. Não queríamos era que acontecesse o pior e nem tivesses vindo te despedir.

– Fez bem em mandar o telegrama. Mas é assim tão grave?

– Ela está muito velha. Qualquer gripe a arruma.

– É. De facto dava-me jeito voltar amanhã. Mas só se a avó estiver mais ou menos.

Não falaram mais até chegar em casa, que aliás era muito perto. Tão perto que se sabia pelo barulho que avião estava aterrar ou a partir. Lu cumprimentou a mãe e o pessoal da casa. Foi logo para o quarto da avó.

A velha estava deitada na cama, envolta em fumo. Sentada no chão, ladainhando para o fogareiro onde queimava folhas, estava tia Augusta, kimbanda da Catumbela, mais velha ainda que a avó e também originária da Lunda-Norte, na fronteira mesmo do Cassai. De surpresa, Lu se virou para trás. O pai abriu os braços em sinal de resignada impotência.

– Que queres que faça? Imagina só se aparece o médico, o que é mais certo. Vai me xingar de todos os nomes, de branco gentio que permite feitiçarias em sua casa.

– Xê, menino, não fala essas coisas de feitiço que é nome feio – ralhrou a avó, lá da cama. – E me traz aqui a minha neta, quero ver ela.

Lu saproximou e beijou a velha. A kimbanda parecia totalmente absorta nas suas ladainhas e na visão do fumo saindo do fogareiro. Nem deu sinal de reparar na entrada deles. A avó segurou a mão de Lu e ficou a olhar. De muito longe. Um ténue sorriso no fundo dos olhos. Passado algum tempo, falou em português:

– Tia Augusta, vê só a minha neta, como está bonita. A kimbanda levantou os olhos do fogareiro. Mas teve de limpar as lágrimas com as costas da mão. Mirou Lu num relance, disse:

– Bonita, sim. Mas tem muito problema, não é?

O pai deu dois passos para dentro do quarto. A mãe permaneceu na porta. Ele replicou:

– Problemas nada. Até está com bom aspecto. Não achas, Juliana?

A mãe disse sim, mas sem convicção. Então não se via o brilho baço dos olhos, os ombros imperceptivelmente descaídos? Podia ser só preocupação pelo estado da avó, sempre fora muito ligada, mas havia, sim, qualquer coisa com Lu. O pai não notava os pequenos sinais e muito menos se era a velha Augusta a afirmar. Então não tinha dado tanta maka o desejo da avó de chamar a kimbanda? E quando ela veio e quis fazer fogueira no quarto? Ela, Juliana, conseguira chegar a um compromisso, propondo o fogareiro. Augusta não queria, ia tirar forças ao medicamento. Mas acabou por ceder, porque mesmo assim o pai de Lu berrava por todos os cantos, estou farto de curandices, o médico o que vai dizer? Mas com recuo equilibrado das duas partes, foi mesmo se

buscar o fogareiro, onde se assava ainda o milho e a mandioca e o peixe, pois o fogão a gás estragava o sabor dos alimentos.

– É, eu não estava a ver bem – disse a avó. – Tem problema sim. Me conta então, minha neta.

Lu olhou incomodada para os pais, depois para a velha sentada à frente do fogareiro.

– Estou bem, sim, avó.

– Não mente, menina, isso é feio. Conta então.

Foi a vez de Juliana avançar no quarto. Agarrou no braço da filha e puxou com firmeza.

– Agora ela vai tomar banho e comer. Depois podem conversar.

– Está bem, pode ir. Mas vem logo me falar. Não durmo sem falar com a minha neta.

A kimbanda aprovou com a cabeça e retomou as rezas em lunda antigo. Os pais saíram do quarto cheio de fumo e levaram Lu. Enquanto tomava banho e durante o jantar, Lu se dividia entre a vontade de contar tudo à avó, sabrir toda, e a vergonha de revelar segredos.

Mas no fundo sabia, não podia fugir. Por isso no fim do jantar disse vou falar com a avó, pode ser que durma mais descansada.

Estava agora sentada na cama, os olhos ardendo por causa do fumo, não sabendo por onde começar. A kimbanda parou a ladainha, atenta às palavras que não saíam da boca da bailarina. A avó sorriu a encorajar.

– Custa muito falar?

E de repente as palavras começaram a sair em torrentes da boca dela, falou do projecto de bailado, dos livros antigos que lera, de Uli e de Marina e do seu pretenso parentesco com Tchinguri, o que fez a kimbanda muxoxar e dizer qualquer coisa em lunda, cusindo no chão duas vezes.

– Que foi?

– Tia Augusta disse praga para o nome do feiticeiro maldito – traduziu a avó. – Continua...

E Lu falou dos azares todos, as luxações, o rompimento da amizade com Marina, o fracasso dos espectáculos, o afastamento de Uli, até mesmo as negas de Mabiala e Timóteo não escondeu. E falou de Lueji, porque a foi buscar ao fundo dos tempos para firmar

raízes e a amparar e como pensava dançar a rainha do seu coração e como as versões se transformavam por influência da música de marimbas e do lago que criara em sonhos acordados. As duas velhas abanaram as cabeças e suspiraram. Quando terminou, levada num impulso irresistível, foi correr fechar a porta à chave, se despiu toda e dançou para elas a secreta rosa de porcelana, o meu talismã, o meu uanga. As velhas aprovaram com a cabeça, muito bonito.

Enquanto Lu se vestia, cansada de tanto explicar, mas tranquila pela primeira vez, a kimbanda falou em lunda. A avó traduziu:

– Augusta diz o português dela deu para perceber o que contaste, mas não dá para falar muito.

Fez sinal à outra para iniciar e a kimbanda obedeceu. Longas frases, sons estranhos mas ao mesmo tempo familiares aos ouvidos de Lu, por vezes a avó dizia coisas na língua secular para Juliana, embora esta só falasse umbundo e português. A musicalidade da língua acariciava cordas escondidas dentro dela, provocava ritmos desconhecidos, trazia imagens de movimentos de labaredas em chanas ressequidas. Depois a avó traduziu:

– Tia Augusta diz tu foste buscar coisas muito antigas. Hum, hum! Os espíritos dos antepassados estavam tranquilos, a dormir só, tu acordaste algum. Mas é muito velho, do princípio do tempo, difícil saber o nome dele. Não é espírito de mulher, não. É homem zangado contigo. E muito forte, devia ser chefe. Não é bom mexer nessas coisas velhas assim à toamente. Ele acordou e não quer te largar. A minha doença é ele. Augusta antes já tinha dito, anda aí um cazumbi a te rondar, não sei qual, não sei quem o chamou. Ela diz agora foste tu lhe chamaste, Lu, é o mesmo.

– Então eu sou responsável pela sua doença, avó? Oh, não queria...

– Ele quer só descansar.

– Devo então abandonar esse projecto, não pensar mais em dançar a Lueji?

A fala foi tão magoada que a avó lhe apertou a mão. Esquecer tudo, podia? Arrancar de dentro dos nervos os ritmos e os movimentos, os sonhos que a faziam viver? Deixar o grupo sem projecto, condenado à dispersão? Não podia, era já uma coisa para

além dela, deixara de lhe pertencer, nem podia decidir sozinha. Por outro lado, condenava a avó à doença, provavelmente à morte? Encostou a cara no ombro da velha e soluçou. Era demais, um dilema assim nunca enfrentara. E nem sequer lhe passou pela cabeça duvidar do vaticínio. A kimbanda falava, falava, e Lu soluçava, desesperada. Mas quando a avó começou traduzir, ela sesforçou por ouvir.

– Augusta diz pode ser um espírito raivoso porque tu estás falar dele duma maneira que ele não gosta. Deve se respeitar os antigos, mas às vezes os antigos não foram o que as pessoas dizem. Mas eles querem se diz assim, ficam vaidosos. Se tu falas outra coisa ou pensas, dá no mesmo, eles acordam zangados. Também pode ser porque tu falaste do Tchinguri duma maneira que Augusta não gostou – a avó interrompeu a fala para cuspir no chão ao mencionar o nome do monstro sanguinário que ao sentar e levantar enterrava dois punhais nas costas de dois escravos. – Não falaste com raiva dele, como se deve. Algum espírito inimigo do feiticeiro se zangou por isso talvez. Mas ela ouviu a tua pergunta. E disse não precisas deixar essa dança. Só é preciso acalmar o cazumbi. Única maneira é acordar um outro, um espírito de mulher.

– Como? Não preciso abandonar? E a avó não vai sofrer?

– Augusta diz não. Te vai dar uma coisa.

A kimbanda já tinha ido ao saco e tirado de lá um tubo de madeira, parecia um apito pequeno, amarrado num colar de missangas. Falava para o amuleto, enquanto a avó continuava:

– Deves andar sempre com esse colar. Não abras, lá dentro tem forças muito grandes, fechadas desde os tempos. Era do tio dela, da própria Lunda. Para dançar, para tomar banho, tudo, deves ter esse colar. Se tiveres vergonha, podes amarrar na perna, onde quiseses. Mas anda sempre com ele. Augusta agora está a chamar um espírito feminino, ela disse podes pensar é o de Lueji. Tens de pensar nela. Vai acalmar o outro, o raivoso. Só mulher para pôr homem direito, não é mesmo?

Era impressão, loucura sua, ou o fumo deixou de subir em volutas lentas e verticais do fogareiro? Agora o fumo se espalhava logo à saída das brasas, por todos os cantos, como se várias correntes de ar se cruzassem no quarto absolutamente fechado. Ficou de

repente com a garganta seca e sentiu o coração galopar. Entretanto, a kimbanda acabou a invocação e lhe entregou o colar. Lu pensou em Lueji, espírito da centavó mítica vem me ajudar, tantas vezes te pedi e não te manifestaste, mostra agora que és. E colocou o colar no pescoço. O fumo revolteou por instantes e logo voltou a subir, tranquilo, na vertical.

– Vou mesmo usar aqui no pescoço – conseguiu articular, apesar da garganta que falhava.

Augusta voltou a falar e a avó traduziu:

– Agora vai ficar tudo bem. E dança sempre antes de dormir, como fazias. Pensa na flor, é pensar na Lueji. Se acreditas nessa dança, ela vai te ajudar. Vai dormir então. Augusta diz amanhã estamos boas as duas.

Lu despediu das duas velhas, muito tonta, os olhos ardendo, mas estranhamente calma. Nunca acreditara nessas coisas, mas dava para duvidar? Segredos antigos. Precisava acreditar agora, acalmar os nervos, ganhar coragem de continuar. Mesmo se depois risse dela própria. Segredos antigos não dão para desprezar.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, MAI,

irmão de Ilunga e Luevu, mas que um dia serei conhecido não por deles ser irmão, mas por Mai Munene, o grande.

Ilunga não dorme, ao meu lado. Finge apenas. A sua atenção está concentrada nela, a rainha. Pretende esconder, mas será isso possível? Pela primeira vez uma mulher lhe faz esquecer a caça. Devíamos ir amanhã explorar os novos terrenos, mas ele disse logo ainda é cedo, pode haver guerra. Alguma ameaça de guerra impedia Ilunga de ir bater o terreno, procurar as moitas onde dormem os elefantes?

Isto é grave. Não falo por ciúmes, embora deva confessar, passava umas belas noites com ela. Mas o caso morria aí. Com ele não, nem pensa nas noites a passar, quer se prender para toda a vida. Nunca o vi assim alheio a tudo, nunca vi os olhos dele se fixarem tanto nuns olhos de mulher. Pode tudo abandonar por ela. Já fez um mau negócio, se deixou enrolar e vai lhe passar os segredos do nosso ferro, sem nada em troca. Quando podia pedir metade do reino. Por estupidez? Não, ele não é parvo. Apenas

porque ficou aturdido pela beleza dela, pela força e coragem que dela se desprendem, qualquer um nota logo.

E vai largar a nossa ideia de obter um grande território, onde ele cace como quiser e onde eu governe para alargar os domínios até onde morre o Sol. Não combinámos isso mas estava implícito ao sairmos da Luba. E ele vai tudo esquecer, apenas na ilusão de se aquecer na fogueira da rainha.

E tem mais. Quando se souber desse interesse de Ilunga, os lundas nos põem na rua. Onde já se viu uma rainha ter uma ligação com um kandaka, como eles nos chamam? Ela vai aproveitar, sugar dele tudo o que puder e depois denuncia, vejam este kandaka que quer dormir comigo, conspurcar o meu fogo sagrado. Se ela não o fizer, fazem os Tubungo que nos odeiam. Como não perceber os olhos desconfiados deles? Parece aceitarem o acordo connosco, porque é do interesse deles, estão quase perdidos. Mas depois? Os ódios antigos vêm ao de cima, ultrajados pela ligação espúria e herética. Comigo isso não teria importância. Uma noite, duas, três, até cansar. E ia cada um para seu lado, contente pelo que gozou, escondendo de todos o acontecido. Sem consequências.

Com Ilunga vai ter consequências. Más, só podem ser. E eu não posso aconselhar. Sou o irmão mais novo, de quem se ri. A criança fogosa que apenas sonha com guerras e conquistas. O sábio pode ouvir uma criança impetuosa?

Meu pobre irmão, tão ingénuo. Um homem bom, sem dúvida, que não gosta de fazer mal aos outros, até o homem castanho de língua de estalidos entrava na chipanga dele. O que prova a sua ingenuidade. Esquece facilmente as suas origens, não procura sempre a companhia dos seus iguais, tem prazer em conversar com um mísero caçador sobre a sua arte. E deixa que todos comam do seu celeiro. Tão ingénuo que o Luevu o enganou, contra a opinião de toda a gente. E ele se deixou enganar, talvez até feliz por isso. E eu pago pela sua ingenuidade ou o seu desprezo pelos jogos do poder. Fica cada vez mais longe o meu sonho de um reino poderoso que um dia disputava o trono de Luevu. Até podia ser a Lunda, terra de atrasados, diga Ilunga o que disser.

E estou a ser optimista quanto às consequências do interesse dele pela rainha. Se os Tubungo sabem, não vão nada nos pôr a correr.

Nos cortam masé a cabeça numa noite escura. Estamos no meio deles, é fácil nos apanharem pela traição. Porque às claras não ousam, já viram a superior qualidade do nosso ferro. Mas amanhã, quando tiverem armas iguais às nossas? Estamos nas mãos deles, foi isso que Ilunga conseguiu. Por causa duma mulher que se ri dele. É ele um luba? Nem parece.

Lu acordou cedo e correu logo ao quarto da avó. Encontrou discussão entre esta e a filha, pois a velha queria se levantar e Juliana não estava de acordo, tem de descansar, foi o médico que disse. E ele deve estar a chegar, prometeu vir cedo hoje, nunca mais, já estou boa, Tia Augusta me curou. Lu sorriu ao cumprimentar a avó, vejo que estamos curadas, aquilo funcionou, é, só tua mãe não acredita e quer mobrigar ficar na cama, mas é melhor, vó, o doutor vai vir e vai fazer maka, já sabe ele é torto.

O médico era um mulato do Moxico. O pai podia ter sido um comerciante português ou algum guerrilheiro claro, do tempo da luta de libertação no Leste. Nunca que se soube, a mãe dele não falava disso. O certo é que ela se refugiou numa base guerrilheira perto de Cangamba, tinha ele dois anos. Cresceu no kibeto e depois foi para uma escola da mata. Mais tarde, na independência, foi estudar para Cuba, na Ilha da Juventude. Voltou de lá médico e comunista convicto. Foi colocado em Benguela e aí ficou, casou com mulher da terra, se tornou benguelense. Tinha acedido a deixar a avó em casa e vir todos os dias visitá-la, dada a idade avançada e a eterna falta de camas no hospital. Mas era um favor especial, pois conhecia o pai de Lu faz muito tempo e não desesperara ainda de o converter às ideias socialistas. O pai de Lu dizia não me meto em política, só sei tratar dos meus negócios, mas ia ouvindo, ouvindo. Até já tinha dito um dia quero visitar Cuba, ver se é mesmo como o doutor fala.

Tia Augusta ainda estava dormir no quarto que lhe reservaram. O fogareiro tinha sapagado durante a noite, também já não era preciso. Mas mesmo assim Juliana abriu a janela para arejar. E arranjou a velha e a cama, não fosse o médico chegar de repente e encontrar tudo abandonado. Não ousou porém retirar o fogareiro, a kimbanda tinha de autorizar.

Estavam a matabichar quando chegou o médico. O pai de Lu foi recebê-lo à porta. Tia Augusta ficou na mesa, não ia encarar o

doutor, atrapalhar os seus milongos, cada um com sua arte. Juliana e Lu foram assistir à consulta.

– Está muito melhor – disse o doutor. – Tomou sempre os medicamentos, não é?

– Sim, doutor – disse Juliana. – Ela até se quer levantar já, diz está curada.

– Não convém. Mais uns dias de repouso. Pode haver uma recaída e isso é muito perigoso. E deve continuar com os comprimidos. Ainda lhe vou dar mais uma injeção. Amanhã, se estiver assim, paramos as injeções, só toma os comprimidos.

O pai de Lu saiu do quarto para deixar o médico dar a injeção à velha. Esta resmungou, não sei para quê mais injeção, isso não faz nada, mas o médico não percebeu e lhespetou mesmo a agulha na bunda descamada. Já ia entrar nas despedidas, quando reparou no fogareiro.

– Que é isso? Então aqueceram alguma coisa no quarto da doente? Isso vicia o ar.

– Bem, é que... – Juliana não sabia o que dizer, olhando assustada para a mãe.

– Não foi isso, doutor – cortou da porta o pai de Lu. – Trouxeram o fogareiro para aqui mas não foi acendido. Essas cinzas são antigas.

O médico concordou com a cabeça, como quem compreende. Já ia a sair quando a mais-velha não resistiu e disse da cama, indignada com o genro:

– Não mente, menino. Então a mentir na frente da tua filha, isso é feio, não tens vergonha?

O médico se voltou para ela, surpreendido pela fala inesperada e forte, nada adaptada a quem esteve quase a balear ainda na véspera. E porque percebera haver mentira no ar e portanto coisa que se queria ocultar dele.

– É melhor mesmo falar a verdade para ele saber. Doutor, veio Tia Augusta da Catumbela. Queimou aí ervas e folhas, me deu medicamento para beber. Me curou.

Os pais de Lu só faltavam tremer de susto, imaginando a reacção ofendida do médico. Mas este sorriu, passado o momento da surpresa. Falou calmo e sem ponta de ressentimento na voz:

– Há certos medicamentos desses que curam, efectivamente. Mas o fumo não, o fumo é mau para a sua doença. O que vale é que lhe dei um tratamento de cavalo e resistiu a tudo, à doença e ao fumo das ervas. Mas não aconselho a voltarem a acender fogo aqui no quarto, vai piorar.

– Não precisa mais, já estou curada.

– Minha senhora, quem a curou foram as injeções e os comprimidos que lhe dei.

– Tchá! – fez a velha. E muxoxou em seguida. – Remédio de branco... Augusta me curou e minha neta ajudou muito a descobrir o mal. Mas vocês não vão saber, é segredo de minha neta só para mim. E tu, menino meu genro, tens mania de branco que não credita, deixa, não vais saber nunca.

O médico bateu amigavelmente na mão dela. Já a sair na porta, disse para o pai de Lu:

– Como ela acredita nessas curas, isso também ajudou. O aspecto psicológico é muito importante nestes casos. Mas foi a minha dose de cavalo que a curou, pode estar certo.

– Eu estou. Mas fui obrigado a ir buscar a velha na Catumbela, senão caía-me a casa em cima.

– Imagino, imagino...

– Ainda bem que o doutor compreendeu. Outro qualquer era capaz de fazer uma cena, me xingar até...

– Outro qualquer... Sim. Mas não esqueça cresci no mato. Vi muita coisa e a medicina ainda não explica tudo. Mas lá havemos de chegar. E depois tudo fica claro.

Ele foi embora e Lu pensou, estamos empatados. Nunca se saberá quem curou a avó. Não importa, ela já está em plena forma. E honesta como sempre. Já posso regressar à minha guerra de Luanda e às anteriores, de Lueji.

O pai precisava primeiro de levar a velha Augusta na Catumbela e depois Lu embarcava. Mas a kimbanda quis ainda falar com ela. Se fecharam as três no quarto e a avó traduziu:

– Tia Augusta diz esse amuleto vai fechar teu corpo, vai acalmar o cazumbi. Mas ele pode se mexer ainda, não vai parar logo de chatear. O espírito de mulher vai pouco-pouco lhamarrar. Não tassusta se ele mexer, fizer algumas malandrices. Não vai ser grave,

tu vai poder resolver mesmo sozinha. Mas chama sempre o espírito de Lueji, ela é tua avó também, vai tajar.

E a velha kimbanda partiu na carrinha do pai. Lu foi telefonar para reservar lugar no avião, ainda podia ganhar o dia de hoje para o seu trabalho, era preciso começar a contar os dias, os quais foram passando e cada um trazia um mujimbo a confirmar a estratégia de Tchinguri. Arrasou as terras de Kakolo e pouca gente pôde se salvar. Passou pelo território de Sambunje e, não encontrando ninguém, se limitou a queimar as casas. Mas ia apanhando muito povo de muatas menores, uns a bem, outros à força. Se podia dizer que todo o Norte da Lunda pertencia agora a Tchinguri. Já ninguém em Mussumba tinha dúvidas, ele apanhava os jovens para os treinar. Os seus mil e poucos homens podiam enquadrar cinco recrutas cada um, o que significava o exército dele em pouco tempo podia ser multiplicado por cinco, uma força muito considerável, gigantesca mesmo para a Lunda. Se faziam apenas conjecturas sobre o passo seguinte: ou ia ter com o exército que devia combater Mataba ou flectia já para sul e atacava as forças coligadas de Ndumba ua Tembo.

E foi naquele dia que Lueji foi convidada por Ilunga para ir dar um passeio no rio que surgiu a notícia: o exército contra Mataba se desagregara. Tchinguri chamou Kakaya e Tchoia para conversarem com ele. Conferenciaram à noite, depois os comandantes voltaram ao acampamento do exército da rainha. Reuniram a gente e lhes disseram, agora lutamos sob as ordens de Tchinguri, deixemos os Mataba para mais tarde. Só Kanyika se opôs, temerariamente. Os outros já esperavam aquela reacção e ele foi logo cercado. Lutou bravamente e rompeu o cerco, fugindo com alguns seguidores para o Sul. Os homens de Chinyama, de Kakele e os restantes de Ndumba aceitaram a chefia de Tchinguri e agora o seu exército era ainda mais numeroso. O próximo passo era o aniquilamento de Ndumba ua Tembo.

– E não posso fazer nada aqui. O Ndumba está avisado há uns tempos de todos os passos de Tchinguri, mas que adianta?

Isto disse Lueji a Ilunga. Caminhavam ao longo do Kalanhi, vem comigo, te quero mostrar uma coisa, dissera Ilunga na onganda.

Mas, perante o desânimo dela, o que lhe queria mostrar perdera já parte do interesse.

– Não podes chamá-lo para aqui? Ao menos ele e seus homens ficavam protegidos. E reforçavam o teu exército. Amanhã já haverá as primeiras armas novas...

– Não dá tempo, só se viessem como fugitivos. E Ndumba nunca ia aceitar recuar assim, não o conheces... Neste momento já devem estar a combater. As notícias chegam com atraso de dias, é muito longe e o sistema de mundos não está todo montado para o Ocidente da Lunda.

Esperavam receber no dia seguinte as armas novas para a guarda real e para os grupos do leão e do elefante. Salukunga estava encantado com a qualidade do aço. E os ferreiros trabalhavam sem parar, aprendendo a nova técnica. Nos dias seguintes viriam mais armas para o resto da guarnição. Mas isso era suficiente contra cinco mil homens?

Chegaram à pedra onde Lueji recebeu pela primeira vez Ilunga. Havia três arvorezinhas plantadas atrás da pedra.

– É esta a minha homenagem à rainha da Lunda. Onde tive o prazer de te conhecer, plantei estas três árvores. Eu próprio as rego até terem força de encontrarem água sozinhas.

Lueji ficou comovida e esqueceu as más notícias. Árvore plantada era símbolo de amizade eterna, de paz. Ela conhecia a mensagem. O coração batia forte e temeu que se notasse.

– Foi assim tão importante teres me conhecido, Ilunga?

– Foi a coisa mais importante que me aconteceu, Lueji.

Ela olhou as árvores durante muito tempo. Depois sentou na pedra. Fez um gesto aos guardas para se afastarem, podem ir, aqui estou em segurança. Ficaram os dois sozinhos e ela mandou-o sentar também, como da primeira vez.

– Para mim também foi muito importante, Ilunga.

Se olharam nos olhos e leram o desejo do outro. Não houve palavras, não houve suspiros, não houve jogos de mão. Ela levantou, caminhou um pouco no mato. Ele veio atrás. Numa pequena clareira, ela se deitou. E ele.

Foi assim.

Muito tempo depois, cansados e felizes, se desprenderam.

– Tenho de voltar – disse Lueji. – Ninguém deve saber disto. Para tua segurança.

E voltaram para o rio e muito mais vezes se iam encontrar naqueles dias, sempre como caçadores furtivos. Não era proibido, Lueji era soberana e podia ter relações com quem quisesse. Mas Ilunga era um luba e podia provocar a ira dos lundas. Além do mais, o conhecimento dos seus encontros podia enfraquecer o ascendente dela sobre os nobres e o povo. Só Nayole foi informada, tinha de ser, e não gostou. Mas nada disse.

Chegaram mesmo as armas, no dia seguinte. Os soldados não perderam tempo. Foram logo treinar com elas e se divertiam a partir os mucualis antigos. Vieram também milhares de pontas de seta, para substituírem as antigas nas flechas já prontas. Foi um corre-corre dos muatas a quererem saber a que se devia o milagre de agora terem armas lubas. E protes tavam, porque só a guarda real e os dois grupos de guerreiros as receberam. Lueji resolveu anunciar as coisas num Conselho de Tubungo, convocado à pressa no tchota novo e bem mais amplo que o da antiga Mussumba. Explicou donde elas vinham e qual fora o acordo com Ilunga. E que todos os soldados seriam equipados com elas, era só questão de dias. Escondeu o nome dos ferreiros que aprendiam com o luba, mas não pôde esconder o sítio onde eram as armas fabricadas. E o que ela temia aconteceu. Kakoma se sentiu ultrajado, ele era o melhor ferreiro da Lunda, porque não foi convocado para aprender também? Lueji não queria mentir, mas podia dizer a verdade? Muitas vezes tinha tentado imaginar uma justificação que satisfizesse o orgulho de Kakoma, mas lhe custava mentir. O poder obrigava pelo menos a ocultar a verdade. E disse não te sintas ofendido, Kakoma, também aprenderás, mas não agora. Tinha as minhas razões para que as armas fossem feitas às escondidas e só podia ser lá onde foram. Neste momento não posso dizer mais nada sobre o assunto, é segredo da rainha da Lunda. Alguns Tubungo protestaram, tinham o direito de saber todos os segredos mas não têm nada, quem é afinal o soberano aqui? Outros disseram não é justo que só os teus homens sejam equipados com as armas lubas, e os nossos? A vez deles chegará, primeiro a força principal que vai combater Tchinguri e esse é o meu exército, depois os outros.

Houve resmungos, as asas da rainha estão a crescer demais, já não respeita a vontade dos Tubungo, mas ela sabia não passavam de impotentes resmungos, agora era ela que os protegia, estando entre eles e Tchinguri. Só podiam mesmo refilar. E obedecer.

Lueji aproveitou o ensejo para anunciar a nomeação de Kandumba como kalala da Lunda, o comandante mais importante pois chefiava a vanguarda do exército real. Aos murmúrios de desaprovação, respondeu com um sorriso, com certeza havia de ser algum Tubungo velho que ia defrontar Tchinguri? A guerra é minha, só eu a dirijo como entendo, e o meu exército também. E anunciou ainda novas nomeações, a de Kakongo para chefe do protocolo e outras para cargos menores. O Mundo caía ao redor dos Tubungo e eles só podiam mesmo refilar. Assim ela encerrou o Conselho.

Lueji saiu do Conselho mais tranquila. Pelo menos todos sabiam as coisas agora seriam diferentes na Lunda. Os Tubungo das grandes linhagens estavam enfraquecidos e desmoralizados, pois o seu poder ruía com a invasão de Tchinguri. Se queriam um dia reconstruir as suas forças teriam de ser auxiliados pela soberana, isto no caso de Tchinguri ser derrotado. Em caso de vitória, ela iria distribuir as terras como bem entendesse. E se agora se mostravam demasiado hostis às suas medidas, ela mais tarde não contemplaria as pretensões deles. Só três pessoas tinham força na Lunda: Tchinguri, Lueji e Ndumba ua Tembo, mas os dias deste pareciam contados. Entre o irmão e a irmã, tinham escolhido esta última e era tarde para se arrependerem. Estavam portanto nas suas mãos. Ela demonstrou isso no Conselho e eles entenderam. Protestaram alguns, mas sem convicção.

A rainha encontrou Kandala à sua espera. A seu lado estava um homem de meia-idade, magro e baixo, de olhar fugidio. Nayole parecia encantada com ele.

– Vinha já a caminho para te visitar, quando soube do Conselho. E resolvi esperar por ti. Trazia-te o meu sobrinho Majinga, não te deves lembrar dele.

– Sabia que chegou ontem – disse Lueji. – Que os teus dias em Mussumba sejam muito felizes.

Majinga se inclinou num agradecimento mudo.

– Eras muito criança quando ele partiu – disse Kandala. – Com a mudança da Mussumba e todos estes acontecimentos, não me lembrei de te dizer que o tinha chamado. Peço desculpa.

– Todos andamos atarefados, não tens que te desculpar. – Lueji se virou para o primo:

– Estiveste onde vivem os Minungo, não é?

Mas Kandala não o deixou responder, se antecipou:

– Preparei-o para tahi, é o meu sobrinho mais velho e muito capaz de lidar com a nossa arte. Quando aprendeu tudo, resolveu ir para o outro lado do Cassai. Andou, andou, o seu nome ficou conhecido por lá e agora era um tahi importante na terra dos Minungo, como disseste. Já vi aprendeu muita coisa, mas precisa aprender mais. Estou velho, posso morrer dum dia para o outro. Por isso o chamei. Um dia ocupará o meu lugar e fica com o meu ngombo. É o meu sucessor, assim queiram os espíritos.

– Onde vai viver? – perguntou Lueji.

– Comigo. Assim tenho todo o tempo para lhe ensinar o que resta. E se, quando eu morrer, ele merecer a tua confiança, poderá continuar a habitar no alto do morro que me ofereceste. Mas acho podes desde já agraciá-lo com a tua confiança.

Quanto mais não seja, porque é da nossa linhagem, pensou Lueji. Mais-velho Kandala não perde tempo. Logo que subi ao poder e portanto a sua linhagem, mandou vir o sobrinho. Assim, no caso de ele morrer, a linhagem não ficará sem um grande tahi em momento nenhum. Nem eu. Mas a maneira sorrateira de olhar de Majinga lhe provocava arrepios na espinha, era totalmente diferente do tio, direito e digno na sua pose. Kandala era um senhor. Majinga parecia um rafeiro que rosna de lado, rabo entre as pernas, para o canzarrão que o desafia de frente. É primo mas não gosto dele, nunca gostarei, decidiu ela. Mas tinha sido educada em Mussumba e disse, com um sorriso encantador:

– Tens de me contar como são os costumes das terras que conheceste. E as que ficam mais para lá, no caminho do Sol. Um destes dias vou te chamar, para conversarmos sobre isso.

– Terei muito prazer, rainha.

Foi a primeira vez que ele falou e a voz afinal não era desagradável. Começava a pensar ele era mudo. Vá lá, ao menos

isso não. O mais- velho mudou a conversa:

– Nayole me falou da grande notícia. Já temos armas novas e muito boas.

– Sim, Kandala. Os lubas nos ensinaram a fabricá-las.

– Fico admirado como aceitaram. Foi sem dúvida um bom negócio para ti. Mas isso pode mudar as coisas?

– Pelo menos equilibra mais as forças.

– Nayole me disse, foram feitas nas terras de Salukunga.

– Sim, pai. Hoje fui criticada por isso e talvez tu também não estejas de acordo. Mas pensei, essa maneira de preparar o ferro é um segredo demasiado importante para ser divulgado pela Lunda inteira. Ainda. Por isso só os ferreiros de Salukunga aprenderam o segredo, que deve ficar bem guardado.

– Acho que foi muito prudente da tua parte – disse Kandala, indo directamente ao fundo da questão. – Só mesmo a tua família deve saber isso, pelo menos enquanto Tchinguri for um perigo. Sabe-se lá o que farão os outros, muitos já passaram para o lado do teu irmão, só porque pensam ele tem toda a força. Digo mais, Salukunga devia ter uma guarda especial por causa desse segredo. Imagino que neste momento todos os homens válidos dele estão aqui. O segredo está pouco seguro lá.

– Não pensei nisso, tens toda a razão. Logo que Tchinguri saiba, pode mandar uns homens lá para apanharem o segredo. Raptarem o ferreiro luba. E as terras de Chinyama são perto...

– Tchinguri, Chinyama ou outro qualquer. Pode ser um teu cortesão, Lueji.

– Estás a pensar em alguém em particular, pai?

– Não, não, pode ser qualquer um. Todo o cuidado é pouco. É triste dizer, mas hoje só podes confiar na gente da tua linhagem. Esses não te vão trair, não têm interesse. Agora os outros...

Kandala se levantou, indicando ia partir. Majinga se inclinou perante a rainha em despedida muda. Esta disse:

– Kandala, amanhã vou te visitar no morro. Preciso que leias no ngombo.

Os adivinhos saíram. Nayole foi buscar água fresca da sanga. Enquanto a dava à filha, disse agora estou mais descansada, com Majinga aqui. Já Kandala pode morrer que terás um adivinho

competente. Lueji bebeu a água, não respondeu à fala da mãe, se for tão competente como é esquivo... Disse:

– Vou passear um pouco pelo rio, queres vir comigo?

As duas mulheres foram andando pela beira do Kalanhi, gozando o Sol e o ar fresco que ali se fazia sentir. Nayole lamentava as nakas e lavras que deixara perto da antiga Mussumba. Tinha trazido algumas sementes, mas eram poucas e ainda nem tinha começado a nova horta. Os problemas alimentares iam surgir em breve se a guerra não acabasse. Lueji já tinha escolhido os lotes para as nakas da família e em breve Nayole e as amilombes iam começar a preparar o terreno. Era isso que viam agora. As terras eram mais escuras, por isso mais ricas que na antiga Mussumba, onde predominavam as terras encarnadas. O problema era a falta de sementes.

Viram à frente um pescador solitário, que montava uma armadilha para o peixe. Colocava no rio troncos pequenos de árvore, para segurarem mujias, espécies de cestos de forma cónica, feitos de entrançados de caniço, onde os peixes entravam e não saíam.

– É Mulaji – disse Nayole.

Se aproximaram do pescador, o qual estava entretido na sua tarefa e não as viu chegar.

– Não o conheço – disse Lueji.

– Deves conhecer. Morava perto da antiga Mussumba. Só veio há uns dias. Não queria sair de lá, mas depois se assustou com as depredações que Tchinguri fez nas terras de Kakele. Tem filhos pequenos e resolveu mudar também para aqui, ao menos os filhos ficam protegidos, não se tornam escravos de Tchinguri. E ele já tem essas experiências na família.

– Porquê?

– O pai dele e a mãe foram apanhados no tempo de Yala Muako, no Zambezi. E até se conta uma estória engraçada, pois Yala Muako fez da mãe sua concubina, mas o pai continuou a visitá-la, porque era o marido legítimo...

– Sumbi e Kakeya! – exclamou Lueji.

– Assim se chamavam os pais dele. Conheces a estória?

– Sim, Kandala me contou. O Conselho decidiu que Yala Muako devia pagar o materno deles ou deixar Kakeya ficar com Sumbi.

– É isso. E eles voltaram a viver juntos. Pouco depois nasceu Mulaji e os outros irmãos. Muita gente dizia Mulaji era filho de Yala Muako, mas como saber ao certo? Filho que nasce da mulher pertence ao marido legítimo, assim é a tradição.

Estavam paradas na margem e o homem não notava que falavam dele, totalmente absorto no trabalho.

– Mulaji aprendeu a pescar com o pai, eles são mestres lá no Zambezi. Às vezes ia levar peixe a Kondi, daí o conheço.

Nayole atirou um pau para a água, mas o pau caiu longe do alvo e o pescador não se virou para a margem.

– Eh, Mulaji – gritou então Nayole. – Mulajiéé.

O homem ouviu, se virou. Reconheceu a segunda mulher de Kondi e recuou para a margem. Olhou atentamente para Lueji, mas não cumprimentou. Bateu as palmas respeitosamente para Nayole.

– Não conheces a minha filha, Mulaji?

Ele olhou subitamente para todos os lados e depois se inclinou. Falou a medo:

– Desculpa, rainha, mas não te reconheci, há muito não te via. E como não vejo guardas, nunca pensei eras Lueji.

– Para passear não preciso de guardas, Mulaji.

O pescador tinha ficado com uns bocados de caniço na mão. Brincava distraidamente com eles, sem saber o que dizer. Era um homem de meia-idade, seco de carnes mas forte. Tinha os dentes incisivos limados e uma barbicha. Nayole perguntou:

– Aqui há mais peixe que na antiga Mussumba, não é?

– Parece. Mas ainda não conheço os bons sítios. Estou a procurá-los, hoje experimento aqui, amanhã ali. Cada rio tem os seus bons sítios, por isso não é bom mudar quando já o conhecemos bem.

– Sei que não querias recuar para aqui – disse Lueji. – Mas fizeste bem.

O pescador olhou as duas mulheres, como se hesitasse em falar. Por fim decidiu:

– É. Os muatas se zangam, fazem guerras... Nós ficamos no meio, a apanhar cacetadas dos dois lados.

– Quem é que apanha as cacetadas? Nós, quem?

– Nós, rainha, nós que não somos muatas... uma pessoa vive à beira dum rio, já conhece todos os fundões bons onde vivem os

bagres. Tudo é calmo e o único problema são os jacarés. De repente, vem um grupo de homens armados, te apanham, te levam com eles. Fiz quê? Nada fiz, apenas existo, o que parece ser proibido em tempo de guerra. Adeus rio, adeus família, adeus tudo, tenho novo senhor, sem saber porquê.

– Eu não queria essa guerra – se justificou Lueji.

Mulaji baixou a cabeça, olhou as mãos que remexiam os pedaços de caniço com que faria uma corda.

– Eu sei, rainha, todos sabemos. Por isso estamos contigo. Que os espíritos te ajudem a evitar a guerra.

Não disse, que os espíritos te ajudem a vencer a guerra, pensou Lueji, enquanto continuava a caminhada. Foi por acaso ou era o pensamento profundo de Mulaji? Evitar, não vencer. O lukano não significava nada para ele, tanto lhe fazia que estivesse com um ou outro, o que interessava era não haver guerra. Seria isso? E era um caso isolado ou muitos pensavam assim? Foi matutando e já não respondia à conversa de Nayole.

Evitar a guerra! Se lhe ensinassem como... Tchinguri já dominava metade da Lunda e o resto vinha depois. Ia atacar Mussumba. Só havia uma maneira de evitar a guerra, era renunciar ao lukano. Tinha sequer esse direito? Teria coragem de enfrentar a ira do espírito de Kondi? Kakaya tinha tido essa coragem, renunciou ao seu lugar de comandante do exército contra os Mataba para seguir Tchinguri. Ou não respeitava tanto o espírito de Kondi como ela pensara ou Tchinguri o convenceu que se não tratava da vontade de Kondi, apenas a de alguns Tubungo. Se o irmão tivesse razão e tudo não passasse duma maquinação de Kakele e Kakolo? Usando o prestígio de Kandala? Nesse caso era ela o brinquedo deles, o instrumento que provocava involuntariamente a guerra. Mas podia duvidar de Kandala? E da verdade do ngombo sagrado? Não, não podia. E de Kakele? Não foi Kondi que lhe disse ao morrer para confiar em Kakele? Kakele era da mesma linhagem de Kondi. Talvez por isso... Kondi, na hora da morte, queria ainda preservar alguns privilégios para a sua linhagem? Mantê-la, mesmo indirectamente, no poder?

Nayole falava, falava, e Lueji não ouvia. Havia ambições por todos os lados, pelo menos em Kakele ela podia adivinhar. A ambição do

poder oculto, da influência sobre o soberano, não o poder que se manifesta a cada instante. Aparentemente desinteressada, a mais hábil forma de poder. E em Ndumba. E em todos os outros. Só mesmo Chinyama parecia não ter ambições, preferia influenciar moralmente as pessoas inventando estórias, mas isso também era uma subtil necessidade de poder, um outro poder. E Ilunga? Esse não e assim a subjugou. Estranho e nobre homem saído da Lua, com seu arco longo e machadinha, caminhando em passadas largas à beira do lago. No sonho acordado ele caminhara para longe dela. Na vida fora o contrário. Ou era apenas um instante passageiro e logo ele ia mudar de direcção e se afastar? Não, não podia ser passageiro, tinha de ser para sempre. Como, para sempre?

Chegaram à paliçada e lá estavam os comandantes e os soldados, treinando. Se exercitavam com os novos arcos, mais longos, feitos de ramos de uma árvore especial indicada por Ilunga. E este estava no meio deles a explicar como se devia soltar a flecha. Apontavam para um grupo de árvores que servia de alvo e depois iam comprovar os resultados. Com outro grupo estava Mai, também ensinando. E Muasanza e Mutombo, outros nobres do séquito dos lubas.

Ao verem a rainha, os soldados aumentaram de ardor. Todos sabiam que deviam as novas armas e os ensinamentos dos lubas à habilidade dela. Queriam mostrar os progressos rápidos. Kumbana e Kandumba se aproximaram das duas mulheres. O kanapumba disse:

– Os soldados estavam assustados com as notícias que chegavam. Começavam a duvidar que os pudéssemos deter. Agora tudo mudou. Já se acham invencíveis.

Kandumba estava calado, olhando Lueji, que olhava Ilunga. Nayole percebeu e teve medo que o segredo da filha fosse descoberto. Falou para desviar a atenção:

– Kandumba, conhecestes Majinga, não? Ele voltou.

– Já sei. Mas não me lembro dele, eu era muito pequeno quando foi embora.

Lueji achou disparatado que Nayole perguntasse isso a Kandumba e não a Kumbana, que era o mais velho e podia se lembrar do primo adivinho. Mirou a mãe rapidamente e o olhar desta

fixo nela lhe fez perceber que Nayole queria lhe transmitir alguma mensagem. Mas logo esqueceu, entusiasmada a observar Ilunga a ensinar o tiro ao arco. De modo que Nayole foi obrigada a puxá-la para o lado e lhe segredar, pára de olhar para ele dessa maneira que vão perceber. Só então Lueji caiu em si e reparou no olhar inquisitivo de Kandumba colado a ela. Ficou perturbada, não sabia do interesse do kalala, de Kamexi sim. Tenho de ter cuidado, todos me estudam e a vida do luba pode correr perigo, se desconfiam de alguma coisa. Ainda não tinha pensado nessa possibilidade e a revelação súbita assustou-a. O kalala Kandumba podia estar apenas a olhar para ela, sem suspeitar do que passara na véspera. E não tinha nenhum direito. Mas se Ndumba ua Tembo soubesse? Não se iria vingar em Ilunga? Certamente que sim. E, a ligação íntima comigo é fatal para ele, tem de ficar bem escondida. Ainda bem que contei logo a Nayole, ela vai estar sempre atenta.

Ilunga se apercebeu então da presença dela, falou qualquer coisa para os soldados e avançou para cumprimentar. Lueji respondeu à saudação de forma quase indiferente, como se fala para um estrangeiro útil, mais nada. Ilunga percebeu a frieza da atitude dela. Também adoptou uma postura altiva e distante, apenas bem-educada. Como são espertos e finos, pensou Nayole.

– Os meus homens aprendem bem, kandaka?

– Sim, rainha. Eles já eram bons atiradores e por isso se adaptam rapidamente aos novos arcos. Tchinguri vai perder muitos homens, antes mesmo de chegar aos fossos. E aí então é o fim deles.

– Achas mesmo? – perguntou Kumbana, ansioso.

Ilunga se virou para ele e para o kalala. Fixando-os nos olhos, disse para Lueji:

– Rainha, os teus comandantes fizeram um extraordinário trabalho de defesa. A ideia de mudar a Mussumba para aqui foi espantosa. E a ideia da paliçada e dos fossos também. Com os arcos mais potentes e as flechas mais perfurantes, acho que Mussumba é inconquistável. Podes dormir descansada. Com os comandantes que tens, nada acontecerá ao lukano.

Kumbana sorriu, agradado. Kandumba baixou a cabeça numa vénia, agradecendo o cumprimento. No entanto, o olhar dele estava desconfiado, notou Lueji. Sentia Ilunga como um rival? No comando,

ou em relação a ela? E Ilunga dizia aquilo para vencer a desconfiança normal dos comandantes tundas ou era apenas sincero? Havia de lhe perguntar mais tarde. Kandumba levantou os olhos para a rainha e perguntou a Ilunga:

– Kandaka, achas que podemos resistir mesmo a um assalto de cinco mil homens?

– Olha, kalala, sabes tão bem como eu que neste sítio interessa pouco o número de homens. Cinco mil ou mil é a mesma coisa, pois têm de passar a dois e dois pelo caminho que leva à paliçada. Alvo fácil para os arqueiros. Por isso tiveste a ideia dos fossos, não foi? Isto, é claro, para o primeiro ataque. Depois as coisas podem mudar...

– Mudar como? – perguntou Kumbana.

– Mudam, sim. No primeiro dia eles vão perder muitos homens, é certo. E vão desistir do ataque. Mas têm a noite para pensar e arranjar novos planos.

Kandumba não pôde evitar que o olhar traísse irritação, apesar da voz ser, calma e quase amistosa.

– Que planos podem arranjar, kandaka?

– É só uma suposição, kalala. Mas dizem-me Tchinguri é esperto. Que faz ele quando vir que existem fossos a toda a dimensão da paliçada e a única passagem é muito estreita para um ataque? Vai tentar alargar essa passagem, enchendo os fossos...

– E como o vai fazer? Cortando árvores para encher os fossos com elas? – A voz tinha agora uma entoação levemente sarcástica, notou Lueji.

– Para quê ter esse trabalho todo e perder tempo cortando árvores, se tem outro material à mão? – disse Ilunga, elevando um pouco a voz ativa.

Kandumba já não conseguiu esconder a irritação e o ar de desafio quando prosseguiu:

– E que material tem à mão? Não estou a ver.

– Os corpos dos homens mortos. Atira-os lá para dentro e passa por cima deles...

O kalala não respondeu, espantado com a ideia. Mas nem mesmo sorriu, porque afinal não era ideia disparatada. Sim, à noite eles podiam fazer isso e de manhã atacavam numa frente mais larga.

– Ilunga, tinhas dito que Mussumba é inconquistável! – disse Lueji, confusa.

– Disse e repito, rainha. Eles vão passar assim pelos fossos. Mas não esqueças. No primeiro ataque já perderam muita gente e nesse segundo também vão perder muitos. No entanto chegam à paliçada, isso chegam. Ou então Tchinguri não é tão obstinado como dizem. E depois? Chegam à paliçada, depois de muitos mortos. E aí vão encontrar as azagaias. Vão tentar encostar troncos de árvores, pelos quais subir à paliçada. Enquanto as flechas continuam a cair sobre eles. E vão subir à paliçada, deixando mais mortos no terreno. Admitamos que alguns consigam saltar para o lado de cá. Vão então encontrar os mucuali dum aço mais duro. Achas que sobram muitos? Não creio.

– Mas cinco mil homens... – fez Kumbana. – Podem morrer muitos mas sobram sempre muitos.

– Não precisam morrer todos. Basta morrerem mil, dois mil, para os outros desanimarem. Os comandantes não vão conseguir fazê-los avançar. Se os comandantes estiverem ainda vivos...

– Falas bem, kandaka – disse Kandumba.

Agora não procurava esconder a hostilidade. E a frase era quase um insulto. Mas Ilunga não percebeu o tom irónico ou resolveu passar por cima. Respondeu com naturalidade:

– É que já vi muitos assaltos a paliçadas. Estive dum lado e do outro. E uma destas, tão alta, tão bem feita, com os fossos antes, só pode ser tomada por um exército cinco vezes mais numeroso que o defensor. E nós temos armas muito melhores. Faz as contas. Nos outros casos, as paliçadas têm de cobrir todos os lados ou pelo menos três. É mais difícil de defender. Aqui só há um lado. Sabemos já por onde eles vão atacar. Teriam de ter dez ou vinte vezes mais homens que nós.

– Podem atacar ao mesmo tempo pelo rio – lembrou Lueji.

– Sim, é uma possibilidade. Embora seja muito difícil atravessarem o rio, pelo menos de dia. À noite é muito arriscado. Mas é a possibilidade deles.

– À noite? – disse Kumbana, espantado.

Mai se tinha aproximado e ficara só a ouvir, sem se meter na conversa. Mas não resistiu mais.

– Era o que farias, não, Ilunga?

– Tentava isso, sim, Mai.

Para os tundas essa era uma ideia disparatada. Quem se atreveria a atravessar um rio de noite, ainda por cima um rio de corrente e rápidos como o Kalanhi ou o Cajidixi? Quem ousava desafiar isso tudo e mais os hipopótamos? O Iuba estava a descarrilar. Foi Kumbana que falou:

– Isso Tchinguri não faz.

– Não sei se faz ou não – disse Ilunga. – Vocês é que o conhecem. Mas me parece que quem imaginou uma estratégia tão hábil como ele o fez também é capaz de se lembrar de atravessar o Cajidixi de noite, para nos atacar por dentro da Mussumba. Perde muita gente na travessia, claro. Mas sempre chegam alguns. Os suficientes para lutarem contra os arqueiros e os impedirem de atirar contra os outros que atravessem durante o dia. Aí sim, o número superior de homens vai contar.

– Então Mussumba não é inconquistável! – voltou a insistir Lueji.

Ilunga riu para ela. Era um sorriso reconfortante, sem malícia. E a voz foi suave, mais suave do que antes:

– É, sim, rainha. Basta que montemos guarda bem apertada no Cajidixi. No Kalanhi não é preciso, mesmo de dia é muito difícil de atravessar aqui neste sítio. Bem vi como nós sofremos na travessia. Mas o Cajidixi tem menos corrente. À noite, a guarda principal deve ser aí e não na paliçada.

– Vê-se que já estudaste bem o sítio da Mussumba – disse Kandumba, sem disfarçar a desconfiança.

– Sim. Eu e Mai não perdemos tempo. Queremos ser úteis à rainha da Lunda que tão bem nos recebeu.

E fez uma vénia em direcção de Lueji, olhando de maneira especial para ela. Mas estava de costas para os outros. Só Nayole se apercebeu do olhar. Nesse momento Kakele se aproximava e os comandantes se viraram para ele. Lueji aproveitou segredar a Ilunga, na pedra quando o Sol morrer. Apenas os olhos dele deram a entender que ouvira. Também Nayole ouviu e o coração se apertou, que desajuizada esta rapariga.

Kakele não queria nada de especial, apenas se certificar do andamento dos trabalhos e dos treinos. Olhou com inveja para os

facções novos e brilhantes que Kandumba e Kumbana ostentavam à cinta.

– Quando terei um desses, rainha?

– Quando Tchinguri estiver a entrar em Mussumba e precisarmos de toda a gente para combater – disse Lueji, sabendo bem estava a ser maldosa. – Por enquanto, são só para os soldados. Bem, vamos voltar, mãe.

E partiu para a onganda, acompanhada de Nayole. Kumbana hesitou, mas depois se pôs a andar ao lado delas.

– Já acabaste o que tinhas a fazer aqui, Kumbana?

– Já, rainha. E não vou te deixar andar assim sozinha.

– Nós pensávamos dar apenas um passeio junto do rio e por isso mandei os guardas para trás. Afinal, chegámos até aqui.

– É perigoso, rainha. Nunca debes sair assim. Nayole, recomendo-te a ti.

– Não adianta recomendaras a mim – queixou Nayole. – De pequena que ela é teimosa, vai mudar agora? Tchá!

Nayole teve de esperar a chegada à onganda para ficar sozinha com a filha. Vinha a ruminar durante todo o caminho, por isso não perdeu tempo.

– Não te vais encontrar com o luba, Lueji.

– E como faço? Chamo-o aqui? Isso é pior.

– Nem uma coisa nem outra. Tu és a rainha, não podes te meter assim com um kandaka. Vai dar confusão.

– Ninguém vai saber nada. À noite, saindo pela passagem secreta...

– Aqui tudo acaba por se saber.

– E que me fazem? Não posso? Nem isso posso ter, só por ser rainha? Até o meu lago já perdi. Mãe, não vale a pena discutir, vou mesmo.

– Que os espíritos te protejam. Já Kandumba desconfia. Bem vi como te olhava.

– Não desconfia nada. Olhava por outra coisa.

Nayole fez um gesto de impotência. Numa coisa Lueji saía igual a Tchinguri, na teimosia. Já quando era miúda e os dois resolviam escapar à noite da onganda. Kondi bem barafustava, castigava, adiantou? Fizeram sempre o que lhes apeteceu, esses dois. Por

isso a luta entre os dois é mais dura que outra qualquer. Feitos para se entenderem, agora inimigos mortais. Culpa do Tchinguri, claro, sempre teve um mau espírito que lhe entrou no corpo quando pequeno. Lueji nunca foi má como ele, só teimosa.

– Não sei como vai acabar isto tudo – suspirou.

– Nem eu, mãe. Mas hoje vou ter com ele. Depois se verá.

– Maus tempos estes na Lunda. O coração duma mãe não tem um momento de descanso, sempre a tremer...

E a rainha esperou o cair da noite, para sair da onganda, a cabeça coberta, caminho do rio. À cintura levava um punhal luba, oferta de Ilunga na véspera e um mucuali dos novos. Se fosse atacada, podia se defender. Logo que chegou ao rio, se escondeu atrás duma árvore e esperou. Da onganda vinham ruídos habituais e um ou outro riso duma amilombe. Se podia notar os clarões das fogueiras, mas a noite estava escura. Ninguém a seguia. Prosseguiu pela margem do rio, mais descontraída. Os cuidados não eram por ela. Se a seguissem, o perigo era para Ilunga.

Ele estava na pedra, imóvel. Se meteram logo no mato, sem barulho. Antes de se abraçarem, ela sussurrou:

– Tem cuidado com Kandumba. Não gosta de ti.

– Notei isso hoje.

Não falaram mais. Fizeram amor. Durante muito tempo. Do acampamento dos lubas já não vinham vozes nem risos. Só se ouvia a voz do vento roçando nas árvores e um grito de gato-bravo. As estrelas apareceram a brilhar para lá da copa das árvores. Os dois estavam deitados, olhando para as estrelas, se acariciando ternamente, insensíveis ao voo dos mosquitos. Lueji soltou um risinho baixinho e sussurrou:

– Vocês têm hábitos estranhos. Gostava tanto de te ver comer! Seguras no xima só com as pontas dos dedos, como os nobres lundas, ou com a mão toda como os bárbaros?

– Só com as pontas dos dedos. Essas já estão calejadas e não se queimam.

– Porquê comer sozinho? Já me explicaste. Mas qual a verdadeira razão?

– O rei e os seus descendentes directos vêm do que tudo fez, a terra e a água, o vento e a gente, Nzambi. Somos quase como ele,

tanto ou mais que os espíritos sagrados. E tu podes ver um espírito comer? Deixas as oferendas, mas se ficas lá, ele não come. Tens que te ir embora. Quando fica sozinho, então o espírito come. Nós somos iguais aos espíritos, é a mesma coisa.

– Eu também descendo directamente da grande serpente que criou tudo o que existe na Lunda e o meu pai antes de mim e o pai do meu pai... No entanto, comemos à frente de toda a gente.

– Descendem dela mas não são como ela... É a diferença. Nós, os reis lubas, somos da mesma qualidade de Nzambi.

– As pessoas respeitam-vos mais então. É isso?

– Talvez. Mas na Lunda também te respeitam.

– Não como a um espírito. E até me respeitam mais a mim que a Kondi. Deve ser pela maneira especial como subi ao poder e esta situação toda... Pelo menos é o que me parece, mas posso estar enganada e não me terem mais respeito que ao meu pai. Aqui o rei é só rei, apesar de poder chamar a chuva e fazer muitas coisas. Trata com os espíritos, fala com eles, consegue convencê-los. Mas não é um espírito, não.

Perderam a vontade de conversar e fizeram de novo amor. As estrelas mudaram de posição e estava frio. Ilunga disse é tarde, vou te acompanhar. Ela não deixou, não podem nos ver juntos, amanhã volto à mesma hora.

Ela caminhou lentamente até à onganda, respirando com prazer o ar puro e fresco da noite. Os mosquitos iam à volta e um ou outro picava-a, mas ela não sentia. Não sabia mesmo como aquela ligação ia acabar. E porque teria de acabar? Lueji se recusava a pensar no futuro, só o presente contava. E que o presente durasse o mais possível.

Nayole ainda estava acordada, quando entrou na onganda. Acocorada sobre as brasas, imóvel, nem levantou os olhos para a filha. Mas sabia que ela chegara. Assim como Lu, que foi logo directa para a sede do grupo, procurar a Directora. Não estava no gabinete, devia estar na sala secreta. Assim era.

– Ainda bem que já vieste. Como está a tua avó?

– Perfeita. Aquilo é matéria de outro tempo, bem rija. Mas era preciso mesmo eu ir lá, senão... Bom, como vão as coisas?

– Tudo bem. O Mabilia já apareceu, esteve na tua casa, disse que vem cá agora à tarde. E eu avancei alguma coisa. Estive a ver no vídeo umas danças da Lunda. Material antigo que tínhamos para aí no arquivo. Que sorte termos um arquivo, só em certos momentos lhe damos valor. Depois deves ver, dá muitas ideias.

– Claro. Já vi alguns, mas agora é preciso ver melhor, estudar. Sabendo qual o objectivo...

– Tive uma ideia. Não vem no roteiro, mas é preciso incluir. Danças de muquixes. Os muquixes estão presentes em toda a cultura da Lunda, em todas as manifestações. Têm de aparecer no nosso bailado. Entram e saem, sem necessariamente se perceber porquê. Servem para fazer ligações entre cenas, sugerir coisas. Estás a ver?

Lu não respondeu logo. Sentou numa cadeira, cruzou as pernas alongadas. A Directora aproveitou acender outro cigarro.

– Pensei neles. Não os meti no roteiro porque não há nenhuma referência a eles nos textos antigos. Parece ser uma criação dos Tchokue, já depois de Tchinguri ter saído da Lunda.

– Que interessa? Primeiro argumento, os Luvale também têm os muquixes. Se Luvale e Tchokue têm, é provável ser uma tradição trazida da antiga Lunda. Até os umbundos têm, lhes chamam chinganjis. Segundo argumento, hoje não se pode destringir o que é dos Lundas e o que é dos Tchokue. Estes acabaram por dominar a Lunda e hoje estão todos misturados. Terceiro, não estamos a fazer obra de História, mas sim um trabalho artístico.

– Sim, tem razão. Noutros casos, até mais importantes, não me preocupei nada com a verdade histórica, apenas com a verdade estórica, isto é, artística. A verdade da ficção, a sua lógica interna... Agora estava armada em rigorista, para um pormenor. Vamos sim meter os muquixes. Dá um colorido e uma animação frenéticos. É desafio o chato do Herculano a provar que os muquixes não vieram da Lunda antiga.

– Quem é o Herculano?

– Um historiador meu amigo. Orientou-me na bibliografia. Mas nunca discuti com ele a minha ideia, nem para que andava a ler. Agora terei de o fazer, lhe mostrar o roteiro. Já sei, vai ser uma maka, vai discordar de tudo, vai dizer que traímos a tal verdade

histórica, que é um escândalo, um insulto à ciência. Os cientistas estão sempre tão convencidos que só eles sabem tudo, possuem o Método, e levaram o Mundo à beira da catástrofe. Enfim, não só os cientistas... Mas nalguma coisa essas críticas podem ajudar. Como o Herculano sabe muito, vai dar umas ideias. Logo que o roteiro esteja mais ou menos vou lhe mostrar. E arranjar paciência para o aturar.

– Pôssas, parece tens medo dele.

– É um chato! Mas tem de ser.

– Outra coisa que pensei. Temos de ir à Lunda. Com o Mabiala. Nem que sejam três dias, mas temos de ver, cheirar, sentir. É muito importante.

– Temos tempo?

– Já te disse, consigo esticar o tempo. Desde que haja um projecto concreto que se possa mostrar lá em cima... E isto é o tipo de projecto que eles apoiam, vai lhes dar prestígio. Um novo salto no bailado de raiz nacional! Até nos pagam os bilhetes de avião e vamos como VIP.

Lu sorriu porque imaginou o Mabiala todo bêbado a desembarcar na Lunda pela sala do Protocolo. Porque não? Um artista daqueles não merecia? Quando morrer é capaz de ter ruas com o seu nome. Então porquê esperar pela morte? O seu génio devia ser reconhecido em vida, nada mais justo. É, ainda estamos longe de reconhecer o talento e lhe dar o estatuto merecido. Só depois de morto, quando já não poderá fazer asneiras que comprometam os que o prestigiaram em vida. Sábia prudência!

Mas as batidas na porta interromperam as reflexões de Lu, já nos descobriram, disse a Directora. Ela levantou numa fúria, disposta a preservar o seu único canto de tranquilidade. Mas afinal era Afonso Mabiala e Uli.

– Trouxe-o aqui porque sabia que andavas à procura dele – se justificou Uli.

– Fizeste bem. Podes entrar também, Uli.

Afonso fez uma festa ligeira a Lu, o outro só cumprimentou de longe. O músico nem explicou a sua ausência, ninguém tinha nada com isso. Talvez se Lu lhe perguntasse, mas ela não o fez,

perturbada pela presença de Uli. A Directora entretanto passou ao comando das operações.

– Que achas, Lu? Podemos dar o mujimbo ao Uli, não? Afinal ele é o nosso principal bailarino... E pode nos ajudar bué.

Lu concordou com a cabeça. Já não tinha segredos, mostrara mesmo a dança da rosa de porcelana às velhas em Benguela. O que não queria dizer ia torná-la pública, aquilo foi uma situação especial e em clima de magia, sem possibilidade de ser repetido. Quanto ao projecto, ele já era dos outros também. Se já tinha saído no jornal... Haka, noutra altura qualquer eu nem ia hesitar em falar ao Uli, seria o primeiro a saber. Agora saper cebia do abismo cavado. Podia o amuleto de Tia Augusta preencher o abismo? Só eu posso. Se quiser, se tiver coragem.

Enquanto a Directora explicava o projecto a Uli, Mabiala ouvia Lu falar sobre a viagem a Benguela. Mas ela acabou brevemente e ficaram ambos calados, escutando a Directora, Uli ouviu até ao fim, nem olhou para o roteiro que lhe apresentavam, resmungou:

– Vocês estão malucos em se meterem numa dessas. Isso precisa de seis meses de preparação no mínimo. E não é só isso...

– Achas que não somos capazes? – sofendeu a Directora.

– Desculpa, mas é muito difícil coreografar uma peça inteira e tu nunca o fizeste. Sempre recorremos a estrangeiros.

– Alguma vez tem de ser a primeira, não? – perguntou Mabiala. – Porquê essa falta de confiança no talento nacional? Não precisamos de estrangeiro nenhum para montar isso.

– Falas porque não sabes o quanto custa. Isto não é música, é dança tradicional estilizada em jeito de bailado moderno. Se percebi bem. Tem muita investigação e muita tentativa e erro, até dar certo. O tempo é curto e a experiência também. Não tenho a certeza de que serão capazes, sou sincero e rude. Quanto à música não tenho dúvida nenhuma, Afonso vai fazer e bem. Mas a coreografia, os movimentos de massa... Hum, ainda bem que não estou aqui para ver o desastre!

A Directora saltou da cadeira. Tinha gestos graciosos, de bailarina, mas fervia rápido-rápido, por vezes ninguém suportava as suas crises de nervos. Esganiçou a voz:

– Que brincadeira é essa, Uli? Não vais estar aqui para ver? Vais estar e dançar o papel masculino principal. O de Tchibinda Ilunga.

– Ou o de Tchinguri – falou pela primeira vez Lu. – Eu tinha pensado no Tchinguri para ele, nem sei porquê.

– Nem um nem outro – disse Uli. – Primeiro, o meu estágio está quase no fim e não me dão férias para escrever o relatório final. Tenho de fazer isso sem largar o apoio no hospital. Não tenho tempo para tantos ensaios, é impossível. O meu curso é mais importante, ou não acham?

– E segundo? – perguntou a Directora, tentando se controlar, o que nitidamente desconseguiu.

– Segundo, não acredito nesta coisa. Não vou arriscar atrasar o curso por um projecto que me parece duvidoso.

– Arriscar, é? Tu sempre dizias é preciso arriscar, ir prá frente. Muitas vezes queríamos desistir de alguma coisa e tu nos empurravas. Estás muito mudado. É por seres quase doutor? Mete masé o teu curso no cu.

Mabiala procurou acalmar a Directora, mas Lu só pensava é por minha causa, se recusa a dançar comigo, é isso, tudo o resto são desculpas, ó espírito de Lueji, trava lá esse cazumbi que já está a mexer outra vez. Tinha pensado em Uli para o papel de Tchinguri talvez por causa disso mesmo, a relação entre os dois irmãos era ambígua, como era a dela com Uli, mais fácil pois de dançar juntos. Mas mesmo isso ele ia recusar, tinha um pretexto fortíssimo. Só mesmo se ela tomasse a iniciativa, empurrasse Uli num canto escuro, o violasse. Depois sentenderiam. Mas podia? E o seu orgulho? O orgulho não conta quando é um caso de vida ou de morte. Tinha de vencer aquela barreira que ele criava e só havia uma maneira. Não, não era capaz. Podia ficar humilhado por ser forçado, podia também julgá-la mal. Se algo falhava, perdia Uli de vez. Arriscar sim, mas não até esse ponto.

A Directora estava mais calma, pediu desculpa, não te quis ofender, mas Uli era intransigente.

– Têm de se habituar a não contar comigo. Mais cedo ou mais tarde vou abandonar a dança. Têm outros muito bons.

Mabiala cortou a conversa:

– E inútil continuar agora, temos trabalho a fazer e há muito tempo para o Uli repensar. Agora fora, estás a nos atrapalhar.

E praticamente pôs o bailarino na rua, fechou a porta e se virou para as duas mulheres. Sorriu:

– Se não é um homem a resolver os assuntos, nunca se avança.

– Resolver? – disse a Directora. – Não resolveste nada.

– Resolvi, sim, agora podemos trabalhar. Porque o outro assunto, o do Uli, só Lu pode resolver.

– Eu?

– Claro. Sabes tão bem como eu. Só tu. Quando as vossas relações ficarem claras, tudo se resolve. Ele faz o estágio e o relatório, acaba a merda do curso e ainda entra neste projecto.

– Gostaria de saber como posso resolver.

– Se for preciso eu tensino. Embora eu é que lerro. Paciência, me sacrifico a bem da arte. Mas agora quero mostrar uma música que compus.

Meteu a cassette no gravador, sorriu para Lu, triste sorriso, e os sons do chingüfo entraram pela sala e pareciam fazer estremecer a mesa e as cadeiras. A Directora ficou de boca aberta, a escutar as batidas vindas de muitos séculos antes, revividas, mais potentes que nunca. As duas esqueceram Uli e os seus dramas, pois o ritmo saindo do gravador falava doutros dramas e doutras lutas, sacudindo a poeira do tempo para apenas afirmar a força dos que acreditavam na vida. Mabiala senciava no seu canto, modestamente surpreendido pelo vigor da sua criação. Mais magro parecia, o cabelo aos tufos, os olhos febris, mas fui eu mesmo que compus isto?

Os dias foram passando sem novidades, excepto a chegada de novas armas que iam sendo regularmente distribuídas aos grupos. Já metade do exército estava bem equipada, quando os mundos falaram, Tchinguri derrotou Ndumba ua Tembo, Tchinguri derrotou Ndumba ua Tembo. Foi ainda preciso esperar um dia para o primeiro emissário aparecer em Mussumba e contar os detalhes vividos da batalha. Ele contou assim:

Foi perto do Cassai que os dois exércitos se encontraram, os mil e quinhentos homens de Tchinguri e os mil que Ndumba conseguira entretanto juntar. Kanyika e os outros adjuntos insistiram para se refugiarem numa zona montanhosa e se defenderem, mas Ndumba nunca se escondia para lutar contra o leão e resolveu esperar Tchinguri em plena chana, os verdadeiros guerreiros combatem a peito aberto e não camuflados covardemente pelos penhascos e pelas árvores, o que foi um erro provindo da imensa vaidade e auto-suficiência de Ndumba ua Tembo, como logo notou Lueji, mas ela calou o pensamento e deixou prosseguir a narrativa do emissário cheio de pó e sede do caminho, que ele nem reparava nisso, pois nos olhos tinha apenas as imagens sangrentas da carnificina em que participara e de que miraculosamente escapara, obra certamente do poderoso amuleto à volta do pescoço oferecido pelo pai depois da circuncisão, mas já parte do exército de Tchinguri avançava em linha, comandado pelo terrível Kandama, o gigante de dentes limados em ponta e que usava desafiadoramente à cintura um pedaço de pele de boi, cinto esse que só as gentes nascidas em alta condição podiam usar, o que não era o caso de Kandama nem de Tchoia, os dois grandes comandantes de Tchinguri e vindos de famílias modestas, mas que pela sua habilidade na guerra tinham sido promovidos a lugares-tenentes do príncipe da Lunda e este lhes autorizara a usarem o cinto de pele de boi, para mostrar aos Tubungo que se ria deles e das suas tradições elitistas obsoletas,

considerações estas que o emissário não fez, pelo menos ali à frente da mais alta linhagem do País, se limitou a contar que a primeira carga foi comandada por Kandama, o gigante temido por todos, carga essa de um terço do exército que chocou contra os homens de Ndumba dispostos em linha, os quais resistiram perfeitamente às primeiras escaramuças, enquanto os ngomas dos dois campos marcavam o ritmo para encorajar os combatentes e as cornetas de corno de palanca gritavam roucamente para assustar os adversários e a batalha durou muito, pois os mil guerreiros de Ndumba eram o dobro dos outros e pelo número conseguiam equilibrar o maior treino dos homens de Kandama, treino esse que provavelmente Tchinguri queria testar ao lançar só uma parte do exército, como julgou intimamente Lueji, perturbada pela significação do excelente trabalho anterior de preparação feito por Kandama, o qual distribuía golpes de maça à esquerda e à direita, abrindo caminho até ao sítio onde combatia Ndumba, perdida a azagaia na confusão da batalha e segurando apenas o facão e o escudo, mas os guerreiros comandados por Kanyika fechavam o cerco à volta de Ndumba e o gigante não conseguia de o romper, o que provava o equilíbrio da contenda e até eu, lá no meio, me convenci da possibilidade de resistir ao exército do sanguinário, só que me tinha esquecido dum facto, combatíamos contra um terço do inimigo, pois o resto, dividido em duas alas, a da direita comandada por Tchoia e a da esquerda comandada pelo próprio monstro que apunhala dois homens sempre que se quer levantar, mas isso são divagações que não interessam, vamos aos acontecimentos, lhei gritou a irritada Lueji e o emissário se deitou no chão, desculpa, rainha, se te maço, mas quero contar todos os detalhes do pouco que vi, pois quando as duas alas complementares nos fizeram envolvimento pouco mais pude observar, preocupado mais em evitar os golpes que caíam agora por todos os lados, estávamos já cansados quando a força principal se atirou para cima de nós e começámos todos a lamentar a nossa triste sorte nas mãos daqueles canibais tão bem treinados, com as maças a abrir buracos no nosso grupo e os facões a acabar a vida dos que eram derrubados, ainda o Sol não ia no meio-dia e já estava claro qual seria o nosso fim, quando Kanyika começou a gritar, se juntem

todos e recuem todos juntos, o que era difícil de realizar pois os homens de Tchinguri tinham conseguido fazer um cerco completo, e ainda mais

difícil porque Ndumba ua Tembo gritava de dentro do círculo de ferro e escudos em que estava metido, aqui ninguém recua, o que confundia todos, mas no fundo não era tão importante assim pois já ninguém respeitava as ordens, cada um juntava a bunda ao colega do lado apenas para se defender dos golpes e Lueji podia imaginar a cena de um grupo de homens com os escudos acima da cabeça seguros pelas duas mãos e os outros a baterem com as maças e os facões nos escudos ao ritmo frenético dos ngomas de guerra, devia ser um batuque fabuloso aquele, mas voltou a prestar atenção às palavras do narrador que contava sempre fazendo gestos o pouco que vira pois te digo, rainha, se ouviam preces partindo de todo o lado enquanto os canibais nos insultavam e ameaçavam, quando se operou o milagre, ninguém deve saber como foi possível, mas o certo é que Kanyika conseguiu romper aquele cerco infernal e pelo buraco aberto no exército inimigo todos nós passámos de roldão, todos não, apenas os que conseguiram conservar a cabeça colada ao pescoço e bem me lembro de olhar para trás e ver Ndumba ua Tembo a ser empurrado pelos seus homens e passar pelo buraco no preciso momento em que se encontravam junto dele o gigante suado do Kandama, Tchoia e o próprio Tchinguri, os três prontinhos para lhe caírem em cima e só mesmo o milagre realizado por Kanyika salvou o nosso chefe, porque ele passou assim como nós e lá fora do cerco corremos com todas as forças até às primeiras elevações, apesar de termos ouvido perfeitamente Tchinguri gritar para os seus homens, não os persigam, eles não nos escapam, mas quem ia acreditar nele naquele momento era maluco e por isso corremos até os pulmões arderem e nos deixámos cair nas primeiras colinas e olhámos para trás e vimos o campo de batalha coberto de corpos e os inimigos a cortarem as cabeças dos feridos que não puderam fugir e depois nos contámos e sobrámos duzentos, tendo depois Ndumba ua Tembo mandado três de nós à frente te contarmos o que passou, rainha, e te avisar que ele vem aí com o resto dos seus homens, se conseguir chegar aqui, pois provavelmente Tchinguri os vai perseguir e apanhar um a um, isso

não creio, interrompeu Lueji, mas te agradeço o teu relato e teres demorado tão pouco tempo do Cassai até aqui, que dêem de comer e beber a este valeroso soldado, mais tarde receberás um presente por teres sido o primeiro a chegar a Mussumba, pois só os covardes mandam matar os mensageiros de más notícias, isso é tradição desaparecida da Lunda.

Porquê aquele absurdo medo enquanto o emissário contava as cenas da batalha e o não menos absurdo alívio, no fim, por saber Tchinguri vivo? Não era o seu inimigo, não o queria ver humilhado a seus pés? Devia estar triste por Ndumba ser derrotado, mais um muata sem força e desmoralizado, fugindo para o refúgio de Mussumba. E no entanto não estava. Lueji afastou os pensamentos tristes, ocultou a confusão de sentimentos no fundo de si própria, não se queria analisar. Tchinguri tinha o caminho livre para Mussumba, ia aparecer às suas portas, mais dia menos dia. Tudo se decidiria então. Lueji suspirou, que tudo se decida rápido, tudo é melhor que esta incerteza.

O dia seguinte viu chegar os dois outros emissários. Contavam essencialmente as mesmas coisas, com as diferenças vindas apenas do sítio onde se encontravam durante a batalha e a maior ou menor vontade de valorizarem a sua participação. O principal era o mesmo, muita gente morreu, sobretudo no campo de Ndumba, o exército do exterior tinha simplesmente desaparecido. Para se opor aos moralizados homens de Tchinguri havia agora apenas o exército da rainha da Lunda e os reforços lubas. Chegavam?

Lueji foi visitar Kandala, como prometido. Os dois ficaram na sombra da árvore que culminava o morro, donde se podia ver as águas do Cajidixi correndo em baixo, espumando nos rápidos. Durante muito tempo o tahi mexeu e remexeu o seu ngombo sagrado, fazendo perguntas e espiando as respostas nas figuras que apareciam à superfície. Depois resumiu:

– Está tudo muito confuso. Vejo em primeiro lugar que para teres um mbambi vais perder muitos songues. Não sei o que significa e o ngombo não fala mais claro.

Podia querer dizer muita coisa, pensou ela. Lembrou o que Tchinguri lhe ensinara, as profecias são interpretadas segundo a vontade de cada um. Perguntou:

– O ngombo não diz qual vale mais, o mbambi ou os songues?

– Não. É fácil adivinhar o que passou, encontrar a explicação para as doenças ou saber os desejos dos espíritos que se manifestaram. Mas o que vai acontecer não é fácil de ler. E outra coisa estranha, não vejo muito sangue a correr.

Era estranho, sim, em plena guerra civil. Não ia haver muito sangue? Que podia se passar para evitar a carnificina que todos adivinhavam, mesmo sem o ngombo de Kandala?

– Lamento, rainha. Não vejo respostas às tuas perguntas. Talvez eu esteja velho demais.

Lueji abandonou a chipanga do tahi, martirizada pelas dúvidas. Desde as primeiras notícias da batalha estava estranha, como se vivesse num sonho, o qual não era pesadelo nem agradável. Uma angústia indefinida apenas. Falta de vontade de pensar, desejo apenas de estar no seu lago com Ilunga e deixar tudo o resto seguir o caminho que as coisas quisessem. Ela já não tinha força para interferir nos destinos, mesmo que Kandala matasse um cabrito e lesse os intestinos dele, não ia responder às perguntas, pois ela já nem as sabia fazer.

Era o mais grave, nem saber o que perguntar, não conhecer a cor das suas dúvidas, isso disse ela à noite a Ilunga, junto à pedra onde se encontraram pela primeira vez e onde todas as noites se reencontravam.

– Não posso fazer nada, Lueji. Só tu mesma podes responder às perguntas que não és capaz de formular.

Tinha hesitado em lhe falar. Mas se não se confiasse a ele, então a quem? Ilunga não era apenas o corpo que se deseja, não apenas a voz quente que sabe bem ouvir junto do nosso ouvido. Era muito mais, tudo aquilo que ela não sabia definir.

– O mbambi de que fala o ngombo pode valer muito mais que todos os songues juntos. Pode não ser um erro escolher o mbambi. Mas o que é o mbambi?

– A tua pergunta é mais clara, sem dúvida – disse Ilunga, acariciando o seio nu. – Mas realmente só tu podes saber.

– E não haver sangue... Uma coisa está relacionada com a outra?

– Pode ser que Tchinguri não avance contra Mussumba.

– Não o conheces. Ele vai mesmo avançar. Está a seguir exactamente o percurso que adivinhei. Neste momento já deve ter chegado ao Luengue. Vai enquadrar os novos recrutas que entretanto tiveram um treino sumário. E vai avançar com cinco mil homens contra nós. Não leio no ngombo, leio cá dentro – e apontou o coração.

A caminho de casa, na noite escura, a angústia não a abandonava. Apenas um pouco amortecida pelo carinho de Ilunga. Ele estaria sempre a seu lado, era o único consolo.

No dia seguinte, não se admirou quando foi anunciada a chegada dos muatas Vungi e Cangombe. No fundo, sem querer ter pensado nisso, parecia estava à espera deles.

– Sabia que trariam uma mensagem do meu irmão Chinyama. Está bom e bem-disposto?

– De saúde está – disse muata Vungi. – Temos ficado sempre com ele. Mas tem recebido muitas pressões de Tchinguri. Rainha, a situação está complicada. O teu irmão pede para encontrares uma solução que ponha fim à guerra.

– Isso também eu queria. Ele sugere alguma?

– Não. Ainda ontem chegaram mais emissários de Tchinguri. Por isso Chinyama nos mandou cá. O teu irmão mais velho domina praticamente toda a Lunda. Está no Luengue...

– A preparar um grande exército.

– Afinal já sabes, rainha.

– Não é difícil adivinhar.

Muata Cangombe tossiu para aclarar a voz. Tinha estado calado até então.

– Tchinguri tinha mandado constantemente emissários. Mas os de ontem mudaram o tom. Ele exige que Chinyama e nós nos juntemos ao exército dele para isolar Mussumba. Os nossos homens que tinham ido contra os Mataba se passaram todos para o lado dele. Agora quer o resto. E diz que vai sair do Luengue e passar para as nossas terras. Dali sobe para Mussumba. Quer já encontrar os homens prontos e comida, para não perder tempo. Dentro de dois dias pode estar no Kalanhi e em mais dois está aqui.

– Chinyama não sabe o que fazer – acrescentou Vungi. – Enquanto Tchinguri estava longe, era fácil ignorar os seus

chamados. Mas em breve ele estará em pessoa nas nossas terras.

– Compreendo – disse Lueji.

E ficou apática, ouvindo as moscas zumbir. Vontade de correr para o lago, deixar tudo. Estavam à espera duma decisão dela, dum conselho? Não eram todos mais velhos? Que esperavam duma rapariga que só queria amar e ser amada, brincar com as amilombes e correr à beira dos rios?

– Que dizemos a Chinyama, rainha? – perguntou Cangombe.

Sim, tinha de dar uma resposta, era a soberana, cuja voz era quase a dos espíritos. Na Luba era mesmo a voz dos espíritos, pensou, se lembrando da conversa com Ilunga. Havia de ser lindo se na Lunda também assim o rei fosse considerado e não tivesse nada para dizer! Os espíritos estão mudos, já nem sabem pensar, lhe apeteceu gritar e chocá-los de vez. No entanto, a voz saiu cansada e como vindo de muito longe:

– Digam ao meu irmão que conto com a coragem dele.

Os dois muatas se olharam, surpresos. Quem não sabia que Chinyama perdia a coragem diante do irmão mais velho? Não era nenhuma resposta, por isso Vungi insistiu:

– Só isso?

– Chinyama sabe não é possível ser neutro neste conflito. A menos que abandone as suas terras e se esconda em qualquer lado. O que é lamentável para um príncipe da sua estirpe. Que tenha a coragem de dizer não a Tchinguri. Só isso.

Os Tubungo ainda tentaram ripostar, prolongar a audiência. Mas a rainha tinha um ar alheado, não altivo, apenas distante. E se consultaram com os olhos e depois se despediram, confusos e desanimados. Caminhada inútil.

Lueji ficou por momentos olhando a porta. E nem mandei uma recordação para o meu irmão Chinyama. Estava demasiado cansada para os chamar atrás e para fazer o esforço mental de escolher qualquer lembrança. Ele não vai reparar, está preocupado e sabe que estou desesperada.

Chamou os guardas, foi para o rio Kalanhi. Encontrou Nayole e as amilombes preparando um terreno para uma naka. As amilombes riam e conversavam, enquanto trabalhavam com as enxadas. Se ouvia acima de todas as outras a voz cristalina de Kamonga Luaza,

a mais nova. Sempre alegre, aquela não tem problemas, ainda, pensou a rainha. Fez um gesto de despedida e continuou a subir o rio. Viu o sítio onde estivera dias antes o pescador Mulaji. Só alguns paus na beira indicavam que ele tinha ali tentado pôr as armadilhas para o peixe. Devia pôr uma pergunta ao pescador e foi andando, andando, à procura com os olhos. Pescava com certeza por ali. Ou então desistira do Kalanhi e agora tentava o Cajidixi? Tinha de o procurar. Mas não foi preciso andar muito. Antes mesmo do acampamento dos lubas, viu Mulaji cravando paus no leito do rio, acompanhado de dois rapazes. Se aproximou e chamou:

– São teus filhos?

– Os mais velhos, rainha. Vão entrar na próxima mukanda.

De novo Mulaji tinha na mão um pedaço de caniço, que manuseava distraidamente enquanto falava. Deve passar a vida com um bocado de caniço na mão. Mesmo para dormir? Não era essa a pergunta que queria lhe fazer.

– No outro dia me falaste. Esperavas que eu evitasse a guerra. Não que a ganhasse, mas que a evitasse. Porquê?

O pescador não respondeu logo. Olhou a rainha, depois os quatro guardas que tinham parado a alguma distância, conversando entre eles. Procurou as palavras no ar quente que soprava do sul, depois disse sem receio:

– A guerra não serve para ninguém. E nós sofremos mais com ela do que todos os muatas.

– Os muatas também morrem na guerra. E têm os filhos que morrem na guerra. Olha o que aconteceu com o muata Kakete.

– Sim. Mas nós morremos na guerra e se escapamos morremos na mesma de fome, por causa da guerra. Os muatas nunca morrem de fome, têm sempre alguém que lhes procure a comida. Muata Kakete perdeu muito, sim, mas passa fome agora?

Lueji tinha uma pergunta mais a fazer mas decidiu, não, vou obrigá-lo a mentir ou a se colocar em posição difícil, não é pergunta que se faça a um homem como Mulaji. A pergunta era simples, em caso de guerra estás comigo ou com o meu irmão? Simples de fazer, mas uma ratoeira tremenda para o pescador. Ele ia responder nem com um nem com o outro, ou então mentia. Não tinha interesse pô-la se já sabia a resposta.

– Tenho tentado evitar a guerra. Mas se atacarem Mussumba, que faço? Cruzo os braços, Mulaji?

– Tu é que sabes, rainha.

– Não me ajudas nada.

– Eu, um pobre pescador, é que vou ajudar a rainha da Lunda? Se quiseres que te apanhe um bagre de dois metros, posso tentar. Talvez num dia desconsiga, mas nos seguintes apanho. Agora nisso não te posso ajudar. Tens os teus conselheiros, são tantos e tão sábios, tens os teus comandantes, eles é que sabem. Eu, rainha? Eu não sei nada.

– Os outros pescadores e as mulheres que fazem as lavras e os caçadores, enfim, todos os que não são muatas, todos eles pensam como tu? Esperam que não haja guerra?

Mulaji sorriu, tímido, enquanto mexia no caniço. Hesitou um pouco, depois ganhou coragem:

– Não sei de todos, falo com pouca gente. Mas sinto. Acho ninguém gosta de guerra. Os jovens, sim, claro, esses estão todos ansiosos por combater... São jovens, querem coisas diferentes, pensam talvez vão ganhar muito com isso.

– Se eu abandonar Mussumba, deixar o lukano no braço do meu irmão, achas isso vai fazer as pessoas suspirarem de alívio? Assim não haverá guerra.

– Dizem de Tchinguri que ele é mau, nem respeita os espíritos dos antepassados. É cruel. As pessoas não iam gostar disso, iam viver no medo constante.

– Então?

Tinha acabado por fazer a tal pergunta, de outra maneira apenas. Lueji ficou indignada consigo própria e ia dizer não respondas, desculpa. Mas Mulaji tinha ganho à vontade na conversa e ripostou rápido:

– Deve haver outra maneira. E só tu podes descobrir.

De qualquer forma, não era a resposta que ela antecipara. Disse, em tom baixo e humilde.

– Eu não sei tudo, Mulaji.

– Os espíritos vão te ajudar. É o que todos dizem, tens a arte de falar com os espíritos. As pessoas confiam em ti, rainha. Eu também.

Podia dizer os espíritos deixaram de falar comigo, nem o ngombo de Kandala me aconselha de forma explícita? Que papel faria a rainha da Lunda em face dum simples pescador, ao mostrar estava tão confusa quanto ele? O pai lhe ensinara, é preciso sempre dar a entender que se tem resposta para tudo. Mas o pai falava em relação aos cortesãos, os que espiam sempre o poder. Não pensara no povo simples. Kondi já esquecera que os pescadores também podem sentir e pensar, não era a eles que se referia. O rei também deve mostrar onisciência em relação às pessoas vulgares? Mesmo se elas pensam diferente dos muatas? Porque os muatas sempre quiseram expulsar Tchinguri e esmagá-lo. A guerra assustou-os, se a pudessem evitar era tanto melhor, mas estava dentro das previsões deles. Só se enganaram numa coisa, Tchinguri tinha muito mais força militar que alguma vez eles imaginaram. Mas queriam agora que Tchinguri fosse totalmente derrotado. Mulaji não pensava em termos militares, nem em termos de poder. Queria outra solução, pacífica e definitiva. E ela não sabia qual podia ser. Mas também não podia dizer não a procuro.

– Estou a tentar encontrar outra maneira, Mulaji, estou a tentar. Acreditas?

– Sim, rainha, eu sei.

Deixou o pescador entregue à sua ocupação e caminhou para trás, na direcção da onganda real. Os filhos de Mulaji logo se meteram na água, para ajudarem a cravar as estacas. Ela quisera derrotar Tchinguri? Não, nunca. As razões não eram as mesmas de Mulaji, mas sempre tentara evitar a guerra. Para isso constituiu o seu exército. Não era para combater Tchinguri, mas para que ele não ousasse atacá-la. E ele reforçou o seu. E ela respondeu com as novas armas. Agora nada mais havia a fazer. Os dois exércitos tinham ganho o máximo da potência. Se nenhum intimidasse o outro, a colisão era inevitável. A menos que o ngombo falasse verdade e o sangue não seria derramado. Como? Tinha alguma coisa a ver com o mbambi que ela ia escolher?

O pensamento repentino foi como uma faísca caindo do céu límpido e azul. Estacou. Sem ver, olhou o rio, de água também azul e que ficava branca ao cair nos rápidos. O coração partiu num galope desenfreado e abriu a boca para respirar. Os guardas

pararam atrás dela e miraram o rio, seguindo o olhar da rainha, prescrutando o perigo que a fizera assustar. Dois avançaram para observar de mais perto, as mãos segurando firmemente as azagaias. Mas nada viam. No entanto, Lueji contemplava as águas, fascinada, de boca aberta, parecia assustada, até tremia no calor do meio-dia.

– Que foi, rainha? – perguntou um deles.

Ela não respondeu, nem ouviu a pergunta. O guarda não ousou insistir. Mas a tensão nervosa fazia os músculos deles se retesarem e o suor brilhar com mais intensidade nos corpos quase nus.

De repente, Lueji desatou a correr na direcção do grupo de amilombes. Os guardas imitaram-na, cada vez mais alarmados, olhando para todos os lados. Os quatro faziam um semicírculo à volta dela, para a proteger do desconhecido que a assustara. A correria parou quando a rainha chegou perto de Nayole.

– Mãe, vem aqui, preciso te falar.

– Que se passa? – quase gritou Nayole.

Mas não recebeu resposta e já estava a ser arrastada para uma sombra de árvore afastada do grupo de amilombes. Os guardas foram atrás das duas mulheres, as azagaias viradas para a frente, as pontas novas brilhando ao sol. Lueji lhes fez sinal para se afastarem, preciso de falar com a minha mãe.

Nayole tinha deixado a enxada na naka e procurava se libertar do braço da filha, mas que se passa afinal?

– Mãe, resolvi o problema.

– Qual problema?

– Mãe, vou casar com o Tchibinda Ilunga.

– Estás doente, filha? Tremes debaixo deste Sol escaldante. Os teus olhos estão virados para dentro, tão abertos para nada verem. Dizes coisas sem nexos, deliras... É preciso chamar já um kimbanda...

– Não, não estou doente. Vou casar com Ilunga. Acho que ele aceitará.

Nayole não teve dificuldade agora de libertar o braço das garras em que se tinham tornado os dedos da filha. Fê-la sentar numa pedra à sombra. Observou melhor e entendeu, ela está a falar a

sério, não são os espíritos da febre do rio que a fazem dizer coisas sem sentido, para ela as palavras têm um sentido.

– Para quê casar com ele? Não o tens todas as noites? Podes até casar com outro e continuar a tê-lo à noite. És a rainha.

– Eu sei. Não é para o ter que caso com ele.

– Lueji, o país está em guerra. O exército do sanguinário avança contra ti e neste momento só pensas no luba? Que feitiço poderoso te levou ele a beber?

A filha fez um gesto de impaciência para terminar com as perguntas. Ao fazê-lo, brilhou no ar a bela pulseira de cobre oferecida um dia por Tchinguri.

– Não estou a pensar em mim, estou a pensar na Lunda. É preciso fazer uma aliança sólida com os lubas, para isso é o casamento. Ele, Ilunga, é o mbambi de que falou Kandala, não percebes?

Não estava mesmo a perceber e sacudiu a cabeça para o afirmar. Tivera medo da relação da filha com o luba, desde a primeira noite. Ia trazer muita desgraça, se lia nos olhos de Kandumba, se adivinhava no peito de Ndumba ua Tembo. E, em vez de terminar com a loucura daquelas noites, ainda Lueji as queria tornar públicas e constantes?

– Isso pode travar Tchinguri – disse a rainha.

Travar Tchinguri? Que pode travar a água do Kalanhi quando as chuvas o engrossam e ele inunda as margens? Que pode travar a raiva do espírito do relâmpago quando resolve riscar a noite? Que pode travar a turbulência brincalhona do vento quando faz remoinhos e tudo leva para o ar? Travar Tchinguri! Está irremediavelmente louca, esse amor pelo luba foi demais para ela.

– Esqueces os teus irmãos – disse Nayole, procurando manter o contacto. Falando, talvez ela caísse em si.

– Estou mesmo a pensar neles. Como manda a tradição, vou preveni-los primeiro, sobretudo o mais velho.

– Tchinguri nunca aceitará!

– Nem preciso que aceite. Só vou preveni-lo antes de anunciar o casamento.

– E como?

– Antes que ele ataque.

– E isso o fará travar?

– Talvez. Se não for isso, então não sei.

– Antes pelo contrário. Fica com mais raiva. E vai ganhar apoios junto dos teus próprios amigos. A rainha da Lunda casar com um estrangeiro, ainda por cima um luba?

– O casamento não passa duma aliança – disse Lueji. Sorriu e continuou: – Neste caso, uma aliança que me interessa também pessoalmente. Uma aliança com amor. A única aliança que justifica um casamento.

– Não faças um erro desses sozinha, Lueji. Pede conselho a Kandala, pede conselho a Kakele, a Kumbana...

– Neste caso só eu posso ser a minha própria conselheira. Foi Mulaji que me abriu os olhos.

Nayole ficou petrificada. Se antes tinha dúvidas, agora já era demais. Lueji endoidou de vez, ou estava sob a acção dum poderoso feitiço. Não diziam do luba que ele caçava com feitiços, por isso lhe chamavam o Tchibinda? Então? Com ela fez o que aprendeu nos bichos que respondem ao seu chamado, se deixam morrer às suas mãos sem combater. Mulaji, aquele ignorante rústico, filho de escravos vindos das terras bárbaras do Zambezi, que falar só sabe de peixe, ele é que abriu os olhos da rainha da Lunda, filha de Kondi, vinda na linha directa dos seres que criaram o Mundo, dos irmãos gémeos que casavam entre si para ganhar força na violação das leis do incesto? Só Kandala podia salvar a filha daquele feitiço diabólico, ou então Majinga, que noutras terras fora aprender mágicas igualmente poderosas.

– Vou falar agora mesmo com Ilunga – disse Lueji.

E eu com Kandala, pensou Nayole. Se ainda o fizer a tempo para evitar a desgraça dela.

– Mãe, não quis falar com Ilunga antes de pedir o teu conselho...

– Para não o sequires, filha.

Lueji se levantou e num impulso se pôs a andar de novo na direcção do acampamento dos lubas. Os guardas foram atrás, sem nada entenderem daquelas voltas e reviravoltas. Nayole esqueceu definitivamente a enxada, se meteu no caminho do morro de Kandala, tão rápido quanto lhe permitiam os anos.

Ilunga não estava no acampamento, como a rainha já previa. Treinava certamente os soldados nas fortificações. Lueji mandou um rapaz luba chamá-lo, diz eu estou na pedra à espera dele. E foi sentar na pedra, olhando o monumento que Ilunga criara para ela. Só então pensou nas palavras que teria de dizer. Mandava a tradição, devia ser um tio dela, em princípio o chefe da linhagem, a falar. Nunca uma mulher tomava tal iniciativa. Mas tinha já havido rainha solteira na Lunda? Todas as iniciativas lhe eram permitidas, ela própria constituía a tradição para o futuro. O problema não era esse, o problema era como dizer.

E nada tinha decidido quando Ilunga apareceu lá na curva do rio, caminhando tão depressa que quase corria, seguido pelo rapazinho e mais os soldados do seu séquito. Suava abundantemente pelo esforço feito e àquela luz de Sol do meio-dia, Lueji viu a pele negruzul brilhar. Ia ser dela para sempre? Um frémito percorreu o corpo ardendo e os líquidos do antegozo humedeceram a vagina dela, talvez por o Kalanhi fazer sons de marimba ao cair, gota a gota, na cascata em frente.

– Que se passa, rainha? – perguntou alarmado.

Lueji fez sinal aos guardas para se afastarem e não correspondeu à pergunta dele enquanto não ficaram absolutamente sós.

– Algo muito grave se passa para vires aqui em pleno dia – insistiu Ilunga.

Os guardas dos dois séquitos se juntaram a conversar à sombra das árvores. Agora havia já confiança entre eles e não se miravam desafiadoramente enquanto os chefes falavam. Muitas coisas importantes se passavam naqueles dias e os soldados só viam as consequências delas depois.

– Senta, Ilunga. Tenho uma coisa muito séria para te dizer. Por isso tinha de ser aqui, na nossa pedra.

– Tem de ser mesmo muito séria. Mai anda desconfiado, com perguntas e olhares inquisidores. Kandumba me estuda de lado. Este encontro fará aumentar as suspeitas.

– Por isso vim aqui, Ilunga. Já é tempo de não nos escondermos mais para nos encontrarmos. Fazer tudo às claras. Vim perguntar se aceitas casar comigo.

Seria uma negativa aquele silêncio súbito? Seria raiva por a mulher ter tomado a iniciativa? Tristeza da recusa e não se saber escolher as palavras menos duras? Pensara ver logo no brilho dos olhos dele a alegria dum sim, antes mesmo dos lábios se descerrarem. E, no entanto, os olhos de Ilunga demonstravam confusão, apenas isso. Desprezo? Talvez também. Fora demasiado impulsiva, dissera de chofre, sem preparação, uma frase que marcava a vida. Mas um soberano não tem de ser decidido e rápido? Mesmo nos assuntos que tocam as pessoas e o Estado inteiro? Talvez sobretudo nesses. Mas porquê Ilunga não diz nada, se limita a olhar para ela, brilhos baços confusos no olhar? Faz contas quando apenas o coração deve falar? Imagina perder os atributos de Tchibinda por se ligar a uma mulher de outro povo? Mas os lábios se abriram, já a língua os humedece, embora os olhos mantenham a mesma perplexidade. Vai falar para me apunhalar as esperanças?

– Lueji, tudo assim tão de repente... Que se passou?

Procura ganhar tempo, não sabe o que responder, tem de pesar desesperadamente apressado todos os factores. Quando ela esperava o salto de alegria, o abraço súbito, o rufar imediato dos ngomas e as puítas a imitarem gemidos de amor! A desilusão entrou nela e secou os líquidos que ainda sentia na vagina.

– Plantaste estas árvores porque eu tinha sido a coisa mais importante que te aconteceu. Afinal não é verdade.

Ilunga se levantou num salto. Ela notou a respiração acelerada, os músculos da barriga a tremerem sob os bagos de suor.

– Falei verdade. Nem admito que duvides.

– No entanto, não és capaz de dizer que aceitas casar comigo. Então?

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Esteve todo aquele tempo a fazer contas, dum lado os sentimentos, do outro as vantagens da aliança? Afinal é tão príncipe como ela e antes de tudo pensa em termos de Estado? Isso é bom, isso é mau, que importa?

– Mais cedo ou mais tarde eu ia perguntar, pois te quero sempre ao meu lado e sem me esconder de ninguém. Sabia isso desde

sempre, desde antes de te conhecer, quando um dia saíste da Lua e te vi à beira do meu lago. Não entendes, eu sei, nem interessa.

– Estar sempre ao teu lado é a única coisa que hoje desejo, Lueji.

– Então porque hesitas?

– Mas porquê esta pressa? Ainda ontem à noite estivemos juntos e nada disseste...

– Ontem não sabia. Só agora percebi, és tu o mbambi da profecia de Kandala...

Ilunga voltou a sentar, retomando o fôlego. O significado profundo das palavras lhe escapavam, isso estava claro. Se lia nos olhos dele, agora fixos nas águas do Kalanhi, brancas depois de caírem da cascata, fazendo arco-íris no meio dos verdes da floresta do outro lado. Por vezes um golpe de vento trazia os vapores frescos chocar contra as peles nuas e suadas, num carinho cristalino. Mbambi? Não um leão, um elefante, nem mesmo um búfalo? Apenas um mbambi que atravessa rios em fuga, passa zigzagueando pelas pernas dos caçadores, nos olhos meigos o medo? Assim devia ele se interrogar e ela explicou:

– Esse é o meu interesse. Mas também o da Lunda. Preciso duma aliança com a Luba. Talvez assim Tchinguri não ataque Mussumba. Pediria para casar contigo de qualquer maneira. Mas as circunstâncias exigem decisão imediata.

Ele concordou com a cabeça, já tinha entendido isso. Falou com a sua voz suave:

– Eu também te pediria o casamento mais cedo ou mais tarde. Mas essa aliança é que me parece falsa.

– Porquê?

– Porque não terei o apoio da Luba. Luevu não virá em nosso socorro. Muito feliz fica ele se eu morro aqui.

Lueji sorriu. Lhe pegou na mão escondidamente, para os guardas não verem. A voz dela foi de criança traquinas, que está a pregar uma partida divertida.

– Não estou a contar com o apoio da Luba. Basta que Tchinguri nele acredite. Não é para isso que lhe anuncio o casamento? Ele não pode saber quais os sentimentos do rei da Luba a teu respeito, só pode saber que és o sucessor natural do trono da Luba. Isso basta.

Ilunga sorriu por sua vez. Ela sempre pensava mais rápido que ele, estava talhada para reinar. E ele ia ajudá-la. Podia escapar ao seu destino?

– Aceito com uma condição, Lueji.

Ele disse aceito? Que interessavam as condições? Concordo com todas à partida, já não pensava ouvir um sim, nem mesmo um talvez. As marimbas começaram a tocar, agora era o som inconfundível delas, imitam as gotas de água mas não o são, apenas música.

– Qual, Ilunga?

– Continuo a caçar. Teu marido e caçador. É só o que me interessa na vida.

– Aceito, Ilunga. E também há uma condição da minha parte. Não, da parte de Kondi.

– Qual é?

– O nosso filho será o futuro rei da Lunda. Vais me ajudar a pô-lo no trono.

– Nem era preciso prometer.

– Jurei isso ao meu pai.

– Também o juro, Lueji. Aconteça o que acontecer.

A música que entrava nos ouvidos de Lueji mal a deixava escutar as palavras dele. Também não era necessário, pois as adivinhava nos lábios do homem amado. No meio do arco-íris por cima do rio passava agora a silhueta inconfundível do homem da Lua, segurando seu longo arco e a machadinha de mando. Faltava apenas retesar o arco e fazer a flecha partir, zunindo, zunindo, até atravessar o Sol, numa curva larga de toda a vida. Que magia não era possível, ali, naquele momento?

– Agora só falta falarmos com o meu irmão. Irás comigo.

– Falar com Tchinguri? Quando?

– Quando estiver às portas de Mussumba. E se os espíritos de facto estiverem comigo, não haverá sangue, como falou o ngombo de Kandala.

– Qualquer cesto serve para ngombo de Kandala.

– Não – insistiu Lu. – Tem de ser um verdadeiro. Isso é muito importante.

– Não vejo a importância – repetiu a Directora. – No palco nem se nota se é um ngombo ou um cesto vulgar.

O conservador do Museu do Dundo, que os acompanhava por todo o lado, não só mostrando as peças do Museu como também nas peregrinações pela Lunda, se meteu na conversa:

– É fácil. Pode se mandar fazer um ngombo, os nossos artesãos executam muito bem qualquer imitação. Lá dentro vocês metem o que quiserem, porque isso no palco não se vê.

Lu aceitou a ideia. Não seria um cesto qualquer, seria um ngombo. Sem poderes mágicos, mas um ngombo. Noutras coisas ela estava sempre pronta a fugir ao rigor científico, mas nisso não. Porquê? Nem se perguntava, sabia apenas devia ser assim.

Estavam há quatro dias na Lunda, amanhã seria o último. O conservador do Museu tinha ficado orgulhoso em ajudar, de certo modo era o seu trabalho pois faziam pesquisa sobre a região, mas sobretudo porque achava óptima a ideia de se montar um espectáculo sobre a lenda antiga da formação do Império, para ele o primeiro dos grandes acontecimentos que iriam moldar a futura Angola. Não se cansava de lhes repetir tudo o que sabia sobre o assunto, e era muito. Organizou grupos de dança para exemplificar como se faziam as cerimónias principais naqueles tempos, como eram os batuques festivos à luz das fogueiras, como se faziam os instrumentos de trabalho. Levou-os a falar com os mais-velhos que transmitiam a tradição, nas suas versões mais desencontradas. Incitado por Lu, reuniu grupos diferentes de mais-velhos que se pegaram em intermináveis discussões, cada um defendendo a verdade da sua versão sobre o que passara. Claro, terminava sempre em empate. Mabiala se desinteressava dessas makas, ficava a examinar e experimentar os instrumentos musicais, rodeado por miúdos. Ainda era primo afastado do conservador do Museu, também regressado do Zaire na juventude, talvez fosse também uma razão para o apoio prestado.

Lu respirava o ambiente e procurava raízes. Mas eram débeis, apenas alimentadas pelas recordações das falas da avó. Ainda por cima, a cultura dominante era Tchokue, assim como a população. Gente lunda era minoria, reduzida a grupos cercados e isolados. Muitas vezes nem o próprio conservador conseguia separar as duas

culturas. E ela se preocupava com a origem dos muquixes, ridículo! Se as próprias estátuas de Tchibinda Ilunga e de Lueji, raridades existentes no museu, eram indubitavelmente de arte tchokue... Mabiala tinha razão em se desinteressar totalmente da origem do kissanje ou dos mundos que iam tocar a sua música, só se preocupava com o som de cada um, fosse lunda, fosse tchokue, fosse luvale. É o som puro que tremeluz no ouvido, não é a lição de história ou antropologia, dizia ele, convicto.

No entanto, aqui e ali, Lu reconhecia cheiros familiares, uma expressão, um gesto, uma cor. Sensações indefinidas que lhe diziam estás também em casa. E nunca se lembrou tanto da infância de Benguela como na Lunda, a mais de mil quilómetros de distância e sem mar. Ligação imaginária? Não eram decerto as casas vermelhas de tijolo à vista e rodeadas por relva e flores, herança dos ingleses da antiga Companhia dos Diamantes, que lhe traziam essas sensações.

No tempo da colonização, o Dundo cresceu como capital do diamante. A parte residencial, feita para os administradores e técnicos estrangeiros, toda de vivendas com jardins, piscinas, campos de ténis, lembrava uma cidadezinha da Inglaterra. Depois da independência se degradou com a quebra da produção, mas depois a Companhia foi desmembrada e aceites novas concessões de capitais estrangeiros. Nas ruas sombreadas havia intenso tráfico de americanos, holandeses, filipinos, portugueses, belgas, pertencentes às diferentes empresas com interesses nos diamantes. E a cidade voltou a crescer; apesar de já não ser a capital administrativa da Província da Lunda-Norte.

Não era isso que lhe dizia estás em casa. Era na vida calma das aldeias à volta, nas peças protegidas no Museu, nas fogueiras iluminando as chanas, nos cânticos ritimados.

Era nas danças, como naquela última noite que iam ali passar e o conservador organizou um espectáculo de despedida no enorme terreiro com bancadas em volta, construído no tempo colonial para os turistas e que agora servia para os actos públicos, como nessa última noite em que não era para turistas mas sim para os artistas convidados, embora na assistência houvesse alguns estrangeiros das companhias diamantíferas, mas sobretudo povo trabalhando

nas lavarias, nos escritórios, nas lavras e nakas, e em que o ambiente começou a aquecer com os muquixes Tchiongo e Muana Puó, representando os antepassados masculino e feminino, mas só dançados por homens, acompanhados depois pelos outros muquixes, o Ngulu, o porco, o Kanga, a galinha-do-mato, o Chikungu, encarnação dos espíritos dos chefes e até mesmo o Katoyo, muquixe representando um homem branco e com os muquixes sim, Lu sentia o sangue palpar, mas não era só ela, bem o sentia na Directora e em Afonso, esse então não podia ficar sentado, andando dum lado para o outro, na mão levando descaradamente uma garrafa de kaporroto que o primo Ihe tinha passado, até que o ritmo mudou e as palmas vieram acompanhar os ngomas e chingufos e bailarinos apareciam de todos os lados para fazer a dança de roda, o makopo, chamada chinjanguila mais no Sul, e Mabiala não se conteve, saltou da bancada para o terreiro, foi se misturar com os músicos, acabou por recuperar um ngoma e batia nele com quanta força tinha, só interrompendo para beber um gole pelo gargalo, e a roda imperceptivelmente se movimentava sempre no sentido da direita, acompanhando o movimento dos astros na noite luminosa, lá estava Muiza, Vénus, Ngonde, a Lua, e milhões de katumbo, as estrelas, observando o movimento ritmado dos bailarinos e foi então a vez de Lu saltar para o terreiro entrar na roda, provocando muitos aplausos do povo concentrado nas bancadas, integrando na dança como se nela tivesse nascido, batendo os pés nus na terra vermelha compacta, indo ao centro fazer solos iguais aos dos outros, convidando depois um dançarino do lado oposto para com ela ir ao centro onde rodopiavam batendo sempre os pés no chão e voltando então para a roda, até de novo chegar a sua vez de ser convidada, o que acontecia cada vez mais frequentemente, não por ser visita mas porque dançava como filha da terra e tão bem como as melhores, só mesmo a Directora ficando na bancada apesar das muitas insistências e convites para saltar no terreiro, mas não era por vergonha ou qualquer instinto elitista não, tinha mesmo de ficar de fora para poder fazer o seu trabalho de coreógrafa, captar movimentos e passos, imaginar aquilo tudo num palco, seleccionar dançarinos que pudessem ser contratados para o espectáculo, ideia maluca, logo se contrariou, ia ficar um orçamento

que ninguém aceitaria desembolsar, tinha de pensar maduramente no assunto, quem falou trabalho de coreógrafo é só desenhar passos num papel, também deve fazer contas de lucros e perdas, mas era mesmo preciso levar alguns bailarinos para Luanda e estudar a sua adaptação a um palco, até porque havia dois que faziam pares fabulosos com Lu, quando um deles dançava com ela parecia até o ritmo do batuque aumentar de frenesim, os pés nem que se viam de tão rápidos a bater no chão de terra vermelha e os espectadores aplaudiam entusiasmados porque percebiam para além da arte da bailarina havia algo mais, indefinível ligação mágica, pois Lu estava ali e não estava, nem no espaço nem no tempo, aliando norte e sul, ontem e amanhã e isso também ela sentia pela primeira vez faz muito tempo porque hoje não se via dançar, dançava apenas, esquecida de si e dos problemas todos, se concentrando apenas no som dos ngomas e nos pés dos parceiros que voavam por cima do terreiro vermelho, como os sacanjueles e benguelinhas da sua terra, lá longe longe, no Sudoeste, também caminho do Sol, e afinal tão perto tão perto que dava para cheirar os perfumes dos morros escavados quando explodiam em verdes e vermelhos da primeira chuva, e dava para ouvir o mar nos sons cavos dos chingufos, o grande lago salgado à beira do qual ela nasceu sem o perceber, e Mabilia batia no ngoma e Lu dançava, sem pensar em Uli ou no espírito maligno, apenas entregue ao ritmo e à visão de conjunto daquela massa humana rodopiando em piruetas, batendo os pés, indo e vindo do centro para a roda, misturando cheiro de sal do corpo com o cheiro do pó vermelho, em cerimónia religiosa de trazer o passado para o futuro, sem encantações nem preces, apenas ritmo, ritmo de fazer a vida reviver, a arte unindo tudo e Mabilia tocava e Lu dançava. Apenas.

Mas a festa acabou e foram para a casa de trânsito dormir a última noite. O conservador do Museu estava encantado, nunca uma sua realização tinha tido tanto sucesso. E a Directora tomara notas e mais notas, já tinha a coreografia para uma série de cenas e até os bailarinos, pois o Museu ia contratá-los para os espectáculos, usando o seu próprio orçamento, a troco de o grupo vir fazer dois espectáculos no berço de Lueji.

– Foi importantíssimo termos vindo cá – disse a Directora, quando o conservador se despedia até amanhã. – Agora sim, podemos montar um espectáculo fabuloso.

– Só não fomos a Mussumba – disse Lu.

– Com tempo se podia – disse o conservador. – Mas é do outro lado da fronteira. De qualquer modo, nada há lá para ver, nem vestígios.

– Tem o monumento que Ilunga fez a Lueji – disse Lu.

– Não sei se ainda existe – duvidou o conservador.

– De qualquer modo temos os desenhos do século passado, é a mesma coisa – concluiu a Directora. – Vamos pôr a pedra e as três árvores no palco. Ou pintadas no cenário. Para isso não era preciso irmos lá.

O conservador partiu e a Directora disse vou dormir, nem me aguento de pé. Lu não tinha sono, ficou na sala vendo Mabiala acabar com duas garrafas de cerveja. Estava muito chupado, mas nem se notava, a voz parecia normal e não titubeava a andar. Martelava rítmicos com uma garrafa vazia na mesa da sala.

– O makopo é fantástico. Não sei se a malta lá do grupo vai conseguir reproduzir o que vivemos hoje.

– Claro que não – respondeu o compositor. – Nunca é a mesma coisa uma dança tradicional no terreiro ou no palco. Vocês podem estilizar, arranjar todos os artifícios, mas o ambiente... Nem tu vais conseguir dançar da mesma maneira, por muito que treines. Estavas fabulosa, Lu, eras tu inteirinha, a grande Lu dos velhos tempos, até me emocionei.

– Tem muito tempo não sentia assim a música.

Afonso deixou de bater com a garrafa na mesa. Levantou, deu duas voltas pela sala. Falou, olhando para a parede:

– Eu batia no ngoma e te via dançar. Acho, pode ser presunção, mas acho tu estavas a dançar o meu ritmo e não o dos outros ngomas. É verdade?

– É possível. Mas não pensava em nada.

– É isso. Te deixaste possuir pelo meu ritmo, ele entrava em ti e te fazia mover. Fizemos amor assim, entendes?

Lu deu uma risada. Mas nervosa. Não notara nada, não pensara em nada disso. Havia uma sensualidade latente, claro, mas sempre

havia quando ela dançava, sentia a sua própria sensualidade. Mas amor só fazia ao dançar com Uli, aí sim, o checo tinha razão, mas nunca devia ter expressado o que todos entendiam. Porquê então ficara nervosa com a fala de Afonso, se perguntou. Pelo que adivinhava vir a seguir?

– Na outra noite fui um parvo. Hoje marrependi mil vezes. E batia no ngoma com raiva de mim, ao mesmo tempo que procurava te transmitir esse arrependimento.

– É porque estás bêbado. Na outra noite não estavas.

– Deve ser isso. Mas estou lúcido. E te desejo terrivelmente. O álcool libertou a minha paixão, que eu estava travar por preceitos morais cretinos.

Lu não respondeu. Sentada à mesa, olhava as costas de Mabiala, sempre virado contra a parede. Costas magras, chupadas pelo álcool, como antes foram chupadas pela liamba. Tão diferentes das fortes costas de Uli. O músico, todo ele, desde o comportamento ao físico, transmitia fragilidade, insegurança. Como eu? Nisso eram parecidos e não só. Também agora na situação, pois ela disse:

– Naquela noite tu é que foste o lúcido, não eu. Podia ir para a cama contigo, mas pensaria noutro homem.

Ele se voltou para ela. Abriu os braços em gesto de impotência. Depois baixou os olhos para o chão.

– Eu sei. Mas com o álcool nem mimportava.

– Passou o momento, Afonso. Foi só naquela noite, em que me sentia só e fraca. Hoje dancei bem, muda tudo.

– Aquele gajo do meu primo podia ter mandado mais cerveja. Não há nem uma gota para mafogar. Como vou dormir?

– Compõe uma música. Não ajuda?

– É a única coisa mesmo que pode ajudar.

– Eu cá vou embora dormir.

E Lu foi se deitar. Mas antes se despiu toda e dançou a rosa de porcelana, apenas com o colar e o amuleto ao pescoço. Para que tudo continuasse a correr bem. Já dentro da cama, pensou no Afonso. Coitado. Isso vai levá-lo a compor como nunca, os artistas precisam sofrer para criar. E se Mabiala não fosse assim? Se caísse no desespero incontrólável? Que sabia dele no fundo? Tudo podia acontecer, ele mergulhado na abulia e incapaz de continuar o

trabalho, lá se ia o projecto para o lago. Como adivinhar? Se ao menos eu tivesse um Kandala que pudesse perceber a fala dum ngombo...

Se o ngombo falou ou não, pelo menos Kandala veio logo a correr, acompanhado de Majinga, tentar convencer a rainha do erro prestes a ser cometido. Já a encontraram na onganda, descansando de tantas voltas e emoções.

O adivinho não esteve com meias medidas e falou duramente do absurdo daquela ideia que Nayole lhe transmitira e, coisa mais grave ainda, decisão capital tomada sem a consulta da linhagem, a única instituição que era a força dela, o seu apoio constante, e que se sentiria traída pelas costas. Lueji ouviu, ouviu. Fitava Majinga, que a olhava apenas. Só Nayole interrompia o velho tahi, para dizer não é o que eu te dizia, não é mesmo? Kandala não se irritava com as interrupções, deixava-a falar e depois retomava as frases onde tinham parado, como o contador de estórias que espera as palmas e os muana vuliê que marcam o rítimo da fala. Kandala já estava cansado de repetir as mesmas ideias, as mesmas profecias de fim do Mundo, com todos os Tubungo virados contra a rainha por escolher um marido estrangeiro, os parentes enraivecidos por não terem sequer sido ouvidos, os soldados desmobilizados pelos comandantes que sonhavam com a vitória, Tchinguri entrando sem resistência numa Mussumba enfraquecida pelas discórdias e as lutas internas e ela, a rainha, fugindo para o mato com seu amante, fazendo a vida errante dos caçadores sem pátria, os escorraçados da sua própria terra por não respeitarem a memória dos antepassados, mil vezes maldita em todas as memórias passando de geração em geração por não ter cumprido a palavra do pai. Kandala estava cansado e parou. E se sentou sem cerimónia numa pele, pronto a escutar os lamentos e as desculpas daquela rapariga desmiolada, crente de ser mais esperta que todos, apenas por ter chegado a um trono que exigia cabeça e sangue-frio e não impulsos de jovem apaixonada e estúpida. Sentou, esperou a retractação, e

foi abrindo os olhos de espanto e amargura à medida que ouvia a resposta dela.

– Não fiz mais que interpretar a profecia que leste no ngombo e não entendeste. Ilunga é o mbambi que escolho, perdendo muitos songues. Não me parece que songues, mesmo muitos, valham um mbambi. Com ele, não vai correr o sangue, pois Tchinguri vai desistir de atacar a Mussumba, sabendo que existe um pacto de casamento com a Luba. É só isso.

Kandala estava velho e cansado e do morro dele até ali ainda era um longo caminho que fizera quase correndo. No entanto, se levantou dum salto, os olhos incendiados de raiva, o braço esticado para a frente, acusador e profético, de tal forma que a cólera dele fez tremer Nayole.

– Quem és tu para ousar adivinhar o que fica escrito no meu ngombo? Só eu o posso fazer, só eu sou o seu tahi.

Se Nayole tremeu com a cólera do adivinho, o mesmo não se passou com Lueji. Ouvia a música de marimba dentro dela, Ilunga ia ser seu a todos os instantes, mesmo de dia poderia fazer um gesto e despedir toda a gente para ficarem os dois sozinhos e fazerem o que é direito de marido e mulher.

– Desconseguieste interpretar, pai. Por isso tive eu de o fazer.

– Com que direito, com que direito, não me dizes?

– O de principal interessada pelo bem da Lunda. Que não haja mortes à toa, que as pessoas possam cultivar a terra e pescar sem medo. Que as danças sejam todas as noites para festejar nascimentos e casamentos e não óbitos de inocentes.

– Interpretaste o ngombo à tua maneira, como te interessava, e não como ele falou.

– Não o podes afirmar, pai, com todo o respeito que te devo. Me disseste que não compreendias o sentido do que estava escrito. Como podes então dizer a minha interpretação é falsa?

– Porque não és tahi. Isso é uma heresia.

– A rainha pode se permitir uma heresia de vez em quando, para salvar a Lunda.

Kandala estava destroçado. Se deixou cair na pele, deitando as mãos à cabeça. Já não respeita as coisas mais sagradas, o espírito maligno do irmão entrou nela, é maldição de Kondi. Mas precisava

respirar antes e não falou esses pensamentos. Nayole aproveitou a pausa para perguntar:

– Como sabes que Tchinguri vai desistir de tomar Mussumba?

– Porque é sensato. E procurarei convencê-lo que isso é o mais sensato. Para quê perder uma guerra contra a Luba?

A respiração do grande adivinho se fazia ouvir com ruído. Abria a boca para absorver o ar que parecia se recusar a entrar pelo nariz. Mas tentou um último esforço e a voz profunda de além-tumba ressoou:

– Perdeste o respeito pelo espírito do teu pai.

– Não é verdade. Todos os dias vou visitar as suas mahambas e ver se estão tratadas. Para isso as pus na minha própria onganda.

– Outra quebra da tradição que deixei passar. Essa foi culpa minha. Se os Tubungo ainda se não revoltaram é porque estão mais assustados com o avanço de Tchinguri.

O esforço feito prostrou-o. Agarrou com as suas mãos o lado do coração e ficou deitado de lado, ofegante. Majinga se assustou pela primeira vez e foi observar o tio de perto. Também Lueji se inclinou para ele. O velho adivinho se babava e resmungava palavras incompreensíveis. Mas uma frase se soltou livre e pura, apesar da baba e do arfar da boca, só eu posso ler o meu ngombo. Todos puderam ouvir.

– Vai chamar os kimbandas, Nayole – gritou Majinga.

E o sobrinho se pôs a fazer invocações de espíritos, enquanto olhava para todos os lados, à procura não se sabe de quê. Não trouxera o ngombo nem nenhum processo mágico para adivinhar a causa daquela síncope e se sentia incapaz de ajudar o tio. Só podia invocar os espíritos, pedindo auxílio, mas ele sabia, era pouco provável que eles acorressem apenas ao chamado da sua voz, eram mais sensíveis ao fumo de certas ervas a serem queimadas ou ao som do chocalhar dos amuletos especiais. Só tinha um corno de mbambi ao pescoço e por isso o agitava, enquanto ladainhava os chamamentos. Desesperadamente, pois a vida se esvaía rápido pela boca babada de Kandala, teimando em falar algo inaudível.

Lueji nada podia fazer. Ficou ali parada, a olhar o grande adivinho da Lunda arfar, deitado na pele, e o sobrinho agitando o silencioso

corno de mbambi cheio de pós e unhas e pêlos, agora inúteis, pois eram feitiço poderoso para a sua protecção pessoal, mais nada.

Até que Kandala fez um derradeiro esforço, abriu os olhos na direcção de Lueji, eles rebolaram talvez sem a ver mas ela sentiu a acusação escrita neles, tentou levantar o dedo para o apontar à rainha e caiu definitivamente para o lado. Morto.

Agora que a sua decisão tinha provocado o fim do maior adivinho da Lunda, um frio súbito gelou a soberana. Os olhos acusadores, abertos para sempre e nela fitos, ou rogavam uma praga terrível ou previam desastres de que só ela era culpada. A firmeza abandonou-a. Perdeu a teimosia com que afrontou a cólera de Kandala, absolutamente certa da sua ideia. E se pôs a tremer perante o mistério daquela morte. Culpada também de ter matado o homem sagrado? Era demais. Já não procurava encontrar força nas convicções. Sentia apenas vontade de se abandonar ao desespero, fugir correndo para o mato, nele se dissolver.

A voz calma de Majinga se fez então ouvir:

– Rainha, tens de continuar a lutar. Kandala podia estar errado.

Foi água que caiu do céu para apagar fogos invisíveis? A voz de Majinga não a acusava, antes pelo contrário. Pouco a pouco, Lueji retomou a calma. Se o sobrinho do grande tahi dizia, porquê duvidar e ter medo? E medo de quê? Fazia o que achava o melhor, mesmo se os outros não compreendiam. Respirou fundo, tentando pensar. E conseguiu.

Lueji teve a noção de que o grande adivinho não podia ser chorado na sala de audiências, onde estranhamente morrera e pediu a Majinga para a ajudar e os dois levaram o corpo para outra cubata ao lado, onde os súbditos esperavam a sua vez de serem recebidos, e nesse momento os guardas viram a cena e correram para os ajudar, ao mesmo tempo que as mulheres perceberam num relance que havia óbito e antes mesmo de os kimbandas chegarem já os prantos se levantavam da onganda real e o mujimbo correu como fogo na chana seca, para levar a todos os lados de Mussumba a grande perda para o reino, provocando a desorientação que seguiu e os lamentos e os aiué que vai ser de nós, tão fortes como quando morreu Kondi, pois o grande tahi era a figura mais veneranda da Lunda, o conciliador permanente entre os

homens e os espíritos e o único capaz de adivinhar o futuro, o que fez acorrer gente de todos os lados para confirmar o mujimbo e as mulheres abandonaram os terrenos onde preparavam as lavras e os homens os rios onde pescavam e os soldados os regimentos e os treinos e todo o povo ia se concentrando fora da onganda, se mortificando e rebolando na areia vermelha do largo, o que vai ser de nós sem o grande tahi e com o exército de Tchinguri avançando contra a Mussumba, é o fim, a rainha sem Kandala não pode operar milagres, só ele a conduzia pela mão para conversar e convencer os espíritos dos antepassados, sem ele ela é cega e muda, pode gritar que os espíritos não ouvirão sua voz, pode perscrutar as encruzilhadas dos caminhos que não encontrará as marcas dos pés deles, passará ao lado das árvores onde eles se banqueteiavam com as oferendas que lhes fazemos sem os ver, sem lhes poder implorar auxílio, e assim o grande carneiro marcha alegremente e vitoriosamente sobre Mussumba, apunhalando dois homens de cada vez que senta ou levanta, ávido já das nossas costas para nelas apoiar a sua tremenda preguiça, e nós aqui, desarmados apesar das novas armas tão poderosas, indefesos apesar da inexpugnável paliçada imaginada pelos comandantes, em campo aberto apesar dos dois rios e das montanhas que nos protegem, só nos resta gritar para os antepassados, num coro enorme talvez eles oiçam o nosso desespero que é o desespero da rainha, então não está ela chorando e implorando com as demais à volta do corpo do grande Kandala, seu conselheiro número um e primeira pessoa da sua confiança, o confidente de todos os momentos mesmo antes da sua consciência, desamparada e já certa da derrota contra o irmão injusto e cruel, esperando talvez um milagre que a ilumine agora que perdeu os olhos e a língua, mas Lueji se preocupava apenas em pensar naquele último olhar de Kandala, não sabia se de raiva, se de acusação, se apenas a pedir socorro a quem era capaz de adivinhar o que para ele era segredo, rendido afinal aos seus argumentos, e decidindo para si própria, aquela morte lamentável, por tão inesperada e em sítio menos apropriado para se morrer, não podia representar uma condenação, nem um enfraquecimento do trono, nem ia modificar em nada a sua atitude já estabelecida com Ilunga, agora era ir para a frente mesmo sem os conselhos do

grande tahi, estava aí Majinga para o substituir e tinha de falar com ele para obter o seu apoio e lhe prometer o dela, afinal cada um precisava do outro e para isso ele viera, pois então, também era da mesma linhagem, e ela podia exigir dele mais do que do falecido tio, já tahi antes dela rainha, o que não se passava com o sobrinho, herdeiro do ngombo sagrado que ela confirmaria se ele lhe promettesse o apoio mais leal que se deve a um soberano, senão arranjava outro adivinho de sua confiança, embora isso não seja possível, lembrou num arrepio, era o último que restava à sua linhagem e nem pensar em procurar noutras, só mesmo Kondi tivera a coragem de confiar num adivinho da linhagem da segunda mulher, mas isso fora uma aliança necessária e de que por acaso não se arrependeu, contudo a Lunda já não era a mesma do tempo de Kondi e a sua aliança seria com os lubas e ficava evidentemente fora de pensamento escolher um tahi luba, precisando assim de trazer Majinga para o seu lado, o que tentou logo que estavam organizados os prantos e as cerimónias de óbito, levado o corpo embrulhado para o rio Kalanhi onde ia ser sepultado como os grandes chefes de antigamente, pois foi depois do enterro que chamou Majinga com o ngombo de Kandala e lhe disse confirma a predição que fiz e que teu tio negou, tenho a certeza de estar certa mas perdoa-me, rainha, só Kandala podia predizer o futuro, não tive tempo de com ele aprender essa parte, a mais delicada de todas as artes e que só ele na Lunda conhecia, o que significa um segredo perdido para sempre, mas poderei, isso sim, sondar no ngombo se os espíritos são favoráveis aos teus intentos, o que de certa forma é uma confirmação indirecta, então seja assim, se só isso sabes fazer apesar de tão viajado, vê se os espíritos são favoráveis ao meu casamento com o Tchibinda Ilunga e o tahi mexeu o ngombo e remexeu, perguntou e olhou, mexeu e remexeu, invocou e pediu auxílio, perguntou e olhou, enquanto na praça o povo cantava e dançava ao anoitecer o óbito de Kandala e o coração de Lueji, apertado e latindo de mansinho, ansiava pela resposta do ngombo, a qual finalmente veio, dizendo os espíritos se felicitam pela tua ideia, foi mesmo a velhice de Kandala que não o deixou adivinhar o significado da pemba e dos amuletos, já o cheiro da morte lhe tapava os olhos e nem via bem as figurinhas, pois Kondi se alegra

que cases com Ilunga e que tenhas filhos que continuem o poder dele e Lueji ouviu tudo o que falava o ngombo e no fim declarou, a partir de agora, Majinga, és o tahi único e sempre escutado da rainha da Lunda e vais morar na casa de Kandala e esse ngombo é o teu e o teu nome vai ser anunciado pelos mundos para toda a Lunda, para seres respeitado como foi teu tio, assim me sejas sempre fiel, no que podes totalmente confiar, Lueji a Kondi, toda a minha arte fica a teu serviço e para teu poder, respondeu ele se inclinando e com um sorriso de esguelha no rosto de rato de olhar fugidio.

Toda a noite os ngomas tocaram no batuque pelo óbito do grande adivinho e a festa ia se manter no dia seguinte, se pouco depois do Sol nascer não viessem notícias lhes lembrar que a guerra estava às portas e não era momento para se dançar.

A primeira notícia era só para Lueji mas foi logo conhecida por todos. Veio um mensageiro enviado por Chinyama anunciar à irmã que, face às pressões de Tchinguri, só tinha encontrado uma maneira de não se envolver na guerra contra ela. Deixava a Lunda, acompanhado dos fiéis Vungi e Cangombe e todos os amigos, suas mulheres e filhos e súbditos, a caminho do Sul, para as terras mais perto do rio Zambeze onde habitavam os Luvale e talvez se fixasse num ponto aí ou perto do rio Luena, onde lhe tinham falado de povos acolhedores e pacíficos que aceitavam os lundas como chefes. Apesar da grande maçada que representava para ele uma tão grande viagem, mandava dizer Chinyama, era a solução possível, pois não queria estar contra um dos dois irmãos e lhe desejava felicidades e muita paz, apesar de não ver como Tchinguri a ia deixar viver em paz. Mandaria sempre notícias das novas terras e queria manter laços estreitos com Lueji e a Lunda. Talvez aqueles povos que habitavam o rio Luena, nome estranho do escaravelho que empurra à sua frente o excremento, fossem sensíveis às estórias que adorava inventar à volta da fogueira para ajudar a passar as noites frias de cacimbo. E que talvez um dia as adoptassem como suas, o que para ele era uma grande alegria. Nada mais desejava senão isso, muito xima e marufo e uma rapariga bonita de vez em quando. Pedia também à soberana para

deixar voltar o mensageiro, pois tinha poucos rapazes de confiança, já que todos tinham sido apanhados por Tchinguri.

Lueji ouviu a mensagem, escondeu a cara para se não verem as lágrimas pelo irmão partido para o exílio voluntário. Podes ir encontrar o meu irmão Chinyama, disse para o mensageiro, mas espera, pois vais levar um presente meu para ele, como penhor de muita amizade e de compreensão pelo seu gesto. Saiu da sala de audiências, chamou as amilombes, para escolher a que enviaria a Chinyama. O seu olhar pousou longamente sobre Kamonga Luaza, seria um presente real, tão bonita e alegre, o irmão ia adorar, mas não, é nova demais, e escolheu outra.

Iam dizer de Chinyama que tivera mais um gesto de covardia, mas ela não considerava assim. Covardia seria se juntar a Tchinguri, agora que ele parecia ter todos os trunfos na mão. Se juntar a ela era impossível, pois tinha sido banido de Mussumba. Escolheu a via mais justa e corajosa, porque muitos perigos e canseiras teria de passar até encontrar um ponto de refúgio, bem longe da raiva de Tchinguri. Escolheu também a via da paz, o que era sábio. Lueji entregou a amilombe ao emissário, não percas pelo caminho nem um fio do cabelo dela, senão a minha praga te persegue até ao último rio. E deixou-os partir. Se sentiu mais sozinha.

Saindo desta história, Chinyama passou a sul das tropas de Tchinguri, flectiu para ocidente até atravessar o Cassai e depois de novo para sul, até se fixar perto do rio Luena, onde fundou novas chefias dos Luvale, que o adoraram pelo seu espírito brincalhão e amante de boa vida, dele aprendendo muitas coisas, como viver sem procurar chatices e contar histórias de arrepiar, de monstros e fantasmas, para que as pessoas tivessem medo da violência e dela se servissem o mínimo possível. O nome dele até hoje é conhecido como o grande e sábio chefe daquela terra de rios e chanas, e também montanhas e florestas, do Cazombo até ao Luau e Dala.

A outra notícia era menos triste, embora preocupante em certa medida. Falava da chegada iminente de Ndumba ua Tembo e seus duzentos guerreiros, correndo à frente de Tchinguri.

Se perdeu toda a vontade de festejar o óbito, cada um voltou às suas ocupações, os pescadores ao rio e os soldados à paliçada, as mulheres para as lavras, cada um pensando na guerra iminente. E

horas depois, Ndumba e Kanyika entravam em Mussumba. Foram convidados para as casas dos amigos, aí beberam e se lavaram, ouviram as notícias em catadupa, contaram as suas, até que Ndumba ua Tembo foi chamado para se apresentar à rainha.

Era um homem diferente, mais maduro e magro, perdida parte da sua pose de grande caçador. General derrotado nunca é mais o mesmo, apesar de todos contarem da sua coragem e vontade de lutar até à morte. Lueji tinha de lhe estar reconhecida e recebeu-o com todas as atenções.

Os principais Tubungo foram chamados para formarem uma guarda de honra, no meio da qual passaram Ndumba ua Tembo e Kanyika, este um pouco atrás, enquanto tocavam os ngomas e as pessoas batiam palmas. Ninguém se espantava de tão caloroso acolhimento. Se tratava do grande comandante e caçador, Ndumba ua Tembo, e alguns murmuravam, conhecendo a proposta dele, isto é quase um anúncio de casamento. Ndumba passou pela guarda de honra sem o sala de penas vermelhas que usava durante esse período de guerra. De cabeça baixa, sem plumas, sem um sorriso. Um general vencido. A rainha fê-lo entrar sozinho na sala de audiências e despediu os nobres que tinham participado da cerimónia.

– Não era assim que eu sonhava voltar a ver-te, rainha.

– Saiu tudo ao contrário, Ndumba. Tchinguri usou uma estratégia terrivelmente inteligente. Adivinhei-a mas só me acreditaram demasiado tarde. Nada podias fazer.

– Sim, eu sei. Só que sonhava tudo de maneira diferente.

Ele seria o salvador, com o exército do exterior. Afinal, ficou quase sem exército e encontrou em Mussumba homens bem preparados e com armas mais aperfeiçoadas. Perdera toda a força, enquanto Lueji aumentara em muito a sua. Agora só havia duas potências na Lunda, Tchinguri e Lueji. Não, nunca sonhara com isto. E estava humilhado, como um muata caído em desgraça.

– Não procuro desculpas para o que aconteceu, tu mesma o fizeste. Mas quase se pode falar de traição de alguns Tubungo, rainha. Diziam iam enviar os homens deles para se formar o exército do exterior, mas poucos mandaram. Adiaram, adiaram, não sei se por cálculo se por preguiça. Só consegui mil homens, quase todos

das minhas terras. Esses Tubungo esperam que tu ou eu lutemos por eles, não se querem arriscar. E agora também estão lixados, nas mãos de Tchinguri. Ou nas tuas. Merecem um castigo exemplar.

– Depois vou pensar nisso. Muita coisa tem de mudar na Lunda, se vencermos. Se perdermos também, aliás.

Ndumba ua Tembo levantou pela primeira vez os olhos para Lueji. Envergonhado, abatido. Falou:

– Ouvi muitos mujimbos e cheguei ainda agora. É tudo verdade, rainha?

– Não sei o que ouviste.

– Os lubas ensinaram a fazer um aço melhor. Dele são as novas armas.

– É verdade.

– O meu tio Kakoma se queixou, utilizaste-o para fazer armas e depois não o deixaste aprender o segredo do novo aço.

– É verdade também. Só os ferreiros do Kalanhi aprenderam. O que não quer dizer que Kakoma não venha a aprender. Mas neste momento não quero falar nisso.

– Muito bem, depois falas comigo? Kakoma é o melhor ferreiro da Lunda e merecia conhecer o segredo.

– Mais tarde.

– Tudo é então verdade, rainha?

– A que mais te referes, Ndumba?

– Ouvi também dizer... É um mujimbo que começa a correr, ainda só reservado a alguns Tubungo... Kandala morreu nesta sala?

– Sim. Falava comigo quando morreu.

– É um mau agouro, rainha.

– O que falam disso, Ndumba? O que falam disso?

O caçador marcou uma pausa. Olhou o escudo e a azagaia que lhe tinha oferecido e que se encontravam sempre na sala do trono. Naqueles tempos ele era quase invencível e se cria todo-poderoso. Agora já não estava tão certo.

– Dizem que discutia contigo por causa dos lubas. Alguém ouviu umas palavras, alguém da tua guarda ou algum serviçal, não sei. O que me contaram foi isso, que era uma discussão por causa dos lubas. Se pensa ele foi enfeitado pelo caçador luba e morreu logo. Nem deu tempo para os kimbandas o tratarem.

Espiavam os gestos dela e tudo o que passava na sala de audiências. Apesar de todos os cuidados, tudo transpirava. Não estavam muito longe da verdade, mas não foi isso que preocupou subitamente Lueji. Se esse mujimbo começasse a correr com força, Ilunga estava em perigo. Acusado de ter matado Kandala por feitiço? Nem mesmo todo o poder dela era suficiente para o defender. E de repente compreendeu que estava nas mãos de Majinga. Se o mujimbo ganhasse força, o que ia acontecer de certeza.

– Atrevem-se a adivinhar o que passa e não passa na minha onganda? Quem te disse isso, Ndumba? Quem falou de mim nas minhas costas? Dá-me já o nome, Ndumba.

– Calma, rainha. Estava muita gente, nem sei ao certo quem falou nisso, um dizia uma coisa, outro acrescentava, sabes como se passam essas conversas. E eu tinha acabado de chegar, não me posso lembrar.

– Não me queres dar o nome?

– Não te posso dar o nome, rainha.

Neste momento já certamente o mujimbo grassava na Mussumba. E ainda não sabiam o pior, o seu casamento. Então... Só Nayole e Majinga sabiam, se ninguém tivesse conseguido ouvir mais. Nayole era de confiança, mas Majinga? E se a hipótese da morte por feitiço viesse a ser encarada, um adivinho tinha de confirmar com o ngombo a verdadeira causa. Como o óbito ocorreu em plena sala real, Kandala foi enterrado sem delongas, nem nenhum tahi se lembrou de procurar no ngombo a causa da morte. Mas bastava uma pequena suspeita. Que descobriria Majinga no seu ngombo? De repente, Lueji descobriu que desconfiava não só de Majinga, mas de todos os adivinhos, da arte de adivinhação até. Ficou assustada. Cada vez me pareço mais com Tchinguri. Não, a arte de adivinhação era sagrada e os adivinhos homens honestos. Não dava para duvidar. Pois bem, se desconfiavam de alguma coisa, que Majinga lesse no ngombo. Logo se inocentaria Ilunga. Ou então Majinga incriminava Ilunga. Então, antes de a noite acabar, ela matava Majinga. Não se horrorizou :om esse pensamento sacrílego.

– É muito grave o que se diz para aí, Ndumba ua Tembo. Sabes que os lubas são nossos aliados. Quem são os inimigos infiltrados

que levantaram essa suspeita, só para nos separarem dos nossos amigos e fortalecerem Tchinguri?

Ndumba ficou perturbado. Quem não sabia que havia homens de Tchinguri na Mussumba? Nem todos foram embora. E essas malandrices eram conhecidas dos Tubungo. Podia bem ser.

– Realmente, rainha, não sei quem disse. Mas não foi coisa inventada ali onde eu estava, foi notícia vinda de algures.

– Bem imaginado! Os inimigos são rápidos a pensar. Enquanto Tchinguri avança, nós ficamos aqui a perder tempo a ver se Kandala foi ou não enfeitado. E acusamos um inocente que, como por acaso, é o nosso principal aliado neste momento para combater Tchinguri. Muito bem imaginado.

– Se ele está inocente, os tahi vão dizer.

– Escuta, Ndumba. Majinga é tahi e agora o meu único. Ele estava presente quando Kandala morreu e não notou nada.

– Não precisas de me convencer, rainha. Não fui eu que inventei isso. Lamento ter falado para te arreliar assim.

– Em que casa ouviste? Também não o podes dizer?

Ndumba olhou admirado para aquela fúria que nascia nela. Lembrava uma leoa a defender os filhotes. Ou lembrava Tchinguri? O pensamento chocou-o.

– Posso, sim, porque não? Foi em casa de Kakolo.

E tudo se começou a movimentar com rapidez. Lueji bateu as palmas e logo correu um guarda.

– Vão quatro de vocês a casa de Kakolo e tragam toda a gente que lá estiver. Depressa. E alguém vá chamar Kumbana. E Majinga, o tahi. Que traga o ngombo.

Outros emissários foram despachados freneticamente, uns para convocar os muatas, outros para chamar os comandantes, menos Kandumba, esse devia ficar a controlar a defesa da cidade, até porque era desfavorável a Ilunga. Ndumba se conservava calado, observando a rainha a dar as ordens, a se agitar dum lado para o outro, nervosa. Disse depois:

– Escusas de levar isso tão a peito. É só um mujimbo.

– Te enganas, Ndumba. São os amigos de Tchinguri a tentar me arrancar o lukano do braço.

Ela sabia que exagerava, podia ser apenas a natural curiosidade dum guarda ou serviçal que ficou mais atento aos gritos que saíam do salão de audiências e captou algumas palavras. Daí passou o mujimbo. E como sucedeu a morte imprevista, alguém ligou as coisas. Podia não ser por mal. Mas ela também sabia, todos temiam Tchinguri, ele era o mais odiado. Imediatamente desviava as atenções, se mostrasse como esse mujimbo beneficiava Tchinguri. Tinha de passar ao ataque, antes que a acusação contra Ilunga fosse formalizada. Da sua rapidez de decisão dependia a sua felicidade. Não ia confiar em tahi nenhum. E os meios não interessavam.

Os convocados começaram a chegar e a ocupar a sala de audiências. Os primeiros sentaram nas peles. Os outros foram sentando no chão. Quando apareceu Kumbana e Kamexi, Lueji procurou o tahi com os olhos. Ainda não tinha aparecido, a sua morada era a mais distante. Também estavam Kakolo, Kalele e Kakoma e outros Tubungo. Finalmente chegou Majinga e Lueji mandou-o sentar na própria pele onde se situava a cadeira real. Era uma grande honra e todos compreenderam que a rainha o designava como tahi acima de todos os outros, o substituto de Kandala. Espero que ele corresponda a esta honra com honestidade, senão lhe corto a cabeça com o facão que Ilunga me ofereceu.

– Mandeí-os chamar porque uma coisa muito grave se passa. Os nossos inimigos, homens que intrigam a favor de Tchinguri, espalharam o mujimbo que Kandala foi morto por feitiço feito pelos lubas. Isto é uma manobra dos amigos de Tchinguri para não termos o apoio dos lubas quando ele nos atacar. E nos vence de certeza. Ndumba ua Tembo ouviu isso ser dito na casa de Kakolo.

Era quase uma acusação a Kakolo e a assistência estremeceu. Um oh muito prolongado correu de boca em boca. No canto onde se encontrava Kakolo e os outros que com ele vieram, trazidos pelos guardas, os queixos começaram a bater. Kakolo pediu a palavra e a rainha disse fala o que sabes.

– De facto foi dito lá em casa. Mas não tenho nada com isso. Todos sabem que, apesar de meu genro, Tchinguri é meu inimigo.

As minhas terras estão tomadas por ele, matou e raptou gente minha. É absurdo pensares que trabalho a favor dele.

Apesar de vencido e humilhado, havia ainda altiva dignidade na pose do muata. Olhava a rainha de frente, sem desafio já, mas também sem medo. Lueji falou com voz mais branda:

– Quero saber quem disse, até chegar a quem inventou isso. Quem inventou é um homem de Tchinguri. Não te acuso a ti, muata Kakolo, que fique claro.

Tremendo, um homem se levantou no grupo de Kakolo.

– Fui eu que disse, rainha. Acabava de o ouvir...

– De quem?

– De muata Kakele.

Lueji se virou para Kakele. Este se encolhia sobre a pele de ondjiri. Mas foi citado e não procurou esquivar. Se levantou e falou, tentando aparentar calma:

– É verdade, disse-o, mas não como uma verdade certa. Que se dizia por aí. Também o ouvi assim.

– De quem?

– Estou a tentar lembrar, Lueji.

A rainha deixou pairar um momento o silêncio sobre a assistência. Todos sabiam, quem não conseguisse lembrar de onde tinha ouvido era suspeito de ser o inventor. Ninguém podia duvidar de Kakele, o primeiro inimigo de Tchinguri. No entanto, o velho fazia esforço e não lembrava. Começou a suar, se sentindo já acusado do maior absurdo, ser agente do homem que lhe matou os filhos. Lueji sentiu a humilhação de Kakele. Falou:

– Muata Kakele, todos sabemos não foi você que inventou, nunca poderia estar do lado de Tchinguri. Apenas não se lembra. Por isso lhe peço, sente-se, pense com calma, eu espero. Já se vai lembrar. É importante que nos ajude a desmascarar os inimigos infiltrados. Isto pode ser muito grave.

O velho sentou, aliviado pelo apoio da soberana. Estou tão desgraçado, pensou, que já preciso do auxílio dela, quando aqui há uns meses era o contrário, a rainha não o era sem mim. Estava aliviado, mas humilhado da sua condição recente. Reviu os seus passos até encontrar o homem que lhe transmitiu o mujimbo. E de repente lembrou. Saltou da pele como mordido por uma serpente.

– Já sei, foi Ngonga.

Muata Ngonga era um homem grande, mas que desde o princípio se escondia por trás dos outros. Não adiantou, fizeram logo um espaço à sua frente e ele teve de se levantar. Tremia visivelmente. Antes que alguém lhe perguntasse, adiantou logo:

– Foi um guarda teu que me disse, rainha. Ele mesmo o ouviu aqui. É o meu sobrinho Chiombe.

Lueji fez um sinal a Kumbana e este saiu da sala. Nos minutos que seguiram, podia se ouvir as respirações perturbadas dos assistentes e sobretudo os gemidos baixos de muata Ngonga, sempre de pé, estou desgraçado, estou desgraçado.

Kumbana voltou, acompanhado dum soldado jovem e o atirou rudemente para o meio da sala. O guarda caiu de joelhos à frente de Lueji, sem saber porquê estava ali. Kumbana estava furioso, se via, pois um elemento da sua guarda tinha faltado ao dever, qualquer que fosse a sua falta.

– Que ouviste ontem nesta sala que foste contar ao teu tio Ngonga? – perguntou a rainha. – Sobre a morte de Kandala.

O guarda rebolou os olhos de terror. Subitamente compreendia que estava apanhado numa ratoeira e a face da rainha era de mármore negro, rígido e implacável mármore negro.

– Rainha, perdoa, perdoa, rainha.

– Fala antes que eu perdoe. Fala o que ouviste e contaste.

– Eu estava de guarda na porta de entrada. Ali... E entraram, a tua mãe, o velho Kandala e este aqui – apontou para Majinga. – Primeiro falou o mais-velho falecido, falou, falou, não entendi... Depois falou a rainha e também não percebi nada. Mas depois voltou a falar o grande tahi e percebi algumas palavras, falava zangado dos lubas, lubas para aqui, lubas para ali... Foi isso que ouvi. Foi o que contei ao meu tio.

– Foi só isso que contaste ao teu tio?

– Foi, juro, rainha... Tens razão de me castigar, não posso ouvir o que passa aqui e muito menos contar. Mas fiquei assustado com a morte do grande tahi, tive de contar ao meu tio.

– E disseste ao teu tio que os lubas enfeitiçaram o grande tahi, por isso ele morreu?

– Eu, rainha? Não disse nada disso.

– Fica aí.

Lueji se virou para Ngonga, que não parava de tremer. A rainha apontou o braço na sua direcção e o homem grande se encolheu, à espera que o braço se tornasse punhal e lhe trespassasse o peito.

– Ouviste apenas isso do teu sobrinho e ao muata Kakele já acrescentaste a estória do feitiço. Ou foi muata Kakele que acrescentou essa parte?

– Já ouvi assim – gritou Kakele. – Nada acrescentei.

– Eu sei – disse a rainha. – Mas quero ouvir da boca dele.

Ngonga olhava para todos os assistentes, talvez à procura de apoio nalgum lado. Não viria de parte alguma. Todos tinham os olhos acusadores colados nele. E alguns começavam a lembrar, Ngonga nunca fora inimigo de Tchinguri, nunca tomava posições nem por um nem pelo outro lado. Não era estranho? Se havia algum infiltrado, que fosse Ngonga e acabavam as suspeitas. Porque nestas questões de feitiço nunca se sabia, às vezes alguém estava inocente, nem lembrava o sonho que teve, mas esse sonho provocou a morte de outro e o anterior inocente se via incriminado. Nas lutas de poder, também era parecido. Que fosse Ngonga e acabava o medo que rondava as cabeças de todos.

– Então, muata Ngonga? – disse Lueji. – Essa coragem?

Foi a vez de Ngonga se atirar no chão. Rebolou no pouco espaço, chorando, aiuê, rainha, perdoa, falei sem maldade, nunca pensei podia ser um problema tão grande, falei sem pensar ao muata Kakele, admirado com aquela morte tão súbita como me contaram, disse isso, sim, que podia ser um feitiço dos lubas...

– Que podia ser, não – interrompeu Kakele. – Disseste foi o caçador luba.

Desde o princípio Lueji falava dos lubas em geral, sem nunca mencionar expressamente Ilunga. Isto para não provocar qualquer desejo de Majinga intervir, lembrado da conversa com Kandala. Pela primeira vez ali alguém mencionava Ilunga. Mas agora já não era tão importante, Majinga parecia desinteressado da cena, todo vaidoso por estar sentado na pele da rainha.

– Sim, foi isso – reconheceu Ngonga.

Lueji levantou o braço, sempre sem se sentar. A sua figura dominava realmente a assembleia e os muatas se admiravam,

quem lembrava a rainha no primeiro Conselho, tão nervosa e tímida?

– Ngonga, eu te acuso de teres conscientemente levantado um boato que podia pôr em perigo a Lunda, pois podia provocar uma divisão entre nós e os lubas.

O acusado baixou a cabeça sobre os joelhos. Parecia uma bola no chão. Lueji pensava, tenho de proferir a sentença, ele não merece a morte, porque certamente não é agente de Tchinguri e mesmo se fosse, eu estou pronta a tudo perdoar ao meu irmão. No entanto, só existe essa sentença. Senão as pessoas vão desconfiar da minha magnanimidade e o mujimbo continua a se espalhar. Não há alternativa. É preciso cortar o mujimbo pela raiz. Pobre Ngonga, na Lunda se morre por falar à toa. Depende dos momentos.

– Vais ter a cabeça cortada. Kumbana, manda executar esse homem no largo. E expliquem o porquê. A partir deste momento, se alguém for ouvido a transmitir esse mujimbo sobre os lubas, também terá a cabeça cortada.

A exclamação em coro foi de espanto por tão pesado castigo ou de alívio por ser outro o condenado?

Ngonga gritava, perdoa, rainha, perdoa, foi dito sem pensar. Foi brutalmente levantado do chão pelos soldados de Kumbana e arrastado para fora. Fui implacável, pensou Lueji, eu sei, mas se trata da segurança de Ilunga, não tenho escolha. No entanto, conseguia se convencer. Depois reparou em Chiombe, que tremia no chão, à espera da sua sentença, certamente tão dura quanto a do tio. Mas Lueji olhou-o quase com doçura, um rapaz belo, e proferiu:

– Chiombe, cometeste uma grande falta e não mereces mais pertencer à minha guarda. Porque és jovem, poupo a tua vida. Kamexi, ele vai ser integrado num dos grupos do exército. E que seja vigiado até termos a certeza que está arrependido da sua falta e deixou de se preocupar com o que não lhe diz respeito.

Não, não o podia mandar matar, apesar de ter sido o causador de tudo com a sua curiosidade. Vai servir de exemplo para os outros guardas, que se tornarão mudos e surdos. Assim o espero, pelo menos. Passou os olhos pela assembleia, viu Majinga fitando-a de lado.

– Tahi Majinga, achas necessário utilizar o teu ngombo para este caso?

O homem calado fez ouvir a sua rara voz. Mas agradável. Levantou respeitosamente para responder:

– Rainha, só nos socorremos do ngombo quando as pessoas desconseguem de encontrar soluções para os problemas. Tu já a encontraste, o problema está resolvido...

E voltou a sentar, com um gesto de saudação. Lueji sorriu para ele. Haviam de se entender bem, não estava arrependida de o ter promovido. E o que era melhor, nada ficara falado entre eles. Ela não tinha compromisso.

– Podem todos sair agora. Vão assistir à execução e contem lá fora o que viram e ouviram. Mas exactamente como se passou. Menos Ndumba ua Tembo. Preciso ainda de falar contigo.

A um gesto da rainha, enquanto a sala se esvaziava, uma serviçal foi buscar uma cabaça de hidromel. Beberam em silêncio, se fitando. Se medindo? Ndumba olhava apenas, tentando perceber as mudanças nela operadas e que eram evidentes. Perdeu um pouco o ar de galo, pensou dele Lueji, parece mais modesto.

– Que pensas desta sessão, Ndumba?

– Se me pedes a opinião... Acho que foste muito dura. Ngonga não é um homem de Tchinguri. Um neutro, isso sim. O exílio por uns tempos bastava.

– Talvez. Mas estamos em guerra. As pessoas têm de pensar antes de falar. E, sobretudo, ninguém pediu para eu abrandar a pena. Teria reduzido...

O efeito provocado pela primeira sentença seria suficiente para arrancar o mujimbo. Podia ser magnânima em seguida. Mas só agora se lembrava disso.

– Ninguém pediu para abrandar a pena, porque estavam com medo de se assemelhar de qualquer modo a Ngonga.

Lueji fez um gesto para afastar a discussão. Serviu mais ndoka. Hesitou, vendo-o beber. Tinha de falar, era melhor.

– Pedi-te para ficar porque tenho uma coisa a te dizer... Pediste que casasse contigo.

Ndumba ficou tenso, incapaz de ouvir os tambores lá fora no largo, que convocavam os populares para assistirem à execução de

Ngonga. Todos os seus sentidos estavam fixos na boca de Lueji que finalmente ia dizer o sim há tempos pretendido. Porque Ndumba não tinha dúvidas, apesar de ter perdido a força, ainda era o melhor partido para a soberana. E amigo desde criança, o que contava muito se era uma mulher a decidir e não a família.

– Pensei com muito carinho na tua proposta, Ndumba. E o facto de teres sido derrotado não significaria nada... Mas apareceu alguém. É com ele que vou casar e não contigo.

O caçador se levantou. O espanto provocado pela revelação a isso o obrigou. Mas não falou. Ficou só a olhar para ela, sem querer acreditar nos ouvidos.

– Quis te dizer antes de tornar público o meu casamento. E antes mesmo de falar ao meu irmão. Devia-te isso pela muita amizade que nos une. Tenho pena, Ndumba, mas não vou casar contigo. Continuamos amigos como sempre.

– Quem é ele?

– Será sabido a seu tempo.

Ndumba ua Tembo sentiu o ridículo da sua posição, de pé, inclinado para a frente, como quem ouve um animal e tenta situá-lo. De repente, não sabia como pôr as mãos, se atrás das costas, se nas ancas, se apontadas para ela. Preferiu cruzar os braços no peito e afastar as pernas, endireitando o tronco. Como um muata indiferente. Podia fazer outra coisa?

– Muito bem, rainha. É a tua vontade.

– Continuamos amigos? Preciso da tua amizade, Ndumba.

Ele sustentou o olhar dela. Implorante, embora calmo. Um olhar de rainha que pede qualquer coisa. Mas ele estava mesmo chocado e não gostava de mentir.

– Serás sempre a minha rainha, Lueji.

– Uma rainha absurda – gritou Herculano, o historiador. – E todo esse roteiro é absurdo. Não se pode brincar assim com a História.

Atirou com raiva a cópia do roteiro que Lu lhe dera a ler. E simportava pouco com a cara assustada da Directora. Mabilia estava presente também. Sorria da raiva do outro. Lu já imaginava qual a reacção de Herculano, embora a cólera manifestada excedesse as suas previsões. No entanto, se mantinha calma, enquanto o historiador dava pesadas passadas pela sala secreta.

Dois dias antes, Lu foi me procurar. Não precisou fazer grande esforço, eu me tornara cliente habitual do bar Manda Fama. Estava na emboscada, ouvindo palavra aqui, palavra ali, algumas confidências de Mabiala e fazendo amizades para o futuro. Sentia próximo o desfecho, o prêmio pelo tempo investido. E ele chegou na forma de Lu, um maço de papéis na mão. Pediu para eu examinar o roteiro, explicou a história conhecida da Lunda e a que ela imaginara, precisava duma opinião crítica sobre as personagens, lógica da estória, etc. Prometi ver, me fazendo um pouco caro, o tempo era escasso, estava com outra obra nas mãos, mas enfim, como era para ela... Dessa vez ainda não me fez confidências, mas já estava na muzua, agora era só puxar. Li rápido, ansioso. E mentusiasmei. Aí estava um tema. Fiz algumas observações no dia seguinte, ainda tínhamos de trabalhar em conjunto para dar consistência ao drama. Citei semiologias e crítica literária, para realçar a minha importância no trabalho e lhe propus um plano de sessões. Mas só depois de Lu mostrar o roteiro a Herculano, que faria a crítica histórica. O que acontecia:

– É certo que há versões contraditórias. Como tudo na tradição oral. Cada grupo deforma uma versão em função dos seus interesses mais ou menos imediatos, isto é, a versão tradicional é sempre ideológica, justifica ou o poder que se tem ou o poder que se quer obter. Ou o porquê de se ter perdido o poder. Depurar a versão da ideologia que nela está presente, eis o trabalho da ciência histórica. E isso só se pode fazer comparando as diferentes versões e situando cada uma no seu contexto histórico. A partir daí se vê as incoerências e se escolhe a versão mais de acordo com a possibilidade do contexto. Todos os elementos comuns às várias versões são considerados como históricos, quer dizer, verdadeiros. Não foi essa metodologia que vocês usaram.

– Não usámos metodologia nenhuma – disse Lu. – Não nos interessam as metodologias.

– E depois querem fazer obra científica...

– Ninguém pretendeu fazer obra científica. Para isso são os cientistas. Nós somos artistas. Eu li uma série de livros. E tu sabes bem, porque mos indicaste. Ora, as versões são contraditórias, como disseste. São ideológicas? Tudo certo. Então, não tenho o

direito, eu também, de inventar a minha própria versão? Quem te garante que é mais falsa que a que tu escreverias? A tua também seria ideológica...

– Aí é que te enganas! A minha seria científica.

– Tretas, Herculano, tretas! Ias te basear nos elementos comuns a todas as versões. E quem te diz que não partem todas duma versão original, ela própria ideológica, como não podia deixar de ser? Basta uma falsidade, no início, para ser repetida em todas as versões e ser considerada verdade indiscutível. Quem transmitiu a primeira versão?

– Mas, Lu, isso passa de pais para filhos...

– Pois é. Ao fim de trinta gerações que vale essa versão? Olha, vou te contar uma estória verdadeira. Conheço dois senhores de Benguela, hoje muito respeitáveis com mais de cinquenta anos e vários filhos. Por altura da primeira invasão sul-africana, dias antes da independência, esses dois amigos de infância estavam nas Fapla, mas em sítios diferentes. Um em Benguela, outro no Sumbe, Cuanza-Sul. Os sul-africães tomaram o Lubango, depois derrotaram as Fapla em Catengue e tomaram Benguela. Aí estava o Estado-Maior da Frente. Todos tiveram que recuar para o Sumbe. Os sul-africães acabaram por atacar o Sumbe, tentando chegar a Luanda e tomaram a cidade. Os do Cuanza-Sul diziam a culpa foi dos de Benguela, pois, ao se refugiarem na cidade, desorganizaram tudo. E os de Benguela diziam a culpa era outra qualquer. A verdade é que os sul-africanos nessa altura eram mais fortes, é tudo. Pois bem, esses dois amigos, até hoje, quando caem nas recordações, se põem em grande maka, cada um defendendo o heroísmo do seu lado e desprezando o outro. E contaram aos filhos as versões respectivas. Os filhos, se discutem o assunto, nunca se entendem, o grupo do seu pai é que fez tudo de bem. E isto se passou há menos de trinta anos. Então, como saber?

– A verdade deve estar no meio – disse Herculano. – A síntese das duas versões é a verdadeira.

– Foi o que eu fiz. Mas uma síntese artística. Pelo menos pretende ser.

– Não entendo isso de verdade artística.

Afonso Mabiala entrou na conversa, até porque via o ar assustado da Directora. Não interessava nada a crítica de Herculano nem as suas ameaças de tentar impedir legalmente o espectáculo, o preocupante era o medo estampado na cara da Directora. Se ela se acagaçasse era capaz de recuar no projecto. Por isso falou, mais para a convencer:

– O que realmente passou naqueles tempos tão antigos, é mentira, ninguém vai saber. Por muitas metodologias científicas que se usem. O que importa é o que as pessoas imaginaram, criaram, a partir dos factos definitivamente enterrados na areia. Nos interessa a imaginação, a poesia, a mensagem que os intelectuais da época sintetizaram no mito. E esse mito por isso pode ser mudado à vontade, é a liberdade da imaginação, da criação artística. E abaixo a tirania dos dogmas! Sobretudo os pretensamente históricos. Tu, Herculano, dizes não é lógico que fizessem assim ou assado. Não é lógico dentro da tua lógica de hoje. Que sabes sobre a lógica daquela época?

– A sociedade é um sistema...

– Pois é. E como pretendes analisar os elementos do sistema, se não conheces as relações dentro do sistema, a sua lógica? Ou as relações não influem sobre os elementos?

– Claro que sim – disse Herculano, mais calmo.

– Então? São essas relações, que tu não podes conhecer, que dizem se um elemento é verdadeiro ou falso. Onde se conclui...

– Onde se conclui que se não pode conhecer nada!

– Não – continuou Mabiala. – Pode se saber muita coisa. Que por exemplo não podia haver armas nucleares. E não entra nenhuma na nossa versão. Aí sim, podias protestar, embora... Passemos! Agora, se houve amor incestuoso entre Lueji e Tchinguri, desafio-te a provar o contrário. É comum na humanidade e sobretudo entre filhos de rei. A tradição da Lunda refere isso nos primeiros mitos. E a estória fica mais dramática, permite belos bailados de desespero.

– Não te sabia tão conhecedor – disse Herculano, recuando.

– Ora, tive de fazer um curso superior, de Música. Sabes, tem de se aprender qualquer coisa. Essa ideia do músico analfabeto que só toca de ouvido começa a estar ultrapassada...

– E o que nos interessa é a arte – disse Lu. – Pode ser outro tipo de verdade, mas tão verdadeira quanto a vossa verdade histórica. E mais bonita.

A Directora sorriu finalmente. Afonso viu ela recuperou confiança. Por isso voltou a sentar, já não precisava de intervir mais, tinha era de se concentrar no problema da integração do kissanje no primeiro encontro amoroso entre Ilunga e Lueji. Herculano já não tinha grandes argumentos, abanava só a cabeça, protestando silenciosamente. Lu também sentou e descansou uma perna sobre a outra. A Directora aproveitou acender mais um cigarro. O historiador finalmente pigarreou e disse:

– Há cientistas que pretendem nunca ter havido um Tchinguri ou uma Lueji. Que eram linhagens em luta e que a tradição corporizou em pessoas.

– Isso é uma hipótese – disse Lu. – Conheço.

– Sim, é uma hipótese.

– Então, se é apenas uma hipótese, tem tanto valor como as versões da tradição. Interessa-vos a vocês. Mas a nós... Quem garante que Lueji não existiu e a linhagem se formou depois? Mas não é o caso. Nós, artistas, precisamos de personagens, vivemos delas. Sempre queria ver uma peça de teatro só com forças sociais abstractas, linhagens, classes, sem pessoas. Uma chatice! Não aguentava dez minutos de representação.

– Está certo, compreendo que precisem de personificar.

– E tens de compreender o resto – disse Lu. – Isto é arte, a qual tem as suas necessidades.

– O incesto ainda passa, no fundo era coisa normal. O que não está referido na tradição pode ser acrescentado por uma questão estética. Mas essa Nayole que inventaste, Lu...

Mabiala sabia, Herculano, além de gordo, era teimoso. Não ia desistir facilmente. Mas começava a sagarrar apenas em detalhes, era porque estava vencido. Nunca poria em prática a ameaça proferida de escrever uma crítica histórica, arrasando o projecto, pedindo às autoridades competentes a sua proibição por deturpar a rica História de Angola. Já preparava a retirada. Por isso deixou retinir no cérebro o som melodioso do kissanje e não ouviu o resto da fala.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, NDUMBA UA TEMBO,
o maior caçador da Lunda e futuro grande chefe dos Tchokue.

Na grande batalha do Cassai, quando vi Kandama e Tchinguri avançarem para mim, me senti perdido. Não era um leão, corajoso mas estúpido, que atacava. Eram homens com toda a força e inteligência. E manha, sobretudo. Não lamentei, no entanto. Sentia já os golpes caírem sobre o meu escudo e só tinha vontade de lutar, medir forças, e que o mais forte vencesse. O frio da morte não entrava no meu coração, ele batia firme como sempre. Lutava e ia morrer porquê? Me perguntei nesse momento? Pensei, não vou receber o sim pedido, não vou levar a rainha para as peles de onça que amaciam o seu catre? Não, em nada disso pensei. Apenas que ia morrer lutando. Porque lutava? Para ser rei um dia? Certamente. Mas não só. Para fazer Tchinguri perder de vez o lukano? Também e talvez fosse a razão principal. Porque a tradição mandava lutar em defesa do soberano? Claro, nisso fui educado. E de tal maneira fui educado nisso que vou voltar a lutar em defesa do soberano. Já sem esperança de vir a ser rei, nem de levar a rainha para as peles de onça. Alguém pode viver com a vergonha de não combater? Só mesmo Chinyama, o covarde.

Mas vejam as injustiças do destino. Por ela morri sem dor naquele dia da grande batalha, pois já estava mais do lado de lá. Por ela morreram os meus homens, na esperança de um dia me aclamarem de lanças no ar. Por ela perdi as terras, aquele enorme território junto do Cassai. Por ela não escolhi outra mulher, deixei de ter filhos até hoje, para ela ser a muari. E agora casa com outro. Já não tenho força, já não sirvo para marido. E o pretendente quem será? Mistério bem guardado. Todos se espantam, a rainha escolheu esposo e ninguém sabe? Por isso Ngonga foi sacrificado, para que os espantosos segredos não filtrem. E quer continuar amiga? Como? Rainha, soberana, apenas. Amiga, nunca mais.

De criança, Tchinguri dizia com minha irmã vou casar. Queria seguir as tradições antigas dos antepassados deles que casavam entre irmãos. No nosso grupo de companheiros de mukanda se dizia que muitas vezes Tchinguri e Lueji eram vistos no lago em

actos de amor. Acreditei sempre ser boato, derivado das fanfarronadas do próprio Tchinguri. Agora me pergunto, não seria verdade? E não vai ela casar com o irmão? Por isso o segredo tão aferrolhado? Depois desta guerra toda, um casamento maldito mas que ninguém terá coragem de contestar, dada a força e crueldade dos dois. Lueji será capaz de enterrar de vez a vontade de Kondi, de renegar os espíritos, e casar com o irmão, entrando com grande pompa em Mussumba, pela força coligada dos dois exércitos? Bastava cortar a cabeça a meia-dúzia de Tubungo e não havia oposição. A de Ngonga já foi, o que prova afinal a sua crueldade camuflada. A minha cabeça não rolou no Cassai, em Mussumba rolaria. Será ela capaz de rir do espírito do pai e resistir depois a todos os feitiços?

Oh Lunda, já tantos sortilégios viste, não é apenas mais um? Já viste os Tubungo serem os verdadeiros senhores e, depois de Kondi, não se sabe por que magias, perderem pouco a pouco o seu poder, até hoje andarem de cabeça para baixo, tremendo às ordens da soberana, tremendo só de pensar que o lukano pode ir parar às mãos do irmão, desgraça pior. Onde estão os grandes Conselheiros do Estado? Kakele estremece sempre que é chamado, Kakolo se inclina e cala os rancores bem fundo, Cangombe e Vungi se foram com Chinyama, Mbumba e Moxico estão aí, mas só ousam comentar comigo, e os outros, e os outros? Perdida a grande força das famílias que fizeram a Lunda, que se coligavam para eleger um dentre eles como seu chefe máximo, mas sempre dependente do seu conselho. Oh, Lunda, perdeste os favores da grande mãe serpente? Já as faíscas que iluminam o céu deixam de alimentar a coragem das gentes? Já as nuvens não trazem a felicidade com a água, já os rios pararam seus encantamentos e neles não mais moram as kiandas? Já as mulembas e mafumeiras deixaram de abrigar os espíritos? Ou estes se corromperam com os presentes, apenas pensam em comer e gozar, e nos esqueceram na terra?

Que se passa contigo, Lunda, que admites tantas mudanças? E tudo porque um louco, um dia, pensou em ter um exército próprio para reinar sozinho e retirar os privilégios dos muatas. Tudo começou aí. Se enganam os que falam apenas da sua crueldade, ou da sua coragem, ou da sua teimosia. Isso são defeitos ou

qualidades menores. O problema é a loucura de querer reinar sem os Tubungo que o alimentam.

E a irmã agora vai trair o nosso apoio, casa com ele numa aliança bárbara que multiplica por vinte o poder do trono e sai por aí a conquistar o Mundo? Oh Lunda, Lunda, sou obrigado a assistir a isto, eu, Ndumba ua Tembo, herdeiro duma das mais dignas famílias que te criaram? Nunca. Antes a vida de caçador errante, lá, perto das nascentes do Cassai, de onde dizem haver mais animais que as folhas das árvores.

O trabalho preparatório estava pronto. Lu nem queria acreditar. Tudo tinha corrido bem demais. O roteiro terminado, muito modificado, por vezes em função da música, por vezes pelas exigências da coreografia. Os anexos ao roteiro também estavam feitos: as descrições das personagens, a base histórica, as sugestões das indumentárias dadas pelo Herculano, a lista de todo o material cénico necessário. A música ia sendo preparada progressivamente, apesar de toda composta. Mas havia que ensaiar e gravar. O essencial já gravado era suficiente para se começar com os ensaios. Também a coreografia estava concebida, durante os ensaios se veriam os detalhes. Lu agora só tinha de se preocupar com a sua actuação, preparar o corpo para o tremendo esforço exigido, pois Lueji era o personagem principal e dominava praticamente todo o espectáculo. Quase duas horas a dançar, pelo menos dois quilos perdidos por noite, podia recuperar? Só tinha uma solução, apesar dos protestos dos responsáveis e colegas e médicos, era passar o dia a beber cerveja para reidratar, não ia perder a linha por isso, os espíritos protectores não permitiriam.

A parte administrativa também correria à perfeição. Quando a Directora foi «lá acima» apresentar o projecto e pedir apoio financeiro e técnico, os burocratas mostraram interesse imediato. Até alargaram o tempo de preparação, valia a pena, sadivinhava um espectáculo à altura das tradições do grupo. Tanto mais que na véspera o jornal tinha criticado certa apatia que reinava no sector, chamando a atenção para a esperança que representava o projecto indo à aprovação em breve, «verdadeira tábua de salvação para o bailado nacional, se não fosse torpe deado pela indiferença e imobilismo que teimavam ultimamente em invadir certos gabinetes antes tão activos, mas agora conformados com a mediocridade provocada pela falta de espírito crítico e sobretudo autocrítico e pelo sentimento generalizado do deixa-andar-que-Deus-estáconnosco».

Tive algo a ver com esse artigo. Agora fazia parte do grupo, participei do roteiro e lia os livros sobre os quais Lu se baseara. Meti o meu amigo Matias ao corrente de tudo e insisti na publicação duma advertência no jornal, é o que mais temem os burocratas. Foi pois um corre-corre «lá em cima», toda a gente a querer conhecer o projecto, a oferecer préstimos e meios, a Directora no meio da barafunda, dando explicações e exemplificando cenas, expondo a História do Império Lunda e contando a estória, andando de gabinete em gabinete para pedir o apoio financeiro, logo concedido, o alargamento do prazo para a representação, logo concedido, as requisições de material, logo concedidas, chegando até a recusar a proposta de se fazer uma importação especial para cetins, veludos e todos os apetrechos, espantando pela sua modéstia pois só iam utilizar produtos locais, não era preciso importar nada, nem mesmo um coreógrafo para ajudar, será tudo angolano e a coreografia até já está pronta, podem ver aqui os esboços, tudo escrito e esquematizado, assim como a música que não tem um único instrumento estrangeiro, kandaka, pensou a Directora mas não ousou lançar a palavra, ninguém ali sabia o lunda antigo e os panos necessários são todos fabricados aqui e os ornamentos também, até já temos o ngombo igual aos antigos, o que deixou toda a gente suspensa, que era isso de ngombo, devia ser uma coisa essencial e era mesmo, só que não no sentido que eles entendiam, e ela pediu dinheiro para sustentar os bailarinos que deveriam vir do Dundo, o que foi logo concedido, mandem vir os que quiserem, receberão salários e pagamos também o hotel para o tempo de permanência em Luanda, mas uma coisa dessas não se pode limitar só a Angola, é preciso já prever uma excursão pela Europa e participação em festivais internacionais, proposta tentadora que a Directora não podia recusar, sempre era uma forma de pôr a arte angolana a correr o Mundo e vamos já tratar disso mesmo antes de ver os primeiros ensaios, temos a máxima confiança na vossa capacidade, precisamos contactar os principais palcos de Berlim, Paris, Moscovo e Londres, sem esquecer Copenhague, claro, Copenhague, não vão actuar em teatros de periferia mas nos palcos mais célebres, mostrar que se pode fazer tudo em Angola, sem importações, apenas pelo talento dos nossos artistas, com esforço e trabalho,

pois ainda há uns derrotistas que pensam nada se pode fazer aqui mas é porque se não querem mexer, acomodados com os aparelhos de ar condicionado e o seu pessimismo de classe, avancem que acreditamos em vocês e peçam qualquer coisa, para o Grupo Kukina as portas estão sempre abertas.

A Directora saiu «lá de cima» bêbeda de tão boa disposição. Que diferença com a maneira como foi recebida três semanas atrás, quase aos pontapés e com a ameaça de ser enviada para o Moxico e o grupo desfeito. Que se teria passado para provocar tal mudança? Os artigos do jornal, disse o Mabiala. Lu não respondeu mas preferiu pensar foi o espírito de Lueji que anda lá por cima a arranjar as coisas. E apertou o amuleto debaixo da blusa.

Lu, deitada, pensava na maneira maravilhosa como as coisas estavam a correr. Tinha de telefonar à avó e contar, agradecer os conselhos e as crenças da velha. Por isso não tinha vontade de dormir, esperando a madrugada, aquela madrugada que acordou diferente. Se sentia nos primeiros raios iluminando o Kalanhi, fazendo-o se distinguir aos poucos do verde das suas margens. Eram os pássaros que piavam de outra maneira ou não pipilavam mesmo? Era talvez o modo de cada um despertar, o gesto dos braços afastando o sono e desentorpecendo o corpo. Os odores, os ruídos, as cores, tudo era diferente. Até o peso do ar. E cada habitante de Mussumba, sem ser adivinho, notou, com um peso no coração, esse ia ser um dia decisivo. O que ia suceder ninguém sabia ainda.

No entanto, todos se ocuparam das mesmas actividades. Logo as mulheres levaram as enxadas para os terrenos, onde as lavras e nakas eram preparadas. Os homens foram com as suas nassas e redes e arpões para os rios, os caçadores foram montar as armadilhas. E os guerreiros pegaram nas armas, se exercitando mil vezes no tiro do arco longo ou nos combates de corpo a corpo com os facões e as azagaias.

Porque todos sabiam ser um dia diferente, ninguém admirou ouvir os mundos falar, anunciando a aproximação do exército inimigo. Kumbana veio anunciar à rainha, tudo está pronto para a defesa de Mussumba, tens ordens especiais a transmitir aos comandantes? Ainda não, respondeu ela.

Na véspera, todas as aldeias de Salukunga se despiram de gente, se escondendo até o próprio chefe inválido nas mais densas florestas do território, com o segredo do novo aço. Podia Tchinguri invadir as terras antes de atacar Mussumba. Mas agora os mundos diziam essa precaução fora inútil, pois os atacantes avançavam directamente das terras de Chinyama, sem se preocuparem com o território da linhagem inimiga. O sanguinário tinha pressa de tomar o lukano, assim falavam os mundos, pois quase corria para a capital, vindo do Sul, tendo também poupado a antiga Mussumba, hoje um local sem interesse nenhum. Chegariam por volta do meio-dia à vista da cidade.

Logo depois, os batedores espalhados pela região começaram a afluir com os detalhes da aproximação. O exército de Tchinguri era uma mancha negra que alastrava pelas chanas do Sul, milhões e milhões de kissondes em progressão para Mussumba. O pó levantado pelos pés formava nuvens vermelhamarelas que se confundiam com as rubras plumas de guerra dos soldados.

Lueji se vestiu com as cores da guerra, pintou o tronco e a cara com pemba, substituiu o diadema de cobre pela sala de plumas vermelhas, se armou da azagaia e escudo oferecidos por Ndumba ua Tembo, do punhal luba oferecido por Ilunga e do grande mucuali de novo aço. Deixou o espanta-moscas e a machadinha de comando, eram símbolos a mais e que só atrapalhavam em combate. Chamou Majinga e foi com ele se recolher na futura anza, atrás da onganda real, onde estavam as mahambas dos antepassados. Muito tempo lá ficou, fazendo preces e conversando com o espírito de Kondi e dos outros ancestrais, enquanto o próprio Majinga tocava ritimicamente o ngoma sagrado, invocando as boas graças dos interlocutores da rainha. Acenderam uma fogueira, de forma que o fumo se dirigisse para as mahambas e as envolvesse, enquanto ela falava e cuspiam água para os quatro cantos, dêem-me força para a minha voz não tremer antes que trema o meu braço, oh espíritos de Tchyanza Ngombe, a grande serpente que nos criou, a mãe Nhaweji, oh espíritos de Namutu e Samutu, os esposos gémeos pais do primeiro casal, de Muako e Kaweji, todos vós que das mulembas me observam, não sejam indiferentes à sorte da Lunda, pois para quê então a criaram se foi para a deixar perecer,

ponham na minha voz o timbre certo da força e da arrogância, de modo a convencer Tchinguri que Mussumba é invencível, ponham nos meus olhos o desprezo pelos inimigos para que estes se acovardem antes de o meu braço erguer o mucuali de guerra, pois esse gesto provocará a futura fraqueza da Lunda, ajudem-me a respeitar a promessa feita a Kondi de passar o lukano a meu filho, seu neto, e a mais ninguém. E mais uma vez cuspiu para os quatro cantos a água que bebia da cabacinha ritual segura por Majinga.

Terminado o rito, regressaram à onganda e Lueji mandou Kakongo, o chefe do protocolo, convocar Ilunga e os principais elementos do seu séquito. E que viessem vestidos de guerra.

Foi a ocasião aproveitada por Nayole para, pela última vez, tentar convencer a filha a não casar com o Iuba. Se aproximou devagarinho-vagarinho, Ihe acariciou os ombros nus, falando docemente em tom de lamento:

– A minha filha pensa que salva a Lunda, casando com um caçador. Nem Kandala a convenceu, nem a sua morte. E a minha filha sabe o que espera a mulher dum caçador, mesmo sendo rainha. Se vai tornar a Na Caianga de Ilunga e por isso terá de receber os remédios próprios de Na Caianga. E será sempre a responsável pela falta de pontaria do marido. Se o caçador falha a flecha, é porque Na Caianga perturbou a paz conjugal. Ou sorriu para um rapaz ou dançou com ele na ausência do esposo. E se o marido volta a falhar, é porque Na Caianga cometeu crime. O caçador Ihe amarra as mãos, Ihe bate, obriga a confessar a verdade e a mentira. A culpa só pode ser dela, como não vai confessar? E é escorraçada de casa, porque adúltera. A minha filha não liga a essas ameaças, quer ser uma Na Caianga. E dum tchibinda, ainda por cima. Que tormentos pode ele imaginar que nós nem conhecemos? Outras gentes, outros costumes, ainda piores certamente.

Lueji ouviu tudo, sorrindo. Conhecia as tradições da caça. Se virou para a mãe:

– Se para salvar a Lunda, me tenho de tornar numa Na Caianga, então não vale a pena? E as coisas são diferentes, se se trata duma rainha.

– Não sei, não sei. Esses kandakas têm hábitos tão estranhos...

– Não se preocupe, mãe, vou ser muito feliz. Todos nós.

Nayole abanou a cabeça, ia falar mais para quê? Teimosa como Tchinguri. Do encontro daqueles dois teimosos podia sair alguma coisa boa? Só mesmo Lueji que acreditava. Ficou acariciando os ombros da filha, admirando como ficava bonita, vestida de guerra. E o coração apertava, apertava.

Quando, ao meio-dia, a primeira mancha do exército inimigo já podia ser adivinhada da paliçada pela poeira vermelhamarela flutuando no horizonte, e quando já a rainha tinha conferenciado a sós com o grande príncipe luba, o séquito saiu com toda a pompa da onganda. À frente, vinte soldados da guarda real, pintados do vermelho de tacula e do branco da pemba sobre o negro oleado do corpo, orgulhosos das novas armas que levavam, seguidos por Kakongo, apenas pintado de pemba como convinha a um mensageiro de paz, levando peles de onça onde a rainha iria sentar. Depois o palanque de Lueji, carregado por doze homens também pintados de branco, onde se sentava hirtamente a soberana empunhando a azagaia e o escudo, mais bela que nunca, pensou num relance Mai, já saudoso dela por Ilunga lhe ter confidenciado o projecto de casamento. Nayole e as amilombes, ajoelhadas no pátio da onganda, batiam palmas rituais e rezavam, que os espíritos te favoreçam, apesar de Nayole ser obrigada a engolir lágrimas e tremores para parecer confiante, nunca a mãe pode aparentar temer pela sorte dum guerreiro caminhando para a batalha, isso é chamar sobre o filho as forças malignas que se agitam mais que nunca nesses momentos. Depois vinha Kumbana e ao lado dele o Tchibinda Ilunga, alto e impassível nas suas peles de guerra, no seu arco longo e nas pontas brilhantes das flechas, à cinta um mucuali cujo punho era revestido dum pedaço de pele de onça, seguido por Mai e o Muadi Muixi, o nobre cozinheiro, e Mukanda Kambaje, o portador das restantes armas do chefe. Para fechar o cortejo, dez soldados lubas e por fim quarenta guardas da rainha. Os outros comandantes lundas e lubas já se encontravam na paliçada, observando a aproximação do inimigo.

O povo se aglomerou na rua principal de Mussumba, para aplaudir a soberana, lhe desejar boa sorte e que os espíritos propiciem a vitória sem guerra, ou então uma batalha curta e fulminante, em que

ninguém acreditava pelos mujimbos vindos da paliçada, mas que era preciso pedir e esperar, apesar de tudo. Os Tubungo já velhos e que por isso se não enquadravam no exército, se misturavam com o povo ao longo da rua, para aclamar e rezar com ele. Mulaji também abandonou as armadilhas do Kalanhi, em dia de guerra ninguém pesca, chamado pelos filhos com a notícia da chegada de Tchinguri. Ainda tinha uma nassa na mão, quando o séquito passou por ele. Olhou a rainha e esta o viu. Foi um olhar imperceptível, um bater de pálpebras apenas, mas os dois sabiam, cada um lembrou a última conversa no rio. E sem pensar, pela primeira vez na vida, Mulaji gritou viva Lueji, a grande rainha da Lunda. Ela ouviu o grito já nas suas costas, adivinhou de quem partiu e um ténue sorriso cortou pela única vez a rigidez do seu rosto.

O séquito chegou à paliçada no exacto momento em que a guarda avançada de Tchinguri parava a quinhentos metros, enquanto o grosso do exército continuava a avançar, preenchendo a floresta logo atrás da chana de acesso a Mussumba. Lueji mandou baixar o palanque, falou com Kakongo, sem se levantar. Este ouviu a fala dela, consentiu com a cabeça, entregou as peles ao seu ajudante e mandou abrir o portão da paliçada. Saiu dela, acompanhado por dois soldados, passou pelo estreito carreiro entre os fossos camuflados, e se dirigiu para o exército atacante.

– Que vai ele fazer? – perguntou Kandumba.

– Lueji quer falar com Tchinguri – respondeu Kumbana.

– Ainda?

A rainha subiu para o muro de terra, logo seguida pelos dignitários lubas. E viu então o exército do irmão.

A guarda avançada formava em linha, ocupando quase toda a extensão à frente da paliçada. O resto ficava atrás, agora praticamente invisível pelas árvores à sombra das quais parara. Para trás ainda, revolteavam colunas de pó, talvez provocadas pelas mulheres e carregadores e crianças, que acompanhavam os soldados. Quinze mil, vinte mil pessoas ao todo? Difícil de calcular. Mas pelas nuvens de poeira que davam uma cor irrereal ao céu azul, não podia ser muito longe disso.

Lueji viu Kakongo avançar para o inimigo, três pontos negros no meio da chana, cada vez mais pontozinhos, até se dissolverem na

linha negra da guarda avançada de Tchinguri. Ouviu então os ngomas de guerra do adversário, cujo som começou a chegar por uma mudança do vento. Esperou enquanto, pouco a pouco, a poeira lá por trás do exército de Tchinguri começava a ser menos espessa. Muito tempo depois, de novo se destacaram da massa da vanguarda os três pontos negros que se foram avolumando, avolumando, até se poder distinguir, do alto da paliçada, a figura de Kakongo. O exército inimigo não mexia, embora os ngomas continuassem a rufar. Kakongo entrou na paliçada, se dirigiu a Lueji, Tchinguri está de acordo em falar agora contigo.

Ela deu ordens rápidas a Kumbana e este as transmitiu ao grupo do leão. A rainha voltou para a liteira e o séquito começou a sair de Mussumba, com os mesmos nobres mas os soldados substituídos pelo grupo do leão, ostentando os longos arcos. O cortejo se dirigiu para um muxito, à direita da paliçada, perto do rio Cajidixi e a meio caminho entre Mussumba e o exército inimigo.

– É uma loucura – disse Kandumba para Kamexi. – Manda preparar a guarda real para sair em socorro de Lueji, ao primeiro sinal de perigo.

– Deixa – disse Kamexi. – Lueji sabe o que faz.

Kandumba agitou fortemente a cabeça, fazendo abanar as plumas vermelhas, furioso por não estar ao corrente do que se tramava.

– E o luba vai com ela!

Kamexi olhou para o seu parente e superior, estranhando o ódio que vazava da fala dele. Mas nada disse. Ficou olhando o séquito que se aproximava da matita, ao mesmo tempo que se destacava um grupo da linha avançada do inimigo, também caminhando para o local de encontro. Pouco depois notou alguém sentado numa liteira. Era Tchinguri, só podia ser.

Ndumba ua Tembo, na paliçada, estremeceu ao reconhecer a magra figura do adversário de sempre. Lá vão eles consumir a traição, vão combinar o casamento e depois abrir as portas de Mussumba ao exército invasor. E esse povo de covardes vai aplaudir, porque assim se evita a guerra. Posso suportar isto? Mas Ndumba não encontrava maneira de o evitar. Os seus homens tinham sido trucidados, não tinha força para dominar rapidamente os comandantes de Lueji e incitar os soldados à resistência. Era isso o

que devia fazer. Quando os dois irmãos terminassem a conspiração, tinham os portões fechados e todos preparados para os repelir. Mas sabia não tinha força. Loucura do desespero. Nem sequer seria capaz de prender Kandumba e Kamexi, quanto mais enfrentar o exército de Tchinguri... Ficou só olhando o homem magro e nervoso, sentado na liteira que se aproximava do muxito. Engolindo pressentimentos e rancores.

Lueji chegou primeiro ao muxito. Viu o irmão atravessar a chana, acompanhado de cinquenta homens armados. Fez sinal a Kakongo e este estendeu no chão as peles de onça. uma onde ela sentaria e a outra para Tchinguri. A rainha saiu da liteira e sentou na pele, hirta, o escudo no braço esquerdo e a mão direita segurando a azagaia. Os membros da comitiva formaram um semicírculo a vinte passos dela, os arqueiros com as flechas nos arcos, mas sem as apontar para o inimigo. O séquito de Tchinguri parou a igual distância e o filho de Kondi saiu da liteira e se encaminhou para ela.

Tchinguri baixou apenas ligeiramente a cabeça num cumprimento e Lueji fez um gesto para ele se sentar. Obedeceu, mas disse logo, apontando os arqueiros:

– Se vamos conversar, os teus homens não precisam estar tão nervosos.

Ela percebeu a ironia das palavras e respondeu no mesmo tom:

– Não penses que têm medo. Sabem que as nossas armas são superiores às tuas. Já notaste? Não ouviste falar disso?

Tchinguri olhou longamente os arcos, as flechas, os mucuali à cinta, as pessoas desconhecidas que estavam no meio e com aspecto estranho. Falou gravemente, sem ironia alguma:

– Nas terras de Chinyama ouvi falar qualquer coisa. Muito vaga. Sempre é verdade que pediste auxílio aos lubas?

– É. E nos ensinaram a fazer armas muito mais potentes. Queres uma demonstração?

Tchinguri não aguentava mais estar sentado. Mas sabia, um gesto demasiado brusco podia provocar o começo da batalha antes do tempo. E era ele quem devia escolher o momento do ataque. Por isso conteve o ímpeto, coçou uma perna, e permaneceu sentado. Disse em tom escarninho:

– E pensas que é com isso que me vences, maninha? Meia dúzia de homens bem armados não vencem um exército como o meu.

– Os teus informadores falharam, Tchinguri. Então não te disseram o tamanho do meu exército e a quantidade de lubas que chegou faz pouco tempo à Lunda?

Era preciso manter esse tom, pensou Lueji. De soberano desprezo. Apesar da comoção de ver o irmão depois de tanto tempo, como estava magro com tantas andanças e combates, e apesar de conhecer perfeitamente a força de ambos. Tchinguri estava realmente admirado com a segurança dela e não respondeu directamente. Depois de uma hesitação, em que procurava ler nos olhos dela, propôs:

– Sabes não sou capaz de falar sentado muito tempo. Mas se me levanto, os teus homens vão pensar que tento te matar. E sabes que isso nunca acontecerá, nunca, em nenhuma circunstância. Vê, só trouxe um punhal. Entrego-te. Mas manda os teus homens mais para trás, os meus também recuam. E diz-lhes que se me levantar e mexer os braços, isso não quer dizer que te vou atacar. E tirem as flechas dos arcos.

– Ah bom, os novos arcos sempre te impressionaram! Atravessam o teu escudo a mais de cem passos, se quiseres podemos experimentar. E os nossos mucuali, se chocarem com os teus, cortam-nos ao meio. Não acreditas? Posso provar-te.

Tchinguri coçou a outra perna, se mexeu. Disse entre dentes:

– Manda masé os teus homens recuar.

A estratégia estava a dar resultado, Tchinguri parecia muito menos arrogante que no princípio. Lueji levantou o braço e Kumbana se aproximou. Tchinguri repetiu o gesto dela e também o gigante Kandama se chegou a ele. Os dois explicaram as ordens aos comandantes, Tchinguri nervoso, Lueji sorrindo. Esperaram que as ordens fossem cumpridas. Os dois séquitos se afastaram mais uns trinta passos, lentamente. Tchinguri pegou no punhal e o atirou para a pele de onça onde a irmã estava sentada. Se levantou, aliviado, mostrando aos homens de Lueji o corpo quase nu, totalmente desarmado. Os arqueiros riram e retiraram as flechas dos arcos. Tinham percebido o receio do inimigo sanguinário e se sentiram

invencíveis. De repente, a tensão desapareceu. Tchinguri voltou a sentar.

– Vamos então falar – disse ele. – Tu é que pediste este encontro.

– Como te dizia, gostava de fazer uma demonstração da superioridade das minhas armas.

– Para quê? Podem ser melhores, admito. Mas são só essas. Não chegam.

– Ai é? Porque não mandas Kandama a Mussumba para ver todos os meus homens com armas iguais? Manda-o, nada lhe acontecerá.

Tchinguri não respondeu. Sabia, a conversa não estava a caminhar nada bem, ela tinha a iniciativa. Esperara encontrá-la assustada, pedindo para não atacar Mussumba, procurando apenas um compromisso honroso. Foi o que pensou quando Kakongo pediu o encontro. No caminho fez cálculos, pensando nas exigências a impor. E estava disposto a ser até generoso. Afinal...

– Estamos só a perder tempo. É isso que queres, ganhar tempo? Não vejo o interesse... Qual é a tua proposta?

– Já te disse. Enquanto Kandama vai ver as armas que os meus homens mostrarão da paliçada, eu aqui parto o teu mucuali com o meu. E aquele alto e escuro, ali, vês? – Apontou para Ilunga. – É um príncipe luba, o herdeiro do trono deles e grande caçador. Mata elefantes sozinho com o seu arco. E sem usar flechas envenenadas. Ele vai atravessar um dos teus escudos a cem passos, à primeira flechada.

– Maninha, deixa disso. Vamos falar a sério.

– Estou a falar a sério. Pede um mucuali aí aos teus homens. Anda, se não acreditas.

E Lueji se levantou, tirando o longo facão da bainha. Brilhou e Tchinguri olhou-o, fascinado. Gritou para trás, começando a acreditar no que ela dizia. Logo lhe trouxeram um mucuali. Lueji levantou embora o braço esquerdo, por forma a todos saberem que era um gesto de paz e ninguém devia interferir.

– Queres bater tu no meu ou o contrário? – perguntou.

Tchinguri fez um esforço para sorrir, parecendo não dar muita importância à jactância da irmã. Estendeu o seu facão.

– Bate tu, para os teus homens se não assustarem muito. A rainha reuniu todas as forças num golpe fulminante. O irmão ficou com

metade do mucuali na mão. Dos dois campos partiram as exclamações. Às espantadas e temerosas dos homens de Tchinguri, se sobrepunham os ohs de contentamento dos soldados de Lueji. A rainha não deu tempo a que os adversários se recompusessem e gritou, chamando Ilunga, o qual se aprestou a aproximar.

– Te apresento o Tchibinda Ilunga, irmão e herdeiro de Luevu, o rei da Luba.

Ilunga fez uma vénia com a cabeça, cumprimentando. Tchinguri apenas olhou o luba com um rictus de desprezo e raiva, do muito ódio acumulado em anos.

– Manda os teus homens porem um escudo naquele grupo de árvores, Tchinguri. Anda, estamos a perder tempo.

Contrafeito, o irmão transmitiu a ordem para trás e logo dois soldados foram a correr para o grupo de árvores e aí colocaram o escudo. Ilunga pôs uma flecha no arco, retesou-o e deixou-a seguir o seu destino. Ela zumbiu e atravessou o escudo, perante as exclamações de todos os presentes. Ilunga se inclinou, ironicamente, para Tchinguri e depois perguntou, é tudo, rainha? Ela fez que sim e ele retirou para junto dos outros. Tchinguri voltou a sentar.

– Agora manda Kandama ver se estas são as únicas armas que tenho. Kumbana vai com ele dar as ordens.

– Não, é inútil. Mesmo que todos os teus homens tenham essas armas, elas vão acabar por ficar para mim. Não podes ter juntado mais de mil soldados. E com pouco treino. Escusas de mentir, não podes ter mais que isso. E o grupo dos lubas foi visto antes, é um pequeno grupo. Não podem resistir aos meus dez mil.

Ele exagerava certamente o número dos seus, mas cinco mil seriam. Não iam agora discutir as forças dum e doutro, pensou Lueji. O que lhe interessava estava feito.

– De qualquer modo, tomar Mussumba, se o conseguires, não será fácil. Muita gente morre.

– Se os teus homens forem tão corajosos como tu, Lueji. Mas não são. Não vai ser fácil, não. Essa paliçada é alta. Mas tem de ser tomada e será.

– Muita gente vai morrer.

– Não fui eu que o quis. Pelo contrário. Mas aconteça o que acontecer, tu tens a vida salva, te prometo.

– Não penso na minha vida. Só quero que retires com os teus homens e deixes que eu governe a Lunda. Tudo o que fizeste será esquecido se voltares para o Luengue.

Tchinguri deu um salto e ficou de pé, rindo às gargalhadas. Os homens dos dois lados ouviram as gargalhadas e se olharam, atónitos, mas aqueles dois se encontraram para discutir a guerra ou quê? Ele acabou por ficar sério e um brilho mau apareceu nos seus olhos. Voltou a sentar.

– Agora que tenho a vingança na minha mão é que vou recuar? Ali estão os meus inimigos – apontou para a paliçada. – Não és tu, nunca foste tu. Eles estão lá, a tremer atrás daqueles altos paus, a rezar para que me convenças. E engraçado, não trouxeste nenhum contigo. Tiveram medo de me ver de perto?

– Aqueles que chamas os teus inimigos hoje não representam nada. Eu e só eu governo a Lunda. Com esses que vieram comigo, os meus homens.

– Os lubas também?

– Oh, esses são aliados.

– Muito mal estás tu, que precisas de tais aliados...

Lueji não respondeu. Respirou fundo. Chegara o momento. Até aí não fora muito mal. Sabia à partida que a demonstração das armas não chegaria para o convencer, embora o abalasse. Ia lançar o seu trunfo mais poderoso. Depois desse, nada mais teria para discutir. Olhou o irmão e notou na cara dele um cansaço profundo, seria uma certa apatia? A campanha, o ódio dos Tubungo, a traição de Chinyama como só podia considerar, o que quer que fosse, mas algo havia que o fazia parecer menos crente em si próprio, menos voluntarioso. A vitória era mais difícil do que pensara, era isso? Algo havia, algo havia. Mas ela tinha de lançar a estocada definitiva. Se falhasse, era o fim da Lunda.

– Os lubas são aliados fortes e leais. Acabo de fazer uma aliança indestrutível com eles.

– Que aliança podes fazer com os inimigos da Lunda?

– Já não são inimigos da Lunda. A minha aliança é com o trono da Luba. Vou casar com Ilunga, o herdeiro.

– O quê?

De novo Tchinguri saltou. Agitou os braços, pisou a pele de onça com os pés, resmungando e cuspiendo para o chão. Agora os homens dos dois lados viram, a discussão estava séria, não havia mais gargalhadas. Lueji aparentava serenidade, bem conhecia aquelas crises de furor.

– A partir de agora, quem me ataca ataca o trono da Luba. Tu percebeste muito bem.

– Como podes fazer isso? Casar com um luba? Todos os espíritos dos antepassados se revolvem nos ares.

– Agora te preocupas com os espíritos dos antepassados? Se te interessa, eles foram consultados e estão de acordo.

– Claro, o Kandala...

– Não foi Kandala. Está morto.

Era uma outra novidade e Tchinguri ficou quieto, de pé mas quase agachado sobre as duas pernas, pensando muito rápido, que significado podia ter a morte de Kandala e como podia beneficiar disso. Nada lhe ocorreu e Lueji aproveitou a surpresa para acrescentar:

– Saíram ontem emissários para a Luba. Eles têm um grande exército e armado com bom aço. Dentro de pouco tempo esse exército estará aqui, se tu tomares Mussumba. Nessa altura estarás tão fraco, que qualquer grupo de caçadores lubas te arrasa.

– Tu fizeste isso, Lueji? Tu pudeste fazer isso?

– A isso me obrigaste, Tchinguri.

– Esta guerra nunca foi contra ti.

Tchinguri voltou a se sentar. Lueji olhou-o de frente, mas ele desviou a vista, a tentar esconder a perturbação. É, perdeu o ímpeto, pensou ela. Meu pobre irmão, por esta mentira não contavas. Mas como pode ele saber que é uma mentira e que Luevu nunca correria a socorrer Ilunga?

– Qualquer guerra na Lunda é contra o rei. E não permitiste que se cumprisse a minha ordem de castigar os Mataba, desfizeste o meu exército, escarneceste da minha autoridade. Isso tudo chega para justificar uma aliança com a Luba. Que te é fatal e tu bem sabes. Podes tomar Mussumba, não acredito mas suponhamos... Que será o teu exército depois disso? Pelo menos metade morrerá.

Precisarias de muito tempo para o refazer. E não tens esse tempo, Tchinguri. Perdeste.

– Tu não vais casar com esse kandaka...

De novo a chama nos olhos dele e de novo de pé, pisando com raiva a pele de onça. As palavras se embrulhavam na boca e conseguia de as articular. Lueji não esperou que lhe passasse o furor. Em miúda aprendera, só lhe ganhava se o afrontasse, se não lhe desse tempo.

– Já não me podes impedir. Num último gesto de amizade, quis te prevenir antes. Chinyama partiu e não pude avisá-lo. Mas também já seguiram emissários para lhe anunciar o meu casamento. É meu súbdito, para além de irmão.

A referência a Chinyama ainda o pôs mais furioso. Gaguejava, fazia um esforço sobre-humano para dizer alguma coisa, mas só os gestos eram eloquentes. E os olhos, cheios de raiva, injectados de sangue. Sentou, procurando se dominar. Mas logo a seguir se pôs de pé, começou a dar voltas rápidas entre o sítio dos seus homens e Lueji. Por fim parou, se virou para ela e proferiu:

– Não podes ser tu a fazer uma coisa dessas. Entregar a Lunda aos lubas...

E logo voltou a andar, incapaz de continuar a fala. A rainha elevou a voz para que ele ouvisse, mas não suficientemente para passar do círculo dos dois. Ninguém mais podia ouvir as suas palavras, estava atenta.

– Depende de ti, Tchinguri. Se houver guerra entre nós, qualquer que seja o vencedor, será dominado pelos lubas. Mas se não houver guerra, a Lunda estará de pé e eles não ousam nos dominar. Vai haver apenas uma aliança que reforça o trono da Lunda. Por isso te digo, volta para o Luengue. Governarás essa parte da Lunda até ao Cassai. Em nome da rainha da Lunda. Na prática será uma divisão temporária do poder. Os nossos filhos casam entre si e pronto, refaz-se a unidade da Lunda.

Durante a fala dela, ele tinha recuperado a respiração. Voltou a sentar, ouvindo sem a interromper. Ainda ficou calado algum tempo, meditando. Depois respondeu, estranhamente calmo, quase meigo.

– Maninha, isso não dá. Essas divisões temporárias acabam sempre por se eternizar, criar ódios. E os lubas aproveitam, já que

os instalas aqui. Se casássemos os dois, sim, tudo era ainda possível. Refazíamos tudo.

– Sabes que passou o tempo disso, Tchinguri. E já fiz a minha escolha.

Numa reviravolta de humor bem própria dele, Tchinguri bateu com a mão na perna e deu uma gargalhada.

– Ao menos não é com o peito-de-rola do Ndumba ua Tembo! Também, depois da tareia que lhe dei... E sabes? Não o persegui, deixei-o vivo, apenas por tua causa... É verdade. Já não me fazia mal e tu nunca o ias aceitar como marido, eu sabia. E a sua morte ia te causar pena...

Isso também era próprio do Tchinguri que ela conhecera, dissessem os Tubungo o contrário. Mas agora Ndumba estava longe das preocupações dela e por isso não lhe agradeceu a atenção.

– Mas casar com esse kandaka, Lueji! Francamente...

– É do interesse da Lunda eu casar com ele. Mas casaria na mesma, fosse apenas um pobre caçador. É o homem que quero. Compreendes isso?

– Não.

– Bem sei. Nayole também não compreende.

Tchinguri voltou a se erguer. Deu uns passinhos, matutou, mexeu os braços. Falou finalmente:

– E por causa desse... interesse, lhe entregas a Lunda. Porque os lubas vão escravizar os lundas.

– Não. Fizemos um pacto e ele cumpre. O meu filho reinará. Claro, se a Lunda não estiver enfraquecida por uma guerra entre nós os dois. Nesse caso, eles vão aproveitar. Mesmo que eu venha à frente do exército luba, como poderei impor a minha autoridade a Luevu e aos outros lubas? Ilunga não é um problema, ele não quer o poder daqui. Nem sei se aceitará reinar na Luba, quando Luevu morrer.

– Queres dizer que o futuro da Lunda depende de mim? Se eu retirar, a Lunda terá força de resistir ao poderio luba. Senão, eles tomam tudo. É isso?

– Exactamente.

– Esqueces uma coisa, maninha. Posso tomar Mussumba e depois resistir aos lubas. Terei todo o povo do meu lado contra os

estrangeiros.

– Não estou nada certa, o povo não te quer, ouviu muita coisa. E isso nem é o mais importante. Não terias exército para te opores aos lubas, isso é que ia contar nesse momento. Não tens tempo, Tchinguri.

– Tu chamas os futuros invasores e depois a responsabilidade é minha.

– Tu provocas esta guerra que destrói a Lunda.

– Não a quis.

– Mas começaste-a.

Tchinguri deu mais uns passos, mas devagar. Tinha passado a raiva, tentava raciocinar, uns passos para lá, uns para cá, a cabeça virada para o pouco capim do chão.

– Esse acordo que propões... Eu voltar ao Luengue e os nossos filhos casarem... Quem mais sabe disso?

– Ninguém. Absolutamente.

– Só podia dar certo com uma condição. Enquanto os Tubungo te envenenarem os ouvidos com as suas intrigas, o perigo de divisão definitiva da Lunda é real. Mas sem eles... Entrega-me os Tubungo, Lueji. Todos, o Kakele, o Kakolo, Sambunje, Moxico, todos... O Ndumba podes conservá-lo, sozinho não é perigoso, ainda mais sem as terras do Cassai. Entrega-me os meus inimigos e esse acordo é possível.

Foi a vez de Lueji reflectir. Nunca contara que ele aceitasse retirar para o Luengue tão facilmente. Mas, no fundo, ele estava a ser coerente. Não a considerava inimiga, só os Tubungo. E lhes cortaria a cabeça. A vingança o satisfaria.

– Sabes bem, Tchinguri, um soberano não deve trair a sua gente. E eles me são fiéis. Não os entrego à morte.

– Mas eles também são teus inimigos.

– Não são. E já não me fazem sombra, estão enfraquecidos. Essa traição ia impedir-me de reinar. Quem mais ia ter confiança em mim? Retira para o Luengue, mas sem eles.

Tchinguri voltou a sentar. Já não estava nervoso, não se lhe enrolavam as palavras. Fitou a irmã nos olhos e ela neles leu um grande e disfarçado carinho. E tristeza. E cansaço. Sim, Tchinguri estava mortalmente cansado. Essa ideia a perturbou, nunca o tinha

visto tão abatido. Já estava antes de começarem a conversa, mas agora não conseguia ocultar. Porquê? Porque lhe custava avançar contra a Mussumba onde ela se encontrava? Porque deixara de acreditar no que sonhara até aí e nunca podia ser soberano das terras todas do Kalanhi até ao mais longe dos ocidentes?

– Lembras, Tchinguri, das nossas conversas sobre o que existe para lá do Cassai? O nosso irmão vai a caminho.

Ele desta vez não se zangou pela recordação de Chinyama. Apenas abanou a cabeça. Ela continuou:

– E tínhamos imaginado as terras que íamos ver, quando fôssemos grandes e tu poderoso...

Ele concordou de novo com a cabeça. Bateu tristemente com as duas mãos nos joelhos, se pôs de pé.

– Amanhã tens a minha resposta. Esta noite podes dormir tranquila, não decido nada antes da madrugada.

Olhou pela última vez a irmã, deu meia volta e caminhou para os seus homens. Recusou a liteira que lhe ofereciam, continuou a caminhar até onde estava o seu exército. Lueji permaneceu sentada, vendo as costas dele se afastar, se afastar, até desaparecerem, tapadas pelas dos soldados. Estes acabaram por atravessar a chana, se misturaram com a linha avançada.

– Porque não vem a rainha? – perguntou Kumbana, fazendo menção de ir ter com ela.

– Deixa-a – disse Ilunga, lhe travando com a mão.

E ficaram todos a observar a rainha, sentada de costas para eles, a vista fixa na linha escura da guarda avançada que agora se desfazia, recuando, perdida nas lembranças da sua meninice, toda passada à beira dum lago onde rosas de porcelana se casavam com papiros e fetos e begónias e onde fora feliz, única e despreocupadamente feliz.

Despertou finalmente e viu o punhal esquecido de Tchinguri. Pegou nele, se levantou a custo, também mortalmente cansada, desdenhou o palanque que lhe apresentavam e avançou a pé para Mussumba. Entrou nela, segurando o punhal do irmão.

– Então? – perguntou Kumbana, já dentro da paliçada.

Os outros muatas rodeavam-na, ansiosos por notícias. Ela sentou na liteira, olhou Ilunga, olhou Kumbana, Mai, Kamexi, e depois

proferiu fracamente:

– Há trégua até à madrugada. Agora vou descansar.

E deu a ordem de avançar para a onganda. O povo não arredara pé das ruas, à espera das notícias e todos miravam a soberana em silêncio, tentando adivinhar no seu rosto se tivera sucesso ou se deviam começar antecipadamente a xinguilar os mortos que ia haver. Mas era de mármore negro o rosto dela. E nem notou a figura de Mulaji, encostado ao tronco duma palmeira. Lueji pensava apenas em ir colher rosas de porcelana com llunga ao seu lago. Quando?

Se fechou com Nayole no quarto, pediu à mãe para lhe cafunar o cabelo e falou e chorou, até que adormeceu, o mesmo não acontecendo com Lu pois havia apenas um ponto a estragar tanta felicidade. Esse ponto era Uli e a sua teimosia em não participar do bailado.

Todos os membros do grupo tinham falado com ele, para o convencer. Até o médico Timóteo, seu melhor amigo, fora chamado para apoiar. Só mesmo Lu não falou com ele. Todos eram unânimes, ela podia demover as razões dele, se é que existiam. Ela também sentia devia tentar. Mas como? Mabiala propusera tratamento de choque, atacar a onça pela frente, não o deixar esquivar com um bote de lado. Podia? Poder, podia. Agarrá-lo num canto, empurrá-lo contra a parede e lhe despir as calças. No fundo, não era isso os dois queriam? Quanto mais rápido melhor. Mas Lu sabia, isso ela nunca ia fazer. Por respeito. Por tantos anos de respeito.

Tinha de pôr as cartas na mesa, falar com ele francamente, Uli era um bailarino antes de tudo. Ser médico era um objectivo, para isso foi preparado pelo seu meio familiar, ricos mas com pouca cultura. Um curso superior era importante para consagrar um estatuto obtido pelas candongas. Para o legitimar. Mas Uli não precisava, tinha a sua legitimidade pela arte. E gostava de dançar. Podia renunciar a entrar nessa peça, renunciar ao sonho, apenas por causa de Lu? Uma boa conversa franca talvez resolvesse, todo o grupo pensava assim. E quando um grupo inteiro tem a mesma opinião, a razão deve estar do seu lado. Nessa altura eu também estava ao corrente do problema e aconselhei a bailarina no mesmo sentido, um escritor

é sempre ouvido, tem fama de bom conselheiro. Devo ter sido o elemento decisivo, modéstia à parte.

Iam começar os ensaios e ela precisava descansar ao máximo para poder resistir. Mas o sono não vinha. Nunca viria, enquanto não resolvesse o problema número um do grupo. Era possível substituir Uli, adaptando a coreografia. Mas sem ele nunca seria a mesma coisa. E a magia se perdia, pois cada passo dela era pensado em função dele. Ou então a dança era maquinal, sem interesse. Se estivesse numa situação como a dela, que faria a centavó? Oh, essa tinha outros recursos, embora nem sempre conseguisse convencer as pessoas, também ela. Mas tentava, não fugia aos problemas por vergonhas ou medos infundados. Era vergonha ou medo? Lu não sabia, só que ia ser muito difícil falar com Uli. Não tinha saída, haveria de o fazer. E no momento ia se socorrer da lembrança da centavó, para encontrar os argumentos. Sim, Lueji podia ajudar, bastava recordar como ela enfrentou toda a gente para casar com Ilunga. Foi já no fim da tarde. A rainha convocou o Conselho dos Tubungo para o tchota real. E mandou chamar também Ilunga e Mai. Todos compareceram rapidamente, ávidos em saber em que pé estavam as coisas. Certamente ela ia explicar a conversa secreta com Tchinguri, que nenhum soldado ou muata pudera seguir e por isso nenhum mujimbo transpirava, para grande angústia de todos. Apenas que havia trégua até de madrugada.

Quando Lueji chegou, já a sala estava lotada, todos olhando surpresos para os dois príncipes lubas, direitos e impenetráveis. Comentários eram segredados, a que é devida a presença dos dois kandaka, que se passou no muxito?

A rainha começou por dizer que a partir de agora, os dois lubas faziam parte do Conselho, sem dar razões, o que imediatamente levantou zumbidos incomodados entre os Tubungo, mais uma entorse inédita na tradição, nunca na memória de gente se tinha conhecimento de um kandaka fazer parte do Conselho supremo da Lunda. Mas o momento era de expectativa e angústia, o zumbido logo acalmou para se poder ouvir as revelações da soberana. Esta explicou a conversa com o irmão muito resumidamente e a primeira parte todos entenderam mais ou menos que condizia com o que já

era público, a demonstração da força das novas armas. Depois Lueji chegou à parte mais importante e marcou uma pausa de hesitação. Deixou de narrar a conversa e falou directamente, agora quero apresentar ao Conselho o meu futuro marido, o Tchibinda Ilunga. O tecto de capim do tchota quase vinha abaixo com as exclamações dos Tubungo, apanhados de surpresa, mesmo os mais íntimos. Lueji não se preocupou em observar a reacção de Kakele ou Ndumba. de Kumbana ou Kakolo. A sua atenção estava fixada em Kandumba. Este, no entanto, não pestanejou. Deve ter sido o único que não comentou para o lado, que não lançou um haka de surpresa ou de despeito, que não mexeu um músculo. Os olhos permaneceram parados nela e notando talvez o seu receio. Ela fez um esforço para parecer natural, impôs silêncio e explicou o pacto feito com Ilunga. E depois resumiu o resto da discussão com Tchinguri, sem no entanto falar do medo em relação aos lubas, mas dando apenas os argumentos que apresentara ao irmão para o convencer que nunca podia tomar Mussumba ou que perderia o poder logo em seguida, pela intervenção armada dos lubas. À medida que uma ou outra razão era evocada, algumas poucas cabeças começaram a aprovar, passada a brutal surpresa do início. Lueji também informou que antes o ngombo de Kandala, agora manipulado por Majinga aqui presente, fora favorável ao casamento. Acrescentou a proposta de Tchinguri de lhe entregar os Tubungo para satisfazer a sua vingança e assim ele retiraria para o Luengue sem guerra. Recusei, porque não traio os meus súbditos tão leais e tudo isto é para defender as vossas vidas, sem no entanto falar da hipótese de partilha do poder nem do futuro casamento dos seus filhos. São muitas mentiras e a toda a gente, dum lado e doutro, mas só assim mantemos o lukano, justificou para si própria. Um dia contaria tudo a Ilunga. E terminou dizendo isto é uma decisão da rainha da Lunda para nos salvar e não é sequer para discutir. Considero todos os que falarem contra este casamento como adeptos indirectos de Tchinguri e a ele serão entregues, talvez acalmem a sua raiva. E despediu os Tubungo, ainda pasmados e extremamente chocados com a dureza final.

Depois chamou Kumbana e Kandumba à parte, mandando Kakongo fazer esperar Ilunga.

– Meus primos, espero compreendam o meu gesto. É o único que pode salvar a Lunda. Tive de decidir em segredo, para surpreender o meu irmão. E pelo menos uma trégua já ganhámos. Agora, vocês são responsáveis pela vida de Ilunga.

– Nós, rainha? – disse Kumbana.

– Sim, têm de o proteger. Há Tubungo que não aceitarão nunca. Um kandaka casar com a rainha é demais para as cabeças deles... Se algo acontece a Ilunga, vou vos culpar a vocês, apesar de serem os meus mais leais amigos.

Os dois baixaram as cabeças. Lueji fitava particularmente Kandumba. mas este não reagiu. Seriam infundados os seus receios? Ou a lealdade dele era superior ao seu despeito? A rainha despediu-os e chamou Ilunga. Disse:

– Esta noite vais dormir na minha cama. Já não temos que esconder nada e é mais seguro para ti.

E partiram os dois para a onganda real.

É claro que os Tubungo foram comentar a novidade em tudo que era canto. A ameaça da rainha não tinha força suficiente para cobrir a sua ânsia pelo mujimbo. E quase instantaneamente, toda a Mussumba soube que a rainha ia casar com o caçador luba e que esse fora o argumento final contra Tchinguri. As opiniões se dividiam, havia os raivosos que consideravam irreparável vergonha uma princesa lunda se sujar com um luba, outros profetizavam a perda da independência do reino, mesmo se Tchinguri fosse derrotado, outros falavam apenas da tradição que nunca tal vira, havia os descontentes porque os Tubungo nem foram convidados a opinar, no tempo de Kondi uma decisão destas nunca seria possível sem a autorização do Conselho, os mais moderados no entanto diziam no fundo talvez tudo corresse bem e tinha sido uma decisão corajosa e oportuna, e a rainha se recusou a nos trair para satisfazer a vingança do sanguinário. O povo ouvia e ia para suas cubatas comentar baixinho. E nas cubatas havia mulheres tchokue e também homens luvale e rapazes de Mataba e dos Laza até, e nunca tinha constituído grande problema se casar com gente de outras tribos, claro que fazendo rituais especiais de purificação, senão os espíritos amaldiçoavam as uniões com povos inferiores, o que também não era propriamente o caso, ninguém podia

considerar um luba como inferior, olha só para as armas deles e o aço que fazem, e se era para evitar a batalha e que todos sejamos trucidados pelo sanguinário, haka, tudo vale a pena.

Naquela noite, só as crianças dormiram em Mussumba. Os adultos, aristocratas ou plebeus, ficaram à volta das fogueiras, cochichando ou polemizando, outras vezes mergulhados em profundos silêncios de como ia ser o dia seguinte. Apesar das novas armas, ninguém tinha muitas ilusões. Se Tchinguri não tomasse Mussumba, um cerco duma semana era suficiente para acabarem as reservas alimentares e os cereais do Kalanhi estavam no fim. Quem ia furar o bloqueio para os abastecer? Morrer da guerra ou da fome, tal era a alternativa. A aliança com a Luba era uma esperança vaga, seria preciso pelo menos um mês para ver o exército do Nordeste avançar sobre Mussumba. E mal sabiam eles que Lueji não pedira apoio ao trono luba, ninguém saíra da capital para ir anunciar a Luevu o casamento. Durante os preparativos de defesa e com a aparição das novas armas, as pessoas ganharam confiança, até exagerada, que venha Tchinguri para o destroçarmos. Mas todos tinham visto a poeira que o exército dele levantava, potência igual nunca houvera sobre a face da terra, e o pessimismo tomou o lugar da basófia. E à medida que os pensamentos se tornavam mais frios com o avançar da noite, as pessoas, aristocratas ou plebeus, reconheciam a única hipótese de sobrevivência, a de Lueji ter convencido o irmão da inutilidade de tentar conquistar Mussumba. Involuntariamente, todos aqueles que se opunham ao casamento espúrio iam calando os argumentos, visionando nele a única salvação.

Mulaji não precisou pensar muito para chegar a essa conclusão. Ainda os filhos estavam acordados, quando a mulher lhe perguntou, assoprando para avivar o braseiro:

– Achas a rainha vai evitar a guerra?

– Não sei essas coisas. Pescar, sim, sei. Mas que ela tentou, isso tentou.

Ndumba ua Tembo, que chefiava o grupo de duzentos homens sobreviventes do Cassai, estava na paliçada, tentando ver algo mais que as centenas de fogueiras acesas pelos homens de Tchinguri e definhando à medida que a noite avançava. A floresta atrás da

chama de acesso brilhava de laranjas no negro da noite. Os ngomas se tinham calado desde a tarde, não havia barulhos de palmas ritimando danças, mas as chamas provocavam fantasmagorias de infernais batuques nas sombras das árvores. Ali estava o seu rival de criança, tornado inimigo mortal na idade adulta. Escapou chocar o seu facão contra o dele no Cassai. Amanhã acontecerá? Os dois quiseram Lueji, por isso se odiavam? Não, o ódio veio antes, muito antes. De qualquer modo, agora nenhum deles a teria. Aparecera o homem de fora, o presunçoso que ninguém podia ver comer. E que agora se aquecia no calor dela. Mas ainda nada estava perdido. Numa guerra todos podem morrer. Ou num feitiço bem preparado pelo muito ódio adivinhado ao Iuba. Se Ilunga morresse, Lueji hesitava em escolher Ndumba para marido? Ele não tinha dúvidas, apesar de tudo continuava o melhor partido. Se Tchinguri fosse vencido. Por isso na decepção encontrava forças surpreendentes para desejar com ardor a batalha de amanhã. Na cintura tinha um mucuali novo, que a rainha expressamente lhe mandara entregar. Isso não era prova de uma tentativa de bom relacionamento? E, devia esconder a raiva, se mostrar cordato para ela. Eram trunfos para o futuro.

Também na paliçada estava Kandumba. Não respondia às falas de Kumbana ou Kamexi, não questionava os homens. Tinha perdido a língua desde a reunião do Conselho? Kamexi julgava adivinhar a razão daquele raivoso silêncio. E o vigiava disfarçadamente, sem saber em quem confiar os seus temores. Para Kamexi só uma coisa era sagrada, Lueji. Foi sobretudo naquela viagem ao Kalanhi que melhor a conheceu e ousou sonhar com ela. Sabendo ser um sonho impossível. Não se desiluiu com a escolha do marido, até compreendeu as razões, para lá das de Estado. Então não tinha notado o fulgor nos olhos da rainha ao mirar Ilunga? Kandumba também notou e era isso que o assustava, porque quando Kandumba reparou, a vista se turvou de ódio. E Kandumba tinha muito poder sobre os soldados, lhe obedeciam cegamente. Mesmo contra a rainha da Lunda? De Kandumba diziam ser invencível na guerra por os seus feitiços serem poderosos, uanga de blindar o corpo, aprendidos nos que cobrem as partes com as peles das barrigas. Como Ilunga na caça. Feitiço de guerra ou feitiço de caça,

qual o mais forte? Kamexi pensava e se arrepiava, o universo estava cheio de forças ignoradas e potencialmente maléficas, se os ódios e as ambições as manipulassem. No meio de todas elas estava Lueji, tentando conciliar as forças da Natureza e as dos espíritos com o povo da Lunda. Como conseguia ela, aparentemente tão frágil, tão nova e ignorante ainda dos miasmas dos pântanos? E agora sem Kandala? Aquela morte era um mau augúrio, apesar de ninguém o querer mencionar. Avisava da desunião da linhagem, pelo ódio futuro de Kandumba? Se a linhagem se dividisse, tudo seria sem solução. Kamexi desconsequia mesmo de se imaginar vivendo com a linhagem dividida. O ninho de protecção e certezas desfeito, podia?

Kumbana, como comandante da guarda, o kanapumba, tinha escolhido o lado mais importante. Vigia os guardas que se encontravam ao longo do Cajidixi. O príncipe luba não dissera ser ali o ponto vital da defesa? A palavra de Ilunga agora era sagrada, pois ia ser o marido de Lueji. E Kumbana não confiava na promessa de Tchinguri de esperar até de madrugada. Bem podia o sanguinário tentar atravessar o Cajidixi, como previra o caçador luba, tentando numa operação de surpresa entrar em Mussumba, enquanto todos confiantes esperavam a alvorada. De Tchinguri tudo era de prever. E Kumbana percorria a margem do Cajidixi, encorajando os vigias colocados de vinte em vinte passos. Atrás deles se encontrava concentrado o grupo do elefante, pronto para intervir ao menor alerta. Andando dum lado para o outro, Kumbana não se interrogava sequer sobre o fundamento da decisão real. Sabia, isso provocava maka. Mas se ela o fez é porque era o melhor para todos. O chefe da guarda cumpre as ordens do rei, não lhe compete questioná-las. Se todos pensassem e discutissem antes de cumprir, então onde estava a disciplina? Por conseguinte, nem com Kandumba comentou a novidade. Nem o irmão disse nada, e ainda bem, pois revelava a que ponto colocava a disciplina. O kalala era o seu orgulho, pois a bem dizer foi Kumbana que o criou e lhe ensinou tudo.

Muambo mu Tutumbo, o Cruzeiro, tinha desaparecido lá para o Sul. As outras estrelas perdiam o brilho, menos Muiza, Vénus, que engordava com a luz delas todas.

Foi então que chegou Lueji à paliçada. Atrás vinha Ilunga e a sua guarda. Olharam as fogueiras que se extinguíam ao longe no acampamento adversário. Mal se notavam agora. Os homens não tinham frio e não as avivavam? Ou era já o Sol, a tingir de violeta-alaranjado as nuvens por cima da floresta, que embaciava a sua luz? Ninguém falava na paliçada. Se alguns estiveram durante a noite estremunhados, a presença da rainha os tinha despertado de vez. Todos olhavam a mancha que se ia recortando no fim da chana, onde os sanguinários deviam se espreguiçar para preparar o ataque. A todo o momento os ngomas iam soar e o barulho encheria Mussumba, pois o vento vinha do acampamento de Tchinguri e traria o som dos batuques e chocalhos. A ansiedade fazia crisar os dedos sobre os arcos e as azagaias. Os soldados queriam enfrentar as honras duma batalha, mas mesmo os mais experientes sentiam o bicho morder na barriga e o coração bater mais depressa.

E depois ouviram ténues ruídos longínquos, trazidos pelo vento. Não era o barulho dos ngomas, nem falas de gente acordando, nem ordens ciciadas. Ruído indefinível de mão a raspar em pele de tambor. Que seria? Os olhos se tornaram mais perfurantes e ardiam pelo esforço. Os ouvidos se abriam ao máximo até quase estalar os tímpanos. Os homens se olhavam na paliçada, fazendo gestos de incompreensão.

– Devem estar a rastejar pela chana – disse subitamente Kandumba. – Para chegarem de surpresa ao pé da paliçada.

Podia muito bem ser o ruído abafado de milhares de corpos roçando pelo capim. E deixaram de mirar a sombra da floresta para estudarem o negrume da chana mais próxima. Nada. E o ruído persistia. Mas, ou era ilusão ou era cada vez mais longínquo e vindo da direita, para lá do muxito onde Lueji e Tchinguri conferenciaram. Os nervos se contraíram até à exaustão dos músculos e apesar da madrugada fria, os corpos suavam.

De repente, a ténue claridade da alvorada rompeu a cortina de nuvens e a chana clareou um pouco. Se distinguia perfeitamente a floresta ao fundo. Os olhos percorreram toda a extensão ao longo da paliçada e não puderam ver nada. Mas ainda era muito escuro. E o ruído continuava, milhões de kissondes caminhando pelo capim. Nzambi, que se passa?, perguntou baixinho Lueji. Era um perigo

desconhecido, uma infernal manobra de Tchinguri? Os soldados se miravam, cada vez mais assustados. Que magia era aquela? De Tchinguri tudo se podia esperar, até que tornasse o exército invisível para penetrar em Mussumba pelos ares, como o chieye.

O dia clareou mais um pouco e já se podia ver a chana. Nada. Para a frente e para trás, para a direita e para a esquerda, os milhares de olhos da paliçada a percorriam. Na floresta também nada. Se volatilizou o exército inimigo? Se transformou em milhares de chieye? Os soldados estavam muito perto do pânico, quando bradou a voz juvenil de Mai:

– Olhem, lá ao fundo!

Iluminada pelo Sol nascente, se via ao longe, para a direita, uma espessa nuvem de pó violetavermelho. De lá vinha o ténue ruído. Parecia...

– Eles vão embora, eles vão embora – gritou Kamexi.

Ninguém quis acreditar. Ainda. Ficaram vigiando, arquejantes, tentando descortinar para lá das florestas o sentido do prodígio.

– Vão dar a volta para nos atacar por outro sítio – disse Kandumba. – Só pode ser.

– Não – disse Ilunga. – Estão a retirar.

Com efeito, a nuvem de poeira parecia se estender a direito para o Ocidente, na direcção da antiga Mussumba. Ou do Luengue. Momentos depois, com o céu mais claro, se pôde ver era uma linha para Ocidente, cujo princípio se perdia nas copas das árvores. Aí os soldados relaxaram. Os primeiros sorrisos surgiram.

Ainda era muito cedo para festejar e os comandantes seguraram os soldados na paliçada. Pisteiros foram mandados para confirmar se o recuo de Tchinguri era mesmo sério, se apenas um estratagema. E Mussumba viveu ambigualmente aquele dia, pois queriam parar tudo e dançar, mas, ao mesmo tempo, ansiavam por certezas. Ninguém fazia nada, apenas se olhava para o horizonte, com a angústia de ver de novo aparecer a nuvem de poeira. A morte de Kandala não era de bom augúrio, devia trazer inimigos em vez de os afastar. Não dava para estar confiante, apesar dos muquixis de Lueji se revelarem poderosos.

No fim do dia, os mondos e pisteiros confirmavam, Tchinguri chegara à antiga Mussumba e ia aí pernoitar. E pouco depois vinha um mujimbo das terras de Salukunga, um numeroso grupo de homens tinha ocupado de manhã os kimbo e fizera batidas nas matas. Tinham apanhado o ferreiro luba e dois ajudantes lundas e levaram-nos com eles. Tchinguri ia ter também o segredo do novo aço. Kimuanga escapara e vinha a caminho de Mussumba, onde ficaria mais protegido, pois era o único agora que sabia o segredo.

Lueji comentou o caso com Ilungua, é possível que Tchinguri tenha retirado para ganhar o tempo de fazer armas iguais às nossas. E depois volta para nos atacar com toda a força e resistir ao exército luba. No entanto, não sei, não precisava de ir para tão longe. Mantinha o cerco a Mussumba, aproveitava o ferro e as forjas já prontas do Kalanhi, fabricava as armas e depois atacava. Poupava tempo e canseiras e enfraquecia-nos com o cerco e a fome. Ilunga nada disse, ela é que conhecia o irmão.

Mas foi essa a versão que ganhou corpo no coração das pessoas. Então a morte do velho tahi não estava aí a falar, a falar? Foi apenas trégua duns dias, Tchinguri ia voltar com mais força ainda. E perderam logo a vontade de dançar. Os pensamentos se viravam para a rainha. Ela conseguira a trégua, só ela podia evitar a

carnificina. Muitos foram os muatas que no entardecer vieram à onganda pedir audiência. Mas Kakongo era intransigente. Lueji só recebia notícias de fora de Mussumba, as audiências estavam canceladas, um soberano também precisa de descansar. E os muatas voltavam para as casas deprimidos, sem terem recebido uma palavra de esperança.

A noite não teve batuke. Todos aproveitaram para dormir e os soldados se revezavam nas guardas. Tinha sido muita a tensão e o trabalho daqueles dias. Piores viriam, os maus presságios não falham nunca.

A meio do dia seguinte, chegou um emissário de Tchinguri e foi logo recebido na onganda. Se tratava nada mais nada menos que Nandonge, o amigo número um de Tchinguri. Logo os mujimbos rebentaram em Mussumba. Ainda ele não tinha dito a Lueji ao que vinha e já toda a gente tinha escutado pelo menos duas versões diferentes. Que vinha trazer as condições do sanguinário para a rendição da rainha. Que vinha pedir a paz a troco duma divisão do território. Que vinha anunciar a morte de Tchinguri, executado pelos seus comandantes, furiosos com o recuo. Que vinha anunciar o ataque amanhã de Mussumba. E naquele corre-corre desencontrado dos mujimbos, toda a gente acreditava no último e agradecia os espíritos ou se punha a xinguilar de desespero.

Nandonge falou em nome do seu chefe e amigo, rainha da Lunda, minha irmã, ouvi atentamente as tuas palavras e nelas reflecti durante toda a noite, e decidi retirar para fora da Lunda, não seguindo a trilha aberta pelo nosso irmão Chinyama, mas sempre a direito no caminho do Sol que morre, como um dia tínhamos sonhado fazer. Esta viagem longa seria alegre se feita contigo, mas assim não quis o destino e a perfídia dos teus conselheiros. Retiro pois para reinar além Cassai, como um verdadeiro lunda. Contigo aprendi muito e sobretudo que algumas tradições há que preservar, senão um homem se perde nas suas dúvidas e se consome em pequenas lutas sem significado. No Luengue vou libertar todos os homens que capturei e que não me queiram seguir. Levarei os que aceitarem me acompanhar e vou tratá-los como filhos, pois o Estado que constituir será um Estado lunda, como o teu. Comigo levo o segredo do novo aço, pois dele vou precisar para submeter os

povos inferiores que habitam naqueles territórios. Sempre que possível, mandarei emissários te informando das minhas desventuras e sucessos, para que a Lunda saiba que mesmo longe nela penso. Poderás assim resistir ao poderio luba e talvez um dia te ajude com novas forças, se a elas recorrerest. Desta maneira falou o teu irmão Tchinguri, por intermédio do meu amigo Nandonge, que peço deixes regressar até mim, trazendo a tua resposta.

Lüejí não escondeu as lágrimas a Nandonge. Lhe entregou o punhal que Tchinguri tinha esquecido sobre a pele de onça e um amuleto muito forte que lhe tinha vindo dos avós. Leva para o meu irmão como sinal de amizade. Come e descansa, Nandonge, e parte quando quiseres. Ele preferiu partir imediatamente.

O emissário saía de Mussumba e o povo corria à volta dele, para saber do mujimbo. Mas nada obteve. E a confusão reinava na cidade, com tanta notícia desencontrada. Kakongo foi informar Lueji do que passava e já um velho tinha morrido em plena praça, espumando pela boca, por não aguentar tamanha desorientação e angústia. Os Tubungo eram impedidos de entrar na onganda pelos guardas com as azagaias em riste, porque queriam forçar a vedação para dela obter uma resposta às muitas interrogações surgidas com a vinda de Nandonge e sobretudo com a sua muda partida.

– Manda tocar os ngomas, toda a gente para a praça grande. Vou explicar tudo no tetame.

E coisa inédita aconteceu naquele dia na Lunda. Pela primeira vez se via a rainha, de pé em cima da liteira suportada por dezasseis homens acima das suas cabeças, no meio da praça, cercada por todo o povo de Mussumba, gritando as novidades que sempre os Tubungo ouviam em primeira mão e depois se encarregavam de espalhar até aos mais humildes, mas desta vez o contacto era directo e nem os Tubungo repararam mais uma vez foram ultrapassados, mais uma tradição se rompia, pois tão ávidos de notícias estavam que ouviam no meio do povo e aplaudiam com o povo a fantástica informação gritada pela rainha, não haveria mais guerra, não haveria fome, podiam colher os campos intactos da velha Mussumba, os caminhos agora estavam livres, já podiam caçar e pescar e cultivar em paz, ir apanhar o mel das abelhas e dançar todas as noites se quisessem, e fazer amor no capim e se

perderem nos pequenos dramas e nas pequenas intrigas e no medo dos feitiços, porque o meu casamento com o Tchibinda Ilunga foi sagrado pelos espíritos dos antepassados e a Ilunga e aos lubas devemos também esta vitória sem sangue e por isso deverão ser tratados com toda a consideração e amizade, então não foram eles que trouxeram a arte de fabricar as novas armas e nos vão ensinar novas técnicas de caça, o que o povo ouvia com gulodice e aplaudia, esquecida a reverência natural para tão grande soberana, ali era apenas a sua jovem rainha que aprenderam a adorar porque os salvara e com ela queriam dançar como se da sua linhagem fossem, não havia marufo nem hidromel mas as bebidas se inventam quando há que comemorar e então os ngomas deixaram de servir para convocar o povo ou para marcar o ritmo das guerras e tocaram para ritimar o batuque, o mais entusiasta que se tinha visto, de saltos e piruetas no ar, de pernas batendo fortemente o chão, batuque igual só haveria para festejar o casamento de Lueji, amanhã e nos dias seguintes, uma semana inteira de festa, com pouca carne pois naqueles momentos quase ninguém caçou, com pouca ualua pois o massango faltava, com pouco ndoka pois não teve tempo para apanhar muitas colmeias, mas com muito marufo pois as palmeiras estavam ali, era só nelas subir, furar um buraco no coração e pôr uma cabaça para recolher gota a gota o líquido branco e doce que embebeda quase tanto como as notícias de paz, como aquelas proferidas por Lueji do alto da liteira servindo de palco no primeiro comício improvisado na Lunda, o primeiro nunca mais esquecido porque único, contado de pais para filhos e destes para netos, embelezado de cada vez, mais arredondado e elegante, mais heróico e dramático, como as estórias inventadas por Chinyama que cresceriam de geração em geração e que ele nunca poderia reconhecer, pois a imaginação popular sempre acrescenta ou reduz qualquer coisa, de modo a tornar a estória mais verdadeira porque mais adaptada ao tempo em que é narrada e não ao da criação, que esse já passou e enterra consigo a sua verdade, mas a realidade ali é que toda a gente dançava, esquecidos os medos e as mesquinhas intenções de alguns, até momentaneamente esquecidas as torpes ambições dos oportunistas, puros de intenções naqueles instantes de alegria, capazes de sinceramente perdoar os adversários, como

muata Kakolo que abraçava toda a gente até os plebeus e queria se deitar por terra à frente da rainha, lhe agradecendo a paz e esperando recuperar os territórios arrasados por Tchinguri, e até Ndumba ua Tembo esquecia a humilhação e estava disposto hoje a saudar Ilunga, só hoje, no dia da vitória, porque toda a festa acaba e com as cinzas dela se espalham também as intenções puras e as generosidades, a vida exige choques e contradições, pois só nas utopias as gentes são todas como Nzambi, que criou os seres e não mais se ocupou deles, como se a obra sua propriedade não fosse, pensamentos estes que talvez passassem pela cabeça de Lueji ao observar a alegria da multidão, talvez ela não chegasse a tanto, mas quem pode saber, não estávamos no seu coração naquele momento, dançávamos masé no meio da poeira vermelhamarela, mirando já o peito robusto do rapaz que queríamos arrastar para o capim ou as nádegas trementes daquela rapariga que bungulava à roda da fogueira a um ritmo infernal e que nossa não seria porque um soldado mais lesto a puxava num repente e os dois desapareciam na noite, nos deixando na boca um gosto amargo, por segundos apenas, pois outros alvos atraíam logo a nossa cobiça e a festa é isso, o ganhar e o perder a cada momento, o aproximar e o afastar dos corpos suados à luz da fogueira, o pulsar das veias com o esforço de mexer todos os músculos das pernas, do tronco, dos braços, e o esvaziamento total do cérebro, perdidas as lembranças da infância, apagados os interesses do quotidiano, afastados os temores dos futuros incertos, o ritmo e só ele batendo na cabeça, como a liamba, preenchendo todos os espaços vazios, freneticamente repetindo verdades simétricas, martelando como o sangue latejante nas veias do pescoço, nas veias do pescoço latejando, latejando, e as crianças compreenderam tudo num instante, daquela guerra que não houve iam brincar para sempre e recriá-la, acrescentando detalhes de coragem a Kumbana e a Mai, a Kandumba e Kamexi, e aumentando a ferocidade de Tchinguri e Kandama, os gigantes que engoliam árvores mais altas que a mulemba da praça, mas que jazeram no chão feridos de morte pelo mucuali de Lueji, pernas e braços decepados dum só golpe, os urros se elevando nos ares a imitar vendavais, mas isso seria para mais tarde quando não houvesse festa, agora era só hora de dançar

ou passar bassulas malandras nos mais velhos que levantavam imediatamente para não parecerem bêbados, de lançar piadas aos membros do sexo oposto, se preparando para um dia serem arrastados no capim, naquelas volúpias ainda proibidas pelo costume mas já sonhadas em sonhos acordados de masturbações precoces e as crianças se ficavam pelas brincadeiras e dizendo curibotices sobre os rapazes da guarda real, de olhar atento na soberana e interditos de dançar, ordens de Kumbana, não ia haver guerra mas tem sempre perigos a rondar um grande rei e a diferença entre os guardas e os outros era essa, eles só podiam dançar danças de guerra e não de paz, enquanto o povo ansiava por estas, como as amilombe, libertadas pela rainha para animarem a festa e passando de mão em mão, excepto Kamonga Luaza, a mais querida, batendo palmas junto da soberana que ela não queria deixar, para o coração de Lueji se não sentir sozinho, mas secretamente lançando olhares lascivos para Mai e o resto dos lubas que se misturaram ao povo, por ele aceites como seus, pois eram aliados dos melhores, como dissera a rainha no tetame memorável, aliados tão leais que desde esse dia deixaram de ser vistos ou pensados como filhos alheios, kandakas, se tomaram lundas como os de nascença, sobretudo o Tchibinda Ilunga, venerado pela sua sabedoria e tranquilidade, as gerações iam contar a calma como ele atravessou com uma flecha o escudo de Tchinguri e se inclinou depois num sorriso irónico, de altiva majestade, pois só tem esse sorriso quem pode enfrentar o elefante, o soberbo senhor dos matos que tudo destroça à sua passagem, e o prestígio de Ilunga era tão forte que as raparigas sonhavam dançar uns passos com ele, sobretudo as amilombe que não o largavam, o que levou Kamonga Luaza a confidenciar a Lueji, o teu marido é o mais belo dos homens e o disse sem maldade ou inveja, por isso a rainha sorriu e lhe apertou o ombro gentilmente, ninguém podia ter medo da sinceridade de Kamonga, de seios ainda esticados porque não arredondados por mãos de homem, embora ela sonhasse com Mai para o fazer, talvez em vão, pois o príncipe luba tinha olhos para outras mulheres, sobretudo Lueji, Kamonga bem tinha percebido mas agora estava calma, ele era obrigado a mudar de ideias e talvez nela se fixasse, assim como Kandumba, encostado a uma

árvore do outro lado da praça, sem dançar, fitando a rainha com olhos que a distância não deixava trespassar para se saber o que passava no seu coração, mas agora por momentos conseguimos nos libertar do ritmo do batuque e podemos entrar no coração de Lueji e perceber porquê não dança, só segue o batuque com palmas, afinal o seu espírito está ali e também longe, na festa e no casamento e com Tchinguri e ao mesmo tempo vê o irmão atravessar o Cassai, o Luachimo, o Chicapa, o Cuílo, e atingir o imenso Cuango, que serpenteia preguiçosamente para norte, e daí flectir para sul e chegar às margens do mais mítico de todos os rios, cantado pelos viajantes do Ocidente, o Kwanza, com suas ilhotas verdejantes de palmeiras, água de muitas águas e kiandas, o intransponível Kwanza, o que leva cadáveres de animais e troncos de árvores na sua corrente barrenta, procurando tocar a linha azul do horizonte, até ao infinito lago salgado das lendas, onde o Sol morre, kuluanda... vai chegar?

– Chega, não insistas. Sempre te vi como uma irmã. É incesto, de qualquer forma.

– Mas não somos irmãos.

– Podes ter imaginado amores entre Lueji e Tchinguri e talvez pensasses em nós quando imaginaste isso. Foi aí que tudo começou. Disseste era uma ideia vaga que perseguias e desconsiguias agarrar. Escapava-te entre os dedos, porque a consciência impedia. Tinhas o desejo do incesto e ao mesmo tempo o horror.

– Deixa de psicanálise, Uli.

– Não posso deixar. Ela explica este caso. Não tiveste o irmão que se deseja, transferiste esse desejo para mim. Eu era o irmão, quem mais podia ser? O mais velho, o protector. E escondidamente, o objecto, de desejo sexual. Problemas de filha única.

– Já reparaste que estás a teorizar para justificar uma posição irracional?

– Vou concluir, Lu. O teu subconsciente veio à luz quando despertaste daquela vez e eu estava a ver se tinhas ferimento grave. Aí o subconsciente falou. E tudo ficou claro. Aliás, a partir daí pudeste avançar na estória da Lueji, não mais a tua imaginação encontrou entraves.

– Não foi nada disso. Foi Mabiala e a sua música...

– Deixa lá o Mabiala. Ele é apenas um instrumento do teu subconsciente. Assim como a Marina, que era o elemento essencial do drama. Tinha de haver isso tudo, pois o incesto é próprio da tragédia...

– Tragédia?

– Sim. Moderna, claro.

Lu tinha apanhado Uli no aquecimento e lhe disse, vamos falar de uma vez por todas. Ele encolheu os ombros mas seguiu-a no bar da esquina, onde eu de emboscada os observava avidamente, confesso. Não era o melhor sítio, podiam ser interrompidos a todo o momento, mas havia outro? E agora ali estavam, cada um com a sua cerveja na frente, como adversários, depois de Lu ter exposto o seu amor e a certeza na recíproca. Os argumentos eram só defesas ou estava ser sincero?

– Não há tragédia nenhuma, Uli. Só se for no teu espírito.

– Talvez eu tenha lido demais os clássicos, pode ser. E não quero que isto se torne numa tragédia. O que acontecerá se não resistir aos impulsos incestuosos que criaste em mim.

– Quantas vezes é preciso dizer não somos irmãos, nunca fomos, nem seremos?

– Quinteressa, Lu? Não é um problema de sangue. Nem nunca foi. O incesto e a sua proibição são sociais, para levar os grupos a alargarem as suas alianças pelo casamento. Sabes tão bem como eu. Se fosse apenas biológico, não haveria problemas. Mas é mais que isso, é social, e entra na consciência das pessoas. Por isso para mim é a mesma coisa, é kijila, somos irmãos biológicos ou não. Sempre te vi como irmã. São muitos anos a pensar da mesma maneira, os meus instintos foram socialmente treinados para isso.

– Absurdo!

– Não. Científico. Se nos apegamos apenas ao biológico, então também vamos aceitar todos os racismos. São a consequência directa duma visão apenas biológica das coisas.

– Uli, estás a descarrilar. Agora vens com racismos... Apenas para não enfrentar a realidade de frente.

– Não compreendes. Dei isso como um exemplo extremo dos biologismos. Tu que ias ser bióloga devias compreender isso. Muitas

vezes discutimos essas coisas.

– Mas é que não vem para o caso.

– Enganas-te. Vem, sim. Se toda a minha vida fui educado no horror do incesto e se te vi sempre como irmã, é evidente que guardo para ti sentimentos fraternos. E que não podem ser ultrapassados.

– Então porque rompestes com a Marina?

– Porque não a podia enganar, não era honesto.

– Porque me desejavas...

– Sim, passei a desejar-te. Ao mesmo tempo, com um sentimento de culpa.

– Disparate!

– Fiquei arrasado quando o descobri. E era impossível dançar contigo, até estar contigo. Tinha de te tocar, tabraçar, tenvolver, sentir o teu cheiro. E os instintos chocavam. Como podia dançar? Um lado atraía-me, o outro punha barreiras. Não podes compreender isso ao menos?

– Posso, senti o mesmo. Mas hoje não aceito, Uli. Durante uns dias fica-se baralhado, dividido, entendo. Mas depois se ultrapassa. Uma pessoa normal...

– E quem te diz sou normal?

– Claro que és. Como qualquer outro anormal. Somos todos um pouco, não?

– Um miúdo filho da Ilha que naquela altura escolhe ir para a escola de dança e ainda por cima aprender ballet clássico... O único miúdo negro na época... Não sei se é bem normal. Seria talvez para o filho dum intelectual e mesmo esses não iam. Além disso era filho dum pescador desgraçado e inculto.

– Tinhas um pendor artístico muito forte, é tudo. Isso fez ultrapassar todas as barreiras e preconceitos. Sobretudo os do teu meio. Talvez não fosse normal, mas qual artista é normal? Normal no sentido que o meio lhe dá. A definição do artista é mesmo essa, estar em constante ruptura com o meio. Sempre foste mais artista que médico, embora os preconceitos não te deixem aceitar isso.

– Preconceitos, eu?

– Estás cheio deles. Como eu, aliás. Todos temos. E os teus são tão fortes que te levam agora a não dançar, só por uma questão

peçoal e irracional até. Abandonas a dança para seres um médico frustrado toda a vida. Porque na tua família tensinaram que médico é que é bom, isso é que dá prestígio social. O senhor doutor. Bailarino quê? Só dá para brilhar no Carnaval, brincadeira de rua, não é sério.

– Sabes muito bem que não penso assim.

– No fundo pensas. Fizeste tudo para me convencer a continuar com a Biologia, sempre consideraste um disparate eu ter abandonado, chegaste mesmo a dizer era mania de filha única isso de querer ser só bailarina. Então não é preconceito?

– Queria o melhor para ti.

– Aí está. O melhor para mim era ter um diploma universitário, mesmo depois de descobrir que não gostava daquilo. O melhor para mim é fazer o que sei fazer melhor. Aí sim, sou útil aos outros, porque mentrego verdadeiramente à profissão.

– Não discuto, podes ter razão.

– Portanto, podemos concluir que tens preconceitos. E por isso não queres participar no espectáculo.

– Xê, trava aí. Podemos apenas concluir que no caso do teu curso tu tinhas razão. O resto é generalização abusiva.

Pela primeira vez ele riu. Se descontraía? Acabou o fino e fez sinal para lhes servirem mais dois. Mas logo se concentrou em pensamentos e a testa voltou a ficar franzida. Lu não tinha vontade de falar, tinha era de lhe pegar na mão, o levar para a casa de banho ou para trás dum muro qualquer. Há muito não ficava assim na frente dele, solhando directamente. O calor no ventre não diminuía, logo mais começariam as dores pelas críspações nervosas do útero. Inutilmente. Mas tinha de falar e não esperou pelas cervejas.

– Bem, pode ter sido generalização abusiva. Mas deixemos o passado. O presente é que conta.

– Ah, bom? Só vais ao passado quando te interessa?

– Claro. Vou lá buscar força para lutar no presente. Só para isso serve o passado.

– Lamento, Lu. Estás a perder tempo comigo. Com tanto homem por aí... Porquê logo eu?

– É isso. Porquê tu? Só podias ser tu... E é recíproco, apesar dos teus preconceitos.

– Lá vens tu com os preconceitos...

– Desculpa, mas eles estão sempre presentes.

– Arranja um Ilunga qualquer. Não um Tchinguri.

– O problema é esse. Tu és os dois. A síntese.

– Encara a realidade, Lu. Isso é poesia.

– E desde quando a poesia não é a realidade? Ou a dança? Há outra realidade para além disso?

Uli não respondeu. Bebeu rapidamente a cerveja, indicando em silêncio a conversa estava terminada. E ia parar assim? Ficar tudo na mesma? Lu se revoltou interiormente, enquanto o olhava de frente. Que cara ele tinha! Lisa, quase sem barba. O oposto absoluto de Mabiala, peludo e mal-vestido, talvez mal-lavado até. Uli brilhava de limpeza e elegância. Bonito demais para ser verdade. Um príncipe nascido nos coqueirais da Ilha, no meio de porcos e galinhas e moscas e cheiro de peixe incrustado na areia. Teimoso também como um príncipe.

– Uli, meu Uli. Vamos resolver de vez este problemazinho. Vamos poder dançar juntos e melhor do que nunca. Basta saciarmos o desejo que temos um do outro.

Ele abanou a cabeça em silêncio. Os olhos dele não fugiam aos dela, no entanto.

– Vem hoje a minha casa. Vamos fazer amor. Fazer amor, mesmo com todo o sentimento de culpa, vamos amachucar esse sentimento de culpa no amor, vamos nos emporcalhar se for preciso. Sairemos dali lavados, definitivamente.

– Não, Lu. Ia ser um fracasso. Toda a vida nos arrependeríamos. Aí sim, começava a tragédia.

– E se houver tragédia, importa? É preciso arriscar.

– Não, irmãzinha, não arrisco nada. Este desejo vai passar.

– Não sou tua irmã.

Ele sorriu tristemente ao grito dela. Não repararam que nas mesas vizinhas se viraram para os observar. Menos eu, aparentando impassibilidade, apesar de ter ouvido muito bem. Mas a voz de Uli foi suave:

– Para mim serás sempre a minha irmãzinha. Não posso lutar contra isso. Foi o único sentimento puro que tive na minha vida. Não o quero perder.

– Já o perdeste, Uli. Desejas-me. O sentimento puro está totalmente viciado.

– É só provisório. Quando acabares de dançar a Lueji, verás. Tudo volta ao anterior. É amor que se extingue pela própria criação. Recriação?

– Estás a ser contraditório. Foi o desejo inconsciente do incesto que esteve na base ou o desejo de criação artística?

– Não interessa. Tudo está enrolado. Uma coisa criou a outra, como uma serpente que engole o próprio rabo.

– A Grande Mãe Serpente da Lunda, que se criou a si mesma?

– Não sei, não conheço essa Grande Mãe.

– Dela acabou por nascer a Lueji e todos os imperadores.

– O facto é que quando tiveres criado, tudo desaparecerá. Vais dançar como nunca, recriar o Mundo e as coisas. No fim, restam cinzas do sonho. E voltas a ser tu própria. E eu também, porque foi essa tua obsessão que me provocou este desejo estúpido.

– Nem sempre a arte resolve tudo.

– Agora és tu que estás a ser incoerente.

– Nunca disse não o era. Assim me assumo.

Uli levantou da cadeira, lhe dando uma palmadinha no ombro, temos de voltar para lá.

– Espera. É a tua última palavra? Não vais mesmo entrar no espectáculo?

– Mas claro que não. É preciso repetir?

Lu apertou o amuleto debaixo do fato de dança. Apertou com raiva. Onde estás, espírito da centavó, onde estás que não vês isto? Vais deixar o cazumbi maligno vencer, não o dominas? Resolveste outros problemas menores e este, o mais importante, o único, consegues? Ou tenho de queimar esta porcaria que trago no peito? Foi inútil a invocação raivosa, Uli safastou para a porta do bar. Virou para trás, à espera dela. E Lu seguiu-o, segurando desesperadamente as lágrimas. E que faço eu agora?

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, NDONGA,

filho e neto e bisneto e trisneto de Cassanje, o jaga dos Imbangala, descendente directo de Kinguri, o primeiro, e que um dia também serei Cassanje.

Muitas gerações passaram desde que Tchinguri abandonou a Lunda e se tornou Kinguri. Tantas gerações passaram que a memória daqueles tempos se toldou e muitos de nós, Imbangala, acabámos por aceitar as histórias contadas pelos velhos lundas, esses mentirosos que se reúnem no njango para fumar liamba e inventar versões cada vez mais favoráveis sobre o passado, para justificarem o que fizeram. Mas eu sei o que passou, a tradição foi transmitida de pais para filhos assim como o lukano do chefe e não me deixo enganar pela perfídia dos lundus, nem pelas suas doces palavras mentirosas.

E o que realmente passou foi assim:

Kondi morreu quando Kinguri era muito pequeno e este não podia governar, apesar de ser o herdeiro. Os Tubungo escolheram Lueji, mais velha, para regente do irmão, enquanto ele fosse menor.

Um dia passeavam os dois na margem do rio Lukongolo, que existe lá na Lunda mas cujo nome foi modificado de propósito para embaralhar as pistas. No bosque havia homens a subir às palmeiras para apanhar marufo. Curioso como toda criança, Kinguri deixou a irmã e foi apreciar o trabalho.

Nesse momento chegou junto de Lueji um caçador estrangeiro, que disse se chamar Ilunga. E lhe ofereceu a presa dum elefante que tinha matado. Lueji aceitou a oferta e retribuiu em comida.

Kinguri, a observar os colhedores de marufo, sentiu de repente o coração apertar. Logo reconheceu nisso um sinal. Voltou para trás sorrateiramente e encontrou Lueji comendo com Ilunga. Sacrilégio! A posição de Lueji proibia-a de receber no seu acampamento outro homem que não Kinguri. A presença de Ilunga violava a lei e logo Kinguri desconfiou dele. Perguntou a identidade do estrangeiro. Lueji explicou o que sucedeu e mostrou o presente de Ilunga. Imediatamente Kinguri reconheceu outra transgressão. Como regente, Lueji não podia aceitar dentes de elefante, presente reservado apenas ao chefe que ela não era.

Furioso pela maneira como as leis do povo estavam a ser violadas pela irmã, Kinguri só tinha uma coisa a fazer, defender o seu trono. Pequeno embora, cresceu em coragem e ameaçou o estrangeiro. Ou ia embora dali ou ele o punha a andar. Ilunga recusou, com um dito de desprezo para a idade do jovem herdeiro. Kinguri não temeu a diferença de idade e de estatura. Valente como um leão, atacou.

Começou então Ilunga a mostrar os encantamentos que possuía. A sua cabeça deitava labaredas de fogo quando Kinguri aproximava. Mais uma vez Kinguri atacou e mais uma vez a cabeça de Ilunga deitou labaredas de fogo. De novo Kinguri atacou. Agora Ilunga se transformou num gato-bravo. Haka! Grande feiticeiro. Quem pode combater um nganga assim? Nem o corajoso Kinguri. Este teve de reconhecer a sua inferioridade. E depôs as armas.

Lueji então mandou-o sair da Lunda, para ela reinar para sempre com Ilunga. Kinguri não tinha maneira de recusar. Exigiu então que Ilunga lhe ensinasse aquela magia e ele abandonaria a Lunda. Ilunga assim o fez.

Kinguri tinha agora força para defrontar o próprio Nzambi-ya-Meia, o senhor das águas, que encontrou no Cassai. Nzambi-ya-Meia provocou uma tempestade enorme quando Kinguri e a sua gente atravessavam o rio. Mas a magia era forte e eles resistiram aos ventos fortíssimos e às ondas gigantescas. E caminharam para Ocidente. Até chegarem aqui, à terra dos Imbangala, onde Kinguri foi rei. A ele sucedeu Caluxingo.

Esta é a verdade verdadeira, não a que os lundas contam. E digo mais, Kinguri morreu pela traição dos lundas, foi assassinado por eles. Não podiam suportar um tão grande rei ali próximo da Lunda, era um perigo permanente à sua hegemonia. Mataram Kinguri e depois tentaram assassinar a sua memória, contando falsidades sobre ele. Mas nós cá estamos para velar por ela.

Eu vejo daqui os lundas velhos e decrepitos, cuja potência hoje não existe, fumar liamba e tossirem e inventarem mais alguma coisa contra Kinguri e rirem, batendo com as mãos nos joelhos ossudos de fumadores de liamba, escarrando no chão onde depois vão deitar, os olhos toldados pela droga, mas sem esquecerem a maldade. Essa nunca esquecem, nem a liamba.

Assim falei eu, Ndonga, futuro jaga de Cassanje, e repito, os lundas nunca esquecem a maldade, nem a liamba, que era mesmo do que eu estava a precisar agora, pensou Afonso Mabiala, perdido entre os instrumentos e as pernas e ditos dos músicos. Estes não concretizavam a ideia que corria solta na cabeça dele. Bem que demonstrava nos chingufos e depois nos ngomas, a seguir pegava no kissanje e depois no kakochi, espécie de violino tradicional. Os músicos desconseguiam de reproduzir os sons. Cada um individualmente sim, mas atrapalhavam uns aos outros, quando todos juntos. E ele não tinha vinte e quatro braços para tocar todos os instrumentos ao mesmo tempo.

– Tuji! Não é nada disso. Bebam mais, pode ser que depois acertem.

Mas a bebida tinha sido toda consumida. Lhe mostraram a última garrafa vazia. Que podia ele fazer? Onde encontrar liamba a essa hora? Já tinham reclamado da sua falta, o compositor devia ter providenciado antes. Como tinha deixado de fumar, nem se lembrou dos outros. Agora era tarde. Na cabina de gravação, os técnicos faziam sinais, desesperados com tantos erros e repetições. Só podiam gravar à noite, depois de diminuir o trabalho na rádio. Recebiam dinheiro pela gravação, mas estavam cansados e queriam abreviar. E os músicos não acertavam. O técnico principal falou pelo microfone para o estúdio:

– Ó Mabiala, já está bom. Nem sei porque interrompeste, estava sair bem.

– Bem para ti, seu cabrão! És tu que sabes que música eu quero? Faz o teu trabalho, masé, eu sei qual é o meu.

– Já viste as horas? Duas da manhã.

– Fossem seis. Vocês foram contratados para gravar, não para chatear.

E Afonso terminou com a conversa, fazendo um manguito para o vidro que separava a cabina de gravação. Se virou para os músicos, obrigando a repetir. Nem era pelas falhas que estava desesperado, já sabia que havia de ser assim. E embora o tempo apertasse, com muito trabalho de gravação à noite e ensaios de dia podiam chegar lá. O que o desesperava era a imagem apetecida do corpo ondulante de Lu, como a via nos ensaios, imagem que não lhe saía

do cérebro, mesmo nas gravações. Porque ela agora estava livre, o Uli nem aparecia, e o papel de Tchinguri ia ser desempenhado por Jaime e o de Ilunga pelo Cândido, um rapaz alto que foram buscar no Lubango de propósito. Todos sabiam qual tinha sido a resposta do Uli e por isso ele, Afonso, tinha o caminho aberto. Mas desde aquela vez no Dundo não tentou mais falar com ela. E estavam frequentemente juntos. Já despachara definitivamente a mulher, o divórcio tinha sido pedido. Dormia agora na casa dum primo, até encontrar outro alojamento. Ia assistir o mais possível aos ensaios, tinha uma boa desculpa, a dança modificava a música e esta a dança. Mas a razão era outra, apenas para a ver. E ouvir o que dizia o mujimbo. E o mujimbo uma vez lhe disse, a Lu anda com o Timóteo, conseguiu esquecer o Uli. Doeu, doeu muito. Mas depois desconfiou. Timóteo por vezes estava na casa dela, mas saía antes de Mabiala. E por duas vezes Afonso saiu a seguir e montou espera durante horas, para ver se o médico voltava, pensando-o ausente. Das duas vezes não aconteceu. Era pois só mujimbo, mas que o médico rondava, lá isso rondava. Como outros. Até o miúdo do Jaime, com aparência de homossexual mas as aparências enganam, sobretudo nos bailarinos. Podia ser lâmina. E ele, Mabiala, rondava também, toda a gente sabia e sobretudo a principal interessada. Não tinha nada a esconder, só que não dava nenhum passo para acelerar. Tinha ficado traumatizado com essa coisa de fazer amor com uma mulher que pensava noutro. Só mesmo quando Lu pudesse fazer com ele e ele só. Mas como adivinhar ela estava pronta? Se atrasasse o momento, outro podia aproveitar a ausência. E esse dilema o impedia de se concentrar na orientação dos músicos e o fazia se desesperar cedo demais.

Uma voz forte veio interromper o trabalho:

– Então que tal vai isso, Afonso?

O músico se virou para disparatar, não sabiam não podiam interromper? Mas antes de fazer o gesto engoliu em seco, pois reconheceu a voz forte. Era o Senhor Eugénio, o patrocinador da música. Podia disparatar com muita gente, menos com o Senhor Eugénio. Este adiantou logo:

– Vim aí duma recepção e decidi passar por aqui para vos dar um bocado de ânimo. E ver como vai isto. Mas esses sacristãs nunca

vão aprender a respeitar as pessoas. Não me deixaram meter o carro no parque de estacionamento. Não tenho livre-trânsito! Deixei-o na rua, um Mercedes Benz último modelo. Se roubarem, amanhã faço uma maka com o director da rádio que ele vai ver.

Falava perto dum microfone e na cabina ouviram. Logo um dos técnicos desceu a correr para o estúdio. Estendeu a mão e falou humildemente para o Senhor Eugénio:

– Pode dar-me as chaves? Eu meto o carro dentro do parque.

O patrocinador meteu a mão no bolso do casaco azul-escuro, mas a custo, pois tinha barriga volumosa. Sorriu, agradado.

– Toma lá, rapaz. Mas tem cuidado com ele, é um Mercedes último modelo. Custou um dinheirão. E então, Afonso, como vai isso?

Mabiala coçou a cabeça. Tinha sido forçado a arranjar um patrocinador, porque o Estado pagava-o para fazer a música e pagava os tocadores. Mas as despesas extra, que eram muitas, não tinham lugar nas rubricas do orçamento. Pagamento suplementar aos técnicos, bebidas para todos, compra de instrumentos, transportes para os ensaios, compra no mercado negro duma série de pequenos produtos indispensáveis, etc. Tudo isso saía mais caro que o que ele recebia do Estado para compor e apresentar o seu trabalho no espectáculo. Como fazer senão arranjar um mecenas que financiasse as despesas a troco duma menção no programa do espectáculo, música patrocinada pela firma Senhor Eugénio & Filhos? A Directora ainda nem sabia, tinha de arranjar coragem para lhe dizer. Ia barafustar, mas que remédio, acabava por aceitar. Maka ia fazer, sobretudo porque Senhor Eugénio ainda conservava uma réstia de má fama. Para já, diriam os artistas, o nome da firma é ridículo com aquele Senhor antes do nome. Talvez não conhecessem o passado, mas Afonso conhecia, o próprio patrocinador contara. No tempo colonial, eu era tratado de rapaz pelos colonos, como todos nós. Rapaz práqui, rapaz pra lá. Tinha de engolir. Mas depois veio a independência, a bendita. Mudei o nome, isto é, acrescentei esse nome a Eugénio. Senhor é mesmo o meu nome. Todos são obrigados a me chamar assim. Na altura da independência todos eram camaradas. Eu não. Era o camarada Senhor Eugénio, assim é que é bonito. Até os filhos tinham de lhe

tratar por Senhor Eugénio que essa estória de chamar pai ou papá é tradição colonial. E a nossa é muito diferente, é a do respeito perante o mais-velho. Mas o patrocinador tinha perguntado como aquilo ia...

– Vai bem, Senhor Eugénio... isto é, não vai bem mas há-de sair. Ainda está tudo muito desafinado. O problema é que falta combustível para os músicos.

– Ó rapaz, porque não disseste logo? Manda aí um dos teus apanhar o jovem com as chaves do carro. Na mala tenho umas garrafas de uísque, para uma enrascada qualquer. Podem trazer todas. Bem sei os artistas precisam chupar muito e não regateio despesas. Tudo pela arte nacional!

Um dos tocadores de ngoma largou a correr para fora do estúdio. O Senhor Eugénio agora era assim, um mãos largas a financiar espectáculos e organizações desportivas. Não para fazer publicidade aos negócios, nem precisava. Tinha uma frota de camiões que faziam o percurso Luanda-Malanje, três lojas grandes em Luanda, duas em Benguela, duas em Malanje, uma em Ndalatando, tinha duas fazendas de café no Uíje e várias residências e carros de turismo espalhados por aí. Isto era o que se conhecia. E partiu do nada, como ele gostava repetir. Ajudante duma loja de colono pequeno. Quando este bazou, antes da independência, deixou no nome dele, para não ficar para o Estado dos comunistas do Poder Popular, como o colono disse. Senhor Eugénio foi vendendo os stoques, mas não como outros, ao desbarato. Foi acumulando dólares, diamantes e outros produtos raros que depois negociava nas candongas. Quando os stoques sesgotaram, pois era difícil renová-los pela importação, ele não teve de fechar a loja como os outros. Tinha bens para trocar e a loja deixou de ser unicamente dedicada a roupas, passou a vender artesanato ou comida ou ferragens ou peças de carros, enfim, o que ia conseguindo arranjar. Mas o que o lançou no grande mundo dos negócios nem foi tanto a loja. Foi sobretudo o camião e a carrinha que herdou do colono. Transportava todo o tipo de géneros e pessoas, dentro ou fora da cidade. Com a crise de transportes públicos que havia, os preços dos fretes eram altíssimos e assim acumulou fortuna. Não só no país mas fora. Se falava de grandes

contas em bancos da Suíça, de sociedades-fantasma com estrangeiros, mas podia ser só má-língua. A um momento dado teve problemas com a justiça, por acusação de tráfico de divisas e kamanga, mas as provas não eram conclusivas. No entanto, ficou a mancha. As pessoas tratavam-no com deferência, exigida pela riqueza e ostentação, mas sorriam por trás. E ele sabia. Por isso decidiu lavar a imagem. Daí o se ter tornado um mecenas das artes e do desporto. Pouco a pouco, as pessoas esqueciam o passado confuso, descobriam que muito do que gostavam ver a ele era devido. Senhor Eugénio passou a ser considerado um tipo generoso que não envergonhava nenhuma festa ou recepção. Um verdadeiro Senhor.

– Toquem lá alguma coisa para eu ouvir. Pago e afinal ainda não conheço um minuto da música.

Chegou o tocador de ngoma e o técnico, com seis garrafas de uísque. Da cabina de gravação, o técnico principal ergueu o polegar, indicando agora tudo bem, podemos trabalhar até às seis da manhã. Mabiala disse:

– Estamos a gravar um trecho forte, para uma dança guerreira. Vamos lá, kambas, não bebam tudo duma vez. Vamos tocar para o Senhor Eugénio ouvir.

Os músicos se tinham apoderado de cinco garrafas, a sexta subiu para a cabina. Dentro de momentos está tudo incapaz de fazer um som, pensou Mabiala. Mas ele mesmo foi arrancar a garrafa duma boca para beber uns goles. Seja o que santa Lueji quiser! Mas não é que o tipo do kakochi acertou? A música começava com esse som suave, de violino, e depois entrava o kissanje. O batuque é que lhe dava o tom épico, mas só lá para o fim. E os ngomas entraram bem e acertaram perfeitamente no ritmo dos chingufos.

– Perfeito! – gritou Mabiala. Se virou para a cabina: – Gravaram direitinho?

O técnico principal ergueu a garrafa de uísque apontando a vitória. Senhor Eugénio disse, com tom concentrado:

– Música forte, sim senhor. É o que eu digo. Nenhuma chega à nossa música, quando correctamente estimulada. Aí está o nosso sangue, as tradições dos mais-velhos, aquilo que nos faz viver. E há uns a querer adulterar, a misturar com coisas europeias.

Afonso engoliu em seco, pois se lembrou doutras músicas que compusera, todas feitas de diálogos entre instrumentos tradicionais e europeus. Felizmente desta vez era diferente, não havia violas eléctricas nem órgãos electrónicos. Assim não teria problemas com os gostos artísticos do patrocinador. Mas porra, que tem ele com isso? Paga e pronto, quem faz a música sou eu. Por acaso saiu assim, sugestão da Lu, mas também podia ter saído cheia de sons electrónicos, e nunca haveria de se sujeitar aos gostos duvidosos de um homem de kumbú. Foi sacar de novo a garrafa da mão dum dos músicos que comemoravam o sucesso e bebeu mais uns goles. Iam agora gravar outro trecho que já estava ensaiado, mas ele duvidava da possibilidade, tudo bêbado demais. Ele, sobretudo. Só lhapedecia ver a Lu, mais nada. E não é que ela apareceu no estúdio? Estou chupado demais, até já a vejo aqui.

No entanto, era verdade, Lu vinha com Jaime e Cândido. Afonso só acreditou não era visão quando viu a cara radiante de Senhor Eugénio, cumprimentando-a bamboleando. O patrocinador ignorou os dois bailarinos.

– Estávamos a andar por aí e resolvemos vir ver como vão as coisas – explicou Lu para Afonso. – Não resistimos à curiosidade.

– Mas vocês não dormem? – respondeu o compositor. – Com tantos ensaios, vão rebentar se não dormirem oito horas por noite.

– Foi só hoje. Tínhamos de saber como está a música.

– E fez muito bem – se meteu Senhor Eugénio. – A música está perfeita. Toda nossa. Não vou perder um espectáculo, pela música e para a ver dançar – acrescentou, piscando um olho cúmplice.

Lu não respondeu ao cumprimento. Afonso não gostou, mas calou, esse gajo com cinquenta anos ainda pensa em apanhar garinas novas? Senhor Eugénio estava lançado, esticou mais a barriga dentro do casaco, disse em voz melíflua:

– A menina é a minha estrela preferida. Quando dança, eu danço também.

Lu riu, imaginando a barriga de Senhor Eugénio dentro dum fato de dança. Não conhecia pessoalmente o mecenas nem o que ele fazia ali, talvez fosse algum kamba do Afonso. Se via imediatamente, pela roupa e os modos mandões, tipo bem balado. O Afonso arranja cada amigo! Porque o brilho dos olhos dele não

enganava, tinha de se preparar para o fintar e atirar para canto. Aliás, toda a gente parecia muito chupada, especialmente Mabiala. Voltava à antiga? Diminuíra consideravelmente a bebida nos últimos tempos, as más-línguas diziam por causa dela. Mas hoje ultrapassara o limite.

Os músicos estavam impacientes e Afonso mandou os assistentes sentar para começar a gravação. Era música suave, de marimbas e flauta, com um kakochi pelo meio. Mas os dois tocadores de marimba em breve desconversaram e Mabiala gritou, porra, não é nada disso. À tarde tinha saído bem, agora era uma desgraça. Repetiram e voltaram a desconversar.

– É difícil, eu sei – gritou o compositor. – Cada marimba toca um ritmo diferente. Mas os dois se complementam em polifonia, não nesse desafinamento total. Tu comesas primeiro, Adão. E manténs sempre o teu ritmo. Não foi isso que se fez à tarde?

Mas a tarde tinha sido a tarde, agora era quase madrugada e as garrafas estavam vazias. De novo na cabina se sucediam os gestos de sono e desespero. E a mala do Mercedes último modelo não continha mais tesouros. Ainda por cima a presença de Lu aumentava o nervosismo de Afonso, conseguia de se concentrar. Baixou os braços, se virou para ela.

– Paramos aqui. Amanhã vai sair melhor.

O mecenas não perdia uma para mostrar autoridade. Levantou da poltrona do auditório, falou forte:

– Também acho melhor. Vão descansar, rapazes. Amanhã vai sair bem. E ainda há muito tempo.

– Não há, não – disse Jaime. – É difícil ensaiarmos sem a música definitiva. Basta um som diferente para se alterar a coreografia. Tens de te apressar, Afonso.

O compositor sabia ele tinha razão. Sencostou a uma parede, para manter o equilíbrio, as pernas falhavam.

– Têm já um trecho definitivo. Amanhã podem começar com esse. Os outros vão ser mais rápidos.

– O trecho tem quantos minutos?

– Seis, mais ou menos.

– Então ainda faltam cem minutos – disse Lu. – Está a ficar feio, Afonso.

– Mas que é isso? – Senhor Eugénio tentava falar suave, gombelador, mas a voz era forte demais. – Não pressionem os artistas, é o pior que há.

– Ninguém está a pressionar nada – respondeu Lu, já irritada com o tom autoritário do desconhecido. – Faça favor de não se meter no nosso trabalho. Afonso, achas que numa semana tudo pode ficar pronto?

– Pode ficar, quem sabe?

O patrocinador não gostou das maneiras de Lu e voltou a interferir na conversa:

– Mais semana menos semana... O importante é ser uma grande música, a qualidade é que conta.

Lu fingiu não ter ouvido. Para não ser malcriada, pois tudo indicava ser um amigo de Mabiala e este já parecia não estar bem, não valia a pena entrar numa discussão violenta.

– Se for uma semana não há mambo, Afonso. Queres que te levemos a casa?

– Nem pensar – cortou Senhor Eugénio. – Eu levo-o a casa. E a menina vem comigo, assim podemos nos explicar.

Lu olhou para ele, de alto abaixo. Personagem irritante, pretensioso, quem se julgava?

– Eu só vou com quem aprecio. Vamos embora, Jaime. Afonso, vens ou ficas?

O compositor estava dividido. Ir com eles seria uma afronta ao patrocinador, que já se tinha oferecido. E Senhor Eugénio era rancoroso. A vontade era mesmo de ir com ela, ainda por cima o álcool fazia o seu trabalho e essa noite ele teria coragem de romper todas as barreiras. Sadmirou de ouvir a sua própria voz:

– Podem ir. Vou com Senhor Eugénio.

Lu virou costas, boa-noite a todos, e saiu sem notar o nome do gordo. No corredor de saída, Jaime disse:

– Aquele gajo é o tal Senhor Eugénio afinal, um ricaço.

– Pelo ar dele julga o dinheiro lhe dá todos os direitos – disse Lu.

– Que amigos arranja o Mabiala, tenho de lhe falar...

Já no carro do Senhor Eugénio, depois de despedirem os músicos e técnicos, o patrocinador disse para Mabiala:

– Aquela mulata é toda cheia de partes. Mas vais ver, rapaz, ainda vai para a minha cama.

O compositor não respondeu, se recostou apenas no assento de luxo. Um ódio mortal lhe subia das entranhas, provocado e ao mesmo tempo toldado pela muita bebida. Sacana de burguês, julga compra tudo, até a Lu? A mim já me comprou, o neocapitalista sanguessuga, então não cedi a vir com ele? Pobre terra, onde os artistas têm de se vender para poderem criar... Dum lado os burocratas com seus planos imperativos, do outro os sanguessugas com a sua incultura de arrivistas. E eu no meio, eu e a Lu, feitos para criarmos juntos e em liberdade. Porra, porque não nos deixam? E porque não sou capaz de gritar o meu amor, aproveitar a única coisa boa que resta na vida? É preciso pensar primeiro na barriga, não foi o Marx que disse? Alienados, estamos todos alienados.

Mal se ouvia o barulho do motor do Mercedes, deslizando pelas ruas vazias de gente. Senhor Eugénio falava do seu amor pela arte e do muito que podia ajudar, pensava até em montar uma firma de espectáculos para apoiar os talentos, que pensava Mabiala da ideia? Afonso não pensava nada, nem ouvia, furioso contra o ricaço que o afastava nesse momento da casa de Lu, amarrado como qualquer proletário que tem de vender a sua força de trabalho, é isso mesmo, nós os artistas somos os novos proletários, assim como os cientistas, pobres tipos que só têm o conhecimento, vale para alguma coisa? Os cientistas criam coisas para os sanguessugas aproveitarem delas e nós criamos para eles se masturbarem de orgulho. Puta que pariu tudo!

– Saio aqui, Senhor Eugénio.

– Mas não é aqui...

– É, sim, desde ontem. Boa-noite.

E saiu do carro. Quando o ricaço partiu, Afonso respirou o ar puro da noite moribunda. Nem sabia bem onde estava, mas não interessa, andar faz bem, ao menos vejo a cidade acordar, sespreguiçar ainda estremunhada, como o caçador lunda que acorda para a caça. Porque na Lunda já se podia caçar.

E Ilunga, pouco depois do casamento, preparou as cerimónias propiciatórias. A principal era a do muhanhe, o grande tronco seco de árvore com muitos ramos sem folhas, que se enterra em lugar

destacado para nos ramos se pendurarem as caveiras dos animais abatidos pelos caçadores.

Ele e os seus homens cavaram um buraco no chão e Majinga lhe deitou água, falando com os espíritos. Ilunga fez o mesmo, invocando os seus antepassados, lhes pedindo êxito na caça, para em breve aqueles ramos estarem coroados de caveiras e não haver fome de carne. Depois um caçador trouxe pemba e outro trouxe ocre. O tchibinda esmagou-os entre os dedos, esfregando a cara, o peito e os braços com o branco da pemba e o vermelho do ocre. Enquanto as marimbas tocavam, Ilunga lançava pitadas de pó para a cova, invocando os espíritos. Os caçadores, em roda, acompanhavam as marimbas com um cântico.

Todos dançaram então à volta do tronco que ia ser enterrado. E chegaram cabaças com marufo para Ilunga deitar na cova. Este assim o fez, deitando também pitadas de pemba e ocre. O buraco estava pronto para receber o tronco. Mas teve ainda de ser pintado com a pemba, em forma de cruz. E então puseram-no na cova.

O tchibinda distribuiu pemba pelos caçadores, riscando o peito de cada um. E também cada um dos arcos. Depois o buraco foi tapado e a terra calcada firmemente. E todos dançaram à volta do muhanhe.

A Lunda podia ficar tranquila, a paz chegara e a carne não ia faltar. Grande era a magia de Ilunga, o tchibinda, cujo personagem ia ser interpretado pelo Cândido, escolhido num grupo do Lubango pela Directora, com o olho nele há muito tempo, não só pelo corpo alto e fino de filho de pastores, mas pelo ar altivo de quem, do alto da serra contempla os outros por cima. Era só o porte, pois Cândido guardava a timidez dos Cuvale, ao mesmo tempo que o orgulho da raça.

Nascido nas faldas da serra da Chela, na transição do mato verde para o deserto, guardou os rebanhos da família desde muito cedo, percorrendo com eles a zona de transição à procura de água e de melhores pastos. Tinha cinco anos na altura da Independência e da primeira invasão dos sul-africães. Ainda hoje lembra as correrias e as brincadeiras de esconder dos invasores e os primeiros tiros que marcaram a lendária guerrilha dos Cuvale contra os ocupantes. O pai morreu nessa guerra e o irmão mais velho. Cândido não subiu a

serra com os guerrilheiros, não participou na tomada do Lubango, quando os sul-africanos retiraram. Mas os feitos dos irmãos e tios e primos povoaram a sua meninice de pastor e por ele foram retratados em danças guerreiras. Aos doze anos, por imposição da mãe, entrou na escola da Bibala, chamada Provisória porque melhor nome não foi encontrado. Era uma escola especial, para crianças que tinham atraso escolar, com um ensino acelerado e ligação com a produção agrícola. Ele se distinguiu desde logo nos estudos e na animação do grupo cultural, bailarino sem igual, inventor de danças baseadas na tradição da tribo e na história recente da guerrilha. Em quatro anos fez seis classes normais. Nada mais natural do que ser convidado para ir continuar os estudos no Tchivinguiro, centro de formação de técnicos agrários, lá em cima, a cerca de dois mil metros de altitude. Cândido subiu a serra, com seu saquito de pastor ao ombro, integrou no Tchivinguiro. Custou, mas acabou por se adaptar ao frio e à falta de mato de espinheiras e terra mole da região da Bibala. Nas férias pegava no saco, descia pelo Bruco, o chão da Chela, caminhava mais de cinquenta quilómetros ladeando a serra, com o morro Maluco primeiro à sua frente e depois à sua esquerda, entrava no mato de espinheiras e rios secos da terra dos Cuvale, ia rever a família e os rebanhos. E dava conselhos aos irmãos e primos sobre a melhor maneira de cuidar do gado, pois no Tchivinguiro ia aprendendo coisas, não só as que vinham nos livros, mas pela prática de cuidar do gado da escola, orientado pelo professor de Pecuária. Na idade de ir para a tropa, foi dispensado por ser aluno aplicado e pedra basilar da escola, não só na produção, mas como organizador do grupo de dança. Antes mesmo de terminar o curso médio, já era o responsável pelos rebanhos. E eles cresceram. Aprendeu a tratar não só do boi cabiri dos Cuvale, mas também das vacas leiteiras de raças europeias, experimentando cruzamentos para criar mestiços de alta produtividade e adaptados ao clima e doenças da região. Aos vinte e dois anos estava formado e com experiência considerável. Mas recusou a bolsa de estudos para fazer o curso superior no Huambo, da Cheia não queria sair. Continuou na escola, como professor dos cursos de formação profissional, responsável pelos rebanhos e dinamizador do grupo de dança. Foi nesta qualidade que conheceu

Luanda, num festival de trabalhadores em que o seu grupo ganhou a medalha de ouro. E foi notado pela Directora, que fez a viagem ao Lubango, agora, para convencer a escola a dispensá-lo por dois meses para o espectáculo, quando ficou evidente que Uli não queria mais dançar.

Para Lu era uma experiência incrível. Como dançar com um parceiro que não sabia o que era uma *pirouette* ou um *foueté*? Por muito que treinassem e lhe ensinassem, Cândido sempre fugia à coreografia, improvisava passos cuales sobre as tradições da Lunda, podia haver coisa mais oposta? Uma cultura agrícola do Nordeste e outra cultura pastorícia do Sudoeste, os antípodas, com o que isso representava de diferente na dança. Tudo ia muito bem quando Cândido dançava sozinho ou em grupo. Mas na dança de par com Lu nada funcionava. Ele não sabia servir de base, a sua técnica era outra. E aos trinta anos de idade, não ia aprender em dois meses a técnica do bailado clássico. Nem lhe interessava. Ora, apesar do Lueji ser um bailado moderno a partir da dança tradicional, precisava da base clássica para a dança de pares. Aí estava o mambo e já a Directora se arrependia da sua ideia. E Lu apertava o amuleto e invocava a centavó, ajuda-me que isto é o mais difícil de tudo.

Meses passaram. A Lunda começava a cicatrizar. Mussumba se organizou para a paz, as lavras foram cultivadas e semeadas as nakas junto dos rios. Com a retirada de Tchinguri, Chinyama e os seus adeptos, alguns territórios ficaram sem senhor. Lueji distribuiu-os equitativamente entre a linhagem de Kondi, chefiada por Kakele, e a sua própria linhagem. Salukunga anexou os territórios que foram de Chinyama. Kumbana juntou aos seus os de Kinzunzu, partidário de Tchinguri, que fora seu vizinho. Ndumba ua Tembo e Kanyika também receberam novas terras. Os outros recuperaram as suas, tomadas pelos insurrectos. Muita da população raptada voltou para os antigos senhores. A Lunda se estabilizava, a comida não faltou apesar das razias e choveu com fartura nos meses seguintes, graças a Lueji que a sabia chamar. Nos areais, brancos ao luar, das aldeias, se dançava todas as noites.

Uma angústia passou, outra surgiu. Os meses corriam e apesar do fogo amor de Ilunga, Lueji não concebia. E esse filho era indispensável. E Majinga tentava ler no ngombo, os kimbandas faziam as suas medicinas, ela se prestava a todos os ritos e purificações. Nada. O seu ventre parecia terra onde os elefantes dormem. Nada ali crescia.

O ferreiro Kimuanga se estabeleceu em Mussumba. Por recomendação de Lueji, Kimuanga ensinou Kakoma, o tio de Ndumba, a fazer o novo aço. E Kakoma foi aperfeiçoando o sistema. O artesão esqueceu o rancor contra a soberana, lhe estava agradecido pois ela cumpriu a palavra. Até o ferro das enxadas e catanas de trabalho começava a ser da nova qualidade e todos o gabavam. As mulheres sobretudo, que cavavam melhor e com menos esforço. Tudo na Lunda sorria. A rainha também, mas era um sorriso triste. Só Nayole sabia a razão, seu neto tardava.

Ndumba ua Tembo saía frequentes vezes com Ilunga para a caça. E aprendeu as novas técnicas. Um dia, quando um elefante ferido

investiu contra ele, a flecha do Tchibinda salvou-o. E Ndumba não podia mais desejar a morte do rival para ficar com a rainha, isso é ingratidão que se paga com a eterna perseguição dos cazumbis. Tinha vivido esses meses com a esperança da morte de Ilunga. Agora estava confuso, não sabia o que fazer, nem o que esperar. Durante muito tempo albergara a ambição do mando supremo. A possibilidade lhe escapara com o casamento de Lueji e não podia se conformar a um lugar subalterno. Era um Tubungo respeitado, sim, mas Tubungo eram muitos. E como comandante deixara de ser dos mais prestigiados, os outros não tinham sofrido nenhuma derrota. Depois de ser salvo por Ilunga e, por causa disso, lhe estar interdito sonhar com a viuvez de Lueji, o rancor ganhou o seu coração. Contra a terra, não contra as pessoas. E uma ideia surgiu. Conferenciou muitas vezes a sós com Kakoma. Este recomendava calma, mas sentia o sobrinho cada vez mais distante, mais distante. Um dia não se conteve, fez um longo discurso ao sobrinho e terminou dizendo, se assim o queres, então fala com ela. Talvez seja melhor para todos.

Ndumba seguiu o conselho e pediu audiência à rainha. E lhe expôs o seu desejo de seguir a rota de Tchinguri, passar para o outro lado do Cassai, onde podia dirigir populações Tchokue, de caçadores como ele. Lueji nem quis ouvir falar. Dias depois Ndumba insistiu e já não veio sozinho. Trazia os seus amigos Mbumba, Moxico, Kanyika e outros. E não falou em audiência privada, mas em pleno tchota com muitos Tubungo presentes.

Falaram uns a seguir aos outros, todos insistindo no mesmo ponto, as riquezas em caça do outro lado e a necessidade de os lundas se expandirem. Os outros Tubungo estavam espantados e assustados, se os melhores queriam ir embora como ficaria a Lunda? Desguarnecida de gente? Mas os Tubungo se limitavam a ouvir e a soltar exclamações às frases mais veementes. A rainha que lhes respondesse, eles já se tinham habituado ao papel de ouvintes das suas decisões, só ela tinha a força agora. E Lueji ouvia, ouvia, triste pela insistência deles, mas mais triste ainda pois a mão acariciando o ventre nu não o sentia crescer. Esperavam que ela rebatesse os argumentos, dissesse quero que fiquem? Estava

muito desgastada, tudo fora inútil se o filho não nascesse, que lhe interessava que mais uns abandonassem a Lunda?

Para espanto e quase escândalo dos velhos Tubungo, Lueji se levantou com ar ausente, estendeu o braço na direcção do ocidente e gritou, talvez para o lago salgado:

– Vão! Vão atrás de Tchinguri!

E saiu do tchota, para desamparo dos velhos. Os jovens que queriam partir se arrojaram no chão para esfregarem o peito com terra, em sinal de respeito e muita alegria. E foram correr anunciar a boa nova, a partida iminente para os espaços sem fim, savanas verdes cheias de caça, povos de belas mulheres, terras de rios e lagos às dezenas, onde finalmente podiam ser seus próprios senhores. Os velhos ficaram no tchota, acenderam as mutopas de liamba e com ela tentaram esquecer as futuras saudades.

Muitos partiram com Ndumba ua Tembo, perante a indiferença da soberana. Também Kakoma foi, levando o segredo do novo aço. Nas terras que Ndumba passou a dominar, perto das nascentes do Cassai, Kakoma iria inventar o forno feminino, de corpo de mulher, as pernas afastadas, de cuja vagina escorria o ferro em fusão, aquecido no ventre pelos foles. O forno dos Tchokue. Kakoma dizia a forma foi inspirada por Lueji, a fertilizadora, que tinha permitido adoptarem a nova técnica e os deixara ocupar novos territórios. Que homenagem melhor? Um forno com a forma do seu corpo. Mas essa ligação acabou por se perder, depois da morte de Kakoma, e ninguém mais soube que o tradicional forno dos Tchokue a Lueji deve a sua forma.

A rainha agora não tinha rivais, todos os que podiam aspirar a disputar o poder estavam longe. Tchinguri por vezes mandava notícias e sabiam que se estabelecera entre os Imbangala, perto do Cuango, depois de muitas peripécias. Meses depois também Ndumba estava estabelecido no território prodigioso dos Tchokue, por eles aceite como um dos chefes principais, mas nunca conseguindo reuni-los num Estado. Assim como Chinyama, mais a sul, no território dos Luvale. Os irmãos e amigos se dispersavam, dirigiam povos, transmitiam as tradições lundas. Mas Ilunga um dia disse:

– Eles estão a ganhar força. Nós aqui tranquilos e eles lá a crescer. Um dia não poderão acalantar a tentação de voltar à Lunda como conquistadores?

Tinha sido apenas uma pergunta. Mas ela ficou a martelar o coração de Lueji. Podia bem ser. E se aconselhou com Majinga, que tinha conhecido aquelas terras e povos. As respostas do tahi não a deixaram tranquila. Eram terras ricas, com muita gente. Um grande chefe ali se tornava muito poderoso. Era sem dúvida um perigo futuro para a Lunda.

As novas ideias cresciam nas gerações jovens. Sempre os lundas tiveram a tentação dos grandes espaços, a procura constante da linha azul. Frustrados no seu desejo de aventura, pois a maior, a guerra, lhes fugira das mãos com o casamento da rainha, falavam apenas de seguir o exemplo de Tchinguri e Ndumba. As notícias vindas do Ocidente mais os entusiasmavam. E Lueji pensava, que ganhava a Lunda com essas migrações dos jovens chefes? Nada, porque criavam estados independentes ou reforçavam as chefias já existentes nos novos territórios, sem mandarem tributos para Mussumba. A Lunda não ganhava nada, enquanto era sangrada da sua melhor juventude. E constituíam um perigo, com o seu crescimento independente. Majinga falava dos Xinje e Minungo, povos que ele conhecia bem, numerosos e saudáveis, apenas sem chefes que os organizassem para outros objectivos. Terreno fértil para um ambicioso. Tchinguri tinha visto tudo faz muito tempo, por isso queria tomar o poder e conquistar esses territórios para o Estado lunda, reforçando-o.

Todos queriam partir, menos o único que ela queria ver longe dali, Kandumba. O olhar de ódio dele quando fitava Ilunga, o seu silêncio ostensivo, toda a atitude indicava que esperava algo. E algo que não podia ser bom. Ela lhe deu duas das suas amilombes como prémio, quis lhe oferecer terras. Ele agradeceu e recusou tudo, numa ofensa sem nome. Só ele ousava desafiar a soberana, recusando presentes dignos dum rei. Mas Lueji tinha medo de o chocar, aquele olhar frio paralisava-a. E não o castigou, para espanto de todos. Nayole sabia do medo que grassava no coração da filha e aconselhou-a a ignorar as ofensas. Mas elas tinham

abalado o prestígio da rainha. As ofensas e sobretudo a ausência do castigo devido.

Uma noite em que não conseguia dormir, reclinada sobre as brasas que aqueciam a casa, pensava na tristeza de não ter o filho. Seria o mau-olhado de Kandumba? Tem olhares que fazem secar a vida nas plantas e no ventre das mulheres. Majinga nunca descobrira a causa da esterilidade, mas podia bem ser efeito do olhar frio do primo. Era preciso tomar uma decisão, uma decisão que resolvesse muitos problemas duma só vez. E a ideia surgiu.

Pensou e repensou nela. De madrugada, sem poder dormir, deu ordens e partiu para a aldeia de Salukunga. Lá passou dois dias, discutindo com o chefe da linhagem. E voltou a Mussumba, com a decisão tomada.

Foi assim que Kandumba recebeu a ordem de escolher voluntários e partir, como kalala, para o outro lado do Cassai, onde formaria um Estado-tampão, tributário da Lunda. O objectivo principal era criar uma barreira a Tchinguri ou a Ndumba, se um dia estes pensassem em invadir a Lunda. Kandumba obedeceu, sem refilar. Se estava contrariado, não o manifestou. Levou a sua sobrinha Mona Mavu e muitos soldados que formara. Em breve se estabelecia nas terras dos Xinje e ele e seus descendentes formariam os três estados de Kapenda, dos quais o mais famoso foi Kapenda Ka Mulemba, nomes todos derivados do título de Kapenda Ambungo, dado por Lueji a Kandumba. A pacífica partida deste resolveu muitos problemas da Lunda, pensou a rainha. Mas não resolveu o principal dela, pois nem assim engravidou. Ou não era mau-olhado do primo ou era um mau-olhado que persistia para além da ausência dele. Mistério superior à capacidade de Majinga. Só Kandala poderia ter adivinhado, mas Kandala foi único.

Dois anos passaram. Aquilo que era apenas um drama pessoal, se tornou um drama do Estado. Já não dava para esconder mais a esterilidade da rainha. Primeiro se pensou ser apenas pouca aplicação do marido, sempre fora nas caçadas. Mas depois das doze luas, as pessoas começaram a murmurar. Mulher estéril era repudiada pelo marido, não servia para nada. No caso isso não se passaria pois a estéril era rainha. Não teria o desprezo. Mas criava um gravíssimo problema de sucessão. E os Tubungo começaram

a deitar as cabeças de fora. Tinham finalmente um pretexto para recuperar autoridade e diminuir a força da soberana. Afortunadamente para Lueji, as chuvas vinham com normalidade. Se a menor seca se manifestasse, o poder derrocara. Pois então? Se o rei não pode fazer filhos, como vai fertilizar as terras? Uma coisa não está ligada à outra? Isso sempre toda a gente soube, desde que o Mundo foi criado pela Grande Mãe Serpente.

Nayole desesperava, ouvindo os mujimbos. Consultava Majinga, o qual, através dela, se tornara no primeiro conselheiro da rainha, apesar do mal que causava aquele olhar de lado. Os conselhos de Majinga acabavam por ser mais importantes que os do próprio Ilunga, sempre ausente em caçadas cada vez mais longínquas. E o tchibinda, talvez porque o amor no seu coração secasse pela esterilidade da mulher, talvez por causa das longas estadias sem fêmea, seguiu o exemplo dos Tubungo e arranjou um catuma, um rapazito afeminado que à noite aquecia o seu corpo. Nayole ouviu o mujimbo e ficou aterrada. Lueji não ia resistir à notícia se espalhando pela Lunda. Que o marido arranjasse outras mulheres nos kimbo onde se acoitava durante as caçadas, que coisa mais natural? Nenhuma esposa se ofende com isso. Mas um homem novo arranjar um catuma, preferindo-o à própria mulher, era coisa de espírito velho ou então fruto de enorme desprezo. E tudo porque alguma maldição tinha caído sobre a filha, que o melhor tahi não conseguia descobrir. Nayole fez tudo para abafar o vergonhoso mujimbo.

Mas não pôde impedir que Kakongo cumprisse o seu dever de chefe do protocolo e mujimbeiro oficial da rainha. Kakongo contou a Lueji o que constava sobre o marido. Estava resguardado na sua posição, nada lhe podia suceder por dar más notícias, sucederia pelo contrário se alguma ocultasse. Mas era tão terrível e humilhante que mesmo Kakongo gaguejava ao contar. Para seu espanto, Lueji não reagiu. Ouviu só.

Os meus seios vão cair de velhos sem que uma criança neles chupe a vida? A pele da minha barriga vai um dia morrer sem ser esticada por dentro? E Ilunga se comporta assim porque já o meu corpo lhe não agrada ou para me forçar a uma decisão? Mas qual? Tudo tristes pensamentos que levavam ao desânimo e não à raiva

da ofendida. Kakongo contou apenas a Kumbana a reacção da parente. Ficaram os dois a abanar a cabeça e a suspirar, olhando a fogueira à sua frente.

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, KUMBANA,
kanapumba da Lunda.

Foi para isto que tanto lutámos e sofremos e ansiámos? Noites e noites sem dormir, caminhos sem fim a percorrer, perigos constantes a enfrentar, dúvidas a abafar no coração quando as tradições eram quebradas, tudo para que ela reinasse. Até mesmo Tchinguri enfrentámos e os espíritos sabem como o temíamos. Nem o medo de Tchinguri ou dos cazumbis nos fez vacilar.

E ela reinou. Como foi escolhida. E mostrou ser capaz de resolver os nossos problemas, a chuva inundou as terras, a vitória foi conseguida quase sem sangue e o povo adorou-a. Arranjou para a Lunda carne e mais carne que llunga caça, trouxe para a Lunda o aço bom para fazer enxadas e armas, com ela o povo está feliz. Nunca nenhum soberano foi tão amado. Se acabaram os castigos injustos, os julgamentos se passam como manda a tradição mais nobre dos lundas. Ela foi o prémio bom que os espíritos dos antepassados trouxeram para este povo pacífico que apenas quer dançar.

E a nossa linhagem cresceu. Antes era importante, daí Nayole ser escolhida para segunda mulher de Kondi. Mas era só isso, uma linhagem importante. Com ela se tornou numa força que nenhuma outra jamais teve. Reinamos em toda a Lunda e até fora dela, com Kandumba e outros que se vão seguir. Tudo graças a Lueji, a menina esperta e corajosa que recebi no Cassai e a quem ensinei os mistérios do outro lado. Nela também incuti o desejo das grandes chanas alagadas e das montanhas azuis. Desde aí fiquei impressionado pelo seu coração. E hoje todos me dão razão. Generosa como ninguém, cumprindo sempre as promessas.

Sofreu para cumprir a promessa feita ao pai moribundo. Sei como sofreu. Adorava Tchinguri e teve de o combater, apenas para seguir os desejos do espírito de Kondi. Não é qualquer um que o faz. E agora está sozinha, pelo próprio marido desprezada, porque algum

cazumbi maligno entrou no ventre dela e não deixa crescer a semente de Ilunga. É justo isto? Que me castiguem, mas os espíritos são injustos. Se banqueteam no cimo das mulembas com as oferendas que lhes fazemos. Para eles é o primeiro marufo, para eles é a primeira farinha tirada das lavras, para eles a melhor hortaliça das nakas, para eles é o primeiro peixe e o melhor pedaço de carne que caçamos. Merecem? Engordam com os nossos sonhos, as nossas preces, as nossas vidas. E se vingam depois nos inocentes, nos mais puros, nos únicos. Espíritos malditos, que se tornem cazumbis errantes, todos vocês! Não me perdoem estes pensamentos heréticos, de vocês nem o perdão aceito. Cuspo para o chão, para as vossas mahambas, malditos sejam! E podem mandar a lepra comer a minha cara, podem mandar o raio queimar a minha família, apenas mostrarão a vossa verdadeira face.

Olhem para ela. Tão nova e já os ombros se curvam, por não poder ter um filho a quem passar o lukano, como prometeu. Olhem para ela. Sofrendo uma vez mais pela Lunda. Nem disso têm pena? Nem com a Lunda se preocupam? Egoístas até ao fim. Malditos, cazumbis das trevas, cazumbis de Nhaweji, de Muako, de Kondi, de todos, todos. Mas vos prometo, haka, vos prometo. Se Lueji não arranjar um filho, eu mesmo utilizarei o machado e cortarei rente o frágil tronco da mulemba sagrada que a rainha plantou na sua onganda. Pensam ir refastelar-se aí para do alto contemplarem os nossos dramas? Cama não terão. Essa, eu corto-a. É um sacrilégio a ser pago por gerações de sofrimento, eu sei. Mas aquela cama dela vocês não terão.

Querem promessas e não ameaças? Também as posso fazer. Serei o chefe da nossa linhagem, tudo o indica. Salukunga já pouco tempo tem de vida, os irmãos não lhe podem suceder. Não sou hoje o seu sobrinho mais velho? E Lueji apoia a minha pretensão, estou certo. Pois bem, lhe dêem um filho e não serei chefe da linhagem. Querem maior sacrifício?

Não me importo em perder a linhagem. Só quero ver um sorriso naquele rosto de menina. Só quero ver a apatia dela desaparecer, a cada mês que o sangue escorre do seu corpo jovem, aparentemente tão forte. Nada vos peço para mim, espíritos malditos e mentirosos. Lhe dêem o filho, não o merece?

Preces e ameaças fez Nayole. Lueji já nada fazia. Apenas bebia o que lhe davam os kimbandas, vindos de cada vez mais longe com curas milagrosas. Inúteis. Alta noite se ouviam ngomas rituais a invocar os espíritos da fertilidade. O povo ouvia e também falava para os espíritos, ajudem a nossa rainha. Em vão.

Sem que ninguém lhe falasse, sem ter ouvido uma voz vinda do alto da mulemba, sem ter visto isso no rosto da Lua, Lueji teve uma ideia. Há anos sentia a saudade das rosas de porcelana, o seu ceptro. Nelas e no seu lago muitas vezes falara a Ilunga, mas nunca o levava lá. Se decidiu acompanhar o marido a uma caçada na região da velha Mussumba. E lhe mostrar o lago.

Foi uma caçada emocionante. Pela primeira vez Lueji viu matar o elefante. Ilunga estava alegre, faz tempo não ria e falava tanto. Estiveram todo o tempo juntos, felizes por estarem. O catuma também tinha ido mas a rainha fingia ignorá-lo. Nessa noite dormiria sozinho, Ilunga era dela. Depois da caça passaram pela Mussumba antiga. Dois anos tinham feito desaparecer quase todos os vestígios. Difícilmente se poderia adivinhar que ali vivera gente, que aquilo fora a capital da Lunda. O salalé se encarregara de devorar todo o capim das cubatas e a maior parte dos paus das paredes. Um ou outro ficou de pé, mas já tapado pelos arbustos e capim que cresciam à vontade. Se podia adivinhar o sítio das lavras, por não ter árvores. Mas os arbustos retomavam já todos os espaços. Foi aqui que nasci, se dizia Lueji com espanto. Conseguiu reconhecer o sítio da grande praça, onde tinha havido o tchota das reuniões. Aqui fui eleita rainha. Ela tudo mostrava a Ilunga, espantada com as diferenças. Mas conseguiu reconhecer o carreiro para o lago, todo tomado embora pelo capim. Avançou à frente de todos e se maravilhou de saudade ao chocar com a beleza azul do lago ao entardecer. Lá, para a direita, no meio do verde das folhas, estava a mancha rosada dos ceptros de Lueji. Ela apenas apontou e Ilunga soube a que se referia. O luba se dirigiu para o matagal e cortou algumas rosas. Com elas num feixe, veio lhas trazer. Lueji agradeceu, apenas baixando os olhos. Ilunga sabia ser gentil. Ela sentou nos rochedos da sua meninice, as rosas de porcelana no colo, e ficou a olhar o lago, recordando o inenarrável. Enquanto o séquito montava o acampamento. Assaram carne e ela comeu.

Ilunga se escondera no mato para comer. Os caçadores marcaram o ritmo do batuque e, mesmo sem mulheres, se puseram a dançar à volta da fogueira. E Lueji pegou Ilunga pela mão e o levou para a mata de fetos e begónias e rosas de porcelana, onde conhecera o amor com Tchinguri. Ilunga não se espantou e correspondeu ao desejo dela. Aqui será feito o meu filho, pensou Lueji, antes de se abandonar nos braços do marido.

Só Lu não encontrava braços onde se abandonar. Apesar do trabalho duro dos ensaios, das angústias provocadas pelo atraso da música, isso lhe faltava. Uli desaparecera, afogando no hospital as suas dúvidas. Mabiala passava as noites a beber e a gravar. Até mesmo Timóteo se tornara reservado. E Senhor Eugénio, depois de duas tentativas infrutíferas para fazer amizade, parou de insistir. Conformado? Apenas desorientado, traçando algum plano infalível a que mulata alguma pode resistir.

Mas Afonso conseguiu, depois de muitas garrafas ingeridas. A música estava pronta, toda gravada. Até mesmo a canção que Kafala iria apresentar ao vivo na noite de estreia estava gravada para as outras sessões. O compositor apareceu com uma bobina no ensaio. Mais magro e chupado ainda. Entregou a bobina à Directora, está tudo aí, agora vou dormir três dias. Lu veio lhe beijar as faces e ele pensou, dormir? Como posso dormir sem ela? Se retirou, não procurou cama, foi se refugiar num bar, sonhando com linhas azuis e lagos e Lu dançando no meio.

O ritmo de trabalho aumentou ainda mais. Já nada faltava, excepto escolher os adereços, preparar as roupas, criar os cenários. Só isso faltava? Faltava o mais difícil. As coreografias colectivas estavam mais ou menos aprendidas, mas a maka eram as danças de par de Lu com Cândido. E eram várias e diferentes. De amor, de alegria, de desespero, exigindo muita arte e coordenação perfeita. Como coordenar com Cândido que a todo o momento se revoltava contra as marcações estritas e inovava sobre o tema?

Até que a Directora teve uma ideia. À noite, depois do ensaio, levou Lu para a sala secreta.

– Temos de tomar uma decisão. Já falta pouco para o espectáculo, a data está agora marcada e não podemos adiar. Estive a pensar. Ou o Cândido se adapta ao que queremos dele, o

que me parece impossível, ou mudamos a coreografia ou a estória, ou mudamos de Ilunga. Que achas?

– Alguma coisa é preciso mudar – concordou Lu.

– Mas o quê?

– Aí está a puíta! Não há outro Ilunga. Só o Jaime, mas então ficaríamos sem Tchinguri. E Cândido não pode interpretar Tchinguri, ainda seria pior.

– Ele é um Ilunga perfeito, excepto quando dança contigo.

– Comigo ou com outra. Não se adapta a dança de pares.

– Por isso tenho uma ideia. Mudemos a coreografia desses bailados.

– Mudar agora? – assustou Lu.

– Não há outra solução. Repara. A coreografia dessas danças vem na linha do clássico. Embora os passos sejam tradicionais, a concepção é clássica. O Cândido tem de te apoiar, servir de cabide, levantar-te e segurar-te, por vezes fazer um solo e aí vai bem, mas logo deve voltar a ser base da bailarina. Não é isso? Mas não tem técnica para servir de base, está mais que provado. Mudemos então tudo. À merda a concepção clássica! O bailarino que se autonomize, invente passos. Tu és suficientemente boa para o seguir, te adaptares à dança dele, seres o complemento e não o elemento principal. Deixa de haver uma base, mas dois elementos complementares. O que é de facto moderno. E isso ele pode fazer. Tu também. Ou não?

Lu ficou calada por momentos. Era uma ideia que virava tudo de pernas para o ar. Coreografia nova. Bem, só nas danças entre eles, o resto funcionava bem. Mas as danças entre eles eram importantes. A Directora continuou:

– Ele conhece bem os temas, os sentimentos a transmitir. É perfeito nos solos. Por isso poderá ser perfeito nos pares, se não tiver que se preocupar com o apoio a dar à bailarina. É isso que tem de se mudar. Deixa-o criar e cria tu depois a partir dos movimentos dele.

– É difícil.

– Tu podes fazer. Já criaste tanto, sempre improvisaste... O problema é que agora não és tu que diriges a coisa. Tens de improvisar sobre o improviso do outro. É isso que te choca?

– Não, não. Mas altera a estória. Ilunga era dependente de Lueji. Na dança será o contrário...

– Não altera nada. Nas relações entre eles, não havia um dominador. Havia sim em relação ao exterior e era Lueji. Mas entre eles...

– Pode ser. No geral, é a figura de Lueji que sobressai, é ela que tem a batuta. Porque não passar a batuta a Ilunga, quando estão sós? Ferirá menos o machismo reinante...

– Não tinha pensado nisso, Lu. Mas de facto assim fica mais equilibrado. Não nos poderão acusar de feminismo militante. Vamos experimentar?

– Que remédio! Aliás é uma experiência enriquecedora.

E no dia seguinte começaram a experiência. Cândido sorriu quando a Directora lhe explicou o que queria, assim é muito melhor. Deixo de ficar amarrado à Lu, ganho a minha independência. E passou a dançar solto, retomando o seu papel de professor do grupo do Lubango. Lu procurava seguir, inventando as réplicas que se impunham, e a Directora desenhava os passos para mais tarde refundir tudo numa nova coreografia. Não ia implicar em alteração da música? Isso assustava Lu, sabia Mabiala incapaz de trabalho suplementar. Mas não era preciso, Cândido interiorizara perfeitamente a música, tornava-a mais límpida com o corpo. Ao fim de três dias, Lu reconheceu, está muito melhor. Mas falta ainda muito trabalho, sobretudo dela, que muitas vezes não encontrava a resposta adequada e Cândido tinha de a ajudar e discutiam os dois e ensaiavam de novo, até ela acertar. Sinverteram os papéis, agora sou eu que tenho de acertar com ele, nunca me tinha acontecido. Mas é excitante.

Excitante em todos os sentidos, pois à medida que a dança se recompunha e mais tempo se coordenavam sem erros, mais ia aparecendo o desejo do corpo de Cândido pelo corpo dela. Ele não escondia, não procurava disfarçar como Uli fazia. Era uma força da Natureza, Cândido, e também os seus desejos. E o corpo de Lu se deixava ganhar pelo desejo dele, se submetia. Involuntariamente. Nos intervalos ela se pensava e não compreendia. Sempre fui eu que excitei os homens e me excitava por isso. Agora esse corpo excita-me por ele próprio e não pelo meu desejo. E toda eu luto

contra isso, conscientemente. No entanto, aquele fogo que adivinho me queima, oh como queima. Fogo que a levava a errar, por vezes, e ter de ficar abraçada a Cândido, se consumindo.

A Directora andava radiante, o bailado progredia, os dois bailarinos iam formar um par único, melhor que Lu e Uli. Não era difícil adivinhar a corrente eléctrica que passava dum para o outro, natural e desinibida, tão diferente do feitiço ambíguo que encantava antes ao verem Uli e Lu dançar: Agora não havia rotina profissional no meio a subtilizar as emoções. Era o vento forte do Sul arrastando nuvens sobre o deserto, era o rugido da calema atirando barcos sobre a praia, era o rebentar irresistível do capim verde por baixo do castanho, terra e semente se germinando, não mais passos perfeitos porque antes adivinhados, mas passos que se procuravam, se recriavam em múltiplas variações mutuamente grávidas da vontade dos espíritos, espíritos da Lunda e espíritos dos povos pastores do Sul, enredados e empurrando um corpo para o outro, como a força que empurrava Ilunga para a caça, sempre para novas caçadas. Mas Lueji estava tranquila, aguardando a outra Lua. No meio das rosas de porcelana tinha engravidado. Tratou com mais interesse dos negócios de Estado, uma vez ou outra foi mesmo assistir ao batuque nocturno. Vendo-a mais alegre, Kumbana serenou. Eles ouviram o que lhes disse. Tiveram medo da ameaça ou se comoveram com a promessa? Nunca poderia saber. O que importava é que a rainha ostentava uma segurança que ele já esquecera.

Mudou a Lua e Lueji começou a mostrar sinais de nervosismo. Nayole segredava para Kamonga Luaza, as regras dela devem estar a vir, é agora a altura. Se não vierem é porque está grávida. E Kamonga também ia para a anza, contemplava a jibóia e os cágados protectores dos espíritos, se prostrava junto das mahambas, façam que o sangue não venha, façam a minha rainha feliz outra vez.

Mas uma noite Lueji acordou se sentindo molhada. Desesperada, avivou o fogo no braseiro e se olhou. A menstruação tinha vindo. O grito de desânimo acordou Nayole e Kamonga Luaza que correram. Lamentos e xinguilamentos não acalmaram o desespero da rainha. Nem o feitiço das rosas de porcelana tinha resultado.

Sabedor do mujimbo por Nayole, Kumbana reflectiu, reflectiu. Os espíritos se riram das suas ameaças e desdenharam a promessa? Mas era preciso fazer qualquer coisa para salvar Lueji. Já os Tubungo murmuravam, ainda com medo, mas mais tarde talvez abertamente mesmo, uma rainha estéril é uma desgraça para a Lunda. Iam cobrar os agravos recebidos e tentar recuperar todo o poder. Bastaria convencerem os principais cortesãos e os comandantes que a situação não podia perdurar. Sabiam, o kanapumba sempre lhes faria frente. Mas que é um kanapumba se os seus comandantes o abandonam? E o argumento era pesado. Rei sem filhos causa a seca e a morte do povo, mais cedo ou mais tarde. Ilunga era um mistério, não se importava nada com os negócios do trono, só queria caçar. Quem sabe apoiaria as ideias dos Tubungo? Se Kandumba ali estivesse... Continuava a ser o kalala, Lueji não nomeou substituto. Ah, com Kandumba ao seu lado ele não tinha medo de enfrentar todos. Mas assim... Alguma coisa era preciso fazer, mas o quê? Se os próprios kimbandas desconsigliam... Ouvira por vezes dizer que o mal não estava na panela mas no pau com que se bate o funje. E se fosse? Indirectamente, com todas as precauções, foi perguntando aos mais-velhos e aos kimbandas, chegou mesmo a falar com Majinga. Foi visitar Salukunga e com ele se abriu. O velho admitiu a possibilidade. E um dia Kumbana se encheu de coragem, foi falar com Lueji, quando ela tinha acabado de ir à anza ver como estavam a ser tratadas as mahambas dos antepassados.

– Os Tubungo continuam a refilar por eu ter as mahambas aqui fechadas? – perguntou ela.

– Sempre, rainha. Não te perdoam isso. Que é uma humilhação terem de te pedir licença para visitar os seus antepassados.

– Kandala, no fim da vida, também se revoltou contra isso. Talvez tenha sido um erro. Me pergunto...

Ela não continuou e Kumbana não pediu esclarecimento sobre o que queria dizer. Tinha entendido. Lueji se interrogava se a sua esterilidade não era provocada por ter fechado as mahambas, só podia ser isso. O kanapumba ganhou coragem para abordar a conversa que o tinha levado até ali.

– Rainha, não queres passear pelo rio? Tenho um assunto para falar contigo.

Lueji mirou-o, admirada. Um olhar cansado e triste, notou ele. Geralmente Kumbana não falava com ela a sós, os seus assuntos eram postos livremente. Algo muito importante ou pessoal devia ser.

– Vamos.

Se afastaram da onganda, chegaram ao rio, ultrapassaram o sítio onde Lueji e as amilombes costumavam tomar banho. E Kumbana sempre calado.

– Então?

– Rainha, em primeiro lugar peço desculpa pelo muito atrevimento. Tenho pensado todo o tempo neste assunto e ando muito magro com isso. Peço que entendas este meu atrevimento apenas como prova de muito respeito e amizade...

– Podes falar à vontade.

Pela introdução e pelo modo reticente, Lueji adivinhou de que se tratava. Que coisa podia fazer Kumbana emagrecer? Só podia ser a infelicidade dela. Se retraiu, com vergonha, pois o único homem com que falara foi Majinga, mas esse é um tahi, e Salukunga, mas esse é o pai da linhagem.

– É sobre o facto de não teres tido um filho – se afoitou ele, num repente. E se calou, mortificado.

Lueji lhe tocou no ombro, em sinal de afeição. Que seria eu sem Kumbana?

– Já tinha adivinhado. Podes falar à vontade, não me ofendo.

– Pois bem. Sem que ninguém se apercebesse, tenho andado a perguntar aos mais-velhos, aos que muito sabem. E embora seja raro e pouco se fale no assunto, é possível que o mal não esteja em ti mas no teu marido.

– Como assim?

– Há casos. Homens que abandonam as mulheres porque elas são estéreis e depois elas concebem com outro homem. E eles, com outras mulheres, não têm filhos. São raros, mas existem esses casos.

– Também ouvi dizer.

– E se é o que se passa contigo?

A ideia não era nova, já Nayole a referira. Mas Lueji nunca a quis admitir. O castigo era para ela, alguma coisa que fez errado e mereceu a ira dos espíritos, talvez a morte de Kandala na sua casa, talvez ter sequestrado as mahambas para reforçar o seu poder em época de crise, qualquer coisa irritara algum espírito e este se vingava. Tão vingativamente que nem os tahi descobriam qual fora a ofensa. Se ter dado primeiro ao irmão? Podia ser. Havia tanta falta que um soberano cometia que o equilíbrio do mundo exige castigos exemplares, diferentes dos dos mortais comuns. Esses morrem pelo feitiço.

– E se fosse? – perguntou ela. – Como posso saber?

– Muito fácil.

– Se nem os tahi descobriam, como podes achar fácil?

Kumbana respirou fundo. Chegava à parte mais delicada da questão. Mas tinha de continuar, a felicidade dela estava em jogo. E a da Lunda. Como o prisioneiro que estende a cabeça para o algoz que lhe vai decepar com o mucuali, Kumbana falou:

– Experimentando com outro homem.

– O quê?

– Perdoa se agora me tens raiva. Disseste para eu falar à vontade... Corro o risco da tua raiva. Mas é por te querer bem que falo.

Lueji tentou dominar a ponta de irritação. Se arrependeu de ter gritado, não havia motivo.

– Foi o espanto e não a raiva que me fez gritar. Desculpa, Kumbana, sei nada fazes contra mim.

– Obrigado, rainha. Mas que outra maneira tens para saber, senão essa? Leva para a tua cama um homem que se saiba ser fértil. Tens direito a isso. O teu filho tem de receber o lukano.

– É uma ideia tão espantosa... Nunca me passou pela cabeça. Embora como rainha possa ter vários homens, quem o vai impedir? Só Ilunga, mas nem sei se ele se importa já.

– Não digo para teres outro homem como segundo marido. Nunca se fez entre nós. Mas ninguém precisa saber. Se for alguém capaz de guardar segredo, mesmo à custa da sua morte...

Lueji não contestou. Se aproximavam do sítio preferido de Mulaji, onde ele apanhava os maiores bagres. Mas o pescador não se

encontrava à vista. E Kumbana continuou:

– Se tiveres o filho, nem precisas dizer a Ilunga o que passou. Ficarás feliz por ter um filho que vai receber o lukano. E se nascer na casa dele é filho dele, bem conheces o costume.

– E quem seria esse homem capaz de guardar segredo?

A rainha fez a pergunta conhecendo já a resposta. Kumbana era fértil, tinha vários filhos de duas mulheres. Curioso. Se admirava como ele era capaz de se propor a si próprio. Mas por ela e pela Lunda Kumbana tinha todas as coragens.

– Kamexi.

Lueji se espantou. Kamexi? Este Kumbana era único, deve ter adivinhado o que lhe passou várias vezes pela cabeça, sobretudo em alturas de batuque, antes de conhecer Ilunga. Mas guardou o segredo com ele. Com efeito, a corça não pare à frente do leão, era a máxima de Kumbana. Prudência. E só agora, indirectamente, lhe dizia há muito descobriu o interesse dela, mesmo passageiro, pelo primo.

– Já tem um filho, é pois fértil. E nunca se vai gabar, se o futuro rei for dele. Aliás não será. De Ilunga será. Kamexi apenas ajuda. Nele podes confiar, rainha.

– O meu desespero é tão grande...

– Sei. Não custa tentar. Os Tubungo qualquer dia vão começar a falar alto, a falar. E propõem a escolha de outro rei. Será o fim da Lunda, pois voltarão Tchinguri e Ndumba e os outros. E novos apetites aparecem. Tens de evitar isso.

– Não há outra maneira, não é, Kumbana?

– Já tentaste tudo menos isso.

– Está bem. Fala com ele. Se prometer o silêncio total...

– Podes confiar. Não pensa em mais nada senão em te servir.

– Manda-o esta noite. Fá-lo entrar em segredo. Ninguém mais pode saber, só Nayole.

– Ninguém saberá. Te juro, rainha.

E assim, Kamexi passou pela entrada secreta, todo nervoso, acompanhado por Kumbana. E foi ter com Lueji. Muitas noites. Todas em que Ilunga dormia nos matos, atrás da caça. E se primeiro Lueji aceitou apenas para ter o filho, o interesse por Kamexi há muito tinha secado, depois o corpo jovem dele despertou nela todos

os prazeres. E era com ansiedade que a rainha esperava que Ilunga partisse para a caça. Chamava Kamexi. E loucas noites de prazer passavam os dois amantes. Muitas e loucas noites de prazer. Kumbana e Nayole vigiavam, não fosse alguém descobrir. E estremeciam a qualquer ladrar de cão nas noites sem fim.

Três meses passaram e ela não engravidou. Tinha de se render à evidência, o mal não estava em Ilunga. E numa noite em que Lueji não podia usar o lukano por estar menstruada, chamou Kamexi e lhe disse é inútil estarmos aqui a arriscar ser descobertos, de todas as maneiras adultério é crime e eu sou a Na Caianga dum tchibinda, ele vai acabar por perder a pontaria e me culpar, e nem por isso vou ter um filho, te agradeço o interesse e o teu silêncio, mas não vou te chamar mais para a minha cama e se despediu com lágrimas nos olhos do amante fiel e meigo.

O desespero voltou a reinar sozinho. Durante aqueles meses de esperança e prazer dado por Kamexi, se tinha voltado a interessar pelos negócios do poder, muitas decisões tinha tomado e mantido os Tubungo no seu lugar. Meses de ilusão. Nada valia a pena. Tudo fizera para conservar o lukano, na promessa de o passar para o filho. Não concebia e toda a sua vida perdia significado. O poder pelo poder? Tinha ganho gosto a ele, sem dúvida, mas não esquecia que era uma situação temporária. Agora ia conservar o poder, sem ter a quem o passar um dia? Defrontar mais uma vez os Tubungo, tendo de exilar todos os que falassem da sua infelicidade, apenas para ser rainha? Era assim o cumprimento da promessa feita a Kondi? O importante era ter alguém que pudesse receber o lukano. Se o passasse sem grandes resistências, a promessa principal estaria cumprida. Mesmo se esse alguém fosse apenas seu meio-filho. Podia ser?

Não estava segura do que pensava e foi falar com Majinga. Ele conhecera outros povos e costumes, já tinha dado conselhos úteis. Podia talvez confirmar a sua ideia. Majinga primeiro ficou surpreso, era uma ideia que só podia nascer na cabeça de Lueji. Mas reflectiu, reflectiu e concluiu, porque não?

Assim, quando Ilunga voltou da caça, Lueji deixou que ele comesse sozinho e depois foi lhe falar.

– Ilunga, a promessa feita a Kondi ainda está de pé. A tua também?

– Claro, o teu filho reinará.

– Muito bem. Mas há um problema. Não posso ter filhos, algum espírito não o quer.

– Já falámos nisso.

– Tenho uma solução, mas deves estar de acordo.

Ilunga olhou-a e viu o desespero dela. Lhe afagou um ombro. Continuava a gostar dela da mesma maneira de sempre, mas só que gostava ainda mais da caça, por isso ficava muitas vezes ausente. Falou com o seu tom habitualmente meigo:

– Se achas que é uma boa solução, eu estarei de acordo. Até aqui não fiz tudo o que quiseste?

– Então te vou oferecer uma segunda mulher.

– O quê? É essa a solução?

– Uma rapariga da minha linhagem, como uma irmã minha. O filho que tiveres dela, na minha casa, também será meu filho. Tomo conta dele. E ele reinará.

Ilunga resistiu, porque não acreditava na ideia. Não vai dar certo, os Tubungo nunca aceitarão.

– Quem é o filho? É o que sai do ventre da mulher ou aquele que ela trata, a quem dá amor como filho, gerado pelo seu marido, a quem ela dá o nome e o lugar na linhagem? Este é que é o filho.

– E os Tubungo?

– Eles vão aceitar. Nem precisam de saber que não saiu do meu ventre. Pelo menos no princípio. Quando o souberem, será muito tarde para recusarem. E se recusarem, temos forças para o impor como rei da Lunda. Prometes?

– Será o meu filho e não o teu, Lueji.

– Já te disse também será o meu. Eu lhe darei o nome e o criarei e a mim ele chamará mãe. É meu filho.

– E a mãe dele vai aceitar?

– Tenho alguém que aceita de certeza. Mas primeiro preciso da tua concordância.

– E isso fará que rias de novo, dances no batuque como antes, não fiques a chorar pelos cantos?

– Com esse filho serei feliz de novo. Terei vontade de viver outra vez.

– Então aceito, Lueji. Sempre quero ver quem me arranjas para segunda mulher. Espero que não seja uma velha feia.

– É a mais bonita das raparigas da minha linhagem.

Ela estava tão contente com o seu consentimento e ele estava há tantos dias sem ela, que a noite de amor foi louca como as primeiras que passaram juntos. Esquecido estava Kamexi. E o catuma.

No dia seguinte, Lueji chamou Kamonga Luaza. Explicou tudo que dela queria. Repetiu muitas vezes, mas o filho será meu. Os seguintes serão teus, mas meu será o primeiro varão. Kamonga Luaza aceitou. Por vários motivos. Primeiro, não podia recusar nada à sua rainha, por quem estava disposta a dar a vida. E em segundo lugar, lhe agradava ser mulher de Ilunga, quem não queria? Tantas vezes sonhara com aquele tom negrazul de pele que nenhum homem tinha! E finalmente, não era uma honra ter um filho destinado para rei da Lunda? Mesmo que só ela soubesse.

O casamento de Kamonga não teve o brilho do casamento de Lueji. Mas podia? Não houve música de marimbas, apenas os ngomas e as danças habituais. Não havia aquela alegria logo a seguir à vitória contra Tchinguri, o clima agora era outro. Os Tubungo assistiram a tudo com curiosidade e viram a alegria da rainha e de novo o olhar triunfante. Não o podiam entender, devia era estar preocupada por não conseguir arranjar um herdeiro. Se via, fora casamento que ela decidira. Se fosse decisão do marido, ela não estaria com aquele brilho nos olhos. Não dá para entender, confidenciou muata Kakele aos outros, mas essa rapariga sempre foi assim, nunca a entendi muito bem, só acredita na sua cabeça, e a Lunda sem herdeiro, pobre Lunda! Qualquer dia recomeçam as guerras civis, pois terra sem herdeiro é terra com demasiados herdeiros.

Ilunga passou a dividir as suas noites entre as duas, na melhor concórdia. As duas se tornaram ainda mais amigas, unidas pelo mesmo homem e o segredo comum. E todos os dias Lueji se informava sobre os sintomas de gravidez de Kamonga. Ainda era cedo, ria Nayole. Os espíritos não iam se vingar de novo, rezava Lueji para as mahambas, que todos os dias recebiam a sua visita.

E dois meses depois do casamento, as regras não vieram. Uma lua de incerteza e angústia passou e elas decididamente não vieram. Kamonga Luaza estava grávida. Havia ainda muita maneira de os espíritos se rirem dela, mas Lueji acreditava o seu filho ia nascer.

Tal era a sua segurança que reuniu o Conselho dos Tubungo. E explicou ao Conselho que se ia retirar para a aldeia de Salukunga até o filho nascer. A Lunda não podia ficar tanto tempo sem soberano, por isso passava o lukano a Ilunga. Os dois reinariam até o seu filho ter idade para ostentar ele próprio o lukano, como tinha sido prometido a Kondi. Ilunga se submeteu, aborrecido por ter de reduzir os períodos de caça. Mas Lueji merecia o sacrifício.

Houve murmúrios entre os muatas, um kandaka ia reinar sobre eles. Murmúrios fracos, temerosos, bem sabiam já não podiam impor nada. E as cerimónias foram preparadas para a transmissão do lukano. Se passaram na pedra onde pela primeira vez eles conversaram. Os Tubungo mais importantes fizeram discursos, realçando as qualidades de Ilunga. E por imposição da rainha, foi Majinga que dela recebeu o lukano e o colocou no braço do luba. E falou Majinga o que os Tubungo queriam ouvir e também o que não queriam, pois algumas eram as satânicas ideias de Tchinguri:

– Tchibinda, em nome da Lunda recebi o lukano da senhora das terras e o pus no teu braço. Com isso te dei poderes maiores que os de qualquer homem. Te dei poderes para reunires todos os pequenos estados num só, que será governado pelo teu filho, o neto de Kondi. Te dei poderes para fazeres crescer essa herança, de preferência pela paz mas se preciso pela força, contando com os esforços e a vida de todos nós, teus súbditos. Te dei poderes para mandares matar qualquer um que te desobedeça e seja ele quem for, grande ou pequeno. Te dei poderes para mandares matar os feiticeiros, os que usam as forças sagradas para fazer o mal e os criminosos de qualquer género. Te dei poderes para dispores da vida e das riquezas de todos os súbditos, para grandeza e bem-estar do teu filho que vai nascer, pois eles eram escravos da tua mulher, a senhora das terras, e agora são teus. Te dei poderes para ensinares os lundas a serem bravos e inteligentes como os filhos

que te acompanharam. Usa esses poderes com sabedoria, para bem do teu filho e de todos nós.

Logo Kumbana pegou no machadinho de Ilunga e iniciou a Cufuinha, dança ritual dos guerreiros, dando grandes saltos, indicando pela mímica que lutava com inimigos, homens, feras, monstros, incitado pelas palmas e assobios do povo inteiro que se aglomerava à volta. Kumbana suava mas não parava de depor aos pés de Ilunga os corpos dos inimigos vencidos, só interrompendo a dança para exclamar, recebe, grande entre os grandes, mais este inimigo vencido. Até que caiu exausto, exclamando, sê grande, Ilunga, em nome do teu filho, para que ele possa repartir pelo seu povo as riquezas que ganhares. Outro dançarino lhe tomou o passo, gritando, sê justo e forte, Ilunga, para que o teu filho te imite e todo o povo te queira.

E a cerimónia se transformou em festa, a comida e a bebida surgiram e as danças duraram três dias.

Terminada a investidura, as duas mulheres de Ilunga, acompanhadas de Nayole, foram se refugiar no kimbo da linhagem. E Lueji e Nayole trataram da gravidez de Kamonga Luaza com todos os cuidados. Ficaram numa onganda afastada do kimbo, construída especialmente para elas e onde ninguém tinha acesso. Só Nayole fazia a ligação entre a onganda e a aldeia. Nem Lueji nem Kamonga foram vistas durante aqueles meses até ao parto. Só Kumbana de vez em quando aparecia com as notícias de Mussumba e os recados de Ilunga, desesperado por ter de governar e ainda por cima sozinho. Kumbana transmitia os apelos do marido, que o parto seja breve e volta depressa, os elefantes me chamam e eu aqui a aturar estes velhos fumadores de liamba que passam a vida em disputas ridículas. Manda os velhos passear, não lighes a essas disputas, ocupa-te só do essencial, mandava Lueji dizer a Ilunga, mas o problema é que ele nem sempre sabia distinguir o essencial. E Lueji ria do desespero do marido, lhe faz bem se ocupar um pouco da casa, brincava com Kumbana e Kamonga, os quais batiam palmas de gozo.

E um dia vieram as dores. Os gritos se ouviam no kimbo e as gentes queriam ir ajudar. Mas Salukunga tinha dito, ninguém pode ver nem ouvir uma rainha parir, isso provocará a ira dos espíritos.

Esses gritos são do vento, uma rainha não grita a parir, não se apercebem que é Kamonga quem grita por ela? De facto era a voz de Kamonga Luaza a gritar, a rainha sofria silenciosamente todas as dores e angústias, uma rainha sabe esconder o sofrimento. E as pessoas do kimbo ouviam os gritos de Kamonga, fingiam trabalhar mas estavam apenas concentradas naqueles gritos, oxalá a rainha deite para fora depressa o herdeiro da Lunda, só isso interessa. E sem ninguém ouvir um só queixume seu, para não provocar a seca e as tempestades e as epidemias.

Muito tempo depois, o silêncio se fez na onganda, logo seguido do choro do recém-nascido. As gentes do kimbo e mais os que, prevenidos, tinham vindo das outras aldeias, se rojaram no chão, esfregando o corpo com pó, gritando de alegria e batendo palmas, festejando o nascimento do futuro rei da Lunda.

Mais tarde, Lueji foi com Nayole apresentar a Salukunga o herdeiro, de nome Yanvu. As pessoas, aclamando, viram na cara da rainha os vestígios das dores que ela calou. Mas viram sobretudo o orgulho que imperava no seu rosto.

Os mundos tocaram a anunciar o nascimento para Mussumba. E o batuque rolou solto durante toda a noite, no kimbo e na capital.

No dia seguinte, um séquito imponente, comandado pelo próprio Ilunga e de que faziam parte todos os muatas presentes em Mussumba, se dirigiu às terras da linhagem para ir buscar a rainha e o seu filho Yanvu. Kakongo levou também o manto púrpura com que Lueji se cobria nas grandes ocasiões. E foi com esse manto, sentada na liteira, o filho nos braços, que a rainha da Lunda voltou a Mussumba, aclamada pelo povo, voltada a antiga alegria das vitórias.

Depois daquela vitória, foram ao bar da esquina festejar a certeza de que não só o trono da Lunda estava salvo, mas também o seu espectáculo. A Directora declarou hoje sou eu que pago e todos aplaudiram. Lu e Cândido estavam sentados lado a lado, depois Jaime e Olga, a Directora e os outros. Faltava Afonso Mabiala, mas tem uns dias já que anda desaparecido, embora me tivesse dito que hoje ia aparecer sem falta para me pagar umas despesas fiadas. E é muito dinheiro, confidenciou o dono do bar aos bailarinos, ele

bebe e mija, bebe e mija, bebe e mija. No meio compõe umas músicas.

– Não assuste – disse Jaime. – Ele vai receber bué agora.

– Espero que não gaste tudo antes de me pagar.

– É preciso ser indulgente para os génios – disse Lu.

– E não tenho sido? – perguntou o dono do bar. – Até o deixo dormir aí nos fundos quando não aguenta ir para casa... E aqui para nós, é mesmo um génio. Quase choro ao ouvir as músicas dele.

Foi buscar as cervejas e cafés, pausa aproveitada pela Directora para falar:

– Podemos dizer o espectáculo está pronto. Mais uma semana para limar as arestas e depois, ensaio geral. Haka, se soubesse nunca me tinha metido nesta, vejam o que emagreci.

– Deixe disso – falou Jaime. – Até gostou. E fica melhor assim magrinha. O seu marido que o diga.

– Este aqui deu-nos trabalho – disse a Directora, apontando para o Cândido. – Primeiro que descobríssemos o mambo, eu quase desesperava.

– O mal é que vocês não conheciam os Cuvale, só de nome. Nós somos seres independentes, sempre fomos. Para nos dominarem, só massacrando. E renascíamos. Como queriam aprisionar um cuvale com as vossas marcações? Obrigar-me a fazer um pirueta quando eu estava mesmo a ver tinha era de saltar! Enfim, compreenderam.

– Mais um a engrossar a tribo dos anarquistas – suspirou Jaime. – Como querem fazer um país com cada um a agir como pensa e se marimba para o colectivo, para as regras seculares e sagradas?

– Aqui não estamos a fazer país nenhum – disse Lu. – A arte não tem que o fazer, apenas reflecti-lo.

– Frase profunda – disse Jaime. – Talvez falsa, mas quimporta? E estou de acordo. Não percebeste a ironia, Lu. Eu queria era fustigar os dogmas, *un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié...*

– Eu sei, Jaime. Por isso te inscreves na corrente do realismo animista...

– É. O azar é que não crio nada para exemplificar. E ainda não apareceu nenhum cérebro para teorizar a corrente. Só existe o nome e a realidade da coisa. Mas este bailado todo é realismo

animista, duma ponta à outra. Esperemos que os críticos o reconheçam.

– Questória é essa? – perguntou Cândido.

– O Jaime diz a única estética que nos serve é a do realismo animista – explicou Lu. Como houve o realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico, e outros realismos por aí.

– Hum, estou mais ou menos a ver – disse Cândido.

– Ainda bem – disse Jaime. – Porque às vezes eu não vejo. Mas isto que andamos a fazer é sem dúvida alguma. E se triunfamos é graças ao amuleto que a Lu tem no pescoço. Ela não quer contar a estória, mas que é um amuleto ela não pode negar.

– Claro que é – disse Lu, muito rápido. – Só que se contar, talvez ele perca o efeito.

– Disparate! – disse Cândido. – Se o espectáculo resulta, é porque vocês todos tinham capacidades e energias até aqui ignoradas, E acreditaram em vocês próprios. Vontade, muita vontade, foi esse o feitiço.

Um dos bailarinos que veio do Dundo pediu disciplinadamente a palavra, levantando o braço, dá licença? Todos olharam para ele, permitindo-lhe a fala:

– Sou o vosso mais velho. E já vi muita coisa. Na Lunda então, que é terra de mistérios... Não dá pra duvidar. E esse amuleto eu conheço, é dos mais velhos, não é?

– É – disse Lu.

– Esse tem muita força.

– Ora – interrompeu Cândido. – Andaram vocês a fazer esse esforço todo, a lutar contra tudo e contra todos e agora dão o mérito só a um bocado de pau. Não acham que é modéstia demais?

– Anarquista e materialista! – disse Jaime. – Já viram o que nos saiu na rifa? E espantem, vindo dos desertos, onde nada se faz sem uma cerimónia sagrada.

– Estás a brincar e eu estou a falar sério, Jaime.

– Olha, Cândido – interrompeu Lu. Eu também não acredito... não acreditava, agora já nem sei... O certo é que começou tudo a sair melhor. Ou quase tudo...

– Te deu confiança, só isso. Quando se acredita que se consegue fazer alguma coisa, é já meio caminho andado. Mas uma vaca não

consegue parir um leão, com todos os amuletos que se lhe ponha ao pescoço.

– Oh, as vacas tinham de vir – disse Jaime. – Ou não se tratasse dum cuvale.

– Cada um usa os exemplos que conhece. Desculpa se tenho pouco conhecimento citadino. Sou um criador de gado, mas não acredito nessas magias de que tanto falam. Estudei o suficiente para entender a raiz das coisas.

– OK, OK, não te zangues, cada um fica com as suas crenças. Mas que só podia ser o realismo animista a contar a estória de Lueji, isso não podes negar.

– Obscurantismos! – refilou Cândido, meio irritado.

Lu lhe segurou na mão por cima da mesa, calma, essas coisas não devem ser discutidas, nunca se chega a lado nenhum. Depois retirou a mão, porque todos os olhavam, admirados. Lu não era muito desses gestos de ternura para os amigos, havia já algo por trás? Não, não havia, foi um gesto irreflectido, apenas. No entanto, Jaime ficou pensativo.

– De qualquer maneira, agora que as coisas estão a correr bem, Lu, não abandones o amuleto – disse a Directora. – Ninguém acredita nisso, mas mal não faz. Cágado sábio morre velho...

– Não faz mal! – disse Cândido. – Vocês não entendem. Realmente os citadinos nunca deixam de me surpreender. Vivem numa metrópole onde aparece gente de todo o Mundo, vêem cinema e televisão de todo o lado. Deviam ter um espírito científico, ainda mais porque estamos a meses do ano 2000. E afinal querem desenterrar crenças que só atrasam...

– Desenterrar? – falou Olga pela primeira vez. – Elas estão aí, como desenterrar?

– Sim, tens razão – concordou Cândido. – Desenterrar é palavra imprópria. Querem reforçar, assim está melhor. As religiões só amarram o homem. Nunca estiveram no campo, não é? Pois não sabem o que se faz em nome dessas crenças e religiões. O homem é impotente perante a Natureza, deixa se subjugar por ela, não há nada a fazer, os espíritos é que sabem se deve chover ou não, o deserto avança e o gado morre, são os espíritos que o querem porque alguém cometeu um crime contra eles. E as obras

necessárias não se fazem e o homem continua escravo da Natureza ou dos outros homens mais poderosos. Os tais que defendem as tradições para que tudo se mantenha na mesma e eles conservem ou reforcem o seu poder sobre a sociedade. Isto não é teoria, passa-se ali na minha região. E nas outras. E venho para Luanda, onde deviam nascer as ideias mais avançadas, e afinal o que vejo? Intelectuais, artistas, rezando aos deuses ou com amuletos ao pescoço. E perdendo a confiança em si próprios, perdendo até o amor-próprio, subjugados a vontades de cazumbis. Francamente!

Ninguém replicou. Eram palavras magoadas, ditas em tom sério mas sem agressividade. Não ficaram chocados, apenas reflectindo. Cândido continuou:

– O bailado é bom porque se juntaram vontades e talentos fora do comum. Vocês são mesmo bons e criaram uma coisa bela. Não diminuem o valor do vosso trabalho. Deixem que os outros o diminuam, por todas as razões obscuras que conhecemos. Não sejam vocês a ver defeitos no vosso filho.

– Porque te pões de fora? – perguntou Lu.

– Porque já apanhei o comboio em movimento. O mérito é vosso. Eu não fiz nada...

– Criaste, sim. Estás a enriquecer o que estava planeado.

– OK! Estou a enriquecer. Estamos todos. Não foi nenhum ser sobrenatural que nos ajudou, é isso que minteressa compreendam.

– Claro que não foi – disse a Directora. – No fundo, sabemos. Mas pensar que a conjunção de astros ou de espíritos é favorável reforça a nossa confiança e faz com que as coisas saiam melhor, porque mais convictas. É só isso.

– Continua a ser uma concessão ao obscurantismo.

– Se declarássemos isso numa entrevista, então seria – disse Jaime. – Mas fica só entre nós. É uma espécie de cumplicidade colectiva, meio a brincar, que reforça a coesão do grupo.

– Meio a brincar? É a brincar que põem uma panela com água à entrada da sala, quando vão ensaiar?

– Oh, isso é para os espíritos malignos não passarem da porta – disse Jaime, com uma gargalhada. – O que o checo devia ter feito quando ensaiámos o *Cahama*. Daí o fracasso...

Cândido levantou, agora furioso, da mesa. A voz saiu contundente, parecia mesmo um cuvale a comandar um ataque:

– Com vocês não dá mesmo para falar.

la sair mas Lu lhe segurou de novo na mão, espera, não nos vais acompanhar a casa? O teu hotel é para as nossas bandas. O grupo inteiro levantou da mesa, se diluiu aos grupos na noite de cacimbo que já caía sobre a cidade. Cândido acompanhou Lu e Olga. Durante um bom bocado em silêncio. Lu pensava na força que emanava do carácter do parceiro. Teimoso, obstinado, talvez dogmático, também ele? A obstinação da raça estava bem patente, quem não conhecia a irredutibilidade dos Cuvale, que sempre levantaram a cabeça contra todas as opressões, orgulhosos com o seu gado e as suas ongandas? Mas ao mesmo tempo Cândido era generoso e sabia ser meigo, como Ilunga. Uma combinação de Ilunga com Tchinguri? Já antes tinha pensado o mesmo de Uli, mas então estava errada, Uli não tinha a firmeza de Tchinguri. Cândido, sim, era a síntese. Que significa isso para mim? Recusou ir mais longe nos pensamentos e disse:

– Vens jantar connosco. A Olga vai preparar uma coisa boa, não é, Olga?

Cândido aceitou e entraram no prédio, cujas escadas estavam mais uma vez às escuras.

– Nunca mais vai haver luz aqui – queixou Olga.

– Mas porquê? – perguntou Cândido.

– Sempre que se põe lâmpadas novas, roubam-nas. Continua a haver falta na cidade.

Subiram pela escada às apalpadelas nas paredes. E Olga foi preparar o jantar. Cândido aproveitou falar:

– Não queria voltar ao mesmo, mas francamente, Lu, vocês desiludem-me. Brincam com essas coisas, uns brincam, outros não, mas dizem que brincam... E não vêem as consequências. Imagina os bailarinos que vieram da Lunda. Não têm o vosso nível de instrução. Acreditam totalmente no feitiço. E que vão dizer quando para lá voltarem? Os artistas da cidade também acreditam, até põem panela com água para afastar os cazumbis. Isso reforça as suas crendices e vai lhes dar um argumento fortíssimo para convencerem os seus lá na Lunda. Ora os artistas têm uma

responsabilidade muito grande na educação do povo. Pelo que dizem ou criam e pelo exemplo. E é esse o exemplo? Gostava que pensasses nisso, Lu. O que pode ser uma brincadeira na cidade, sem mais consequências, é de uma importância terrível no campo. Luanda tem de começar a pensar em termos do resto do País, não viver só para si.

– O Jaime brinca com isso, mas eu não. Um dia vou te contar a estória, é pelo menos perturbante. Mas hoje não.

– Então eu conto-te a minha. Quando fui para a escola, acreditava nisso tudo como qualquer miúdo cuvale. Depois comecei a estudar Ciências e a encontrar respostas para as perguntas que fazia na onganda e que me explicavam pelas forças naturais ou feitiços ou maldades desconhecidas. E as respostas da ciência tinham sentido. Interessei-me, era curioso, e estudei mais que ninguém. E cada vez mais as respostas tinham sentido. Fui para o Tchivinguiro, só queria estudar para encontrar respostas cada vez mais coerentes. E convenci-me. Essas crenças só servem para escravizar. Por isso quis ser professor. Para libertar aqueles jovens que vão para lá cheios de superstições, pois praticamente todos vêm do campo. Qual é o cidadão que quer estudar Agronomia ou Pecuária? E o meu trabalho é esse. Mostrar que, se se tem mentalidade científica, o gado produz mais e as pessoas obtêm mais bens, vivem melhor. Essa é a minha luta de todos os dias. Também como professor de dança, mostrando que a tradição deve ser utilizada, mas num sentido de progresso, de libertação das pessoas. Pois bem. Imagina que o brincalhão do Jaime vai lá expor as suas brincadeiras. Destrói todo esse trabalho. É justo?

– Estou muito baralhada. Claro que não é justo ir um diletante qualquer lá estragar o vosso trabalho. Por diletantismo. Mas não estou tão certa que essas crenças escravizem...

– É evidente para quem viveu nessas sociedades. O poder tradicional baseia-se nisso. Dos velhos sobre os novos, dos homens sobre as mulheres, das ideias velhas sobre as ideias novas. E a submissão do homem à Natureza. O homem se torna incapaz de iniciativas para mudanças benéficas, pois tudo gira segundo a vontade dos ventos ou do oma-kisi. O homem acaba por não contar, é um brinquedo das forças superiores. Se o homem não conta, como

vai mudar a sociedade e aperfeiçoar os métodos de trabalho? Só a educação pode mudar as coisas, mas uma educação vista em termos globais, de cultura. É o que fazemos lá.

- Talvez tenhas razão.

- Devemos aproveitar os cânticos, as danças, as outras artes tradicionais. Mas depurando-as das crendices obscurantistas.

- O que significa adulterar a cultura, pois esta é um todo.

- Qualquer aperfeiçoamento é uma adulteração. E nenhuma cultura se mantém parada. Isso queriam os nossos tradicionalistas, para não perderem os privilégios.

- Talvez.

- Não te chateio mais. Põe música. Tens Vivaldi?

- Como adivinhaste, Cândido?

- Talvez eu seja um pouco feiticeiro!

E riram os dois. Os primeiros acordes das *Quatro Estações* invadiram a sala e Lu se sentia bem com Cândido a seu lado. Um cuvale materialista que gostava de Vivaldi. Que mistura! Eu, como escritor, nunca teria a ousadia de inventar um personagem assim. Mas essa é a magia do nosso mítico Sul, que cria tais homens.

Estava nas férias da escola. Lu tinha todo o tempo para ensaiar, de manhã e de tarde, à noite se fosse preciso. Mas já não era, o grupo estava pronto. E veio o dia do ensaio geral, no palco do Nacional, que eles tão bem conheciam. Mabilia e Uli apareceram, mais alguns jornalistas convidados. Os jornais e a rádio tinham feito muita publicidade e até a televisão. Os bilhetes da estreia estavam todos vendidos e se repassavam na candonga a preços cinco vezes superiores. Fantástico, disse Cândido a Lu, até bilhetes para espectáculos de dança entram na candonga, estamos a ficar civilizados. Quando chegaram os responsáveis para visionarem o espectáculo, acompanhados por Senhor Eugénio, a Directora fez sinal ao operador do som para começar a música. E desabafou:

– Esse Senhor Eugénio não nos larga! São sempre os lumpem que promovem a burguesia.

Fora uma cena difícil quando Mabilia lhe disse, no programa deve vir que a música foi patrocinada pela firma de Senhor Eugénio. A Directora sempre conseguira evitar a interferência do ricoço no seu grupo. Berrou e barafustou, xingou o Afonso de todos os nomes, e ele podia perder as ilusões que no programa não ia aparecer isso. O compositor coçava a cabeça, eu sei, eu sei, foi um erro mas está feito. Eu estava desesperado, precisava de dinheiro para pôr os músicos a gravar, não encontrei outra solução. Foi esse o contrato e agora tenho de cumprir. Discutiram ainda, mas a Directora teve de ceder, também não podia colocar o Afonso em situação de dívida permanente em relação ao ricoço, seria escravizado, com a obrigação de lhe pagar tocando nas festinhas particulares que Senhor Eugénio promovia só para amigos e meninas das escolas. E no programa constou discretamente o patrocínio.

Os primeiros minutos foram de tensão, apesar de não ser ainda a estreia. Mas depois o grupo se soltou, esqueceu o público restrito, sobretudo com a dança colectiva anunciando a morte de Kondi. No

intervalo, Mabiala e Uli foram aos camarins. Senhor Eugénio também tentou, mas foi travado na porta por ordem expressa da Directora, a entrada era só para os da casa. O ricaço tentou forçar, fui eu que paguei a música, mas o empregado se manteve inflexível. E Senhor Eugénio foi fumar um charuto para o pátio, ruminando rancores.

Lu estava sentada com Cândido, quando Mabiala fez irrupção, lhe pregando dois beijos.

– Estás um espanto, Lu. A minha música é boa, muito boa mesmo, mas tu lhe dás uma dimensão... como dizer? Sideral. A cena do lago então, quando vês o Ilunga sair da Lua... Espantosa!

– Não sou só eu. O Cândido também está perfeito, a sair da Lua. É mesmo um príncipe encantado.

Mabiala olhou de lado para o bailarino, que sorriu pela fala de Lu. O compositor disse:

– Desculpa, não reparei nele. Só te vi a ti.

– Exagero!

– Sou sincero. Tu enches demais o palco para que se repare nos outros.

– Então é uma falha, algo está errado – disse Lu.

– Não, está tudo certo. Eu é que talvez seja um mau espectador, que me fixo só em ti. Que queres? Essa música toda foi feita para ti, só para ti. Salvaste-me. E me amarraste para sempre.

Cândido estava incomodado por assistir àquela declaração de amor. Mabiala não se constrangia e podia gritar até pelos telhados, que a cidade inteira soubesse. E estava sóbrio, durante todo o dia só bebera umas cinco cervejas. Lu também não sabia como agir, pois sentia a verdade no que era dito. Tinha pena do Mabiala, compusera a sua obra-prima para ela e ela estava já tão longe dele, dividida, e ele não fazia parte da divisão, nem como resto. Foi Uli que salvou a situação, ao saudá-la. Lu aproveitou e disse, preciso de falar contigo e puxou-o para um canto. Mabiala fez um gesto de impotência, lançou um sorriso triste a Cândido e foi falar com Olga.

– Então, repensaste? – perguntou Lu.

– Em quê? – respondeu Uli. – Referes-te à dança? Acho que parei de vez, vou ser médico. Aliás, vejo bem que já não precisam de mim, esse Cândido é muito bom.

– Não falava da dança. Falava de nós.

– Ora, já te disse, é impossível. E fico tranquilo, maninha, tu também já não precisas de mim. O Cândido é um bom par, vocês se entendem, e não só a dançar. Está na cara!

– Que estás a pensar? Não há nada entre nós.

Na véspera Cândido lhe falou da mulher que tinha e que foi embora com o filho, farta de viver longe da cidade. E que nunca mais sinteressara por ninguém, até a conhecer. E avançou mais, mas ela incompreensivelmente pôs travão. Precisava ainda de falar com Uli?

– Não há nada? Vai haver.

– É assim tão evidente?

A pergunta dela era quase uma confirmação e os dois assim entenderam. Lu sentiu tinha dado mais um salto no escuro, mas estranhamente não se arrependeu.

– É sim, maninha, está escrito na maneira como dançam. Acho bem, fico contente, verdade mesmo.

– Não acredito, Uli.

– Ora, fico contente e também com ciúmes, não o posso negar. Ver-vos assim juntos, a dançar, sentados juntos depois de dançarem, para que o cordão se não rompa... Claro que me faz qualquer coisa. Mas isso passa e vai ficar só o contentamento. Quero que sejas feliz.

Lu ficou calada. Tinha precisado falar antes com Uli, como Lueji precisara de anunciar primeiro a Tchinguri o seu casamento com Ilunga? Era a estória a se repetir ou apenas coincidência? Até porque nada estava decidido e certamente nem haveria casamento nenhum. Cândido nunca aceitaria se fixar em Luanda. E ela ia abandonar tudo para se enfiar no Tchivinguiro, uma aldeia lá no cimo da serra da Chela? Nem sequer tinha pensado nisso, só agora. Tinha admitido a hipótese duma ligação, claro que sim, aquela atracção ao dançar com Cândido tinha de desembocar na cama, o caminho era uma picada a direito. Mas não pensara em mais nada.

– Sabes, Lu, escrevi à Marina.

– Sim? E então?

– Ela vai voltar. Compreendeu finalmente. Não há nada como voltar a casa para ver mais claro. Respondeu a dizer que vem.

– Ainda bem – disse Lu, um soluço na voz.

Uli safastou e Lu foi sentar ao lado de Cândido. Pegou na mão dele para ganhar força. Tinha vontade de chorar, por causa do Uli. Mas não podia, ia estragar a maquilhagem, ia perturbar o ensaio geral, um profissional esconde todos os sentimentos, ultrapassa-os sozinho, para que a arte não sofra nenhum arranhão. E depois, não era normal que Uli e Marina voltassem a sentender? Estava certo. A mão dela na de Cândido mostrava já nada havia a esconder, era a resposta que recusara ontem. Então, para a frente, Lu, e que a centavó ajude. Mas não seria nessa noite, não na véspera da estreia. Seria na própria noite da estreia, decidiu ela.

Voltaram para o palco, os dois de mãos dadas perante o sorriso cúmplice do grupo e um certo fulgor de raiva no olhar de Jaime. Estavam prontos para o segundo acto e o acto mais importante de Ilunga durante a ausência de Lueji foi enviar Mai e o seu primo Mutombo para as terras dos Mataba. Mai nada podia esperar da Lunda e não se conformava em ser o eterno companheiro do irmão nas caçadas. Aspirava a terras e horizontes. E os Mataba continuavam a recusar qualquer tributo. Ilunga tinha consultado Lueji, por intermédio de Kumbana. E eles lá foram, com acompanhantes lubas e lundas, mais as suas mulheres lundas, conquistar as terras vizinhas do rio Cassai.

Dias depois de Lueji voltar a Mussumba, vieram as primeiras notícias. Um combate tinha tido lugar, Mai fora triunfante, mas não tinha sido decisivo. As forças dos Mataba eram muito superiores em número e defendiam o seu território. A Lunda precisava de mandar reforços. Ilunga entregou essa tarefa à mulher, feliz por poder voltar à caça. Ele agora era o rei nominal, o lukano sagrado enfeitava o seu pulso, mas delegava na rainha a chefia dos assuntos do Estado, és melhor do que eu para essas coisas. E tenho de apanhar mais marfim, preparar a primeira caravana para a Luba, os árabes devem estar a chegar lá.

Lueji retomou assim o reino. Encontrou os Tubungo muito calmos. E depois descobriu que Ilunga, sem lhe dizer, tinha tomado outra medida que ia se revelar fundamental para a consolidação do trono. Forte pelo mujimbo que a rainha ia ter um filho e pelo prestígio que ele próprio tinha, Ilunga instituiu a obrigatoriedade de os principais

nobres viverem na capital: ou eles, ou representantes que tomavam as suas funções e até eram designados pelo seu nome. Muitos Tubungo preferiam viver nas suas terras e assim eram bastante autónomos do poder central. Nem tributos enviavam e sempre retilavam se se lhes pedia jovens para o exército ou para pequenos trabalhos. Agora ficavam na corte, em chipangas confortáveis, cujo sítio fora escolhido pelo trono. E passavam o dia a conversar no tchota e a fumar liamba. Inofensivos. Enquanto isso, jovens funcionários escolhidos pelo rei fiscalizavam as terras e obrigavam os pequenos muatas a enviar os tributos. Primeiro os Tubungo pensaram em mandar representantes a Mussumba. Mas reflectiram melhor. Se o fizessem, estes representantes podiam tomar decisões em seu nome, sujeitos a todas as pressões do soberano. Mesmo contra, a vontade deles. E resolveram quase todos se fixar na capital. A razão invocada por Ilunga era simples: como estrangeiro, só podia governar se tivesse os mais sábios conselheiros. A vaidade ajudou-os a aceitar. Depois Lueji voltou e manteve a medida. Apesar de quase nunca os consultar. Alguns, como Kakele, Kakolo e Sambunje já viviam antes em Mussumba. Mas muitos viveram sempre arredados do trono, senhores totais nas suas terras. Esses perderam a independência. Mesmo para irem visitar o território respectivo tinham de pedir autorização ao soberano. O que por vezes lhes era negado. Os Tubungo já não eram nada, só o trono e os jovens oficiais mandavam. Mas estavam conformados, perdidas as ilusões criadas pela esterilidade de Lueji.

Um dia Kamexi pediu audiência. Lueji o recebeu com uma ponta de nostalgia, não tinha esquecido o que ele fizera por ela.

– Rainha, estás a preparar os reforços para enviar a Mai. Venho te pedir, deixa-me comandar os reforços. E depois deixa-me avançar para ocidente de Mataba.

Também ele? Se todos os jovens queriam ir, quem restaria na Lunda? Sempre a perseguição da bela linha azul. Tentou fazê-lo voltar atrás na sua decisão, mas Kamexi insistiu:

– Lueji, depois que saboreei o teu corpo nunca mais tive sossego. Vivo nesse tormento. Por favor, deixa-me ir para longe. Assim esquecerei talvez.

Era irrecusável. Também o mais prudente. Apesar de Kamexi ser absolutamente fiel e discreto, podia alguém desconfiar da maneira dele a fitar. Lueji já não precisava de arriscar aventuras, agora tinha o seu filho. E Kamexi seria útil, se conseguisse formar um Estado mais à frente de Mataba e acima do de Kapenda. A Lunda estaria totalmente protegida do lado ocidental. Aceitou a contragosto.

Na véspera da partida de Kamexi e porque Ilunga continuava na caçada, e porque muito gostara do primo, a rainha convidou-o a passar a última noite com ela. Era a despedida para sempre.

Kamexi partiu com os reforços, ajudou Mai e Mutombo a dominar os Mataba, onde se edificaria o Estado de Mai Munene, o Grande, tributário da Lunda. E Kamexi recebeu o título de Caungula e avançou para ocidente, formando o Estado de Caungula no rio Chicapa, que dividiu depois entre os seus filhos. Esses Estados tributários enviavam à Lunda marfim, carne seca, cereais, mel e sal, sobretudo sal. E as lendas, com que sonhava a rainha.

Lueji se ocupava de duas coisas: o Estado e Yanvu. Kamonga Luaza só lhe dava de mamar. De resto quem tudo fazia era a rainha. Tratava dele como prometera, como dum filho. E o amava como tal. Quase sempre esquecia que ele tinha outra mãe. Passava tempos infinitos a brincar e o levava para todo o lado. Kamonga tudo aceitava de boa vontade, tal fora o contrato. E nunca queixou a ninguém. Depois deixou de amamentar e Ilunga já podia voltar a dormir com ela. E voltou a engravidar. Isso simplificava muito as coisas, cada mulher ia ter um filho com quem se ocupar.

A rainha falava cada vez mais com Majinga. Tinha superado a aversão que lhe causava aquele olhar de lado e reconhecia nele muito conhecimento, sobretudo dos povos ocidentais. Como tahi se mostrara impecável: sempre o seu ngombo confirmava o que Lueji queria ouvir. Os conselhos de Majinga tinham sido valiosíssimos para o relacionamento da Lunda com os vizinhos e possibilitaram a integração desses povos sem guerra. O segredo era simples: os chefes dos povos submetidos conservavam a maior parte das regalias e uma grande parte do poder de administrar a justiça; os lundas decidiam apenas das grandes questões. Os chefes locais assim mantinham o prestígio e recebiam o apoio militar do grande vizinho. E os tributos que enviavam eram compensados pelo que

aprendiam para caçar melhor e produzir com instrumentos mais aperfeiçoados. Conselho de Majinga.

O tahi se revelava também um pensador. Em longas conversas, revelava aos poucos as suas ideias. E era muito diferente de Kandala, que sempre fora apenas o guardião das tradições. Majinga inovava. Relacionando os costumes de vários povos e aprofundando as ideias em discussões com Ilunga e Lueji, o tahi acabou por formular o que seria a chave do poderio lunda nos séculos seguintes. O poder obtido pela força se perde também pela força. O verdadeiro poder é aquele que se ensina pela persuasão e pelo benefício que se pode adivinhar nele. Assim a integração dos chefes de territórios vizinhos.

– Mas há mais. Ilunga diz na Luba a morte do chefe é acompanhada de grandes convulsões. Também na Lunda. Se há vários pretendentes só a guerra pode decidir. E uns muatas apoiam um pretendente e outros apoiam o outro, porque com a vitória do seu, obtêm cargos importantes. É isso que se deve mudar.

– Mas como é possível? – interrogava Ilunga.

– Vejamos. Kumbana é o kanapumba da Lunda. Fundamentalmente porque pertence à linhagem de Lueji e por isso lhe será fiel. Mas não só. Porque é competente no cargo. Ora, nem sempre se é competente e se pertence à linhagem certa. Que fazer então? Em caso de morte de Kumbana, escolher alguém competente para lhe suceder. Se for da mesma linhagem, perfeito. E se não for, o que é mais comum? Muito simples. O escolhido, mesmo se não é sobrinho de Kumbana, passa a ser Kumbana, no nome e no parentesco. Substitui o falecido em tudo, ele é o falecido. O cargo determina a pessoa e a sua linhagem. Assim, as gerações se sucedem, mantendo as mesmas ligações de origem. As alianças que formaram o poder se mantêm, tudo fica estável.

– Deste o exemplo de Kumbana – disse Lueji. – Mas se se tratar de Yanvu? Ele é da minha linhagem e será rei. Mas o seu filho pertencerá à linhagem da mãe e não à de Yanvu... Se o filho de Yanvu for Yanvu em tudo, no nome e no parentesco, então ele pertencerá à minha linhagem. E o filho dele também...

– Sim. O poder nunca sairá da tua linhagem, rainha.

– Yanvu assim nunca morre. Muda apenas de corpo para rejuvenescer...

Ficaram calados, meditando na última frase de Lueji. Se o rei nunca morre, apenas adquire um novo corpo, deixa de haver convulsões na altura da sucessão. É a linhagem que escolhe o herdeiro. E o mesmo se passa com os mais altos cargos, que encontram novos corpos para os preencher. As alianças se tornam eternas.

– Uma coisa dessas ia provocar a ira dos Tubungo – disse Ilunga.
– São tão agarrados às tradições da Lunda...

– Me pergunto se as nossas tradições são sempre as melhores – disse Lueji. – Se outros povos têm leis que parecem mais favoráveis ao trono, o qual dá a unidade do povo, porque não as adoptar? Os espíritos se revoltam. Porquê?

– Já houve mudanças na tradição e os espíritos não se revoltaram – disse Majinga. – Só se revoltam se as novas medidas põem em perigo a Lunda. Eles protegem a Lunda, para isso estão lá no cimo das mulembas. Mas pode não ser a Lunda igual à que era no seu tempo de vida.

– A minha esterilidade não foi castigo por ter quebrado algumas tradições? Sempre me perguntei isso.

– Ninguém conseguiu saber – disse Majinga. – Mas se foi castigo, o caso foi resolvido na mesma. Como vês, rainha, os espíritos acabam por aceitar as decisões dos reis.

– Se são justas – rematou Ilunga.

– Sim, se as decisões conservam a Lunda – apoiou o tahi. – Quando a presença de Tchinguri na Mussumba representava um perigo para a Lunda, logo o espírito de Kondi se manifestou... Só então.

– Tchinguri disse foi uma manobra dos Tubungo – revelou Lueji. – E que Kandala se prestou a isso.

– Pensava não era o espírito de Kondi? – perguntou Ilunga.

– Isso. A mulher falou só à toa, na sua língua que ninguém podia compreender. E logo Kandala, a conselho de Kakele, disse é o espírito de Kondi a exigir o exílio de Tchinguri.

– Kandala contou-me – disse Majinga. – Um grande tahi pode entender o espírito que fala numa língua estranha. O mal de

Tchinguri é que não acredita em nada, só nele. Por isso vai acabar mal. Um chefe pode mudar as coisas, mas sem ofender os espíritos. Tchinguri queria mudar as coisas, tinha ideias novas, mas ria dos espíritos. Os espíritos aceitam mudanças, se se lhes explica o sentido das mudanças. O que nunca aceitam é a ofensa, o riso acerca do culto, eles são os espíritos dos antepassados, merecem todas as deferências.

– E os espíritos podem aceitar o filho de Yanvu como Yanvu? – perguntou Lueji.

– Se quiseres, rainha, eu falo com eles. Vai durar muito, mas posso convencê-los.

– E os Tubungo? – perguntou Ilunga, preocupado.

– Os Tubungo hoje são nada – disse Majinga. – Se os espíritos aceitarem, eles são obrigados a aceitar. Qual é o Tubungo que ousa ir contra a vontade dum espírito, revelada pelo ngombo? E há muito tempo para isso.

– Uma coisa eu já decidi – disse Lueji. – Quando Yanvu tiver idade para comer sozinho, ninguém mais o verá comer. Como o pai. Ninguém pode ver Nzambi comer, ou os espíritos. Yanvu é da mesma qualidade de Nzambi.

– Isso é tradição da minha terra – disse Ilunga.

– Yanvu recebeu essa qualidade do pai dele – disse Lueji.

– É preciso aproveitar as boas tradições das outras terras – concordou Majinga. – E o filho de Yanvu, sendo Yanvu, também é da qualidade de Nzambi, não é assim, rainha?

– Claro.

Terminaram a conversa, satisfeitos porque se compreendiam bem os três. Noutra ocasião, sentados à volta do fogo na onganda real, Ilunga perguntou a Majinga:

– Tu que sabes tanto, podes dizer-me se há espíritos mais fortes e outros mais fracos? Ou são todos iguais?

Majinga sorriu e atizou o fogo.

– Também para lá do Cassai se discutia muito isso. E a minha ideia é clara. Evidente que há espíritos mais fortes. Alguns nem sabemos que existem. Quais são os fortes, os que se manifestam? Os espíritos, dos antepassados que foram importantes em vida. Numa família de pescadores, o espírito dum avô pescador pode se

manifestar para proteger a família. Por causa duma doença, por exemplo, ou um enfeitiçamento. Mas nunca esse espírito vai dar uma opinião sobre um assunto que toca muitas famílias. Os que se manifestam sobre os grandes assuntos são os antepassados dos reis, aqueles que foram grandes chefes, os criadores de tudo. Esses são os espíritos poderosos, Nhaweji, Muako, agora Kondi, os que vêm em linha recta desde os fundadores da Lunda. E já repararam que não é um tahi qualquer a poder adivinhar os seus desejos? Um tahi qualquer pode descobrir a causa duma doença e indicar como causador o espírito do avô pescador. Mas para tratar com os grandes espíritos, os que dão opinião sobre os assuntos do Estado, só um tahi especial...

– Como tu – disse Lueji.

– Como Kandala – corrigiu Majinga, modesto.

– Da mesma maneira que só o soberano pode tomar certas decisões que dizem respeito a todos – disse Ilunga.

– Lá em cima é como cá em baixo – concluiu Majinga.

Como o país estava calmo e não havia perigo iminente, Lueji resolveu diminuir o seu exército. Os soldados eram um peso na capital e a sua linhagem tinha de os manter, apesar de muitos já terem mulheres que faziam lavras. Os tributos vinham das províncias mas os celeiros reais estavam sempre vazios. Já não se justificava tanta gente a treinar todo o dia e a fazer guardas. Assim, os soldados foram sendo mandados para as províncias como fiscalizadores dos tributos, se tornaram funcionários fiéis ao trono, até porque quase todos eram provenientes das terras de Salukunga. Lueji tinha informações seguras de tudo o que se passava no reino e a certeza de receber os tributos certos no tempo certo. Kumbana ainda tentou replicar e se nos atacam? Mas Lueji tinha a resposta pronta, se nos atacam, sabemos isso com muito tempo. Convocamos de novo toda a gente para o exército. O sistema de mundos ocupava todo o território e num só dia a Lunda inteira podia ouvir o toque do leão, chamando os soldados para Mussumba. A guarda real foi reforçada com os bons soldados e comandantes que não serviam para mais nada, com o efectivo de quinhentos homens. Era de facto um exército pronto a integrar os soldados que seriam convocados. E o kanapumba acabou por aceitar, como Timóteo que

veio encorajá-la antes do espectáculo começar. Vinha acompanhado duma nova mulher, talvez apenas uma amiga, mas com Timóteo nunca se sabia. E lhe segredou ao ouvido, apontando Cândido com o queixo, já sei que encontraste o teu príncipe. Felicidades! Por causa dum mbambi perco muitos songues, pensou Lu, satisfeita, um mbambi vale uma multidão de songues, é muito mais difícil de apanhar. Na noite da véspera, Cândido tentou subir com ela ao apartamento. Como tinha decidido, Lu disse hoje ainda não, amanhã sobes. Cândido ficou desapontado, mas não insistiu. Ele nunca pedia ou suplicava, orgulho de cuvale. Abraçou-a repentinamente e lhe beijou os lábios. Até amanhã, e partiu. Como quem recupera o seu boi roubado.

Antes de começar a estreia, fui ter com os bailarinos ao camarim. Precisava mabrir para Lu, estava demasiado apaixonado. Me deixaram entrar e vi Lu e Cândido de mãos dadas.

– Lu, preciso te falar agora mesmo. Bem sei, o momento não é apropriado. Mas há coisas que se dizem em qualquer momento.

Ela olhou para mim com estranheza? Talvez por causa do meu ar ansioso. Cândido também se colocou numa defensiva eriçada de tabaibo.

– Que se passa?

– Não aguento mais. Estou amoroso e tenho de te dizer agora.

– Afinal? – disse ela, nitidamente atrapalhada, olhando de lado o cuvale.

– Sim, pela estória que inventaste. Lu, deixa-me escrever um livro sobre isso. A tua visão da Lueji, como está no roteiro. Desenvolvo num romance.

Ela lançou uma gargalhada. De alívio? Olhou sorridente para Cândido, que retribuiu, abrindo as mãos.

– Claro que pode. Isso foi só feito para um bailado. Pode fazer daí um livro, até fico muito satisfeita.

Beije-a. Apertei a mão ao outro, muito obrigado e boa sorte. Em tudo. E fui quase a correr, apesar da ciática, ocupar o meu lugar na primeira fila, reservada aos convidados do Grupo Kukina.

A sala do Nacional estava cheia e lá fora tinha sido necessária a intervenção da polícia, porque nas candongas se tinham vendido bilhetes a mais. Inexplicável. Algumas pessoas, com bilhetes na

mão, não puderam entrar, porque a sala já abarrotava. Foi o caso de Senhor Eugénio, barafustando, eu sou um dos promotores, mas não adiantava todo o seu ar importante, a polícia afastou-o da porta e a todos que estavam atrás, tivesse vindo mais cedo, e Senhor Eugénio não assistiu à estreia porque quis chegar mesmo um minuto antes, para que todos o vissem entrar e comentassem, este senhor é um mecenas das artes, então o nome dele não está no programa?

Através do pano de boca, Lu viu na primeira fila Mabiala, roendo as unhas com seu ar desarranjado, Uli parecendo imperturbável para quem não o conhecia, mas estás a rezar por mim, maninho, eu sei, e Matias, o crítico de arte do jornal, com seu estilo impertinente e ao mesmo tempo simpático.

O bailado começava com Lu no lago, desesperada por causa da maka entre Tchinguri e o pai. No cenário estavam pintadas gigantescas rosas de porcelana, sobre fundo azul, e a luz também seria azul, dando a dimensão da noite sobre o lago. Viteix tinha acedido a pintar esse cenário. A Directora lhe fez sinal, Lu beijou Cândido à frente de toda a gente e foi se colocar no meio do palco, sentada, pronta a começar. E pensou num relance, mas vai dar mesmo certo com o Cândido? Ele era independente e orgulhoso, como ela. Numa relação alguém tem de ceder. Quem iria ceder ao outro? Porque ela nunca iria para a serra da Chela. Já adivinhava os relâmpagos e cenas de amor que se sucederiam. Ora, o futuro dirá. Agora não sou Lu, apenas Lueji renascendo a cada dia que dance, como os Yanvus de todos os tempos, a partir daquele Yanvu original que agora já comia sozinho. Apenas uma mulher lhe podia servir comida feita pelo Muari Muixi, cozinheiro-mor de Ilunga. Por essa altura, Lueji perguntou a Majinga:

– E como vão as tuas conversas com os espíritos? Já os convenceste que o filho de Yanvu deve ser Yanvu?

– Só falta convencer o espírito do teu pai. Os outros estão de acordo.

– E porquê o espírito do meu pai está tão reticente?

– Não sei. Talvez te ocupes demais do teu filho e não o vás visitar tanto quanto ele quer.

Lueji voltou a ir todos os dias à anza, onde a jibóia e os cágados guardavam os espíritos. Falava com o pai e via se as suas mahambas eram bem cuidadas. A comida e o vinho de palma nunca faltavam. De que se queixava ele então? Não fizera sempre as suas vontades? Devia pois aceitar que o bisneto fosse igual ao neto, para a sua descendência reinar eternamente.

No entanto, segundo Majinga, o espírito de Kondi não se comovia, no ngombo se manifestava inflexível.

E muata Kakele morreu. Lhe devia suceder o sobrinho Mujimbula na chefia da linhagem. Não sem problemas. Os debates e rixas entre os sucessores duraram muito tempo, pois Mujimbula era um ser apático, silencioso, se ocupava mais de problemas pequenos da casa e se desinteressava do resto. Era uma linhagem importante, a de Kondi, a grande aliada da linhagem de Lueji. Por isso a rainha se sentiu na obrigação de intervir. Distribuiu terras e títulos pelos outros pretendentes, com a condição de não obstruírem a chefia de Mujimbula. E este ficou a dever o favor à rainha da Lunda. Ocupou o lugar de Kakele no Conselho dos Tubungo, sempre distraído, sempre sem opinião própria. Quer dizer que estava sempre de acordo com a soberana. Gente dessa é que ela precisava no Conselho.

Aprendendo com a experiência, Lueji voltou a intervir na sucessão duma linhagem, quando velho Kakolo morreu. Apoiou o sobrinho Massaca, que lembrava Chinyama, só pensava em comer e beber. E Massaca lhe prometeu fidelidade se ela convencesse os outros pretendentes a se afastarem da chefia da linhagem. Para isso Lueji passou a reservar territórios e títulos. Não impunha os seus pretendentes à força, mas pela persuasão. E em poucos anos as principais linhagens tinham chefes que iam dormir ou sonhar para o Conselho, o qual reunia cada vez menos, para alívio dos seus componentes.

E Lueji reinava sozinha, com os conselhos de quem ela escolhia, Ilunga, Kumbana, Majinga, Kakongo e poucos mais. Mas o espírito de Kondi continuava a recusar o novo costume que lhe queriam impor, era a única nuvem negra.

Yanvu ia fazer a circuncisão. Acompanhava a mãe para todo o lado e até assistia às reuniões do Conselho, para se preparar. Lueji

consultou Majinga e Kakongo, cada vez mais importante como chefe do protocolo, apesar de não ter casado e se ligar a catumas, o que provocava risadinhas medrosas entre os Tubungo. Então Lueji convocou Mujimbula:

– A tua linhagem sempre foi aliada da minha, era a linhagem do meu pai. Yanvu qualquer dia é homem. Por isso decidi que, quando tiver idade, ele vai casar com a tua filha. A aliança entre as nossas duas linhagens é a pedra da Lunda.

Mujimbula saiu da audiência todo feliz. Em breve a boa nova se espalhava por Mussumba. Os membros da linhagem de Kondi festejavam, pois segundo a tradição, o filho de Yanvu pertenceria à linhagem da mãe, portanto a deles.

Só que foi esse o momento escolhido por Kondi para se manifestar, concordando com o projecto de Lueji. Talvez porque ela tinha dado grande alegria à sua linhagem. Majinga veio avisar, ele concordou finalmente, já podemos preparar as coisas. E Majinga foi falando com os outros tahi, lhes mostrando qual a vontade dos espíritos. E Lueji foi educando Yanvu nesse sentido. E os Tubungo começaram a ouvir coisas fantásticas, vontades dos espíritos, de que eles seriam substituídos totalmente, no nome e nos cargos e nas alianças, por isso não morriam, só mudavam de corpo. Assim falavam os espíritos nos ngombos. E Mujimbula mais uma vez foi chamado pela rainha e lhe foi explicado que o filho de Yanvu seria Yanvu e como tal continuaria a pertencer à linhagem dela e não à de Mujimbula, como já se gabavam os parentes de apregoar. Mujimbula já tinha escutado essas coisas, mas agora era diferente, falava a rainha. Como ia estar em desacordo? Continuava a ser uma grande honra ter a filha casada com o futuro rei da Lunda. E lá foi contar à família, a qual teve de calar, então o chefe da linhagem não tinha já concordado?

Ainda por esta altura, a conselho de Majinga, Lueji foi mudando o seu comportamento público em relação a Ilunga. Subtilmente primeiro, depois cada vez mais acentuadamente. Se arrojava no chão à frente dele quando lhe devia dirigir a palavra e besuntava os braços de pó se ele lhe falava. Assim habituava todos a tratarem o marido com o máximo respeito, hábito que se manteria com Yanvu. As pessoas não falavam com um caçador qualquer, mas sim com

um igual aos maiores espíritos dos antepassados, os fundadores da Lunda. Em privado tratava-o como antes e de facto ela continuava a dirigir o reino. O que por vezes provocava situações complicadas, pois ela governava e no entanto se prostrava aos pés do caçador sagrado. E os súbditos tinham de cultuar Ilunga, mas seguindo o que ela ordenasse. Bem ou mal, lá se foram habituando, um dia iam respeitar Yanvu como nunca nenhum chefe antes. Assim queria Lueji.

E Luevu morreu envenenado, o trono da Luba estava vago. Vieram emissários lubas em grande pompa, cheios de presentes do grande lago salgado onde nasce o Sol. Anunciaram a Ilunga a morte do irmão e transmitiram o pedido dos grandes dignitários e sobretudo dos comandantes para ele regressar à Luba e reinar. Ilunga disse logo não, os emissários insistiram, ficaram hospedados em Mussumba até ele pensar bem.

– Nunca! – disse Ilunga a Lueji. – Se aceito, perco-te, pois não vais abandonar a Lunda, Yanvu ainda não pode reinar. E depois não é isso. Que me interessa reinar? Gosto é de caçar. Lá será impossível. Que falem ao Mai, ele aceita. E teremos um amigo no trono da Luba, Mai nunca nos atacará.

– Será? – perguntou Lueji. – Tu é que sabes, faz como quiseres. Numa coisa tens razão. Eu nunca deixarei a Lunda.

– E eu nunca te deixarei a ti. Está decidido e nem quero ouvir mais. Amanhã vou para a caça. E bem longe.

Os lubas se sentiram enxovalhados com tanta falta de interesse e pediram a Lueji guias e mantimentos para chegarem ao Estado de Mai Munene. Lá foram dar a boa nova a Mai, tinha a Luba à sua disposição. Muito tempo depois voltaram, cansados e desiludidos. Mai lhes disse fiquem lá com a vossa Luba, onde se envenenam uns aos outros. Tenho mais que fazer do que aturar intrigas e intrigazinhas de cortesãos. Aqui o meu problema são os Pende que se não deixam submeter. Já vêm escorraçados desde o grande lago salgado onde morre o Sol e agora dizem que lutam até ao fim, de Mai Munene não recuam mais. Mas os farei ceder e só isso me interessa. Um guerreiro morre na ponta duma azagaia, não dum covarde veneno. E os emissários voltaram para a Luba sem conseguirem levar rei. Mas foram para lá dizer era inútil ter

intenções sobre os territórios lundas, nem se metam com eles, são estados poderosos e bem armados e sobretudo são gente altiva que nos não teme e até é capaz de nos assimilar.

E a Luba perdeu para sempre as pretensões sobre a Lunda.

Os anos foram passando, com chuvas regulares e sem grandes epidemias. Os espíritos estavam contentes. Yanvu ia à caça com o pai e ajudava a mãe na condução dos assuntos do Estado. Cada vez mais. Os seios de Lueji feneciam, mas nem por isso acabava o interesse de Ilunga. E nas noites de cacimbo passavam horas espevitando o fogo e conversando sobre os grandes espaços a ocidente do Cassai e as notícias que deles chegavam. Os outros povos aceitavam a autoridade lunda, imposta quase sem guerra, apenas por uma forma de organização política superior que os integrava como iguais.

Tchinguri tinha formado o grande Estado dos Imbangala, perto do Cuango, mais tarde conhecido por Reino de Cassanje, em que os chefes se chamavam Jaga. Tinha perdido o interesse pela Lunda. E depois foi assassinado pelos próprios generais dele, que olhavam apenas para ocidente. E Chinyama reinava tranquilamente sobre os Luvale, inventando estórias moralistas. Não havia perigos sobre a Lunda.

Nas noites de cacimbo, em que custa adormecer porque o frio entra por todas as partes não viradas para a fogueira, os velhos reuniam as crianças e punham adivinhas, o que passa de noite sem parar? A água do rio, respondiam as crianças, batendo palmas. E quem é o muata que dorme na terra com as esteiras por cima? A abóbora, pois o corpo fica na terra e as folhas por cima. A vida corria com os habituais casos de feitiço e rixas, que os juizes de Lueji resolviam sem a incomodar, porque só os casos importantes são dignos duma soberana de tanta grandeza, realçada agora pelo bailado que a ia immortalizar, arrancada das cinzas da História e das falas locais dos mais-velhos para ser conhecida do grande público, espantado com a revelação, afinal este País teve gente assim e nós nem sabíamos, despojados que fomos da nossa História por séculos de obscurantismo, muitas vezes nos sonhando iguais aos outros mas sempre temerosos da comparação, nada igualava as tradições da Europa a que tínhamos de ficar para sempre

agradecidos porque das trevas nos tirou, quando afinal as trevas vinham de lá e nos escondiam de nós próprios, órfãos de passado, sem saber que também é glorioso, como o é essa música só feita de instrumentos locais, que enche a sala e ocupa a rua, sobe pelos prédios vizinhos, desperta as consciências e aquece os corações descrentes de tudo, essa música que nos aponta a possibilidade de futuro, porque renascida dum passado livre, embora também servil, como tudo que existe neste Mundo no qual afinal nos inscrevemos por direito próprio, o direito de sermos nós, redescobertos, maravilhados com a nossa existência de sempre, orgulhosos por sermos diferentes e tão iguais aos outros, orgulhosos por proclamarmos a nossa diferença entre iguais, como esse bailarino diferente que faz de Ilunga, indo buscar ao seu passado de criador de gado os passos e atitudes que mistura à dança dos lundas, dos tchokue, dos do Norte e dos de Luanda, até mesmo às regras do Harlem e de Paris, enquanto a bailarina que faz de Lueji vai buscar a graça das balinesas para reforçar a graça da sua raça universal, enquanto o Jaime, puro kaluanda, revive o nervosismo dos Imbangala, os modos bruscos de Tchinguri, o que veio do Leste mítico para criar mais mitos, hoje tão mal contados, e os grupos de roda, saltando e batendo os pés, fazem levantar imaginárias nuvens de pó de terra calcinada das chanas, ali, sobre o palco de madeira do Nacional, lavado e relavado para a ocasião, mas as pessoas sentem nos narizes o irritantedoce gosto de poeiras antigas, depositadas na memória colectiva que nunca é aniquilada, por quantas ideologias se lhe ponha em cima, porque são poeiras que se levantaram nos terreiros do Leste, de danças comemorando vitórias mas também mortes, as quais estão sempre associadas, porque se levantaram também nas clareiras entre florestas do Norte, em marchas guerreiras de redenção e também levantadas pelos pés das manadas em busca de água, no Sul não menos mítico, e a sala explode em aplausos agradecidos e orgulhosos, o que por vezes perturba os bailarinos mas ninguém nota, só eles, se sentindo responsáveis pelo encantamento provocado, querendo dar cada vez mais de si próprios, porque já não é um bailado, é uma festa, todos no palco, os que morreram e os que partiram, juntos no batuque final em que cada um dá um salto, ou faz um passo ou uma atitude,

integrando o particular no colectivo, enquanto a música de Mabiala sai em torrentes, não sabia era tão boa, segreda ele para o vizinho, lágrimas nos olhos, é demais, se sentindo ao mesmo tempo uma criança comovida com a própria obra, olhos molhados só para Lu e também por causa dela, luminosa no palco, segurando o lukano e uma rosa de porcelana, o ceptro de Lueji também recuperado do esquecimento e a festa está no fim, Lu-Lueji sabe, só lhe resta avançar, erguer os braços bem alto, mostrando o lukano e a rosa e ficar assim, majestática, enquanto todos os outros saem a correr do palco para cair o pano e ela vê as caras de Uli e Mabiala e do crítico de arte, as bocas abertas de espanto ou comoção e o silêncio pesado que de repente se abate sobre a sala, embrutecida por instantes pela esperança, o não sei quê bom e quente a encher os peitos, finalmente livres para respirar e Lueji pensa esta noite vou fazer amor com Cândido e Lu sente o orgasmo imparável vir, olhando a plateia. sesvando para ela, sendo nesse momento que vê Mulaji, enrolando os seus caniços e sorrindo para ela, enquanto Matias, o crítico, grita, possesso, bravo, bravo, nunca vi antes nada melhor, e a sala arrebenta então em aplausos de pé, selando a vitória.

Mas toda a vitória vem acompanhada de dor. E chegou o momento temido da morte.

Sem um ai, dormindo depois duma caçada, Ilunga morreu.

Foi encontrado no dia seguinte, um sorriso nos lábios. Sonhava com Lueji? Os mondos informaram toda a Lunda e muito antes de o seu corpo chegar a Mussumba já as carpideiras xinguilavam e atiravam as lamentações para o céu azul sem nuvens. Lueji, Kamonga Luaza e os filhos, todos os muatas e o povo, foram esperar o rei na margem do Cajidixi. Quase nus, vestidos das mabelas mais miseráveis, o corpo sujo de terra, para chorarem devidamente o grande chefe, pois só para festejar a morte do inimigo nos enfeitamos ricamente.

Lueji não participava do choro das mulheres. Antes de ver o corpo do marido recusava acreditar nos mondos. Embora soubesse era verdade. Recordava a chegada de Ilunga naqueles tempos de aflição, tempos todos pintados de guerra. Ele trouxe a paz. Ele desceu da Lua com seu arco longo para a socorrer. E nunca a traiu.

Mais que amante, fora o amigo fiel. Agora ia ficar sepultado na margem do rio, não ia voltar para a Lua? Não mais ia correr atrás dos elefantes, não mais lhe faria companhia nas noites frias? O coração dizia docemente nunca mais. E o coração chorava, não os olhos.

A comitiva chegou à outra margem, atravessou o rio, trazendo o corpo numa padiola. Redobram os gritos e os xingamentos. Ela viu então o rosto sorridente de Ilunga. E sorriu ela também, ele tinha voltado à Lua. Kamonga Luaza se arrancava os cabelos mas viu o sorriso dos dois amantes. Também Kumbana e Yanvu. Os outros, apesar das lágrimas, não podiam deixar de reparar no rictus feliz dos lábios do falecido e o sorriso correspondente de Lueji. E, pouco a pouco, os gritos se calaram, os olhos secaram. Ali, na margem do rio, Ilunga foi enterrado, no maior silêncio. Coisas prodigiosas se passavam na Lunda! Então não era prodígio um rei ser enterrado sem choros, sem sacrifícios rituais, sem suspeitas de feitiço, ele só e mais a sua felicidade?

Diferente foi o óbito de Afonso Mabiala, suicidado na noite do espectáculo. Pelo amor não correspondido? Não, pelo menos no bilhete deixado em cima da mesa indicava outra razão: nunca mais circunstâncias tão favoráveis se iam apresentar para compor um concerto como o da Lueji. Se não podemos sempre fazer melhor, então não vale a pena viver mais. Muita gente saglomerou no cemitério, perplexa, revoltada até. E o coral universitário cantou, em homenagem, algumas das músicas do suicidado.

O tempo para chorar veio depois, oito dias de carpir e dançar, para restabelecer o equilíbrio. Oito dias em que o lukano ficou no braço da rainha, à espera de ser passado ao herdeiro.

– Não me conformo – dizia Yanvu. – O meu pai foi enterrado e não morreu ninguém. Nunca tal aconteceu.

– Pois não – respondeu Lueji. – Era tempo de acabar com isso. E tu vais ser entronizado e ninguém vai morrer. Porque eu não deixo.

– E não tens nada que deixar – disse brutalmente Yanvu – Já não mandas.

– Cuidado! O lukano está no meu braço.

– Indeadamente. Estava no do meu pai. Não tinhas o direito de o recuperar. Ele agora é meu.

– Enganas-te, jovem pretensioso. Ainda não é teu. Só o Conselho pode decidir se o mereces ou não. E ainda não mandei reunir o Conselho.

– Pois reúne sem demora. Ou não queres cumprir a promessa feita ao teu pai? Não foi isso que combinaram, Ilunga e tu?

Lueji abandonou-o e foi para o rio. Quase fugindo. O seu Yanvu tratava-a assim? Não foi mais que uma mãe para ele? A paga era esse desprezo, agora que já se via rei. Mudou rápido. E para pior. Sempre tinha tido atitudes arrogantes, muito cedo habituado a ser o herdeiro. Mas nunca para Ilunga ou para ela. Talvez pela presença de Ilunga? Sem ele, já se permitia todas as arrogâncias. Só Majinga a podia aconselhar.

O adivinho franziu a testa, ao ouvir a queixa de Lueji. Mas ficou calado e ela prosseguiu:

– Me pergunto se não vai ficar ainda pior quando tiver o lukano no braço. Ainda não está preparado para o poder total.

– Que estás a pensar?

– Nada. Não sei. Talvez fosse melhor adiar a cerimónia de posse. Fica a me ajudar a governar mais um tempo, até amadurecer.

– Guardares o lukano?

– Mais um pouco. O Conselho aceita isso. E obrigar Yanvu a ser mais moderado. Assiste-me em tudo e assim aprende.

Majinga abanou a cabeça. Mas não falou logo. A rainha olhava para os lábios dele, ansiosa pelo que ia sair. Não era um conselho que procurava, era um apoio. Majinga tinha poder, podia influenciar o Conselho. Poderoso graças a ela.

– Não, Lueji, já não é possível. O Conselho não vai aceitar. Os Tubungo foram fiéis a ti, fizeram sempre o que querias, mas porque Ilunga estava vivo. Já não há nenhuma razão para adiar o cumprimento da promessa feita a Kondi. Neste momento o lukano já não te pertence, não pertence a ninguém. E é urgente que pertença. O Conselho não vai querer situa ções provisórias, eles querem segurança. Já imaginaste as catástrofes que podem acontecer só porque o lukano não tem um dono legal? Os Tubungo vão rejeitar a tua proposta e nomear Yanvu. Contra ti. É melhor não propores isso.

– O Conselho vota o que eu quiser. Se me ajudares.

– Não. O Conselho vai votar a favor daquele que vai ter o poder. É ele, de qualquer maneira, que vai governar, mais tarde ou mais cedo. Achas algum Tubungo vai ter coragem de adiar a posse e depois sofrer a vingança? E os espíritos já estão preparados para o aceitar.

– Lê no ngombo. Lê o que dizem os espíritos.

– É inútil. Sei, eles querem Yanvu. E já.

– Os espíritos não querem o lukano no meu braço?

– Nem mais um dia.

– Leste isso no ngombo?

– Não preciso ler no ngombo para saber.

Lueji se deu por vencida. Retirou o lukano do braço. Sem Majinga não o podia guardar. Mesmo a sua linhagem ia recuar, pois Yanvu também era da mesma linhagem e um conflito dentro dela enfraquecia-a. E Yanvu certamente ia procurar todos os apoios, convencer os parentes, o poder permanente pôs um mau espírito na cabeça de Lueji, agora quer conservá-lo a todo o custo, afastando-me do trono, não foi isso que combinámos na nossa linhagem. Tinha perdido. Ela sabia.

– Ilunga morreu cedo demais – suspirou.

– Talvez – disse Majinga. – Mas se fosse mais tarde, ias pensar o mesmo. Para ti, Yanvu nunca estaria preparado para assumir o poder.

– Não me interessa guardar o lukano, não é por mim.

– Sei, é pela Lunda. Sempre se pensa assim. E estás a ser sincera. Mas, no fundo, sempre achamos que somos mais capazes de a defender que o nosso sucessor. Às vezes podemos impedir que o sucessor tome o nosso lugar. Às vezes não. É este o caso. Não tens força para o impedir.

– A Lunda vai pagar, Majinga.

– Antes não pensavas assim.

– Antes Ilunga estava vivo.

– Antes Yanvu te obedecia cegamente.

Ficaram os dois em silêncio, olhando as brasas se consumirem na fogueira. Depois Lueji levantou a cabeça e fitou-o nos olhos.

– Yanvu te prometeu alguma coisa? Vais continuar a ser o tahi principal?

– Ele disse só confia na sua linhagem, na nossa. Isso ele aprendeu contigo, rainha.

De novo o silêncio, ritimado pelo crepitar suave do braseiro. Lá fora, um cão ladrava aos vultos do mato. Seria algum chieye a enraivecer o cão? Tchinguri, Tchinguri, tu não tinhas medo do chieye, não tinhas medo de nada, e também te afastaste quando soubeste que tinhas perdido. A sabedoria é saber quando não há nada a fazer, Majinga tem razão.

– Yanvu quer fazer uma matança quando subir ao poder. Acha um grande rei tem de se sentar sobre muitas cabeças. Majinga, ajuda-me a impedi-lo. A Lunda tem paz, deve conservá-la. Senão, é como se eu não tivesse feito nada.

E assim foi.

A cerimónia de posse foi discutida entre os Tubungo e Lueji, com ajuda de Majinga. Não podia ser idêntica à de Kondi, última cerimónia seguindo a tradição. As de Lueji e Ilunga tinham sido excepcionais, simplificadas ao máximo pela urgência da situação. A de Yanvu devia ser mais sumptuosa, correspondendo ao poder novo da Lunda e ao carácter divino do futuro rei. Mas aproveitariam para lhe dar conselhos e medir a sua capacidade de ouvir os outros. Não haveria mortes. Todo o ritual seria baseado no diálogo entre o passado e o futuro rei. E Lueji reuniu então o Conselho dos Tubungo que escolheu Yanvu por unanimidade.

O futuro rei foi dormir na outra margem do Kalanhi. No dia seguinte, os principais muatas foram ter com ele à praia do Cassaco. Despiram-no e à sua muari, a filha de Mujimbula. Lhes deram apenas uns panos de mabela grossa para se taparem as partes. Passaram então o rio em canoas e levaram o casal para uma cubata entre as chipangas dos Tubungo. Aí lhes deixaram comida e bebida, avisando de manhã vimos para vos apresentar ao povo.

A hora combinada, no largo principal à frente da onganda, estava Lueji e os principais dignitários e o povo todo, à espera do tetame. Os muatas sentados em peles, o povo na areia. Lueji fez sinal e uma delegação foi buscar Yanvu e a muari. Quando eles apareceram, o povo rompeu em aplausos, com gritos e assobios e

os chingufos e ngomas batucando. Foram obrigados a sentar no centro da roda, na poeira da praça.

Se levantou então muata Sambunje, o mais velho dos Tubungo.

– Estás aqui, Yanvu, porque os mais sábios dos Tubungo te chamaram para herdares o Estado dos teus avós. Herdas o reino de Kondi, engrandecido pelo trabalho de Lueji, a senhora das terras, e do teu pai Ilunga. Mas isso não chega. Fica sabendo, Yanvu, que nós, os Tubungo, é que somos os donos destas terras e só damos o nosso consentimento se mostrares que serves para alguma coisa.

Depois Sambunje narrou resumidamente os principais feitos dos soberanos anteriores, mudando apenas o que os novos tempos exigiam na tradição oral. E terminou assim:

– Antigamente se exigia ao soberano que fizesse uma guerra e só depois da vitória se podia ele considerar de facto senhor dos Tubungo. Mas com Lueji os tempos mudaram. Não exigimos de ti uma guerra, temos grandes territórios e somos ricos, não precisamos de mais. Queremos é que saibas governar e saibas defender o que já temos. Assim nos ensinou a tua mãe, Lueji a Kondi, a senhora das terras. Mas tens de passar algumas provas.

Entregaram-lhe então uma cesta mussassa, feita de entrançados de caniços. E lhe mandaram ir buscar água no rio. Yanvu se levantou, pôs a mussassa sobre os ombros e caminhou para o rio. Deu alguns passos e logo um Tubungo gritou:

– Volta, onde vais? Não vês não podes ir buscar água com uma mussassa, que a água escorre pelos buracos? Para quê tens olhos afinal?

O povo rompeu em apupos, gargalhadas e saltos. Alguns reboavam no chão, de tanto rir. Yanvu voltou calmamente para o seu lugar, sem mostrar irritação.

Logo um Tubungo saltou para a sua frente, brandindo um mucuali. Silêncio pesado se fez na praça. Em gestos ameaçadores, o provocador pulou e executou saltos de dança, lançando golpes que se aproximavam cada vez mais do pescoço de Yanvu. Este guardou o ar impassível. O Tubungo parou de repente, fez uma vénia, e o povo aplaudiu o sangue-frio do futuro rei.

Durante horas se sucederam as provas. Um mandava apanhar moscas com uma caixa, outro insultava-o por uma traquinice da sua

meninez, uma mulher vinha dançar à sua frente provocantemente. Yanvu obedecia, ouvia sem responder, tudo engolindo, mostrando sempre boa disposição. Finalmente, Sambunje voltou a tomar a palavra:

– Muito bem, Yanvu, tudo cumpriste e ouviste. Não esqueças a lição. O rei tem de ouvir os Tubungo e não se deve zangar com os seus conselhos. Deve ter sangue-frio para não se irritar com o que vê e ouve, e nunca deve interromper quem fala.

Todos retiraram para as suas casas, mas Yanvu e a muari ainda tiveram que ir visitar todas as mulembas que existiam no perímetro da Mussumba e em particular a mulemba plantada por Lueji na sua onganda. Depois foram comer e dormir.

No dia seguinte, acompanhados por todos os Tubungo e o povo, se dirigiram para a pedra onde pela primeira vez Lueji viu Ilunga e onde as três árvores plantadas por este já eram grandes. Sentaram na pedra, com Lueji, e ouviram discursos sobre a História recente da Lunda, desde esse dia que marcou o começo do novo Estado. Depois Lueji convidou-os a irem à anza, onde se recolheram perante as mahamba dos antepassados e onde iriam ficar depositados os cabelos e unhas dos soberanos da Lunda. Voltaram finalmente à pedra.

Yanvu sentou na pedra sozinho. A muari sentou numa pele atrás dele. E Sambunje retomou a palavra:

– Aqui a senhora das terras recebeu pela primeira vez teu pai Ilunga, o qual engrandeceu o reino de Kondi. Aqui Lueji pôs a Ilunga o lukano, quando se retirou para te dar à luz. Este lukano é a herança de teu avô, defende-o como tua mãe e teu pai fizeram.

E Lueji se aproximou e enfiou o lukano no braço de Yanvu.

Todos se prostraram no chão, os Tubungo espalhando pemba pelo corpo e o povo se besuntando de terra. Yanvu ficou com o braço direito estendido para a frente, enquanto os presentes lhe juravam fidelidade. Levantou o braço para o ar e logo os ngomos cantaram e o povo se levantou, dançando. Entregaram panos novos a Yanvu, que ali mesmo se cobriu. E lhe impuseram os rituais símbolos do poder. Foi também pintado de branco pela pemba, o símbolo do Sol, da vida e da pureza. Tomava posse das terras onde se encontram

as sepulturas dos antepassados e reunia em si as forças vitais da natureza e da sociedade.

Lueji suspirou. Estava cumprida a promessa feita há muitos anos a Kondi. O espírito dele não enviou o raio nem epidemias, nem a seca. Aceitava portanto o filho de Kamonga Luaza como seu neto. E assim compreenderam os Tubungo que tinham dúvidas sobre a verdadeira maternidade. Se o avô estava de acordo, a eles só restava manterem viva a dúvida para que constasse e fosse transmitida de geração em geração. Lueji já podia descansar. No entanto, o peito lhe doía de angústia, e se errei?

Terminadas todas as cerimónias, Lueji foi falar com o filho, a sós. E lhe disse:

– Agora que és rei e cumpri a minha promessa, vou descansar. Sempre que queiras um conselho, podes pedir, estou cá para isso. Mas só se precisares. No entanto, queria lembrar-te um ensinamento antigo. É melhor tomar o rio do que todo o peixe que ele apresenta num dia, porque o peixe acaba e o rio fica. Muitos vão querer te levar a guerras de conquista para saquear territórios e vender escravos aos árabes. Tem cuidado. O território deve ser tomado com carinho, sem destruições, para poder render. É o último conselho que a tua mãe tem para ti.

Parece Yanvu não ouviu bem o conselho. Mas já não cabe nesta estória. O que cabe é uma conversa que espionei no bar Manda Fama, quinze dias depois da estreia, quinze dias de espectáculos diários, abarrotados de gente, o maior sucesso de sempre no bailado nacional. Tinha autorização para tratar o tema da Lueji, mas também queria o da Lu. Sem autorização, claro. Como fazer, senão perguntando subtilmente, buscando confidências, espionando? Perdera um bom informador, o pobre Mabiala, fraco demais para aguentar o seu êxito-fracasso. Por isso, sem remorsos nem falsos pudores, escutei.

– Da próxima vez que conceberes um bailado, deixa de lado os Tchinguris, Ilungas e outros e trata os camponeses, os pescadores, os escravos...

– Aproveitei o que conta a tradição, Cândido, e a tradição não trata desses, só dos grandes. Os mitos não se interessam por gente

comum. E da gente comum os mitos fazem heróis. A culpa não é minha.

– Não podias deformar o mito?

– Até deformei. Mas não a esse ponto. Deixa de ser mito.

– E que mito vamos seguir nós agora? – perguntou ele.

– O mito do amor impossível – disse Lu. – Tu voltas para os teus bois e eu para o meu palco. Sempre sozinha.

– Não há mesmo conciliação, não é?

– Só dura o tempo do bailado. E na ponta da flecha fica sempre uma gota de sangue.

O drama ia continuar, portanto. Mas não o persegui, tocado pela crítica de Cândido, a arte só trata dos grandes deste Mundo. Por isso se acrescenta um Epílogo.

EPÍLOGO

AGORA SOU EU QUE FALO, EU, MULAJI, filho de Sumbi e Kakeya, um pobre pescador.

Serei mesmo filho de Sumbi? Uma dúvida sempre pairou e não é agora, depois de velho, que me vou preocupar em saber se o meu pai era mesmo aquele pescador que foi escravo de Yala Muako, ou o próprio Yala Muako. Nasci na casa de Sumbi, da barriga de Kakeya, sua mulher, por isso seu filho sou. E nunca quis ser irmão de Kondi. Também dizem o Muata Yanvu não é filho de Lueji, porque ela foi sempre estéril. E de facto nunca teve mais nenhum filho, o que é estranho. Mas isso tem alguma importância? Mãe ou pai é aquele que nos dá uma casa e comida todos os dias e nos dá amor. Senão haveria órfãos abandonados e bastardos sem pai ou mãe que sofreriam os rigores dos sem família. Se mesmo os escravos apanhados em terras longínquas logo se tornam gente da casa e da família do seu dono, porque não os que nascem na dúvida? Para quê criar descontentes que depois se vingam enfeitando as famílias? A sabedoria que nos vem dos tempos antigos vai se perder um dia? Desgraças se abaterão então sobre a Lunda.

De todos sempre escondi um dom, até de minha mulher. Se alguém soubesse, logo me ia utilizar e não gosto de ser utilizado como uma panela. Mas àqueles que vão viver muito tempo depois de eu morrer, posso revelar esse segredo, já não me fará mal. Às vezes, não é sempre, quando a Lua cheia deixa ver Muiza ao mesmo tempo, o que é raro, eu vejo em Muiza aquilo que vai passar. Mas não as coisas de amanhã, apenas as de depois de amanhã. E que vi então várias vezes em Muiza?

Este muata Yanvu não vai reinar muito tempo. Morrerá na sua primeira guerra de conquista. Lhe sucederá o seu irmão mais novo, filho de Ilunga e de Kamonga Luaza, que se tornará Yanvu e portanto da mesma linhagem. E depois o filho dele. E o filho ou o

irmão mais novo. Assim, até haver mais de vinte muata Yanvu. A memória das gentes vai baralhar tudo e nenhum deles poderá ser distinguido do outro. Com os outros muatas o mesmo vai suceder. Um será substituído pelo outro com o mesmo nome e com a mesma família. Assim por diante. E daqui a vinte gerações parecerá que tudo está sempre na mesma. Mas não está, vocês vão ver.

O muata Yanvu vai nomear como seus conselheiros os quinze chefes das linhagens principais. Esses terão todos os privilégios, até nem precisarão se prostrar no chão quando ele passar, basta fazerem um cumprimento com a mão. Depois virão os outros muatas, cheios de riqueza e de maior ambição ainda. Todos se perpetuando nos seus descendentes, que mantêm os mesmos cargos e ligações familiares.

Isso é só lá no alto. Aqui em baixo, o ofício de Mulaji será feito por Muzumbo, seu filho, o qual nunca será Mulaji, pois pertence à linhagem da mãe. E a arte de pescador deste passará para Mucanza, que já vai pertencer a outra linhagem. Nós somos os que não temos direito a ser perpetuados, nós morremos mesmo quando o nosso corpo morre de cansaço ou de veneno ou de alguma azagaia perfurante. E o meu espírito poderá protestar, se manifestar, enquanto o meu neto for vivo. Depois dele, ninguém mais se lembrará de mim, morri mesmo, em corpo e no espírito. A mahamba que põem nalguma encruzilhada do caminho será comida pelo salalé e ninguém se vai preocupar. Assim será aqui em baixo.

E lá em cima, a vaidade dos muata Yanvu que nunca morrem se tornará enorme. Esquecerão os ensinamentos de Lueji, não há ensinamentos que sempre durem. Vão querer conquistar povos pela força, vão exigir tributos pesados, vão fazer guerras. Na sua vaidade e ambição, só vão se preocupar com as lutas e intrigas da corte, todos querendo cada vez mais vantagens. E a força da Lunda, aquilo que fazia os outros povos a admirar e aceitar a sua chefia, a lição de Lueji, vai se perder. Dela fica apenas o nome, mesmo esse muitas vezes modificado, e uma estória que cada qual contará conforme o seu interesse.

Quem vai saber um dia que ela sofreu por ter perdido o lago da sua infância, onde havia estranhas aparições de rosas de porcelana? Quem vai saber um dia que o seu irmão Tchinguri, o

odiado, foi o seu primeiro amante? Quem vai saber que não perdeu nenhum poder por ter casado com Ilunga e que este apenas continuou a ser um tchibinda e não um rei? Quem vai saber daquela conversa no muxito com o irmão, conversa que salvou a Lunda?

Os muata Yanvu vão ser os primeiros a esquecer isso tudo. Apenas vão querer que se saiba da sua ascendência divina, os iguais de Nzambi, e por isso terão todos os direitos. Se vêm duma mulher que tinha as suas dúvidas e fraquezas, isso não lhes interessa. E se as pessoas pensassem, afinal os muata Yanvu são gente como nós? Perdida a força do trono, desgraça da Lunda. Como eles se enganam. A força da Lunda estava nisso que eles esqueceram, que procuraram ocultar dos outros. E os meus filhos e netos neles vão ver Nzambi e os espíritos personificados, vão temê-los apenas.

E um dia muito longe, fartos de serem humilhados e espoliados, outros povos vão se levantar nas nascentes do Cassai contra o despotismo do muata Yanvu. Neste momento já se encontram lá, crescendo e aprendendo devagarinho-vagarinho. Um dia vêm pintados de guerra e tomam a Mussumba e acabam com o Império. Alguém vai lamentar? Não seria eu, se nesse tempo vivesse.

Percebem porquê não posso falar o que vejo em Muiza? Prefiro ficar calado, nas margens do Kalanhi, conversando com os peixes que me ouvem, com as águas que me refrescam, lembrando aquela mulher que um dia veio me procurar, pedindo conselho, apesar de ser rainha. Como a amei. Tinha o poder de vida e de morte sobre todos nós, e lutou para nos dar a vida. Frágil e cheia de medos e de dúvidas, pressinto. Errou no fim, criando em Yanvu a ideia de que ele era igual a Nzambi? Foi ela a responsável pelos futuros desmandos dos muata Yanvu e a derrocada do Império que ela criou? Claro que sim, ela é a responsável. Sempre foi assim, o criador duma coisa é também o criador da morte dessa coisa, ao dar a vida dá a morte. O filho que a mulher faz nascer não está já destinado a morrer? Lueji criou o Império e criou as condições da sua destruição. Só podia ser assim.

Porquê culpá-la da sua humanidade?

Luanda, Fevereiro de 1988

GLOSSÁRIO

Bimbas – plantas de madeira muito leve, de que se fazem jangadas.
Capota – galinha-do-mato. Às pintas pretas e brancas. Cazumba – espíritos, fantasmas. Chinguto – tambor de madeira de forma trapezoidal.

Chipanga – paliçada de protecção à volta da casa dos nobres.
Cudicalando – de Kudikala: estalar os dedos, pedindo autorização para se aproximar.

Kandaka – estrangeiro. Livongue – pequeno antílope.

Lukano – pulseira feita de tendões humanos que era o símbolo do poder máximo.

Macoji – multa que o sedutor deve pagar ao marido enganado, quando tem relações com mulher casada e é descoberto.

Mahamba – (pl.) objecto mágico que representa o espírito dum antepassado. Feito toscamente de madeira.

Makolo – fruto que noutras regiões se chama maboque.

Materno – dote da noiva, alembamento.

Matundua – fruto.

Mondo – grande tambor.

Moringue – bilha de barro para conter e refrescar água.

Muata – chefe tradicional dos Lunda e dos Tchokue.

Mucuali – facão longo.

Mujia – armadilha para apanhar peixe, feita de entrançado de caniços. Mujimbo – notícia. Recentemente usado como sentido de boato. Muhamba – cesto para transporte de mercadorias.

Mukanda – festa de iniciação masculina.

Mupungo – objecto feito com cauda de animais, espécie de espantamos cas, de grande carga mágica.

Muxito – conjunto de árvores, geralmente num ponto de água.

Nassa – o mesmo que Mujia.

Ndoka – hidromel, bebida fermentada feita a partir do mel.

Ngoma – tambor vulgar.

Ngombo – cesto mágico de adivinhações.

Oma-kisi – monstro mítico comedor de gente. Em línguas do Sul.

Onganda – paliçada de protecção à volta da residência do rei e suas mulheres.

Pemba – caulino branco.

Sala – diadema de plumas, usado por aristocratas ou guerreiros.

Sanga – bilha grande para guardar água.

Tchota – recinto circular coberto de capim e aberto dos lados.

Njango ou Nzango noutras regiões.

Tubungo – nobres com acesso ao Conselhos. Originalmente, Tubungo eram os primeiros Lundas.

Ualua – bebida fermentada, espécie de cerveja.

Vimbululu – mosquinhas pequeníssimas que fabricam mel. São especialmente atraídas pelos olhos dos animais.

Xima – asta de farinha e água. Funji ou pirão, noutras regiões.